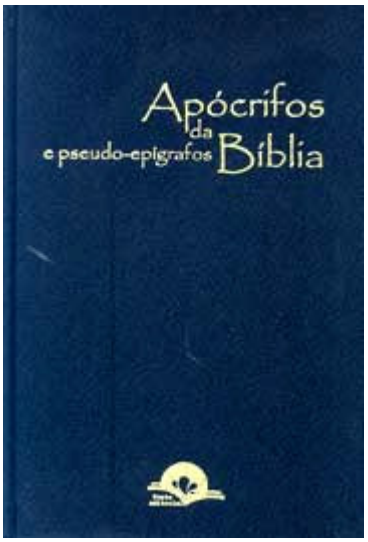
APÓCRIFOS E PSEUDO-EPÍGRAFOS DA BÍBLIA





INTRODUÇÃO

MERECEM CONFIANÇA OS LIVROS APÓCRIFOS?

A Constituição Dogmática sobre Revelação Divina, o Concílio Vaticano II, declarou que "Ela (a igreja) sempre considerou as Escrituras junto com a tradição sagrada como a regra suprema de fé, e sempre as considerará assim".

Nós, cristãos evangélicos, rejeitamos a tradição como regra de fé. Quando a Igreja Católica Romana se refere ao cânon do Velho Testamento inclui uma série de livros chamados "apócrifos", os quais não aparecem nas versões evangélica e hebraica da Bíblia. O resultado disto foi que, na opinião popular dos católicos, existem duas Bíblias: uma católica e outra protestante. Mas semelhante asseveração não é certa. Só existe uma Bíblia, uma Palavra (escrita) de Deus.

Apócrifos, o que significa?

No grego clássico, a palavra apocrypha significava "oculto" ou "difícil de entender". Posteriormente, tomou o sentido de "esotérico" ou algo que só os iniciados podem entender; não os de fora. Na época de Irineu e de Jerônimo (séculos III e IV), o termo apocrypha veio a ser aplicado aos livros não-canônicos do Antigo Testamento, mesmo aos que foram classificados previamente como "pseudepígrafos".

Como os apócrifos foram aprovados?

A Igreja Romana aprovou os apócrifos em 8 de Abril de 1546 para combater a reforma protestante. Nessa época, os protestantes se opunham violentamente às doutrinas romanistas do purgatório, oração pelos mortos, salvação pelas obras etc. A primeira edição da Bíblia católico-romana com os apócrifos deu-se em 1592, com autorização do papa Clemente VIII.

Os reformadores protestantes publicaram a Bíblia com os apócrifos, colocando-os entre o Antigo e o Novo Testamentos, não como livros inspirados, mas bons para a leitura e de valor literário histórico. Isto continuou até 1629. A famosa versão inglesa King James (Versão do Rei Tiago) de 1611 ainda os trouxe. Mas, após 1629, as igrejas reformadas excluíram totalmente os apócrifos das suas edições da Bíblia, e "induziram a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, sob pressão do puritanismo escocês, a declarar que não editaria Bíblias que tivessem os apócrifos, e de não colaborar com outras sociedades que incluíssem esses livros em suas edições". Melhor assim. Tinham em vista evitar confusão entre o povo simples, que nem sempre sabe discernir entre um livro canônico e um apócrifo.

Há várias razões porque rejeitamos os apócrifos. Eis algumas delas:
Não temos nenhum registro de alguma controvérsia entre Jesus e os judeus sobre a extensão do cânon. Jesus e os autores do Novo Testamento citam, mais de 295 vezes, várias partes das Escrituras do Antigo Testamento como palavras autorizadas por Deus, mas nem uma vez sequer mencionam alguma declaração extraída dos livros apócrifos ou qualquer outro escrito como se tivesse Autoridade Divina.

Historicidade:

A conquista da Palestina por Alexandre, o Grande, ocasionou uma nova dispersão dos judeus por todo o império greco-macedônico. Morrendo Alexandre, seu domínio dividiu-se em quatro ramos, ficando o Egito sob a dinastia dos Ptolomeus. O segundo deles, Ptolomeu Filadelfo, preocupou-se em enriquecer a famosa biblioteca que seu pai havia fundado. Muitos livros foram traduzidos para o grego. Segundo um relato de Josefo, o sumo sacerdote de Jerusalém, Eleazar, enviou, a pedido de Ptolomeu Filadelfo, uma embaixada de 72 tradutores a Alexandria, com um valioso manuscrito do Velho Testamento, do qual traduziram o Pentateuco. A tradução continuou depois, não se completando senão no ano 150 antes de Cristo.

Essa tradução, que se conhece com o nome de Septuaginta ou Versão dos Setenta, foi aceita pelo Sinédrio judaico de Alexandria; mas, não havendo tanto zelo ali como na Palestina e devido às tendências helenistas contemporâneas, os tradutores alexandrinos fizeram adições e alterações e, finalmente, sete dos livros apócrifos foram acrescentados ao texto grego como apêndice do Velho Testamento. Mas os judeus da Palestina nunca os aceitaram no cânon de seus livros sagrados.

Depois de referir-se aos cinco livros de Moisés, aos treze livros dos profetas e aos demais escritos (os quais "incluem hinos a Deus e conselhos pelos quais os homens podem pautar suas vidas"), ele continua afirmando: "Desde

Artaxerxes (sucessor de Xerxes) até nossos dias, tudo tem sido registrado, mas não tem sido considerado digno de tanto crédito quanto aquilo que precedeu a esta época, visto que a sucessão dos profetas cessou. Mas a fé que depositamos em nossos próprios escritos é percebida através de nossa conduta; pois, apesar de ter-se passado tanto tempo, ninguém jamais ousou acrescentar coisa alguma a eles, nem tirar deles coisa alguma, nem alterar neles qualquer coisa que seja".

Testemunho dos pais da Igreja:

ORÍGENES: No terceiro século A.D., Orígenes (que morreu em 254) deixou um catálogo de vinte e dois Livros do Antigo Testamento, preservado na História Eclesiástica de Eusébio, VI: 25. Inclui a mesma lista do cânone de vinte e dois Livros de Josefo (e do Texto Massorético), inclusive Ester, mas nenhum dos apócrifos é declarado canônico, e se diz explicitamente que os livros de Macabeus estão "fora desses [Livros canônicos]".

TERTULIANO: Tertuliano (160-250 D.C.) era aproximadamente contemporâneo de Orígenes. Declara que os Livros canônicos são vinte e quatro.

HILÁRIO: Hilário de Poitiers (305-366) os menciona como sendo vinte e dois.

ATANÁSIO: De modo semelhante, em 367 d.C., o grande líder da igreja, Atanásio, bispo de Alexandria, escreveu sua Carta Pascal e alistou todos os Livros do nosso atual cânon do Novo Testamento e do Antigo Testamento, exceto Ester.

JERÔNIMO: Jerônimo (340-420. A.D.) fez a seguinte citação: "Este prólogo, como vanguarda, com capacete das Escrituras, pode ser aplicado a todos os livros que traduzimos do hebraico para o latim, de tal maneira que possamos saber que tudo quanto é separado destes deve ser colocado entre os apócrifos. Portanto, a sabedoria comumente chamada de Salomão, o livro de Jesus, filho de Siraque, e Judite e Tobias e o Pastor (supõe-se que seja o Pastor de Hermas), não fazem parte do cânon. Descobri o Primeiro livro de Macabeus em hebraico; o Segundo foi escrito em grego, conforme testifica sua própria linguagem".

MELITO: A mais antiga lista cristã dos Livros do Antigo Testamento que existe hoje é a de Melito, bispo de Sardes, que escreveu em cerca de 170 D.C.

"Quando cheguei ao Oriente e encontrei-me no lugar em que essas coisas foram proclamadas e feitas, e conheci com precisão os Livros do Antigo Testamento, avaliei os fatos e os enviei a ti. São estes os seus nomes: cinco Livros de Moisés, Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio, Josué, filho de Num, Juizes, Rute, quatro Livros dos Reinos, os dois Livros de Crônicas, os Salmos de Davi, os Provérbios de Salomão e sua Sabedoria, Eclesiastes, o Cântico dos Cânticos, Jó, os profetas Isaías, Jeremias, os doze num único livro, Daniel, Ezequiel, Esdras".

É digno de nota que Melito não menciona aqui nenhum livro dos apócrifos, mas inclui todos os nossos atuais livros do Antigo Testamento, exceto Ester. Mas as autoridades católicas passam por cima de todos esses testemunhos para manter, em sua teimosia, os apócrifos!

As heresias dos apócrifos:

TOBIAS - (200 a.C.) - É uma história novelística sobre a bondade de Tobiel (pai de Tobias) e alguns milagres preparados pelo anjo Rafael.

Apresenta:
• justificação pelas obras - 4.7-l 1; 12.8.

• mediação dos Santos - 12.12

• superstições - 6.5, 7-9,19

• um anjo engana Tobias e o ensina a mentir - 5.l6 a 19

JUDITE - (150 a.C.) É a história de uma heroína viúva e formosa que salva sua cidade enganando um general inimigo e decapitando-o. Grande heresia é a própria história onde os fins justificam os meios.

BARUQUE - (100 a.D.) - Apresenta-se como sendo escrito por Baruque, o cronista do profeta Jeremias, numa exortação aos judeus quando da destruição de Jerusalém. Mas é de data muito posterior, quando da segunda destruição de Jerusalém, no pós-Cristo.

Traz, entre outras coisas, a intercessão pelos mortos - 3.4.

ECLESIÁSTICO - (180 a.C.) – É muito semelhante ao livro de Provérbios, não fosse as tantas heresias:

• justificação pelas obras - 3.33, 34.

• trato cruel aos escravos - 33.26 e 30; 42.l e 5.

• incentiva o ódio aos samaritanos - 50.27 e 28

SABEDORIA DE SALOMÃO - (40 a.D.) - Livro escrito com finalidade exclusiva de lutar contra a incredulidade e idolatria do epicurismo (filosofia grega na era Cristã).

Apresenta:
• o corpo como prisão da alma - 9.15

• doutrina estranha sobre a origem e o destino da alma - 8.19 e 20

• salvação pela sabedoria - 9.19

I MACABEUS - (100 a.C.) - Descreve a história de três irmãos da família "Macabeus", que no chamado período interbíblico (400 a.C. 3 A.D.) lutam contra inimigos dos judeus visando a preservação do seu povo e terra.

II MACABEUS - (100 a.C.) - Não é a continuação de 1 Macabeus, mas um relato paralelo, cheio de lendas e prodígios de Judas Macabeu.

Apresenta:
• a oração pelos mortos - 12.44 - 46

• culto e missa pelos mortos -12.43

• o próprio autor não se julga inspirado - 15.38-40; 2.25-27.

• intercessão pelos santos - 7.28 e 15.14

ADIÇÕES A DANIEL:
Capítulo 13 - A história de Suzana - segundo esta lenda Daniel salva Suzana num julgamento fictício baseado em falsos testemunhos.

Capítulo 14 - Bel e o Dragão - Contém histórias sobre a necessidade da idolatria.

Capítulo 3.24-90 - o cântico dos três jovens na fornalha.

Lendas, erros e outras heresias:
1. Histórias fictícias, lendárias e absurdas
Tobias 6.1-4 - "Partiu, pois, Tobias, e o cão o seguiu, e parou na primeira pousada junto ao rio Tigre. E saiu a lavar os pés, e eis que saiu da água um peixe monstruoso para o devorar. À sua vista, Tobias, espavorido, clamou em alta voz, dizendo: Senhor, ele lançou-se a mim. E o anjo disse-lhe: Pega-lhe pelas guelras, e puxa-o para ti. Tendo assim feito, puxou-o para terra, e o começou a palpitar a seus pés".

2. Erros históricos e geográficos:
Esses livros contêm erros históricos, geográficos e cronológicos, além de doutrinas obviamente heréticas; eles até aconselham atos imorais (Judite 9.10,13). Os erros dos apócrifos são freqüentemente apontados em obras de autoridade reconhecida. Por exemplo: o erudito Bíblico DL René Paehe comenta: "Exceto no caso de determinada informação histórica interessante (especialmente em I Macabeus) e alguns belos pensamentos morais (por exemplo, Sabedoria de Salomão). Tobias contém certos erros históricos e geográficos, tais como a suposição de que Senaqueribe era filho de Salmaneser (1.15) em vez de Sargão II, e que Nínive foi tomada por Nabucodonosor e por Assuero (14.15) em vez de Nabopolassar e por Ciáxares... Judite não pode ser histórico porque contém erros evidentes... [Em II Macabeus]. Há também numerosas desordens e discrepâncias em assuntos cronológicos, históricos e numéricos, os quais refletem ignorância ou confusão..".

3.Ensinam artes mágicas ou de feitiçaria como método de exorcismo
Tobias 6.5-9 - "Então disse o anjo: Tira as entranhas a esse peixe, e guarda, porque estas coisas te serão úteis. Feito isto, assou Tobias parte de sua carne, e levaram-na consigo para o caminho; salgaram o resto, para que lhes bastassem até que chegassem a Ragés, cidade dos Medos. Então Tobias perguntou ao anjo e disse-lhe: Irmão Azarias, suplico-lhe que me digas de que remédio servirá estas partes do peixe, que tu me mandaste guardar: E o anjo, respondendo, disse-lhe: Se tu puseres um pedacinho do seu coração sobre brasas acesas, o seu fumo afugenta toda a casta de demônios, tanto do homem como da mulher, de sorte que não tomam mais a chegar a eles. E o fel é bom para untar os olhos que têm algumas névoas, e sararão".

Este ensino de que o coração de um peixe tem poder para expulsar toda espécie de demônios contradiz tudo o que a Bíblia diz sobre superstição.

4. Ensinam que esmolas e boas obras limpam os pecados e salvam a alma
a)Tobias l2.8,9 - "É boa a oração acompanhada do jejum, dar esmola vale mais do que juntar tesouros de ouro; porque a esmola livra da morte (eterna), e é a que apaga os pecados, e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna".

b) Eclesiástico 3.33 - "A água apaga o fogo ardente, e a esmola resiste aos pecados".

A salvação por obras destrói todo o valor da obra vicária de Cristo em favor do pecador.

5. Ensinam o perdão dos pecados através das orações:
Eclesiástico 3.4 - "O que ama a Deus implorará o perdão dos seus pecados, e se absterá de tornar a cair neles, e será ouvido na sua oração de todos os dias".

O perdão dos pecados não está baseado na oração que se faz pedindo o perdão, não é fé na oração, e sim fé naquele que perdoa o pecado.

6. Ensinam a oração pelos mortos:
II Macabeus 12.43-46 - "e tendo feito uma coleta, mandou 12 mil dracmas de prata a Jerusalém, para serem oferecidas em sacrifícios pelos pecados dos mortos, sentindo bem e religiosamente a ressurreição (porque, se ele não esperasse que os que tinham sido mortos, haviam um dia de ressuscitar, teria por uma coisa supérflua e vã orar pelos defuntos); e porque ele considerava que aos que tinham falecido na piedade estava reservada uma grandíssima misericórdia. E, pois, um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam

livres dos seus pecados". É nesse texto de um livro não canônico que a Igreja Católica Romana baseia sua doutrina do purgatório.

7. Ensinam a existência de um lugar chamado purgatório
Sabedoria 3.1-4 - "As almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam; e a sua saída deste mundo foi considerada como uma aflição, e a sua separação de nós como um extermínio; mas eles estão em paz (no céu). E, se eles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade".

A Igreja Católica baseia a doutrina do purgatório na última parte desse texto. Afirmam os católicos que o tormento em que o justo está é o purgatório que o purifica para entrar na imortalidade. Isto é uma deturpação do próprio texto do livro apócrifo.

8. Tobias 5.15-19
"E o anjo disse-lhe: Eu o conduzirei e to reconduzirei. Tobias respondeu: Peço-te que me digas de que família e de que tribo és tu? O anjo Rafael disse-lhe: Procuras saber a família do mercenário, ou o mesmo mercenário que vá com teu filho? Mas para que te não ponhas em cuidados, eu sou Azarias, filho do grande Ananias. E Tobias respondeu-lhe: Tu és de uma ilustre família. Mas peço-te que te não ofendas por eu desejar conhecer a tua geração".

Um anjo de Deus não poderia mentir sobre a sua identidade sem violar a própria lei santa de Deus. Todos os anjos de Deus foram verdadeiros quando lhes perguntado a sua identidade. Veja Lucas 1.19.

Decisão polêmica e eivada de preconceito:

Resumindo todos esses argumentos, essa postura afirma que o amplo emprego dos livros apócrifos por parte dos cristãos desde os tempos mais primitivos é evidência de sua aceitação pelo povo de Deus. Essa longa tradição culminou no reconhecimento oficial desses livros, no Concílio de Trento, como se tivessem sido inspirados por Deus. Mesmo não-católicos, até o presente momento, conferem aos livros apócrifos uma categoria de paracanônicos, o que se deduz do lugar que lhes dão em suas Bíblias e em suas igrejas.

O cânon do Antigo Testamento até a época de Neemias compreendia 22 (ou 24) Livros em hebraico, que, nas Bíblias dos cristãos, seriam 39, como já se verificara por volta do século IV a.C. Foram os livros chamados apócrifos, escritos depois dessa época, que obtiveram grande circulação entre os cristãos, por causa da influência da tradução grega de Alexandria. Visto que alguns dos primeiros pais da igreja, de modo especial no Ocidente, mencionaram esses livros em seus escritos, a igreja (em grande parte por influência de Agostinho) deu-lhes uso mais amplo e eclesiástico. No entanto, até a época da Reforma esses livros não eram considerados canônicos. A canonização que receberam no Concílio de Trento não recebeu o apoio da história. A decisão desse Concílio foi polêmica e eivada de preconceito.

Que os livros apócrifos. seja qual for o valor devocional ou eclesiástico que tiverem, não são canônicos, o que se comprova pelos seguintes fatos:

1. A comunidade judaica jamais os aceitou como canônicos.

2. Não foram aceitos por Jesus, nem pelos autores do Novo Testamento.

3. A maior parte dos primeiros grandes pais da igreja rejeitou sua canonicidade.

4. Nenhum concílio da igreja os considerou canônicos senão no final do século IV.

5. Jerônimo, o grande especialista Bíblico e tradutor da Vulgata, rejeitou fortemente os livros apócrifos.

6. Muitos estudiosos católicos romanos, ainda ao longo da Reforma, rejeitaram os livros apócrifos.

7. Nenhuma igreja ortodoxa grega, anglicana ou protestante, até a presente data, reconheceu os apócrifos como inspirados e canônicos, no sentido integral dessas palavras.

Em virtude desses fatos importantíssimos, torna-se absolutamente necessário que os cristãos de hoje jamais usem os livros apócrifos como se fossem Palavra de Deus, nem os citem em apoio autorizado a qualquer doutrina cristã. Com efeito, quando examinados segundo os critérios elevados de canonicidade estabelecidos, verificamos que aos livros apócrifos faltam:

1. Os apócrifos não reivindicam ser proféticos.

2. Não detêm a autoridade de Deus. O prólogo do livro apócrifo Eclesiástico (180 a.C.) diz: "Muitos e excelentes ensinamentos nos foram transmitidos pela Lei, pelos profetas, e por outros escritores que vieram depois deles, o que torna Israel digno de louvor por sua doutrina e sua sabedoria, visto não somente os autores destes discursos tiveram de ser instruídos, também os próprios estrangeiros se podem tornar (por meio deles) muito hábeis, tanto para falar como para escrever. Por isso, Jesus, meu avô, depois de se ter aplicado com grande cuidado à leitura da Lei, dos profetas e dos outros livros que nossos pais nos legaram, quis também escrever alguma coisa acerca da doutrina e sabedoria... Eu vos exorto, pois, a ver com benevolência, e a empreender esta leitura com uma atenção particular e a

perdoar-nos, se algumas vezes parecer que, ao reproduzir este retrato da soberania, somos incapazes de dar o sentido (claro) das expressões". Este prólogo é um auto-reconhecimento da falibilidade humana. (grifo acrescentado)

Diante de tudo isso, perguntamos: "Merecem confiança os livros Apócrifos?" A resposta obvia é: NÃO!

Natureza e número dos apócrifos do Antigo Testamento

Há quinze livros chamados apócrifos (quatorze, se a Epístola de Jeremias se unir a Baruque, como ocorre nas versões católicas de Douai). Com exceção de II Esdras, esses livros preenchem a lacuna existente entre Malaquias e Mateus e compreendem especificamente dois ou três séculos antes de Cristo.

Significado das palavras cânon e canônico:

CÂNON - (de origem semítica, na língua hebraica "qãneh" em Ez 40.3; e no grego: "kanón", em Gl 6.16) tem sido traduzido em nossas versões em português como "regra", "norma". Literalmente, significa vara ou instrumento de medir.

CANÔNICO - Que está de acordo com o cânon. Em relação aos 66 livros da Bíblia hebraica e evangélica.

Significado da palavra Pseudo-epígrafado

Literalmente significa "escritos falsos" - Os apócrifos não são necessariamente escritos falsos, mas, sim, não-canonicos, embora também contenham ensinos errados ou hereges.

Diferença entre as Bíblias Hebraicas, Protestantes e Católicas

1. Bíblia hebraica

(a Bíblia dos Judeus) 2. Bíblia protestante
3. Bíblia católica

a) Contem somente os 39 livros do V.T.

b) Rejeita os 27 do N.T. como inspirado, assim como rejeitou Cristo.

c) Não aceita os livros apócrifos incluídos na Vulgata (versão Católica Romana).
a) Aceita os 39 livros do V.T. e também os 27 do N.T.

b) Rejeita os livros apócrifos incluídos na Vulgata, como não canônicos.
a) Contém os 39 livros do V.T. e os 27 do N.T.

b) Inclui, na versão Vulgata, os livros apócrifos ou não canônicos que são: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, I e II de Macabeus, seis capítulos e dez versículos acrescentados no livro de Ester e dois capítulos de Daniel.

A seguir, a lista dos que se encontravam na Septuaginta:

1. 3 Esdras

2. 4 Esdras

3. Oração de Azarias

4. Tobias

5. Adições a Ester

6. A Sabedoria de Salomão

7. Eclesiástico (Também chamado de Sabedoria de Jesus, filho de Siraque).
8. Baruque

9. A Carta de Jeremias

10. Os acréscimos de Daniel

11. A Oração de Manasses

12. I Macabeus

13. II Macabeus

14. Judite

Fonte: CACP

Nota do Editor:

Nessa obra você encontrará os Livros Apócrifos inclusos na Bíblia Católica nas páginas com três colunas.

As demais páginas contém proscritos inclusive rejeitados pelo Catolicismo.

INÍCIO DOS LIVROS APÓCRIFOS E GNÓSTICOS

A HISTÓRIA DO UNIVERSO

Capitulo I

Antes que existisse uma estrela a brilhar, antes que houvesse anjos a cantar, já havia um céu, o lar do Eterno, o único D-us. Perfeito em sabedoria, amor e glória, viveu o Eterno uma eternidade, antes de concretizar o Seu lindo sonho, na criação do Universo. Os incontáveis seres que compõem a criação foram, todos, idealizados com muito carinho. Desde o íntimo átomo às gigantescas galáxias, tudo mereceu Sua suprema atenção. Amante da música, D-us idealizou o Universo como uma grande orquestra que, sob Sua regência, deveria vibrar acordes harmoniosos de justiça e paz. Para cada criatura Ele compôs uma canção de amor. O Eterno estava muito feliz, pois os Seus sonhos estavam para se realizar. Movendo-Se com majestade, iniciou Sua obra de criação. Suas mãos moldaram primeiramente um mundo de luz, e sobre ele uma montanha fulgurante sobre a qual estaria para sempre firmado o trono do Universo. Ao monte sagrado D-us denominou: Sião. Da base do trono, o Eterno fez jorrar um rio cristalino, para representar a vida que d'Ele fluiria para todas as criaturas. Como sala do trono, criou um lindo paraíso que se estendia por centenas de quilômetros ao redor do monte Sião. Ao paraíso denominou: Éden. Ao sul do paraíso, em ambas as margens do rio da vida, foram edificadas numerosas mansões adornadas de pedras preciosas, que se destinavam aos anjos, os ministros do reino da luz. Circundando o Éden e as mansões angelicais, construiu D-us uma muralha de jaspe luzente, ao longo da qual podiam ser vistos grandes portais de pérolas. Com alegria, o Eterno contemplou a Capital sonhada. A cidade em seu esplendor era como uma noiva adornada, pronta para receber seu esposo. Carinhosamente, o grande Arquiteto a denominou: Jerusalém, a Cidade da Paz. D-us estava para trazer à existência a primeira criatura racional. Seria um anjo glorioso, de todos o mais honrado. Adornado pelo brilho das pedras preciosas, esse anjo viveria sobre o monte Sião, como representante do Rei dos reis diante do Universo. Com muito amor, o Criador passou a modelar o primogênito dos anjos. Toda sabedoria aplicou ao formá-lo, fazendo-o perfeito. Com ternura concedeu-lhe a vida; o formoso anjo, como que despertando de um profundo sono, abriu os olhos e contemplou a face de seu Autor. Com alegria, o Eterno mostrou-lhe as belezas do paraíso, falando-lhe de Seus planos, que começavam a se concretizar. Ao ser conduzido ao lugar de sua morada, junto ao trono, o príncipe dos anjos ficou agradecido e, com voz melodiosa, entoou seu primeiro cântico de louvor. Das alturas de Sião, descortinava-se, aos olhos do formoso anjo, Jerusalém em sua vastidão e esplendor. O rio da vida, ao deslizar sereno em meio à Cidade, assemelhava-se a uma larga avenida, espelhando as belezas do jardim do Éden e das mansões angelicais. Envolvendo o primogênito dos anjos com Seu manto de luz, o Eterno passou a falar-lhe dos princípios que haveriam de reger o reino universal. Leis físicas e morais deveriam ser respeitadas em toda a extensão do governo divino. As leis morais resumiam-se em dois princípios básicos: amar a D-us sobre todas as coisas e ao próximo corno a Si mesmo. Cada criatura racional deveria ser um canal por meio do qual o Eterno pudesse jorrar aos outros vida e luz. Dessa forma, o Universo cresceria em harmonia, felicidade e paz. No reino de D-us, as leis não seriam impostas com tirania; Os súditos seriam livres. A obediência deveria surgir espontânea, num gesto de reconhecimento e gratidão. Nesse reino de liberdade, a desobediência também seria possível. O resultado de tal comportamento seria o esvaziamento das forcas vitais. Depois de revelar ao formoso anjo as leis de Seu governo, o Eterno confiou-lhe uma missão de grande responsabilidade: seria o protetor daquelas leis, devendo honra-las e revela-las ao Universo prestes a ser criado. Com o coração transbordante de amor a D-us e aos semelhantes, caber-lhe-ia ser um modelo de perfeição: seria Lúcifer, o portador da luz. O príncipe dos anjos; agradecido por tudo, prostrou-se ante o amoroso Rei, prometendo-Lhe eterna fidelidade. O Eterno continuou Sua obra de criação, trazendo à existência inumeráveis hostes de anjos, os ministros do reino da luz. A Cidade Santa ficou povoada por essas criaturas radiantes que, felizes e gratas, uniam as vozes em belíssimos cânticos de louvor ao Criador. D-us traria agora à existência o Universo que, repleto de vida, giraria em torno de Seu trono firmado em Sião. Acompanhado por Seus ministros, partiu para a grandiosa realização. Depois de contemplar o vazio imenso, o Eterno ergueu as poderosas mãos, ordenando a materialização das multiformes maravilhas que haveriam de compor o Cosmo. Sua ordem, qual trovão, ecoou por todas as partes, fazendo surgir, como que por encanto, galáxias sem conta, repletas de mundos e sóis - paraísos de vida e alegria -, tudo girando harmoniosamente em torno do monte Sião. Ao presenciarem tão grande feito do supremo Rei, as hostes angelicais prostraram-se, fazendo ecoar pelo espaço iluminado um cântico de triunfo, em saudação à vida. Todo o Universo uniu-se nesse cântico de gratidão, em promessa de eterna fidelidade ao Criador. Guiados pelo Eterno, os anjos passaram a conhecer as riquezas do Universo. Nessa excursão sideral, ficaram admirados ante a vastidão do reino da luz. Por todas as partes encontravam mundos habitados por criaturas felizes que os recebiam em festa. Os anjos saudavam-nos com cânticos que falavam das boas novas daquele reino de paz. Tão preciosa como a vida, a liberdade de escolha, através da qual as criaturas poderiam demonstrar seu amor ao Criador, exigia um teste de fidelidade. Com o propósito de revelá-lo, o Eterno

conduziu as hostes por entre o espaço iluminado, até se aproximarem de um abismo de trevas que contrastava com o imenso brilho das galáxias. Ao longe, esse abismo revelara-se insignificante aos olhos dos anjos, como um pontinho sem luz; mas à medida de sua aproximação, mostrou-se em sua enormidade. O Criador, que a cada passo revelava aos anjos os mistérios de Seu reino, ficou ali silencioso, como que guardando para Si um segredo. As trevas daquele abismo consistiam no teste da fidelidade. Voltando-Se para as hostes, o Eterno solenemente afirmou: -"Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida". Com estas palavras, fez D-us separação entre a luz e as trevas, o bem e o mal. O Universo era livre para escolher seu destino.

Capitulo II

O tão acalentado sonho do Criador se concretizara. Agora, como Pai carinhoso, conduzia as criaturas através de uma eternidade de harmonia e paz. Em virtude do cumprimento das leis divinas, o Universo expandia-se em felicidade e glória. Havia um forte elo de amor, que a todos unia fortemente. Os seres racionais, dotados da capacidade de um desenvolvimento infinito, encontravam indizível prazer em aprender os inesgotáveis tesouros da Sabedoria divina, transmitindo-os aos semelhantes. Eram como canais por meio dos quais a Fonte da Eterna Vida nutria a todos de amor e luz. Em Jerusalém, os ministros do reino reuniam-se ante o soberano Rei, sempre prontos a cumprir os Seus propósitos. Era através de Lúcifer que o Eterno tornava manifesto os Seus desígnios. Depois de receber uma nova revelação, ele prontamente a transmitia às hostes angelicais. Estas, por sua vez, a compartilhavam com a criação. Em célere vôo os anjos rumavam para os planetas capitais, onde, em grandes assembléias, reuniam-se os representantes dos demais mundos. Em muitas dessas assembléias, Lúcifer fazia-se presente, enchendo os participantes de alegria e admiração. Perfeito em todas as virtudes, ele os cativava com sua simpatia. Nenhum outro anjo conseguia revelar como ele os mistérios do amor do Eterno. O Universo, alimentando-se da Fonte da Vida, expandia-se numa eternidade de perfeita paz. A obediência às leis divinas era o fundamento de todo progresso e felicidade. Ainda que conscientes do livre-arbítrio, jamais subira ao coração de qualquer criatura o desejo de se afastar do Criador. Assim foi por muito tempo, até que tal problema irrompeu na vida daquele que era o mais íntimo do Eterno. Lúcifer, que dedicara sua vida ao conhecimento dos mistérios da luz, sentiu-se aos poucos atraído pelas trevas. O Rei do Universo, aos olhos de quem nada pode ser encoberto, acompanhou com tristeza os seus passos no caminho descendente que leva à morte. A princípio, uma pequena curiosidade levou Lúcifer a se aproximar daquele abismo profundo. Contemplando-o, ele começou a indagar o porquê de não poder compreender o seu enigma. Retornando a seu lugar de honra, junto ao trono, prostrou-se ante o divino Rei, suplicando-Lhe: - Pai, dá-me a conhecer os segredos das trevas, assim como me revelas a luz. Ante o pedido do formoso anjo, o Eterno, com voz expressiva de tristeza, disse-lhe: - Meu filho, você foi criado para a luz, que é vida. Convencendo-se de que o Criador não lhe revelaria os tesouros das trevas, Lúcifer decidiu compreender por si mesmo o enigma. Julgava-se capacitado para tanto. Com esta triste decisão, o príncipe dos anjos permitiu que surgisse em seu coração uma mancha de pecado que poderia trazer uma catástrofe para o Universo. Só D-us sabia o que se passava no coração de Lúcifer. O anjo, que fora criado para ser o portador da luz, estava divorciando-se em pensamentos do bondoso Criador que, num esforço de impedir o desastre, rogava-lhe permanecer a Seu lado. Uma tremenda luta passou a travar-se em seu íntimo. O desejo de conhecer o sentido das trevas era imenso, contudo, os rogos daquele amoroso Pai, a quem não queria também perder, o torturavam. Vendo o sofrimento que sua atitude causava ao Criador, às vezes demonstrava arrependimento, mas voltava a cair. Antes de criar o Universo, D-us já previra a possibilidade de uma rebelião. O risco de conceder liberdade às criaturas era imenso, mas, sem este dom, a vida não teria sentido. O Eterno não queria reinar sobre robôs, programados para fazerem somente a Sua vontade. Ele queria que a obediência fosse fruto de reconhecimento e amor, por isso decidiu correr o grande risco. Ainda que prosseguisse na busca do sentido das trevas, Lúcifer não pretendia abandonar a luz. Esforçava-se para chegar a uma combinação entre essas partes que, no reino do Eterno, coexistiam separadas. Finalmente, com um sentimento de exaltação, concebeu uma teoria enganosa, que pretendia apresentar ao Universo como um novo sistema de governo, superior ao governar do Eterno. Denominou sua teoria de "a ciência do bem e do mal". Estruturada na lógica, a ciência do bem e do mal revelou-se atraente aos olhos de Lúcifer, parecendo descerrar um sentido de vida superior àquele oferecido pelo Criador, cujo reino possibilitava unicamente o conhecimento experimental do bem. No novo sistema, haveria equilíbrio entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo, entre a luz e as trevas. Ao longo do tempo em que amadurecera em sua mente a ciência do bem e do mal, Lúcifer soube guardar segredo diante do Universo. Continuava em seu posto de honra, cumprindo a função de Portador da Luz. Contudo, por mais que procurasse fingir, seu semblante já não revelava alegria em servir ao Eterno. O divino Rei, que sofria em silêncio, procurava, por meio de Suas revelações de amor, preparar as criaturas racionais para a grande prova que se aproximava. Sabia que muitos dariam ouvido à tentação, voltando-Lhe as costas. A noite da provação faria sobressair, contudo, os verdadeiros fiéis - aqueles que

serviam ao Criador não por interesse, mas por amor. Ao ver que a hora da prova chegara, e que Lúcifer estava pronto para traí-Lo diante do Universo, o Eterno, que jamais cessara de revelar os tesouros de Sua sabedoria, tornou-se silencioso e contemplativo. O silêncio fez reviver no coração das hostes a lembrança daquela primeira excursão sideral, quando, depois de lhes mostrar as riquezas do reino da luz, D-us tornou-se silencioso ante aquele abismo. Lembram-se de Suas palavras: "Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida". Lúcifer, que passara a cobiçar o trono de D-us, indagou-Lhe o motivo de Seu silêncio. O Criador, contemplando-o com infinita tristeza, disse-lhe: "É chegada a hora das trevas. Você é livre para realizar seus propósitos". Vendo que o momento propício para a propagação de sua teoria havia chegado, Lúcifer convocou os anjos para uma reunião especial. As hostes, desejosas de conhecer o significado do silêncio do Pai, tomaram seus lugares junto ao magnífico anjo, que sempre lhes revelara os tesouros do reino da luz. Lúcifer começou seu discurso exaltando, como de costume, o governo do Eterno. Num amplo retrospecto, lembrou-lhes as grandiosas revelações que os enriquecera em toda aquela eternidade. O silêncio divino, apresentou-o como sendo a indicação de que o Universo alcançara a plenitude do conhecimento oriundo da luz. Silenciando, o Eterno abria-lhes caminho para o entendimento de mistérios ainda não sondados, mantidos até então além dos limites de Seu governo. Surpresas, as hostes tomaram conhecimento da experiência de Lúcifer sobre as trevas. Com eloqüência, ele falou-lhes da ciência do bem e do mal, indicando-a como o caminho das maiores realizações. O efeito de suas palavras logo se fez sentir em todo o Universo. A questão era decisiva e explosiva, gerando pela primeira vez discórdia. Os seres racionais, em sua prova, tinham de optar por permanecer somente com o conhecimento da luz, o qual Lúcifer afirmava haver chegado ao seu limite, ou se aventurar no conhecimento da ciência do bem e do mal. No começo, os anjos debateram-se diante da questão, sendo logo depois todo o Universo posto à prova. Dir-se-ia que a ciência do bem e do mal haveria de arrebanhar a maior parte das criaturas, mas, aos poucos, muitos que a princípio se empolgaram com a teoria, despertaram para a ilusão da mesma, reafirmando sua fidelidade ao reino da luz. Ao fim desse conflito, que se arrastou por longo tempo, revelou-se um terço das estrelas do céu ao lado de Lúcifer, e as restantes, ainda que abaladas pela prova ao lado do Eterno. A ciência do bem e do mal fora apregoada por Lúcifer como um novo sistema de governo. Mas como exercê-lo, se o Eterno continuava reinando em Sião? Precisavam encontrar um meio de afastá-Lo dali. O conselho, formado pelos anjos rebeldes, passou a tratar disso. Decidiram, finalmente, solicitar-Lhe o trono por um tempo determinado, no qual poderiam demonstrar a excelência do novo sistema de governo. Caso fosse aprovado pelo Universo, o novo sistema se estabeleceria para sempre; caso contrário, o domínio retornaria ao Criador. Foi assim que Lúcifer, acompanhado por suas hostes, aproximou-se arrogante d'Aquele Pai sofredor, fazendo-Lhe tal pedido. O Eterno não era ambicioso, apenas queria bem às Suas criaturas. Se a ciência do bem e do mal consistisse realmente num bem maior, não Se oporia à sua implantação, cedendo o trono a seus defensores. Mas Ele sabia que aquele caminho conduziria à infelicidade e à morte. Movido por Seu amor protetor, o Criador desatendeu o pedido das hostes rebeldes, que se afastaram enfurecidas. A lhes ser negado o trono, Lúcifer e suas hostes passaram a acusar o divino Rei, proclamando ser o seu governo de tirania. Afirmavam ser sua permanência no trono a mais patente demonstração de Sua arbitrariedade. Não lhes concedera liberdade de escolha? For que neutralizá-la agora, impedindo-os de pôr em prática um sistema de governo superior? As acusações das hostes rebeldes repercutiram por todo o Universo, fazendo parecer que o governo do Eterno era injusto. Isto trouxe profunda angústia àqueles que permaneciam fiéis ao reino da luz. Não sabendo como refutar tais acusações, essas criaturas, emudecidas pela dor moral, ansiavam pelo momento em que novas revelações procedentes do Criador pudessem aclarar-lhes os mistérios desse grande conflito. As acusações e blasfêmias das hostes rebeldes alcançavam o ponto culminante quando o Eterno, num gesto surpreendente, ergueu-se de Seu trono, como que pronto a deixá-lo. Os infiéis, na expectativa de uma conquista, aquietaram-se, enquanto um sentimento de temor penetrava no coração dos súditos da luz. Entregaria Ele o domínio de toda a criação, para livrar-Se das vis acusações? De acordo com a lógica a partir da qual Lúcifer fundamentava seus ensinamentos, não restava outra alternativa ao Criador. Nesta tremenda expectativa, o Universo acompanhava os passos de D-us. Num gesto de humildade, o Criador despojou-Se de Sua coroa e de Seu manto real, depondo-os sobre o alvo trono. Em Seu semblante não havia expressão de ressentimento ou ira, mas de infinito amor e tristeza. Com solenidade, o Eterno proclamou que o momento decisivo chegara, quando cada criatura deveria selar sua decisão ao lado da luz ou das trevas. Numa ampla revelação, alertou para as conseqüências de um rompimento com a Fonte da Vida. Com olhar de ternura o Criador contemplou seus filhos. Era um olhar de humildade, que cheio de amor, suplicava para que permanecessem ao Seu lado. Incontáveis criaturas, emocionadas, corresponderam ao Seu olhar de bondade, enquanto uma multidão se manteve cabisbaixa. Lúcifer e seus seguidores estavam conscientes da seriedade daquele momento. Ainda era possível voltar atrás em seus planos, entregando-se arrependidos ao divino Pai que sempre os amara. Enquanto cabisbaixos consideravam sobre a decisão final, Lúcifer e seus

adeptos ouviam o cântico daqueles que, em reconhecimento e gratidão, colocavam-se ao lado do Eterno. A última luta travava-se no coração dos infiéis que, estremecidos, chegaram a pensar em recuar. Finalmente, a lembrança do recente gesto divino, despojando-Se da coroa, deu-lhes a certeza de que o governo lhes seria entregue. Vendo que o Trono permanecia vazio, Lúcifer e suas hostes, dominados pela cobiça, romperam definitivamente com o Criador Ao ver um terço dos súditos transpor as divisas da eterna separação, D-us deixou extravasar a dor angustiante que por tanto tempo martirizava Seu coração, curvando-Se em inconsolável pranto. Contemplando Seus filhos rebeldes, ergueu a voz numa lamentação dolorosa: "Meus filhos, meus filhos! Já não posso chamá-los assim! Queria tanto tê-los nos braços meus! Lembro-Me quando os formei com carinho! Vocês surgiram felizes e perfeitos, em acordes de esperança em eterna harmonia! Vivi para vocês, cobrindo-os de glória e poder! Vocês foram a minha alegria! Por que seus corações mudaram tanto? O que mais poderia eu ter feito para fazê-los permanecer comigo? Hoje minh'alma sangra em dor pela separação eterna! Como olharei para os lugares vazios onde tantas vezes rejubilantes ergueram as vozes em hosanas festivas, sem me vir à mente um misto da felicidade e dor?! Saudade infinita já invade o meu ser, e sei que será eterna! Hoje o meu coração rompeu e quebrou-se; as cicatrizes carregarei para sempre! Depois de proclamar em pranto tão dolorosa lamentação, o Eterno, dirigindo-Se a Lúcifer, o causador de todo o mal, disse: "Você recebeu um nome de honra ao ser criado. Agora não mais o chamarão Lúcifer, mas Satã, o inimigo do Criador e de Suas leis." Depois de lamentar a perdição das hostes rebeldes, o Eterno, em lentos passos, ausentou-se do jardim do Éden, lugar do trono Universal.. Onde seria agora a Sua morada? As hostes fiéis acompanharam reverentes os Seus misteriosos passos de abandono, que pareciam descerrar um futuro difícil, de sofrimentos e humilhações. Ocupariam os rebeldes o divino trono, profanando-o como domínio do pecado? Esta indagação torturava o coração dos súditos do Eterno. Deixando Sua amada Cidade, o Senhor da luz conduziu-Se, em meio às glórias do Universo, em direção do abismo imenso, a respeito do qual silenciara até então. Ali deteve-Se mais uma vez, emudecido, enquanto parecia ler nas trevas um futuro de grandes lutas. Ante o sofrimento do Eterno, expresso na tristeza de Seu semblante, os fiéis puderam finalmente compreender o significado daquele misterioso abismo: consistia numa representação simbólica do reino da rebeldia. Na face entristecida de D-us manifestou-se, por fim, um brilho que aos fiéis animou. Erguendo os poderosos braços ante as trevas, ordenou em alta voz: "Haja luz." Imediatamente, a luz de Sua presença inundou o profundo abismo e, triunfando sobre as trevas, revelou um mundo inacabado, coberto por cristalinas águas. Com esse gesto, iniciava o Eterno uma grande batalha pela reivindicação de Seu governo de luz; batalha do amor contra o egoísmo; da justiça contra a injustiça; da humildade contra o orgulho; da liberdade contra a escravidão; da vida contra a morte. Batalha que, sem trégua, se estenderia até que, no alvorecer almejado, pudesse o divino Rei retornar vitorioso ao santo monte Sião, onde, entronizado em meio aos louvores dos remidos, reinaria para sempre em perfeita paz. As trevas, em sua fuga, apontavam para o aniquilamento final da rebeldia. As águas abundantes que cobriam aquele mundo, até então oculto, simbolizavam a vida eterna que para os fiéis seria conquistada pelo amor que tudo sacrifica. O mundo revelado era a Terra. Visitada pelas trevas e pela luz, ela seria o palco da grande luta. Rejubilavam-se os fiéis ante o triunfo da luz naquele primeiro dia, quando as trevas em sua fúria rolaram sobre o planeta, sucumbindo-o em densa escuridão. A luz, que parecia vencida, renasceu vitoriosa num lindo alvorecer. Ao raiar a luz do segundo dia, o Eterno ordenou: "Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre água e águas." Imediatamente, o calor de Sua luz fez com que imensa quantidade de vapor se elevasse das águas, envolvendo o planeta num manto de transparência anil. Surgiu assim a atmosfera, com sua mistura perfeita de gases que seriam essenciais à vida que em breve coroaria o planeta. O Criador, contemplando a expansão, denominou-a "céus". A atmosfera, que cheia de brilho envolvia a Terra, sombreou-se ao sobrevir o crepúsculo de um outro entardecer.

Capitulo III

Ao serem vencidas as trevas no terceiro dia, o Criador prosseguiu Sua obra, fazendo surgir os imensos continentes que ainda estavam sob a superfície das águas. Com as mãos erguidas ordenou: "Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar e apareça a porção seca." Em pronta obediência, as cristalinas águas cederam sua posição superior à porção seca que se ergueu, sobrepondo-se a elas. Nas regiões baixas da Terra, as águas continuariam refletindo o brilho celeste, sendo um refrigério para as criaturas sedentas. Nesse gesto de humildade, as águas prefiguravam o Criador, que na grande luta desceria ao mais profundo abismo para fazer renascer nas almas sedentas a vida eterna. Contemplando a face daquele novo mundo, o Eterno denominou a parte seca "terra", e ao ajuntamento das águas chamou "mares". Com Sua poderosa voz prosseguiu, ordenando: "Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra." Em obediência ao mando divino, a superfície sólida do planeta revestiu-se de toda sorte de vegetação: lindos prados a florir, campos verdejantes entrecortados por rios cristalinos, florestas sem fim onde árvores frondosas deixavam pender frutos saborosos de infindáveis espécies. A Terra era como uma tela onde o Criador, pelo poder de Sua palavra, coloria

quadros de beleza sem par. Enquanto com admiração as hostes contemplavam as belezas daquela criação, surpreenderam-se ao reconhecer sobre o novo planeta o jardim do Éden, lugar do trono divino. O Eterno, pelo poder de Sua palavra, o havia transferido para o seio daquele mundo especial, onde em justiça seria confirmado o governo do Universo. Naquele dia primaveril, a brisa acariciou mansamente as verdes florestas e os prados em flor, inundando a atmosfera com suave aroma e frescor. Contemplando Sua obra, o Criador com felicidade exclamou: "Eis que tudo é muito bom." Exuberante, o planeta cumpriu mais um dia em sua harmoniosa rotação. As hostes fiéis agora podiam compreender melhor a importância da luz divinal. Sua ausência havia ofuscado, naquela noite, as belezas de Sião. Nesse novo dia, o Criador expressaria o Seu grande poder, dando à Terra luminares que a encheriam de luz e calor. Esses luminares permaneceriam para sempre como símbolos da presença espiritual do Eterno, que é a fonte de toda a luz. Contemplando o espaço escuro e vazio que se estendia ao redor da Terra, com potente voz ordenou: "Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para tempos determinados, para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus para alumiarem a Terra." Imediatamente, o espaço tornou-se radiante pelo brilho do sol e pelo reflexo de planetas e satélites. Ante esta demonstração de poder, as hostes fiéis curvaram-se em reverente adoração. No quarto dia, o Eterno criou os mundos de nosso sistema solar não para serem habitados como a Terra, mas para o equilíbrio do sistema. Encheriam também o céu de fulgor, abrandando as trevas das noites terrenas. Volvendo os olhos para a Terra, as hostes alegraram-se por vê-la radiante em cores. Bem próximo dela podia-se ver a Lua que, com seu reflexo prateado, afugentaria as profundas sombras noturnas. Envolvidos por esse cenário encantador, os filhos da luz, rejubilantes, saudaram o alvorecer do quinto dia, que seria de muitas surpresas. O Eterno tornaria a Terra festiva pela presença de infindáveis espécies de animais irracionais que habitariam toda a superfície do planeta. Essa criação teria continuidade no sexto dia. Erguendo as poderosas mãos, o Criador, olhando primeiramente para as cristalinas águas, ordenou: "Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente." De imediato, as águas tornaram-se ondulantes pela presença de incontáveis espécies de répteis que, felizes e gratos, festejavam a existência num contínuo nadar e saltitar. Desde os seres microscópicos até as grandes baleias, todos surgiram em completa harmonia, refletindo em sua natureza o amor do Criador. Pousando os olhos sobre a atmosfera anil que repousava sobre as verdejantes florestas, o Eterno continuou: "Voem as aves sobre a face da expansão dos céus". Mediante Sua ordem, os Céus encheram-se de pássaros coloridos que, voando em todas as direções, tinham no coração um cântico de gratidão pela vida. Esse cântico encheu o ar, misturando-se com o perfume das matas floridas. Contemplando com prazer Suas criaturas terrenais, o Eterno abençoou-as dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos e enchei as águas nos mares, e as aves se multipliquem na Terra." Rejubilantes, as hostes fiéis presenciaram o alvorecer do sexto dia. O que criaria D-us nesse novo dia? Esta indagação pairava na mente de todos os seres racionais. Estavam certos de que algo muito especial estava para acontecer. Erguendo os potentes braços, o Eterno ordenou: "Produza a Terra alma vivente conforme a sua espécie: gado, répteis e bestas-feras da terra, conforme a sua espécie." Sua voz poderosa foi prontamente ouvida e, nas florestas e campos, pôde-se ver o resultado de Seu poder criador. Animais de todas as espécies despertaram numa existência feliz, em meio a um paraíso de perfeita paz. A Terra tomara-se extremamente bela, qual princesa adornada para receber o seu rei e senhor. Quem seria esse ser especial? Movendo-Se com majestade, o Eterno baixou às glórias do novo mundo, dirigindo-Se ao jardim do Éden, lugar do divino trono. Os anjos da luz acompanharam-nO reverentes, detendo-se qual nuvem sobre os céus do paraíso. Todo Universo observava com profundo interesse o desdobramento dos atos do Criador, em resposta às acusações de seus inimigos. O momento era decisivo. Tudo indicava que o Eterno demonstraria não ser tirano nem egoísta, coroando alguém sobre o monte Sião. Satã e seus seguidores não duvidavam de que o reino lhes seria entregue e reinariam vitoriosos no seio daquele antigo abismo, onde as trevas e a luz agora se entrelaçavam. Os súditos da luz estremeceram ante essa perspectiva. Junto à fonte do rio da vida, o Eterno curvou-Se solenemente e, com os elementos naturais da Terra, começou a moldar, com muito carinho, uma criatura especial. Depois de alguns instantes, estava estendido diante do Criador o corpo, ainda sem vida, do primeiro homem. O Eterno contemplou-o e, após acariciar-lhe a face fria e descorada, soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida e o homem começou a viver. Como que despertando de um sono, o homem abriu os olhos e contemplou a face meiga de Seu Criador que, sorrindo, beijou-lhe a face agora corada e cheia de vida. Emocionou-se ao ouvir o Eterno dizer-lhe com voz suave e cheia de afeição: "Meu filho, meu querido filho!" Por ter nascido do solo, o primeiro homem recebeu o nome de Adão. Tomando-o pela mão, o Eterno levantou-o. Sem perceber o cenário de fulgor que o circundava, Adão, num gesto de gratidão pela existência, envolveu o Criador num terno abraço, prostrando-se em reverente adoração. As hostes fiéis que admiradas testemunhavam a grandiosa realização divina, emocionadas ante o gesto humano, prostraram-se também em reverente adoração. Uniram então as vozes num cântico de júbilo em saudação àquela criatura especial, que despertava para a vida num momento tão decisivo para o Universo. Com o coração cheio de

felicidade, Adão uniu-se aos anjos em seu cântico de louvor. Sua voz, ao ecoar pelos arredores floridos, misturou-se ao canto das aves e ao mugir de animais que se aproximavam em festa. Num passeio de surpresas inesquecíveis, Adão foi conscientizado das belezas de seu lar. Com admiração, contemplou o monte Sião, donde jorrava o rio da vida, numa cascata de luz. O glorioso monte jazia coroado por um lindo arco-íris. Em seus passos, seguiu o curso do cristalino rio, que deslizava sereno em meio às maravilhas do Éden. Admirava-se das altaneiras árvores que, embaladas pela brisa, deixavam pender dos ramos abundantes flores e frutos. Inclinava-se aqui e acolá, atraído pelo fulgor de pedras preciosas que por todas as partes enfeitavam o gramado. Com intensa alegria, Adão tomava conhecimento das infindáveis espécies de animais que povoavam o jardim. Todos eram mansos e submissos e viviam em perfeita harmonia e felicidade. Detendo-se em seus passos, Adão admirou-se da alvura e meiguice de um animalzinho que brincava no gramado. Aproximando-se, tomou-o em seus braços, dedicando-lhe um afeto especial. Como era agradável acariciar sua alva lã! Seus olhinhos meigos refletiam um brilho de amor e humildade. Havia algo de especial naquele animalzinho. Afetuosamente, Adão chamou-o de "cordeiro". Com o animalzinho em seus braços, Adão olhou agradecido para o Eterno e O adorou. Contemplando Suas alvas vestes, Seus olhos expressivos de um amor sem par, Adão descobriu que tinha nos braços um símbolo de seu Autor. Feliz, exclamou: "Oh, Senhor, este cordeirinho revestido de tão branca lã, com olhar expressivo de tanto amor, se parece Contigo. Eu quero tê-lo sempre junto a mim." Observando os animais, Adão percebeu que eles desfrutavam de um companheirismo especial. Via por toda parte casais felizes que viviam um para o outro. Seus pensamentos voltaram-se para o Seu Companheiro. Olhou ao derredor e ficou surpreso por não vê-Lo. O Eterno havia Se ocultado propositalmente, tornando-Se invisível. Adão sentia-se solitário em meio àquele paraíso. Com quem partilharia sua felicidade e seu amor? Havia ali os animais, mas eles eram irracionais, não podendo compartilhar de seus ideais. Nascia em seu coração, ao caminhar solitário naquele entardecer, um desejo ardente de encontrar alguém que pudesse estar sempre a seu lado. Enquanto Adão olhava para as distantes colinas na esperança de ver alguém, o Eterno apresentou-Se ao seu lado e disse-lhe: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma companheira." Adão ficou feliz ao ouvir do Criador essa promessa, justamente no momento em que tanto ansiava ter alguém para estar sempre visível a seu lado. Tomado por um profundo sono, Adão reclinou-se no peito de seu amoroso Criador que, com carícias, o fez adormecer. Em seu subconsciente surgiram os primeiros sonhos coloridos: Contempla o olhar meigo do Eterno; ouve o som harmonioso da música angelical; descobre as maravilhas ao derredor: o monte Sião com seu arco-íris; o rio da vida; os prados em flor; os animais que o saúdam em festa. Repetem-se em seus sonhos as cenas que o envolveram em seu anseio; olha ao derredor na esperança de encontrar seu companheiro, mas não o vê. Sente-se solitário em seu sonho, e isso o faz procurar alguém com quem possa compartilhar sua existência. Seu olhar estende-se por campinas verdejantes, divisando ao longe colinas floridas. Enquanto caminha esperançoso, sente a brisa mansa a afagar-lhe os cabelos macios. Conversa com a brisa: "Brisa, você parece ser quem tanto procuro; você me afaga os cabelos; beija minha face; você tem o perfume das verdes matas. Se eu pudesse ver sua face, beijá-la-ia; se eu pudesse tocar os seus cabelos, faria longas tranças e as enfeitaria com as flores do nosso jardim!" Após caminhar em sonho pelos prados do paraíso, Adão deteve-se enquanto contemplava a paisagem ao redor. Admirou-se por não ver o efeito da brisa nos ramos floridos. Mas como, se a sentia calidamente no rosto? Começou então a despertar de seu sonho. Ainda com os olhos fechados lembrou-se do momento em que, sonolento, recostara-se no peito do Eterno. Seria a brisa o afago de Suas mãos? Com esta indagação abriu os olhos e emocionou-se ao contemplar uma linda mulher que, com as mãos perfumadas, acariciava-lhe a face com amor. Era a brisa de seu sonho; a promessa de um Criador que só queria fazê-lo feliz. Agora Adão era completo, pois tinha Eva, que era carne de sua carne e ossos de seus ossos. Tomando-a pela mão, Adão convidou-a para um passeio de surpresas inesquecíveis. Mostraria à sua companheira as belezas de seu lar. Sensibilizada Eva detinha-se a cada passo, atraída pelas flores que exalavam suaves perfumes; pelos pássaros que gorjeavam alegres cantos; pelos animais que os seguiam submissos; pela vegetação de ricos matizes; pelas águas cristalinas do rio da vida que jorravam em cascata do monte Sião. Tudo no paraíso era perfeito e belo, mas nada se igualava ao ser humano, criado à imagem de D-us. Voltaram-se um para o outro em admiração e carícias. Embalados por esse amor, permaneceram até o entardecer. Com deleite, o jovem casal passou a contemplar o sol poente que, através de rosados raios, coloria o céu em lindo arrebol. Era o sexto dia que chegava ao seu final, dando lugar às horas de um dia especial: o sábado. Esse dia, em seu significado, seria solene para todos os súditos do Eterno, pois seu alvorecer traria a vitória para o reino da luz. O sol, que durante o sexto dia alegrara a natureza com seu brilho e calor, ocultou-se, deixando-a em frias sombras. Os alegres pássaros, silenciando seus trinos, buscavam seus ninhos enquanto os outros animais se recolhiam. Somente o casal permaneceu imóvel, procurando divisar, no último lampejo que se apagava no horizonte, a esperança de um novo alvorecer. Indagavam o sentido das trevas quando, por entre as ramagens, viram um lindo luar, cujos raios prateados banhavam a natureza em suave luminosidade. Todo o céu estava iluminado pelo

fulgor das estrelas. Admirados, descobriram que a noite somente era trevas quando se olhava para baixo. Adão e Eva em sua inocência não sabiam que aquela noite simbolizava o futuro sombrio da humanidade. Quando o compreendessem, ficariam confortados ao contemplar o fulgor dos céus: o luar falaria de esperança e as estrelas cintilantes testemunhariam o interesse das hostes da luz em aclarar-lhes as trevas morais, dando alento aos pecadores. Mas seriam iluminados apenas aqueles que, desviando os olhos da Terra, contemplassem os altos céus. Após contemplar por algum tempo o céu em sua luminosidade, o casal, lembrando-se das belezas do paraíso, volveu os olhos, buscando divisá-las. Estavam, porém, ocultas em meio às sombras. Quanto almejavam o alvorecer, pois somente ele traria consigo o paraíso! Ante o anseio do coração humano, o Eterno surgiu em meio às trevas, devolvendo ao casal a alegria de se encontrar novamente num jardim colorido. Banhados em suave luz, caminhavam agora por prados verdejantes e floridos. o brilho do Criador despertava a natureza por onde passavam, colorindo e alegrando tudo em derredor. O casal, admirado, aprendeu que ao lado do Eterno poderiam ter um paraíso em plena noite. Sentindo-se sonolentos, Adão e Eva recostaram-se no colo do amoroso Pai, que os faz adormecer docemente, esperançosos de um despertar feliz. Deitando-os sobre a relva macia, o Eterno elevou-Se indo para junto das hostes contemplativas. Voltaria a manifestar-Se ao alvorecer, fazendo o casal despertar para o mais solene acontecimento, que reduziria a pó as vis acusações dos inimigos. A noite escura e fria, através de suas longas horas, parecia zombar da luz. Ofuscaria para sempre as belezas da criação? Oh, jamais! O sol não recuaria ante a imponência das trevas; surgiria em breve como um libertador, arrebatando com seus cálidos raios a natureza das frias garras, dando-lhe vida e cor. Num último desafio, as trevas tornaram-se densas nas horas que antecederam o alvorecer. A noite arregimentava suas forças para lutar pelo domínio usurpado. Finalmente, surgiu no leste um lampejo que parecia falar de esperança em um novo dia. O céu aos poucos tornou-se colorido de um vermelho vivo. As trevas impotentes recuaram ante a força crescente da luz e foram consumidas em sua fuga. A natureza começou a despertar da longa noite, refletindo em seu seio os saudosos raios. Flores abriram-se, exalando perfumes de alegria; animais e aves, silenciados pela noite, uniram as vozes num cântico triunfal em saudação ao alvorecer daquele dia grandioso. A negra noite chegara ao fim, dando lugar à luz do dia sonhado - dia que para D-us tinha um sentido especial, pois prefigurava a final vitória de Seu reino sobre o domínio da rebeldia. O Eterno agora despertaria Seus filhos humanos que, banhados pela luz de Sua presença, haviam adormecido na esperança de um alvorecer feliz. Numa marcha festiva, todas as hostes santas, com cânticos de vitória, acompanharam-nO rumo ao paraíso banhado em luz. Quando já estavam próximos, o Criador deteve-Se contemplando o casal adormecido, e exclamou suavemente: "Acordem meus filhos." Sua voz penetrou nos ouvidos de Adão e Eva, despertando-os para a mais feliz comunhão. Quão depressa raiara a acalentada manhã, trazendo em sua luz o doce paraíso, perdido naquela noite! Com alegria o casal saudou o divino Criador, unindo-se aos anjos em antífonas triunfais. O Universo vivia um momento deveras solene. Naquela manhã festiva, o Eterno haveria de revelar a grandeza de Seu caráter, que é justiça e amor. As acusações de que Seu governo era de egoísmo e tirania seriam refutadas. Aos olhos de todas as criaturas racionais do vasto Universo, D-us conduziu o jovem casal ao monte Sião, lugar do divino trono. Ali, ante o estremecimento das hostes emudecidas, o Criador, num gesto surpreendente, cobriu o homem com o manto real, colocando sobre sua cabeça a coroa que fora cobiçada por Lúcifer. Movidos por profunda gratidão pela suprema honra conferida, Adão e Eva prostraram-se reverentes, depondo aos pés do Criador sua coroa preciosa, em sinal de submissão. Seguiu-se a esse gesto humano um brado de vitória que sacudiu toda a Criação. Os filhos da luz, que por tanto tempo haviam sofrido afrontas e humilhações ante as constantes acusações das hostes rebeldes, exaltaram em retumbante louvor o D-us bendito, que em Sua obra de justiça desmentira os inimigos, revelando Seu caráter de humildade, desprendimento e amor. Tendo constituído o homem como o senhor de toda a criação, o Eterno, com voz solene, passou a conscientizá-lo da grandiosidade de sua missão. Como um mordomo fiel, deveria cuidar do paraíso, mantendo límpida a fonte do rio da vida. As leis da justiça e do amor, fundamentos do reino da luz, deveriam ser honradas. Como um cetro racional, caberia ao homem, em gesto de reconhecimento e gratidão, aceitar livremente o governo d'Aquele que o criou. As hostes, que maravilhadas testemunhavam a revelação do desprendimento divino, compreenderam que o Senhor da Luz não governaria mais o Universo, a não ser com o consentimento humano. O homem, pela vontade do Eterno, fora feito o árbitro da criação; em seu glorioso ser, feito à imagem do Criador, resplandecia o selo do eterno domínio. Após revelar ao casal a infinita honra e responsabilidade de sua missão, o Criador conscientizou-o do conflito espiritual que se travava pela conquista do domínio universal: Lúcifer, que por incontáveis eras servira ao divino Rei em Sião, havia sido corrompido pelo orgulho e pelo egoísmo, sendo seguido por um terço das hostes racionais; buscavam agora destronar o Eterno, desonrando-O com vis acusações. Tendo revelado ao ser humano a dolorosa situação em que o Universo se encontrava, o Eterno, num gesto solene, mostrou-lhe duas altaneiras árvores que, carregadas de grandes frutos, se erguiam em ambas as margens do rio que nascia do trono. A que se elevava à direita revelou o Senhor ser a árvore da vida monumento do reino da luz. A que

se erguia à outra margem revelou ser a árvore da ciência do bem e do mal - símbolo da rebeldia. Comendo do fruto da árvore da vida, o homem manifestaria sua submissão ao Criador, que é Fonte de vida e luz. Comer da outra árvore seria entregar ao inimigo o domínio de Sião. O inevitável resultado desse passo seria a morte eterna, não somente para o ser humano, mas para toda a criação, que se reduziria ao caos sob a fúria da rebeldia. Após contemplar demoradamente as duas altaneiras árvores, que externavam em seus frutos tão infinita responsabilidade, Adão prostrou-se ante o Criador, dizendo: "Digno és Senhor de reinar sobre o Universo, pois pela Tua sabedoria, amor e poder todas as coisas foram criadas e subsistem." O sábado, emblema do triunfo divino, encheu-se de louvor. Todos os filhos da luz uniram-se ao ser humano no mais harmonioso cântico de exaltação Àquele cuja grandeza é sem par. Foi com espanto que Satã e seus seguidores testemunharam a grandiosa realização do Eterno. Presenciaram com amargura a alegria dos fiéis ante a coroação do homem- acontecimento que lançara por terra as fortes acusações que eles haviam levantado contra o governo divino. Cheios de frustração e ira, consideravam agora sua triste condição. Quão terrível e humilhante era-lhes o pensamento de verem seus planos de rebeldia desfazerem-se diante do Criador, semelhantes às sombras daquela noite. Se pudessem, pensavam, encheriam o sábado de trevas, banindo da mente dos súditos do Eterno qualquer esperança de vitória. Finalmente, em suas considerações, Satã e seus liderados compreenderam que lhes restava uma oportunidade: no meio do jardim do Éden, nas alturas de Sião, elevava-se, junto ao rio da vida, a árvore da ciência do bem e do mal. Bastaria um gesto humano, nada mais, e teriam sob seu poder, para sempre, o domínio cobiçado. Mas como seduzi-lo? Animado ante a perspectiva de uma conquista, Satã procurou, com engenhosidade, arquitetar um plano de abordagem. Sabia que, se falhasse em sua tentativa, todas as esperanças de triunfo ter-se-iam diluído, desfazendo-se todos os seus sonhos de aventura. Concluiu que o engano haveria de ser sua poderosa arma. Não fora através dele que conseguira dominar um terço das hostes celestes?! Aguardaria, portanto, um momento propício para armar sua cilada.

Capitulo IV

No Éden pairava a doce calma de uma perfeita paz. Por todos os lados os amáveis passarinhos faziam ouvir seus alegres trinos em louvor constante ao Criador. Toda a natureza a florir parecia proclamar um reino de eterna alegria. Os animais em união brincavam por toda parte, sempre submissos ao homem, o senhor daquele paraíso encantador. Tudo era felicidade para o casal; mas esta tornava-se mais intensa na viração daqueles dias primaveris. O arrebol, que com sua beleza coloria o céu prenunciando as escuras noites, anunciava-lhes também o momento da visita diária do Eterno. Juntos, sob a luz de Sua presença, passavam longo tempo em feliz conversação. Com ânimo, o casal contava ao Senhor as surpreendentes maravilhas que iam descobrindo a cada dia na natureza. D-us, com carinho, descerrava-lhes o significado de cada ser. Como ficavam gratos pelas lindas lições aprendidas a Seus pés! A cada dia que passava, maior era o amor, o respeito e a admiração pelo grandioso Criador. Como Ele fora bom, trazendo-os à existência e concedendo-lhes um lar tão cheio de delícias! Ao despertarem para as alegrias de cada dia, vinham-lhes à lembrança as carícias e o doce canto do Eterno, que os fazia adormecer todas as noites. A vida de Adão e Eva no Éden não era de ociosidade. A eles foi recomendado o cuidado do jardim. Sua ocupação não era cansativa, ao contrário, era agradável e revigorante. O Criador indicara o trabalho como uma fonte de benefícios para o homem, a fim de ocupar-lhe a mente e fortalecer-lhe o corpo, desenvolvendo-lhe todas as faculdades. Na atividade mental e física, o homem encontrava um elevado prazer. Era comum ao jovem casal receber visitas de seres celestes. Aos visitantes sempre tinham novidades a relatar e perguntas a fazer. Passavam longo tempo ouvindo deles sobre as maravilhas do reino de luz. Através desses visitantes, Adão e Eva passaram a ter amplo conhecimento da rebelião de Lúcifer e de suas eternas conseqüências. Aos visitantes, Adão e Eva sempre pediam que lhes ensinassem os harmoniosos cânticos celestiais. Como se deleitavam ao unirem as vozes ao coro angelical! Em Sua onisciência, D-us tinha conhecimento do terrível intento do inimigo. Convocando as Suas hostes principais, revelou-lhes com pesar o iminente perigo que pairava sobre o Universo. Satã haveria de armar uma cilada, a fim de levar o homem a comer da árvore da ciência do bem e do mal. Ante essa revelação, os filhos da luz ficaram temerosos, pois conheciam a tremenda facilidade de Satã em enlaçar criaturas inocentes e atirá-las em suas malhas de morte. No solene concílio, decidiram enviar, com urgência, mensageiros para advertirem o homem do grande perigo. Dois poderosos anjos foram encarregados dessa decisiva missão. Imediatamente, os mensageiros comissionados irromperam pelos portais de Jerusalém, alcançando o seio do espaço infinito. Em instantes, transpuseram imensidões, cruzando galáxias no percurso. Penetraram no túnel da constelação de Orion, aproximando-se do novo sistema. Podiam agora divisar a pouca distância o planeta azul, onde o destino do Universo estava para ser decidido. No Éden, havia descontração. O jovem casal continuava em suas inocentes atividades, desfrutando o prazer de um viver feliz. Longe estavam de pensar que naquele momento todo o todos os filhos da luz estavam tensos, pensando em seu futuro ameaçado. Viram então no límpido céu o sinal da aproximação dos visitantes celestes e a eles ergueram os braços numa alegre saudação. Adão e Eva admiraram-se, porém, por não verem no semblante deles a mesma alegria.

Os visitantes traziam na face uma expressão de anseio que eles não podiam entender. Tentaram mudar-lhes a triste feição, contando-lhes as novas descobertas feitas no paraíso. Os mensageiros, todavia, não tendo tempo disponível como outrora, interromperam-nos com palavras de advertência. Satã haveria de armar-lhes uma cilada, a fim de levá-los a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se dessem ouvi dos à tentação, fariam sucumbir toda a criação no abismo de um eterno caos. Os anjos lembraram-lhes que o reino lhes fora confiado como um sagrado depósito, devendo, em uma vida de fidelidade, honrar Aquele que por amor esvaziou-Se, colocando-Se numa posição de hóspede do ser humano. Adão e Eva deveriam ser firmes ante as insinuações do inimigo, pois assim selariam a eterna vitória do reino da luz. Falando-lhes da feliz recompensa que se seguiria ao seu triunfo, os anjos revelaram que era plano de D-us a transferência de Jerusalém Celeste para a Terra. Ali, novamente acoplada ao paraíso, permaneceria para sempre. E o homem, submisso ao Criador, reinaria pelos séculos sem fim sobre o monte Sião, em meio aos louvores das hostes universais. Mas tudo isso dependia inteiramente do posicionamento humano frente às tentações do inimigo, que faria de tudo para arrebatar-lhe o reino. Adão e Eva ficaram temerosos ao conhecerem os planos de Satã, mas foram consolados ao saberiam que ele não poderia fazer-lhes nenhum mal, forçando-os a comer do fruto proibido. Se, porventura, procurasse intimidá-los com seu poder, todas as hostes do Eterno viriam em seu socorro. Os mensageiros da luz concluíram sua missão recomendando ao casal permanecerem vigilantes, tendo sempre em mente a responsabilidade que sobre eles repousava. Não deveriam separar-se um do outro, nem por um momento sequer, pois a sós poderiam ser seduzidos. Adão e Eva, agradecidos pelas advertências dos anjos, uniram as vozes num cântico de promessa em uma eterna vitória. Estavam certos de que jamais abandonariam o bendito Criador, ouvindo a voz do tentador. Animados ante a promessa humana, os dois mensageiros retornaram ao seio da Jerusalém Celeste onde, junto às hostes santas, aguardariam com anseio o anelado triunfo. Satã viu aproximarem-se do paraíso os mensageiros e ouviu o canto do homem prometendo uma eterna vitória. Esse cântico fez com que sua inveja e ódio aumentassem de tal maneira que não os pôde conter. Disse então a seus seguidores que em breve faria silenciar aquela voz irritante. Faria tudo para transformar o louvor humano em blasfêmias ao Criador. As hostes rebeldes ficaram curiosas para conhecer os planos de seu chefe, mas foram por ele advertidas de que deveriam aguardar até que tudo ficasse para sempre decidido. Se o homem ouvisse sua voz, comendo do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, seria vitorioso, possuindo para sempre o domínio do Universo. Caso o homem resistisse, permanecendo fiel ao Criador, já não haveria qualquer esperança para eles. O paraíso parecia estar envolvido por uma eterna segurança, mas no semblante do homem podia ser vista uma expressão de temor. Desde a partida dos anjos, Adão e Eva permaneciam silenciosos, meditando com reverência sobre a tremenda responsabilidade de sua missão. Pensavam na seriedade daquela iminente prova que haveria de selar o seu futuro e o de toda a Criação. Animados, contudo, ante o pensamento da vitória, uniram mais uma vez as vozes num cântico que expressava a certeza do triunfo anelado. Essa melodia baniu de suas mentes todo o medo de derrota e, alegres, correram pelos prados verdejantes, acompanhados pelos fogosos animais que pareciam comemorar a grande conquista. Sentiam-se seguros em seu paraíso, totalmente esquecidos do perigo de um possível assalto. Satã, que observava atentamente o casal, percebeu estar chegando a sua oportunidade. Aproximou-se de forma invisível do paraíso, e ficou esperando o melhor momento para armar sua cilada. Inconsciente da presença do inimigo, o casal continuava em sua desprendida alegria, brincando despreocupadamente com os animais. No semblante transtornado de Satã estampou-se um maldoso sorriso, ao presenciar um descuido do casal: em sua exaltação, haviam deixado de atender a última recomendação dos mensageiros, afastando-se um do outro. O astuto inimigo, não perdendo tempo, apossou-se de uma serpente, a mais bela do paraíso, fazendo-a aproximar-se graciosamente de Eva. Eva, que assentada no gramado brincava com os animais, percebeu a presença da atraente serpente, cujo corpo refletia as cores do arco-íris. Ficou admirada ao vê-la colher flores e frutos do jardim, depositando-os a seus pés. Agradecida, tomou-a nos braços, dedicando-lhe afeto. Tendo conquistado a afeição da mulher, Satã, em sua astúcia, começou a atraí-la para junto da árvore da ciência do bem e do mal. Sem se dar conta do perigo, Eva acompanhou a serpente até a árvore da prova. Ali, tendo nos braços o inimigo velado, acariciou-o e disse-lhe palavras de carinho. Tendo nos olhos o brilho da sedução, a serpente pôs-se a falar. Suas palavras eram cheias de sabedoria e ternura e sua voz como a de um anjo. Eva mal pôde crer no que via. Sua alegria tornou-se imensa por ter nos braços uma criatura tão fantástica. Passaram a conversar sobre muitas coisas: o amor; as belezas do jardim; o poder do Criador. Eva ficou admirada ante o conhecimento tão vasto da serpente, que discorria com maestria sobre qualquer assunto. Envolvida por essa experiência, Eva esqueceu-se completamente de seu companheiro. Nem sequer passavam pela sua mente as advertências dos anjos. Adão, inteiramente esquecido dos conselhos dos mensageiros celestes, havia se afastado na companhia de alguns animais. Depois de certo tempo, sobreveio com ímpeto em sua mente a lembrança das advertências recebidas. Soaram em seus ouvidos com clareza as últimas palavras proferidas pelos anjos: "Não se afastem um do outro... Não se separem nem por um instante,

pois é perigoso." O seu coração pulsou forte por não ver Eva a seu lado. Ergueu então a voz num grito ansioso. Sua voz, ao ecoar pelas abóbadas do paraíso, contudo, não trouxe consigo uma resposta. O silêncio quase o sufocou. Em sua aflição pôs-se a correr de um lado para outro, procurando-a, em vão. Nessa ansiosa busca, sentiu a brisa afagar-lhe os cabelos e recordou seu primeiro sonho. Essa lembrança, no entanto, desfez-se ante o pensamento do perigo que os ameaçava. Com a mente tomada por um grande senso de culpa, Adão apressou o passo na aflitiva procura. Onde estaria a sua amada? A envolveria a tempo em seus braços, livrando-a de cair? Mais uma vez ergueu a voz num grito ansioso que repercutiu por todo jardim: "Eva, onde você se encontra?" Aguardou uma resposta, mas ouviu somente um eco vazio que o desesperou. Lembrou-se da árvore da ciência do bem e do mal; ali era o único lugar em que sua companheira poderia ser iludida. Esperando obstruir a única oportunidade do inimigo, avançou em direção ao lugar da prova. Seu coração pulsou forte ao contemplar ao longe a copa da árvore proibida. Com a serpente em seus braços, Eva interrogou-a a respeito de muita coisa. Maravilhou-se ao perceber que a serpente a sobrepujava grandemente em conhecimento. Cheia de curiosidade, perguntou à serpente: - Onde está a fonte de seu tão grande saber? Responda-me, pois quero também possuí-la. Sem perder tempo, Satã, apontando para a árvore da ciência do bem e do mal, respondeu: - Ali está a fonte de todo meu saber. Ele conta então uma mentirosa história: disse que era uma serpente como as demais, comendo dos frutos do paraíso. Provando certo dia daquele fruto proibido, recebeu, como que por encanto, todas as virtudes. Olhando para a árvore da ciência do bem e do mal, Eva ficou surpresa e confusa. Privaria o Criador em seu amor algo tão bom às suas criaturas?! Vendo-a surpresa, Satã perguntou: - É assim que D-us disse: Não comereis de todas as árvores do jardim? Eva, inquieta, respondeu: - Dos frutos das árvores do jardim comemos, mas do fruto dessa árvore que você diz ser fonte de sabedoria, disse D-us: "Não comereis dele, para que não morrais." A serpente em tom de desdém disse: - Isso é falso. Se fosse assim, eu teria morrido. Certamente o Eterno os proibiu de comer dessa árvore para impedir que o homem venha a se tomar como Ele, conhecendo todas as coisas. As palavras sedutoras da serpente causaram confusão na mente de Eva. Em quem confiaria? Tinha em mente a lembrança da ordem do Criador e de sua sentença, mas ao mesmo tempo tinha diante de si uma prova palpável que O contradizia. Atordoada, começou a duvidar do caráter do Eterno. Num desafio, a serpente colheu frutos da árvore proibida e passou a saboreá-los. Colocando um fruto nas mãos da mulher, incentivou-a a comer, dizendo: - Não disse o Eterno que se alguém tocasse nesse fruto morreria? Um completo silêncio pairava sobre o Universo. Em cada planeta habitado, os filhos da luz contemplavam impotentes aquela angustiante cena. O futuro deles estava em jogo. Em Jerusalém havia grande comoção. Poderosos anjos apresentaram-se diante do Criador, solicitando permissão para esmagarem o covarde inimigo, oculto naquela serpente. O Eterno, contudo, impediu-lhes tal ação. Se o uso da força fosse a solução, já o teria aplicado. Deviam respeitar o livre-arbítrio concedido ao homem, podendo ele manifestar sua escolha sob a tentação do inimigo. Os filhos da luz sofriam imensamente ao verem a mulher duvidando dAquele que tão bondosamente lhes dera a vida e a oportunidade de reinarem naquele paraíso. Como poderia duvidar de quem lhes dedicava tanto amor?! Adão, que numa forte esperança de assegurar a acalentada vitória apressava-se em sua corrida, contemplou ao longe sua amada, assentada junto à árvore da prova. O que fazia Eva naquele lugar tão perigoso?! Um pressentimento horrível lhe sobreveio, ao lembrar-se mais uma vez das advertências recebidas, mas procurou bani-lo como pensamento de que alcançaria sua esposa antes que algum mal lhe ocorresse. Eva vacilava em sua convicção ao contemplar o fruto em suas mãos. Por alguns momentos o futuro pareceu-lhe sombrio e aterrador, mas venceu esse sentimento, pensando nas glórias que haveria de conquistar ao comer aquele fruto. Ainda um tanto indecisa, ergueu vagarosamente as mãos até tocar o fruto com os lábios. Os súditos do reino da luz, estremecidos, inclinaram-se tomados por grande espanto. Parecia quase impossível, àquela altura, a mulher voltar atrás. Enquanto pálidos os fiéis indagavam sobre uma possível esperança, presenciaram com horror a terrível decisão de Eva: resolvera romper para sempre com o Criador, tornando-se cativa da morte. O Eterno, que em silente dor contemplava aquela cena de rebelião, curvou a fronte tendo a face banhada de lágrimas. Não podia suportar a dor daquela separação. Os fiéis, que em pânico julgavam-se vencidos, foram conscientizados de que nem tudo estava perdido. Se Adão resistisse à tentação, permanecendo fiel ao Eterno, ele selaria a grande vitória. Eva, que fora vítima de um engano, poderia ser conscientizada de seu erro, sendo favorecida com o perdão divino. Quando Adão em sua angustiosa corrida alcançou o lugar da provação, já era tarde demais. Assentada junto ao rio, Eva saboreava despreocupadamente o fruto proibido. Adão estremeceu. Seria mesmo o fruto da prova? Num gesto de esperança olhou para a árvore da ciência do bem e do mal, mas em pranto reconheceu a triste condenação. Cheio de tristeza contemplou sua esposa, mas não encontrou palavras para despertá-la para tão amarga realidade. Em completo desespero, ergueu a voz numa dolorosa exclamação: "Eva, Eva, o que você está fazendo!" Ao comer do fruto proibido, a mulher foi tomada por emoções que a fizeram imaginar haver alcançado uma esfera superior de vida. Ao ouvir a voz de seu esposo, ainda tomada pelas ilusórias emoções, ergueu a fronte estampando um sorriso, mas surpreendeu-se ao vê-lo chorando. Com profunda amargura,

Adão procurou saber a razão que a levara a rebelar-se contra o Eterno. Eva, prontamente, passou a contar-lhe a fantástica história da sábia serpente. Satã sabia que essa história de serpente jamais convenceria o homem a comer do fruto da árvore proibida. Precisava encontrar uma maneira sutil de levá-lo a selar sua sorte seguindo os passos de sua esposa. Tendo Eva sob seu poder, resolveu fazer dela o objeto tentador. Aguardaria o momento oportuno para enlaça-lo. No dia em que dela comerdes, certamente morrereis. A lembrança desta sentença deixava Adão muito aflito. A expectativa de ver sua amada perecendo em seus braços, era demais para suportar. Esta aflição, contudo, foi diminuindo, ao ver que ela continuava feliz e carinhosa ao seu lado, como se nenhum mal lhe houvesse acontecido. Aliviado, Adão voltou a sorrir, correspondendo aos afetos de sua companheira. Rendia-se às mais doces emoções, longe de saber que era o inimigo quem o envolvia naqueles abraços. Nesse momento de enlevo, Eva começou a falar-lhe de sua experiência com a ciência do bem e do mal. Falou-lhe dos tesouros da sabedoria que lhe haviam sido abertos. Em seu novo reino, viveria muito feliz. Entretanto, essa felicidade seria incompleta sem a participação de seu esposo. Falou-lhe da impossibilidade de retroceder em seus passos, e insistiu para que ele a seguisse. Depois de falar-lhe de sua decisão, Eva, com um doce sorriso, estendeu-lhe as mãos contendo um fruto, pedindo-lhe que o comesse numa demonstração de seu amor por ela. Com a voz tentadora em seus ouvidos, Adão assentou-se no gramado em profunda reflexão. Sua face tornou-se novamente pálida e suas mãos trêmulas. Temia rebelar-se contra o Criador, mas ao mesmo tempo compreendia que não conseguiria viver separado de sua companheira, a quem amava com infinito amor. Eva era carne de sua carne, a extensão de seu ser. Sentia-se angustiado ao ter de tomar uma decisão tão séria. A palidez do rosto de Adão refletiu-se no semblante de todos os fiéis ao Eterno. Ouviram a insinuação do inimigo e perceberam com horror a vacilação do homem. A indecisão de Adão deixava-os desesperados. Obedecesse ele àquela proposta de Satã, toda felicidade seria eternamente banida. Nas decisões do ser humano estava o destino de todo o Universo. Atenderia ele ao apelo de Satã? Depois de intensa luta íntima, Adão olhou para sua companheira; a ela unira-se em promessas de uma eterna entrega. Não a deixaria só agora. Partilharia com ela os resultados da rebelião. Tomou então das mãos de Eva um fruto e, num gesto apressado, levou-o à boca. Procurando abafar a voz de sua consciência, que lhe falava de uma eterna perdição, Adão lançou-se nos braços de sua esposa, desfrutando o alto preço de sua rebelião. Satã, com brados de triunfo, deixou o paraíso, voando rapidamente para junto de suas inumeráveis hostes, que aguardavam ansiosas o resultado de tão arriscada tentativa. Ao saberem da desgraça humana, uniram-se numa estrondosa festa. Sentiam-se seguros. Sião agora lhes pertencia por direito, podendo lá estabelecer um reino eterno, jamais sendo molestados pelas leis do Eterno. Em todo o Universo os filhos da luz sofriam e pranteavam a derrota. Nunca houvera tanta tristeza e horror ante o futuro. As vozes que viviam a entoar louvores ao Criador proferiam agora lamentações. O Eterno, que vencido por infinita dor prostrara - Se em pranto ante a queda do homem, não fora, contudo, surpreendido. Antes mesmo de criar o Universo já havia previsto esse triunfo da rebeldia e, em Sua sabedoria e amor, idealizara um plano de resgate que O envolveria num imenso sacrifício. Enxugando as lágrimas de Seu pranto, pôs-Se a agir poderosamente em favor de Seus fiéis aflitos, impedindo-os de caírem nas mãos dos inimigos. Nessa misteriosa intervenção que aparentemente depunha contra a justiça, o Eterno ordenou que Seus mais poderosos anjos circundassem imediatamente o jardim do Éden, impedindo que Satã tomasse posse do monte Sião. Consoladas ante a manifestação divina, as potentes criaturas, em pronta obediência, romperam o espaço infinito, circundando em instantes o paraíso, no seio do qual o ser humano, já transtornado pelo pecado, vivia o negror de uma noite que seria longa e cruel. Sendo a autoridade do Eterno fundamentada na justiça, de que maneira poderia justificar Suas ações diante dos inimigos? Não entregara por Sua vontade o reino ao homem, e esse por livre escolha não o submetera a Satã? Enquanto surpresas as criaturas racionais consideravam as ações decisivas de D-us, ouviram Sua potente voz que, repercutindo por toda a criação, trazia a revelação do grande mistério - revelação tão maravilhosa que a partir daquele momento, por toda a eternidade, ocuparia a mente dos fiéis, sendo tema para as mais doces meditações. O Eterno falou primeiramente sobre a terrível condenação que pendia sobre o homem e toda a criação. Disse que, ao se desligar da Fonte da Vida, o homem havia se precipitado em tão profundo abismo que não poderia ser alcançado pelo Seu braço de justiça e poder. Humilhado e torturado pelas garras do inimigo, não restava ao homem outra sorte além da morte - fruto doloroso de sua espontânea rebelião. Considerando a situação humana, as hostes da luz não viam possibilidades de triunfo. Sabiam que só o homem poderia retomar o domínio do inimigo, devolvendo-o ao Criador. Mas o ser humano, eternamente escravizado em sua natureza, seria incapaz de tal vitória. Com voz melodiosa e cheia de ternura, D-us revelou o plano da redenção, dizendo: "Na verdade, o homem colherá o fruto de sua rebelião numa terrível morte. Não posso, com o meu poder, mudar-lhe a sorte. Se assim agisse, seria injusto diante de meu decreto. Mas farei cair toda a condenação sobre um Substituto que surgirá na descendência humana. Esse Homem não trará em suas mãos as algemas da morte, sendo inocente e incontaminado em Sua natureza. Como representante da raça humana, enfrentará Satã e o vencerá. Após triunfar nessa batalha, provando

que o amor é mais forte que o egoísmo, que a verdade é mais forte que a mentira, que a humildade é mais poderosa que o orgulho, o fiel Substituto erguerá as mãos vitoriosas não para saudar a grande conquista, mas para tomar das mãos da humanidade escravizada a taça de sua condenação. Sorverá assim, submisso, o cálice da eterna morte. Esse imenso sacrifício abrirá aos seres humanos uma oportunidade de serem redimidos, voltando aos braços do Criador, juntamente com o domínio perdido." As hostes, surpresas ante a revelação do Eterno, indagaram a identidade d'Esse Substituto. O Criador, com um sorriso amoroso, disse-lhes: "Eu serei esse Homem. O Meu Espírito repousará sobre uma virgem, e nela será gerado um Filho Santo. Esse menino será divino e humano. Em sua humanidade, ele será submisso à divindade que n'Ele habitará. Os remidos verão n'Ele o Pai da Eternidade, o Criador e Redentor, o Rei dos reis. O Seu nome será Yoshua (nome hebraico que traduzido significa o Eterno salva)." Assumindo a natureza humana, D-us poderia pagar o alto preço do resgate, morrendo em lugar dos pecadores. As hostes da luz ficaram emudecidas ao conhecer o plano do Criador. O pensamento de verem-nO submeter-Se a tão penoso sacrifício, a fim de redimir o domínio perdido, era demais para suportarem. Não havia, contudo, outra esperança de vitória, a não ser através dessa amorosa entrega. Após desfrutar o alto preço do pecado, o jovem casal sentiu-se mal. Inicialmente sentiram um grande vazio no coração, que logo foi preenchido pelo remorso e pela tristeza. Perceberam que, inspirados pela cobiça, haviam selado sua triste sorte e a de toda a criação. Parecia-lhes ouvir ao longe o gemido de um Universo vencido. O sol, que os enchera de vida e calor naquele dia, ocultava-se no horizonte, anunciando-lhes uma negra noite. O arrebol, que até ali anunciara-lhes o feliz encontro com o Criador, parecia envolve-los numa sentença de que jamais despertariam para um novo dia. Não ousavam sequer olhar para cima, temendo ver cair sobre eles o raio do juízo que os reduziria a pó. Com o olhar voltado para o frio solo, vinha-lhes à lembrança a sentença: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis." Desesperadas lágrimas rolavam em seus rostos ao aguardarem o trágico fim. Ao considerar o motivo de sua rebelião, Adão começou a recriminar sua esposa por ter dado ouvidos à serpente. Eva, por sua vez, procurando desculpar-se, lançou a culpa sobre o Criador, dizendo: "Por que o Eterno permitiu que a serpente me enganasse?!" O amor que reinava no coração humano desaparecia, dando lugar ao orgulho e ao egoísmo, que se fundiam em ressentimentos e ódio. Sua natureza já não era pura e santa, mas corrompida e cheia de rebeldia. Tudo estava mudado. Mesmo a brisa mansa que até ali os havia banhado em carícias refrescantes, enregelava agora o culposo par. As árvores e os canteiros floridos, que eram seu deleite, consistiam agora em empecilhos ao caminharem sem rumo naquela noite. O propósito de Satã em encher o sábado de trevas parecia haver se cumprido. Naquela noite, não existia sequer o reflexo prateado do luar para falar-lhes de esperança. As estrelas cintilantes, suspensas no escuro céu, estavam ofuscadas pela dor. Baixavam sobre o mundo as trevas de uma longa noite de pecado - sombras sob as quais tantos se arrastariam sem esperança de um alvorecer. A noite já ia alta e as trevas pareciam envolver o triste casal em eternas sombras. Nem sequer cogitavam em suas poucas palavras, sufocadas pela agonia, de um alvorecer. Cabisbaixo, tateavam daqui para ali, na expectativa do juízo iminente, que os reduziria ao frio pó, esquecido sob aquelas trevas sem fim. Surgiu repentinamente um brilho no céu, que ia aumentando à medida que se aproximava da Terra. O casal estremeceu, pois sabia que era o Criador que vinha dar-lhes o castigo. Vencidos pelo pânico, puseram-se a correr, distanciando-se do monte Sião, o lugar da vergonhosa queda. Justamente para ali viram o Criador dirigir-Se. Eles, que sempre corriam ao encontro do amoroso Pai, atraídos por Sua luz, fugiam agora desesperados em busca de lugares escuros, de densa floresta. O Eterno, movido por infinito amor, passou a seguir os passos do casal fugitivo. Enquanto caminhava, chorava ao lembrar os momentos felizes que havia passado junto a eles naquele paraíso. Como tudo se transformara! Seus filhos não conseguiam mais ver n'Ele um Pai de amor, mas alguém que, irado, buscava castigá-los. Movido por forte anseio de abraçar Seus filhos humanos, D-us fez ecoar a voz numa indagação: "Adão, onde vocês se encontram?" Sua voz, ao soar em meio às trevas, trazia consigo somente um eco vazio que falava de ingratidão e rebeldia. Como desejava envolver o casal num ardoroso abraço, e com palavras de carinho confessar-lhe que Seu amor era o mesmo! Ao ver Seus filhos fugindo de Sua presença, o Eterno foi tomado de grande dor. Ante Seu olhar mareado de lágrimas, estendia-se o futuro da raça humana. Quantos, enganados por Satã, fugiriam de Sua presença no decorrer da longa noite de pecado, julgando-No um Senhor tirano, que vive buscando falhas e fraquezas nos pecadores, a fim de castigá-los! O Criador, todavia, não desistiria de procurá4os pelos vales sombrios do reino da morte, até conquistar um povo arrependido. Adão e Eva, exaustos pela pressurosa fuga, esconderam-se por entre a folhagem de um pé de figueira. Reconhecendo sua nudez, procuraram fazer aventais cosendo aquelas folhas. Vestidos assim, julgaram poder livrar-se do sentimento de vergonha ante o Criador. O Eterno, aproximando-Se do local onde o casal se escondia, perguntou:
- Adão, onde estão vocês? Não podendo mais se ocultar de D-us, Adão ergueu-se juntamente com sua companheira e, cabisbaixos, apresentaram-se ao Criador, prostrando-se trêmulos a Seus pés. Não conseguiram encará-Lo mais, devido ao senso de culpa. O Criador, carinhosamente, tomou-os pelas mãos, erguendo-os do chão, e, com expressão de tristeza no semblante,

perguntou-lhes: - Por que vocês fugiram de Mim? Acaso comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal? Adão, todo trêmulo, com voz entrecortada por soluços de temor, respondeu: - A mulher que me deste por companheira, ela deu-me o fruto e eu comi. Com esta resposta, Adão procurava desculpar-se, lançando a culpa sobre sua esposa. Voltando-Se para Eva, o Eterno indagou-lhe: - Por que você fez isso? Eva prontamente respondeu-Lhe: - Aquela serpente me enganou e eu comi. Ambos não queriam reconhecer a culpa, lançando-a sobre outrem. Em suma, atribuíam ao Criador a responsabilidade por todo o mal praticado: "Por que concedera-lhes o livre-arbítrio? Por que criara a mulher? Por que criara a serpente?" Silente, D-us observava Seus filhos que, tímidos e desconcertados, permaneciam diante de Si. Com profunda tristeza, Ele previu que essa seria a experiência de incontáveis seres humanos no decorrer da história. Quantos haveriam de se perder por não reconhecerem a própria culpa! Quantos procurariam justificar-se, lançando seus erros sobre os outros e até mesmo sobre o Criador! Com palavras brandas, o Eterno procurou fazê-los reconhecer sua culpa. Somente reconhecendo sua necessidade, poderiam ser ajudados. Olhando para as frágeis vestes tecidas por mãos pecadoras, disse ao casal: - Filhos, essas vestes são insuficientes, logo secando se desfarão. Vocês precisam de vestes duradouras, que possam cobrir vossa nudez, livrando-vos da condenação. Se vocês quiserem, Eu posso dar-lhes essa veste. Ante as palavras bondosas do Criador, que traziam esperança, o casal prostrou-se arrependido, despindo-se de suas ilusórias vestes, símbolos de seu fracasso. Almejavam agora as vestes da salvação, prometidas pelo divino Pai.

Capitulo V

Depois de contemplar Seus filhos que, arrependidos, jaziam a Seus pés, o Eterno tomou-os carinhosamente pelas mãos e os levantou. Alegrava-Se em poder revelar ao homem caído o plano da redenção. Com ternura, D-us passou a descerrar-lhes primeiramente os amargos resultados de sua queda, dizendo: "Filhos, vocês selaram o destino de toda a criação nas garras da morte. A desarmonia já permeia a natureza, procurando destruir nela todas as virtudes. O abismo no qual vocês imergiram pela desobediência é por demais profundo para que possam ser alcançados pelo meu poderoso braço. Assim, desligado da Fonte da Vida, não resta mais ao ser humano outra sorte além da morte." Depois de proferir estas palavras que revelavam uma triste sorte, o Eterno convidou o casal a segui-Lo. Cabisbaixos, Adão e Eva, em pranto, seguiram o Criador em Seus passos de justiça, que encaminhavam-nos ao lugar da vergonhosa queda, onde supunham encontrar o doloroso fim. Nessa dolorosa caminhada, soluçaram ao lembrar seu passado de glória desfeito pela ingratidão. Como doía-lhes na alma a terrível expectativa de serem reduzidos, juntamente com a criação, a frias cinzas sob a escuridão daquela noite de pecado! Enquanto caminhavam, contemplavam através das lágrimas as belezas adormecidas banhadas pela luz de D-us. Viam os inocentes animais, que não tinham consciência da grande dor Subitamente, o casal se deteve, vencido por intenso pranto; seus vacilantes passos os haviam levado para junto de um cordeiro, o animalzinho mais querido. Seus olhinhos de meiguice haveriam também de se apagar?! Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno ordenou-lhes tomar nos braços o inocente cordeiro. Envolvendo-o junto ao peito, acompanharam silentes os passos do Criador, até alcançarem o topo do monte Sião, lugar da vergonhosa queda. Contemplando ali os restos dos rubros frutos, com ímpeto lhes veio à mente a lembrança da sentença divina: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis." O terrível momento chegara. O homem culpado deveria sorver o amargo cálice da morte, sucumbindo sem esperança. Consciente de sua perdição, o casal percebeu, com horror, que as mãos que os trouxeram para a vida empunhavam agora um cutelo pontiagudo de pedra. Trêmulos, prostraram-se e esperaram pelo cumprimento da justa sentença. Enquanto emudecidos pelo medo, Adão e Eva aguardavam o golpe que os reduziria a pó, sentiram o toque macio das mãos divinas que os erguiam para uma nova vida. A condenação, contudo, haveria de recair sobre um substituto. Colocando nas mãos de Adão o cutelo, o Criador lhe disse: - O cordeiro morrerá em lugar de vocês. Adão deveria sacrificá-lo. Assustado ante a ordem de D-us, o casal, em pranto, pôs-se a clamar: - Senhor, o cordeirinho não, ele é inocente! Com expressão de justiça, o Eterno acrescentou: - Se ele não morrer, vocês não poderão ter as vestes das quais falei. Ante a insistência do Criador, Adão, todo tremulo, num esforço doloroso, cravou no peito do cordeirinho aquela aguda pedra. O golpe foi fatal, e o animalzinho, vertendo seu precioso sangue, mergulhou nas trevas de uma noite sem fim. Contemplando o cordeirinho inerte sobre a relva ensangüentada, o casal ergueu a voz e chorou. Começavam a compreender a enormidade de sua tragédia. Quão terrível era a morte! Ela, em seu poder, apagara toda a luz dos olhos do inocente animal. Inclinando-Se silente sobre o corpo inerte do cordeiro, o Eterno tirou-lhe a pele revestida de branca lã e com ela fez túnicas para cobrir a nudez do casal. Após vesti-los perguntou-lhes com carinho: - Vocês entenderam o sentido de tudo isto? Em profunda reflexão, por entre soluços de reconhecimento e gratidão, o casal exclamou: - Ele morreu em nosso lugar, para dar-nos suas vestes! Adão e Eva, embora compreendessem aquela realidade física, estavam longe de entender o significado daquele acontecimento. A eles o Criador revelaria o mistério do divino amor. Com expressão de infinita misericórdia, D-us passou a revelar ao ser humano o sentido daquele doloroso sacrifício, dizendo: O inocente cordeirinho, que hoje

padeceu, simboliza um homem que haverá de nascer. Em seus olhos haverá a mesma meiguice, o mesmo amor. Revestido por uma vida justa, como a branca lã que cobria o cordeiro, esse homem crescerá como um renovo sobre a Terra, não tendo nas mãos as algemas do pecado. Em sua aparência, esse homem não trará a pompa de um rei, por isso será desprezado por muitos. Será um homem de dores, pois cairá sobre si o peso de todas as provações. Em sua fidelidade ao reino da luz, esse homem lutará contra o inimigo usurpador, vencendo-o finalmente. Após triunfar em suas lutas, tomará sobre si o fardo de vossa condenação que lhe causará uma terrível morte. Ele será traspassado por causa da vossa rebelião e moído pelas vossas iniqüidades. Será oprimido e humilhado, mas não abrirá a sua boca, como o cordeirinho que hoje entregou-se pacificamente. Sucumbindo na morte, ele vos concederá os méritos de sua vitória. Envolvidos por suas vestes de justiça, estareis livres da condenação. A vida eterna alcançareis assim, mediante o sacrifício desse homem justo que haverá de nascer. Adão e Eva, que num misto de gratidão e dor ouviram a revelação de tão grande salvação, indagaram reverentes a respeito desse homem especial que em sua descendência haveria de surgir, a fim de cumprir tão imenso sacrifício. O Criador, olhando-os ternamente, movido por um amor que supera mesmo a morte, os envolveu num carinhoso abraço e revelou: - Eu serei esse Homem! Surpresos ante a declaração do Eterno, Adão e Eva ficaram imóveis, enquanto contemplavam o Seu meigo semblante. Compreendendo o significado do tremendo sacrifício, prostraram-se a Seus pés e com lágrimas clamaram: - Nós somos merecedores da morte Senhor, mas Tu és inocente e não deves sofrer em nosso lugar! Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno com ternura lhes falou: - Meus filhos, Eu os amo com um eterno amor. Eu morrerei em lugar de vocês. Ante esta confirmação, o casal ergueu a voz numa lamentação dolorosa. Diziam: - Nós matamos o Criador! Nós matamos o Criador! Mas D-us passou a consolar o casal com palavras de esperança, dizendo: - Após sorver o cálice da eterna morte, Eu retomarei a vida e subirei ao céu. Intercederei ali pelo homem perdido, concedendo a todos aqueles que, arrependidos, aceitarem meu sacrifício, as vestes de minha vitória. Juntos, triunfaremos finalmente sobre o reino do pecado que se desfará em cinzas sob nossos pés. Criarei então um novo Céu e uma nova Terra, onde unicamente a justiça e o amor reinarão. Viveremos assim para sempre, num reino de perfeita harmonia e paz. O Criador, que acompanhado pelo casal permanecia ainda sobre o monte Sião, concluiu Suas revelações dizendo: "O jardim do Éden ficará agora vazio. O ser humano, durante a longa noite de pecado, vagueará em seu exílio. Não andará, contudo, sozinho: o Eterno, também peregrino, trilhará com o homem toda a estrada espinhosa, até poderem juntos galgar o monte perdido, triunfando gloriosamente sobre o reino da morte. A árvore da ciência do bem e do mal monumento da rebeldia será então desfeita, dando lugar a uma árvore gloriosa que, unindo sua copa à árvore da vida, se tornará no arco comemorativo da grande vitória. Sobre o santo monte redimido, repousará então para sempre o torno universal, que pelos fiéis triunfantes será nomeado: o trono de D-us e do Cordeiro." Adão e sua companheira, após ouvirem palavras tão confortadoras e cheias de esperança, ergueram a voz num cântico de gratidão e louvor. Conheciam agora o infinito amor de seu Criador e estavam dispostos a servi-Lo. Depois de consolar o casal, D-us levou-os para fora do Éden. Não lhes foi fácil se despedir daquele precioso lar; ali haviam despertado para a vida nos braços do Eterno; ali desfrutaram momentos de pura felicidade, em companhia do Criador, dos anjos e dos dóceis animais. Uma saudade infinita parecia envolver o casal em seus passos de abandono. Foi com espanto que Satã e seus súditos presenciaram a intervenção do Eterno. Ficaram abalados ante a surpreendente revelação do plano de resgate. Com raivosa frustração, compreenderam que, se de fato a promessa divina se concretizasse, não restaria nenhuma esperança. Depois de refletir sobre tudo o que acontecera, uma grande ira apossou-se de seu coração. Não estava disposto a reconhecer a redenção do ser humano. Faria todos os esforços para retê-lo, juntamente com o reino que lhe fora entregue. Quando o casal, acompanhado pelo Criador, alcançou o vale ferido pela morte, amanhecia. Ali Satã os enfrentou com fúria, numa tentativa de se apossar novamente do ser humano. O casal ficou trêmulo em face do inimigo, mas as mãos protetoras de D-us os acalmaram. Expressando no semblante a firmeza de uma justiça que é eterna, o Eterno silenciou as ameaças do inimigo com as seguintes palavras: "O ser humano Me pertence, pois Eu o comprei com o meu sangue". Ao caminharem silentes junto ao Criador, Adão e Eva observavam com tristeza os sinais da morte estampados naquela natureza antes tão cheia de vida. As belas flores, que haviam desabrochado para exalar aromas eternos, pendiam agora murchas; os passarinhos, que com alegria os saudavam em cada alvorecer com os seus trinos, voavam agora distantes, fazendo soar tão tristes cantos! Tudo estava mudado na natureza. A ciência do bem e do mal não trouxera nenhum bem ao Universo, mas um intenso conflito espiritual e físico. Ante as conseqüências devastadoras de sua queda, o casal, vencido por uma indizível tristeza, prostrou-se arrependido e chorou amargamente. D-us, que também compungido pela dor contemplava o cenário desolador, procurou, com palavras de esperança, confortá-los. Falou-lhes sobre o novo Céu e a nova Terra que um dia criaria, onde a paz e o amor voltariam a reinar em cada coração. Ali viveriam sempre juntos, não trazendo na fronte as marcas da tristeza, mas coroas de eterna vitória. Ali enxugaria as lágrimas de suas faces e essas jamais voltariam a umedecer os seus olhos. Amparando Adão e Eva em seus passos, o Criador conduziu-os através de um vale ferido, até alcançarem o sopé de uma

colina. Galgaram-na em lentos passos, enquanto trocavam palavras de ânimo e esperança. Seus pés alcançaram finalmente a relva macia que cobria o topo espaçoso daquela colina. Era sobre aquele lugar que o casal via a cada dia o sol declinar, banhando o céu e os vales de um vermelho vivo, como o sangue que jorrara do peito do cordeiro. Voltando-se para o lado oriental, o casal, num misto de dor e saudade, contemplou ao longe as paisagens que os envolveram naquele passado tão feliz. Ao divisarem o monte Sião, que majestoso erguia-se no meio do Éden, choraram ao lembrar da queda. Quão fracos tinham sido! O sol declinava em sua jornada, anunciando a chegada de mais uma triste noite - a primeira fora do paraíso. Num calmo gesto, o Eterno, mostrando-lhes o vale sobranceiro à colina, falou-lhes com carinho: "Aqui será vossa provisória morada. Daqui podereis contemplar o paraíso que por algum tempo permanecerá na Terra, até ser recolhido ao seu lugar de origem, no seio da Jerusalém Celeste. Ali, protegido pela justiça, aguardará o alvorecer da vitória. Quando esse grande dia chegar, retornaremos juntos a Sião, onde seremos coroados em glória, num reino de eterna felicidade e paz". Depois de dizer estas palavras, D-us ordenou ao casal que construísse naquele lugar um altar de pedras, sobre o qual a cada semana, na noite que antecede o sábado, deveriam imolar um cordeiro, pela memória de Seu sacrifício. Como sinal de Sua presença, e para a certeza de que seus pecados seriam perdoados, Ele acenderia um fogo sobre o altar, o qual duraria toda a noite, até consumir por completo a oferta do sacrifício. Para que o ser humano pudesse firmar sua fé sobre as verdades reveladas, e não na manifestação visível da pessoa do Criador, Ele haveria de permanecer invisível daquele momento em diante. Somente em ocasiões especiais, quando se fizesse necessário Sua aparição ou a de anjos para novas revelações e advertências, isto ocorreria. Contemplando os Seus filhos entristecidos naquele momento em que seriam deixados aparentemente sozinhos. O Eterno disse-lhes com amor: "Filhos, embora vocês tenham de permanecer neste ambiente hostil, não precisam temer, pois Eu permanecerei ao lado de vocês. Serei um companheiro amigo nesta jornada; levarei sobre os meus ombros suas dores, seus anseios, suas lutas. Quando, tentados pelo inimigo, estiverem a ponto de ceder, poderão encontrar abrigo em meus braços, que sempre estarão estendidos para salvá-los e, se algum dia vocês não resistirem, e pela fúria do inimigo forem arrastados para as profundezas do abismo, não se desesperem julgando não haver esperança, pois Eu estarei ali para acudi-los com o meu perdão e força. Tenham sempre em mente o significado das vestes recebidas das minhas mãos, pois elas falam da redenção que ao homem pertence. Descansem filhos meus, nos meus braços de amor." Depois de consolar o casal com estas promessas, o Criador, vendo que estavam sonolentos pelo cansaço, os fez reclinar no Seu colo e, como de costume, acariciou-os docemente até adormecerem. Ao vê-los esquecidos em seu sono, D-us chorou ao prever o sofrimento que experimentariam ao acordar. Com o coração partido pela dor causada pôr aquela separação física, o Criador deixou o casal adormecido sobre a relva, depois de beijar-lhes as faces já marcadas pelo sofrimento. Sua luz dissipou-se ao tornar-Se invisível, dando lugar às trevas daquela primeira noite fora do paraíso. No subconsciente do casal começaram a desfilar sonhos coloridos de um passado feliz. Encontravam-se mais uma vez em meio às belezas do Éden, saciados pôr uma alegria eterna. Agradecidos pela vida, corriam pelos campos floridos, brincando com os animais.Com felicidade uniam as vozes aos anjos nos harmoniosos cânticos em louvor ao Criador. Tantas cenas lindas desfilavam em seu subconsciente, mas esses sonhos tornaram-se pesadelos, fazendo-os reviver sua tragédia. Agonizantes despertaram em meio à escuridão daquela primeira noite no exílio. Não conseguindo conciliar o sono, o casal permaneceu em pranto até ser consolado pelo alvorecer que revelou-lhes ao longe o saudoso paraíso. D-us, ainda que invisível, permanecia ao lado de Adão e Eva ali na colina. O sofrimento deles era o Seu sofrimento, como também a esperança de um dia retornarem vitoriosos a Sião. Ante o olhar contemplativo do Criador, revelava-se o futuro sombrio da humanidade. Com pesar, via incontáveis criaturas perecendo sem salvação, por rejeitarem o Seu amor. Lágrimas molharam a Sua face, ao antever o inimigo empregando toda astúcia a fim de reter os seres humanos sob seu domínio. Longa seria a noite do pecado, e renhida a batalha pela reconquista do reino perdido. O triunfo da luz requereria da parte de D-us um sacrifício imenso. Na pessoa do Messias, a seu tempo, ele nasceria entre os homens, com a missão de pagar o preço do resgate. Por meio dEle muitos seriam libertos das garras do inimigo: todos aqueles que O aceitassem como Salvador e Rei. Contra esses escolhidos, o inimigo arregimentaria todas as forças procurando fazê-los cair. Em sua visão do futuro, o Criador contemplou com alegria o triunfo final dos redimidos. Haviam sido extremamente provados, mas em tudo foram mais do que vencedores por meio dAquele que os redimiu das trevas para o reino da luz. Depois de antever os sofrimentos que adviriam da grande luta, o Eterno estendeu o olhar pelas planícies cativas, contemplando ali as hostes rebeldes dispostas para a luta. O objetivo desses exércitos, era apossar-se novamente do ser humano, no qual estava selado o direito de domínio sobre o Universo. Contrária à natureza do Criador é a guerra, mas para defesa de Seus filhos, estava disposto a empregar o Seu poder. Sua força, contudo, somente seria empregada com justiça. Se o ser humano recusasse essa proteção oferecida mediante o sacrifício do Messias, D-us nada poderia fazer para impedir que o mesmo perecesse nas garras do inimigo. Adão e Eva, contudo, haviam se arrependido de seu grande pecado, recebendo pela misericórdia de D-us

vestes de salvação, simbolizadas pelas peles do cordeiro sacrificado. Justificado pela entrega do casal, o Eterno convocou Seus poderosos exércitos para a peleja. Em pronta obediência as hostes da luz irromperam pelo espaço sideral em direção à Terra, circundando qual forte muralha a colina, portadora daquele tesouro redimido pelo sangue do divino Rei. Ao ser humano fora conferido no Éden o dever de cuidar da natureza : preparavam canteiros para as flores; colhiam frutos para mantimento; dirigiam os animais em seu inocente viver, adestrando-os para que lhes fossem úteis. Essas ocupações tinham sido para eles fontes de desenvolvimento e prazer. Agora, apesar das adversidades, deveriam continuar realizando esse dever. O trabalho em si, realizado segundo as ordens do Criador, já anularia muitos ataques do inimigo. As primeiras ocupações do casal naquela manhã, trouxeram-lhes revelações do grande amor de D-us, até então desconhecidas. Ao reunirem as pedras para construção do altar, experimentaram a dor de feridas que jorram sangue, como também a fadiga que faz minar suor. Sentindo e contemplando tudo na própria carne, amaram mais o Salvador, para quem o altar construído prefigurava feridas maiores, que verteriam todo o Seu sangue, como também fadigas que minariam toda a seiva de Sua vida. O olhar de saudade e de esperança do casal de agora em diante, jamais pousaria no Éden distante, sem discernir primeiro o altar dos sacrifícios. Esse altar, com suas manchas de suor e sangue, permaneceria como uma lembrança da dor e do sofrimento que, depois de umedecer os lábios dos seres humanos, transbordaria na taça do Criador. Após contemplar pôr longo tempo o paraíso da eterna vida que estendia-se muito além daquele altar escuro de morte, o casal experimentou o doce alívio do descanso. Desejosos de conhecer as paisagens de seu novo lar, Adão e Eva, animados pela esperança, saíram a passear. Seus passos conduziram-nos por caminhos de sorrisos e de lágrimas; de encantos e desilusões; de flores que desabrochavam delicadas, banhadas em perfume, e de flores despetaladas, tombadas murchas e sem cheiro; de animais ainda dóceis e submissos e de animais inimigos, ferozes e ameaçadores. O casal discernia em seu passeio as divisas de dois mundos: o da luz e o das trevas; do amor e do egoísmo; da esperança e do desespero; da harmonia e da desarmonia; da vida e da morte. Essa visão encheu-lhes de tristeza e choraram longamente. Essa tristeza aumentaria ainda mais no futuro, quando descobrissem o aprofundamento dessas divisas no seio de sua descendência. Seis arrebóis já haviam colorido os céus anunciando ao casal as noites escuras e frias que com seu manto de trevas desfazia todas as imagens vivas, menos a esperança de revê-las coloridas no alvorecer de luz. Aproximava-se agora a hora do sacrifício, quando o rude altar, abrasado em sua justiça clamaria pôr sangue. Se não lhe oferecessem a oferta, explodiria com certeza, envolvendo todo o mundo com suas chamas; Já não haveria então alvorecer, nem esperança de Éden a florir. Quão precioso é o sangue! Sangue é vida; vida é luz! Para um ser aquela noite tornar-se-ia eterna, sem alvorecer! Esse ser deveria assumir a culpa de todo o mundo, dando o seu sangue ao rude altar. Quem se ofereceria? Quem verteria a seiva da vida, até ver a última estrela apagar-se em seu céu?! Adão e Eva depois de refletirem por longo tempo, contemplando o berço da morte construído pôr suas mãos, entreolharam-se inquietos com essa questão decisiva: Quem se oferecerá? Essa indagação nascida de sua culpa, fez vibrar no profundo de suas lembranças a voz do bendito Criador em Sua revelação de infinita bondade: - Eu os amo com um eterno amor; Eu morrerei em vosso lugar". Agradecido, o casal prostrou-se reverentemente ante o sedento altar, vendo-o pela fé, saciado pelo dom do eterno amor. Naquela tarde de sexta-feira, D-us submetia o ser humano a uma tremenda prova de fé. Eles tinham diante de si o altar de pedras, construído conforme a ordem divina, mas não havia nenhuma ovelha para o sacrifício. Em seu anseio, lembravam-se do Éden, onde havia muitos rebanhos. Ao verem o sol tombar no horizonte, Adão e Eva passaram a clamar a D-us por socorro, pois sabiam que somente um milagre poderia providenciar-lhes, naquele derradeiro momento, um cordeiro para o sacrifício. Aos olhos dos habitantes do Universo, o grande milagre pelo qual o ser humano clamava, já se processava à quase uma semana: Guiado pelo Criador, um imaculado cordeiro deixara o Éden e seguira os rastros do casal em sua caminhada para o exílio. Em sua longa jornada, esse animalzinho teve de enfrentar muitos desafios e perigos, mas protegido e guiado pelo Eterno prosseguia em sua missão. Quando as sombras do anoitecer começaram a envolver a colina, o casal que vivia tão dura prova de fé, discerniu um pontinho branco que saltitava no gramado vindo em direção deles. À medida em que se aproximava, aquele vulto parecia falar de esperança, de vida e calor. Ao verem que o grande milagre acontecera, correram ao encontro do cordeiro, envolvendo-o nos braços. Ele estava fatigado, mas não descansaria: daria descanso. Estava sedento, mas não beberia: daria de beber ao altar que clamava por sangue. Aquele cordeiro tinha vontade de viver nos braços do homem, mas morreria, para que esse pudesse viver nos braços de D-us. Era um perfeito simbolismo do Redentor que deixaria Sua glória, vindo em busca do pecador. As trevas de mais uma noite prefigurativa baixaram lentamente envolvendo toda a natureza em sua prisão. Sua força, porém, seria quebrada diante do ser humano, pelo brilho de um fogo especial, aceso pelas mãos do divino perdão sobre o corpo sem vida do inocente cordeiro. Tudo estava preparado para o doloroso golpe: ato que apagaria daqueles olhinhos meigos a última estrela de vida, mergulhando-os na fria escuridão de uma eterna noite: escuridão que geraria luz; frio que geraria calor; morte que geraria vida - dons imerecidos; frutos do divino amor oferecidos às mãos pecadores, prestes a

ferir. Em meio à silente noite o altar clama; o homem triste exclama, enquanto o cordeiro, mudo, não reclama ao ser estendido para a morte. As mãos que construíram o altar erguem-se agora, não para acariciar como outrora, mas para ferir, sangrando o preço do perdão. Só um gesto, nada mais, e a estrela se apagará para sempre dos olhos inocentes, fazendo brilhar na face culpada a luz da salvação. Adão, trêmulo hesita em compaixão. No cordeirinho manso e submisso, pronto a morrer em seu lugar, vê o Salvador prometido. Com o coração arrependido, num esforço doloroso, crava o cutelo de pedra no peito do animalzinho que perece em suas mãos sem sequer dar um gemido. O poder da noite imediatamente é quebrado pelo brilho do fogo da aceitação. Sua luz revela ao ser humano sua trágica condição: Vendo as mãos manchadas pelo sangue inocente, o casal sente-se culpado por aquela morte. Em pranto ajoelham-se ante o altar que já não lhes reclama sangue, mas oferece luz, aceitando o imerecido perdão. Erguendo-se, o casal contempla demoradamente o corpo ferido do pobre cordeirinho, sem poder agradecer-lhe pela riqueza concedida em troca de seu tão rude golpe. Banhados pela suave luz do sacrifício, Adão e sua companheira permanecem silentes a meditar, até serem vencidos por um profundo sono. Recostando-se ao solo coberto de relva macia, adormecem docemente sob os cálidos raios do perdão, certos de que seu brilho e calor perdurariam até serem as trevas daquele sábado desvanecidas completamente pelo fulgurante sol. A luz do cordeiro, desde que fora acesa sobre o altar naquela noite, permanecia em constante guerra com as trevas. Por várias vezes crescia em brilho, afugentando para distante a fria escuridão, banhando a natureza com os seus raios de vida. Por vezes, as trevas trazendo o seu vento frio, quase bania por completo a chama. Essa, todavia, num grande esforço alimentava-se do sangue do cordeiro, lançando ao alto sua ardente chama, inundando de luz e calor tudo aquilo que havia ao redor. O conflito entre a luz nascida do sacrifício e as trevas naquela noite, descerravam aos fiéis do Universo muitas lições importantes - verdades que ocupariam suas mentes por toda a eternidade. Naquela chama, ora ardente em seu brilho, ora fustigada pelos ventos da noite, os fiéis viam uma representação do conflito milenar entre o bem e o mal; conflito que sem trégua se estenderia até o alvorecer eternal. O Eterno, no penhor de Seu futuro sacrifício, acendera em meio das trevas, a luz da verdade, e essa seria mantida acesa no coração do ser humano, em virtude de Seu sangue que seria derramado para remissão da culpa. Contra essa luz, o inimigo arremessaria todos os ventos frios da maldade, banindo do coração de muitos o seu doce brilho. Quantos jazeriam perdidos por recusarem a luz do perdão divino, ficando envoltos pelas trevas da escura noite! Depois de longas horas de combate, surge no céu os sinais do amanhecer. A escuridão que com ira havia lançado seus ventos sobre a imorredoura chama procurando bani-la, torna-se confusa ante os sinais do amanhecer. O céu tingido de um vermelho vivo, faz lembrar o sangue que jorrara do peito do cordeiro para que a chama do perdão pudesse iluminar a noite humana. Em meio ao colorido de sangue, surge no horizonte o fulgurante sol, trazendo em seus aquecidos raios o sabor da vitória, envolvendo tudo com sua vida. O alvorecer em seu saudoso afeto, acaricia o distante paraíso, levando de seu amado seio em sua brisa matinal o aroma da saudade, numa mensagem de consolo e esperança às criaturas sofredoras do vale da morte. Banhados pelos cálidos raios e pela brisa da esperança, o casal desperta em mais um sábado, cujo simbolismo aponta para o descanso no reino de D-us, ao culminar o grande conflito entre a luz e as trevas. Para além daquele altar coberto de cinzas, Adão e Eva contemplam demoradamente o saudoso paraíso. Ainda que distantes em seu exílio, alegram-se com a certeza de que o sacrifício do Messias fará raiar para eles o sábado dos sábados: aquele de lágrimas para sempre banidas; de sol sempre a brilhar num límpido céu; de cordeiros sempre vivos a brincar pelo gramado; dia sem anoitecer, quando não haverá mais altar coberto de sangue e cinzas. Suspiram por esse dia de glória, quando D-us Se fará eternamente visível, levando nas mãos as marcas de Seu infinito amor pelos Seus filhos. Antes da queda, o ser humano, assim como a todas as hostes celestiais, aprendia aos pés do Criador que com paciência ensinava-lhes os tesouros da sabedoria contidos no vasto compêndio da natureza. Tudo no Universo, desde o ínfimo átomo ao maior dos mundos, testificava em sua perfeita existência do caráter do divino Rei. Muitos ensinamentos, porém, permaneceram ocultos nas páginas desse grande livro no período que antecedeu à queda: Eram como as estrelas que, ocultas durante o dia, revelam seu brilho ao baixarem as sombras da noite. Tendo a natureza cativa, o inimigo, no intento de bloquear a revelação da Eterna Sabedoria, introduziu nela borrões de egoísmo, destruição, infelicidade e morte. Não sabia que esses borrões fariam evidenciar na face da criação a profundidade da justiça e amor de D-us, levando os fiéis a amá-Lo e reverenciá-Lo ainda mais. Para o casal, assim como para todos os filhos da luz, a natureza ferida rompeu o seu véu, revelando novos aspectos da bondade do Criador ocultos até então. Adão e Eva que estavam acostumados às flores eternas no paraíso, aquelas que não as viram desabrochar, viam-nas agora surgirem em tenros botões, em meio às ameaças de espinhos prontos a ferirem. Essas tenras flores, sem importarem-se com os espinhos, exalavam perfumes suaves de louvor e gratidão, jamais se cansando de agradar o ambiente. Quando fustigada pelos ventos frios da noite, essas flores não se ressentiam, mas ofereciam seu aroma, que transformava a fúria dos ventos em brisas perfumadas de um alvorecer. Movidos por profunda gratidão, o casal acompanhava atentamente o ministério de amor daquelas flores que, jamais se cansavam de abençoar, oferecendo sua beleza e perfume como alívio para

aqueles que eram feridos pelos rudes espinhos. Aquelas flores singelas e puras, depois de mostrar em sua curta vida que o perdão e o amor são mais fortes que todos os ventos e espinhos, num último esforço de comunicar alegria, exalavam seu perfume, tombando murchas e sem vida sobre o solo frio. Ali, esquecidas, transformavam-se em insignificante pó que era espalhado pelo vento. A morte das flores, ainda que parecesse fracasso, revelou ao casal o mistério do renascimento da vida: Morrendo, as flores davam vida aos frutos que, por sua vez, depois de servirem de alimento, doavam suas sementes cheias de vida. Na morte dessas sementes, renascia o milagre da vida, multiplicando as árvores com suas flores prontas a repetir o ensinamento do amor e do sacrifício. A natureza, portanto, embora maculada pelo pecado, revelava o mistério oculto do plano da redenção. Cada flor a desabrochar em meio aos espinhos, em sua curta vida de amor, era um símbolo do Salvador que nasceria entre os espinhos da maldade, para com o seu perfume consolar o coração dos aflitos. Semelhante à flor, o Messias depois de provar que o amor e o perdão são mais fortes que todos os ventos do ódio; que a verdade e a justiça do reino de D-us são maiores que todos os enganos e injustiças do reino do inimigo, verteria a seiva de sua vida, morrendo para redimir os culpados.

Capitulo VI

Consolados pelas revelações da natureza, Adão e sua companheira, alunos na escola do sofrimento, aprendiam a cada dia a amar mais o Salvador. Cresciam em sabedoria, humildade e santidade. Todas as virtudes destruídas pelo pecado, renasciam no coração. Com ânimo o casal dedicava-se ao labor edificante: plantavam jardins que pelo poder de D-us enchiam-se de perfumadas flores e deliciosos frutos. Seu lar no exílio tornava-se num refúgio para os animais perseguidos dos vales. A colina, sob a proteção dos anjos da luz, tornou-se numa miniatura do Éden distante. Entre os animais reunidos e domados com amor, haviam muitas ovelhas. Adão e Eva não conseguiam pousar os olhos sobre esses dóceis animais destinados ao sacrifício, sem provar no profundo da alma um misto de dor e gratidão. Na noite que antecedia cada sábado, Adão tinha, por ordem do Criador, de repetir o doloroso ato. Quanta amargura e arrependimento sobrevinham ao casal ao baixarem as trevas da noite do sacrifício! Quanto consolo lhes trazia a chama do perdão que jamais deixara de brilhar sobre o altar, naquelas noites prefigurativas! O decisivo valor do sacrifício, para que a vida pudesse florescer sob a proteção divina, levou o casal a valorizar imensamente o seu pequeno rebanho. Cada sexta-feira, contudo, passou a trazer consigo, além da dor, uma inquietação: - Quem doará seu sangue ao altar quando a última ovelha perecer? Aos olhos do casal maravilhado, aconteceu enfim o milagre do amor, renovando-lhes a esperança de viverem outras semanas sob o brilho da chama do perdão: uma ovelha, a mais gorda delas, passou a sangrar como em sacrifício; De sua dor, nasceram-lhes quatro cordeirinhos. Cheios de alegria e gratidão, Adão e Eva prostraram-se ante o Salvador invisível, tendo nas mãos aquelas novas criaturinhas que traziam em seus olhos a mesma meiguice e disposição para o sacrifício. Seguros de que novos milagres multiplicariam seus dias, o casal uniu sua voz como outrora, num cântico de gratidão e adoração ao Criador que, como os cordeirinhos nasceria também da dor para cumprir em sua vida o maior de todos os sacrifícios, para salvação da humanidade. O Eterno, embora invisível aos olhos de Seus filhos humanos, permanecia bem próximo, acompanhado por um exército de anjos, em incansável ministério de cuidado e proteção. O casal estava inconsciente de que a doce calma e paz reinantes naquela colina, bem como toda a sua prosperidade, eram frutos de tão intensa luta. Se os seus olhos fossem abertos para as cenas que ocorriam invisíveis, ficariam tomados de espanto; Quão terrível era o inimigo e suas hostes em suas constantes investidas com o propósito de arruinar o ser humano, arrebatando-o das mãos do Criador. Vendo que o emprego da força não lhe redundaria em vitória, o inimigo em sua astúcia idealizou uma armadilha com a qual poderia enlaçar o casal. Reunindo os seus exércitos, revelou-lhes seus planos dizendo: - Ao ser humano foi ordenado sacrificar cordeiros, como símbolos do Salvador vindouro. Os tentaremos a olhar para esses símbolos como portadores de perdão e vida, fazendo-os aos poucos esquecer a realidade do sacrifício prometido por D-us. Será um processo lento, mas de segura vitória". O Criador conhecendo o perigo dessa armadilha, entristeceu-se, pois ao olhar para o futuro, pode ver tantos filhos Seus sendo desviados do caminho da salvação. Quantos se apegariam aos símbolos julgando encontrar neles virtude! D-us em seu amor e cuidado, não os deixaria inconscientes do perigo que os ameaçava. Sabia o quanto Adão e sua companheira amavam aqueles cordeiros que, ao morrerem sobre o altar, ofereciam-lhes luz e calor. Facilmente poderiam ser induzidos a vê-los como fontes de vida e luz, passando a reverenciá-los. Muitas semanas já haviam passado, trazendo consigo as noites de dor e sacrifício, seguidas pelos dias de esperança e saudade dAquele Pai carinhoso, o qual depois de fazer-lhes promessas e enxugar suas lágrimas, tornara-Se invisível diante de seus olhos. Cada dia que passava, trazia para o casal novo fardo de saudade, fazendo-os indagar a cada entardecer: - Quando beijaremos novamente Sua face? Quando seremos envolvidos por Seus braços, caminhando sob a luz de Seu amor?! Quanta saudade sentiam daquelas noites edênicas, quando adormeciam no colo macio de seu divino Pai! Mais uma semana de trabalho e lições aprendidas estava findando. O sol em seu declinar anunciava outra noite de arrependimento e de sangue inocente a banhar o

altar. O silente casal estava longe de imaginar que naquela noite, o doloroso golpe que sempre era seguido pelo fogo, revelaria-lhes a face bendita do Pai. Com as mãos trêmulas, Adão ergue o cordeiro que, mudo, não faz nenhuma resistência ao ser deposto sobre o altar. Lágrimas rolam em seu rosto ao pensar que mais um inocente animal mergulhará nas odiadas trevas da morte, para com seu sangue gerar a luz. É doloroso sacrificar, mas não há outro caminho de salvação. Unicamente através do sangue derramado do cordeiro, poderão viver para contemplar no futuro a face do Pai. Num penoso esforço Adão faz cair aquela pedra pontuda sobre o cordeirinho que, num gemido de dor derrama o seu sangue. Uma Luz gloriosa logo bane as trevas inundando toda a colina com seus raios de vida. Através das lágrimas o casal então contempla em meio ao fogo do altar, o Criador. Num gesto de amor, D-us abre os Seus braços como outrora, e com um sorriso caminha para o tão almejado abraço. Sem encontrar palavras que expressem sua imensa saudade, o casal lança-se ao Seu peito e chora amargamente. O divino Pai, comovido, também chora, mas procura consolar seus filhos, com seu doce sorriso. Com emoção o casal contempla a face do Pai, envolvendo-a com beijos e carinhos. O amor deles por Ele fora intensificado pelo sofrimento. Gratos e felizes, caminham ao lado do Criador, mostrando-lhe os jardins carregados de flores e frutos. Contam-lhe das lições aprendidas junto à natureza; mostram-Lhe o rebanho domado pelo afeto. Iluminados pela suave luz do Eterno Pai, o casal assenta-se aos Seus pés como outrora, para ouvir Seus ensinamentos. O Criador, olhando-os com ternura, passa a adverti-los do perigo. Orienta-os a respeito dos sacrifícios de cordeiros, que eram importantes no sentido de manterem sempre em mente a certeza de um Salvador vindouro que, como os cordeiros, seria sacrificado para redenção dos pecadores. Os cordeiros, contudo, não possuíam em si poder para perdoar as culpas, pois consistiam apenas símbolos do Messias Rei. Depois de serem conscientizados do perigo de apegarem-se aos símbolos buscando encontrar neles a salvação, o casal recebeu a incumbência de transmitir essas orientações aos seus descendentes. Depois de advertir o ser humano, o Criador pousando o olhar sobre as ovelhas que jaziam adormecidas junto aos seus filhotinhos, exclamou: - Como são belos os cordeirinhos! O casal, num misto de felicidade e dor acrescentou:- Eles quando acordados saltam de prazer, esquecidos de que ao nascerem e ao morrerem causam tanta dor! Depois de contemplar os cordeirinhos, D-us fitou o casal com ternura, revelando-lhes algo que os surpreendeu e alegrou: - Quando desses cordeiros trinta e seis houverem subido ao altar, os vossos braços envolverão o primeiro filho que, como eles surgirá também da dor. Esse filho em sua infância lhes trará alegria saltando como os cordeirinhos em vosso lar. Devereis instruí-lo com dedicação nas leis da harmonia, mostrando-lhes o caminho da redenção. Como vocês, ele será livre para escolher o rumo a seguir. Aceitando o ensinamento, sua vida será vitoriosa; rejeitando-o, caminhará para a derrota. Adão e Eva ouviram com alegria a promessa divina, mas ao mesmo tempo experimentaram no profundo do ser um temor ao conscientizar-se da responsabilidade que teriam. Sabiam que Satã faria todos os esforços para levar a criança prometida à perdição. Era noite alta quando o Criador, depois de acariciar seus filhos, os deixou adormecidos sobre o gramado macio. Depois da promessa, cada cordeirinho levado ao altar fazia pulsar mais forte no ventre materno a esperança da alegria que em breve alcançariam. Trinta e seis finalmente baixaram às trevas cumprindo o tempo determinado pelo Criador em que a primeira criança receberia a luz. Com as mãos ainda manchadas pelo sangue do sacrifício, Adão amparou sua esposa que, aos pés do altar prostrou-se vencida pela dor que lhe trouxe o primeiro filho. A pequena criança não trazia na face a alegria da liberdade, mas o choro de sua prisão; Esse pranto duraria a noite inteira, não fosse o brilho daquela chama aquecida de esperança que, logo atraiu a atenção de seus olhinhos atentos. Envolvendo-o com alegria, Eva consolada de seu sofrimento, disse: "Alcancei do Senhor a promessa". Deu-lhe então o nome de Caim. Depois de envolver o filhinho com as peles macias de um cordeiro, o casal permaneceu acordado a meditar. Muitos eram os pensamentos que ocupavam suas mentes: pensamentos de alegria, de gratidão, de esperança e de anseio pelo senso da responsabilidade que agora pesava sobre seus ombros. Acariciando com ternura a pequena criança, o casal amadureceu em sua experiência, compreendendo melhor o misterioso amor de D-us que, para salvar Seus filhos, dispôs-Se a morrer em lugar deles. Adão e Eva não estavam sozinhos em suas reflexões: todos os seres inteligentes do Universo consideravam com interesse sobre o futuro daquele indefeso bebê que no íntimo trazia um reino de dimensões infinitas, a ser disputado pelos dois poderes em luta. Quem seria o Senhor de sua vida?! Trilhariam os seus pés o caminho ascendente que leva à vida, ou a estrada descendente que termina no abismo de uma eterna morte?! Vendo a criança esboçar o seu primeiro sorriso, o casal subitamente lembrou-se da promessa do Criador que era confirmada em cada sacrifício : Ele nasceria da mulher como criança, com a missão de redimir a humanidade. Não seria Caim já o cumprimento da promessa? O infante com seus olhinhos brilhantes de alegria se parecia tanto com os cordeirinhos que nasciam e cresciam com a missão de serem sacrificados! Considerando assim, o casal apertando o filhinho junto ao peito começou a chorar sem consolo. Quão terrível, seria oferecer seu filhinho inocente ao rude altar! Para o casal compungido pela dor, surgiu em fim o brilhante sol fazendo reviver com seus cálidos raios as promessas que apontavam para um Salvador que, ainda no futuro, nasceria também da dor para cumprir o eterno plano de redenção. Abençoada pelo Criador e envolvida pelo amor e

cuidado dos pais, a criança se desenvolvia em sua natureza física e mental, tornando-se a cada dia alvo maior de uma incansável batalha entre as hostes espirituais. Adão e Eva, ansiosos por fazê-lo compreender as verdades da salvação, tomavam-no nos braços a cada alvorecer e, à beira do altar lhe apontavam o Éden distante, contando aquelas histórias de emoção as quais o pequeno Caim ainda não conseguia compreender. Qual foi a alegria daqueles pais, ao vê-lo numa manhã de sol, apontar com a mãozinha para o lar da saudade, pronunciando o nome sagrado do Criador. Emocionados tomaram-no nos braços, pedindo-o para repetir esse sublime nome que, qual chave de felicidade, sempre descerrava-lhes um paraíso de eterno amor. Todas as hostes da luz inclinaram-se com alegria ao ouvir a pequena criança pronunciar o nome do divino Rei. As semanas iam se passando trazendo consigo novas vítimas para o altar, e o pequeno Caim, alvo da atenção e cuidado de D-us, das hostes da luz e daqueles amantes pais incansáveis na missão de instruí-lo, agrupando suas poucas palavras, sempre curiosos com tudo passou a interrogar. O dia declinava quando o menino, que jazia ao colo de sua mãe, perguntou-lhe: - Mamãe, por que o sol sempre vai-se embora, deixando a gente no frio da escuridão?" Eva, surpresa contemplou seu filho, sem encontrar palavras para responder-lhe a indagação que trouxe-lhe à lembrança o passado de felicidade destruído por sua culpa. Após um momento de silêncio, beijando a face do pequeno Caim, disse-lhe: - Filhinho, um dia o sol virá para ficar, trazendo em seus raios um mundo só de harmonia; já não haverá animaizinhos a brigar, nem cordeirinhos a morrerem sobre o altar" O pequeno Caim desejando ver raiar logo esse dia, disse para sua mãe: - Mamãe, amanhã o sol nascerá no paraíso; Pede para ele ficar! Assim poderei brincar, brincar, e nunca mais dormir". Ansioso em ver raiar o dia que não teria fim, o pequenino Caim somente adormeceu após fazer sua mãe prometer que pediria ao sol para permanecer. Um novo dia de sol radiante a caminhar pelo céu surgiu para Caim, trazendo em seus raios alegria e calor. Enquanto brincava no jardim, seus olhinhos curiosos voltavam-se muitas vezes para o sol que parecia acariciá-lo com um sorriso de esperança. Vendo-o, porém, caminhar em direção do ocidente, o pequeno correu para sua mãe, perguntando-lhe: - Mamãe, ele prometeu ficar?" Eva, tomando-o nos braços, sorriu-lhe procurando fazê-lo compreender com palavras simples, enquanto apontava-lhe o paraíso distante, a história da redenção. O sol viria um dia para ficar. Caim, insatisfeito com as palavras da mãe, demonstrou não ter paciência para aguardar esse dia que jazia em distante futuro. Repetia em pranto: - "Eu quero o sol hoje , amanhã não!" Eva, pacientemente, procurou acalmar seu filho, falando sobre a luz de D-us, que pode tornar a noite em dia. Ele o amava e poderia encher seu coraçãozinho de brilho, de alegria e paciência. Poderia assim, aguardar feliz o dia de seus sonhos. Balançando a cabecinha em rejeição ao consolo da mãe, Caim proferiu entre soluços: -"Eu quero o sol porque eu posso vê-lo, ao Eterno não". Como uma seta dolorosa as palavras de rebeldia de Caim penetraram no coração de Eva, fazendo-a chorar amargamente. Os fiéis em todo o Universo uniram-se nesse pranto. Uma tristeza infinita pairava sobre o coração do Criador rejeitado. Esboçavam-se nos gestos de Caim os primeiros passos pelo caminho descendente da rebeldia. Quantos o seguiriam rumo à morte! Inconsciente da tristeza que abatera-se sobre o reino da luz, Adão, ao ver o sol declinar no horizonte, deixou seu trabalho no campo rumando-se para casa. Tinha um cântico no coração ao caminhar para mais um encontro com os seus. Ao aproximar-se do altar, viu junto dele sua companheira prostrada em pranto. O pequeno Caim jazia também ali a chorar. Tomando-o nos braços, Adão perguntou-lhe com anseio: -"O que aconteceu meu filho?" Caim tristemente respondeu: -"Mamãe deixou o sol ir embora" Amparando o filho com seu braço esquerdo, Adão pousou sua mão direita sobre o ombro de Eva, mas não encontrou palavras para consolá-la. A frase dita por seu filhinho, pareceu rasgar-lhe o coração, fazendo-o reviver a queda. Depois de refletir, Adão sentindo-se culpado respondeu para Caim: -"Foi o papai quem deixou o sol ir embora meu filho!". Com soluços de grande tristeza, Adão uniu-se a eles no pranto. A lembrança do Salvador, contudo, o consolou. Enxugando suas lágrimas e as de seu filhinho, disse-lhe com ternura: -"Podemos nos alegrar filhinho ,pois D-us prometeu fazer o sol para sempre brilhar no céu; ele será como o fogo que surge no altar, banindo as trevas da noite". Com os olhinhos voltados para o último clarão do arrebol, Caim permaneceu sem consolo. Naquele entardecer, não houve como de costume um alegre jantar. A pequena família, entristecida, permaneceu silente a meditar por longas horas, até sonolentos adormecerem sob a luz das estrelas. O inimigo e suas hostes, em sarcasmo de maldade zombaram naquela noite do sofrimento de D-us e Seus fiéis. Repetindo as palavras de rebeldia do pequeno Caim, ufanava-se como vencedor. Num desafio ao Criador pronunciou : - Veja como esse meu pequeno escravo te rejeita! O mesmo se dará com todos aqueles que hão de nascer. Estou certo de que o direito de domínio jamais sairá de minhas mãos. Todas as hostes rebeldes repetiram em eco as afrontas do enganador, humilhando os súditos da luz que sofriam do lado do Eterno. Com suas afrontas, o inimigo procurava fazer D-us desistir de Seu plano de redenção. Se isso acontecesse, seu reino de trevas se estenderia por toda a eternidade , suplantando o domínio da luz. Em resposta ao desafio do inimigo, o Eterno afirmou solenemente : - Ainda que todos me rejeitem , Eu cumprirei a promessa. O Criador não suportava o pensamento de ver o pequeno Caim caminhar para a perdição. Por ele intercedia a cada dia, oferecendo ante a justiça o Seu sangue que verteria. Anjos poderosos guardavam-no a cada momento, espancando as trevas espirituais que o

acercavam procurando torná-lo insensível aos benefícios da salvação , que eram ilustrados pelos símbolos. Adão e Eva em seu incansável ministério de amor, todos os dias ensinavam a Caim as lições espirituais ilustradas na natureza. Em cada sábado procuravam firmar em sua mente juvenil a esperança de uma vida eterna, que seria fruto do sacrifício do Salvador. Ele depois de viver uma vida sem pecado, morreria como um cordeiro , para poder expulsar para sempre as trevas. Caim comovia-se às vezes com os ensinamentos , mas quase sempre questionava vacilante. Revoltado perguntava: - Por que Samael foi se rebelar?! Certa noite, recusando ouvir os conselhos de seus pais, os acusou de todo o mal dizendo: - Se agora não temos um sol a brilhar, é por culpa de vocês." A contemplação do Éden distante banhado em sol fez nascer no coração juvenil de Caim pensamentos de aventura. Ele começou a pensar : "Este paraíso não está tão longe como afirmam papai e mamãe. Por que esperar e sofrer tanto tempo?! Ele é tão belo! É dele que surge todos os dias o sol! Se o conquistarmos, será fácil deter a luz em sua nascente; Assim viveremos num paraíso de eterno sol. As idéias de aventura de Caim, enchiam o coração de Adão e Eva de tristeza. Viam que seu interesse era somente pelo tempo presente; ele sonhava com um paraíso de felicidade e luz conquistado por sua força. Em seus planos, não sentia necessidade de um Salvador; - Para que, se era tão jovem, inteligente , cheio de vida e ideais?- dizia. Os dias de lutas, intercessões e sacrifícios pelo destino de Caim foram se passando. Oportunidades preciosas surgiam em cada dia diante dele para se apegar ao Salvador, mas a todas rejeitava, uma por uma. Em sua incredulidade chegou a duvidar da existência desse D-us, o qual jamais vira. Aos pais que, aflitos mas sempre com paciência, procuravam livrá-lo da perdição para a qual estava caminhando, prometeu um dia , após sorrir com ar de incredulidade, crer no Criador e em Seu plano de salvação, caso Ele se tornasse visível na hora do sacrifício. Com ardente fé, aqueles pais passaram a clamar ao Eterno. Sua presença visível poderia, quem sabe, salvar aquele filho querido que a cada dia tornava-se mais rebelde. O Criador ouviu o clamor dos pais aflitos. Embora soubesse que Sua aparição dificilmente quebraria no coração do jovem Caim seu espírito rebelde, estava disposto a cumprir o pedido. Estenderia os braços amigos a Caim, procurando com amor conquistar-lhe o coração. Como conhecia os seus anseios e sonhos de aventura, facilmente poderia identificar-Se com ele, cativando-o, pois era também Alguém que sempre carregara no peito sonhos de aventura; Não fora a criação do Universo uma grande aventura?! Não fora o Seu sonho vê-lo cravejado de sóis fulgurantes, iluminando bilhões de mundos com o seu brilho?! Não era também o Seu maior atravessar o vale da morte, em busca da conquista do Éden distante, prendendo para sempre o Sol em seu céu?! Tinham muita coisa em comum! Caim estava curioso naquela sexta-feira. Na face dos pais, via ânimo e alegria, frutos de uma fé grandiosa. Incentivado por essa expressão de confiança, o jovem passou a ajudá-los nos preparativos para o santo sábado. O Sol finalmente esquivou-se rolando para o poente, deixando como de costume seu rastro de saudade que anunciava medo. Em meio às trevas, Caim discerniu o vulto branco do cordeiro sendo erguido para o altar pelas mãos do pai - esse incansável sacerdote que sempre estava implorando ao Criador pela salvação de seu amado filho. Com a mão erguida, Adão preparava-se para o golpe que poderia, quem sabe, quebrar no coração de Caim sua incredulidade, fazendo nascer num só momento a crença na salvação. De seus lábios escapa-se então a prece da fé: - Pai Eterno, ouve o meu pedido; Meu filho precisa de Ti! Somente um olhar Teu poderá conquistá-lo. Venha Senhor!! Esta oração sincera caiu nos ouvidos daquele filho comovendo-o. Somente a prece já seria suficiente para convencê-lo da existência real de um Salvador. Enquanto enxuga as lágrimas da emoção, Caim estremece ao ouvir o ruído do golpe da morte. Tudo era solene naquele momento; Viria o Criador do mundo em resposta à oração do amor?! Como O encararia em sua incredulidade?! Um forte brilho envolveu logo toda a colina banhando também o vale oriental .Os olhos arregalados de Caim pousaram então nos olhos amáveis do Criador, que trazia na face um brilho superior ao do sol, mas não ofuscante. Contemplando-O com admiração, Caim exclamou: - Ele é jovem como eu, e se parece com o Sol! Adão e Eva, comovidos pela grande saudade tinham vontade de saltar ao peito do Salvador e beijá-Lo, mas deixaram que Ele Se encontrasse primeiro com Caim. Com alegria , viram o precioso filho envolvido nos braços do grande amigo, que era parecido com o seu astro. Depois de longo abraço, D-us abraçou e beijou também o querido casal, companheiros no sofrimento. Com alegria, saíram a passear pelos jardins da colina. Ao centro iam o Criador e Caim, ladeados por Adão e sua companheira. Quanta felicidade experimentavam nesses passos! Estavam completos. Caim, conquistado pela afeição do Pai Eterno, mostrou-Lhe seus animais de estimação e seu pequeno jardim carregado de lindas flores. Como estava encantado por vê-los coloridos naquela noite desfeita pelo brilho do Criador, como sob a luz do dia! Parecia até mesmo que o Sol baixara a eles. Ao pensar no Sol, Caim como o amava muito, passou a falar sobre ele dizendo: - Como ele é belo e bom! Quando ele vai-se embora, deixa em suas lágrimas de sangue um sentimento de tristeza e temor. Tudo desaparece em sua ausência : os animais, o jardim; até os passarinhos silenciam os seus cantos! ...Mas basta ele dizer que vai aparecer, tudo se enche de encanto; A natureza se desperta de mansinho, parecendo ainda temer as trevas, mas quando as vê fugir , fica alerta e canta; Os animais, os passarinhos, o jardim,... tudo volta a viver feliz! Mas, esta felicidade sempre acaba!!! Após falar estas palavras, Caim

fitando o Criador indagou curioso: - Papai sempre diz que foi você quem criou o Sol. É verdade? Com um sorriso de sinceridade D-us respondeu-lhe que sim. - Quando Você o fez no princípio, continuou Caim, ele já fugia para o poente? - Ele nunca foge, respondeu o Eterno, é o mundo quem foge dele. Ele fica triste com essa ingratidão! --Mas como? Perguntou Caim, contemplando curioso Sua face de luz . Com palavras carinhosas, D-us passou a contar-lhe a história de Lúcifer que, em sua ingratidão baniu de seus olhos e dos olhos de uma multidão de criaturas, o brilho de Sua face - o Verdadeiro Sol. Depois de assim agir, iludiu a muitos dizendo que foi o Sol quem fugiu deles. Com sua astúcia, continuou o Criador, o anjo rebelde procurou arrastar o ser humano para as trevas, e conseguiu. O Sol naquele dia, chorou tantas lágrimas de sangue, que banhou todo o céu. Em seu último suspiro de luz, porém, ele prometeu ao mundo já tomado pelas trevas, voltar um dia a brilhar para sempre, enchendo todo o seu seio de vida. Após falar-lhe estas palavras, o Eterno fitando aquele jovem, com expressão de tristeza nos olhos concluiu dizendo: - Hoje, o anjo rebelde promete a seus seguidores que irá com sua força deter o sol, mas ele jamais conseguirá realizar esse plano, pois não possui o laço que poderá detê-lo : o amor. Cabisbaixo, Caim ouviu dos lábios do Criador essa história de promessas, a qual já se cansara de ouvir de seus pais. Essa história não lhe dava prazer, pois mostrava uma noite longa de sacrifícios sobre o altar, e de um Salvador a perecer em dor. Em realidade, Caim não via razões para tudo isso. Por que não banir logo o sofrimento colorindo as trevas de luz?! Num esforço para conquistá-lo, o Eterno com muito amor fitou aquele jovem insatisfeito, e disse-lhe que, somente o sangue de Seu sacrifício poderia fazer o Sol para sempre brilhar, num reino de eterna felicidade e paz. Não havia outro caminho para essa conquista. Por isso, deveria ser paciente, descansando-se sob o Seu cuidado. Após conversar por longo tempo com Caim, na tentativa de fazê-lo reconhecer sua necessidade de salvação, Yahweh voltando-Se para o casal, passou a consolá-los com a promessa do nascimento de outro filho. Mais trinta e seis sacrifícios seriam contados, e seus braços envolveriam o segundo filho. Nasceria também da dor, mas traria nos olhos o brilho e o consolo da salvação. O seu testemunho de fidelidade ficaria perpetuado por todas as gerações, no símbolo de um altar coberto de sangue. As semanas iam se passando, trazendo ao casal novas de alegrias e tristezas : de um coração cheio de vida a pulsar no ventre de Eva, e de um vazio com cheiro de morte a crescer no coração do jovem Caim. Ainda que ele tenha ficado deslumbrado ante a manifestação de D-us, em nada essa aparição mudou-lhe sua maneira arrogante de pensar sobre o sentido da vida. Ele não via sentido nos sacrifícios oferecidos no altar. Nos dias que seguiram o seu encontro com o Criador, ele argumentava com os seus pais dizendo: - Se eu fosse poderoso como o Eterno, eu jamais me submeteria ao sacrifício para reconquistar o reino perdido. Ele é forte, e brilha como o sol. Ele poderia com uma só palavra expulsar todas as trevas, devolvendo-nos o paraíso. Para que tanto sofrimento?! Com essa argumentação, Caim supunha-se mais sábio que o Criador. Quem sabe, num próximo encontro teria oportunidade de aconselhá-Lo. Dessa forma, o jovem Caim aprofundava-se cada vez mais no abismo do orgulho e do egoísmo - lugar de ilusões para onde se ia, pensando estar caminhando para a vitória. Não fora Lúcifer juntamente com um terço das hostes celestes atraídos por essa mesma ilusão?! O bondoso D-us , todavia, não selaria o destino de Caim sem antes procurar de todas as formas salvá-lo da ruína eterna. Essa graça imerecida, fruto do divino amor, seria concedida a todo o ser humano que viesse a nascer neste mundo.

Capitulo VII

As trinta e seis semanas anunciadas pelo Criador cumpriram-se, trazendo a noite do santo sábado, na qual subiria ao altar o cordeiro da promessa - aquele que mergulhando nas trevas, faria brilhar nos olhos de Abel o consolo da luz. Semelhante ao cordeiro, Eva sentia naquela noite a dor de dar a luz. Adão, com suas mãos ainda banhadas pelo sangue do sacrifício, envolveu o frágil corpo daquela criança com as peles macias de uma ovelha - vestes que simbolizavam a justiça protetora do Salvador. Contemplando- o acalentado em seus braços, Adão disse-lhe com carinho: "Filhinho, o teu pai é D-us". Deu-lhe então o nome de Abel. Quando no alvorecer Caim testemunhou a alegria de seus pais pelo nascimento daquele filho, foi possuído por sentimentos de ciúmes e mágoas.Com grande ira disse-lhes que, por sua vida, somente os vira chorar. Seria esse pequeno intruso o único digno de suas alegrias?! Adão e Eva com carinho procuraram mostrar a Caim o quanto o amavam, e que o nascimento de Abel não devia entristecê-lo, mas alegrá-lo pelo privilégio de ter um irmão que lhe seria amigo e companheiro; Poderiam trabalhar unidos na transformação do mundo num paraíso de paz. Abel, envolvido pela graça divina crescia em sua natureza física e mental. Ainda pequeno, passou a entender o significado daqueles sangrentos sacrifícios. O pensamento de que o Criador do Universo haveria de tornar-se uma criança como ele, com a missão de oferecer-se em sacrifício como aqueles inocentes cordeiros, para redenção dos pecadores, emocionava-o até as lágrimas. Como Caim, Abel amava a natureza com seus jardins cheios de flores e frutos; Sentia-se também triste ao ver o sol tombar no horizonte, ferido pela escura noite. Contudo, alimentava-se não de sonhos em aventura, mas de esperança e confiança naquele que semelhante aos cordeiros se entregaria ao altar, para depois de aquecer com a luz de Sua verdade o coração do homem em meio à noite de pecado, surgir como o sol de sábado, trazendo consigo a eterna vitória. O casal, fecundado pelo amor divino, gerou duas meninas que, por sua

vez, passaram a ser disputadas na grande batalha espiritual pelo destino do Universo. Conscientes de sua responsabilidade, aqueles pais procuravam imprimir na mente de suas filhas, as eternas verdades do reino da luz. Nesse esforço, eram auxiliados por Abel, para quem o plano da redenção era o tema de suas mais doces meditações; Bastava olhar para um cordeiro, vinha-lhe à mente a doce lembrança da redenção prometida. Foi seu grande amor pelo Criador que levou-o a tornar-se num pastor de ovelhas. A influência de Caim, contudo, era negativa sobre aquelas meninas. Ele vivia falando de seus sonhos de aventura. Apontando para o paraíso distante, berço do sol nascente, prometia conquistá-lo um dia com suas forças. Não haveria mais noites, pois ele deteria o sol antes de sua partida. Em sua conquista, transformaria os vales sombrios em jardins floridos repletos de paz. Inspirado por esse ideal, Caim tornou-se lavrador. Plantava jardins que se carregavam de flores e frutos. Lutava insistentemente contra espinhos e cardos, os quais acreditava poder finalmente bani-los completamente com seus esforço . Pobre Caim, escravo de uma ilusão! Caim tornou-se finalmente em estatura semelhante ao pai. Trazia na face corada as marcas do sol que tanto amava, e em seus músculos a força que julgava necessária para detê-lo antes de sua partida. Movido pelos sonhos alimentados desde a infância, preparava-se agora para uma viagem de aventuras: Desceria ao desconhecido vale e caminharia em direção à casa do sol. Não sabia por quantos dias se ausentaria de seu lar, mas tinha a certeza de que seria vitorioso em sua missão. Cheio de entusiasmo, Caim revelou aos seus familiares sua decisão de partir. Todos ficaram preocupados, e procuraram insistentemente fazê-lo desistir de seu plano.

...

O LIVRO DE GÊNESIS

Comentário Sobre o Que Diz o Evangelho

De acordo com as revelações do rolo, o jardim do Éden é o lugar santíssimo do Santuário Celeste; Ocupava esse lugar de honra muito antes da criação do homem, num tempo em que somente havia harmonia e paz no Universo. Junto ao trono de Yahwéh, no Éden, vivia um querubim cobridor, ungido como o modelo da perfeição; ele era cheio de sabedoria . Esse anjo, valendo-se do livre-arbítrio, afastou-se dos caminhos da justiça e do amor, tornando-se líder de uma grande rebelião que arrastou um terço das estrelas do céu; Seu intento era apossar-se do domínio de todo o Universo, banindo a presença do Criador de Sião (Ezequiel 28:12- 15; Isaías 14: 12- 15).
O fato de Deus não entregar-lhe o trono, fez com que levantasse muitas acusações contra o Seu governo, fazendo-o parecer um Ser tirano. Em resposta às acusações de Seus adversários, Yahwéh dirigiu-se ao abismo que mantinha oculto desde o princípio o planeta terra, ainda sem forma e vazio, e transformou-o numa nova terra, cheia de vida e luz.
Depois de dar forma a Terra, plantou o Senhor nela o jardim do Éden, entregando-o aos cuidados do ser humano. A partir daquele momento, Yahwéh não mais reinaria em Sião, sem o consentimento e participação do homem. A partir daquele dia, a imagem de Yahwéh, seria revelada perante todo o Universo, por meio da humanidade.
O homem que, pela fidelidade ao Criador, deveria dar a ele o direito de reinar com justiça em Sião, caiu em tentações, entregando nas mãos dos adversários de Deus o reino. O Universo continuaria para sempre nas mãos dos inimigos, não houvesse o Criador idealizado um plano de resgate. Por meio desse plano, tudo aquilo que foi perdido com a queda de Adão e sua companheira, haveria de ser recuperado por meio da vitória do Messias e de seu povo.
De acordo com as revelações do quarto rolo, no dia em que Adão e Eva foram conduzidos para fora do jardim do Éden, iniciou não somente o exílio humano, como também de Yahwéh. Ele somente voltaria a reinar em Sião, quando o Messias completasse a obra da purificação e restauração de todas as assolações causadas pelas transgressões humanas (Isaías 52: 8; Zacarias 8:2).
Quanto ao jardim do Éden, é dito que ele permaneceu sobre a terra até por ocasião do dilúvio, quando num ato de justiça o Criador arrebatou-o para o seu lugar de origem, ao norte da Jerusalém Celeste. Ali, permaneceria vazio por muito tempo, protegido por um exército de querubins, representado simbolicamente pelos desenhos de anjos na cortina que fazia separação entre os dois compartimentos no tabernáculo em Israel.

Livro de Gênesis

A Criação do Universo I

Antes que existisse uma estrela a brilhar, antes que houvesse anjos a cantar, já havia um céu, o lar do Eterno, o único Deus.
Perfeito em sabedoria, amor e glória, viveu o Eterno uma eternidade, antes de concretizar o Seu lindo sonho, na criação do Universo.
Os incontáveis seres que compõem a criação foram, todos, idealizados com muito carinho. Desde o íntimo átomo às gigantescas galáxias, tudo mereceu Sua suprema atenção.
Movendo-Se com majestade, iniciou Sua obra de criação. Suas mãos moldaram primeiramente um mundo de luz, e sobre ele uma montanha fulgurante sobre a qual estaria para sempre firmado o trono do Universo. Ao monte sagrado Deus denominou: Sião.
Da base do trono, o Eterno fez jorrar um rio cristalino, para representar a vida que d'Ele fluiria para todas as criaturas.
Como sala do trono, criou um lindo paraíso que se estendia por centenas de quilômetros ao redor do monte Sião. Ao paraíso denominou: Éden.
Ao sul do paraíso, em ambas as margens do rio da vida, foram edificadas numerosas mansões adornadas de pedras preciosas, que se destinavam aos anjos, os ministros do reino da luz.
Circundando o Éden e as mansões angelicais, construiu Deus uma muralha de jaspe luzente, ao longo da qual podiam ser vistos grandes portais de pérolas.
Com alegria, o Eterno contemplou a Capital sonhada.
Carinhosamente, o grande Arquiteto a denominou: Jerusalém, a Cidade da Paz.
Deus estava para trazer à existência a primeira criatura racional. Seria um anjo glorioso, de todos o mais honrado. Adornado pelo brilho das pedras preciosas, esse anjo viveria sobre o monte Sião, como representante do Rei dos reis diante do Universo.
Com muito amor, o Criador passou a modelar o primogênito dos anjos. Toda sabedoria aplicou ao formá-lo, fazendo-o perfeito. Com ternura concedeu-lhe a vida; o formoso anjo, como que despertando de um profundo sono, abriu os olhos e contemplou a face de seu Autor.
Com alegria, o Eterno mostrou-lhe as belezas do paraíso, falando-lhe de Seus planos, que começavam a se concretizar. Ao ser conduzido ao lugar de sua morada, junto ao trono, o príncipe dos anjos ficou agradecido e, com voz melodiosa, entoou seu primeiro cântico de louvor.
Das alturas de Sião, descortinava-se, aos olhos do formoso anjo, Jerusalém em sua vastidão e esplendor. O rio da vida, ao deslizar sereno em meio à Cidade, assemelhava-se a uma larga avenida, espelhando as belezas do jardim do Éden e das mansões angelicais.

Envolvendo o primogênito dos anjos com Seu manto de luz, o Eterno passou a falar-lhe dos princípios que haveriam de reger o reino universal. Leis físicas e morais deveriam ser respeitadas em toda a extensão do governo divino.
As leis morais resumiam-se em dois princípios básicos: amar a Deus sobre todas as coisas e viver na fraternidade com todas as criaturas. Cada criatura racional deveria ser um canal por meio do qual o Eterno pudesse jorrar aos outros vida e luz. Dessa forma, o Universo cresceria em harmonia, felicidade e paz.
Depois de revelar ao formoso anjo as leis de Seu governo, o Eterno confiou-lhe uma missão de grande responsabilidade: seria o protetor daquelas leis, devendo honra-las e revela-las ao Universo prestes a ser criado. Com o coração transbordante de amor a Deus e aos semelhantes, caber-lhe-ia ser um modelo de perfeição: seria Lúcifer, o portador da luz.
O príncipe dos anjos; agradecido por tudo, prostrou-se ante o amoroso Rei, prometendo-Lhe eterna fidelidade.
O Eterno continuou Sua obra de criação, trazendo à existência inumeráveis hostes de anjos, os ministros do reino da luz. A Cidade Santa ficou povoada por essas criaturas radiantes que, felizes e gratas, uniam as vozes em belíssimos cânticos de louvor ao Criador.
Deus traria agora à existência o Universo que, repleto de vida, giraria em torno de Seu trono firmado em Sião. Acompanhado por Seus ministros, partiu para a grandiosa realização.
Depois de contemplar o vazio imenso, o Eterno ergueu as poderosas mãos, ordenando a materialização das multiformes maravilhas que haveriam de compor o Cosmo.
Sua ordem, qual trovão, ecoou por todas as partes, fazendo surgir, como que por encanto, galáxias sem conta, repletas de mundos e sóis - paraísos de vida e alegria -, tudo girando harmoniosamente em torno do monte Sião.
Ao presenciarem tão grande feito do supremo Rei, as hostes angelicais prostraram-se, fazendo ecoar pelo espaço iluminado um cântico de triunfo, em saudação à vida. Todo o Universo uniu-se nesse cântico de gratidão, em promessa de eterna fidelidade ao Criador.
Guiados pelo Eterno, os anjos passaram a conhecer as riquezas do Universo. Nessa excursão sideral, ficaram admirados ante a vastidão do reino da luz. Por todas as partes encontravam mundos habitados por criaturas felizes que os recebiam em festa. Os anjos saudavam-nos com cânticos que falavam das boas novas daquele reino de paz.
Tão preciosa como a vida, a liberdade de escolha, através da qual as criaturas poderiam demonstrar seu amor ao Criador, exigia um teste de fidelidade. Com o propósito de revelá-lo, o Eterno conduziu as hostes por entre o espaço iluminado, até se aproximarem de um abismo de trevas que contrastava com o imenso brilho das galáxias. Ao longe, esse abismo revelara-se insignificante aos olhos dos anjos, como um pontinho sem luz; mas à medida de sua aproximação, mostrou-se em sua enormidade. O Criador, que a cada passo revelava aos anjos os mistérios de Seu reino, ficou ali silencioso, como que guardando para Si um segredo. As trevas daquele abismo consistiam no teste da fidelidade.
Voltando-Se para as hostes, o Eterno solenemente afirmou:
-"Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida".
Com estas palavras, fez Deus separação entre a luz e as trevas, o bem e o mal. O Universo era livre para escolher seu destino.

A Criação do Universo II

tão acalentado sonho do Criador se concretizara. Agora, como Pai carinhoso, conduzia as criaturas através de uma eternidade de harmonia e paz.
Em virtude do cumprimento das leis divinas, o Universo expandia-se em felicidade e glória. Havia um forte elo de amor, que a todos unia fortemente. Os seres racionais, dotados da capacidade de um desenvolvimento infinito, encontravam indizível prazer em aprender os inesgotáveis tesouros da Sabedoria divina, transmitindo-os aos semelhantes. Eram como canais por meio dos quais a Fonte da Eterna Vida nutria a todos de amor e luz.
Em Jerusalém, os ministros do reino reuniam-se ante o soberano Rei, sempre prontos a cumprir os Seus propósitos. Era através de Lúcifer que o Eterno tornava manifesto os Seus desígnios. Depois de receber uma nova revelação, ele prontamente a transmitia às hostes angelicais. Estas, por sua vez, a compartilhavam com a criação. Em célere vôo os anjos rumavam para as terras planetas capitais, onde, em grandes assembléias, reuniam-se os representantes dos demais mundos.
Em muitas dessas assembléias, Lúcifer fazia-se presente, enchendo os participantes de alegria e admiração. Perfeito em todas as virtudes, ele os cativava com sua simpatia. Nenhum outro anjo conseguia revelar como ele os mistérios do amor do Eterno.
O Universo, alimentando-se da Fonte da Vida, expandia-se numa eternidade de perfeita paz. A obediência às leis divinas era o fundamento de todo progresso e felicidade. Ainda que conscientes do livre-arbítrio, jamais subira ao coração de qualquer criatura o desejo de se afastar do Criador. Assim foi por muito tempo, até que tal problema irrompeu na vida daquele que era o mais íntimo do Eterno.
Lúcifer, que dedicara sua vida ao conhecimento dos mistérios da luz, sentiu-se aos poucos atraído pelas trevas. O Rei do

Universo, aos olhos de quem nada pode ser encoberto, acompanhou com tristeza os seus passos no caminho descendente que leva à morte. A princípio, uma pequena curiosidade levou Lúcifer a se aproximar daquele abismo profundo. Contemplando-o, ele começou a indagar o porquê de não poder compreender o seu enigma.

Retornando a seu lugar de honra, junto ao trono, prostrou-se ante o divino Rei, suplicando-Lhe:

- Pai, dá-me a conhecer os segredos das trevas, assim como me revelas a luz.

Ante o pedido do formoso anjo, o Eterno, com voz expressiva de tristeza, disse-lhe:

- Meu filho, você foi criado para a luz, que é vida.

Convencendo-se de que o Criador não lhe revelaria os tesouros das trevas, Lúcifer decidiu compreender por si mesmo o enigma. Julgava-se capacitado para tanto.

Só Deus sabia o que se passava no coração de Lúcifer. O anjo, que fora criado para ser o portador da luz, estava divorciando-se em pensamentos do bondoso Criador que, num esforço de impedir o desastre, rogava-lhe permanecer a Seu lado.

Uma tremenda luta passou a travar-se em seu íntimo. O desejo de conhecer o sentido das trevas era imenso, contudo, os rogos daquele amoroso Pai, a quem não queria também perder, o torturavam. Vendo o sofrimento que sua atitude causava ao Criador, às vezes demonstrava arrependimento, mas voltava a cair.

Antes de criar o Universo, Deus já previra a possibilidade de uma rebelião. O risco de conceder liberdade às criaturas era imenso, mas, sem este dom, a vida não teria sentido.

Ele queria que a obediência fosse fruto de reconhecimento e amor, por isso decidiu correr o grande risco.

Ainda que prosseguisse na busca do sentido das trevas, Lúcifer não pretendia abandonar a luz. Esforçava-se para chegar a uma combinação entre essas partes que, no reino do Eterno, coexistiam separadas. Finalmente, com um sentimento de exaltação, concebeu uma teoria enganosa, que pretendia apresentar ao Universo como um novo sistema de governo, superior ao governar do Eterno. Denominou sua Lei "a ciência do bem e do mal".

Estruturada na lógica, a ciência do bem e do mal revelou-se atraente aos olhos de Lúcifer, parecendo descerrar um sentido de vida superior àquele oferecido pelo Criador, cujo reino possibilitava unicamente o conhecimento experimental do bem. No novo sistema, haveria equilíbrio entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo, entre a luz e as trevas.

Ao longo do tempo em que amadurecera em sua mente a ciência do bem e do mal, Lúcifer soube guardar segredo diante do Universo. Continuava em seu posto de honra, cumprindo a função de Portador da Luz. Contudo, por mais que procurasse fingir, seu semblante já não revelava alegria em servir ao Eterno.

O divino Rei, que sofria em silêncio, procurava, por meio de Suas revelações de amor, preparar as criaturas racionais para a grande prova que se aproximava. Sabia que muitos dariam ouvido à tentação, voltando-Lhe as costas. A noite da provação faria sobressair, contudo, os verdadeiros fiéis - aqueles que serviam ao Criador não por interesse, mas por amor.

Ao ver que a hora da prova chegara, e que Lúcifer estava pronto para traí-Lo diante do Universo, o Eterno, que jamais cessara de revelar os tesouros de Sua sabedoria, tornou-se silencioso e contemplativo. O silêncio fez reviver no coração das hostes a lembrança daquela primeira excursão sideral, quando, depois de lhes mostrar as riquezas do reino da luz, Deus tornou-se silencioso ante aquele abismo. Lembram-se de Suas palavras: "Todos os tesouros da luz estarão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida".

Lúcifer, que passara a cobiçar o trono de Deus, indagou-Lhe o motivo de Seu silêncio. O Criador, contemplando-o com infinita tristeza, disse-lhe: "É chegada a hora das trevas. Você é livre para realizar seus propósitos".

Vendo que o momento propício para a propagação de sua teoria havia chegado, Lúcifer convocou os anjos para uma reunião especial. As hostes, desejosas de conhecer o significado do silêncio do Pai, tomaram seus lugares junto ao magnífico anjo, que sempre lhes revelara os tesouros do reino da luz.

Lúcifer começou seu discurso exaltando, como de costume, o governo do Eterno. Num amplo retrospecto, lembrou-lhes as grandiosas revelações que os enriquecera em toda aquela eternidade.

O silêncio divino, apresentou-o como sendo a indicação de que o Universo alcançara a plenitude do conhecimento oriundo da luz. Silenciando, o Eterno abria-lhes caminho para o entendimento de mistérios ainda não sondados, mantidos até então além dos limites de Seu governo.

Surpresas, as hostes tomaram conhecimento da experiência de Lúcifer sobre as trevas. Com eloqüência, ele falou-lhes da ciência do bem e do mal, indicando-a como o caminho das maiores realizações.

O efeito de suas palavras logo se fez sentir em todo o Universo. A questão era decisiva e explosiva, gerando pela primeira vez discórdia. Os seres racionais, em sua prova, tinham de optar por permanecer somente com o conhecimento da luz, o qual Lúcifer afirmava

haver chegado ao seu limite, ou se aventurar no conhecimento da ciência do bem e do mal. No começo, os anjos debateram-se diante da questão, sendo logo depois todo o Universo posto à prova. Dir-se-ia que a ciência do bem e do mal haveria de arrebanhar a maior parte das criaturas, mas, aos poucos, muitos que a princípio se empolgaram com a teoria, despertaram para a ilusão da mesma, reafirmando sua fidelidade ao reino da luz. Ao fim desse conflito, que se arrastou por longo tempo, revelou-se um terço das estrelas do céu ao lado de Lúcifer, e as restantes, ainda que abaladas pela prova ao lado do Eterno.

A ciência do bem e do mal fora apregoada por Lúcifer como um novo sistema de governo. Mas como exercê-lo, se o Eterno continuava reinando em Sião? O conselho, formado pelos anjos rebeldes, passou a tratar disso. Decidiram, finalmente, solicitar-Lhe o trono por um tempo determinado, no qual poderiam demonstrar a excelência do novo sistema de governo. Caso fosse aprovado pelo Universo, o novo sistema se estabeleceria para sempre; caso contrário, o domínio retornaria ao Criador.

Foi assim que Lúcifer, acompanhado por suas hostes, aproximou-se d'Aquele Pai sofredor, fazendo-Lhe tal pedido.

O Eterno não era ambicioso, apenas queria bem às Suas criaturas. Se a ciência do bem e do mal consistisse realmente num bem maior, não Se oporia à sua implantação, cedendo o trono a seus defensores. Mas Ele sabia que aquele caminho conduziria à infelicidade e à morte.

Movido por Seu amor protetor, o Criador desatendeu o pedido das hostes rebeldes, que se afastaram enfurecidas.

Lúcifer e suas hostes passaram a acusar o divino Rei, proclamando ser o seu governo de tirania. Afirmavam ser sua permanência no trono a mais patente demonstração de Sua arbitrariedade. Não lhes concedera liberdade de escolha? Por que neutralizá-la agora, impedindo-os de pôr em prática um sistema de governo superior?

As acusações das hostes rebeldes repercutiram por todo o Universo, fazendo parecer que o governo do Eterno era injusto.

Isto trouxe profunda angústia àqueles que permaneciam fiéis ao reino da luz. Não sabendo como refutar tais acusações, essas criaturas, emudecidas pela dor moral, ansiavam pelo momento em que novas revelações procedentes do Criador pudessem aclarar-lhes os mistérios desse grande conflito.

As acusações e blasfêmias das hostes rebeldes alcançavam o ponto culminante quando o Eterno, num gesto surpreendente, ergueu-se de Seu trono, como que pronto a deixá-lo. Os infiéis, na expectativa de uma conquista, aquietaram-se, enquanto um sentimento de temor penetrava no coração dos súditos da luz. Entregaria Ele o domínio de toda a criação, para livrar-Se das vis acusações? De acordo com a lógica a partir da qual Lúcifer fundamentava seus ensinamentos, não restava outra alternativa ao Criador. Nesta tremenda expectativa, o Universo acompanhava os passos de Deus.

Num gesto de humildade, o Criador despojou-Se de Sua coroa e de Seu manto real, depondo-os sobre o alvo trono. Em Seu semblante não havia expressão de ressentimento ou ira, mas de infinito amor e tristeza.

Com solenidade, o Eterno proclamou que o momento decisivo chegara, quando cada criatura deveria selar sua decisão ao lado da luz ou das trevas. Numa ampla revelação, alertou para as conseqüências de um rompimento com a Fonte da Vida.

Lúcifer e seus seguidores estavam conscientes da seriedade daquele momento.

Vendo que o Trono permanecia vazio, Lúcifer e suas hostes, dominados pela cobiça, romperam definitivamente com o Criador

Ao ver um terço dos súditos transpor as divisas da eterna separação, Deus deixou extravasar a dor angustiante que por tanto tempo martirizava Seu coração, curvando-Se em inconsolável pranto. Contemplando Seus filhos rebeldes, ergueu a voz numa lamentação dolorosa: "Meus filhos, meus filhos! Já não posso chamá-los assim! Queria tanto tê-los nos braços meus! Lembro-Me quando os formei com carinho! Vocês surgiram felizes e perfeitos, em acordes de esperança em eterna harmonia!

Vivi para vocês, cobrindo-os de glória e poder! Vocês foram a minha alegria! Por que seus corações mudaram tanto? O que mais poderia eu ter feito para fazê-los permanecer comigo? Hoje minh'alma sangra em dor pela separação eterna! Como olharei para os lugares vazios onde tantas vezes rejubilantes ergueram as vozes em hosanas festivas, sem me vir à mente um misto da felicidade e dor?! Saudade infinita já invade o meu ser, e sei que será eterna!

Hoje o meu coração rompeu e quebrou-se; as cicatrizes carregarei para sempre!

Depois de proclamar em pranto tão dolorosa lamentação, o Eterno, dirigindo-Se a Lúcifer, o causador de todo o mal, disse:

"Você recebeu um nome de honra ao ser criado. Agora não mais o chamarão Lúcifer, mas Satã, O Senhor das Trevas".

Depois de lamentar a perdição das hostes rebeldes, o Eterno, em lentos passos, ausentou-se do jardim do Éden, lugar do trono Universal.. Onde seria agora a Sua morada....

As hostes fiéis acompanharam reverentes os Seus misteriosos passos de abandono, que pareciam descerrar um futuro difícil, de sofrimentos e humilhações. Ocupariam os rebeldes o divino trono, profanando-o como domínio do pecado? Esta indagação torturava o coração dos súditos do Eterno.

Deixando Sua amada Cidade, o Senhor da luz conduziu-Se, em meio às glórias do Universo, em direção do abismo imenso, a respeito do qual silenciara até então. Ali deteve-Se mais uma vez, emudecido, enquanto parecia ler nas trevas um futuro de grandes lutas. Ante o sofrimento do Eterno, expresso na tristeza de Seu semblante, os fiéis puderam finalmente compreender o significado daquele misterioso abismo: consistia numa representação simbólica do reino da rebeldia.

Na face entristecida de Deus manifestou-se, por fim, um brilho que aos fiéis animou. Erguendo os poderosos braços ante as trevas, ordenou em alta voz: "Haja luz."

Imediatamente, a luz de Sua presença inundou o profundo abismo e, triunfando sobre as trevas, revelou um mundo inacabado, coberto por cristalinas águas. Com esse gesto, iniciava o Eterno uma grande batalha pela reivindicação de Seu governo de luz; batalha do amor contra o egoísmo; da justiça contra a injustiça; da humildade contra o orgulho; da liberdade contra a escravidão; da vida contra a morte. Batalha que, sem trégua, se estenderia até que, no alvorecer almejado, pudesse o divino Rei retornar vitorioso ao santo monte Sião, onde, entronizado em meio aos louvores dos remidos, reinaria para sempre em perfeita paz. As trevas, em sua fuga, apontavam para o aniquilamento final da rebeldia.

As águas abundantes que cobriam aquele mundo, até então oculto, simbolizavam a vida eterna que para os fiéis seria conquistada pelo amor que tudo sacrifica.

O mundo revelado era a Terra. Visitada pelas trevas e pela luz, ela seria o palco da grande luta.

Rejubilavam-se os fiéis ante o triunfo da luz naquele primeiro dia, quando as trevas em sua fúria rolaram sobre o planeta, sucumbindo-o em densa escuridão. A luz, que parecia vencida, renasceu vitoriosa num lindo alvorecer.

Ao raiar a luz do segundo dia, o Eterno ordenou: "Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre água e águas."

Imediatamente, o calor de Sua luz fez com que imensa quantidade de vapor se elevasse das águas, envolvendo o planeta num manto de transparência anil. Surgiu assim a atmosfera, com sua mistura perfeita de gases que seriam essenciais à vida que em breve coroaria o planeta. O Criador, contemplando a expansão, denominou-a "céus".

A atmosfera, que cheia de brilho envolvia a Terra, sombreou-se ao sobrevir o crepúsculo de um outro entardecer.

A Criação do Universo III

Ao serem vencidas as trevas no terceiro dia, o Criador prosseguiu Sua obra, fazendo surgir os imensos continentes que ainda estavam sob a superfície das águas. Com as mãos erguidas ordenou: "Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar e apareça a porção seca."

Em pronta obediência, as cristalinas águas cederam sua posição superior à porção seca que se ergueu, sobrepondo-se a elas.

Nas regiões baixas da Terra, as águas continuariam refletindo o brilho celeste, sendo um refrigério para as criaturas sedentas.

Nesse gesto de humildade, as águas prefiguravam o Criador, que na grande luta desceria ao mais profundo abismo para fazer renascer nas almas sedentas a vida eterna.

Contemplando a face daquele novo mundo, o Eterno denominou a parte seca "terra", e ao ajuntamento das águas chamou "mares".

Com Sua poderosa voz prosseguiu, ordenando: "Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra."

Em obediência ao mando divino, a superfície sólida do planeta revestiu-se de toda sorte de vegetação: lindos prados a florir, campos verdejantes entrecortados por rios cristalinos, florestas sem fim.

Enquanto com admiração as hostes contemplavam as belezas daquela criação, surpreenderam-se ao reconhecer sobre o novo planeta o jardim do Éden, lugar do trono divino.

O Eterno, pelo poder de Sua palavra, o havia transferido para o seio daquele mundo especial, onde em justiça seria confirmado o governo do Universo.

Contemplando Sua obra, o Criador com felicidade exclamou: "Eis que tudo é muito bom."

As hostes fiéis agora podiam compreender melhor a importância da luz divinal. Sua ausência havia ofuscado, naquela noite, as belezas de Sião.

Nesse novo dia, o Criador expressaria o Seu grande poder, dando à Terra luminares que a encheriam de luz e calor. Esses luminares permaneceriam para sempre como símbolos da presença espiritual do Eterno, que é a fonte de toda a luz.

Contemplando o espaço escuro e vazio que se estendia ao redor da Terra, com potente voz ordenou: "Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para tempos determinados, para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus para alumiarem a Terra."

Imediatamente, o espaço tornou-se radiante pelo brilho do sol e pelo reflexo de planetas e estrelas. Ante esta demonstração de poder, as hostes fiéis curvaram-se em reverente adoração.

No quarto dia, o Eterno criou os mundos de nosso sistema solar não para serem habitados como a Terra, mas para o equilíbrio do sistema. Encheriam também o céu de fulgor, abrandando as trevas das noites terrenas.

Volvendo os olhos para a Terra, as hostes alegraram-se por vê-la radiante em cores. Bem próximo dela podia-se ver a Lua que, com seu reflexo prateado, afugentaria as profundas sombras noturnas.

Envolvidos por esse cenário encantador, os filhos da luz, rejubilantes, saudaram o alvorecer do quinto dia, que seria de muitas surpresas. O Eterno tornaria a Terra festiva pela presença de infindáveis espécies de animais irracionais que habitariam toda a superfície do planeta. Essa criação teria continuidade no sexto dia. Erguendo as poderosas mãos, o Criador, olhando primeiramente para as cristalinas águas, ordenou: "Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente."

De imediato, as águas tornaram-se ondulantes pela presença de incontáveis espécies de répteis . Desde os seres microscópicos até as grandes baleias, todos surgiram em completa harmonia, refletindo em sua natureza o amor do Criador.

Pousando os olhos sobre a atmosfera anil que repousava sobre as verdejantes florestas, o Eterno continuou: "Voem as aves sobre a face da expansão dos céus".

Mediante Sua ordem, os Céus encheram-se de pássaros coloridos que, voando em todas as direções, tinham no coração um cântico de gratidão pela vida. Esse cântico encheu o ar, misturando-se com o perfume das matas floridas.

Contemplando com prazer Suas criaturas terrenais, o Eterno abençoou-as dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos e enchei as águas nos mares, e as aves se multipliquem na Terra."

Alvorecer do sexto dia. Erguendo os potentes braços, o Eterno ordenou: "Produza a Terra alma vivente conforme a sua espécie: gado, répteis e bestas-feras da terra, conforme a sua espécie."

Sua voz poderosa foi prontamente ouvida e, nas florestas e campos, pôde-se ver o resultado de Seu poder criador. Animais de todas as espécies despertaram numa existência feliz, em meio a um paraíso de perfeita paz.

Movendo-Se com majestade, o Eterno baixou às glórias do novo mundo, dirigindo-Se ao jardim do Éden, lugar do divino trono. Os anjos da luz acompanharam-nO reverentes, detendo-se qual nuvem sobre os céus do paraíso. Todo Universo observava com profundo interesse o desdobramento dos atos do Criador, em resposta às acusações de seus inimigos.

O momento era decisivo. Tudo indicava que o Eterno demonstraria não ser tirano nem egoísta, coroando alguém sobre o monte Sião. Satã e seus seguidores não duvidavam de que o reino lhes seria entregue e reinariam vitoriosos no seio daquele antigo abismo, onde as trevas e a luz agora se entrelaçavam. Os súditos da luz estremeceram ante essa perspectiva.

Junto à fonte do rio da vida, o Eterno curvou-Se solenemente e, com os elementos naturais da Terra, começou a moldar, com muito carinho, uma criatura especial. Depois de alguns instantes, estava estendido diante do Criador o corpo, ainda sem vida, do primeiro homem. O Eterno contemplou-o e, após acariciar-lhe a face fria e descorada, soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida e o homem começou a viver.

Como que despertando de um sono, o homem abriu os olhos e contemplou a face meiga de Seu Criador que, sorrindo, beijou-lhe a face agora corada e cheia de vida. Emocionou-se ao ouvir o Eterno dizer-lhe com voz suave e cheia de afeição: "Meu filho, meu querido filho!" Por ter nascido do solo, o primeiro homem recebeu o nome de Adão.

As hostes fiéis que admiradas testemunhavam a grandiosa realização divina, emocionadas ante o gesto humano, prostraram-se também em reverente adoração. Uniram então as vozes num cântico de júbilo em saudação àquela criatura especial, que despertava para a vida num momento tão decisivo para o Universo.

Com o coração cheio de felicidade, Adão uniu-se aos anjos em seu cântico de louvor. Sua voz, ao ecoar pelos arredores floridos, misturou-se ao canto das aves e ao mugir de animais que se aproximavam em festa.

Num passeio de surpresas inesquecíveis, Adão foi conscientizado das belezas de seu lar. Com admiração, contemplou o monte Sião, donde jorrava o rio da vida, numa cascata de luz.

Com intensa alegria, Adão tomava conhecimento das infindáveis espécies de animais que povoavam o jardim. Todos eram mansos e submissos e viviam em perfeita harmonia e felicidade.

Observando os animais, Adão percebeu que eles desfrutavam de um companheirismo especial. Via por toda parte casais felizes que viviam um para o outro. Seus pensamentos voltaram-se para o Seu Companheiro. Olhou ao derredor e ficou surpreso por não vê-Lo. O Eterno havia Se ocultado propositalmente, tornando-Se invisível.

Adão sentia-se solitário em meio àquele paraíso. Com quem partilharia sua felicidade e seu amor? Havia ali os animais, mas eles eram irracionais, não podendo compartilhar de seus ideais. Nascia em seu coração, ao caminhar solitário naquele entardecer, um desejo ardente de encontrar alguém que pudesse estar sempre a seu lado.

Enquanto Adão olhava para as distantes colinas na esperança de ver alguém, o Eterno apresentou-Se ao seu lado e disse-lhe: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma companheira."

Adão ficou feliz ao ouvir do Criador essa promessa, justamente no momento em que tanto ansiava ter alguém para estar sempre visível a seu lado.

Tomado por um profundo sono, Adão reclinou-se no peito de seu amoroso Criador que, com carícias, o fez adormecer. Em seu subconsciente surgiram os primeiros sonhos : Contempla o olhar meigo do Eterno; ouve o som harmonioso da música angelical; descobre as maravilhas ao derredor: o monte Sião com seu arco-íris; o rio da vida; os prados em flor; os animais que o saúdam em festa. Repetem-se em seus sonhos as cenas que o envolveram em seu anseio; olha ao derredor na esperança de encontrar seu companheiro, mas não o vê. Sente-se solitário em seu sonho, e isso o faz procurar alguém com quem possa compartilhar sua existência. Seu olhar estende-se por campinas verdejantes, divisando ao longe colinas floridas. Enquanto caminha esperançoso, sente a brisa mansa a afagar-lhe os cabelos macios. Conversa com a brisa: "Brisa, você parece ser quem tanto procuro; você me afaga os cabelos; beija minha face; você tem o perfume das verdes matas. Se eu pudesse ver sua face, beijá-la-ia; se eu pudesse tocar os seus cabelos, faria longas tranças e as enfeitaria com as flores do nosso jardim!"

Após caminhar em sonho pelos prados do paraíso, Adão deteve-se enquanto contemplava a paisagem ao redor. Admirou-se por não ver o efeito da brisa nos ramos floridos. Mas como, se a sentia calidamente no rosto? Começou então a despertar de seu sonho. Ainda com os olhos fechados lembrou-se do momento em que, sonolento, recostara-se no peito do Eterno. Seria a brisa o afago de Suas mãos? Com esta indagação abriu os olhos e emocionou-se ao contemplar uma linda mulher que, com as mãos perfumadas, acariciava-lhe a face com amor. Era a brisa de seu sonho; a promessa de um Criador que só queria fazê-lo feliz.

Agora Adão era completo, pois tinha Eva, que era carne de sua carne e ossos de seus ossos. Tomando-a pela mão, Adão convidou-a para um passeio de surpresas inesquecíveis. Mostraria à sua companheira as belezas de seu lar.

Sensibilizada Eva detinha-se a cada passo, atraída pelas flores que exalavam suaves perfumes; pelos pássaros que gorjeavam alegres cantos; pelos animais que os seguiam submissos; pela vegetação de ricos matizes; pelas águas cristalinas do rio da vida que jorravam em cascata do monte Sião. Tudo no paraíso era perfeito e belo, mas nada se igualava ao ser humano, criado à imagem de Deus. Voltaram-se um para o outro em admiração e carícias. Embalados por esse amor, permaneceram até o entardecer.

Com deleite, o jovem casal passou a contemplar o sol poente que, através de rosados raios, coloria o céu em lindo arrebol.

Era o sexto dia que chegava ao seu final, dando lugar às horas de um dia especial: o sábado. Esse dia, em seu significado, seria solene para todos os súditos do Eterno, pois seu alvorecer traria a vitória para o reino da luz. Indagavam o sentido das trevas quando, por entre as ramagens, viram um lindo luar, cujos raios prateados banhavam a natureza em suave luminosidade. Todo o céu estava iluminado pelo fulgor das estrelas. Admirados, descobriram que a noite somente era trevas quando se olhava para baixo. Adão e Eva em sua inocência não sabiam que aquela noite simbolizava o futuro sombrio da humanidade. Quando o compreendessem, ficariam confortados ao contemplar o fulgor dos céus: o luar falaria de esperança e as estrelas cintilantes testemunhariam o interesse das hostes da luz em aclarar-lhes as trevas morais, dando alento aos pecadores. Mas seriam iluminados apenas aqueles que, desviando os olhos da Terra, contemplassem os altos céus.

Após contemplar por algum tempo o céu em sua luminosidade, o casal, lembrando-se das belezas do paraíso, volveu os olhos, buscando divisá-las. Estavam, porém, ocultas em meio às sombras. Quanto almejavam o alvorecer, pois somente ele traria consigo o paraíso!

Ante o anseio do coração humano, o Eterno surgiu em meio às trevas, devolvendo ao casal a alegria de se encontrar novamente num jardim colorido.

Banhados em suave luz, caminhavam agora por prados verdejantes e floridos. o brilho do Criador despertava a natureza por onde passavam, colorindo e alegrando tudo em derredor. O casal, admirado, aprendeu que ao lado do Eterno poderiam ter um paraíso em plena noite.

Sentindo-se sonolentos, Adão e Eva recostaram-se no colo do amoroso Pai, que os faz adormecer docemente, esperançosos de um despertar feliz. Deitando-os sobre a relva macia, o Eterno elevou-Se indo para junto das hostes contemplativas. Voltaria a manifestar-Se ao alvorecer, fazendo o casal despertar para o mais solene acontecimento, que reduziria a pó as vis acusações dos inimigos.

A noite escura e fria, através de suas longas horas, parecia zombar da luz. Ofuscaria para sempre as belezas da criação? Oh, jamais! O sol não recuaria ante a imponência das trevas; surgiria em breve como um libertador, arrebatando com seus cálidos raios a natureza das frias garras, dando-lhe vida e cor.

Num último desafio, as trevas tornaram-se densas nas horas que antecederam o alvorecer. A noite arregimentava suas forças para lutar pelo domínio usurpado.

Finalmente, surgiu no leste um lampejo que parecia falar de esperança em um novo dia. O céu aos poucos tornou-se colorido

de um vermelho vivo. As trevas impotentes recuaram ante a força crescente da luz e foram consumidas em sua fuga. A natureza começou a despertar da longa noite, refletindo em seu seio os saudosos raios. Flores abriram-se, exalando perfumes de alegria; animais e aves, silenciados pela noite, uniram as vozes num cântico triunfal em saudação ao alvorecer daquele dia grandioso.

A negra noite chegara ao fim, dando lugar à luz do dia sonhado - dia que para Deus tinha um sentido especial, pois prefigurava a final vitória de Seu reino sobre o domínio da rebeldia.

O Eterno agora despertaria Seus filhos humanos que, banhados pela luz de Sua presença, haviam adormecido na esperança de um alvorecer feliz. Numa marcha festiva, todas as hostes santas, com cânticos de vitória, acompanharam-nO rumo ao paraíso banhado em luz. Quando já estavam próximos, o Criador deteve-Se contemplando o casal adormecido, e exclamou suavemente: "Acordem meus filhos." Sua voz penetrou nos ouvidos de Adão e Eva, despertando-os para a mais feliz comunhão. Quão depressa raiara a acalentada manhã, trazendo em sua luz o doce paraíso, perdido naquela noite! Com alegria o casal saudou o divino Criador, unindo-se aos anjos em antífonas triunfais.

O Universo vivia um momento deveras solene. Naquela manhã festiva, o Eterno haveria de revelar a grandeza de Seu caráter, que é justiça e amor. As acusações de que Seu governo era de egoísmo e tirania seriam refutadas.

Aos olhos de todas as criaturas racionais do vasto Universo, Deus conduziu o jovem casal ao monte Sião, lugar do divino trono. Ali, ante o estremecimento das hostes emudecidas, o Criador, num gesto surpreendente, cobriu o homem com o manto real, colocando sobre sua cabeça a coroa que fora cobiçada por Lúcifer.

Movidos por profunda gratidão pela suprema honra conferida, Adão e Eva prostraram-se reverentes, depondo aos pés do Criador sua coroa preciosa, em sinal de submissão. Seguiu-se a esse gesto humano um brado de vitória que sacudiu toda a Criação. Os filhos da luz, que por tanto tempo haviam sofrido afrontas e humilhações ante as constantes acusações das hostes rebeldes, exaltaram em retumbante louvor o Deus bendito, que em Sua obra de justiça desmentira os inimigos, revelando Seu caráter de humildade, desprendimento e amor.

Tendo constituído o homem como o senhor de toda a criação, o Eterno, com voz solene, passou a conscientizá-lo da grandiosidade de sua missão. Como um guardião, deveria cuidar do paraíso, mantendo límpida a fonte do rio da vida. As leis da justiça e do amor, fundamentos do reino da luz, deveriam ser honradas. Como um cetro racional, caberia ao homem, em gesto de reconhecimento e gratidão, aceitar livremente o governo d'Aquele que o criou.

As hostes, que maravilhadas testemunhavam a revelação do desprendimento divino, compreenderam que o Senhor da Luz não governaria mais o Universo, a não ser com o consentimento humano. O homem, pela vontade do Eterno, fora feito o árbitro da criação; em seu glorioso ser, feito à imagem do Criador, resplandecia o selo do eterno domínio.

Após revelar ao casal a infinita honra e responsabilidade de sua missão, o Criador conscientizou-o do conflito espiritual que se travava pela conquista do domínio universal: Lúcifer, que por incontáveis eras servira ao divino Rei em Sião, havia sido corrompido pelo orgulho e pelo egoísmo, sendo seguido por um terço das hostes racionais; buscavam agora destronar o Eterno, desonrando-O com vis acusações.

Tendo revelado ao ser humano a dolorosa situação em que o Universo se encontrava, o Eterno, num gesto solene, mostrou-lhe duas altaneiras árvores que, carregadas de grandes frutos, se erguiam em ambas as margens do rio que nascia do trono. A que se elevava à direita revelou o Senhor ser a árvore da vida monumento do reino da luz. A que se erguia à outra margem revelou ser a árvore da ciência do bem e do mal - símbolo da rebeldia. Comendo do fruto da árvore da vida, o homem manifestaria sua submissão ao Criador, que é Fonte de vida e luz. Comer da outra árvore seria entregar ao inimigo o domínio de Sião. O inevitável resultado desse passo seria a morte eterna, não somente para o ser humano, mas para toda a criação, que se reduziria ao caos sob a fúria da rebeldia.

Após contemplar demoradamente as duas altaneiras árvores, que externavam em seus frutos tão infinita responsabilidade, Adão prostrou-se ante o Criador, dizendo: "Digno és Senhor de reinar sobre o Universo, pois pela Tua sabedoria, amor e poder todas as coisas foram criadas e subsistem."

O sábado, emblema do triunfo divino, encheu-se de louvor. Todos os filhos da luz uniram-se ao ser humano no mais harmonioso cântico de exaltação Àquele cuja grandeza é sem par.

Foi com espanto que Satã e seus seguidores testemunharam a grandiosa realização do Eterno. Presenciaram com amargura a alegria dos fiéis ante a coroação do homem-acontecimento que lançara por terra as fortes acusações que eles haviam levantado contra o governo divino. Cheios de frustração e ira, consideravam agora sua triste condição. Quão terrível e humilhante era-lhes o pensamento de verem seus planos de rebeldia desfazerem-se diante do Criador, semelhantes às sombras daquela noite. Se pudessem, pensavam, encheriam o sábado de

trevas, banindo da mente dos súditos do Eterno qualquer esperança de vitória.
Finalmente, em suas considerações, Satã e seus liderados compreenderam que lhes restava uma oportunidade: no meio do jardim do Éden, nas alturas de Sião, elevava-se, junto ao rio da vida, a árvore da ciência do bem e do mal. Bastaria um gesto humano, nada mais, e teriam sob seu poder, para sempre, o domínio cobiçado. Mas como seduzi-lo?
Animado ante a perspectiva de uma conquista, Satã procurou, com engenhosidade, arquitetar um plano de abordagem. Sabia que, se falhasse em sua tentativa, todas as esperanças de triunfo ter-se-iam diluído, desfazendo-se todos os seus sonhos de aventura. Concluiu que o engano haveria de ser sua poderosa arma. Não fora através dele que conseguira dominar um terço das hostes celestes?! Aguardaria, portanto, um momento propício para armar sua cilada.

A Criação do Universo IV

No Éden pairava uma perfeita paz. Por todos os lados os passarinhos faziam ouvir seus alegres trinos em louvor constante ao Criador. Toda a natureza a florir parecia proclamar um reino de eterna alegria. Os animais sempre submissos ao homem, o senhor daquele paraíso encantador.
Tudo era felicidade para o casal; mas esta tornava-se mais intensa na viração daqueles dias primaveris. O arrebol, que com sua beleza coloria o céu prenunciando as escuras noites, anunciava-lhes também o momento da visita diária do Eterno. Juntos, sob a luz de Sua presença, passavam longo tempo em conversação. Com ânimo, o casal contava ao Senhor as surpreendentes maravilhas que iam descobrindo a cada dia na natureza. Deus, com carinho, descerrava-lhes o significado de cada ser.
Como Ele fora bom, trazendo-os à existência e concedendo-lhes um lar tão cheio de delícias! Ao despertarem para as alegrias de cada dia, vinham-lhes à lembrança as carícias e o doce canto do Eterno, que os fazia adormecer todas as noites.
A vida de Adão e Eva no Éden não era de ociosidade. A eles foi recomendado o cuidado do jardim. Sua ocupação não era cansativa, ao contrário, era agradável e revigorante. O Criador indicara o trabalho como uma fonte de benefícios para o homem, a fim de ocupar-lhe a mente e fortalecer-lhe o corpo, desenvolvendo-lhe todas as faculdades. Na atividade mental e física, o homem encontrava um elevado prazer.
Era comum ao jovem casal receber visitas de seres celestes. Aos visitantes sempre tinham novidades a relatar e perguntas a fazer. Passavam longo tempo ouvindo deles sobre as maravilhas do reino de luz. Através desses visitantes, Adão e Eva passaram a ter amplo conhecimento da rebelião de Lúcifer e de suas eternas conseqüências. Aos visitantes, Adão e Eva sempre pediam que lhes ensinassem os harmoniosos cânticos celestiais. Como se deleitavam ao unirem as vozes ao coro angelical!
Em Sua onisciência, Deus tinha conhecimento do terrível intento do inimigo. Convocando as Suas hostes principais, revelou-lhes com pesar o iminente perigo que pairava sobre o Universo. Satã haveria de armar uma cilada, a fim de levar o homem a comer da árvore da ciência do bem e do mal. Ante essa revelação, os filhos da luz ficaram temerosos, pois conheciam a tremenda facilidade de Satã em enlaçar criaturas inocentes e atirá-las em suas malhas de morte.
No solene concílio, sem a autorização de Deus, decidiram enviar, com urgência, mensageiros para advertirem o homem do grande perigo. Dois poderosos anjos foram encarregados dessa decisiva missão.
Imediatamente, os mensageiros comissionados irromperam pelos portais de Jerusalém, alcançando o seio do espaço infinito.
Em instantes, transpuseram imensidões, cruzando todo o universo.
Podiam agora divisar a pouca distância o Jardim do Éden, onde o destino do Universo estava para ser decidido.
Adão e Eva viram então no límpido céu o sinal da aproximação dos visitantes celestes e a eles ergueram os braços numa alegre saudação. Adão e Eva admiraram-se, porém, por não verem no semblante deles a mesma alegria. Os visitantes traziam na face uma expressão de anseio que eles não podiam entender. Tentaram mudar-lhes a triste feição, contando-lhes as novas descobertas feitas no paraíso. Os mensageiros, todavia, não tendo tempo disponível como outrora, interromperam-nos com palavras de advertência. Satã haveria de armar-lhes uma cilada, a fim de levá-los a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se dessem ouvi dos à tentação, fariam sucumbir toda a criação no abismo de um eterno caos.
Os anjos lembraram-lhes que o reino lhes fora confiado como um sagrado depósito, devendo, em uma vida de fidelidade, honrar Aquele que por amor esvaziou-Se, colocando-Se numa posição de hóspede do ser humano. Adão e Eva deveriam ser firmes ante as insinuações do inimigo, pois assim selariam a eterna vitória do reino da luz.
Falando-lhes da feliz recompensa que se seguiria ao seu triunfo, os anjos revelaram que era plano de Deus a transferência de Jerusalém Celeste para a Terra. Ali, novamente acoplada ao paraíso, permaneceria para sempre. E o homem, submisso ao

Criador, reinaria pelos séculos sem fim sobre o monte Sião, em meio aos louvores das hostes universais.
Mas tudo isso dependia inteiramente do posicionamento humano frente às tentações do inimigo, que faria de tudo para arrebatar-lhe o reino.
Adão e Eva ficaram temerosos ao conhecerem os planos de Satã, mas foram consolados ao sabere que ele não poderia fazer-lhes nenhum mal, forçando-os a comer do fruto proibido. Se, porventura, procurasse intimidá-los com seu poder, todas as hostes do Eterno viriam em seu socorro.
Os mensageiros da luz concluíram sua missão recomendando ao casal permanecerem vigilantes, tendo sempre em mente a responsabilidade que sobre eles repousava.
Adão e Eva, agradecidos pelas advertências dos anjos, uniram as vozes num cântico de promessa em uma eterna vitória.
Estavam certos de que jamais abandonariam o bendito Criador, ouvindo a voz do tentador.
Animados ante a promessa humana, os dois mensageiros retornaram ao seio da Jerusalém Celeste onde, junto às hostes santas, aguardariam com anseio o anelado triunfo.
Satã viu aproximarem-se do paraíso os mensageiros e ouviu o canto do homem prometendo uma eterna vitória. Esse cântico fez com que sua inveja e ódio aumentassem de tal maneira que não os pôde conter. Disse então a seus seguidores que em breve faria silenciar aquela voz.
As hostes rebeldes ficaram curiosas para conhecer os planos de seu chefe, mas foram por ele advertidas de que deveriam aguardar até que tudo ficasse para sempre decidido. Se o homem ouvisse sua voz, comendo do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, seria vitorioso, possuindo para sempre o domínio do Universo. Caso o homem resistisse, permanecendo fiel ao Criador, já não haveria qualquer esperança para eles.
O paraíso parecia estar envolvido por uma eterna segurança, mas no semblante do homem podia ser vista uma expressão de temor. Desde a partida dos anjos, Adão e Eva permaneciam silenciosos, meditando com reverência sobre a tremenda responsabilidade de sua missão. Pensavam na seriedade daquela iminente prova que haveria de selar o seu futuro e o de toda a Criação. Animados, contudo, ante o pensamento da vitória, uniram mais uma vez as vozes num cântico que expressava a certeza do triunfo anelado.
Satã, que observava atentamente o casal, percebeu estar chegando a sua oportunidade. Aproximou-se de forma invisível do paraíso, e ficou esperando o melhor momento.
Inconsciente da presença do inimigo, o casal continuava em sua desprendida alegria. No semblante transtornado de Satã estampou-se um maldoso sorriso, ao presenciar um descuido do casal: em sua exaltação, haviam afastando-se um do outro. O astuto inimigo, não perdendo tempo, apossou-se de uma serpente, a mais bela do paraíso, fazendo-a aproximar-se graciosamente de Eva.
Eva, que assentada no gramado brincava com os animais, percebeu a presença da atraente serpente, cujo corpo refletia as cores do arco-íris. Ficou admirada ao vê-la colher flores e frutos do jardim, depositando-os a seus pés. Agradecida, tomou-a nos braços, dedicando-lhe afeto.
Tendo conquistado a afeição da mulher, Satã, em sua astúcia, começou a atraí-la para junto da árvore da ciência do bem e do mal. Sem se dar conta do perigo, Eva acompanhou a serpente até a árvore da prova.
Ali, tendo nos braços o inimigo velado, acariciou-o e disse-lhe palavras de carinho. Tendo nos olhos o brilho da sedução, a serpente pôs-se a falar. Suas palavras eram cheias de sabedoria e ternura e sua voz como a de um anjo. Eva mal pôde crer no que via. Sua alegria tornou-se imensa por ter nos braços uma criatura tão fantástica.
Passaram a conversar sobre muitas coisas: o amor; as belezas do jardim; o poder do Criador. Eva ficou admirada ante o conhecimento tão vasto da serpente, que discorria com maestria sobre qualquer assunto. Envolvida por essa experiência, Eva esqueceu-se completamente de seu companheiro. Nem sequer passavam pela sua mente as advertências dos anjos.
Subitamente o coração de Adão pulsou forte por não ver Eva a seu lado. Ergueu então a voz num grito ansioso. Sua voz, ecoou pelo paraíso, contudo, não trouxe consigo uma resposta. O silêncio quase o sufocou. Em sua aflição pôs-se a correr de um lado para outro, procurando-a, em vão. Nessa ansiosa busca, sentiu a brisa afagar-lhe os cabelos e recordou seu primeiro sonho. Essa lembrança, no entanto, desfez-se ante o pensamento do perigo que os ameaçava.
Com a mente tomada por um grande senso de culpa, Adão apressou o passo na aflitiva procura. Onde estaria a sua amada? Mais uma vez ergueu a voz num grito ansioso que repercutiu por todo jardim: "Eva, onde você está?" Aguardou uma resposta, mas ouviu somente um eco vazio que o desesperou.
Lembrou-se da árvore da ciência do bem e do mal; ali era o único lugar que não fora procurado.

Com a serpente em seus braços, Eva interrogou-a a respeito de muita coisa. Maravilhou-se ao perceber que a serpente a sobrepujava grandemente em conhecimento. Cheia de curiosidade, perguntou à serpente:
- Onde está a fonte de seu tão grande saber? Responda-me, pois quero também possuí-la.
Sem perder tempo, Satã, apontando para a árvore da ciência do bem e do mal, respondeu:
- Ali está a fonte de todo meu saber.

Ele conta então uma mentirosa história: disse que era uma serpente como as demais, comendo dos frutos do paraíso. Provando certo dia daquele fruto especial, recebeu, como que por encanto, todas as virtudes.
Olhando para a árvore da ciência do bem e do mal, Eva ficou surpresa e confusa. Privaria o Criador em seu amor algo tão bom às suas criaturas?! Vendo-a surpresa, Satã perguntou:
- É assim que Deus disse: Não comereis de todas as árvores do jardim?
Eva, inquieta, respondeu:
- Dos frutos das árvores do jardim comemos, mas do fruto dessa árvore que você diz ser fonte de sabedoria, disse Deus: "Não comereis dele, para que não morrais."
A serpente em tom de desdém disse:
- Isso é falso. Se fosse assim, eu teria morrido. Certamente o Eterno os proibiu de comer dessa árvore para impedir que o homem venha a se tomar como Ele, conhecendo todas as coisas.
As palavras sedutoras da serpente causaram confusão na mente de Eva. Em quem confiaria? Tinha em mente a lembrança da ordem do Criador e de sua sentença, mas ao mesmo tempo tinha diante de si uma prova palpável que O contradizia.

Num desafio, a serpente colheu frutos da árvore proibida e passou a saboreá-los. Colocando um fruto nas mãos da mulher, incentivou-a a comer, dizendo:
- Não disse o Eterno que se alguém tocasse nesse fruto morreria?
Em Jerusalém havia grande comoção. Poderosos anjos apresentaram-se diante do Criador, solicitando permissão para esmagarem o covarde inimigo, oculto naquela serpente. O Eterno, contudo, impediu-lhes tal ação. Deviam respeitar o livre-arbítrio concedido ao homem, podendo ele manifestar sua escolha sob a tentação do inimigo.
Os filhos da luz sofriam imensamente ao verem a mulher duvidando dAquele que tão bondosamente lhes dera a vida e a oportunidade de reinarem naquele paraíso. Como poderia duvidar de quem lhes dedicava tanto amor?!
Eva vacilava em sua convicção ao contemplar o fruto em suas mãos. Seu brilho, seu encanto, uma forte magia atraia aquele fruto a sua boca. Por alguns momentos o futuro pareceu-lhe sombrio e aterrador, mas venceu esse sentimento, pensando nas glórias que haveria de conquistar ao comer aquele fruto. Ainda um tanto indecisa, ergueu vagarosamente as mãos até tocar o fruto com os lábios.
Os súditos do reino da luz, estremecidos, inclinaram-se tomados por grande espanto. Parecia quase impossível, àquela altura, a mulher voltar atrás.

Enquanto pálidos os fiéis indagavam sobre uma possível esperança, presenciaram com horror a terrível decisão de Eva: resolvera romper para sempre com o Criador, tornando-se cativa da morte.
O Eterno, que em silêncio e dor contemplava aquela cena de rebelião, curvou a fronte.
Os fiéis, que em pânico julgavam-se vencidos, foram conscientizados de que nem tudo estava perdido. Se Adão resistisse à tentação, permanecendo fiel ao Eterno, ele selaria a grande vitória. Eva, que fora vítima de um engano, poderia ser conscientizada de seu erro, sendo favorecida com o perdão divino.
Quando Adão em sua angustiosa corrida alcançou o lugar da árvore, já era tarde demais. Assentada junto ao rio, Eva saboreava despreocupadamente o fruto proibido.
Adão estremeceu. Seria mesmo o fruto da prova? Num gesto de esperança olhou para a árvore da ciência do bem e do mal, mas em pranto reconheceu a triste condenação. Cheio de tristeza contemplou sua esposa, mas não encontrou palavras para despertá-la para tão amarga realidade. Em completo desespero, ergueu a voz numa dolorosa exclamação:
"Eva, Eva, o que você está fazendo!"
Ao comer do fruto proibido, a mulher foi tomada por emoções que a fizeram imaginar haver alcançado uma esfera superior de vida. Ao ouvir a voz de seu esposo, ainda tomada pelas ilusórias emoções, ergueu a fronte estampando um sorriso, mas surpreendeu-se ao vê-lo chorando.
Com profunda amargura, Adão procurou saber a razão que a levara a rebelar-se contra o Eterno. Eva, prontamente, passou a contar-lhe a fantástica história da sábia serpente.
Satã sabia que essa história de serpente jamais convenceria o homem a comer do fruto da árvore proibida. Precisava encontrar uma maneira sutil de levá-lo a selar sua sorte seguindo os passos de sua esposa. Tendo Eva sob seu poder, resolveu fazer dela o objeto tentador. Aguardaria o momento oportuno para enlaça-lo.
No dia em que dela comerdes, certamente morrereis. A lembrança desta sentença deixava Adão muito aflito. A expectativa de ver sua amada perecendo em seus braços, era demais para suportar. Esta aflição, contudo, foi diminuindo, ao ver que ela continuava feliz e carinhosa ao seu lado, como se nenhum mal lhe houvesse acontecido. Aliviado, Adão voltou a sorrir, correspondendo aos afetos de sua companheira. Rendia-se às mais doces emoções, longe de saber que era o inimigo quem o envolvia naqueles abraços.
Nesse momento de enlevo, Eva começou a falar-lhe de sua experiência com a ciência do bem e do mal. Falou-lhe dos tesouros da sabedoria que lhe haviam sido abertos. Em seu novo reino, viveria muito feliz. Entretanto, essa felicidade seria incompleta

sem a participação de seu esposo. Falou-lhe da impossibilidade de retroceder em seus passos, e insistiu para que ele a seguisse.
Depois de falar-lhe de sua decisão, Eva, com um doce sorriso, estendeu-lhe as mãos contendo um fruto, pedindo-lhe que o comesse numa demonstração de seu amor por ela.
Com a voz tentadora em seus ouvidos, Adão assentou-se no gramado em profunda reflexão. Sua face tornou-se novamente pálida e suas mãos trêmulas. Temia rebelar-se contra o Criador, mas ao mesmo tempo compreendia que não conseguiria viver separado de sua companheira, a quem amava com infinito amor. Eva era carne de sua carne, a extensão de seu ser.
Sentia-se angustiado ao ter de tomar uma decisão tão séria.
A palidez do rosto de Adão refletiu-se no semblante de todos os fiéis ao Eterno. Ouviram a insinuação do inimigo e perceberam com horror a vacilação do homem. A indecisão de Adão deixava-os desesperados. Obedecesse ele àquela proposta de Satã, toda felicidade seria eternamente banida. Nas decisões do ser humano estava o destino de todo o Universo.

Depois de intensa luta íntima, Adão olhou para sua companheira; a ela unira-se em promessas de uma eterna entrega. Não a deixaria só agora. Partilharia com ela os resultados da rebelião. Tomou então das mãos de Eva um fruto e, num gesto apressado, levou-o à boca.
Procurando abafar a voz de sua consciência, que lhe falava de uma eterna perdição, Adão lançou-se nos braços de sua esposa, desfrutando o alto preço de sua rebelião.
Satã, com brados de triunfo, deixou o paraíso, voando rapidamente para junto de suas inumeráveis hostes, que aguardavam ansiosas o resultado de tão arriscada tentativa. Ao saberem da desgraça humana, uniram-se numa estrondosa festa. Sentiam-se seguros. Sião agora lhes pertencia por direito, podendo lá estabelecer um reino eterno, jamais sendo molestados pelas leis do Eterno.
Em todo o Universo os filhos da luz sofriam e pranteavam a derrota. Nunca houvera tanta tristeza e horror ante o futuro. As vozes que viviam a entoar louvores ao Criador proferiam agora lamentações.
O Eterno, antes mesmo de criar o Universo já havia previsto esse triunfo da rebeldia e, em Sua sabedoria e amor, idealizara um plano de resgate. Ordenou que Seus mais poderosos anjos circundassem imediatamente o jardim do Éden, impedindo que Satã tomasse posse do monte Sião.
Consoladas ante a manifestação divina, as potentes criaturas, em pronta obediência, romperam o espaço infinito, circundando em instantes o paraíso, no seio do qual o ser humano, já transtornado pelo pecado, vivia o negror de uma noite que seria longa e cruel.
Sendo a autoridade do Eterno fundamentada na justiça, de que maneira poderia justificar Suas ações diante dos inimigos? Não entregara por Sua vontade o reino ao homem, e esse por livre escolha não o submetera a Satã?
Enquanto surpresas as criaturas racionais consideravam as ações decisivas de Deus, ouviram Sua potente voz que, repercutindo por toda a criação, trazia a revelação do grande mistério - revelação tão maravilhosa que a partir daquele momento, por toda a eternidade, ocuparia a mente dos fiéis, sendo tema para as mais doces meditações.
O Eterno falou primeiramente sobre a terrível condenação que pendia sobre o homem e toda a criação. Disse que, ao se desligar da Fonte da Vida, o homem havia se precipitado em tão profundo abismo que não poderia ser alcançado pelo Seu braço de justiça e poder. Humilhado e torturado pelas garras do inimigo, não restava ao homem outra sorte além da morte - fruto doloroso de sua espontânea rebelião.
Considerando a situação humana, as hostes da luz não viam possibilidades de triunfo. Sabiam que só o homem poderia retomar o domínio do inimigo, devolvendo-o ao Criador. Mas o ser humano, eternamente escravizado em sua natureza, seria incapaz de tal vitória.
Com voz melodiosa e cheia de ternura, Deus revelou o plano da redenção, dizendo: "Na verdade, o homem colherá o fruto de sua rebelião numa terrível morte. Não posso, com o meu poder, mudar-lhe a sorte. Se assim agisse, seria injusto diante de meu decreto. Mas farei cair toda a condenação sobre um Substituto que surgirá na descendência humana. Esse Homem não trará em suas mãos as algemas da morte, sendo inocente e incontaminado em Sua natureza. Como representante da raça humana, enfrentará Satã e o vencerá. Após triunfar nessa batalha, provando que o amor é mais forte que o egoísmo, que a verdade é mais forte que a mentira, que a humildade é mais poderosa que o orgulho, o fiel Substituto erguerá as mãos vitoriosas não para saudar a grande conquista, mas para tomar das mãos da humanidade escravizada a taça de sua condenação. Sorverá assim, submisso, o cálice da eterna morte. Esse imenso sacrifício abrirá aos seres humanos uma oportunidade de serem redimidos, voltando aos braços do Criador, juntamente com o domínio perdido."
As hostes, surpresas ante a revelação do Eterno, indagaram a identidade d'Esse Substituto. O Criador, com um sorriso amoroso, disse-lhes:

"Parte de Mim será esse Homem. O Meu Espírito repousará sobre uma virgem, e nela será gerado um Filho Santo. Esse menino será divino e humano. Em sua humanidade, ele será submisso à divindade que n'Ele habitará. Os remidos verão n'Ele o Pai da Eternidade, o Criador e Redentor, o Rei dos reis. O Seu nome será Yoshua (nome hebraico que traduzido significa o Eterno salva)."

Assumindo a natureza humana, Deus poderia pagar o resgate, morrendo em lugar dos pecadores.

As hostes da luz ficaram emudecidas ao conhecer o plano do Criador. O pensamento de verem-nO submeter-Se a tão penoso sacrifício, a fim de redimir o domínio perdido, era demais para suportarem. Não havia, contudo, outra esperança de vitória, a não ser através dessa amorosa entrega.

Após desfrutar o pecado, o jovem casal sentiu-se mal. Inicialmente sentiram um grande vazio no coração, que logo foi preenchido pelo remorso e pela tristeza. Perceberam que, inspirados pela cobiça, haviam selado sua triste sorte e a de toda a criação. Parecia-lhes ouvir ao longe o gemido de um Universo vencido.

O sol, que os enchera de vida e calor naquele dia, ocultava-se no horizonte, anunciando-lhes uma negra noite. O arrebol, que até ali anunciara-lhes o feliz encontro com o Criador, parecia envolve-los numa sentença de que jamais despertariam para um novo dia. Com o olhar voltado para o frio solo, vinha-lhes à lembrança a sentença: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis." Desesperadas lágrimas rolavam em seus rostos ao aguardarem o trágico fim.

Ao considerar o motivo de sua rebelião, Adão começou a recriminar sua esposa por ter dado ouvidos à serpente. Eva, por sua vez, procurando desculpar-se, lançou a culpa sobre o Criador, dizendo: "Por que o Eterno permitiu que a serpente me enganasse?!"

O amor que reinava no coração humano desaparecia, dando lugar ao orgulho e ao egoísmo, que se fundiam em ressentimentos e ódio. Sua natureza já não era pura e santa, mas corrompida e cheia de rebeldia. Tudo estava mudado. Mesmo a brisa mansa que até ali os havia banhado em carícias refrescantes, enregelava agora o culposo par. As árvores e os canteiros floridos, que eram seu deleite, consistiam agora em empecilhos ao caminharem sem rumo naquela noite.

O propósito de Satã em encher o sábado de trevas parecia haver se cumprido. Naquela noite, não existia sequer o reflexo prateado do luar para falar-lhes de esperança. As estrelas cintilantes, suspensas no escuro céu, estavam ofuscadas pela dor.

Baixavam sobre o mundo as trevas de uma longa noite de pecado - sombras sob as quais tantos se arrastariam sem esperança de um alvorecer.

A noite já ia alta e as trevas pareciam envolver o triste casal em eternas sombras quando surgiu repentinamente um brilho no céu, que ia aumentando à medida que se aproximava da Terra. O casal estremeceu, pois sabia que era o Criador que vinha dar-lhes o castigo. Vencidos pelo pânico, puseram-se a correr, distanciando-se do monte Sião, o lugar da vergonhosa queda. Justamente para ali viram o Criador dirigir-Se. Eles, que sempre corriam ao encontro do amoroso Pai, atraídos por Sua luz, fugiam agora desesperados em busca de lugares escuros, de densa floresta.

O Eterno, movido por infinito amor, passou a seguir os passos do casal fugitivo. Como tudo se transformara! Seus filhos não conseguiam mais ver n'Ele um Pai de amor, mas alguém que, irado, buscava castigá-los.

Movido por forte anseio de abraçar Seus filhos humanos, Deus fez ecoar a voz numa indagação: "Adão, onde vocês se encontram?" Sua voz, ao soar em meio às trevas, trazia consigo somente um eco vazio .

Quantos, enganados por Satã, fugiriam de Sua presença no decorrer da longa noite de pecado, julgando-No um Senhor tirano, que vive buscando falhas e fraquezas nos pecadores, a fim de castigá-los! O Criador, todavia, não desistiria de procurá-los pelos vales sombrios do reino da morte, até conquistar um povo arrependido.

Adão e Eva, exaustos pela pressurosa fuga, esconderam-se por entre a folhagem de um pé de figueira. Reconhecendo sua nudez, procuraram fazer aventais cosendo aquelas folhas. Vestidos assim, julgaram poder livrar-se do sentimento de vergonha ante o Criador.

O Eterno, aproximando-Se do local onde o casal se escondia, perguntou:

- Adão, onde estão vocês?

Não podendo mais se ocultar de Deus, Adão ergueu-se juntamente com sua companheira e, cabisbaixos, apresentaram-se ao Criador, prostrando-se trêmulos a Seus pés. Não conseguiram encará-Lo mais, devido ao senso de culpa.

O Criador, carinhosamente, tomou-os pelas mãos, erguendo-os do chão, e, com expressão de tristeza no semblante, perguntou-lhes:

- Por que vocês fugiram de Mim? Acaso comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal?

Adão, todo trêmulo, com voz entrecortada de temor, respondeu:

- A mulher que me deste por companheira, ela deu-me o fruto e eu comi.

Com esta resposta, Adão procurava desculpar-se, lançando a culpa sobre sua companheira.

Voltando-Se para Eva, o Eterno indagou-lhe:

- Por que você fez isso?

Eva prontamente respondeu-Lhe:

- Aquela serpente me enganou e eu comi.

Ambos não queriam reconhecer a culpa, lançando-a sobre outrem. Em suma, atribuíam ao Criador a responsabilidade por
todo o mal praticado: "Por que concedera-lhes o livre-arbítrio? Por que criara a mulher? Por que criara a serpente?"
Deus observava Seus filhos que, tímidos e desconcertados, permaneciam diante de Si. Com profunda tristeza, Ele
previu que essa seria a experiência de incontáveis seres humanos no decorrer da história. Quantos haveriam de se perder por
não reconhecerem a própria culpa! Quantos procurariam justificar-se, lançando seus erros sobre os outros e até mesmo sobre o Criador!
Com palavras brandas, o Eterno procurou fazê-los reconhecer sua culpa. Somente reconhecendo sua necessidade, poderiam
ser ajudados.
Olhando para as frágeis vestes tecidas por mãos pecadoras, disse ao casal:
- Filhos, essas vestes são insuficientes, logo secando se desfarão. Vocês precisam de vestes duradouras, que possam cobrir
vossa nudez, livrando-vos da condenação. Se vocês quiserem, Eu posso dar-lhes essa veste.
Ante as palavras bondosas do Criador, que traziam esperança, o casal prostrou-se arrependido, despindo-se de suas ilusórias vestes, símbolos de seu fracasso. Almejavam agora as vestes da salvação, prometidas pelo divino Pai.

A Criação do Universo V

Depois de contemplar Seus filhos que, arrependidos, jaziam a Seus pés, o Eterno tomou-os carinhosamente pelas mãos e os levantou. Alegrava-Se em poder revelar ao homem caído o plano da redenção.
Deus passou a descerrar-lhes primeiramente os amargos resultados de sua queda, dizendo: "Filhos, vocês
selaram o destino de toda a criação nas garras da morte. A desarmonia já permeia a natureza, procurando destruir nela todas as virtudes. O abismo no qual vocês imergiram pela desobediência é por demais profundo para que possam ser alcançados pelo meu poderoso braço. Assim, desligado da Fonte da Vida, não resta mais ao ser humano outra sorte além da morte."
Depois de proferir estas palavras que revelavam uma triste sorte, o Eterno convidou o casal a segui-Lo. Cabisbaixos, Adão e
Eva, em pranto, seguiram o Criador em Seus passos de justiça, que encaminhavam-nos ao lugar da vergonhosa queda, onde
supunham encontrar o doloroso fim.
Enquanto caminhavam, contemplavam através das lágrimas as belezas adormecidas banhadas pela luz de Deus. Viam os
inocentes animais, que não tinham consciência da grande dor Subitamente, o casal se deteve, vencido por intenso pranto; seus
vacilantes passos os haviam levado para junto de um cordeiro, o animalzinho mais querido. Seus olhinhos de meiguice haveriam
também de se apagar!
Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno ordenou-lhes tomar nos braços o inocente cordeiro. Envolvendo-o junto ao peito, acompanharam silenciosamente os passos do Criador, até alcançarem o topo do monte Sião, lugar da vergonhosa queda. Contemplando ali os restos dos rubros frutos, com ímpeto lhes veio à mente a lembrança da sentença
divina: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis."
O terrível momento chegara. O homem culpado deveria sorver o amargo cálice da morte, sucumbindo sem esperança.
Consciente de sua perdição, o casal percebeu, com horror, que as mãos que os trouxeram para a vida empunhavam agora um
cutelo pontiagudo de pedra. Trêmulos, prostraram-se e esperaram pelo cumprimento da justa sentença.
Enquanto emudecidos pelo medo, Adão e Eva aguardavam o golpe que os reduziria a pó, sentiram o toque macio das mãos
divinas que os erguiam para uma nova vida. A condenação, contudo, haveria de recair sobre um substituto.
Colocando nas mãos de Adão o cutelo, o Criador lhe disse:
- O cordeiro morrerá em lugar de vocês.
Adão deveria sacrificá-lo.
Assustado ante a ordem de Deus, o casal, em pranto, pôs-se a clamar:
- Senhor, o cordeirinho não, ele é inocente! Com expressão de justiça, o Eterno acrescentou:
- Se ele não morrer, vocês não poderão ter as vestes das quais falei.
Ante a insistência do Criador, Adão, todo tremulo, num esforço doloroso, cravou no peito do cordeirinho aquela aguda pedra.
O golpe foi fatal, e o animalzinho, vertendo seu precioso sangue, mergulhou nas trevas de uma noite sem fim.
Contemplando o cordeirinho inerte sobre a relva ensangüentada, o casal ergueu a voz e chorou. Começavam a compreender a
enormidade de sua tragédia. Quão terrível era a morte! Ela, em seu poder, apagara toda a luz dos olhos do inocente animal.
Inclinando-Se silenciosamente sobre o corpo inerte do cordeiro, o Eterno tirou-lhe a pele revestida de branca lã e com ela fez túnicas para cobrir a nudez do casal. Após vesti-los perguntou-lhes com carinho:
- Vocês entenderam o sentido de tudo isto?
Em profunda reflexão, por entre soluços de reconhecimento e gratidão, o casal exclamou:
- Ele morreu em nosso lugar, para dar-nos suas vestes!
Adão e Eva, embora compreendessem aquela realidade física, estavam longe de entender o significado daquele acontecimento.
A eles o Criador revelaria o mistério do divino amor.

Com expressão de infinita misericórdia, Deus passou a revelar ao ser humano o sentido daquele doloroso sacrifício, dizendo:
O inocente cordeirinho, que hoje padeceu, simboliza um homem que haverá de nascer. Em seus olhos haverá a mesma meiguice, o mesmo amor. Revestido por uma vida justa, como a branca lã que cobria o cordeiro, esse homem crescerá como um renovo sobre a Terra, não tendo nas mãos as algemas do pecado. Em sua aparência, esse homem não trará a pompa de um rei, por isso será desprezado por muitos. Será um homem de dores, pois cairá sobre si o peso de todas as provações. Em sua fidelidade ao reino da luz, esse homem lutará contra o inimigo usurpador, vencendo-o finalmente. Após triunfar em suas lutas, tomará sobre si o fardo de vossa condenação que lhe causará uma terrível morte. Ele será traspassado por causa da vossa rebelião e moído pelas vossas iniqüidades. Será oprimido e humilhado, mas não abrirá a sua boca, como o cordeirinho que hoje entregou-se pacificamente. Sucumbindo na morte, ele vos concederá os méritos de sua vitória. Envolvidos por suas vestes de justiça, estareis livres da condenação. A vida eterna alcançareis assim, mediante o sacrifício desse homem justo que haverá de nascer.
Adão e Eva, que num misto de gratidão e dor ouviram a revelação de tão grande salvação, indagaram reverentes a respeito desse homem especial que em sua descendência haveria de surgir, a fim de cumprir tão imenso sacrifício.
O Criador, olhando-os ternamente, movido por um amor que supera mesmo a morte, os envolveu num carinhoso abraço e revelou:
- De Meu sofrimento surgirá este Homem!
- Nós somos merecedores da morte Senhor, mas Tu és inocente e não deves sofrer em nosso lugar!
Enxugando-lhes as lágrimas, o Eterno com ternura lhes falou:
- Meus filhos, Eu os amo com um eterno amor.
- Após sorver o cálice da eterna morte, Este Homem retomará a vida e subirá ao céu. Intercederei ali pelo homem perdido, concedendo a todos aqueles que, arrependidos, aceitarem meu sacrifício, as vestes de minha vitória. Juntos, triunfaremos finalmente sobre o reino do pecado que se desfará em cinzas sob nossos pés. Criarei então um novo Céu e uma nova Terra, onde unicamente a justiça e o amor reinarão. Viveremos assim para sempre, num reino de perfeita harmonia e paz.
O Criador, que acompanhado pelo casal permanecia ainda sobre o monte Sião, concluiu Suas revelações dizendo: "O jardim do Éden ficará agora vazio. O ser humano, durante a longa noite de pecado, vagueará em seu exílio. Não andará, contudo, sozinho: o Eterno, também peregrino, trilhará com o homem toda a estrada espinhosa, até poderem juntos galgar o monte perdido, triunfando gloriosamente sobre o reino da morte. A árvore da ciência do bem e do mal monumento da rebeldia será então desfeita, dando lugar a uma árvore gloriosa que, unindo sua copa à árvore da vida, se tornará no arco comemorativo da grande vitória. Sobre o santo monte redimido, repousará então para sempre o torno universal, que pelos fiéis triunfantes será nomeado: o trono de Deus e do Cordeiro."
Adão e sua companheira, após ouvirem palavras tão confortadoras e cheias de esperança, ergueram a voz num cântico de gratidão e louvor. Conheciam agora o infinito amor de seu Criador e estavam dispostos a servi-Lo.
Depois de consolar o casal, Deus levou-os para fora do Éden. Não lhes foi fácil se despedir daquele precioso lar; ali haviam despertado para a vida nos braços do Eterno; ali desfrutaram momentos de pura felicidade, em companhia do Criador, dos anjos e dos dóceis animais. Uma saudade infinita parecia envolver o casal em seus passos de abandono.
Foi com espanto que Satã e seus súditos presenciaram a intervenção do Eterno. Ficaram abalados ante a surpreendente revelação do plano de resgate. Com raivosa frustração, compreenderam que, se de fato a promessa divina se concretizasse, não restaria nenhuma esperança.
Depois de refletir sobre tudo o que acontecera, uma grande ira apossou-se de seu coração. Não estava disposto a reconhecer a redenção do ser humano. Faria todos os esforços para retê-lo, juntamente com o reino que lhe fora entregue.
Quando o casal, acompanhado pelo Criador, alcançou o vale ferido pela morte, amanhecia. Ali Satã os enfrentou com fúria, numa tentativa de se apossar novamente do ser humano. O casal ficou trêmulo em face do inimigo, mas as mãos protetoras de Deus os acalmaram.
Expressando no semblante a firmeza de uma justiça que é eterna, o Eterno silenciou as ameaças do inimigo com as seguintes palavras: "O ser humano Me pertence, pois Eu o comprei com o meu sangue".
Ao caminharem junto ao Criador, Adão e Eva observavam com tristeza os sinais da morte estampados naquela natureza antes tão cheia de vida. As belas flores, que haviam desabrochado para exalar aromas eternos, pendiam agora murchas; os passarinhos, que com alegria os saudavam em cada alvorecer com os seus trinos, voavam agora distantes, fazendo soar tão tristes cantos! Tudo estava mudado na natureza. A ciência do bem e do mal não trouxera nenhum bem ao Universo, mas um intenso conflito espiritual e físico.

Ante as conseqüências devastadoras de sua queda, o casal, vencido por uma indizível tristeza, prostrou-se arrependido e chorou amargamente. Deus, que também compungido pela dor contemplava o cenário desolador, procurou, com palavras de esperança, confortá-los. Falou-lhes sobre o novo Céu e a nova Terra que um dia criaria, onde a paz e o amor voltariam a reinar em cada coração. Ali viveriam sempre juntos, não trazendo na fronte as marcas da tristeza, mas coroas de eterna vitória.

Ali enxugaria as lágrimas de suas faces e essas jamais voltariam a umedecer os seus olhos.

Amparando Adão e Eva em seus passos, o Criador conduziu-os através de um vale ferido, até alcançarem o sopé de uma colina. Galgaram-na em lentos passos, enquanto trocavam palavras de ânimo e esperança. Seus pés alcançaram finalmente a relva macia que cobria o topo espaçoso daquela colina. Era sobre aquele lugar que o casal via a cada dia o sol declinar, banhando o céu e os vales de um vermelho vivo, como o sangue que jorrara do peito do cordeiro.

O sol declinava em sua jornada, anunciando a chegada de mais uma triste noite - a primeira fora do paraíso. Num calmo gesto, o Eterno, mostrando-lhes o vale sobranceiro à colina, falou-lhes com carinho: "Aqui será vossa provisória morada. Daqui podereis contemplar o paraíso que por algum tempo permanecerá na Terra, até ser recolhido ao seu lugar de origem, no seio da Jerusalém Celeste. Ali, protegido pela justiça, aguardará o alvorecer da vitória. Quando esse grande dia chegar, retornaremos juntos a Sião, onde seremos coroados em glória, num reino de eterna felicidade e paz".

Depois de dizer estas palavras, Deus ordenou ao casal que construísse naquele lugar um altar de pedras, sobre o qual a cada semana, na noite que antecede o sábado, deveriam imolar um cordeiro, pela memória de Seu sacrifício. Como sinal de Sua presença, e para a certeza de que seus pecados seriam perdoados, Ele acenderia um fogo sobre o altar, o qual duraria toda a noite, até consumir por completo a oferta do sacrifício.

Para que o ser humano pudesse firmar sua fé sobre as verdades reveladas, e não na manifestação visível da pessoa do Criador, Ele haveria de permanecer invisível daquele momento em diante. Somente em ocasiões especiais, quando se fizesse necessário Sua aparição ou a de anjos para novas revelações e advertências, isto ocorreria.

O Eterno disse-lhes com amor: "Filhos, embora vocês tenham de permanecer neste ambiente hostil, não precisam temer, pois Eu permanecerei ao lado de vocês. Serei um companheiro amigo nesta jornada; levarei sobre os meus ombros suas dores, seus anseios, suas lutas. Quando, tentados pelo inimigo, estiverem a ponto de ceder, poderão encontrar abrigo em meus braços, que sempre estarão estendidos para salvá-los e, se algum dia vocês não resistirem, e pela fúria do inimigo forem arrastados para as profundezas do abismo, não se desesperem julgando não haver esperança, pois Eu estarei ali para acudi-los com o meu perdão e força. Tenham sempre em mente o significado das vestes recebidas das minhas mãos, pois elas falam da redenção que ao homem pertence. Descansem filhos meus, nos meus braços de amor."

O Criador deixou o casal adormecido sobre a relva, depois de beijar-lhes as faces já marcadas pelo sofrimento. Sua luz dissipou-se ao tornar-Se invisível, dando lugar às trevas daquela primeira noite fora do paraíso.

Deus, ainda que invisível, permanecia ao lado de Adão e Eva ali na colina. O sofrimento deles era o Seu sofrimento, como também a esperança de um dia retornarem vitoriosos a Sião.

Longa seria a noite do pecado, e renhida a batalha pela reconquista do reino perdido. O triunfo da luz requereria da parte de Deus um sacrifício imenso. Na pessoa do Messias, a seu tempo, ele nasceria entre os homens, com a missão de pagar o preço do resgate. Por meio dEle muitos seriam libertos das garras do inimigo: todos aqueles que O aceitassem como Salvador e Rei.

Contra esses escolhidos, o inimigo arregimentaria todas as forças procurando fazê-los cair.

Em sua visão do futuro, o Criador contemplou com alegria o triunfo final dos redimidos. Haviam sido extremamente provados, mas em tudo foram mais do que vencedores por meio dAquele que os redimiu das trevas para o reino da luz.

Depois de antever os sofrimentos que adviriam da grande luta, o Eterno estendeu o olhar pelas planícies cativas, contemplando ali as hostes rebeldes dispostas para a luta. O objetivo desses exércitos, era apossar-se novamente do ser humano, no qual estava selado o direito de domínio sobre o Universo.

Contrária à natureza do Criador é a guerra, mas para defesa de Seus filhos, estava disposto a empregar o Seu poder. Sua força, contudo, somente seria empregada com justiça. Se o ser humano recusasse essa proteção oferecida mediante o sacrifício do Messias, Deus nada poderia fazer para impedir que o mesmo perecesse nas garras do inimigo.

Adão e Eva, contudo, haviam se arrependido de seu grande pecado, recebendo pela misericórdia de Deus vestes de salvação, simbolizadas pelas peles do cordeiro sacrificado.

Justificado pela entrega do casal, o Eterno convocou Seus poderosos exércitos para a peleja. Em pronta obediência as hostes da luz

irromperam pelo espaço sideral em direção à Terra, circundando qual forte muralha a colina, portadora daquele tesouro redimido pelo sangue do divino Rei.
Ao ser humano fora conferido no Éden o dever de cuidar da natureza : preparavam canteiros para as flores; colhiam frutos para mantimento; dirigiam os animais em seu inocente viver, adestrando-os para que lhes fossem úteis. Essas ocupações tinham sido para eles fontes de desenvolvimento e prazer. Agora, apesar das adversidades, deveriam continuar realizando esse dever. O trabalho em si, realizado segundo as ordens do Criador, já anularia muitos ataques do inimigo.
As primeiras ocupações do casal naquela manhã, trouxeram-lhes revelações do grande amor de Deus, até então
desconhecidas. Ao reunirem as pedras para construção do altar, experimentaram a dor de feridas que jorram sangue, como
também a fadiga que faz minar suor. Sentindo e contemplando tudo na própria carne, amaram mais o Salvador, para quem o
altar construído prefigurava feridas maiores, que verteriam todo o Seu sangue, como também fadigas que minariam toda a seiva
de Sua vida.
O olhar de saudade e de esperança do casal de agora em diante, jamais pousaria no Éden distante, sem discernir primeiro o
altar dos sacrifícios. Esse altar, com suas manchas de suor e sangue, permaneceria como uma lembrança da dor e do
sofrimento que, depois de umedecer os lábios dos seres humanos, transbordaria na taça do Criador.
Após contemplar por longo tempo o paraíso da eterna vida que estendia-se muito além daquele altar escuro de morte, o casal
experimentou o doce alívio do descanso.
Desejosos de conhecer as paisagens de seu novo lar, Adão e Eva, animados pela esperança, saíram a passear. Seus passos
conduziram-nos por caminhos de sorrisos e de lágrimas; de encantos e desilusões; de flores que desabrochavam delicadas,
banhadas em perfume, e de flores despetaladas, tombadas murchas e sem cheiro; de animais ainda dóceis e submissos e de
animais inimigos, ferozes e ameaçadores. O casal discernia em seu passeio as divisas de dois mundos: o da luz e o das trevas;
do amor e do egoísmo; da esperança e do desespero; da harmonia e da desarmonia; da vida e da morte. Essa visão
encheu-lhes de tristeza e choraram longamente. Essa tristeza aumentaria ainda mais no futuro, quando descobrissem o
aprofundamento dessas divisas no seio de sua descendência.
Seis arrebóis já haviam colorido os céus anunciando ao casal as noites escuras e frias que com seu manto de trevas desfazia
todas as imagens vivas, menos a esperança de revê-las coloridas no alvorecer de luz.

Aproximava-se agora a hora do sacrifício, quando o rude altar, abrasado em sua justiça clamaria pôr sangue. Se não lhe
oferecessem a oferta, explodiria com certeza, envolvendo todo o mundo com suas chamas; Já não haveria então alvorecer,
nem esperança de Éden a florir.
Quão precioso é o sangue! Sangue é vida; vida é luz! Para um ser aquela noite tornar-se-ia eterna, sem alvorecer! Esse ser
deveria assumir a culpa de todo o mundo, dando o seu sangue ao rude altar.
Adão e Eva depois de refletirem por longo tempo, contemplando o berço da morte construído pôr suas mãos, entreolharam-se
inquietos com essa questão decisiva: Quem se oferecerá? Essa indagação nascida de sua culpa, fez vibrar no profundo de suas
lembranças a voz do bendito Criador em Sua revelação de infinita bondade: - Eu os amo com um eterno amor; Eu morrerei
em vosso lugar".
Agradecido, o casal prostrou-se reverentemente ante o sedento altar, vendo-o pela fé, saciado pelo dom do eterno amor.
Naquela tarde de sexta-feira, Deus submetia o ser humano a uma tremenda prova de fé. Eles tinham diante de si o altar de
pedras, construído conforme a ordem divina, mas não havia nenhuma ovelha para o sacrifício. Em seu anseio, lembravam-se do Éden, onde havia muitos rebanhos.
Ao verem o sol tombar no horizonte, Adão e Eva passaram a clamar a Deus por socorro, pois sabiam que somente um milagre
poderia providenciar-lhes, naquele derradeiro momento, um cordeiro para o sacrifício.
Quando as sombras do anoitecer começaram a envolver a colina, o casal que vivia tão dura prova de fé, discerniu um pontinho
branco que saltitava no gramado vindo em direção deles. À medida em que se aproximava, aquele vulto parecia falar de
esperança, de vida e calor. Ao verem que o grande milagre acontecera, correram ao encontro do cordeiro, envolvendo-o nos
braços. Ele estava fatigado, mas não descansaria: daria descanso. Estava sedento, mas não beberia: daria de beber ao altar que
clamava por sangue. Aquele cordeiro tinha vontade de viver nos braços do homem, mas morreria, para que esse pudesse viver
nos braços de Deus. Era um perfeito simbolismo do Redentor que deixaria Sua glória, vindo em busca do pecador.
As trevas de mais uma noite baixaram lentamente envolvendo toda a natureza em sua prisão. Sua força, porém,
seria quebrada diante do ser humano, pelo brilho de um fogo especial, aceso pelas mãos do divino perdão sobre o corpo sem
vida do inocente cordeiro.
Em meio à noite o altar clama; o homem triste exclama, enquanto o cordeiro, mudo, não reclama ao ser estendido para a
morte.

As mãos que construíram o altar erguem-se agora, não para acariciar como outrora, mas para ferir, sangrando o preço do perdão. Só um gesto, nada mais, e a estrela se apagará para sempre dos olhos inocentes, fazendo brilhar na face culpada a luz da salvação.

Adão, trêmulo hesita em compaixão. No cordeirinho manso e submisso, pronto a morrer em seu lugar, vê o Salvador prometido. Com o coração arrependido, num esforço doloroso, crava o cutelo de pedra no peito do animalzinho que perece em suas mãos sem sequer dar um gemido.

O poder da noite imediatamente é quebrado pelo brilho do fogo da aceitação. Sua luz revela ao ser humano sua trágica condição: Vendo as mãos manchadas pelo sangue inocente, o casal sente-se culpado por aquela morte. Em pranto ajoelham-se ante o altar que já não lhes reclama sangue, mas oferece luz, aceitando o imerecido perdão.

Erguendo-se, o casal contempla demoradamente o corpo ferido do pobre cordeirinho, sem poder agradecer-lhe pela riqueza concedida em troca de seu tão rude golpe.

Banhados pela suave luz do sacrifício, Adão e sua companheira permanecem a meditar, até serem vencidos por um profundo sono. Recostando-se ao solo coberto de relva macia, adormecem docemente sob os cálidos raios do perdão, certos de que seu brilho e calor perdurariam até serem as trevas daquele sábado desvanecidas completamente pelo fulgurante sol.

A luz do cordeiro, desde que fora acesa sobre o altar naquela noite, permanecia em constante guerra com as trevas. Por várias vezes crescia em brilho, afugentando para distante a fria escuridão, banhando a natureza com os seus raios de vida. Por vezes, as trevas trazendo o seu vento frio, quase bania por completo a chama. Essa, todavia, num grande esforço alimentava-se do sangue do cordeiro, lançando ao alto sua ardente chama, inundando de luz e calor tudo aquilo que havia ao redor.

O conflito entre a luz nascida do sacrifício e as trevas naquela noite, descerravam aos fiéis do Universo muitas lições importantes - verdades que ocupariam suas mentes por toda a eternidade. Naquela chama, ora ardente em seu brilho, ora fustigada pelos ventos da noite, os fiéis viam uma representação do conflito milenar entre o bem e o mal; conflito que sem trégua se estenderia até o alvorecer . O Eterno, no penhor de Seu futuro sacrifício, acendera em meio das trevas, a luz da verdade, e essa seria mantida acesa no coração do ser humano, em virtude de Seu sangue que seria derramado para remissão da culpa. Contra essa luz, o inimigo arremessaria todos os ventos frios da maldade, banindo do coração de muitos o seu doce brilho. Quantos jazeriam perdidos por recusarem a luz do perdão divino, ficando envoltos pelas trevas da escura noite!

Depois de longas horas de combate, surge no céu os sinais do amanhecer. A escuridão que com ira havia lançado seus ventos sobre a imorredoura chama procurando bani-la, torna-se confusa ante os sinais do amanhecer. O céu tingido de um vermelho vivo, faz lembrar o sangue que jorrara do peito do cordeiro para que a chama do perdão pudesse iluminar a noite humana. Em meio ao colorido de sangue, surge no horizonte o fulgurante sol, trazendo em seus aquecidos raios o sabor da vitória, envolvendo tudo com sua vida. O alvorecer em seu saudoso afeto, acaricia o distante paraíso, levando de seu amado seio em sua brisa matinal o aroma da saudade, numa mensagem de consolo e esperança às criaturas sofredoras do vale da morte.

Banhados pelos cálidos raios e pela brisa da esperança, o casal desperta em mais um sábado, cujo simbolismo aponta para o descanso no reino de Deus, ao culminar o grande conflito entre a luz e as trevas.

Para além daquele altar coberto de cinzas, Adão e Eva contemplam demoradamente o saudoso paraíso. Ainda que distantes em seu exílio, alegram-se com a certeza de que o sacrifício do Messias fará raiar para eles o sábado dos sábados: aquele de lágrimas para sempre banidas; de sol sempre a brilhar num límpido céu; de cordeiros sempre vivos a brincar pelo gramado; dia sem anoitecer, quando não haverá mais altar coberto de sangue e cinzas. Suspiram por esse dia de glória, quando Des Se fará eternamente visível, levando nas mãos as marcas de Seu infinito amor pelos Seus filhos.

Adão e Eva que estavam acostumados às flores eternas no paraíso, aquelas que não as viram desabrochar, viam-nas agora surgirem em tenros botões, em meio às ameaças de espinhos prontos a ferirem. Essas tenras flores, sem importarem-se com os espinhos, exalavam perfumes suaves de louvor e gratidão, jamais se cansando de agradar o ambiente. Quando fustigada pelos ventos frios da noite, essas flores não se ressentiam, mas ofereciam seu aroma, que transformava a fúria dos ventos em brisas perfumadas de um alvorecer.

Movidos por profunda gratidão, o casal acompanhava atentamente o ministério de amor daquelas flores que, jamais se cansavam de abençoar, oferecendo sua beleza e perfume como alívio para aqueles que eram feridos pelos rudes espinhos.

Aquelas flores singelas e puras, depois de mostrar em sua curta vida que o perdão e o amor são mais fortes que todos os ventos e espinhos, num último esforço de comunicar alegria, exalavam seu perfume, tombando murchas e sem vida

sobre o solo frio. Ali, esquecidas, transformavam-se em insignificante pó que era espalhado pelo vento.
A morte das flores, ainda que parecesse fracasso, revelou ao casal o mistério do renascimento da vida: Morrendo, as flores
davam vida aos frutos que, por sua vez, depois de servirem de alimento, doavam suas sementes cheias de vida. Na morte
dessas sementes, renascia o milagre da vida, multiplicando as árvores com suas flores prontas a repetir o ensinamento do amor
e do sacrifício.
A natureza, portanto, embora maculada pelo pecado, revelava o mistério oculto do plano da redenção. Cada flor a
desabrochar em meio aos espinhos, em sua curta vida de amor, era um símbolo do Salvador que nasceria entre os espinhos da
maldade, para com o seu perfume consolar o coração dos aflitos. Semelhante à flor, o Messias depois de provar que o amor e
o perdão são mais fortes que todos os ventos do ódio; que a verdade e a justiça do reino de Deus são maiores que todos os
enganos e injustiças do reino do inimigo, verteria a seiva de sua vida, morrendo para redimir os culpados.

A Criação do Universo VI

Consolados pelas revelações da natureza, Adão e sua companheira, aprendiam a cada dia a amar mais o Salvador. Cresciam em sabedoria, humildade e santidade. Todas as virtudes destruídas pelo pecado, renasciam no coração.
A colina, sob a proteção dos anjos da luz, tornou-se numa miniatura do Éden distante. Entre os animais reunidos e domados com amor, haviam muitas ovelhas. Na noite que antecedia cada sábado, Adão tinha, por ordem do Criador, de repetir o doloroso ato. Quanta amargura e arrependimento sobrevinham ao casal ao baixarem as trevas da noite do sacrifício! Quanto consolo lhes trazia a chama do perdão que jamais deixara de brilhar sobre o altar.
O decisivo valor do sacrifício, para que a vida pudesse florescer sob a proteção divina, levou o casal a valorizar imensamente o seu pequeno rebanho. Cada sexta-feira, contudo, passou a trazer consigo, além da dor, uma inquietação: - Quem doará seu sangue ao altar quando a última ovelha perecer?
Aos olhos do casal maravilhado, aconteceu enfim o milagre do amor, renovando-lhes a esperança de viverem outras semanas sob o brilho da chama do perdão: uma ovelha, a mais gorda delas, passou a sangrar como em sacrifício; De sua dor, nasceram-lhes quatro cordeirinhos.
Cheios de alegria e gratidão, Adão e Eva prostraram-se ante o Salvador invisível, tendo nas mãos aquelas novas criaturinhas que traziam em seus olhos a mesma meiguice e disposição para o sacrifício.
Seguros de que novos milagres multiplicariam seus dias, o casal uniu sua voz como outrora, num cântico de gratidão e adoração ao Criador que, como os cordeirinhos nasceria também da dor para cumprir em sua vida o maior de todos os sacrifícios, para salvação da humanidade.
O Eterno, embora invisível aos olhos de Seus filhos humanos, permanecia bem próximo, acompanhado por um exército de anjos, em incansável ministério de cuidado e proteção. O casal estava inconsciente de que a doce calma e paz reinantes naquela colina, bem como toda a sua prosperidade, eram frutos de tão intensa luta. Se os seus olhos fossem abertos para as cenas que ocorriam invisíveis, ficariam tomados de espanto; Quão terrível era o inimigo e suas hostes em suas constantes investidas com o propósito de arruinar o ser humano, arrebatando-o das mãos do Criador.
Depois de contemplar os de cordeiro, Deus fitou o casal com ternura, revelando-lhes algo que os surpreendeu e alegrou:
- Quando desses cordeiros trinta e seis houverem subido ao altar, os vossos braços envolverão o primeiro filho que, como eles surgirá também da dor. Esse filho em sua infância lhes trará alegria saltando como os cordeirinhos em vosso lar. Devereis instruí-lo com dedicação nas leis da harmonia, mostrando-lhes o caminho da redenção. Como vocês, ele será livre para escolher o rumo a seguir. Aceitando o ensinamento, sua vida será vitoriosa; rejeitando-o, caminhará para a derrota.
Adão e Eva ouviram com alegria a promessa divina, mas ao mesmo tempo experimentaram no profundo do ser um temor ao conscientizar-se da responsabilidade que teriam. Sabiam que Satã faria todos os esforços para levar a criança prometida à perdição.
Era noite alta quando o Criador, depois de acariciar seus filhos, os deixou adormecidos sobre o gramado macio.
Depois da promessa, cada cordeirinho levado ao altar fazia pulsar mais forte no ventre materno a esperança da alegria que em breve alcançariam. Trinta e seis finalmente baixaram às trevas cumprindo o tempo determinado pelo Criador em que a primeira criança receberia a luz.
Com as mãos ainda manchadas pelo sangue do sacrifício, Adão amparou sua esposa que, aos pés do altar prostrou-se vencida pela dor que lhe trouxe o primeiro filho. A pequena criança não trazia na face a alegria da liberdade, mas o choro de sua prisão; Esse pranto duraria a noite inteira, não fosse o brilho daquela chama aquecida de esperança que, logo atraiu a atenção de seus olhinhos atentos. Envolvendo-o com alegria, Eva consolada de seu sofrimento, disse: "Alcancei do Senhor a promessa". Deu-lhe então o nome de Caim.
Depois de envolver o filhinho com as peles macias de um cordeiro, o casal permaneceu acordado a meditar. Muitos eram os pensamentos que ocupavam suas mentes: pensamentos de alegria, de gratidão, de esperança e de anseio pelo senso da responsabilidade que agora pesava sobre seus ombros.

Acariciando com ternura a pequena criança, o casal amadureceu em sua experiência, compreendendo melhor o misterioso amor de Deus que, para salvar Seus filhos, dispôs-Se a morrer em lugar deles.
Adão e Eva não estavam sozinhos em suas reflexões: todos os seres inteligentes do Universo consideravam com interesse sobre o futuro daquele indefeso bebê que no íntimo trazia um reino de dimensões infinitas, a ser disputado pelos dois poderes em luta.
Vendo a criança esboçar o seu primeiro sorriso, o casal subitamente lembrou-se da promessa do Criador que era confirmada em cada sacrifício : Ele nasceria da mulher como criança, com a missão de redimir a humanidade. Não seria Caim já o cumprimento da promessa? O infante com seus olhinhos brilhantes de alegria se parecia tanto com os cordeirinhos que nasciam e cresciam com a missão de serem sacrificados! Considerando assim, o casal apertando o filhinho junto ao peito começou a chorar sem consolo. Quão terrível, seria oferecer seu filhinho inocente ao rude altar!
Para o casal compungido pela dor, surgiu em fim o brilhante sol fazendo reviver com seus cálidos raios as promessas que apontavam para um Salvador que, ainda no futuro, nasceria também da dor para cumprir o eterno plano de redenção.
Abençoada pelo Criador e envolvida pelo amor e cuidado dos pais, a criança se desenvolvia em sua natureza física e mental, tornando-se a cada dia alvo maior de uma incansável batalha entre as hostes espirituais.
Adão e Eva, ansiosos por fazê-lo compreender as verdades da salvação, tomavam-no nos braços a cada alvorecer e, à beira do altar lhe apontavam o Éden distante, contando aquelas histórias de emoção as quais o pequeno Caim ainda não conseguia compreender. Qual foi a alegria daqueles pais, ao vê-lo numa manhã de sol, apontar com a mãozinha para o lar da saudade, pronunciando o nome sagrado do Criador. Emocionados tomaram-no nos braços, pedindo-o para repetir esse sublime nome que, qual chave de felicidade, sempre descerrava-lhes um paraíso de eterno amor.
Todas as hostes da luz inclinaram-se com alegria ao ouvir a pequena criança pronunciar o nome do divino Rei.
As semanas iam se passando trazendo consigo novas vítimas para o altar, e o pequeno Caim, alvo da atenção e cuidado de Deus, das hostes da luz e daqueles amantes pais incansáveis na missão de instruí-lo, agrupando suas poucas palavras, sempre curiosos com tudo passou a interrogar.
O dia declinava quando o menino, que jazia ao colo de sua mãe, perguntou-lhe:
- Mamãe, por que o sol sempre vai-se embora, deixando a gente no frio da escuridão?"
Eva, surpresa contemplou seu filho, sem encontrar palavras para responder-lhe a indagação que trouxe-lhe à lembrança o passado de felicidade destruído por sua culpa. Após um momento de silêncio, beijando a face do pequeno Caim, disse-lhe:
- Filhinho, um dia o sol virá para ficar, trazendo em seus raios um mundo só de harmonia; já não haverá animaizinhos a brigar, nem cordeirinhos a morrerem sobre o altar"
Caim, insatisfeito com as palavras da mãe, demonstrou não ter paciência para aguardar esse dia que jazia em distante futuro. Repetia em pranto: - "Eu quero o sol hoje , amanhã não!"
Eva, pacientemente, procurou acalmar seu filho, falando sobre a luz de Deus, que pode tornar a noite em dia. Ele o amava e poderia encher seu coraçãozinho de brilho, de alegria e paciência. Poderia assim, aguardar feliz o dia de seus sonhos.
Balançando a cabecinha em rejeição ao consolo da mãe, Caim proferiu entre soluços: -"Eu quero o sol porque eu posso vê-lo, ao Eterno não".
Como uma seta dolorosa as palavras de rebeldia de Caim penetraram no coração de Eva, fazendo-a chorar amargamente. Uma tristeza infinita pairava sobre o coração do Criador rejeitado.
Esboçavam-se nos gestos de Caim os primeiros passos pelo caminho descendente da rebeldia. Quantos o seguiriam rumo à morte!
Inconsciente da tristeza que abatera-se sobre o reino da luz, Adão, ao ver o sol declinar no horizonte, deixou seu trabalho no campo rumando-se para casa. Tinha um cântico no coração ao caminhar para mais um encontro com os seus.
Ao aproximar-se do altar, viu junto dele sua companheira prostrada em pranto. O pequeno Caim jazia também ali a chorar. Tomando-o nos braços, Adão perguntou-lhe com anseio: -"O que aconteceu meu filho?" Caim tristemente respondeu: -"Mamãe deixou o sol ir embora"
Amparando o filho com seu braço esquerdo, Adão pousou sua mão direita sobre o ombro de Eva, mas não encontrou palavras para consolá-la. A frase dita por seu filhinho, pareceu rasgar-lhe o coração, fazendo-o reviver a queda.
Depois de refletir, Adão sentindo-se culpado respondeu para Caim: -"Foi o papai quem deixou o sol ir embora meu filho!".
Com soluços de grande tristeza, Adão uniu-se a eles no pranto. A lembrança do Salvador, contudo, o consolou. Enxugando suas lágrimas e as de seu filhinho, disse-lhe com ternura: - "Podemos nos alegrar filhinho ,pois Deus prometeu fazer o sol para sempre brilhar no céu; ele será como o fogo que surge no altar, banindo as trevas da noite".
Com os olhinhos voltados para o último clarão do arrebol, Caim permaneceu sem consolo.
Naquele entardecer, não houve como de costume um alegre jantar. A pequena família, entristecida, permaneceu a meditar por longas horas, até sonolentos adormecerem sob a luz das estrelas.
O inimigo e suas hostes, em sarcasmo de maldade zombaram naquela noite do sofrimento de Deus e Seus fiéis. Repetindo as palavras de rebeldia do pequeno Caim, ufanava-se como vencedor. Num desafio ao Criador pronunciou : - Veja como esse meu pequeno escravo te rejeita!

O mesmo se dará com todos aqueles que hão de nascer. Estou certo de que o direito de domínio jamais sairá de minhas mãos.
Todas as hostes rebeldes repetiram em eco as afrontas do enganador, humilhando os súditos da luz que sofriam do lado do Eterno.
Com suas afrontas, o inimigo procurava fazer Deus desistir de Seu plano de redenção. Se isso acontecesse, seu reino de trevas se estenderia por toda a eternidade , suplantando o domínio da luz.
Em resposta ao desafio do inimigo, o Eterno afirmou solenemente : - Ainda que todos me rejeitem , Eu cumprirei a promessa.
O Criador não suportava o pensamento de ver o pequeno Caim caminhar para a perdição. Por ele intercedia a cada dia, oferecendo ante a justiça o Seu sangue que verteria. Anjos poderosos guardavam-no a cada momento, espancando as trevas espirituais que o acercavam procurando torná-lo insensível aos benefícios da salvação , que eram ilustrados pelos símbolos.
Adão e Eva em seu incansável ministério de amor, todos os dias ensinavam a Caim as lições espirituais ilustradas na natureza. Em cada sábado procuravam firmar em sua mente juvenil a esperança de uma vida eterna, que seria fruto do sacrifício do Salvador. Ele depois de viver uma vida sem pecado, morreria como um cordeiro , para poder expulsar para sempre as trevas.
A contemplação do Éden distante banhado em sol fez nascer no coração juvenil de Caim pensamentos de aventura. Ele começou a pensar : "Este paraíso não está tão longe como afirmam papai e mamãe. Por que esperar e sofrer tanto tempo?! Ele é tão belo! É dele que surge todos os dias o sol! Se o conquistarmos, será fácil deter a luz em sua nascente; Assim viveremos num paraíso de eterno sol.
As idéias de aventura de Caim, enchiam o coração de Adão e Eva de tristeza. Viam que seu interesse era somente pelo tempo presente; ele sonhava com um paraíso de felicidade e luz conquistado por sua força. Em seus planos, não sentia necessidade de um Salvador; - Para que, se era tão jovem, inteligente , cheio de vida e ideais?- dizia.
Os dias de lutas, intercessões e sacrifícios pelo destino de Caim foram se passando. Oportunidades preciosas surgiam em cada dia diante dele para se apegar ao Salvador, mas a todas rejeitava, uma por uma. Em sua incredulidade chegou a duvidar da existência desse Deus, o qual jamais vira.
Aos pais que, aflitos mas sempre com paciência, procuravam livrá-lo da perdição para a qual estava caminhando, prometeu um dia , após sorrir com ar de incredulidade, crer no Criador e em Seu plano de salvação, caso Ele se tornasse visível na hora do sacrifício.
Com ardente fé, aqueles pais passaram a clamar ao Eterno. Sua presença visível poderia, quem sabe, salvar aquele filho querido que a cada dia tornava-se mais rebelde.
O Criador ouviu o clamor dos pais aflitos. Embora soubesse que Sua aparição dificilmente quebraria no coração do jovem Caim seu espírito rebelde, estava disposto a cumprir o pedido. Estenderia os braços amigos a Caim, procurando com amor conquistar-lhe o coração. Como conhecia os seus anseios e sonhos de aventura, facilmente poderia identificar-Se com ele, cativando-o, pois era também Alguém que sempre carregara no peito sonhos de aventura; Não fora a criação do Universo uma grande aventura?! Não fora o Seu sonho vê-lo cravejado de sóis fulgurantes, iluminando bilhões de mundos com o seu brilho?! Não era também o Seu maior atravessar o vale da morte, em busca da conquista do Éden distante, prendendo para sempre o Sol em seu céu?! Tinham muita coisa em comum!
Caim estava curioso naquela sexta-feira. Na face dos pais, via ânimo e alegria, frutos de uma fé grandiosa. Incentivado por essa expressão de confiança, o jovem passou a ajudá-los nos preparativos para o santo sábado.
O Sol finalmente esquivou-se rolando para o poente, deixando como de costume seu rastro de saudade que anunciava medo. Em meio às trevas, Caim discerniu o vulto branco do cordeiro sendo erguido para o altar pelas mãos do pai - esse incansável sacerdote que sempre estava implorando ao Criador pela salvação de seu amado filho.
Com a mão erguida, Adão preparava-se para o golpe que poderia, quem sabe, quebrar no coração de Caim sua incredulidade, fazendo nascer num só momento a crença na salvação.
De seus lábios escapa-se então a prece da fé: - Pai Eterno, ouve o meu pedido; Meu filho precisa de Ti! Somente um olhar Teu poderá conquistá-lo. Venha Senhor!!
Esta oração sincera caiu nos ouvidos daquele filho comovendo-o. Somente a prece já seria suficiente para convencê-lo da existência real de um Salvador.
Um forte brilho envolveu logo toda a colina banhando também o vale oriental .Os olhos arregalados de Caim pousaram então nos olhos amáveis do Criador, que trazia na face um brilho superior ao do sol, mas não ofuscante. Contemplando-O com admiração, Caim exclamou: - Ele é jovem como eu, e se parece com o Sol!
Adão e Eva, comovidos pela grande saudade tinham vontade de saltar ao peito do Salvador e beijá-Lo, mas deixaram que Ele Se encontrasse primeiro com Caim. Com alegria , viram o precioso filho envolvido nos braços do grande amigo, que era parecido com o seu astro.
Depois de longo abraço, Deus abraçou e beijou também o querido casal, companheiros no sofrimento.
Caim, conquistado pela afeição do Pai Eterno, mostrou-Lhe seus animais de estimação e seu pequeno jardim carregado de lindas flores. Como estava encantado por vê-los coloridos naquela noite desfeita pelo brilho do Criador, como sob a luz do dia! Parecia até mesmo que o Sol baixara a eles.
Ao pensar no Sol, Caim como o amava muito, passou a falar sobre ele dizendo:

- Como ele é belo e bom! Quando ele vai-se embora, deixa em suas lágrimas de sangue um sentimento de tristeza e temor. Tudo desaparece em sua ausência : os animais, o jardim; até os passarinhos silenciam os seus cantos! ...Mas basta ele dizer que vai aparecer, tudo se enche de encanto; A natureza se desperta de mansinho, parecendo ainda temer as trevas, mas quando as vê fugir , fica alerta e canta; Os animais, os passarinhos, o jardim,... tudo volta a viver feliz! Mas, esta felicidade sempre acaba!!!
Após falar estas palavras, Caim fitando o Criador indagou curioso:
- Papai sempre diz que foi você quem criou o Sol. É verdade?
Com um sorriso de sinceridade Deus respondeu-lhe que sim.
- Quando Você o fez no princípio, continuou Caim, ele já fugia para o poente?
- Ele nunca foge, respondeu o Eterno, é o mundo quem foge dele. Ele fica triste com essa ingratidão!
--Mas como? Perguntou Caim, contemplando curioso Sua face de luz .
Com palavras carinhosas, Deus passou a contar-lhe a história de Lúcifer que, em sua ingratidão baniu de seus olhos e dos olhos de uma multidão de criaturas, o brilho de Sua face - o Verdadeiro Sol. Depois de assim agir, iludiu a muitos dizendo que foi o Sol quem fugiu deles. Com sua astúcia, continuou o Criador, o anjo rebelde procurou arrastar o ser humano para as trevas, e conseguiu. O Sol naquele dia, chorou tantas lágrimas de sangue, que banhou todo o céu. Em seu último suspiro de luz, porém, ele prometeu ao mundo já tomado pelas trevas, voltar um dia a brilhar para sempre, enchendo todo o seu seio de vida.
Após falar-lhe estas palavras, o Eterno fitando aquele jovem, com expressão de tristeza nos olhos concluiu dizendo: - Hoje, o anjo rebelde promete a seus seguidores que irá com sua força deter o sol, mas ele jamais conseguirá realizar esse plano, pois não possui o laço que poderá detê-lo : o amor.
Cabisbaixo, Caim ouviu dos lábios do Criador essa história de promessas, a qual já se cansara de ouvir de seus pais. Essa história não lhe dava prazer, pois mostrava uma noite longa de sacrifícios sobre o altar, e de um Salvador a perecer em dor. Em realidade, Caim não via razões para tudo isso. Por que não banir logo o sofrimento colorindo as trevas de luz?!
Num esforço para conquistá-lo, o Eterno com muito amor fitou aquele jovem insatisfeito, e disse-lhe que, somente o sangue de Seu sacrifício poderia fazer o Sol para sempre brilhar, num reino de eterna felicidade e paz. Não havia outro caminho para essa conquista. Por isso, deveria ser paciente, descansando-se sob o Seu cuidado.
Após conversar por longo tempo com Caim, na tentativa de fazê-lo reconhecer sua necessidade de salvação, Jeová voltando-Se para o casal, passou a consolá-los com a promessa do nascimento de outro filho. Mais trinta e seis sacrifícios seriam contados, e seus braços envolveriam o segundo filho. Nasceria também da dor, mas traria nos olhos o brilho e o consolo da salvação. O seu testemunho de fidelidade ficaria perpetuado por todas as gerações, no símbolo de um altar coberto de sangue.
As semanas iam se passando, trazendo ao casal novas de alegrias e tristezas : de um coração cheio de vida a pulsar no ventre de Eva, e de um vazio com cheiro de morte a crescer no coração do jovem Caim. Ainda que ele tenha ficado deslumbrado ante a manifestação de Deus, em nada essa aparição mudou-lhe sua maneira arrogante de pensar sobre o sentido da vida. Ele não via sentido nos sacrifícios oferecidos no altar. Nos dias que seguiram o seu encontro com o Criador, ele argumentava com os seus pais dizendo: - Se eu fosse poderoso como o Eterno, eu jamais me submeteria ao sacrifício para reconquistar o reino perdido. Ele é forte, e brilha como o sol. Ele poderia com uma só palavra expulsar todas as trevas, devolvendo-nos o paraíso. Para que tanto sofrimento?! Com essa argumentação, Caim supunha-se mais sábio que o Criador. Quem sabe, num próximo encontro teria oportunidade de aconselhá-Lo.
Dessa forma, o jovem Caim aprofundava-se cada vez mais no abismo do orgulho e do egoísmo - lugar de ilusões para onde se ia, pensando estar caminhando para a vitória. Não fora Lúcifer juntamente com um terço das hostes celestes atraídos por essa mesma ilusão?! O bondoso Deus , todavia, não selaria o destino de Caim sem antes procurar de todas as formas salvá-lo da ruína eterna. Essa graça imerecida, fruto do divino amor, seria concedida a todo o ser humano que viesse a nascer neste mundo.

...

O LIVRO DE MALQUISEDEQUE

A História de um Vaso

Capitulo I

Estava descansando sob a sombra do Carvalho de Mambré junto à minha tenda, quando vi chegar apressadamente um dos servos de meu sobrinho Ló. Quase sem fôlego, ele passou a relatar-me sobre a tragédia: Houvera no dia anterior uma batalha entre as cidades da planície, envolvendo quatro reis contra cinco. Como resultado, Sodoma fora derrotada e muitos de seus habitantes levados cativos, entre eles o meu sobrinho Ló. A notícia deixou-me muito aflito, pois ao mesmo tempo em que sentia que precisaria sair em seu socorro, via-me fragilizado, sem nenhuma condição.
Sempre fui um homem pacifico e detesto aqueles que derramam sangue. Tenho muitos servos, mas poucos sabem manejar espadas e lanças, pois desde à infância são treinados como pastores. Em lugar de espadas e lanças, eles manejam bordões com os quais conduzem os rebanhos; Em lugar de escudos, eles carregam vasos em suas cinturas, sempre cheios de água fresca, para matarem sua sede e refrigerarem as ovelhas aflitas; Em lugar de vinho para se embebedarem, carregam presos em seus cintos pequenas botijas com o azeite das oliveiras, com os quais untam as feridas do rebanho; Em lugar de ressonantes trombetas, eles sopram pequenos chifres, com os quais convocam o rebanho para o curral
Imaginando como seria um combate entre os meus servos e os exércitos daqueles cinco reis vitoriosos, comecei a rir. Enquanto gargalhava, a voz dAquele que sempre me guia, soou aos meus ouvidos, dizendo:
- Abraão, Abraão! Não menospreze os instrumentos dos pastores, pois santificados pelo fogo do sacrifício, haverão de conquistar o grande livramento.
O Eterno passou a dar-me ordens, fazendo-me avançar pela fé, sem saber como tal livramento haveria de realizar-se.
O primeiro passo foi a convocação de todos os pastores que, deixando seus rebanhos, dirigiram-se ao Carvalho de Mambré, trazendo seus instrumentos pastoris. Eram ao todo 600 pastores.
Ordenei que esvaziassem os jarros, colocando neles o azeite da botija.
Depois de cumprirem esta ordem, pedi que tomassem cada um a lã de uma ovelha, misturando-a com o azeito dos jarros.
Depois destas coisas, Yahwéh mandou-me tomar um grande vaso de barro, enchendo-o até a metade com o azeite das oliveiras
Ao concluir esta tarefa, o Senhor mandou-me fazer um longo pavio de lã, enfiando a metade dentro do azeite e deixando a outra parte presa acima do vaso.
Depois destas coisas, Yahwéh ordenou-me acender o pavio, com o fogo do altar. Ao aproximar-me do fogo sagrado que ainda ardia sobre o sacrifício da manhã, uma pequena fagulha saltou para o pavio, e pouco a pouco foi-se alimentando do azeite, até tornar-se numa labareda que podia ser vista de longe.

Capitulo II

Com o vaso nos ombros, comecei uma caminhada rumo às cidades da planície, sendo acompanhado pelos pastores. Logo começaram a surgir escarnecedores que, ao verem-me com aquele vaso incandescente em pleno dia, e passaram a dizer que eu ficara louco. Ao espalhar esta notícia, muitos vieram ao meu encontro, trazendo conselhos para que eu abandonasse aquele vaso que seria capaz de destruir toda a minha reputação e dignidade diante de todos eles.
Quando eu lhes falei sobre os exércitos e sobre minha missão juntamente com os pastores, eles concluíram que de fato eu ficara louco. Tentaram tirar-me o vaso pela força, mas agarrando-me a ele, impedi que o tirassem de mim.
Envergonhados diante de tudo isto, muitos pastores começaram a se afastar: alguns retornaram para suas tendas enquanto outros uniram-se àqueles que riam de meu comportamento estranho.
Sentindo-me sozinho com aquele pesado vaso sobre os ombros, comecei a angustiar-me. Ansiava encontrar alguém com quem pudesse compartilhar minha experiência, mas todos lançavam-me olhares de reprovação.
Lembrei-me de Sara, minha amada esposa; Em obediência a Voz de Yahwéh havíamos trilhado por muitos caminhos, estando Sara sempre ao meu lado, animando-me a prosseguir mesmo nos momentos mais difíceis.Com certeza Sara me traria consolo e forças para continuar firme, conduzindo o vaso da salvação.
Enquanto avançava pelo caminho pensando em Sara, a vi no meio da multidão. Ao dirigir-me a ela, fiquei surpreso e desalentado ao ver em seus olhos o mesmo menosprezo daqueles que me chamavam de louco por conduzir em pleno dia chama que se desprendera do altar.
Lembrando-me da ordem de Yahwéh de que teria de libertar meu sobrinho Ló, fui andando sozinho pelo caminho; Ao colocar-me no lugar daqueles que me achavam louco, eu dava-lhes razão, pois em condições normais, nenhuma pessoa coerente sai de casa, sem rumo definido, levando em pleno dia um vaso com uma labareda nas costas, afirmando estar marchando contra o exércitos de cinco reis, para libertar um parente. Realmente da a entender que se trata da manifestação de uma grande loucura. Mesmo assim, a despeito de todas as humilhações e palavras que falavam contra mim, eu avançava rumo ao vale desconhecido.
Toda aquela zombaria foi finalmente diminuindo, à medida em que eu me distanciava do Carvalho de Mambré.
Começaram a sobrevir ao meu coração muitas dúvidas quanto ao meu futuro. Ficava às vezes aflito com o pensamento de toda a minha

experiência, desde a convocação dos pastores até aquele momento, poderia ser, de fato, demonstrações de uma loucura.
Cheio de dúvidas, comecei a pensar na possibilidade abandonar à beira do caminho o vaso, retornando para junto do altar. Esses eram os conselhos alguns pastores e amigos que, condoídos de minha solidão, ainda vinham ao meu encontro, aconselhando-me a retornar; Ali, diziam, eu poderia conquistar novamente a confiança dos pastores, voltando a ser, quem sabe, até mesmo um sacerdote honrado como outrora. Sobre o altar, diziam, havia um fogo muito maior que aquele que eu carregava nos ombros.
Estava a ponto de retornar, quando Sara veio ao meu encontro, contando-me sobre o desprezo que muitos pastores lançavam contra mim; Ela estava consternada, pois toda aquela desonra, recaía também sobre ela, ao ponto de não sentir mais desejo de permanecer junto daquele altar. Depois de alertar-me, Sara passou a falar-me de um plano: Poderíamos, quem sabe, nos mudar para uma cidade distante, onde esqueceríamos todo aquele vexame.
Esquecendo-me da voz que mandara-me seguir rumo à planície, respondi para minha esposa que eu estaria disposto a acompanhá-la para qualquer lugar, se ela permitisse que eu levasse o vaso. Ele seria o nosso altar, aquecendo e iluminando nossas noites com sua chama.
Ao ouvir sobre o vaso, Sara voltou a irar-se, afirmando não entender minha teimosia em continuar levando sobre os ombros aquele símbolo de vergonha e desprezo. Depois dizer-me tais palavras, voltou-me as costas, retornando para a tenda.

Capitulo III

Angustiado em não poder realizar o sonho de Sara, prossegui rumo ao futuro incerto, sendo orientado unicamente pela chama, cujo brilho aumentava à medida em que as trevas adensavam-se. Comecei então a meditar sobre aquela chama que acompanhava-me com seu brilho e calor.
Eu estava acostumado a ver o Fogo Sagrado entronizado sobre um grande o altar de pedras, em meio aos louvores de muitos pastores, dentre os quais eu me destacava como mestre e sacerdote. Naqueles momentos de adoração, eu me vestia com os melhores mantos, e fazia questão de realizar o sacrifício, somente quando todos os meus servos estivessem reunidos ao meu redor, para que ouvissem meus conselhos e advertências. Na hora do sacrifício, eu erguia para o céu minha espada desembainhada, e, com palavras amedrontadoras, proclamava a grandeza do Senhor dos Exércitos, o Deus Todo Poderoso que domina sobre os Céus e a Terra. Vibrando a espada no ar num movimento ameaçador, eu representava diante de meus pastores, a imagem de um Deus severo, que está sempre pronto a revidar qualquer afronta. Depois dessa demonstração de soberania e poder, eu pegava uma ovelha das mãos de um pastor, e a amarrava sobre o altar. Para que ficasse bem patente a ira divina, eu pisava sobre o seu pescoço, golpeando-a severamente, até vê-la perecer. Naquele momento eu descia do altar, e ficava esperando pelo Fogo Sagrado que jamais deixou de manifestar-se sobre o sacrifício.
Eu aprendera desde a infância a reverenciar o Fogo Sagrado, crendo ser ele uma revelação visível de Yahwéh, o Grande Deus Invisível. Até então, eu o vira como um Fogo Único e Indivizível. Agora, ao transportar em humilde jarro a chama que se desprendera do Altar, meus pensamentos agitavam-se com o surgimento de um novo conceito sobre o Criador: o conceito de um Deus Sofredor que é capaz de despreender-se do Grande Yahwéh, representado pelo Fogo Sagrado, para acompanhar o pecador em sua jornada.
Arrependido, prostrei-me diante do vaso e chorei amargamente. Tinha agora consciência de que todo o zelo demonstrado junto ao Altar, tinha por finalidade a exaltação de meu orgulho, e não do amor daquele que me acompanhava pelo caminho.
Subitamente, gravou-se-me na mente a convicção de que aquela pequena chama que se desprendera do Fogo Sagrado, era uma representação do Messias, que Se desprenderia do Grande Yahwéh, para ser o Deus Conosco, companheiro em todas as nossas jornadas. Ao sobrevir-me esta convicção, a chama alegrou-se, tornando-se mais brilhante e calorosa.
Com o coração transformado, prossegui pelo caminho rumo ao vale, levando nos ombros o jarro que trouxera-me depois de tanto desprezo, a alegria de uma nova revelação sobre o caráter do Criador.
Momentos difíceis começaram a surgir em minha caminhada, quando ventos frios vindos do mar salgado começaram a arremeter-se contra a pequena chama, procurando apagá-la. Eu a amparava com o meu corpo, andando muitas vezes de lado e mesmo de costas, mas sempre avançando rumo ao vale.
Ao romper a luz do dia, achei-me a um passo da planície. Comecei a encontrar pelo caminho muitos rebanhos que eram conduzidos por rudes pastores. À medida em que avançava entre eles, surgiam tumultos e confusões, pois muitas ovelhas e cabras assustavam-se com o meu vaso ardente, debandando-se por todas as partes. Isto fez com que a maioria dos pastores ficassem irritados contra minha presença em seu meio. Sabendo que não poderia ficar retido naquele vale, prossegui em frente rumo à Sodoma.
Enquanto avançava, começou a acontecer algo interessante: muitas ovelhas, meigas e submissas, começaram a acompanhar-me. Eram poucas a princípio, mas pouco a pouco seu número foi aumentando, até que passei a andar com dificuldade, devido ao grande número de ovelhas que me seguiam. Ao longe eu podia ver os pastores, enfurecidos, pela perda de suas ovelhas mais bonitas.

Ao chegar à Cidade de Sodoma, a encontrei vazia e devastada. Seguindo os rastos deixados pelos exércitos e pela multidão de cativos, fui aproximando-me cada vez mais do alvo de minha missão. Ao chegar à campina de Dã, pude avistar ao longe o grande acampamento dos soldados, ao pé de um outeiro. Sem pressa, encaminhei-me para lá, conduzindo o meu novo rebanho.
Do alto do monte, pude observar o acampamento em toda a sua extensão. Havia milhares de soldados comemorando sua vitória; Enquanto isso, centenas de cativos jaziam amontoados no meio do arraial, humilhados e sem esperança. Diante desse quadro, fiquei imaginando como poderia se dar o livramento.
Minha presença despertou a curiosidade de alguns soldados que, ao ver-me com o vaso fumegante, aproximaram-se e começaram a debochar. Quando perguntaram-me sobre o motivo de minha presença naquele lugar, eu disse-lhes que viera libertar meu sobrinho Ló. Minhas palavras tornaram-se motivo de muitos gracejos em todo o acampamento; Depois disso, passaram a escarnecer de Ló.
Em pouco tempo, toda aquela zombaria transformou-se em gritos de vingança, e proclamaram que, na manhã seguinte, todos os cativos seriam exterminados, começando pelo meu sobrinho.

Capitulo IV

Enquanto tentava imaginar o que Yahwéh poderia fazer para alcançar tão miraculoso livramento, vi surgir ao longe o vulto de pastores que se encaminhavam em minha direção, vindos de Sodoma. Pensei à princípio que fossem os pastores inimigos que vinham arrancar-me o rebanho conquistado com amor. Tal receio logo desapareceu, dando lugar a um sentimento de muita alegria, quando descobri que eram meus pastores fiéis. Ele foram se aproximando em pequenos grupos de doze, até alcançar o total de 300 pastores. Ao olhar para eles, pude notar em seus semblantes os sinais de uma grande luta espiritual que tiveram de enfrentar, para estarem do meu lado. Contaram-me da experiência de muitos companheiros que, desanimados, haviam lançado fora o azeite e a lã de seus vasos, retornando para as suas tendas. Falaram-me de como, naquela noite passada, haviam aprendido a amar a luz de meu vaso, que para eles tornara-se como uma estrela guia.
Alegrava-me com a presença de meus humildes pastores, quando vieram em nossa direção Aner, Escol e Manre, acompanhados por 15 homens armados; Eram fiéis amigos que, conhecendo os perigos que enfrentaríamos naquele vale, vieram em nosso socorro. Para que não atrapalhassem o plano divino, pedi-lhes que permanecessem escondidos até o alvorecer, quando receberiam orientações sobre como participar da missão.
Comecei a orientar os pastores, seguindo as instruções da Voz Divina que soava-me de dentro da chama: A primeira tarefa dos pastores, seria cuidar do rebanho até o anoitecer.
Ao retornarem, ordenei que amarrassem os novelos de lã embebidos em azeite, na ponta de seus bordões, colocando-os dentro dos vasos que, deveriam ser mantidos suspensos, de boca para baixo.
Passei a incendiá-los com o fogo de minha labareda, até que as trezentas tochas ficaram ardendo, porém, ocultas, no interior daqueles vasos.
Ordenei à quarenta de meus corajosos pastores que, no momento indicado por um sinal que seria dado, deveriam avançar silentes para o meio do acampamento, circundando todos os cativos que jaziam amontoados no meio do arraial. Ao mesmo tempo, os 260 pastores restantes, deveriam circundar todo o acampamento, aguardando pelo sinal de quebrarem os vasos com os chifres.
Orientado pela Voz da Chama, indiquei-lhes os sinais: Quando a última tocha se apagasse no acampamento, deveriam ficar atentos, pois uma pequena lamparina seria acesa por um dos cativos. Assim que a lamparina começasse a arder, deveriam correr cada um para o seu lugar, evitando qualquer ruído, para que não fossem notados.
O sinal para quebrarem os vasos com os chifres, erguendo bem alto a tocha, era o apagar da lamparina.
Depois dessas orientações, os 260 pastores, ocultos pelas sombras da noite, se espalharam pelo vale, e ficaram esperando pelo momento de se posicionarem ao redor do acampamento; Enquanto isso, os 40 se posicionaram próximos à uma passagem mais vulnerável, através da qual haveriam de alcançar os cativos.
Já era alta noite quando a tocha do último soldado apagou-se, sobrevindo completa escuridão e silêncio sobre o arraial.
Entre os cativos, havia um homem naquela noite, que vivia a maior angústia de sua vida. Era o meu sobrinho que, depois de tornar-se alvo de tantos abusos e humilhações, tomara conhecimento do castigo que os aguardava pelo alvorecer.
Naquela noite, Ló tinha seus pensamentos voltados para o seu tio; Lembrava-se com arrependimento do momento em que me deixara junto ao Carvalho de Mambré, mudando-se para as campinas de Sodoma. Em seu desespero, sentiu desejo de rever minha face e pedir-me perdão por ter-se afastado de mim. Justamente naquele momento, Ló foi atraído pelo brilho de uma tocha que ardia sobre o outeiro. Ao fitar o brilho, imaginou estar tendo uma visão, pois o mesmo revelava-lhe a face de seu querido tio. Querendo mostrar-me o seu rosto, Ló apalpou em meio às trevas, até encontrar uma pequena lamparina que trouxera em seu alforje. Frustrado, percebeu que não havia nela nenhum azeite. Concluiu que aquela lâmpada apagada e seca, era um símbolo de sua vida vazia e sem fé.
Sem desviar os olhos de meu rosto iluminado pela chama do vaso, num desesperado gesto de fé, Ló apalpou o pavio de sua lamparina, descobrindo haver nele um restinho de azeite. Curvando-se, passou a ferir as pedras do fogo,

até que uma faísca saltou para o pavio. Sem que soubesse, Ló estava comandando com seus gestos, os passos para um grande livramento.
Os trezentos pastores ao verem o tênue brilho da lamparina, encaminharam-se rapidamente para os seus postos, e, ficaram aguardando pelo apagar da pequena chama.
Desde o momento em que Ló erguera-se com sua diminuta chama, eu fiquei olhando para os seus olhos que fitavam os meus. Vi que sua face trazia sinais de indizível angústia e maus tratos. Mesmo assim, pude ler em seus olhos azuis, que a esperança e a fé ainda não o abandonara.
O foguinho da lamparina de Ló, contudo, não resistiria por muito tempo. Era necessário que se apagasse, para sinalizar a grande vitória.
Quando a escuridão voltou a cobrir a face de Ló, meus trezentos pastores arremeteram seus chifres contra os vasos que mantinham ocultas as tochas ardendo. Um grande ruído, como de cavalaria em combate ecoou por todas as partes, enquanto as tochas eram suspensas. Os trezentos chifres usados até então para conduzir o rebanho, soavam agora como trombetas de conquistadores.
Todo o acampamento despertou-se num único salto, e, sem saber como escapar de tão terrível investida que partia de fora e de dentro, os soldados começaram a lutar entre si, enquanto meus pastores permaneciam em seus lugares, fazendo soar os chifres.
Os cativos, ficaram muito espantados à princípio, mas pouco a pouco foram tomando consciência do grande livramento que estava se operando em seu favor.
Quando amanheceu, revelou-se aos nossos olhos um cenário de completa destruição; Todo o arraial estava coberto por milhares de corpos rasgados pelas próprias espadas e lanças.
Somente uns poucos conseguiram fugir daquele acampamento de morte, mas foram perseguidos pelos meus 18 aliados que estavam armados, sendo alcançados em Hobá, que fica à esquerda de Damasco. Enquanto isso, os cativos, agora libertos, recuperavam todas as riquezas que haviam sido saqueadas pelos inimigos.

Capitulo V

Do cimo do outeiro, enquanto eu vibrava com a alegria dos cativos naquela manhã de liberdade, ouvi a Voz de Yahwéh falando-me do meio da chama:
- Este livramento que hoje se concretiza ,representa o livramento que hei de operar nos últimos dias, salvando os remanescentes de teus filhos, do cerco de numerosas nações que se aliarão a Gog com o propósito de destruí-los.
Naquele dia em que triunfarem sobre o meu povo, a minha indignação será mui grande, e contenderei com ele por meio da peste e do sangue; chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor. E sobre a casa de Daví e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de Graça e de Súplicas; olharão para Mim a quem traspassaram, pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele comos e chora amargamente pelo primogênito.
Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Daví e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza" (Ezequiel 38; Zacarias 12,13).
Consciente da importância histórica daquele dia de livramento, tomei um calendário e, fiquei surpreso, pois era Rosh Hashaná, o dia das trombetas. Aquele era o primeiro dia de um novo ano; Dez dias depois viria o Yom Kipur, o dia da purificação dos pecados; No dia 15, teria lugar a festa de Sukot, a alegre festa das colheitas do outono.
A chama que para mim tornara-se numa representação do Messias Prometido, apagou-se no momento em que desci ao encontro dos pastores e dos muitos cativos agora libertos.
Cheios de alegria e de admiração, todos queriam saber como tornara-se possível tão grande livramento, somente com a utilização daquelas tochas e chifres. Falei-lhes então da importância daquele fogo que se desprendera do Altar, para libertá-los naquele vale, identificando-o com o Messias Salvador.
Ao ver que todos carregavam em seus corpos e mantos a sujeira da escravidão, convidei-os a seguirem-me até ao rio Jordão, onde todos poderiam banhar-se, para purificação de seus pecados.
Somente três pessoas atenderam ao convite: Ló e suas duas filhas mais novas. Os demais, retornaram, contaminados para suas casas.
Antes de partir, o rei de Sodoma veio ao meu encontro, prometendo dar-me todas as riquezas recuperadas naquela manhã. Eu recusei sua oferta, para que jamais alguém possa dizer que eu me enriqueci com aquele saque.
Permanecemos acampados às margens do rio Jordão, nas proximidades de Jericó por doze dias.
Naqueles dias de refrigério, todos ficaram livres das impurezas, deixando-as nas águas do Jordão.
Este era um preparo especial para a festa de Sukot que decidimos comemorar em Salém.
Cheios de alegria, iniciamos uma caminhada ascendente rumo à cidade de Salém, inconscientes da feliz surpresa que nos aguardava. Eu seguia à frente tendo ao meu lado Ló e suas duas filhas, e atrás vinham os 300 pastores, conduzindo o grande rebanho.
À medida que avançávamos, comecei a notar que o meu vaso que se esvaziara no alvorecer, tornara-se muito pesado. Ao baixá-lo, fiquei surpreso ao descobrir dentro dele muitas pérolas de variados tamanhos e brilhos que se formaram misteriosamente.
Ao avistarmos ao longe a alva cidade, começamos a ouvir sons de uma grande festa. Acordes harmoniosos repercutiam pelos montes, enquanto avançávamos pelo caminho.

Minha curiosidade em conhecer aquela cidade e o seu jovem rei era imensa, pois da boca de muitos já ouvira sobre sua grandeza e fama. Tratava-se um reino diferente de todos os demais, onde os súditos eram treinados não no manejo de arcos e flechas, mas no domínio de instrumentos musicais. Melquisedeque, o seu jovem rei, regia a todos com um cetro muito especial : um alaúde, pelo qual pagara um preço elevado.
Enquanto crescia em mim a alegria por estar nos aproximando da Cidade do Grande Rei, vimos uma multidão vestida de linho fino, puro e resplandecente, saindo ao nosso encontro. Todos tangiam instrumentos musicais, enquanto cantavam um hino de vitória. À frente da multidão vinha um jovem tocando um alaúde, trazendo na fronte uma coroa repleta de pedras preciosas, que brilhavam sob a claridade do sol poente. Eu tive a certeza de que aquele era o tão aclamado rei de Salém.
Ao nos encontrarmos, ficamos surpresos com a saudação que nos fizeram; Inclinando-se diante de mim, Melquisedeque afirmou:
- Bendito és tu Abraão, servo do Deus Altíssimo, que possui os Céus e a Terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos".

Capitulo VI

Surpresos pela festiva recepção, fomos introduzidos na cidade, onde a beleza das mansões e jardins nos causou muita admiração. Tudo ali era puro e cheio de paz.
Fomos recebidos no palácio real, edificado sobre o monte Sião. Ali, uma nova surpresa nos aguardava:
A grande sala do trono, estava toda adornada com representações de nossa vitória sobre os inimigos. Havia no meio da sala uma mesa muito comprida, coberta por toalhas de linho fino adornadas com fios de ouro e pedras preciosas. Sobre a mesa havia 304 coroas, cada uma trazendo a inscrição do nome de um vencedor. Num gesto que novamente nos surpreendeu, Melquisedeque, tomando as coroas, começou a colocá-las na cabeça de cada um de nós, começando por Ló e suas filhas. Estávamos todos admirados pelo fato do rei de Salém conhecer-nos individualmente, e por ter preparado aquelas coroas muito antes de sermos vencedores.
Eu observava a alegria de meus companheiros coroados, quando, tomando uma coroa semelhante à sua, o rei de Salém dirigiu-se a mim com um sorriso. Ao levantá-la sobre minha cabeça, notei algo que até então não havia percebido: Suas mãos traziam cicatrizes de profundos ferimentos. Vencido por um sentimento de gratidão, prostrei-me aos seus pés e, comovido, beijei suas bondosas mãos, banhando-as com minhas lágrimas.
Ao levantar-me, perguntei-lhe o significado daquelas cicatrizes. Com um meigo sorriso, ele prometeu que iria contar-me toda a história daquele próspero reino, e do quanto lhe custou a sua paz.
Depois de coroar-nos, Melquisedeque nos fez assentar ao redor da grande mesa, e passou a servir-nos pão e vinho; A partir daquele momento, passamos a honrá-lo como Sacerdote do Deus Altíssimo.
Num gesto de gratidão, tomei o vaso repleto de pérolas, e o coloquei aos pés do rei. Tomando-o nos braços, ele passou a acariciá-lo, sem atentar para o brilho das pérolas. Expressando-me a gratidão por aquela oferta, disse-me que aceitaria o vaso e, das pérolas, somente aceitaria o dízimo. Imediatamente passei a contar as jóias, separando as mais belas para o rei. Haviam um total de 1.440 pérolas, das quais lhe entreguei 144. Ele as guardou cuidadosamente em uma caixinha feita de ouro puro, em cuja tampa havia lindos adornos marchetados de pequenas pedras preciosas.
Depois de receber o dízimo que simbolizava o grande livramento operado por Yahwéh na planície, Melquisedeque chamou para junto de si um de seus súditos que era mestre em adornos e pinturas, ordenando-lhe a honrar o vaso com uma linda gravura que retratasse o momento em que eu o ofertei.
Enquanto o jarro era pintado, Melquisedeque passou a contar-me a história de seu reino, desde sua fundação até aquele momento em que estávamos comemorando a grande vitória sobre os inimigos.
Ao devolver-me o vaso, agora honrado pela mais bela gravura e inscrições que exaltavam a justiça, a humildade e o amor, o rei de Salém ordenou-me a levar comigo o vaso com aquelas pérolas. Durante seis anos eu e meus pastores deveríamos contar para todos a história daquele vaso que fora vitorioso por causa da chama do altar. A todos aqueles que, com arrependimento, aceitassem a salvação representada por sua história, deveríamos oferecer uma pérola. Ao fim dos seis anos, as pérolas acabariam; Já não haveria oportunidade de salvação. Sobreviria então o sétimo ano, no qual haveria um tempo de grande angústia e destruição, quando somente haveria proteção para aqueles que possuíssem as pérolas. Por essa ocasião, as cidades da planície seriam totalmente destruídas pelo fogo do juízo, e os demais povos impenitentes, seriam dizimados por grandes pragas.

Capitulo VII

Sobre o triunfo que acabávamos de obter sobre numerosos exércitos, Melquisedeque, depois de repetir-me as palavras ditas pelo Messias, deixou um sinal que seria importante para aqueles que vivessem por ocasião do grande livramento de Israel. Afirmou que, multiplicando as 144 pérolas do dízimo pelo número de colunas de seu palácio, encontraria o ano que traria em sua consumação o grande livramento de Israel. Movido pela curiosidade, comecei imediatamente a contar as colunas; Eram 40 colunas de mármore, adornadas com pedras preciosas.
Ao retornar ao rei com o resultado dos cálculos, ele passou a fazer predições sobre os grandes

acontecimentos que teriam lugar ao fim daquele ano:
- Ao chegar a plenitude dos tempos, todos os esforços humanos em busca da paz se frustrarão. Naquele tempo, numerosos nações se aliarão contra o reino de Salém; Haverá uma batalha como nunca houve, e toda a terra será castigada pelo fogo; Depois de esgotarem todos os recursos em sua defesa, Israel verá, com desespero, incontáveis inimigos marchando contra eles, com o propósito de eliminá-los. Como Ló em sua noite de angustia, eles verão morrer sua esperança, quando, em Rosh Hashanah, ouvir-se-á em meio às ruínas de Salém, os acordes harmoniosos de um alaúde, tocado por um beduíno da tribo de Taamireh; Sua música fará renascer a fé e a esperança em um mundo melhor, onde nação não se levantará contra nação; onde as lágrimas, a dor e a morte não mais existirão.
Depois de consolar os aflitos com os acordes de seu alaúde, o beduíno tomará o vaso com os pergaminhos da Tumba de Davi, e o levará sobre os ombros. Naquele dia, estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras, e, ao clamar pelo livramento de Israel, haverá um forte terremoto que rachará o monte pela metade, surgindo do oriente para o ocidente um enorme vale. Naquele dia, toda a terra de Israel será fortemente sacudida, sobrevindo total destruição para todos os exércitos inimigos; Haverá, contudo, salvação para todos aqueles que, com arrependimento, refugiarem-se sob as asas do Eterno, lançando para longe de si os instrumentos de violência. Toda a humanidade testemunhará, com espanto, as cenas de livramento dos filhos de Israel. Naquele dia, muitos povos e poderosas nações se posicionarão ao lado de Yahwéh dos Exércitos; Multidões se aproximarão dos judeus da diáspora, dizendo: Nós iremos convosco, porque sabemos que o Eterno está do vosso lado.
O Yom Kipur que seguirá ao livramento, será um dia de purificação das impurezas de todos aqueles que aceitarem a salvação; Naquele dia acabará a cegueira dos filhos de Jacó, e olharão para Aquele a quem traspassaram, e chorarão amargamente por ele como se chora por um filho unigênito. (Zacarias 12,13).
Na festa de Sukot (colheitas) será derramado o Espírito de Deus sobre toda a carne; E há de ser que, todo aquele que invocar o nome de Yahwéh, será salvo, recebendo uma pérola do vaso (Joel 3).
No decorrer dos dias de Sukot, chuvas de bênçãos cairão sobre o imenso vale, fazendo surgir à vista de todos os povos, em toda a Terra Santa, um paraíso repleto de alegria e paz. Naquele dia os eleitos de Deus compreenderão as palavras do Livro:
"Ouvi-me, vós, que estais à procura da justiça, vós que buscais a Yahwéh. Olhai para a rocha da qual fostes cavados, para a caverna da qual fostes tirados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu a luz. Ele estava só quando o chamei, mas eu o abençoei e o multipliquei. Yahwéh consolou a Sião, consolou todas as suas ruínas; ele transformará o seu deserto em um Éden e as suas estepes em um jardim. Nela encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música"(Isaías 51:1-3).
Naquele dia os remidos olharão para o humilde beduíno que libertou da caverna o vaso de Abraão, e cantarão com alegria:
"Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina! Porque Yahwéh consolou o seu povo, ele redimiu Jerusalém. Yahwéh descobriu o seu braço santo aos olhos de todas as nações, e todas as extremidades da terra viram a salvação do nosso Deus" (Isaías 52:7-10).
Durante seis anos, toda a humanidade, iluminada pela maior revelação do amor e da justiça de Yahwéh, terá oportunidade de romper com o império do pecado, unindo-se aos filhos de Israel em sua marcha de purificação e restauração do reino da luz..
Então acontecerá que, todos os sobreviventes das nações que marcharam contra Jerusalém, subirão, ano após ano, para prostrar-se diante do rei Yahwéh dos Exércitos, e para celebrar a festa de Sukot. E acontecerá que aquele das famílias da Terra que não subir e não vier, haverá contra ele a praga com que Yahwéh ferirá as nações que não subirem para celebrar a festa de Sukot (Zacarias 14: 16- 18).
Naqueles anos de oportunidade, soará por todas as partes do mundo o último convite de misericórdia, num apelo para que todos os pecadores se arrependam e se unam numa eterna aliança com Yahwéh, dizendo:
"Assim diz Yahwéh: Observai o direito e praticai a justiça, porque a minha salvação está prestes a chegar e a minha justiça, a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que assim procede, o filho do homem que nisto se firma, que guarda o sábado e não o profana e que guarda sua mão de praticar o mal. Não diga o estrangeiro que se entregou a Yahwéh: - Naturalmente Yahwéh vai excluir-me do seu povo, nem diga o eunuco: -Não há dúvida, eu não passo de uma árvore seca". Pois assim diz Yahwéh aos eunucos que guardam os meus sábados e optam por aquilo que é a minha vontade, permanecendo fiéis à minha aliança: Hei de dar-lhes, na minha casa e dentro dos meus muros, um monumento e um nome mais precioso do que teriam com filhos e filhas; hei de dar-lhes um eterno nome, que não será extirpado. E, quanto aos estrangeiros que se entregarem a Yahwéh para servi-lo, sim, para amar o nome de Yahwéh e tornarem-se servos seus, a saber, todos os que se abstêm de profanar o sábado e que se mantêm fiéis à minha aliança, trá-los-ei ao meu santo monte e os cobrirei de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão bem aceitos no meu altar. Com efeito, a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (Isaías 56: 1 - 7).
Nos seis anos de oportunidade, Samael, o grande enganador, num gesto de desespero, empregará todos os recursos possíveis para impedir a

realização de Yahwéh através de Seu povo. Em oposição à santificação do sábado que é o sinal da aliança entre Yahwéh e seus escolhidos, numerosas religiões, aliadas a governantes ímpios, imporá outro dia para o culto, não podendo comprar nem vender todos aqueles que mantiverem-se fiéis à aliança de Yahwéh (Ver Ezequiel 20:20;Apocalípse 13).Naqueles anos de provas, os eleitos de Deus sobreviverão mediante o cuidado dos anjos, que os conduzirá para distante das populosas cidades que serão castigadas pelas sete últimas pragas que cairão sobre os impenitentes ao fim dos seis anos(Apocalipse 15).
Durante os seis anos da colheita final, o Messias edificará uma Nova e Eterna Jerusalém, adornando-a com os atos de justiça de Seus escolhidos. (Êxodo 25: 1 - 8) Isaías 60: 10 -22 ; Zacarias 6: 12 - 15; Apocalipse 3:12) Essa Nova Jerusalém somente será revelada ao completar-se toda a justiça divina, ao fim do sétimo ano, período em que os eleitos de Deus terão como desafio viver uma vida sem culpas, pois qualquer ato de rebeldia naquele tempo, ficaria sem expiação, significando eterna vergonha para o Criador.
Ao completarem-se os sete anos, ,o Messias aparecerá nas nuvens do céu, acompanhado por todas as hostes celestes; Ao tocar Sua trombeta naquele grande Rosh Hashanáh, os fiéis falecidos, ressuscitarão revestidos de glória; os vivos vitoriosos, serão transformados num abrir e fechar de olhos , recebendo corpos perfeitos; Juntos, todos os remidos serão arrebatados para a Nova Jerusalém, numa viagem inesquecível que começará no primeiro dia da festa de Sukot; Depois de sete dias de feliz ascensão, chegarão à Cidade Santa para comemorarem, diante do trono, o oitavo dia da festa. Como que a sonhar, os resgatados do Senhor entrarão na Cidade Santa, encontrando ao seu norte, o jardim do Éden, no meio do qual eleva-se o monte Sião, o lugar do trono de Yahwéh. Coroados pelo Messias, os remidos entoarão o cântico da vitória, fazendo vibrar por todo o espaço os acordes de suas harpas, alaúdes e flautas.

Capitulo VIII

Depois de proferir todas essas predições, Melquisedeque disse-me que toda a experiência que estávamos vivendo, era prefigurativa. Para que todo o drama se consumasse, tínhamos ainda diante de nós acontecimentos importantes: Primeiramente, eu deveria retornar ao Carvalho de Mambré juntamente com os meus pastores, para proclamar a todos a salvação representada pela história daquele vaso. Todo aquele que, com arrependimento, aceitasse o Messias revelado, teria seus pecados perdoados, recebendo uma pérola. Ao fim de seis anos, ao chegar à véspera de Rosh Hashaná, as pérolas acabariam, não havendo mais oportunidade de salvação. Por aquele tempo, o fogo do juízo cairia sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, havendo terríveis pragas sobre todos os infiéis.

Ao ouvir tais palavras do rei de Salém, sobreveio-me grande angústia, ao lembrar-me dos últimos passos de Sara; Eu temia que ela, em sua incredulidade, não aceitasse uma pérola. Se isto acontecesse, os meus lindos sonhos ruiriam por terra, pois não conseguiria ser feliz em sua ausência. Lendo nos meus olhos a angústia, Melquisedeque consolou-me com uma promessa:
- Abraão, daqui a seis anos Yahwéh te visitará em sua tenda, e sua esposa será curada de sua aridez. Ela se converterá e lhe dará um filho que se chamará Isaque.
Ao findar a festa de Sukot, retornamos às nossas tendas junto ao Carvalho de Mambré. À medida em que íamos avançando pelo caminho, muitas pessoas nos cercavam, admirados pela beleza do vaso repleto de pérolas; A todos contávamos a história de sua chama redentora, e oferecíamos as pérolas a todos que crendo, aceitavam a salvação.
Quando chegamos ao Carvalho de Mambré, uma multidão de pessoas no esperava; Muitos tinham ouvido falar do miraculoso livramento operado através daquele vaso que fora alvo de tanto menosprezo. Agora, todos estavam emudecidos ao vê-lo glorificado.
Juntamente com os meus pastores, continuamos a proclamar o infinito amor de Yahwéh revelado pela chama. O número daqueles que procuravam pelas pérolas foi aumentando, dia após dia, e todos éramos felizes.
Os dias, os meses e anos foram-se passando, e a quantidade de pérolas foram diminuindo dentro do vaso. Estávamos vivendo agora os últimos meses do sexto ano, que era o último da oportunidade. À medida em que os dias se passavam, aumentava em meu coração uma preocupação e uma angústia, pois Sara até então não tomara interesse em apossar-se de sua pérola, apesar de meus constantes rogos. Naqueles momentos de aflição em que clamava a Deus pela salvação de Sara, meu único consolo eram as últimas palavras do rei de Salém, de que ao fim dos seis anos ela seria transformada. Vivíamos agora os últimos dias do sexto ano; A consciência de que o tempo estava esgotando, fazia com que muitas pessoas me procurassem de manhã até à noite, para apossarem-se das pérolas da salvação.Com o coração ferido por indizível aflição, eu insistia com Sara, procurando convencê-la de sua necessidade em tomar, o quanto antes, uma pérola, pois as mesmas estavam ficando a cada dia mais escassas. Sem atentar para a minha angústia, Sara desdenhava de meus apelos, afirmando que aquelas pérolas não tinham nenhum significado para ela.

Capitulo IX

Depois de uma noite de vigília em que, desesperadamente, procurei convencer minha amada a apossar-se se sua pérola, aceitando a salvação representada por aquele vaso, vi o sol surgir trazendo a luz do último dia - véspera de Rosh Hashaná. Ao olhar para dentro do vaso naquela manhã, vi que restavam apenas três

pérolas. Ao admirar-lhes o brilho, comecei a imaginar que a mais brilhante seria para o meu filho prometido, a de brilho intermediário seria a de Sara, e a última seria a minha. Esse pensamento trouxe-me alívio e esperança; Mas, ao mesmo tempo, comecei a preocupar-me com a possibilidade de chegar pessoas procurando por elas; Se viessem, eu não poderia negar-lhes o direito à elas.
Tomado por essa preocupação, permaneci sentado sob o Carvalho de Mambré. Na viração do dia, sobreveio-me um grande estremecimento quando vi ao longe três peregrinos que caminhavam rumo à nossa tenda. Comecei a clamar a Deus que eles mudassem de rumo, mas meus clamores não foram atendidos. Dominado por uma grande amargura, corri até eles, e, depois de prostrar-me, convidei-os para a sombra.
Tomando uma bacia com água, passei a lavar-lhes os pés, limpando-os da poeira do caminho. Ao ver os pés feridos e calejados daqueles homens, senti compaixão por eles; Compreendi que haviam vindo de muito longe, enfrentado perigos e desafios, com o propósito de pegarem em tempo as pérolas. Vi que eles eram muito mais merecedores do que eu, Sara e nosso filho prometido.
Ao lavar os pés do terceiro, meu coração que até então estava aflito, encheu-se de paz e alegria; Imaginava naquele momento, quão terrível seria se aquele terceiro peregrino, não houvesse se unido aos dois primeiros naquela caminhada; Nesse caso eu seria obrigado a tomar da última pérola, subindo sem minha amada à Salém. Se eu tivesse de passar por essa experiência, a pérola que simboliza a alegria da salvação, se tornaria para mim num símbolo de solidão e tristeza, pois a vida longe do carinho de Sara, seria para mim o maior castigo, como a própria morte.
Depois de lavar-lhes os pés, comecei a servir-lhes o alimento que foi especialmente preparado para eles. Enquanto os servia em silêncio, eu ficava esperando pelo momento em que eles me perguntariam pelas pérolas. Mas sem revelar nenhuma pressa, eles falavam sobre a longa caminhada que fizeram, sobre as cidades por onde haviam passado. Eu perguntei-lhes se conheciam Salém; Eles responderam-me afirmativamente, acrescentando que naqueles seis anos, muitas obras haviam sido realizadas naquela cidade, em preparação para uma grande festa que estava para realizar-se dentro de mais um ano, por ocasião de Sukot.
As palavras daquele terceiro peregrino, o mais falante dos três, começaram a trazer-me, misteriosamente, um sentimento de esperança. Ao olhar para os seus olhos azuis, vi que ele se parecia com Melquisedeque.
Lembrava-me da última promessa feita pelo rei de Salém, quando o terceiro peregrino perguntou-me com um sorriso:
- Abraão, onde está Sara tua mulher?!
Atônito, perguntei-lhe:
- Como você sabe o meu nome e o nome de minha esposa?
O peregrino, respondeu-me:
- Não somente sei o nome de vocês, como também sei que, daqui a um ano vocês terão um filho que será chamado Isaque.
Ao ouvir as palavras do visitante, corri para dentro da tenda afim de chamar minha esposa, para que ouvisse as palavras daquele peregrino. Ao vê-la, o peregrino perguntou-lhe:
- Sara, porque você riu de minhas palavras?
Assustada, Sara, respondeu:
- Eu não ri meu senhor!
- Não diga que não riu, pois eu a vi rindo dentro da tenda. Afirmou o peregrino.
Consciente de estar diante de alguém que conhecia o seu íntimo, Sara perguntou-lhe:
- Quem és tu Senhor?!
- Eu Sou a chama que desprendeu-se do Fogo do Altar para estar no vaso de seu esposo! Eu Sou o Messias, o Yahwéh que sofre humilhações e desprezo por amor ao Seu povo!.
Tendo feito esta revelação, o peregrino estendeu Suas mãos sobre a cabeça de Sara para abençoá-la; Somente então vi que elas estavam marcadas por cicatrizes semelhantes às do rei de Salém.
O peregrino, com muita ternura, começou a falar ao coração de minha amada, resgatando-a de sua caverna de incredulidade:
- Sara, você é preciosa aos meus olhos! Todo o seu passado de descrença e infertilidade está perdoado! Tenho para você um futuro glorioso, pois você se tornará mãe de muitos povos e nações!
Depois de dizer estas palavras, o nobre visitante encaminhou-se para o vaso e, inclinando-se, tomou dele as três pérolas restantes. Dirigindo-se a Sara, entregou-lhe duas pérolas, e disse-lhe:
- Uma é para você e a outra é para o teu filho Isaque.
Com a vida transformada pelo amor de Yahwéh, Sara prostrou-se agradecida aos pés daquele peregrino que a salvara no último momento de oportunidade. Quando a vi prostrar-se submissa, meu coração por tantos anos aflito, rompeu-se em lágrimas de alegria e gratidão, e caí aos pés de meu Redentor e Rei.
Depois de consolar-nos com a certeza de nossa eterna salvação, o peregrino entregou-me a última pérola. Quando apertei-a em minhas mãos senti grande luz de alegria e paz penetrar-me todo o ser, e passei a louvar ao Eterno pela certeza de que teria para sempre ao meu lado minha querida Sara e o filho da promessa que, dentro de um ano nasceria

Capitulo X

Depois destas coisas, Yahwéh despediu-se de Sara e dos pastores que ali se encontravam, e convidou-me a acompanhá-los até o outeiro que fica defronte do vale. Ao chegarmos àquele lugar, o Eterno despediu-se de seus dois companheiros, enviando-os para uma missão especial em Sodoma.

Do cimo do monte contemplávamos os férteis vales e florestas que, como um paraíso, estendiam-se em ambas as margens do rio Jordão, circundando as prósperas cidades, dentre as quais destacavam-se Sodoma e Gomorra.
Fora sobre aquela colina que, depois da contenda entre os meus pastores e os pastores de Ló, dei-lhe a oportunidade de escolher o rumo a seguir, pois não poderíamos permanecer juntos. Atraído pelas riquezas da campina, ele decidiu mudar-se para lá.
Ao olhar para o meu companheiro que ficara silente desde o momento em que avistamos a campina, fiquei surpreso ao vê-lo chorando. Perguntei-lhe o motivo de sua tristeza, e Ele, soluçando respondeu:
- Este é para mim um dia de muita tristeza, pois pela última vez meus olhos podem pousar sobre este vale fértil. Choro pelos habitantes dessas cidades que não sabem que os seus dias acabaram!
A declaração de Yahwéh trouxe-me à lembrança todos aqueles cativos que haviam sido libertos seis anos antes; Infelizmente, quase todos rejeitaram o banho da purificação, retornando imundos para suas casas; Unicamente Ló e suas filhas aceitaram a salvação, tomando posse de suas pérolas. Pensando numa possibilidade de livramento para aquele povo, perguntei ao Senhor:
- E se por acaso existir naquelas cidades, cinqüenta pessoas justas, mesmo assim elas serão destruídas?
Yahwéh disse-me que se houvesse cinqüenta justos, toda a planície seria poupada.
- E se hover 45 justos?.
- Se houvesse ali 45 justos, toda aquelas cidades seriam poupadas.
Continuei com minhas indagações até chegar ao número dez. Yahwéh disse-me que se houvesse 10 justos naquelas cidades, toda a planície seria poupada.
Torturado por uma indizível agonia de espírito, Yahwéh voltou a chorar amargamente, enquanto com voz embargada, pronunciava um triste lamento:
- Sodoma e Gomorra, quantas vezes quis Eu ajuntar os seus filhos, como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, mas você não aceitou minha proteção. Por que você trocou a luz da minha salvação, pelas trevas deste reino de morte?! Meus ouvidos estão atentos em busca de, pelo menos uma prece, mas tudo é silêncio! Minhas mãos estão estendidas, prontas a impedir o fogo do juízo, mas vocês recusam o meu socorro!
Curvando-me ao lado de meu companheiro sofredor, uni-me a Ele na lamentação. Naquele momento de dor, tive a certeza de que Melquisedeque também sofria por todos aqueles que haviam trocaram o amor e a paz de Salém, pelas ilusões daquele vale de destruição.

Depois de um longo pranto, Yahwéh consolou-me, com a revelação de os seus dois companheiros, encontravam-se naquele momento em Sodoma, com a missão de salvar Ló e suas filhas, livrando-os da morte. Suas palavras trouxeram-me grande alívio, e prostrei-me agradecido aos seus pés.

Capitulo XI

Antes de partir, Yahwéh encarregou-me de uma missão, dizendo:
- Tome um rolo vazio e registre nele a história do vaso e a história de Salém, conforme ouviste dos lábios de Melquisedeque. Dentro de um ano, você e todos aqueles que aceitaram a salvação, deverão subir à Salém para a festa de Sukot; Naquele dia, devolverá ao rei de Salém o vaso, oferecendo dentro dele como presente, o rolo.
Naquela mesma tarde, em obediência às ordens de Yahwéh, comecei a registrar a história vivida por mim e por meus pastores, desde o momento em que parti rumo ao vale, levando sobre as costas o vaso com sua labareda.
No dia seguinte, o sol já ia alto, quando, ao mencionar a cidade de Sodoma no manuscrito, lembrei-me que aquele era o dia de sua destruição.Com o coração acelerado, corri para lá e fiquei espantado com o cenário que estendeu-se diante de meus olhos: Em lugar daquele vale fértil, semelhante a um paraíso, havia um deserto fumegante, sem nenhuma vida; No lugar das cidades de Sodoma e Gomorra, havia uma profunda cratera, para onde as águas do mar salgado escorriam.
Abalado ante essa visão de destruição, retornei à tenda com o coração entristecido . A lembrança de tantas pessoas que, por rejeitarem o perdão divino, haviam sido consumidas pelo fogo, deixava-me profundamente abalado. Nos dias seguintes, não encontrei forças para escrever; Retornei outras vezes ao outeiro, com a esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo, mas em lugar do vale fértil eu somente conseguia enxergar aquele caos.
Demorou vários dias para que eu voltasse a ter ânimo para prosseguir com os escritos do rolo.
Fim da primeira parte.

Segunda parte

A História de Salém

Capitulo I

Esta é a história de Salém segundo ouvi dos lábios de Melquisedeque por ocasião da festa de Sukot, quinze dias depois do livramento de Ló e suas filhas.
Tudo começou com um sonho no coração de um homem chamado Adonias; Ele possuía de muitas riquezas, mas a nada prezava mais que a justiça e a paz que nascem da sabedoria e do amor. Cansado com as injustiças que predominavam por toda a terra de Canaã, Adonias resolveu edificar um reino que fosse regido por leis de amor e de justiça. O nome da capital desse reino seria Salém, a Cidade da Paz.

Os súditos de Salém não empunhariam arcos e flechas, mas seriam treinados na arte musical; Cada habitante de Salém teria sempre ao alcance de suas mãos um instrumento musical, para expressar por meio dele a paz e a alegria daquele novo reino. Juntos, formariam uma poderosa orquestra na luta contra a desarmonia que nasce do orgulho e do egoísmo.
O primeiro passo de Adonias para a concretização de seu plano, foi elaborar as leis do novo reino, as quais ele as escreveu em um pergaminho. Os súditos de Salém não poderiam mentir, furtar, odiar, nem matar seus semelhantes. O orgulho e o egoísmo eram apontados como causa de todo o mal, portanto, não poderiam existir naquele lugar de paz..
As leis do pergaminho requeriam a prática da humildade, da sinceridade, da amizade, e, acima de tudo, do amor que é a maior de todas as virtudes.
Depois de registrar no pergaminho as leis que regeriam aquele reino, Adonias passou a arquitetar Salém. Seria uma cidade a princípio pequena, com habitações para mil e duzentas pessoas. Como lugar de sua edificação, foi escolhida uma região alta de Canaã, ao ocidente do Monte das Oliveiras.
Em pouco tempo, a realização de Adonias começou a atrair pessoas de todas as partes que, de perto e de longe, vinham para conhecerem os palácios e as mansões que estavam sendo edificados. Admirados ante a beleza daquela cidade tão alva, os visitantes perguntavam sobre quem seriam os seus moradores. Adonias mostrava-lhes o pergaminho, dizendo que Salém destinava-se aos limpos de coração - aqueles que estivessem dispostos a obedecerem suas leis.

Capitulo II

A edificação da cidade foi finalmente concluída e Salém revelou-se formosa como uma noiva adornada, à espera de seu esposo.
Assentado em seu trono, Adonias examinava agora os numerosos pretendentes a súditos que chegavam de todas as partes. Aqueles que, prometendo fidelidade às leis, eram aprovados, recebiam três dotes do rei: o direito à uma mansão, vestes de linho fino e um instrumento musical no qual deveriam praticar.
A cidade ficou finalmente repleta de moradores. Cheio de alegria, Adonias convocou a todos para a festa de inauguração de Salém, no decorrer da qual proclamou um decreto que determinaria o futuro daquele reino, dizendo:
- A partir deste dia, que é o décimo do sétimo mês, seis anos serão contados, nos quais todos os moradores serão provados. Somente aqueles que permanecerem leais, progredindo na prática das leis do pergaminho, serão confirmados como herdeiros deste reino de paz. Aqueles que forem enlaçados por culpas e transgressões, serão banidos pelo juízo.
As palavras do rei levou a todos a um profundo exame de coração, e alegraram-se com a certeza de que alcançariam vitória sobre todo o orgulho e egoísmo, que são as raízes de todos os males.
Adonias tinha um único filho a quem dera o nome de Melquisedeque. A beleza, ternura e sabedoria desse filho amado, haviam sido sua inspiração para a edificação fundação de seu reino.
Melquisedeque tinha doze anos de idade, quando Salém foi inaugurada. Era plano de Adonias coroá-lo rei sobre os súditos aprovados, ao fim dos seis anos. Este plano, o manteria em segredo até o momento devido.
O príncipe, com suas virtudes e simpatia, tornou-se logo muito querido de todos em Salém. Ele tinha sempre nos lábios um sorriso e uma palavra de carinho. Apreciava estar junto aos súditos em seus lares, recitando-lhes as leis do pergaminho em forma de lindas canções que vivia a compor. Sua presença trazia ao ambiente uma atmosfera de felicidade e paz. Esse amado príncipe possuía, de fato, todas as virtudes necessárias para ser rei de uma Salém vitoriosa.
Adonias edificara uma mansão especial junto ao palácio, com o propósito de ofertá-la ao súdito cuja vida expressasse mais perfeitamente as leis do pergaminho. Diariamente ele observava os moradores, procurando entre eles essa pessoa a quem desejava honrar.
Passeava pelas alamedas de Salém, quando, por entre o trinar de pássaros, Adonias ouviu uma voz semelhante a de seu filho. Ao voltar-se para ver quem era, encontrou um belo jovem que cantarolava uma canção. Ao contemplar em sua face o brilho da sabedoria e da pureza, Adonias alegrou-se por haver encontrado aquele a quem poderia honrar. Aquele jovem, que era uma cópia fiel do príncipe, chamava-se Samael.
Colocando-lhe um anel no dedo, o rei conduziu-o ao palácio, onde, recebido por Melquisedeque que ofereceu-lhe muitos presentes, entre os quais o direito de estar sempre ao seu lado.
Adonias preparou um grande banquete em honra a Samael, para o qual todos foram convidados. Ao contemplá-lo ao lado do rei, os súditos o aclamaram com alegria, acreditando ser o próprio príncipe.
Exaltavam com júbilo as virtudes daquele formoso jovem, quando revelou-se Melquisedeque, posicionando-se com um sorriso à direita de seu pai.
No banquete, Samael foi honrado por todos. Realmente ele era digno de residir na mansão do monte, pois havia nele um perfeito reflexo das virtudes que coroavam o amado príncipe.

Capitulo III

Salém crescia em felicidade e paz.Com alegria, os súditos reuniam-se a cada dia ao amanhecer para ouvirem, cantarem e tocarem as sublimes composições de Melquisedeque, que inspiravam atos de bondade e paz.
Entre as amizades nascidas e fortalecidas em virtude da música harmoniosa, sobressaia aquela que unia o príncipe a Samael. Desde que passara a residir na mansão do monte, Samael tornara-se seu companheiro constante. Passavam longas

horas juntos, meditando sobre as leis do pergaminho.Com admiração, o súdito honrado via o filho de Adonias transformar aquelas leis em lindas canções. As doces melodias nasciam dos seus lábios como o perfume de uma flor.
Consciente da importância da música na preservação da harmonia e paz em Salém, o príncipe, além do canto, passou a dedicar-se à música instrumental, sendo o seu instrumento preferido o alaúde. Era por meio desse instrumento que conseguia expressar com maior perfeição a riqueza de seu íntimo.
Dos seis anos de prova, cinco, finalmente, passaram. Adonias, feliz por ver que até ali todos os habitantes de Salém haviam permanecido leais aos princípios contidos no pergaminho, convocou-os para um banquete, no qual faria importantes revelações.
Tendo tomado seus lugares diante do trono, os súditos, com alegria uniram as vozes entoando os cânticos da paz, sendo regidos por Samael.
Depois de ouvi-los, o rei, emocionado, dirigiu-se a seu filho, abraçando-o em meio aos aplausos da multidão agradecida. Todos reconheciam que a paz e a alegria em Salém, eram em grande medida devidas ao amor e dedicação do querido príncipe, que era o autor daquelas doces canções.
Naquele momento de reconhecimento e gratidão, Adonias revelou os seus planos mantidos até então em segredo.Com voz pausada, disse-lhes:
- Súditos deste reino de paz, minh'alma está repleta de alegria por contemplar nesse dia vossas faces mais radiantes que outrora. Vossas vestes continuam alvas e puras, como quando as recebestes de minhas mãos. A harmonia de vossas vozes e instrumentos, hoje são maiores.
Tendo dito estas palavras, o rei acrescentou com solenidade:
-Um ano de prova ainda resta, ao fim do qual sereis examinados. Permanecendo fiéis como até aqui, sereis honrados confirmados como súditos deste reino de paz. Contudo, se alguém for achado em falta, será banido, ainda que este julgamento nos traga muita tristeza e sofrimento.
As palavras do rei levaram os súditos a uma profunda reflexão. Todos, examinando-se, indagavam reverentes: - Estaremos aprovados?!
Certos de que seriam vitoriosos, pois amavam Salém e suas leis, uniram as vozes num cântico expressivo de fidelidade. Ao terminarem o cântico, Adonias revelou-lhes seu grande segredo:
- Aqueles que forem aprovados, herdando este reino de paz, receberão como rei o meu filho , a quem darei o trono glorificado dessa Salém vitoriosa.
A revelação do rei foi aclamada por todos com muito júbilo. Adonias, contudo, ainda não lhes revelara todo o seu plano, por isso pedindo-lhes silêncio, prosseguiu:
- O meu filho empunhará um cetro especial, no qual selarei todo o direito de domínio seu cetro , simbolizando toda a harmonia, será um alaúde.
Diante desta revelação que a todos sensibilizou, o príncipe prostrando-se aos pés de seu pai, chorou motivado por muita alegria. Enquanto isto, todos o aplaudiam com euforia, ansiando ver o raiar desse dia em que a paz seria vitoriosa.
Adonias, chamando para junto de seu filho a Samael, concluiu dizendo:
- No governo dessa Salém vitoriosa, tenho proposto fazer de Samael o primeiro depois de Melquisedeque. A ele será confiado o pergaminho das leis, devendo ser o guardião da honra desse reino triunfante.

Capitulo IV

Samael, ao conhecer os planos de Adonias quanto ao futuro de Salém, encheu-se de euforia. Contemplava agora risonho aquela cidade sem igual, imaginando seu futuro de glória.
Considerando as palavras do rei, de que ele seria o segundo no reino, deixou ser dominado por um sentimento de exaltação. Ele, que até ali, em obediência às leis do pergaminho, vivera uma vida de humildade, começava a orgulhar-se de sua posição. Em seu devaneio sentia-se junto ao trono, tendo os súditos de Salém a seus pés, aclamando com louvores sua grandeza. Samael, totalmente dominado por esse sentimento, não dava por conta de que estava sendo conduzido para um caminho perigoso. O orgulho que o seduzira, estava gerando o egoísmo que logo se manifestaria em cobiça.
Uma semana após a revelação de Adonias, os súditos promoveram uma festa em homenagem a Melquisedeque, o futuro rei de Salém. Vendo-o aclamado por tantos louvores, Samael teve o coração tomado por um estranho sentimento de inveja, fruto do orgulho e do egoísmo. Não podia suportar o pensamento de ser deixado em segundo plano. Não era ele tão formoso e sábio quanto o príncipe?! Era quase impossível disfarçar tal sentimento de infelicidade.
Outrora, Samael encontrara indizível prazer nos momentos em que, ao lado do príncipe, recitava as leis contidas no pergaminho, que eram transformadas em lindas canções. Agora, tais momentos tornaram-se desagradáveis, pois aqueles princípios contrariavam os seus ideais. Decidiu, contudo, não revelar seus sentimentos de revolta. Suportaria o antiquado pergaminho até que, com sua autoridade, pudesse bani-lo do novo reino que seria estabelecido. Não seria ele o guardião daquelas leis? Essa "vitória" procuraria alcançar mediante sua influência e sabedoria.
Julgando poder influenciar o filho de Adonias com seus sonhos de grandeza, Samael aproximou-se dele com euforia, e passou a falar-lhe das glórias do reino vindouro, onde os dois, cobertos de honras, desfrutariam dos louvores de uma Salém vitoriosa. Seriam eles os heróis do mais perfeito reino estabelecido entre os homens.
As delirantes palavras do súdito honrado trouxeram preocupação e tristeza ao coração do jovem príncipe, pois não refletiam os ensinamentos de amor e humildade do pergaminho.
Vendo o seu íntimo amigo em perigo, Melquisedeque, com uma ternura jamais revelada, conduziu-o para junto do trono, onde,

tomando o pergaminho, passou a ler compassadamente os seguintes parágrafos:
- O reino de Salém será firmado sobre a humildade ,pois esta virtude é a base de toda verdadeira grandeza.
A humildade é fruto do amor, sendo contrária ao orgulho, que pode manter uma criatura presa ao pó, fazendo-a contentar-se com suas limitações ,iludindo-a como se as mesmas fossem de infinito valor.
A humildade consiste no esquecimento de si, e este, numa vida de abnegado serviço pelos semelhantes.
Samael, esforçando-se para encobrir sua indignação ante a leitura do pergaminho que para ele era ultrapassado, disse ao príncipe, em tom de conselho amigo:
- Meu bom companheiro, reinaremos numa Salém vitoriosa, que fulgurará muito acima deste pergaminho ,cujos princípios foram cumpridos fielmente nesses anos de prova. A plena liberdade não será a glória de Salém? Pois saiba que, completa liberdade não coexistirá com estas leis, cujo objetivo encerra-se ao fim dos cinco anos. Caberá a nós dois coroarmos Salém com a honra de uma total liberdade, que gerará uma felicidade sem fim. Tal liberdade é impossível existir sob as limitações do pergaminho.
O filho do rei ficou muito abalado ante as palavras de seu amigo, que evidenciavam loucura. Como libertá-lo desse caminho de morte?!
Ninguém em Salém, além de Melquisedeque, conhecia a triste condição de Samael. Com paciência, o príncipe procurava conscientizá-lo do real valor do pergaminho, cujas leis não podiam jamais ser alteradas, pois isto seria o fim de toda a paz.
Os conselhos do príncipe despertaram finalmente o seu coração. Meditando sobre suas palavras, conscientizou-se de estar seguindo por um caminho enganoso.
Ao ver nos olhos daquele a quem tanto amava as lágrimas do arrependimento, o filho de Adonias alegrou-se com sua vitória sobre o orgulho e o egoísmo.
Os dias que seguiram-se à libertação, foram cheios de realizações; O príncipe revelava-se ainda mais amigo, disposto a dar tudo de si para que seu companheiro pudesse prosseguir triunfante no caminho da humildade. Naqueles dias de júbilo, foi dada a ele a honra de conhecer o cetro que estava sendo moldado.
Num momento de descuido, Samael que voltara a desfrutar paz de espírito, permitiu que seu coração novamente ficasse possuído por um sentimento de grandeza, que fez desencadear nova tormenta em sua alma. Esse sentimento misto de orgulho e cobiça lhe sobreveio no momento em que o príncipe mostrava-lhe o dourado alaúde, no qual estava sendo impresso o selo de todo o domínio.

Capitulo V

De sua mansão Samael contemplava Salém em seu resplendor matinal. Vendo-a, qual noiva adornada à espera de seu rei, cobiçou-a. Em seu delírio passou a formular planos de conquista. Já podia sentir-se exaltado sobre o seu trono, tendo nas mãos o cetro precioso. Todos aclamariam-no como o libertador da opressão daquelas leis. Salém seria um reino de completa liberdade e prazer. Dominado por esta cobiça, passou a maquinar planos de conquista.
Samael decidiu agir sutilmente entre os súditos, levando-os a ver no pergaminho um impecílio à real liberdade. Em sua missão de engano, agiria com aparente bondade, revelando interesse pelo crescimento da felicidade de todos.
Pondo em prática seus planos, passou a visitar os súditos em suas mansões, falando-lhes das glórias do reino vindouro, onde desfrutariam completa liberdade.
Grande era a sua influência em Salém. Todos admiravam sua beleza e sabedoria, tendo-o como um perfeito apóstolo da justiça e do amor. Ninguém podia imaginar que em meio àquela atmosfera de júbilo e gratidão uma armadilha sutil estava sendo colocada, nas garras da qual muitos poderiam cair por descuido.
Em sua sedutora missão, Samael não falava contra o pergaminho, aliás, louvava-o por haver exercido naqueles seis anos prestes a findarem ,uma missão de prova. Em sua lógica, contudo, procurava mostrar que, no reino vindouro, quando todos estivessem aprovados, estariam acima daquelas leis. Seus argumentos, aparentemente corretos, preparavam-lhe o caminho para afirmar abertamente que, no novo reino, a existência do pergaminho, seria um entrave à concretização da verdadeira liberdade.
As sementes da rebelião lançadas por Samael não tardaram a germinar no coração de muitos em Salém. Isto acontecia a seis meses do Yom Kipur, quando o destino de todos seria selado. Um terço dos habitantes ,seduzido pelo terrível engano, exaltava-o agora, em completo desprezo às leis e ao príncipe, a quem julgavam ultrapassados.
Adonias, que sofria ao ver o surgimento de toda essa rebeldia, convocou os súditos para uma reunião de emergência. Na face de todos podia-se ver as contrastantes disposições.
Com voz compassiva, o rei passou a revelar-lhes, como jamais fizera antes, a grande importância das leis registradas no pergaminho, mostrando que elas eram a base de toda a prosperidade e paz. Se tais leis fossem banidas, toda felicidade e glória se extinguiriam, dando lugar ao caos.
Depois de mostrar a necessidade das leis, Melquisedeque, movido por um forte desejo de salvar aqueles a quem tanto amava, ergueu diante de todos o pergaminho e, com voz cheia de bondade ofereceu-lhes o perdão e a oportunidade de recomeçarem no caminho da paz. Suas palavras a todos emocionou, ficando até mesmo Samael ficou a princípio motivado, contudo, o orgulho impediu-lhe novo arrependimento. Desta maneira, o súdito honrado, quando ainda podia olhar arrependido para o pergaminho, endureceu-se em sua

rebeldia, decidindo prosseguir até o fim. Esta decisão, todavia, não a manifestaria prontamente, pois idealizara um traiçoeiro plano. Ao findar o encontro da oportunidade, Samael convocou seus seguidores para uma reunião secreta, que foi realizada sob o manto da noite, junto ao riacho de Cedrom que ficava fora dos muros de Salém.
Após maldizer o pergaminho e a todos aqueles que o defendiam, ,começou a falar-lhes de seus planos de vingança e traição:
- Como vocês sabem, os seis anos da prova estão se esgotando, restando, a partir de hoje, vinte e quatro semanas para o dia da coroação. Se vocês quiserem ter-me como rei em lugar de Melquisedeque, poderei roubar-lhe o cetro, apoderando-me do reino.
Samael passou a explicar-lhes os lances da traição, dando-lhes as devidas orientações sobre a maneira de agirem a partir daquela data:
- Precisamos manter uma aparência de fidelidade ao pergaminho e ao príncipe até que chegue o momento de agirmos. O golpe será dado na noite que antecede o dia da coroação. À meia-noite, furtivamente nos ausentaremos de Salém. Roubarei nessa noite o cetro e, juntos, fugiremos para o profundo vale onde estão as cidades de Sodoma e Gomorra. Ali nos armaremos, e marcharemos contra Salém, subjugando nossos inimigos. Acabaremos então com o pergaminho e com todos aqueles que se recusarem prestar obediência ao nosso governo.

Capitulo VI

Sobrevieram dias de aparente tranqüilidade e paz Samael, fingindo fidelidade, estava sempre ao lado do príncipe, demonstrando admiração pelas suas novas composições que exaltavam as leis do pergaminho. Os seguidores de Samael, da mesma maneira, uniam as vozes em louvores que expressavam a grandeza dos princípios aos quais repugnavam.
Melquisedeque, cheio de alegria por ver aproximar-se o dia de sua coroação, ensaiava com os súditos os cânticos da vitória, os quais compusera especialmente para aquela ocasião.Com felicidade falava a todos sobre seus sonhos em tornar Salém cada vez mais honrada por sua beleza e harmonia.
Samael, em sua maldade velada, zombava do príncipe. Já previa a dor que lhe traria o golpe da traição.
Naqueles dias de aparente paz, o súdito rebelde procurou conhecer o lugar em que o cetro ficaria oculto até o dia da coroação. O príncipe, sem nada desconfiar, revelou-lhe todo o segredo: a sala, o cofre com seu enigma, o rico estojo e, finalmente o tesouro. Contemplando-o o astuto Samael animou-se ao ver estampado em seu bojo o selo do domínio; Compreendeu que, aquele que o possuísse, teria nas mãos o reino de Salém. Somente alguns dias, pensou, e teria sob seu poder aquele instrumento precioso.
O sol declinou trazendo para Salém o dia que significaria vitória ou derrota.
Pouco antes do anoitecer, Samael deixara o palácio onde passara todo o dia ao lado do príncipe, ajudando-o nos preparativos para a cerimônia da coroação. Dirigindo-se para sua mansão, saudou as trevas com um sorriso maldoso. Como ansiara por aquela noite!

Enquanto os fiéis, embalados pela emoção da feliz vitória , revisavam sob a luz de candeias os adornos de seus instrumentos, de vestes e mansões, certificando-se que seriam aprovados na manhã seguinte, Samael e seus seguidores faziam seus últimos preparativos para desferirem o golpe.
À meia-noite, seguindo as instruções de Samael, todos os seus seguidores abandonaram silentemente suas mansões, rumando-se ao profundo vale de Cedrom, onde esperariam pelo seu novo rei.
Samael, por sua vez, dirigiu-se aos fundos do palácio, por onde esperava entrar sem ser notado, indo ao encontro do cetro. Evitando qualquer ruído, transpôs o portal, dirigindo-se silentemente à sala que guardava o precioso cetro.
Naquele momento, o príncipe que, insone rolava em seu leito, pressentindo algum perigo, dirigiu-se ao quarto de seu pai e o despertou dizendo:
- Meu pai, ouvi ruídos de passos no interior do palácio.
Afagando a cabeça de seu filho, Adonias, sonolento respondeu-lhe:
- Filho, não se preocupe. Deite-se comigo e durma tranqüilamente. Daqui a pouco raiará o alvorecer e você terá nas mãos o alaúde dourado.
O príncipe, tranqüilizado pelas palavras confiantes de seu pai, entregou-se a um sono de lindos sonhos em que vivia ao lado de Samael e de todos os súditos de Salém, os momentos festivos da coroação. Enquanto isso, o rebelde com as mãos trêmulas, apossava-se do cetro. Naquele momento, teve a idéia de levar somente o alaúde, deixando o estojo em seu devido lugar.Com um sorriso cheio de maldade, imaginou o momento em que o rei entregaria ao seu filho aquele estojo vazio.
Levando consigo o cetro, Samael dirigiu-se apressadamente ao lugar em que seus seguidores o aguardavam. Ao encontrá-los, deu vazão a todo o seu orgulho proclamando:
- Agora eu sou o rei de Salém. Quem possui um cetro como o meu? Com ele domino a terra e o mar.A minha força está nas trevas , pois através dela o conquistei.
Festejando a vitória, a turba ruidosa afastou-se para distante de Salém, seguindo rumo às cidades corrompidas da planície, onde pretendiam armarem-se para a conquista de seu reino.
O sol surgiu no horizonte, trazendo a luz do dia da expiação (Yom Kipur)..Despertando de seu sono de lindos sonhos, o príncipe apronta-se para a cerimônia do juízo e da coroação. Vestes especiais de linho fino, adornadas com fios de ouro e pedras preciosas, foram-lhe preparadas.
Depois de vestir-se, Melquisedeque encaminhou-se para o encontro de seus súditos, na

extremidade sul de Salém. Dali os conduziria numa marcha festiva rumo ao palácio situado ao norte, sobre o monte Sião.
Adonias, fazendo soar um longo chifre, convocou a todos para a reunião do julgamento. Deixando suas mansões, todos os remanescentes dirigiram-se para a praça do portão sul, levando consigo seus instrumentos musicais.
Ao encontrar-se com aqueles fiéis, Melquisedeque ficou surpreso pela ausência de muitos. Esse mistério doía-lhe na alma, pois lhe ocultava-lhe a face mais querida de seu amigo Samael.
Deixando seus seguidores reunidos, o príncipe saiu à procura dos ausentes. Em sua busca infrutífera, dirigiu-se finalmente à mansão do monte, onde chamou por Samael; Sua voz, contudo, não trouxe nenhuma resposta além de um eco vazio, que traduzia ingratidão.
Lendo no triste vazio a traição, sentiu vontade de chorar. Num só momento veio-lhe à mente todo o passado daquele a quem buscara com tanta dedicação conservá-lo em sua glória, através de conselhos sábios. Recordou daqueles dias que seguiram à sua recuperação; Como se alegrara com a certeza de que seu amigo não mais voltaria a cair! Levando-o a pressentir a tragédia, veio-lhe a lembrança as indagações de Samael sobre o alaúde, o qual mostrou-lhe num gesto de amizade. A memória deste fato, somada aos passos ouvidos no interior do palácio naquela noite, deu-lhe a certeza que Salém corria perigo.
Não suportando essa possibilidade de traição, prostrou-se em pranto, ferido pela terrível ingratidão daquele a quem dedicara tanto amor.
Curvado pela dor, permaneceu por algum tempo procurando encontrar algum consolo. Enxugou finalmente as lágrimas, decidido a fazer qualquer sacrifício a fim de devolver a Salém sua glória e poder, redimindo-lhe o cetro das mãos da rebeldia.
Consolado pela certeza da vitória, Melquisedeque retornou para junto dos súditos fiéis. Ocultando-lhes seu sofrimento, bem como o motivo da ausência de tantos, o príncipe guiou-os em marcha triunfal rumo ao palácio.

Capitulo VII

Ao aproximarem-se do monte Sião, galgaram os alvíssimos degraus da escadaria, sendo seguidos pela multidão exultante. Doía-lhe na alma a expectativa de ver morrer nos lábios dos fiéis, naquela manhã, o seu alegre canto, devido o golpe da traição.
Encontravam-se agora no interior do palácio, diante do magnífico trono que esperava pelo jovem rei. Na base do trono, jazia aberto, em meio a um arranjo de flores, o pergaminho das leis. Junto dele podia-se ver a linda coroa, feita de ouro e pedras preciosas, bem como o estojo daquele cetro que simbolizava toda a harmonia de Salém.
Os súditos estavam felizes, pois sabiam que seriam achados dignos de herdar aquele reino de paz. Aguardavam agora o momento da coroação, quando o seu novo rei os regeria de seu trono com seu cetro precioso, num cântico triunfal.
Em meio aos aplausos das hostes vitoriosas, Melquisedeque dirigiu-se a seu pai, que o recebeu com um carinhoso abraço. O momento era deveras solene. As hostes silenciaram-se na expectativa da coroação. O estojo seria aberto e, todos testemunhariam a exaltação do querido príncipe.
Com o coração pulsando forte pela alegria, Adonias curvou-se sobre o estojo, abrindo-o cuidadosamente; Ao encontrá-lo vazio, a alegria de seu semblante deu lugar à uma expressão de indizível preocupação e tristeza, pois naquele cetro selara o destino daquele reino de paz.
Ao ver seu pai e todos os súditos aflitos pela ausência do cetro e de tantos amigos que deveriam estar com eles naquele momento, Melquisedeque consolou-os com a promessa de que buscaria o cetro. Inconscientes dos riscos e perigos que aguardavam o príncipe em seu caminho, os súditos despediram-se dele, vendo-o partir apressadamente.
O alvorecer daquele dia que seria o da coroação, alcançou os rebeldes distantes de Salém, a caminho das cidades da planície. Naquele manhã, Samael encheu-se de fúria ao ver que o precioso alaúde estava adornado com inscrições das leis contidas no pergaminho. Tomando uma pedra pontuda, passou a danificar o cetro, raspando-lhe todas as palavras de amor e justiça. Suas harmoniosas cordas estavam agora desafinadas sobre o seu bojo ferido, mas continuava sendo precioso, pois sobre ele jazia selado o domínio de Salém. Possuí-lo, significava ser dono de todo o poder.
Ao chegarem à altura em que o caminho bifurcava-se, Samael ordenou a seus seguidores que prosseguissem rumo a Gomorra, enquanto ele iria até Sodoma, onde permaneceria por dois dias, juntando-se depois a eles.
Esperou pela noite para entrar em Sodoma. Quando ali entrou, caminhou pelas ruas estreitas sem ser notado, até encontrar uma casa isolada sobre uma elevação. Fazendo do cetro sua arma, invadiu a casa matando seus moradores, enquanto dormiam. Apossou-se dessa maneira daquela residência onde, solitário, maquinaria seus planos para a tomada de Salém.
O entardecer daquele dia que seria o da coroação, alcançou o filho de Adonias a caminhar pelo pedregoso caminho rumo ao vale. Seus olhos carregados de tristeza e anseio voltam-se para o solo, em busca dos rastros dos rebeldes. A lembrança da ingratidão daqueles a quem tanto amava, o fez chorar. Suas lágrimas, refletindo os últimos lampejos daquele sol poente, assemelham-se a gotas de sangue jorrando de um coração ferido. Ele chorava não por causa dos perigos que lhe sobreviriam naquela fria noite, mas pela infeliz sorte daqueles que haviam trocado a paz de Salém pela violência daquelas cidades da planície.
O seu único consolo era a lembrança daqueles que, apesar de todas as tentações, haviam

permanecido fiéis. A eles prometera devolver o cetro, e isto o faria apesar de qualquer sacrifício.
Depois de uma longa noite de insônia em que o príncipe ficou recostado ao lado do caminho, raiou a luz de um dia que seria decisivo.
Ao aproximar-se de Sodoma naquela manhã, o pensamento de estar tão próximo do cetro de sua amada Salém, fez com que se esquecesse de toda a fadiga, abreviando seus passos rumo ao desafio.
Ao abeirar-se do grande portão da cidade, ficou tomado por um temor, ao ouvir ruídos espantosos de desarmonia, que traduziam o orgulho, o egoísmo e a cobiça que ali dominavam todos os corações, fazendo-os explodir na orgia de uma maldade sem fim.
Seria um grande risco expor-se à violência gratuita daquela cidade. Esse pensamento o fez deter-se a um passo do portal, onde estremecido curvou a fronte em indizível luta íntima. Era tentado a recuar, mas lutava com todas as forças de sua alma contra esse pensamento de fracasso.
Pensando na triste sorte de Salém, cujo domínio estava sendo pisado no interior daquela cruel Sodoma, Melquisedeque tomou uma firme decisão: como um destemido guerreiro haveria de avançar, e, mesmo que tivesse de enfrentar o acúmulo de todos os perigos, prosseguiria, até erguer em suas mãos vitoriosas o cetro amado.
Resoluto e esperançoso, transpôs o portão de Sodoma, mergulhando naquele mundo estranho. Tudo ali era o oposto de Salém, começando pelas pedras ásperas e sujas de suas construções. Sodoma era um reino de trevas.
A presença contrastante do príncipe foi logo notada por muitos que, em tumulto o acercaram. A pureza de caráter expressa em sua meiga face e o esplendor de suas vestes, encheram-nos de espanto, e recuaram como que vencidos por uma força invisível. Dominados pela fúria , passaram a perseguí-lo à distância, decididos a fazê-lo recuar. Jogavam-lhe pedras e lama tentando macular-lhe as vestes, mas não o atingiam, enquanto ele avançava em sua ansiosa busca. Desistiram finalmente de perseguí-lo, ao entardecer.

Capitulo VIII

O filho de Adonias percorrera todas as ruas e becos à procura do precioso cetro, mas em vão. Ao ver tombar no horizonte o sol, anunciando a chegada de mais uma escura e fria noite, seu coração ficou opresso por uma grande agonia. Ali, naquele último beco, quase que vencido pela exaustão e pelo desespero, inclinou a fronte, desfazendo-se em pranto. Seus lábios, pronunciaram em meio aos soluços as seguintes palavras:
- Salém, Salém, você não pode perecer! O seu cetro precisa ser redimido das garras da rebeldia! Mas quando e onde vou encontrá-lo?! Já não restam forças em mim, e a esperança de redimi-lo antes da noite me abandona!
O príncipe, em sua suprema angústia, não percebia que outro gemido de dor, procedente de cordas arrebentadas de um alaúde humilhado, fazia-se ouvir naquele entardecer.
Subtamente, o fraco gemido penetrou seus ouvidos, reanimando-o com a certeza de que o grande momento da redenção havia chegado. Enxugando as lágrimas, reuniu as últimas forças correndo em direção à uma pequena casa situada sobre um monte, de onde parecia vir o som.
Ao dirigir-se à porta entreaberta, deteve-se ao contemplar uma cena chocante, de humilhante escravidão: Samael, envolvido por um manto sujo, castigava o cetro de Salém. Tanto o rapaz quanto o cetro achavam-se tão desfigurados, que não restavam neles quase que nenhum traço da glória perdida. Aquele cetro, contudo, mesmo arrasado como estava, era muito precioso, pois nele jazia o selo do domínio de Salém.
A contemplação daquele que fora seu maior amigo e daquele cetro idealizado como símbolo de toda a harmonia, em tão trágica condição, comoveu profundamente o príncipe, fazendo-o chorar em alta voz. Somente então o súdito rebelde percebeu sua presença indesejada. Estremecido, levantou-se, e, cheio de ira perguntou-lhe:
- O que o trouxe a Sodoma?
Apontando para o cetro danificado, Melquisedeque exclamou:
- A glória de Salém está destruída!!!
Com uma gargalhada, Samael zombou de sua tristeza ,dizendo:
- Agora eu sou o rei de Salém. Vocês que são fiéis ao pergaminho, tornar-se-ão meus escravos.
Sem se importar com as palavras de afronta de Samael, o príncipe, movido por uma infinita angústia, lhe disse:
- Samael, Salém está ferida por sua traição. Por que você trocou o seu lar de justiça e amor por esse vale de injustiça, ódio e morte?! Agora, se não deseja retornar à Salém arrependido, devolva-lhe o cetro. Foi para redimi-lo que, a despeito de todos os perigos, desci a esse vale hostil.
Conhecendo o propósito do príncipe, o rebelde encheu-se de raiva e cerrando os punhos disse-lhe :
- Eu o odeio Melquisedeque!
Tendo dito isto, arremessou o cetro ao chão, e pisando-o acrescentou:
- Tenho vontade de fazer o mesmo com você.
Diante dessa afronta, o príncipe não sentiu nenhum temor, mas compaixão. Transportando-se ao feliz passado, lembrava-se dos momentos felizes em que tinha sempre ao seu lado a Samael; Ele era um jovem puro e humilde de coração; Por que permitira ser escravizado pela ilusão do orgulho e do egoísmo?! Quão doloroso era ver aquele jovem que, por sua beleza e simpatia, havia sido honrado acima de todos os súditos, agora arruinado pela cobiça! Não fora o sonho do príncipe ter junto ao seu trono glorificado, aquele que lhe era o mais precioso amigo?! Essa tragédia feria-lhe a alma. Contudo, a triste condição do cetro o atingia ainda mais, pois ele fora feito como o símbolo de toda a

harmonia ,e estava sendo desfeito sob os pés da ingratidão.
Surpreso por não ver nos olhos de Melquisedeque nenhuma expressão de temor, porém de piedade, Samael sentiu-se frustrado em suas afrontas que visam amedrontá-lo, levando-o desistir de sua missão.
Diante da postura digna do príncipe, que em silente dor o contemplava, sentiu-se envergonhado. Essa fraqueza, contudo, foi banida pelo orgulho que dominava o seu coração.
Começou então a planejar algo terrível, para humilhar e ferir o príncipe, fazendo-o sofrer ainda mais.Com escárnio disse-lhe:
- O cetro de Salém poderá ser seu, se você conseguir pagar-me o preço de seu resgate.
Com um brilho nos olhos, o príncipe perguntou-lhe:
- Qual é o preço?
Samael, com um sorriso maldoso, respondeu-lhe pausadamente:
- O preço não é ouro nem prata, mas dor e sangue. Você deverá despir-se completamente de suas vestes, deitando-se ao chão. Deverá suportar nessa condição, espancamentos, até que o sol se ponha. Se você estiver disposto a submeter-me, sem reagir, o cetro será inteiramente seu.
Estremecido ante tão cruel proposta, o filho de Adonias olhou para o sol que pairava distante sobre uma nuvem. Passou a travar em seu coração uma luta intensa. A princípio, o horror do sacrifício quase o dominou, levando-o recuar, mas o pensamento de ver Salém escravizada pela rebeldia, levou-o finalmente à decisão de pagar o preço do resgate, entregando-se ao humilhante sofrimento.
Tendo tomado a firme decisão de resgatar o cetro, o príncipe, tirou as vestes, colocando-as sobre uma pedra. Deitou-se em seguida naquele solo frio, com a fronte voltada para o poente.
Impiedosamente, Samael começou a espancá-lo, fazendo uso do próprio cetro como instrumento de tortura. Gemendo pela dor dos golpes que o faziam sangrar, o príncipe mantinha o olhar fixo no sol que parecia deter-se sobre a nuvem.
Atordoado pela dor, contemplou finalmente o sol prestes a se pôr. Alentado pela vitória que se aproximava,murmura baixinho:
- Salém, Salém, daqui a pouco terei em meus braços o teu cetro precioso que, em minhas mãos, tornar-se-á num instrumento de justiça e paz.
Ouvindo a promessa do príncipe feita por entre gemidos, Samael bradou-lhe com fúria:
- O teu sofrimento não trará nenhum alvorecer para Salém ,pois tuas mãos jamais serão capazes de tocar no cetro.
Depois de fazer essa afronta, Samael apossou-se de uma pedra pontuda, preparando-se para desferir os últimos golpes.
Enquanto pensava sobre a feliz vitória de Salém, Melquisedeque sentiu seu braço direito sendo comprimido pelos pés de Samael. Seguiu a esse rude gesto um golpe que o fez contorcer-se em agonia. Sua mão fora vazada cruelmente, passando a jorrar abundante sangue da ferida aberta. Essa mesma violência foi descarregada logo depois sobre sua mão esquerda.
Não suportando a agonia causada por esses derradeiros golpes, o filho de Adonias, ensangüentado, mergulhou nas trevas de um profundo desmaio.

Capitulo IX

Ao cessar de golpear o príncipe, o súdito rebelde ficou possuído por um estranho horror ao contemplar na face daquele que somente lhe fizera o bem, o torpor da morte. Procurava não recordar o passado, mas, irresistente, sentia ser arrastado aos dias de sua feliz inocência em Salém. Revestido de ricas vestes estava sempre ao lado do príncipe que, com dedicação, ensinava-lhe a cada dia suas canções que falavam de paz.
Nas indesejadas lembranças pelas quais era arrastado, reviveu seus primeiros passos no caminho do orgulho e do egoísmo. Lembrou-se dos incessantes conselhos e rogos daquele que fora seu melhor amigo, para que desistisse daquele caminho que poderia conduzi-lo à infelicidade.
Depois de ser arrastado em lembranças por todo aquele passado de felicidade destruída por sua culpa, Samael teve consciência de sua ingratidão. Horrorizado pelo que fizera, curvou-se sobre o corpo ensangüentado de Melquisedeque, e desesperou-se ao vê-lo sem vida. Não suportando o peso da grande culpa, deixou às pressas aquele lugar, desejando ocultar-se distante, sob as trevas da fria noite.
Depois de um profundo desmaio, o príncipe começou a voltar à consciência; Em delírios que o transportavam ao seio de sua amada Salém, ele revivia momentos vividos e sonhados: Com alegria contemplava a face de seu maior amigo, para quem estendeu a mão com um sorriso. Mas seu gesto foi frustrado por uma profunda dor. Em meio aos aplausos dos súditos vitoriosos, recebe de seu pai o cetro, mas ao tocá-lo, sente uma irresistível dor em suas mãos.
Com esses sonhos frustrados pela dor, Melquisedeque despertou para a realidade. Estava nu, ferido e solitário, em um lugar perigoso, longe do abrigo e carinho de Salém. Mais doloroso era pensar que tudo aquilo fora a retribuição de alguém que fora o alvo principal de todas as dádivas de seu amor.
O príncipe, sem poder mover-se, considerando a grande traição passou a chorar sem consolo. Lamentava não por sua dor, mas pela perdição daqueles que haviam trocado o carinho e a justiça de Salém pelo desprezo e ódio que os reduziriam finalmente a cinzas sobre aquele vale condenado.
Através das lágrimas, o príncipe contemplava o céu que, semelhante a um manto tinto de sangue, estendia-se banhado na luz do sol poente. Lembrou-se então do alaúde pelo qual pagara tão alto preço. Onde estaria ele?

Em sua desesperada fuga, Samael deixara o cetro abandonado junto ao corpo ferido de Melquisedeque. Quando ele o viu, esqueceu-se de toda a dor, e abraçou-o com suas mãos feridas. Acariciando-lhe o bojo arruinado, disse-lhe com um sorriso:
- Você é meu novamente. Eu o comprei com o meu sangue".
Samael que, dominado pelo estranho horror, fugira após cometer o horrível crime, deteve-se a um passo do portão de Sodoma. Ali, impulsionado pelo orgulho, arrependeu-se com indignação de sua fraqueza. Por que fugira depois de conquistar tão grande vitória? Não era seu plano destruir o reino de Salém, para estabelecer seu próprio reino? Lembrando-se do cetro, decidiu retornar para tomá-lo. Por que o deixara abandonado junto ao cadáver daquele odiado príncipe?
Reunindo suas poucas forças, Melquisedeque dirigiu-se tropegamente ao lugar em que deixara suas vestes.
Depois de vestir-se, tendo junto ao peito o cetro amado, o filho de Adonias, com profunda emoção fez um juramento antes de deixar aquele lugar de seu sofrimento. Acariciando o cetro diz-lhe:
- Meu querido cetro, você foi criado como um emblema da harmonia que procede da justiça e do amor. Toda a glória de Salém repousava sobre você quando a rebeldia em sua ingratidão escravizou-o, arrastando-o para este vale hostil. Aqui você foi ferido e humilhado, vindo a tornar-se um instrumento de impiedade nas mãos do tirano. Eu, porém, o redimi com o meu sangue. Agora nossas feridas serão restauradas, e em breve seremos entronizados em meio aos louvores de uma Salém vitoriosa. Quando esse sonho se concretizar, testemunharemos juntos o fim daqueles que se levantaram contra nós para nos ferir. Samael e seus seguidores serão devorados pelo fogo que reduzirá às cinzas Sodoma e Gomorra.
Concluindo seu solene juramento ,o jovem príncipe, já oculto pelas trevas da noite e deixou aquela colina, e sobre ela as marcas de seu sofrimento.
Desde que o filho do rei partira, prometendo retornar com o cetro, Salém vivia momentos de indizível anseio. Em pranto, o rei e os súditos remanescentes lembravam-se de todo aquele feliz passado desfeito pela ingratidão dos rebeldes. O que mais lhes torturava era a ausência do príncipe e do cetro, sem os quais todo o brilho daquele reino de paz se ofuscaria.
Desejando consolar o coração de seus súditos, Melquisedeque avançava em meio à noite rumo aos montes que cercavam Salém. Ainda que enfraquecido e ferido, prosseguia em sua marcha ascendente, esperando alcançar sua pátria pela manhã.
Aquela longa e escura noite foi finalmente vencida pelos raios do alvorecer. Em Salém a esperança em rever Melquisedeque com o seu cetro estava quase banida quando, ao olharem para o Monte das Oliveiras, viram-no descendo pelo caminho do Getsêmani. Quando o encontraram no profundo vale de Cedrom, ficaram assustados com sua aparência: sua face estava pálida e seu manto encharcado de sangue. Mesmo assim, ele sorria expressando grande alegria.
Ao perguntarem-no sobre o porque daquelas marcas de sangue, Melquisedeque retirou de sob o manto suas mãos feridas, revelando-lhes entre elas o cetro redimido.
Depois de contar-lhes os passos que o levaram ao resgate do cetro, os súditos, emudecidos, prostraram-se reverentes aos seus pés, aclamando-o como seu redentor e rei.
Em meio aos louvores das hostes redimidas, o príncipe foi introduzido no palácio real, onde sob os cuidados de seu amoroso pai, deveria restabelecer-se de seu sofrimento. O cetro desfigurado, agora mais precioso, seria também restaurado, devendo tornar-se mais belo que antes.
O dia da coroação foi fixado para o próximo Yom Kipur. Naquele dia, Melquisedeque selaria com o cetro restaurado o triunfo de todos os fiéis, bem como a condenação dos rebeldes.

Capitulo X

Poucos instantes após a saída de Melquisedeque, Samael chegara ao local onde o deixara aparentemente sem vida, ao lado do alaúde. Sem entender aquele misterioso desaparecimento, ele prosseguiu para Gomorra, onde seus seguidores o esperavam. a Ao vê-los, proclamou sua "vitória" sobre o odiado príncipe e sobre o cetro, os quais massacrara em Sodoma, não restando aos seguidores do pergaminho nenhuma esperança. Suas palavras agradaram a turba rebelde, que passou a comemorar a "conquista" entregando-se à orgia. Zombavam agora da justiça e do amor, exaltando a Samael como rei vitorioso.
Obteriam agora armas, com o propósito de avançarem sobre Salém, desferindo-lhe o último golpe; Juntaram-se a eles em seu maléfico propósito, muitos criminosos que foram recebidos como mestres no manejo de arcos e flechas.
Em sua loucura, Samael ordenou o banimento de todo calendário, pois em seu reino de "liberdade" não estariam sujeitos a nenhum cômputo de tempo. As leis da moralidade foram também banidas, surgindo com isso um completo caos. Essa desordem, revelou-se de maneira mais patente no barulho estridente e cacofônico, ao qual proclamaram como a nova música.
Dominados pelo egoísmo, Samael e seus seguidores alimentavam-se de ilusões, inconscientes de que seus dias estavam contados. Os frutos da rebelião não tardariam em atrair sobre eles o fogo da destruição.
Dividindo seus seguidores em pequenos grupos, Samael passou a comandá-los em atos violentos que aterrorizavam os moradores das planícies; Por esse tempo, eles escondiam-se nas cavernas situadas próximas ao mar salgado.
O respeito e o medo dos guerrilheiros de Samael, levou finalmente os reis de quatro cidades a procurarem-no, propondo alianças de paz. Eram eles: Bara, rei de Sodoma, Bersa, rei de

Gomorra, Senaab, rei de Adama, Semeber, rei de Seboim e Segor, o rei de Bela. Por essa época, esses reis pagavam tributos a Cordolaomor, rei de Elam que, acompanhado pelos exércitos de quatro outras cidades, os haviam subjugado no vale de Sidim junto ao mar salgado.
Fortalecido pelas alianças, Samael tornou-se mais ousado em suas investidas, levando o terror e a destruição aos territórios de cidades distantes. Os exércitos de Cordolaomor e seus aliados que retornavam nesses dias de outras conquistas, enfurecidos pelas provocações de Samael, marcharam contra os quatro reis, vencendo-os novamente no vale de Sidim. Foi nessa ocasião que levaram cativos os habitantes de Sodoma, entre os quais encontrava-se o meu sobrinho Ló. Acovardados diante do furor dos cinco reis, Samael e seus seguidores esconderam-se em suas cavernas, ao norte do mar salgado

Capitulo XI

Os doze meses contados a partir do grande sacrifício estavam prestes a terminar. O cetro, totalmente restaurado, resplandecia em seu estojo, enquanto o príncipe, igualmente restabelecido das feridas causadas pela rebeldia, alegrava-se ao ver chegar o Yom Kipur de sua coroação. Enquanto isso, ele compunha lindas canções que expressavam o seu amor por Salém. Naqueles doze meses, a cidade da paz tornara-se mais bela, sendo adornada qual noiva para o grandioso dia da coroação.
À uma semana para o Yom Kipur, Samael, totalmente inconsciente de que o dia de seu julgamento se aproximava, reuniu os seus seguidores, anunciando-lhes que a próxima missão seria a conquista de Salém. Antes de avançarem, contudo, ele subiria sozinho para verificar os pontos vulneráveis da cidade.
Depois de ser aplaudido pela turba, Samael partiu em sua missão de reconhecimento. Enquanto avançava sozinho, procurava não lembrar-se daqueles momentos que trouxeram-lhe terror pela culpa, mas, dominado por uma força superior, foi arrastado em suas lembranças para aquele monte da cruel tortura.
Todo o seu passado começou a vir-lhe à lembrança, como um peso esmagador.
Quando despertou-se de suas lembranças das quais não conseguiu fugir, já era noite. A escuridão que o envolvia pareceu-lhe o prenúncio de um triste fim. Esse desânimo, contudo, procurou bani-lo com a lembrança do exército que o esperava, pronto para cumprir suas ordens, na conquista de Salém, onde não haveria lembranças daquele pergaminho.
O alvorecer o alcançou próximo de Salém. Ao avistar o monte das Oliveiras, veio-lhe à lembrança a última vez que o transpôs, deixando para trás a cidade vencida. Quantas noites haviam passado desde então? Ele perdera a noção de tempo, não sabendo que justamente doze meses haviam se passado. Não podia imaginar que, raiava naquela manhã o Yom Kipur, o dia de seu julgamento.

Ao chegar ao topo do monte das Oliveiras naquela manhã, Samael surpreendeu-se ao ver que a cidade tornara-se mais bonita que outrora; Toda ela estava adornada de ramos e flores, como uma donzela à espera de seu noivo. Contudo, Salém estava abandonada, não havendo nenhum sinal de vida em todas as suas mansões. Isto o fez concluir que os golpes que haviam aniquilado o príncipe e o cetro, trouxeram como conseqüência todo aquele abandono. Ele não sabia, contudo, que naquele momento todos os remanescentes daquele reino, encontravam-se ocultos no grande salão do palácio, aguardando pelo momento mais glorioso, da coroação de Melquisedeque.
Imaginando-se exaltado sobre o trono abandonado, tendo a seus pés os exércitos vitoriosos, o rebelde penetrou na cidade, dirigindo-se apressadamente ao palácio. Ao transpor o portal principal que dá entrada ao salão principal, ficou surpreso ao ver ali reunidos uma multidão de fiéis. Sobre um áureo tablado, enfeitado de flores talhadas em pedras preciosas, encontra-se o trono vazio. Na base do trono estava o pergaminho das leis, uma coroa de ouro cheia de pedras preciosas e o estojo que deixara vazio naquela noite de traição. Sem entender o enigma, Samael escondeu-se por trás de uma coluna, temendo ser reconhecido, e ficou observando.
Os súditos, com expressão de feliz expectativa olhavam para o trono vazio. Onde encontravam eles motivos para toda essa alegria, se haviam perdido o seu rei juntamente com o cetro? Samael questionava sobre esse mistério, quando Adonias, aplaudido pelos súditos, encaminhou-se para junto do trono.Com voz cheia de emoção pela vitória, o fundador de Salém anunciou que havia chegado o momento tão sonhado da coroação. Um brado de triunfo ecoou pelos ares quando, anunciado pelo seu pai, entrou o amado príncipe encaminhando-se em direção do trono.
Ao vê-lo coberto por um manto de glória, Samael ficou possuído por um terrível pavor, e procurou fugir. Descobriu, contudo, que todos os portais do grande salão estavam fechados por fora.
Teve início a cerimônia da coroação. Era um momento deveras solene. Adonias, num gesto reverente, tomou a rica coroa, colocando-a na fronte de seu filho. Prostrando-se depois sobre o estojo, abriu-o cuidadosamente, tirando dele o alaúde restaurado, cuja beleza e brilho eram muito superiores à sua primeira condição, ao sair das mãos de Adonias o seu luthier. Assentando-se no trono em meio às aclamações dos súditos, Melquisedeque passou a dedilhar o cetro, tirando dele acordes de muita harmonia e paz. Todos se aquietaram para ouvirem suas novas composições que expressavam o seu profundo amor pelo cetro e por todo aquele reino de paz. Grande emoção invadia o coração de todos naquele momento, levando-os às lágrimas. Samael, sem forças para reagir, sentia-se torturado por aqueles acordes que torturavam faziam reviver em sua mente suas oportunidades

perdidas, numa terrível tortura para sua consciência.
Melquisedeque compusera para aquele momento especial, canções que retratavam os momentos mais marcantes da história de Salém; Quando passou a cantar sobre a amizade que tinha por Samael, sua voz embargava-se pelas lágrimas que não conseguia conter. Triste para ele era cantar sobre a queda daquele que era-lhe o maior amigo! Cantou então sobre o alto preço que teve de pagar pela reconquista do cetro, que representa a honra de Salém.
Ao contemplarem aquelas mãos marcadas pelas cicatrizes, tocando com tanta maestria e carinho o cetro restaurado, os súditos tomados por forte emoção, prostraram-se em pranto.
Ao ver nas nãos de Melquisedeque aquele alaúde que, em suas mãos fora instrumento de tortura, Samael compreendeu, tarde demais o quanto errara, desviando-se dos conselhos do príncipe; Quantas vezes aquelas mãos sobre as quais descarregara toda aquela violência haviam sido estendidas num esforço de salvá-lo, e ele as havia negligenciado. Agora, era tarde demais! Tarde demais!!!

Capitulo XII

Os súditos triunfantes que, reverentes, haviam sido conduzidos a todo aquele passado de felicidade, traição, dor e triunfo, uniram finalmente as vozes numa jubilosa proclamação: Verdadeiros e justos são os teus princípios, ó rei de Salém. Digno és de reinar em glória e majestade entre os louvores de teus fiéis, porque em teu sacrifício nos livraste das ameaças das trevas, fazendo renascer em nosso coração a alegria do alvorecer.
Esse cântico de exaltação foi seguido pela cerimônia de confirmação de todos os fiéis em sua vitória. O filho de Adonias, com o seu cetro redimido, passou a selar com um toque especial do cetro, a vitória de cada um. Formou-se para tanto uma longa fila de fiéis exultantes.
Os súditos confirmados, à medida em que iam recebendo o toque de aprovação do rei, posicionavam-se ao lado direito do trono, onde permaneciam aguardando pela confirmação dos outros.
Os olhares que, iluminados de alegria, haviam acompanhado o selamento dos últimos justos, pousaram sobre a figura estranha de Samael que, dominado por uma força irresistível, encaminhava-se cabisbaixo em direção do trono. Seu aspecto era horrível: seu semblante havia sido deformado pelo mal; suas vestes estavam sujas e mal cheirosas; tudo nele repugnava, ao ponto de ninguém reconhecê-lo.
Em meio ao espanto dos súditos, Melquisedeque ergueu-se de seu trono como que ferido por uma grande dor; De seus lábios os súditos ouvem uma dolorosa exclamação:
- Samael, Samael!!!
A figura deplorável daquele que fora tão belo, encheu a todos de tristeza, e começaram a prantear. Eles lamentavam por saber que o destino de Samael e de todos aqueles que o seguiram, poderia ter sido muito diferente, se eles houvessem atendido aos rogos de amor de Adonias e de seu filho. Não era o plano do rei e o sonho de Melquisedeque tê-lo como o guardião do pergaminho, sendo o segundo em honra naquele reino?
Samael que, reconhecendo sua desventura, aproximara-se cabisbaixo do trono, ao presenciar toda aquela lamentação, é novamente iludido pelo orgulho, julgando tratar-se de uma demonstração de fraqueza de seus inimigos. A lembrança de seu exército que fortalecido o aguarda na planície, ilude-o com a certeza de que será vitorioso sobre Salém.Com esse pensamento, ergue a fronte marcada pelo ódio e, fitando o rei, levanta o punho cerrado e o desafia, desdenhando de sua autoridade, com a ameaça de tomar-lhe o trono.
Ainda que condoídos por sua perdição, os súditos de Salém não suportaram a ousada afronta daquele enlouquecido jovem que, depois de causar tanto sofrimento, ainda era capaz de erguer-se com tamanho desafio.
O vitorioso rei que com tanto prazer selara com o seu cetro a conquista dos fiéis, ergueu-o dolorosamente para o selamento da triste sorte dos rebeldes. Imobilizado por uma força estranha, Samael, sem desviar os olhos do cetro, ouviu dos lábios do rei a proclamação de seu julgamento e de todos os seguidores:
Prisioneiros de uma força invisível, ficariam retidos em suas cavernas por seis anos, sendo depois visitados pelo fogo do juízo que os destruiria juntamente com as cidades que a eles se aliaram.

Capitulo XIII

Ao ir para a cama depois daquele dia de tantas emoções, o jovem rei, imerso nas lembranças daquele passado de felicidade e dor, rolava em sua cama insone. Quando finalmente adormeceu, teve um sonho muito significativo.
No sonho, apareceu-lhe um anjo luminoso, que saudou-o com um sorriso, dizendo-lhe que todo o Universo acompanhava com atenção todo aquele drama que estavam vivendo, que o mesmo tinha um sentido prefigurativo, retratando acontecimentos passados e futuros, que envolvia todo o vasto universo.
As palavras do anjo despertaram em Melquisedeque um grande desejo de conhecer a história desse drama cósmico.
Conhecendo o seu anseio, o anjo arrebatou-o no sonho revelando-lhe um distante futuro. Diante de seus olhos manifestaram-se as glórias de uma nova e esplêndida Salém, cujas muralhas e mansões eram feitas de pedras preciosas; Os portais da cidade eram de pérolas. Suas amplas avenidas eram de ouro puro. A cidade era quadrangular e se estendia por centenas de quilômetros. Estava dividida em dois setores distintos: Norte e Sul. Ao Sul elevavam-se incontáveis mansões, habitações eternas de anjos e de seres humanos redimidos; Ao Norte havia

um lindo paraíso ao qual o anjo revelou ser o jardim do Éden. Ali, em ambas as margens do rio da vida, havia campos repletos de todo tipo de vegetação, com flores e frutos em abundância. Viviam ali em perfeita harmonia, todas as espécies de insetos, aves e animais.
No meio do paraíso podia-se ver uma montanha fulgurante, a qual o anjo afirmou ser o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Era daquele monte que emanava o rio da vida, fluindo por toda a cidade.
Quando alcançaram o topo da montanha sagrada, o rei de Salém ficou deslumbrado com o cenário visto ao seu redor. Encontrava-se na parte mais elevada de Sião a mais linda de todas as edificações revelado pelo anjo como o palácio de Deus. Aquela magnífica construção era sustentada por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de lindas pérolas. Ao redor do palácio, floresciam a mais exuberante vegetação: havia ali o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros.
Enquanto admirava-se ante a beleza daquele lugar, o anjo disse-lhe que a nenhum ser humano fora dado o privilégio de ver o interior daquele palácio de Deus. A ele seria dada esta honra, pois fora escolhido para ser o portador das mais amplas revelações sobre o reino da luz.
Ao transporem com reverência um dos portais de pérolas, prostraram-se em adoração, enquanto ouviam o cântico de uma multidão de serafins, que circundavam o trono, em constante louvor Àquele que Era, que É e que Sempre Será.
Ao olhar para Aquele que estava assentado sobre o trono, Melquisedeque ficou surpreso ao descobrir a figura de um homem. Ele estava coberto por um manto de linho fino, de uma alvura sem igual, e tinha sobre a cabeça uma coroa formada por sete coroas sobrepostas, repletas de pedras preciosas.
Ao olhar para as mãos que sustentavam o cetro, o filho de Adonias ficou surpreso ao descobrir nelas cicatrizes de ferimentos, semelhantes àquelas em suas mãos. O anjo afirmou-lhe ser o Messias, a manifestação visível de Yahwéh, o Deus Invisível.
Atraído para o cetro resplandecente, com o qual o Messias governava sobre todo o Universo, o rei de Salém viu nele o selo do domínio, e nele escrito o nome: Israel.
Tomado por profunda emoção, Melquisedeque prostrou-se ante o Rei daquela eterna Salém, e, revivendo ali a história de sua pequena cidade, teve desejo de conhecer o grande drama da história universal. Conhecendo o desejo de seu coração, o anjo disse-lhe:
- Agora lhe farei conhecer a história desta gloriosa Salém. Tudo o que lhe for mostrado na visão, você deverá registrar fielmente em seis pergaminhos que serão costurados um ao outro, formando um único rolo. Você terá seis anos para escrevê-los. Ao fim dos sete anos, você receberá das mãos de um ancião um vaso contendo um rolo especial, com muitas revelações importantes, destacando-se a história de Salém. Você tomará esse rolo, e o costurará como o primeiro dos sete, formando um único rolo. Depois de selá-lo, você e o ancião o guardarão no vaso, levando-o para uma caverna que eu lhes mostrarei ao norte do mar salgado, onde permanecerá esquecido até que chegue os últimos dias, quando será resgatado e revelado ao mundo por meio de um pequeno beduíno.
Depois de falar ao rei de Salém estas palavras, o anjo conduziu-o em visão a um infinito passado, quando o Universo ainda não existia.
Uma história muito parecida com a de Salém passou a desdobrar-se diante de seus olhos; porém, numa dimensão infinitamente maior, começando pela criação do reino da luz.Com admiração contemplou a formação de bilhões de mundos e estrelas, repletos de vida e felicidade que passaram a girar em torno da Salém Celeste, o paraíso de Deus.
Sua atenção voltou-se depois para o mais belo de todos os querubins que, honrado pelo Criador, passou a residir com Ele em Seu palácio. Uma eternidade de felicidade e paz parecia embalar aquele reino, quando a mesma experiência de egoísmo e rebeldia vivida por Samael, começou a repetir-se na vida daquele anjo amado.
Cenas de uma grande rebelião começaram a ser mostradas a Melquisedeque, envolvendo todos os habitantes do Universo. O querubim honrado, semelhante a Samael, seduzira um terço das hostes que, passaram a reverenciá-lo como rei.
Em meio às cenas daquele grande conflito, o rei de Salém testemunhou a criação do planeta Terra, sobre a qual surgiu o homem como cetro racional daquele reino disputado.
Com agonia viu o momento em que o chefe da rebelião aproximou-se sutilmente do paraíso, apossando-se do ser humano, depois de seduzi-lo com tentações. Ouviu então o seu brado, numa proclamação de vitória. A partir daquele momento, o inimigo de Deus passou a arruinar o ser humano, apagando nele todos os traços da glória divina, como Samael fizera com o cetro.
A sua própria experiência, ao declarar naquela manhã aos súditos de Salém sua decisão de ir em busca do cetro perdido, começou a repetir-se diante de Seus olhos.
Reunindo as hostes que haviam permanecido fiéis ao Seu governo, o Criador passou a revelar um plano de resgate: Ele haveria de ir em busca do homem, e o remiria, ainda que isto lhe custasse infinito sacrifício. Diante desta revelação, o filho de Adonias prostrou-se comovido, ao descobrir que em sua vida tivera a honra de retratara o próprio Messias.
Todo o drama vivido pelo filho de Adonias em sua angustiante busca, até o momento de seu suplício pela redenção do cetro, foi ganhando amplitude naquela visão que abarcava toda uma eternidade. Diante de seus olhos desfilavam cenas de uma grande batalha que, sem trégua se estenderia até o dia do juízo final, quando o Messias vitorioso empunhará o cetro redimido, selando com ele a condenação de todas as hostes rebeldes.

Capitulo XIV

Através das revelações recebidas do anjo, Melquisedeque tomou conhecimento do grande livramento alcançado dez dias antes de sua coroação, em Rosh Hashaná, quando diante de trezentos pastores com seus vasos incendiados, exércitos de cinco reis tombaram, saindo livres os cativos.
Conhecendo nossa intenção de subir à Salém por ocasião de Sukot, o rei fez preparativos para uma grande festa, na qual comemoraríamos juntos a vitória sobre toda a desarmonia gerada pelo orgulho e pelo egoísmo.
Foi por isso que ao chegarmos a Salém, ficamos surpresos com toda aquela honrada recepção.
Ocupar-me com o relato de todos esses acontecimentos, fez-me passar por todo este sétimo ano, quase sem notar os seus dias, que passaram velozes. Estamos hoje às portas de um novo Rosh Hashanah, quando os 300 pastores tocarão os chifres, convocando todos aqueles que possuem as pérolas, para a reunião solene de Yom Kipur. Cinco dias depois seremos recebidos em Salém para a festa de Sukot.
A certeza de que acontecimentos importantes ainda deverão ser relatados até o momento em que o vaso será deixado na caverna, fez-me reservar um espaço no rolo, no qual registrarei, dia após dia, os fatos, até a consumação desta história.
Hoje é Rosh Hashaná, o dia mais feliz de minha vida, pois meus braços puderam envolver finalmente o filho da promessa. A primeira coisa que Sara fez ao recebê-lo, foi colocar-lhe em sua mãozinha direita a segunda pérola que o Messias lhe dera no dia de sua conversão, na qual estava escrito nome Isaque que significa "riso", o nome de Melquisedeque e o nome de Salém.
Dois dias antes do Yom Kipur, Isaque foi circuncidado, conforme a ordem de Yahwéh.
Desde que os pastores começaram a tocar seus chifres em Rosh Hashanah, todos aqueles que possuíam pérolas do vaso, deixaram suas tendas, dirigindo-se em pequenos grupos, para junto do Carvalho de Mambré.
Ao chegar o Yom Kipur, o dia da reunião solene, meus pastores informaram-me que todos que aqueles que haviam recebido pérolas, haviam comparecido ao encontro, não faltando nenhuma pessoa. Era maravilhoso ver a alegria estampada no semblante de toda aquela multidão, que ansiava pela subida à Salém. Todos tinham uma história para contar, de como foram mal compreendidos e humilhados por aqueles que não receberam a salvação representada pelas pérolas. O único consolo que tinham naquele tempo, vinha da certeza de que subiriam a Salém para a festa de Sukot.
No primeiro dia da festa de Sukot, a multidão foi subdividida pequenos grupos de doze pessoas, para subirmos em ordem à Salém.
Tendo o vaso com o rolo em minhas costas, posicionei-me à frente da multidão, sendo seguido por Sara e Isaque, que vinham montados num camelo; Logo atrás vinha Ló e suas filhas; um pouco atrás, os trezentos pastores seguidos por todos os fiéis.
Iniciávamos nossa escalada quando, acompanhado por todos os seus súditos, surgiu Melquisedeque vindo ao nosso encontro, fazendo vibrar pelos ares o som festivo de muitos instrumentos musicais, comemorando a grande vitória.
Depois de saudar-nos, o filho de Adonias conduziu-nos numa marcha festiva até adentrarmos os portais de Salém, que encontra-se agora mais bonita que outrora.
Diante do trono, todos os remidos foram coroados por Melquisedeque,começando em seguida o grande banquete.
Grande foi a alegria do rei de Salém quando entreguei-lhe o vaso com o meu manuscrito.
Levando-me para uma sala especial do palácio, ele mostrou-me os seis manuscritos nos quais registrara a história do Universo, segundo fora-lhe mostrada em sonho.
Ao receber o meu manuscrito, ele o costurou aos demais, vindo a ser o primeiro do grande rolo.
No último dia da festa de Sukot, o rolo foi aberto diante de toda a multidão de fiéis. Depois de ler uma boa parte do meu manuscrito, o filho de Adonias, tomando em seus braços o pequeno Isaque, afirmou:
- Na descendência desta criança haverá de cumprir-se todas as coisas escritas neste manuscrito.
Tendo dito isto, o rei o abençoou, devolvendo-o à Sara.
Depois de abençoar Isaque, Melquisedeque passou a falar sobre o futuro do rolo que permaneceria por quase quatro milênios ocultos em uma caverna, sendo finalmente encontrado por um beduíno da tribo de Taamireh. Ao sair de sua caverna, o rolo enfrentaria a oposição de muitos eruditos que o declarariam apócrifo. Viria, contudo, o momento, em que suas revelações seriam confirmadas, e muitos seriam transformados pelas suas mensagens, preparando-se para o dia do juízo final.
Fim da Segunda Parte

APÓCRIFO DE TIAGO

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO TIAGO

INTRODUÇÃO

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.
Estes textos retratam os acontecimentos que precederam o nascimento de Cristo, contando a história de Maria e da natividade, além da história da infância do Senhor Jesus, no Evangelho de Tomé. Há também excertos do Livro da Infância do Salvador, onde a vida de Jesus, dos cinco aos doze anos, é retratada.
Vale lembrar que numa outra obra desta coleção, o Evangelho de São Pedro, a Infância de Cristo é apresentada na sua íntegra, mostrando fatos e passagens importantes da vida do Senhor Jesus, nos seus primeiros anos.
Os textos chamados de apócrifos são aqueles não incluídos pela Igreja no Cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas.
Como foi feita essa seleção, até hoje a Igreja não explicou adequadamente. Se inspirados ou não, são relatos dos primeiros tempos do Cristianismo, importantes para quem deseja conhecer a fundo essa religião.

A NATIVIDADE

Este livro, apesar de conhecido como o Evangelho de Tiago ou Proto-Evangelho de Tiago, tem sua autoria desconhecida. Publicado em fins do século XVI, não se sabe exatamente ainda qual a época em que foi escrito, mas os maiores estudiosos dos Livros Apócrifos afirmam que é anterior aos Quatro Evangelhos Canônicos, servindo, em muitos aspectos, como base para estes.
O Proto-Evangelho de Tiago conta a vida de Maria, seu nascimento de Ana e Joaquim, considerados estéreis, de como foi sua educação no Templo até a sua puberdade, como se deu a escolha de seu futuro esposo, José, velho, viúvo e pai de seis filhos: Judas, Josetos, Tiago, Simão, Lígia e Lídia. Continua, narrando a concepção e a virgindade, que se manteve após dar à luz o Salvador, numa caverna. Fala da estrela misteriosa e radiante, que guiou os magos até a caverna e da nuvem de luz que pairou sobre o local, na hora em que o Senhor Jesus nascia. Narra, também, a participação da parteira que testemunhou a virgindade de Maria, após o nascimento do Senhor E cita o testemunho de uma parteira que constatou a virgindade de Maria após dar à luz.

PROTO-EVANGELHO DE TIAGO
I

Segundo narram as memórias das doze tribos de Israel, havia um homem muito rico, de nome Joaquim, que fazia suas oferendas em quantidade dobrada, dizendo:
— O que sobra, ofereça-o para todo o povoado e o devido na expiação de meus pecados será para o Senhor, a fim de ganhar-lhe as boas graças.
Chegou a grande festa do Senhor, na qual os filhos de Israel devem oferecer seus donativos.
Rubem se pôs à frente de Joaquim, dizendo-lhe:
— Não te é lícito oferecer tuas dádivas, enquanto não tiveres gerado um rebento em Israel.
Joaquim mortificou-se tanto que se dirigiu aos arquivos de Israel, com intenção de consultar o censo genealógico e verificar se, porventura, teria sido ele o único que não havia tido prosperidade em seu povoado.
Examinando os pergaminhos, constatou que todos os justos haviam gerado descendentes.
Lembrou-se, por exemplo, de como o Senhor deu Isaac ao patriarca Abraão, em seus derradeiros anos de vida.
Joaquim ficou muito atormentado, não procurou sua mulher e se retirou para o deserto. Ali armou sua tenda e jejuou por quarenta dias e quarenta noites, dizendo:
— Não sairei daqui nem sequer para comer ou beber, até que não me visite o Senhor meu Deus. Que minhas preces me sirvam de comida e de bebida.

II
Ana lamentava-se e gemia dolorosamente, dizendo:
— Chorarei minha viuvez e minha esterilidade.
Chegou, porém, a grande festa do Senhor e disse-lhe Judite, sua criada:
— Até quando vais humilhar tua alma? Já é chegada a festa maior e não te é lícito entristecer-te. Toma este lenço de cabeça, que me foi dado pela dona da tecelagem, já que não posso cingir-me com ele por ser eu de condição servil e levar ele ao selo real.

Disse Ana:
— Afasta-te de mim, pois que não fiz tal coisa e, além do mais, o Senhor já me humilhou em demasia para que eu o use. A não ser que algum malfeitor o haja dado e tenhas vindo para fazer-me também cúmplice do pecado.
Replicou Judite:
— Que motivo tenho eu para maldizer-te, se o Senhor já te amaldiçoou não te dando fruto de Israel?
Ana, ainda que profundamente triste, despiu suas vestes de luto, cingiu-se com um toucado, vestiu suas roupas de bodas e desceu, na hora nona, ao jardim para passear. Ali viu um loureiro, assentou-se à sua sombra e orou ao Senhor, dizendo:
— Ó Deus de nossos pais! Ouve-me e bendize-me da maneira que bendisseste o ventre de Sara, dando-lhe como filho Isaac!

III

Tendo elevado seus olhos aos céus, viu um ninho de passarinhos no loureiro e novamente lamentou-se dizendo:
— Ai de mim! Por que nasci e em que hora fui concebida? Vim ao mundo para ser como terra maldita entre os filhos de Israel. Estes me cumularam de injúrias e me escorraçaram do templo de Deus. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Não às aves do céu, pois elas são fecundas em tua presença, Senhor. Ai de mim! A quem me pareço eu? Não às bestas da terra, pois que até esses animais irracionais são prolíficos ante teus olhos, Senhor. Ai de mim! A quem me posso comparar? Nem sequer a estas águas, porque até elas são férteis diante de ti, Senhor. Ai de mim! A quem me igualo eu? Nem sequer a esta terra, porque ela também é fecundada, dando seus frutos na ocasião própria e te bendiz, Senhor.

IV

Eis que se lhe apresentou o anjo de Deus, dizendo-lhe:
— Ana, Ana, o Senhor escutou teus rogos! Conceberás e darás à luz e de tua prole se falará em todo o mundo.
Ana respondeu:
— Viva o Senhor meu Deus, que, se chegar a ter algum fruto de bênção, seja menino ou menina, levá-lo-ei como oferenda ao Senhor e estará a seu serviço todos os dias de sua vida.
Então vieram a ela dois mensageiros com este recado:
— Joaquim, teu marido, está de volta com seus rebanhos, pois que um anjo de Deus desceu até ele e lhe disse que o Senhor escutou seus rogos e que Ana, sua mulher, vai conceber em seu ventre.
Tendo saído Joaquim, mandou que seus pastores lhe trouxessem dez ovelhas sem mancha.
Disse ele:
— Estas serão para o Senhor.
Mandou, então separar doze novilhas de leite, dizendo:
— Estas serão para os sacerdotes e para o sinédrio.
Finalmente, mandou apartar cem cabritos para todo o povoado.
Ao chegar Joaquim com seus rebanhos, estava Ana à porta e, ao vê-lo chegar, pôs-se a correr e atirou-se ao seu pescoço dizendo:
— Agora vejo que Deus me bendisse copiosamente, pois, sendo viúva, deixo de sê-lo e, sendo estéril, vou conceber em meu ventre.
Então Joaquim repousou naquele dia em sua casa.

V

No dia seguinte, ao ir oferecer sua dádivas ao Senhor, dizia para consigo mesmo:
— Saberei se Deus me vai ser favorável se eu chegar a ver o éfode do sacerdote.
Ao oferecer o sacrifício, observou o éfode do sacerdote, quando este se acercava do altar de Deus, e, não encontrando pecado algum em sua consciência, disse:
— Agora vejo que o Senhor houve por bem perdoar todos os meus pecados.
Desceu Joaquim justificado do templo e foi para casa. O tempo de Ana cumpriu-se e no nono mês deu à luz.
Perguntou à parteira:
— A quem dei à luz?
A parteira respondeu:
— Uma menina.
Então Ana exclamou:
— Minha alma foi enaltecida — e reclinou a menina no berço.
Ao fim do tempo marcado pela lei, Ana purificou-se, deu o peito à menina e pôs-lhe o nome de Maria.

VI

Dia a dia a menina ia robustecendo-se. Ao chegar aos seis meses, sua mãe deixou-a só no chão, para ver se sustentava-se de pé. Ela, depois de andar sete passos, voltou ao regaço de sua mãe. Esta levantou-se, dizendo:
— Salve o Senhor! Não andarás mais por este solo, até que te leve ao templo do Senhor.
Fez-lhe um oratório em sua casa e não consentiu que nenhuma coisa vulgar ou impura passasse por suas mãos. Chamou, além disso, umas donzelas hebréias, todas virgens, para que a entretivessem.
Quando a menina completou um ano, Joaquim deu um grande banquete, para o qual convidou os sacerdotes, os escribas, o sinédrio e todo o povo de Israel. Apresentou a menina aos sacerdotes, que a abençoaram assim:
— Ó Deus de nossos pais, bendiz esta menina e dá-lhe um nome glorioso e eterno por todas as gerações.
Ao que todo o povo respondeu:
— Assim seja, assim seja! Amém!
Apresentou-a também Joaquim aos príncipes e aos sacerdotes e estes a abençoaram assim:
— Ó Deus Altíssimo, põe teus olhos nesta menina e outorga-lhe uma bênção perfeita, dessas que excluem as ulteriores.
Sua mãe levou-a ao oratório de sua casa e deu-lhe o peito. Compôs, então, um hino ao Senhor Deus, dizendo:
— Entoarei um cântico ao Senhor meu Deus, porque me visitaste, afastaste de mim o opróbrio de meus inimigos e me deste um fruto santo, que é único e múltiplo a seus olhos. Quem dará aos filhos de Rubem a notícia de que Ana está amamentando? Ouvi, ouvi, ó Doze Tribos de Israel: Ana está amamentando!
Tendo deixado a menina para que repousasse na câmara onde havia o oratório, saiu e pôs-se a servir os comensais. Estes, uma vez terminada a ceia, saíram regozijando-se e louvando ao Deus de Israel.

VII

Entretanto, os meses iam-se passando para a menina. Ao fazer dois anos, disse Joaquim a Ana:
— Levemo-la ao templo do Senhor para cumprir a promessa que fizemos, para que Senhor não a reclame e nossa oferenda se torne inaceitável a seus olhos.
Ana respondeu:
— Esperamos, todavia, até que complete três anos, para que a menina não tenha saudades de nós.
Joaquim respondeu:
— Esperaremos.
Ao chegar aos três anos, disse Joaquim:
— Chama as donzelas hebréias que não têm mancha e que tomem, duas a duas, uma candeia acesa e a acompanhem, para que a menina não olhe para trás e seu coração seja cativado por alguma coisa fora do templo de Deus.
Assim fizeram enquanto iam subindo ao templo de Deus. Lá recebeu-a o sacerdote, o qual, depois de tê-la beijado, abençoou-a e exclamou:
— O Senhor engrandeceu teu nome diante de todas as gerações, pois que, no final dos tempos, manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel.
Fê-la sentar-se no terceiro degrau do altar. O Senhor derramou graças sobre a menina, que dançou cativando toda a casa de Israel.

VIII

Saíram, então, seus pais, cheios de admiração, louvando ao Senhor Deus porque a menina não havia olhado para trás. Maria permaneceu no templo como uma pombinha, recebendo alimento pelas mãos de um anjo.
Ao completar doze anos, os sacerdotes reuniram-se para deliberar, dizendo:
— Eis que Maria cumpriu doze anos no templo do Senhor. Que faremos para que ela não chegue a manchar o santuário?
Disseram ao sumo sacerdote:
— Tu que tens o altar ao teu cargo, entra e ora por ela. O que o Senhor te disser, isso será o que haveremos de fazer.
O sumo sacerdote, cingindo-se com o manto das doze sinetas, entrou no Santo dos Santos e orou por ela. Eis que um anjo do Senhor apareceu, dizendo-lhe:
— Zacarias, Zacarias, sai e reúne a todos os viúvos do povoado. Que cada um venha com um bastão e o daquele em que o Senhor fizer um sinal singular, deste será ela a esposa.
Saíram os arautos por toda a região da Judéia e, ao soar a trombeta do Senhor, todos acudiram.

IX

José, deixando de lado sua acha, uniu-se a eles. Uma vez que se juntaram todos, tomaram cada qual seu bastão e puseram-se a caminho, à procura do sumo sacerdote. Este tomou todos os bastões, entrou no templo e pôs-se a orar. Terminadas as suas preces, tomou de novo os bastões e os entregou, mas em nenhum deles apareceu sinal algum. Porém, ao pegar José o último, eis que uma pomba saiu dele e se pôs a voar sobre sua cabeça. Então o sacerdote disse:
— A ti coube a sorte de receber sob tua custódia a Virgem do Senhor.
José replicou:
— Tenho filhos e sou velho, enquanto que ela é uma menina. Não gostaria de ser objeto de zombaria por parte dos filhos de Israel.
Então tornou o sacerdote:
— Teme ao Senhor teu Deus e tem presente o que fez Ele com Datan, Abiron e Corê, de como abriu-se a terra e foram sepultados por sua rebelião. Teme agora tu também, José, para que não aconteça o mesmo a tua casa.
Ele, cheio de temor, recebeu-a sob proteção. Depois, disse-lhe:
— Tomei-te do templo. Deixo-te agora em minha casa e vou continuar minhas construções. Logo voltarei. O Senhor te guardará.

X

Os sacerdotes, então, reuniram-se e concordaram em fazer um véu para o templo do Senhor.
O sumo sacerdote disse:
— Chama algumas donzelas sem mancha, da tribo de Davi.
Os ministros se foram e, depois de terem procurado, encontraram sete virgens. Então o sacerdote lembrou-se de Maria, a jovenzinha que, sendo de estirpe davídica, se conservava imaculada aos olhos de Deus. Os emissários foram buscá-la.
Depois de as terem introduzido no templo, disse o sacerdote:
— Vejamos qual há de bordar o ouro, o amianto, o linho, a seda, o zircão, o escarlate e a verdadeira púrpura.
O escarlate e a verdadeira púrpura couberam a Maria que, tomando-as, foi para casa.
Naquela época, Zacarias ficou mudo, sendo substituído por Samuel, até quando pôde falar novamente. Maria tomou em suas mãos o escarlate e pôs-se a tecê-lo.

XI

Certo dia, pegou Maria um cântaro e foi enchê-lo de água. Eis que ouviu uma voz que lhe dizia:
— Deus te salve, cheia de graça! O Senhor está contigo, bendita és entre as mulheres!
Ela olhou a sua volta, à direita, à esquerda, para ver de onde vinha aquela voz. Tremendo, voltou para casa, deixou a ânfora, pegou a púrpura, sentou-se no divã e pôs-se a tecê-la. Logo um anjo do Senhor apresentou-se diante dela, dizendo:
— Não temas, Maria, pois alcançaste graça ante o Senhor onipotente e vais conceber por Sua palavra!
Ela, ao ouví-lo, ficou perplexa e disse consigo mesma:
— Deverei eu conceber por virtude de Deus vivo e haverei de dar à luz como as demais mulheres?
Ao que lhe respondeu o anjo:

— Não será assim, Maria, pois que a virtude do Senhor te cobrirá com sua sombra. Depois, o fruto santo que deverá nascer de ti será chamado de Filho do Altíssimo. Chamar-lhe-ás Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas iniqüidades. Então, disse Maria:
— Eis aqui a escrava do Senhor em Sua presença. Que isto aconteça a mim conforme Sua palavra.

XII

Concluído seu trabalho com a púrpura e o escarlate, levou-o ao sacerdote. Este a abençoou dizendo:
— Maria, o Senhor enaltecer seu nome e serás bendita entre todas as gerações da terra.
Cheia de alegria, Maria foi à casa de sua parente Isabel. Chamou-a da porta e, ao ouví-la, Isabel largou o escarlate, correu para a porta, abriu-a e, vendo Maria, louvou-a dizendo:
— Que fiz eu para que a mãe do meu Senhor venha a minha casa? Pois saiba que o fruto que carrego em meu ventre se pôs a pular dentro de mim, como que para bendizer-se.
Maria havia se esquecido dos mistérios que o anjo Gabriel lhe comunicara, elevou os olhos aos céus e disse:
— Quem sou eu, Senhor, para que todas as gerações me bendigam?
Passou três meses em casa de Isabel. Dia a dia seu ventre aumentava e, cheia de temor, pôs-se a caminho de casa e escondia-se dos filhos de Israel. Quando sucederam essas coisas, ela contava dezesseis anos.

XIII

Ao chegar Maria ao sexto mês de gravidez, voltou José de suas construções e, ao entrar em casa, deu-se conta de que ela estava grávida. Então, feriu seu próprio rosto, jogou-se no chão sobre uma manta e chorou amargamente, dizendo:
— Como é que me vou apresentar agora diante do meu Senhor? E que oração direi eu agora por esta donzela, pois que a recebi virgem do templo do Senhor e não a soube guardar? Será que a história de Adão se repetiu comigo? Assim como no instante em que ela estava glorificando a Deus veio a serpente e, ao encontrar Eva sozinha, a enganou, o mesmo me aconteceu.
Levantando-se, José chamou Maria e disse-lhe:
— Predileta como eras de Deus, como foste capaz de fazer isso? Acaso te esqueceste do Senhor teu Deus? Com pudeste vilipendiar tua alma, tu que te criaste no Santo dos Santos e recebeste alimento das mãos de um anjo?
Ela chorou amargamente dizendo:
— Sou pura e não conheço varão algum.
Replicou José:
— De onde, pois, provém o que carregas no seio?
Ao que Maria respondeu:
— Pelo Senhor, meu Deus, eu juro que não sei como aconteceu.

XIV

José encheu-se de temor, retirou-se da presença de Maria e pôs-se a pensar sobre o que faria com ela. Dizia consigo próprio:
— Se escondo seu erro, contrario a lei do Senhor. Se a denuncio ao povo de Israel, temo que o que acontecer a ela se deva a uma intervenção dos anjos e venha a entregar à morte uma inocente. Como deverei proceder, pois? Mandá-la embora às escondidas.
Enquanto isso, caiu a noite. Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo-lhe:
— Não temas por esta donzela, pois o que ela carrega em suas entranhas é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, pois que ele há de salvar seu povo dos pecados.
Ao despertar, José levantou-se, glorificou a Deus de Israel por haver-lhe concedido tal graça e continuou guardando Maria.

XV

Por essa ocasião, veio à casa de José um escriba chamado Anás, que lhe disse:
— Por que não compareceste à nossa reunião?
Respondeu-lhe José:
— Estava cansado da caminhada e decidi repousar este primeiro dia.
Ao voltar-se, Anás deu-se conta da gravidez de Maria.
Então, correu ao sacerdote, dizendo-lhe:
— Esse José, por quem respondes, cometeu uma falta grave.
— Que queres dizer com isso? — perguntou o sacerdote. Ao que respondeu Anás:
— Pois violou aquela virgem que recebeu do templo de Deus, com fraude de seu casamento e sem manifestá-lo ao povo de Israel.
Disse o sacerdote:
— Estás certo de que foi José que fez tal coisa?
Replicou Anás:
— Envia uma comissão e te certificarás de que a donzela está realmente grávida.
Saíram os emissário e encontraram-na tal qual havia dito Anás. Por isso levaram-na, juntamente com José, ante o tribunal.
O sacerdote iniciou, dizendo:
— Maria, como fizeste tal coisa? Que te levou a vilipendiar tua alma e esquecer-te do Senhor teu Deus? Tu que te criaste no Santo dos Santos, que recebias alimento das mãos de um anjo, que escutaste os hinos e que dançavas na presença de Deus? Como fizeste isso?
Ela se pôs a chorar amargamente, dizendo:
— Juro pelo Senhor meu Deus que estou pura em sua presença e que não conheci varão.
Então o sacerdote dirigiu-se a José, perguntando-lhe:
— Por que fizeste isso?
Replicou José:
— Juro pelo Senhor meu Deus, que me encontro puro com relação a ela.
Acrescentou o sacerdote:
— Não jures em falso! Dize a verdade! Usaste fraudulentamente o matrimônio e não o deste a conhecer ao povo de Israel. Não abaixaste tua

cabeça sob a mão poderosa de Deus, por quem sua descendência havia sido bendita.
José guardou silêncio.

XVI

— Devolve, pois — continuou o sacerdote, — a virgem que recebeste do templo do Senhor.
José ficou com os olhos marejados em lágrimas.
Acrescentou ainda o sacerdote:
— Farei com que bebais da água da prova do Senhor e ela vos mostrará, diante de vossos próprios olhos, vossos pecados.
Tomando da água, fez José bebê-la, enviando-o em seguida à montanha, de onde voltou são e salvo. Fez o mesmo com Maria, enviando-a também à montanha, mas ela voltou sã e salva.
Toda a cidade encheu-se de admiração ao ver que não havia pecado neles.
Disse o sacerdote:
— Posto que o Senhor não declarou vosso pecado, tampouco irei condenar-vos.
Então despediu-os. Tomando Maria, José voltou para casa cheio de alegria e louvado ao Deus de Israel.

XVII

Veio uma ordem do imperador Augusto para que se fizesse o censo de todos os habitantes de Belém da Judéia.
Disse José:
— A meus filhos posso recensear, mas que farei desta donzela? Como vou incluí-la no censo? Como minha esposa? Envergonhou-me. Como minha filha? Mas já sabem todos os filhos de Israel que não é! Este é o dia do Senhor, que se faça a sua vontade.
Selando sua asna, fez com que Maria se acomodasse sobre ela. Enquanto um de seus filhos ia à frente, puxando o animal pelo cabresto, José os acompanhava. Quando estavam a três milhas de distância de Belém, José virou-se para Maria e viu que ela estava triste.
Disse consigo mesmo:
— Deve ser a gravidez que lhe causa incômodo.
Ao voltar-se novamente, encontrou-a sorrindo e indagou-lhe:
— Maria, que acontece, pois que algumas vezes te vejo sorridente e outras triste?
Ela lhe disse:
— É que se apresentam dois povos diante de meus olhos: um que chora e se aflige e outro que se alegra e se regozija.
Ao chegar à metade do caminho, disse Maria a José:
— Desça-me, porque o fruto de minhas entranhas luta por vir à luz.
Ele a ajudou a apear da asna, dizendo-lhe:
— Aonde poderia eu levar-te para resguardar teu pudor, já que estamos em campo aberto?

XVIII

Encontrando uma caverna, levou-a para dentro e, havendo deixado seus filhos com ela, foi buscar uma parteira na região de Belém.
Eis que José encontrou-se andando, mas não podia avançar. Ao levantar seus olhos para o espaço, pareceu lhe ver como se o ar estivesse estremecido de assombro. Quando fixou vista no firmamento, encontrou-o estático e os pássaros do céu, imóveis. Ao dirigir seu olhar à terra, viu um recipiente no solo e uns trabalhadores sentados em atitude de comer, com suas mãos na vasilha. Os que pareciam comer, na realidade não mastigavam, e os que estavam em atitude de pegar a comida, tampouco a tiravam do prato. Finalmente, os que pareciam levar os manjares à boca, não o faziam, ao contrário, tinham seus rostos voltados para cima.
Também havia umas ovelhas que estavam sendo tangidas, mas não davam um passo. Estavam paradas. O pastor levantou sua destra para bater-lhes com um cajado, mas parou sua mão no ar.
Ao dirigir seu olhar à corrente do rio, viu como uns cabritinhos punham nela seus focinhos, mas não bebiam. Em uma palavra, todas as coisas estavam afastadas, por uns instantes, de seu curso normal.

XIX

Então uma mulher que descia da montanha disse-lhe:
— Aonde vais?
Ao que ele respondeu:
— Ando procurando uma parteira hebréia.
Ela replicou:
— Mas és de Israel?
Ele respondeu:
— Sim.
— E quem é a que está dando à luz na caverna?
— É minha esposa.
— Então, não é tua mulher?
Ele respondeu:
— É Maria, a que se criou no templo do Senhor, e ainda que me tivesse sido dada por mulher, não o é, pois que concebeu por virtude do Espírito Santo.
Insistiu a parteira:
— Isso é verdade?
José respondeu:
— Vem e verás.
Então a parteira se pôs a caminho junto com ele. Ao chegar à gruta, pararam, e eis que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa.
Exclamou a parteira:
— Minha alma foi engrandecida, porque meus olhos viram coisas incríveis, pois que nasceu a salvação para Israel. De repente, a nuvem começou a sair da gruta e dentro brilhou uma luz tão grande que seus olhos não podiam resistir. Esta, por um momento, começou a diminuir tanto que deu para ver o menino que estava tomando o peito da mãe, Maria. A parteira então deu um grito, dizendo:
— Grande é para mim o dia de hoje, já que pude ver com meus próprios olhos um novo milagre.

Ao sair a parteira da gruta, veio ao seu encontro Salomé.
— Salomé, Salomé! — exclamou. — Tenho de te contar uma maravilha nunca vista. Uma virgem deu à luz; coisa que, como sabes, não permite a natureza humana.
Salomé replicou:
— Pelo Senhor, meus Deus, não acreditarei em tal coisa, se não me for dado tocar com os dedos e examinar sua natureza.

XX

Havendo entrado a parteira, disse a Maria:
— Prepara-te, porque há entre nós uma grande querela em relação a ti.
Salomé, pois, introduziu seu dedo em sua natureza, mas, de repente, deu um grito, dizendo:
— Ai de mim! Minha maldade e minha incredulidade é que têm a culpa! Por descrer do Deus vivo, desprende-se de meu corpo minha mão carbonizada.
Dobrou os joelhos diante do Senhor, dizendo:
— Ó Deus de nossos pais! Lembra-te de mim, porque sou descendente de Abraão, Isaac e Jacó! Não faças de mim um exemplo para os filhos de Israel! Devolve-me curada, porém, aos pobres, pois que tu sabes, Senhor, que em teu nome exercia minhas curas, recebendo de ti meu salário!
Apareceu um anjo do céu, dizendo-lhe:
— Salomé, Salomé, Deus escutou-te. Aproxima tua mão do menino, toma-o e haverá para ti alegria e prazer.
Acercou-se Salomé e o tomou, dizendo:
— Adorar-te-ei, porque nasceste para ser o grande Rei de Israel.
De repente, sentiu-se curada e saiu em paz da gruta. Nisso ouviu uma voz que dizia:
— Salomé, Salomé, não contes as maravilhas que viste até estar o menino em Jerusalém.

XXI

José dispôs-se a partir para Judéia. Por essa ocasião, sobreveio um grande tumulto em Belém, pois vieram um magos dizendo:
— Aonde está o recém-nascido Rei dos Judeus, pois vimos sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo?
Herodes, ao ouvir isso, perturbou-se. Enviou seus emissários aos magos e convocou os príncipes e os sacerdotes, fazendo-lhes esta pergunta:
— Que está escrito em relação ao Messias? Aonde ele vai nascer?
Eles responderam:
— Em Belém da Judéia, segundo rezam as escrituras. Com isso, despachou-os e interrogou os magos com estas palavras:
— Qual é o sinal que vistes em relação ao nascimento desse rei?
Responderam-lhes os magos:
— Vimos um astro muito grande, que brilhava entre as demais estrelas e as eclipsava, fazendo-as desaparecer. Nisso soubemos que a Israel havia nascido um rei e viemos com a intenção de adorá-lo.
Replicou Herodes:
— Ide e buscai-o, para que também possa eu ir adorá-lo!
Naquele instante, a estrela que haviam visto no Oriente voltou novamente a guiá-los, até que chegaram à caverna e pousou sobre a entrada dela. Vieram, então, os magos a ter com o Menino e Sua mãe, Maria, e tiraram oferendas de seus cofres: ouro, incenso e mirra.
Depois, avisados por um anjo para que não entrassem na Judéia, voltaram a suas terras por outro caminho.

XXII

Ao dar-se conta Herodes de que havia sido enganado, encolerizou-se e enviou seus sicários, dando-lhes a missão de assassinar todos os meninos de menos de dois anos.
Quando chegou até Maria a notícia da matança das crianças, encheu-se de temor e, envolvendo seu filho em fraldas, colocou-o numa manjedoura.
Quando Isabel inteirou-se de que também buscavam a seu filho João, pegou-o e levou-o a uma montanha. Pôs-se a ver onde haveria de escondê-lo, mas não havia um lugar bom para isso. Entre soluços, exclamou em voz alta:
— Ó Montanha de Deus, recebe em teu seio a mãe com seu filho, pois que não posso subir mais alto.
Nesse instante, abriu a montanha suas entranhas para recebê-los. Acompanhou-os uma grande luz, pois estava com ele um anjo de Deus para guardá-los.

XXIII

Herodes prosseguia na busca de João e enviou seus emissários a Zacarias para que lhe dissessem:
— Aonde escondeste teu filho?
Ele respondeu desta maneira:
— Eu me ocupo do serviço de Deus e me encontro sempre no templo. Não sei onde está meu filho.
Os emissários informaram a Herodes tudo o que se passara e ele encolerizou-se muito, dizendo consigo mesmo:
— Deve ser seu filho que vai reinar em Israel.
Enviou, então, um outro recado, dizendo-lhe:
— Diga-nos a verdade sobre onde está teu filho, porque do contrário bem sabes que teu sangue está sob minhas mãos.
Zacarias respondeu:
— Serei mártir do Senhor, se te atreveres a derramar meu sangue, porque minha alma será recolhida pelo Senhor, ao ser segada uma vida inocente no vestíbulo do santuário. Ao romper da aurora, foi assassinado Zacarias, sem que os filhos de Israel se dessem conta desse crime.

XXIV

Os sacerdotes se reuniram à hora da saudação, mas Zacarias não saiu a seu encontro, como de costume, para abençoá-los. Puseram-se a esperá-lo para saudá-lo na oração e para glorificar o Altíssimo.
Ante sua demora, começaram a ter medo. Tomando ânimo, um deles entrou, viu ao lado do altar sangue coagulado e ouviu uma voz que dizia:
— Zacarias foi morto e não se limpará o seu sangue até que chegue o vingador.
Ao ouvir a voz, encheu-se de temor e saiu para informar os sacerdotes que, tomando coragem, entraram e testemunharam o ocorrido. Então, os frisos do templo rangeram e eles rasgaram suas vestes de alto a baixo.
Não encontraram o corpo, somente a poça de sangue coagulado. Cheios de temor, saíram para informar a todo o povo que Zacarias havia sido assassinado. A notícia correu em todas as tribos de Israel, que o choraram e guardaram luto por três dias e três noites.
Concluído esse tempo, reuniram-se os sacerdotes para deliberar sobre quem iriam pôr em seu lugar. Recaiu a sorte sobre Simeão, pois, pelo Espírito Santo, havia sido assegurado de que não veria a morte até que lhe fosse dado contemplar o Messias Encarnado.

XXV

Eu, Tiago, escrevi esta história. Ao levantar-se um grande tumulto em Jerusalém, por ocasião da morte de Herodes, retirei-me ao deserto até que cessasse o motim, glorificando ao Senhor meu Deus, que me concedeu a graça e a sabedoria necessárias para compor esta narração.
Que a graça esteja com todos aqueles que temem a Nosso Senhor Jesus Cristo, para quem deve ser a glória

...

EVANGELHO DE BARTOLOMEU

I

Depois que Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos, acercou-se dele Bartolomeu e abordou-o desta maneira:
— Desvela-nos, Senhor, os mistérios dos céus.
Jesus respondeu-lhe:
— Se não me despojar deste corpo carnal não os poderei desvelar.
Bartolomeu, pois, acercando-se do Senhor, disse-lhe:
—Tenho algo a dizer-lhe, Senhor.
Jesus, por sua vez, respondeu:
— Já sei o que me vais dizer. Dize-me, pois, o que quiseres. Pergunta e eu te darei a razão.
Bartolomeu, então, falou:
— Quando ias no caminho da cruz, eu te segui de longe. E te vi a ti, dependurado no lenho, e os anjos que, descendo dos céus, te adoraram. Ao sobrevirem as trevas e eu estava a tudo contemplando. Eu vi como desapareceste da cruz e só pude ouvir os lamentos e o ranger de dentes que se produziram subitamente das entranhas da terra. Dize-me, Senhor, onde foste depois da cruz.
Jesus, então, respondeu desta forma:
— Feliz de ti, Bartolomeu, meu amado, porque te foi dado contemplar este mistério. Agora podes perguntar-me qualquer coisa que a ti ocorra, porque tudo dar-te-ei eu a conhecer. Quando desapareci da cruz, desci aos Infernos para dali tirar Adão e a todos que com ele se encontravam, cedendo às suplicas do arcanjo Gabriel.
Então disse Bartolomeu:
— E o que significa aquela voz que se ouviu?
Responde-lhe Jesus:
— Era a voz do Tártaro que dizia a Belial: a meu modo de ver, Deus se fez presente aqui. Quando desci, pois, com meus anjos ao Inferno para romper os ferrolhos e as portas de bronze, dizia ele ao Diabo: parece-me que é como se Deus tivesse vindo à terra. E os anjos dirigiram seus clamores às potestades, dizendo: levantai, ó príncipes, as portas e fazei correr as cortinas eternas, porque o Reino da Glória vai descer à terra. E o Inferno disse: quem é esse Rei da Glória que vem do céu a nós? Mas quando já havia descido quinhentos passos, o Inferno encheu-se de turbação e disse: parece-me que é Deus que baixa à terra, pois ouço a voz do Altíssimo e não o posso agüentar. E o Diabo respondeu: não percas o ânimo, Inferno; recobra teu vigor, que Deus não desce à terra. Quando voltei a baixar outros quinhentos passos, os anjos e potestades exclamaram: alçai as portas ao vosso Reino e elevai as cortinas eternas, pois es que está para entrar o Rei da Glória. Disse de novo o Inferno: ai de mim! Já sinto o sopro de Deus. E disse o Diabo ao Inferno: para que me assustas, Inferno? Se somente é um profeta que tem algo semelhante com Deus ... Apanhemo-lo e levemo-lo à presença desses que crêem que está subindo ao céu. Mas replicou o Inferno: e quem é entre os profetas? Informa-me. É, por acaso, Enoch, o escritor mui verdadeiro? Mas Deus não lhe permite baixar à terra antes de seis mil anos. Acaso te referes a Elias, o vingador? Mas este não poderá descer até o final do mundo. Que farei? Para nossa perdição, é chegado o fim de tudo, pois aqui tenho escrito em minha mão o número dos anos. Belial disse ao Tártaro: não te perturbes. Assegura bem teus poderes e reforça os ferrolhos. Acredita-me, Deus não baixa à terra. Responde o Inferno: não posso ouvir tuas belas palavras. Sinto que se me arrebenta o ventre e minhas entranhas enchem-se de aflição. Outra coisa não pode ser: Deus apresentou-se aqui. Ai de mim! Aonde irei esconder-me de seu rosto, da sua força do grande Rei? Deixa-me que me esconda em tuas entranhas, pois fui criado antes de ti. Naquele preciso momento, entrei. Eu o flagelei e o atei com correntes que não se rompem. Depois fiz sair a todos os Patriarcas e voltei novamente para a cruz.
— Dize-me, Senhor — disse-lhe Bartolomeu. — Quem era aquele homem de talhe gigantesco a quem os anjos levavam em suas mãos?
Jesus respondeu:
— Aquele era Adão, o primeiro homem que foi criado, a quem fiz descer do céu à terra. E eu lhe disse: por ti e por teus descendentes fui pregado na cruz. Ele, ao ouvir isso, deu um suspiro e disse: assim, rendo-me a ti, Senhor.
De novo disse Bartolomeu:
— Vi também os anjos que subiam diante de Adão e que entoavam hinos, mas um destes, o mais esbelto de todos, não queria subir. Tinha em suas mãos uma espada de fogo e fazia sinais somente a ti. Os demais rogavam que ele subisse ao céu, mas ele não queria. Quando, porém, tu o mandaste subir, vi uma chama que saia de suas mãos e que chegava à cidade de Jerusalém.
Disse Jesus:
— Era um dos anjos encarregados de vingar o trono de Deus. E estava suplicando a mim. A chama que viste sair de suas mãos feriu o edifício da sinagoga dos judeus para dar testemunho de mim, por terem eles me sacrificado.
Quando falou isso, disse aos apóstolos:
— Esperai-me neste lugar, porque hoje se oferece um sacrifício no paraíso e ali hei de estar para recebê-los.
Falou Bartolomeu:
— Qual é o sacrifício que se oferece hoje no paraíso?
Jesus respondeu:
— As almas dos justos, que saíram do corpo, vão entrar hoje no Éden e, se eu não estiver lá presente, não poderão entrar.
Bartolomeu continuou:
— Quantas almas saem diariamente deste mundo?
Disse-lhe Jesus:
— Trinta mil.—
Insistiu Bartolomeu:
— Senhor, quando te encontravas entre nós ensinando-nos tua palavra, recebia sacrifícios no paraíso?
— Respondeu-lhe Jesus:

— Em verdade te digo eu, meu amado, que, quando me encontrava entre vós ensinando-vos a palavra, estava simultaneamente sentado junto de meu Pai.
Disse-lhe Bartolomeu:
— Quantas almas nascem diariamente no mundo?
Responde-lhe Jesus:
— Uma só a mais do que as que saem do mundo.
Dizendo isto, deu-lhes a paz e desapareceu no meio deles.

II

1. Estavam os apóstolos em um lugar chamado Chiltura, com Maria, a Mãe de Jesus Cristo. Bartolomeu, acercando-se de Pedro, André e João, disse-lhes:
— Por que não pedimos à cheia de graça que nos diga como concebeu ao Senhor e como pôde carregar em seu seio e dar à luz o que não pôde ser gestado?
Eles vacilaram em perguntar-lhe.
Disse Bartolomeu a Pedro:
— Tu, como corifeu e nosso mestre que és, acerca-te e pergunta-lhe.
Mas, ao ver todos vacilantes e em desacordo, Bartolomeu acercou-se dela e disse:
— Deus te salve, Tabernáculo do Altísimo; aqui viemos todos os apóstolos a perguntar-te como concebeste ao que é incompreensível, e como carregaste em teu seio aquele que não pôde ser gestado, ou como, enfim, deste à luz tanta grandeza.
Maria respondeu:
— Não me interrogueis acerca deste mistério. Se começar a falar-vos dele, sairá fogo de minha boca e consumirá toda a terra.
Eles insistiram e Maria, não querendo dar-lhes ouvidos, disse:
— Oremos.—
Os apóstolos puseram-se de pé atrás de Maria.
Esta disse a Pedro:
— E tu, Pedro, que és chefe e grande pilar, estás de pé atrás de nós? Pois não disse o Senhor que a cabeça do varão é Cristo e a da mulher é o varão?'
Eles replicaram:
— O Senhor plantou sua tenda em ti e em tua pessoa houve por bem ser contido. Tu deves ser nossa guia na oração.
Maria, então, disse-lhes:
— Vós sois estrelas brilhantes do céu. Vós sois os que devem orar.
Disseram eles:
— Tu deves orar, pois que sois a Mãe do Rei Celestial.
Maria colocou-se diante deles e elevando as mãos aos céus começou a dizer:
— Ó Deus, tu que és o Grande, o Sapientíssimo, o Rei dos séculos, inexplicável, inefável, aquele que com uma palavra deu consistência às magnitudes siderais, aquele que fundamentou em afinada harmonia a excelsitude do firmamento, aquele que separou a obscuridade tenebrosa da luz, aquele que alicerçou em um mesmo lugar os mananciais das águas; tu que deste base à terra, tu que não podendo ser contido nos sete céus, te dignaste a ser contido em mim sem dor alguma, sendo Verbo Perfeito do Pai, por quem todas as coisas foram feitas; da glória, Senhor, a teu magnífico nome, manda-me falar na presença de teus santos apóstolos.
Terminada a oração, disse:
— Sentemo-nos no chão e vem tu, Pedro, que és o chefe. Senta-te à minha direita e apoia com tua esquerda meu braço. Tu, André faz o mesmo do lado esquerdo. Tu, João, que és virgem, segura meu peito. E tu, Bartolomeu, põe-te de joelhos atrás de mim e apóia minhas costas para que, ao começar falar, meus ossos não se desarticulem.
Quando fizeram isso, começou ela a falar:
— Estando eu no templo de Deus, aonde recebia alimento das mãos de um anjo, apareceu-me certo dia uma figura que me pareceu ser angélica. Mas seu semblante era indescritível, e não levava nas mãos nem o pão nem o cálice, como o anjo que anteriormente tinha vindo a mim. Eis que de repente, rasgou-se o véu do templo e sobreveio um grande terremoto. Joguei-me por terra, não podendo suportar o semblante do anjo, mas ele estendeu-me sua mão e levantou-me. Olhei para o céu e vi uma nuvem de orvalho que aspergiu-me da cabeça aos pés. Então ele enxugou-me com o seu manto e disse-me: salve, cheia de graça, cálice da eleita. Deu, então, um golpe com sua mão direita e apareceu um pão muito grande, que colocou sobre o altar do templo. Comeu em primeiro lugar e em seguida deu-o a mim também. Deu outro golpe com a ourela esquerda de sua túnica e apareceu um cálice muito grande e cheio de vinho. Bebeu em primeiro lugar e em seguida deu-o a mim também. E meus olhos viram um cálice transbordante e um pão. Disse-me, então: ao cabo de três anos, eu te dirigirei novamente minha palavra e conceberás um filho pelo qual será salva toda a criação. Tu és o cálice do mundo. A paz esteja contigo, minha amada, e minha paz te acompanhará sempre. Após isto, desapareceu de minha presença, ficando o templo como estava anteriormente.
Ao terminar de falar, começou a sair fogo de sua boca. Quando o mundo estava para ser destruído, apareceu o Senhor que disse a Maria:
— Não desveles este mistério, porque se o fizerdes no dia de hoje sofrerá a criação inteira um cataclismo.
Os apóstolos, consternados, temeram que o Senhor pudesse irar-se contra eles.

III

O Senhor caminhou com eles até o Monte Moria e se sentou no meio deles. Como tinham medo, hesitavam em perguntar-lhe. Jesus incitou-os:
— Perguntai-me o que quiserdes, pois dentro de sete dias partirei para o meu Pai e já não estarei visível a vós nesta forma.
Eles, vacilantes, disseram:

— Permite-nos ver o abismo, como nos prometeste.
Respondeu Jesus:
— Melhor seria para vós não verdes o abismo; mas, se o queres, segui-me e o vereis.
Ele os conduziu ao local chamado Cherudik, cujo significado é lugar de verdade, e fez um sinal aos anjos do Ocidente. A terra abriu-se como um livro e o abismo apareceu. Ao vê-lo, os apóstolos prostraram-se em terra, mas o Senhor os ergueu dizendo:
— Não vos dizia, há pouco, que não vos faria bem verdes o abismo?'
Jesus tomou-os de novo e pôs-se a caminho do monte das Oliveiras. Pedro disse a Maria:
— Oh tu, cheia de graça, roga ao senhor que nos revele os arcanjos celestiais.
Maria respondeu a Pedro:
— Oh tu, pedra escolhida por acaso não prometeu ele fundar sua Igreja sobre ti?
Pedro insistiu:
— A ti, que és um amplo tabernáculo, cabe perguntar.
Disse Maria:
— Tu és a imagem de Adão e este não foi formado da mesma maneira que Eva. Observa o sol e vê que, tal qual Adão, ele se avantaja em brilho aos demais astros. Observa também a lua e vê como está enodoada pela transgressão de Eva. Porque pôs Adão ao oriente e Eva ao Ocidente, ordenando a ambos que ofereçam a face mutuamente.
Quando chegaram ao cimo do monte o Senhor afastou-se um pouco deles, e Pedro disse a Maria:
— Tu és aquela que desfez a infração de Eva, transformando-a de vergonha em regozijo.
Quando Jesus retornou, disse-lhe Bartolomeu:
— Senhor, mostra-nos o inimigo dos homens para que vejamos quem é e quais são suas obras, já que nem mesmo de ti se apiedou, fazendo-te pender do patíbulo.
Jesus, fixando nele seu olhar, disse-lhe:
— Teu coração é duro. Não te é dado ver isso que pedes.
Então, Bartolomeu, todo agitado, caiu aos pés de Jesus, dizendo:
— Jesus Cristo, chama inextinguível, criador da luz eterna, tu que hás dado a graça universal a todos os que te amam e que nos hás outorgado por meio da Virgem Maria o fulgor perene da tua presença neste mundo, concede-nos o nosso desejo.
Quando Bartolomeu acaba de falar, o Senhor ergueu-se dizendo:
— Vejo que é teu desejo ver o adversário dos homens. Mas lembra-te que, ao fitá-lo, não apenas tu mas também os demais apóstolos e Maria caireis por terra e ficareis como mortos.
Mas todos lhe disseram:
— Senhor, vejamo-lo.
Então fê-los descer do monte das Oliveiras. E, havendo lançado um olhar enfurecido aos anjos que custodiavam o Tártaro, ordenou a Micael que fizesse soar a trombeta fortemente. Quando este o fez, Belial subiu aprisionado por 6 064 anjos e atado com correntes de fogo.
O dragão tinha de altura mil e seiscentos côvados e de largura, quarenta. Seu rosto era como uma centelha e seus olhos, tenebrosos. Do seu nariz saía uma fumaça mal-cheirosa e sua boca era como a face de um precipício.
Ao vê-lo, os apóstolos caíram por terra sobre os rostos e ficaram como que mortos. Jesus acercou-se deles, ergueu-os e infundiu-lhes ânimo.
Disse a Bartolomeu:
— Pisa com teu próprio pé sua cerviz e pergunta-lhe quais foram suas obras até agora e como engana os homens.
Jesus estava de pé com os demais apóstolos. Bartolomeu, temeroso, ergueu a voz e disse:
— Bendito seja desde agora e para sempre o nome de teu reino imortal.
Quando ele acabou de dizer isso, Jesus o exortou de novo:
— Anda, pisa a cerviz de Belial.
Bartolomeu caminhou apressadamente para Belial e pisou-lhe o pescoço, deixando-o a tremer.
Bartolomeu fugiu assustado, dizendo:
— Deixa-me pegar a borda de tuas vestes para que me atreva a aproximar-me dele.
Jesus respondeu-lhe:
— Não podes tocar a fímbria das minhas vestes porque não são as mesma que eu tinha antes de ser crucificado.
Disse-lhe Bartolomeu:
— Tenho medo, Senhor, de que, assim como não se compadeceu dos anjos, da mesma maneira me esmague também a mim.
Respondeu Jesus:
— Mas por acaso não se acertaram todas as coisas graças à minha palavra e à inteligência de meu Pai? A Salomão se submeteram os espíritos. Vai tu, pois, em meu nome, e pergunta-lhe o que quiseres.
Ao fazer Bartolomeu o sinal da cruz e orar a Jesus, irrompeu um incêndio e as vestes do apóstolo foram tomadas pelas chamas.
Disse-lhe então Jesus de novo:
— Pisa, como te disse, na cerviz, de maneira que possas perguntar-lhe qual é o seu poder.
Bartolomeu, pois, se foi e pisou-lhe a cerviz, que trazia oculta até as orelhas, dizendo-lhe:
— Dizei-me quem és tu e qual é teu nome.
Bartolomeu, afrouxou-lhe um pouco as ligaduras e lhe disse:
— Conta tudo quanto tens feito.
Respondeu Belial:
— A princípio me chamava Satanail, que quer dizer mensageiro de Deus, Mas, desde que não reconheci a imagem de Deus, meu nome foi mudado para Satanás, que quer dizer anjo guardião do tártaro.
Bartolomeu falou de novo:
— Conta tudo sem nada ocultar.
Ele respondeu:
— Juro-te pela glória de Deus que, ainda que quisesse ocultá-lo, ser-me-ia impossível. Está aqui presente aquele que me acusa. E se me fosse possível vos faria desaparecer a todos da

mesma maneira que o fiz com aquele que pregou para vós. Também fui chamado primeiro anjo porque, quando Deus fez o céu e a terra, apanhou um punhado de fogo e formou-me a mim primeiro e o segundo foi Micael, e o terceiro Gabriel, e o quarto Rafael, e o quinto Uriel, o sexto Xathsnael e assim outros seis mil anjos, cujos nomes me é impossível pronunciar, pois são os lictores de Deus e me flagelam sete vezes a cada dia e sete vezes a cada noite. Não me deixam um momento e são os encarregados de minar minhas forças. Os anjos vingadores são estes que estão diante do trono de Deus. Eles foram criados primeiro. Depois destes foi criada a multidão dos anjos: no primeiro céu há cem miríades; no segundo, cem miríades; no terceiro, cem miríades; no quarto, cem miríades; no quinto, cem miríades, no sexto, cem miríades; no sétimo, cem miríades. Fora do âmbito dos sete céus está o primeiro firmamento, onde residem as potestades que exercem sua atividade sobre o homem. Há também outros quatro anjos: Um é Bóreas, cujo nome é Vroil Cherum, tem na mão uma vara de fogo e neutraliza a força que a umidade exerce sobre a terra, para que esta não chegue a secar. Outro anjo está no Aquilon e seu nome é Elvisthá. Etalfatha tem a ser cargo o Aquilon. E ambos, ele e Mauch, que está na Bóreas, mantêm em suas mãos tochas incendiadas e varas de fogo para neutralizar o frio, o frio dos ventos, de maneira que a terra não se resseque e o mundo não pereça. Cedor cuida do Austro, para que o sol não perturbe a terra, pois Levenior apaga a chama que sai da boca daquele, para que a terra não seja abrasada. Há outro anjo que exerce domínio sobre o mar e reduz o empuxo das ondas. O mais não estou a revelar.

Insistiu Bartolomeu:

— Anda dize-me, malfeitor e mentiroso, ladrão desde o berço, cheio de amargura, engano, inveja e astúcia, velho réptil, trapaceiro, lobo rapace, como te arrumas para induzir os homens a deixar o Deus vivo, criador de todas as coisas, que fez o céu e a terra e tudo que neles está contido? Pois és sempre inimigo do gênero humano.

Disse o Anticristo:

— Dir-te-ei. Es aqui uma roda que sobe do abismo e tem sete facas de fogo. A primeira delas tem doze canais.

Perguntou-lhe Bartolomeu:

— Quem está nas facas?

Respondeu o Anticristo:

— No canal ígneo da primeira faca ficam os inclinados ao sortilégio, à adivinhação e à arte de encantamento e também os que neles crêem e o buscam, já que por malícia de seu coração buscaram adivinhações falsas. No segundo canal de fogo vão os blasfemos, que maldizem de Deus, de seu próximo e das Escrituras. Também ficam ai os feiticeiros e os que os buscam e lhes dão crédito. Entre os meus encontram-se também os suicidas, os que se lançam à água, ou se enforcam, ou se ferem com a espada. Todos esses estarão comigo. No terceiro canal vão os homicidas, os que se entregam à idolatria e os que se deixam dominar pela avareza ou pela inveja, que foi o que me arrojou do céu à terra. Nos demais canais vão os perjuros, os soberbos, os ladrões, os que desprezam os peregrinos, os que não dão esmolas, os que não ajudam os encarcerados, os caluniadores, os que não amam o próximo e os demais pecadores que não buscam a Deus ou o servem debilmente. A todos esses eu os submeto ao meu arbítrio.

Tornou, então, Bartolomeu:

— Dize-me, diabo mentiroso e insincero! Fazes tu essas coisas pessoalmente ou por intermédio de teus iguais?

Respondeu-lhe o Anticristo:

—Oh se eu pudesse sair e fazer essas coisas por mim mesmo! Em três dias destruiria o mundo inteiro. Desgraçadamente, porém, nem eu nem nenhum dos que foram arrojados juntamente comigo podemos sair. Temos, todavia, outros ministros mais fracos que, por sua vez, atraem outros colegas ao quais emprestamos nossa vestimentas e mandamos semear insídias que enredem as almas dos homens com muita suavidade, afagando-as, para que se deixem dominar pela embriaguez, a avareza, a blasfêmia, o homicídio, o furto, a fornicação, a apostasia, a idolatria, o abandono da Igreja, o desprezo da Cruz, o falso testemunho, enfim, tudo o que Deus abomina. Isso é o que nós fazemos. A uns nós os deitamos ao fogo. A outros, nós os lançamos das árvores para que se afoguem. A uns rompemos pés e mãos e a outros lhes arrancamos os olhos. Estas e outras coisas são o que fazemos. Oferecemos ouro e prata e tudo mais que é cobiçável no mundo e àqueles que não conseguimos que pequem despertos fazemo-los pecar adormecidos. Também direi os nomes dos anjos de Deus que nos são contrários. Um deles chama-se Mermeoth, que é o que domina as tempestades. Meus satélites o conjuram e ele lhe dá permissão para que habitem onde queiram; mas ao voltar se incendeiam. Há outros cinqüenta anjos que têm debaixo do seu poder o raio. Quando algum espírito, dentre os nossos, quiser sair pelo mar ou pela terra, esses anjos desferem contra ele uma descarga de pedra. Com isso ateiam o fogo e fazem fender as rochas e as árvore. E quando conseguem dar conosco nos perseguem, obedecendo ao mandato daquele a quem servem. Graças a esse mandato, tu podes exercer poder sobre mim, pelo que me vejo obrigado, muito a meu pesar, a revelar-te o segredo e as coisas que não pensava dizer-te.

Continuou Bartolomeu:

— Que tens feito e o que continuas fazendo ainda? Revela-me, Satanás!

Este respondeu:

— Tinha pensado não confessar-te todo o segredo, mas, por aquele que preside ao Universo, cuja cruz me lançou ao cativeiro, não posso ocultar-te nada.

Disse o Senhor Jesus a Bartolomeu:

— Afrouxa-lhes as ligaduras e ordena-lhe que retorne a seu lugar até a vinda do Senhor. Quanto ao mais, já me encarregarei eu mesmo de revelar-vos. Porque é necessário nascer de novo

para que aqueles que passaram pela prova possam entrar no Reino dos céus, de onde foi expulso este inimigo por sua soberba, juntamente com aqueles de cujo conselho se servia.
Após isso, disse o apóstolo Bartolomeu ao Anticristo:
— Volta condenado e inimigo dos homens, ao abismo até a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual há de vir julgar os vivos e mortos e ao mundo inteiro por meio do fogo e a condenar-te a ti e a todos os teus semelhantes. Não tentes daqui em diante continuar praticando isso que foste obrigado a revelar.
Satanás, lançando vozes misturadas com rugidos e gemidos, disse:
— Ai de mim, que tenho me servido de mulheres para enganar a tantos e acabei por ser burlado por uma virgem! Agora vejo-me aferrolhado e atado com cadeias de fogo pelo seu filho e estou ardendo de péssima maneira. Ó virgindade, que estás sempre contra mim! Ainda não se passaram os sete mil anos. como, pois, me vi condenado a confessar as coisas que acabo de dizer?
O apóstolo Bartolomeu, admirando a audácia do inimigo e confiando no poder do salvador, disse a Satã:
— Dize-me, imundíssimo demônio, a causa pela qual foste banido do mais alto do céu. Pois prometeste revelar-me tudo.
Respondeu o Diabo:
— Quando Deus se propôs a formar Adão, pai dos homens, à sua imagem, ordenou a quatro anjos que trouxessem terra das quatro partes do globo e água dos quatro rios do paraíso. Eu estava no mundo naquela ocasião e o homem passou a ser um animal vivente nos quatros rincões da terra onde eu estava. Então Deus o abençoou porque era sua imagem. Depois vieram render-lhe suas homenagens Micael, Gabriel e Uriel. Quando voltei ao mundo, disse-me o arcanjo Micael: adora essa figura que Deus fez segundo sua vontade. Eu me dei conta de que a criatura havia sido feita de barro e disse: eu fui feito de fogo e água e antes do que este. Eu não adoro o barro da terra. De novo me disse Micael: adora-o, antes que o Senhor se aborreça contigo. Eu repliquei: o Senhor não se irritará comigo. Eu vou colocar meu trono contra o dele. Então Deus enfureceu-se comigo, mandou abrir as comportas do céu e me arrojou à terra. Depois que fui expulso, perguntou o Senhor aos demais anjos que estavam às minhas ordens se se dispunham a render-se diante da obra que havia feito com suas mãos e eles disseram: assim como vimos que nosso chefe não dobrou sua cerviz, da mesma maneira não adoraremos um ser inferior a nós. Naquele momento mesmo foram eles expulsos como eu. Ficamos adormecidos durante um período de quarenta anos. Ao despertar, percebi que dormiam os que estavam abaixo de mim e os despertei, seguindo meu capricho. Depois discuti com eles uma forma de lograr o homem por cuja causa fui expulso do céu. Tomada a resolução, descobri como podia seduzí-lo. Tomei em minhas mãos umas folhas de figueira, enxuguei com elas o suor do meu peito e das minhas axilas e atirei-as ao rio. Eva, então, ao beber daquela água, conheceu o desejo carnal e o ofereceu ao marido. A ambos pareceu doce o sabor e não deram conta do amargo de haverem prevaricado. Se não houvessem bebido dessa água, jamais poderia eu enredá-los, pois outro meio eu não tinha para poder superá-los senão esse.
O apóstolo Bartolomeu pôs-se a orar, dizendo :
— Oh, Senhor Jesus cristo! Ordena-lhe que entre no Inferno porque se mostra insolente comigo.
Disse Jesus Cristo a Satã:
—Vai, desce ao abismo e fica ali até minha chegada.
No mesmo instante o Diabo desapareceu.
Bartolomeu, caindo aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, começou a dizer, banhado em lágrimas:
— Abba! Pai! Tu que continuas sendo único e glorioso Verbo do Pai, por que foram feitas todas as coisas; tu, a quem não te puderam conter os sete céus e que tiveste por habitar o seio de uma Virgem; a quem a Virgem gerou e deu à luz sem dor; tu, Senhor, elegeste aquela a quem verdadeiramente pudeste chamar mãe, rainha e escrava. Mãe, porque por ela te dignaste descer e dela tomaste carne mortal. E rainha porque a constituíste rainha das virgens. Tu que chamas os quatro rios e eles obedecem tuas ordens e se apressam a servi-te. O primeiro, o rio dos Filósofos, para a unidade da Igreja e da Fé, que foi revelada no mundo. O segundo, o Geon, porque foi feito da terra, ou também pelos dois testamentos. O terceiro, o tigre, porque aos que cremos no Pai, no Filho e no Espirito Santo, Deus único por quem foram feitas todas as coisas no céu e na terra, nos foi revelada a Trindade sempiterna, que está nos céus. O quarto, o Eufrates, porque tu te dignaste saciar toda alma vivente por meio do banho da regeneração, que representava a imagem dos Evangelhos que correm por toda a órbita da Terra e que te dignaste anunciar por teus servos, para que, por meio da confissão e da fé, sejam salvos todos os que crêem em teu nome grande e terrível e em teus santos Evangelhos, de maneira que possam alcançar a vida que ainda não possuem.
Continuou Bartolomeu:
— É lícito revelar estas coisas a todos os homens.
Disse-lhe Jesus:
— Pode dá-las a conhecer a todos que sejam crentes e observem este mistério que acabo de desvendar-vos. Pois entre os gentios há alguns que são idólatras, ébrios, fornicadores, maldosos, feiticeiros, malvados, que seguem as artimanhas do inimigo e que odeiam o próximo. Todos esses não são dignos de ouvir esse mistério. Mas são dignos de ouvi-lo todos os que guardam meus mandamentos, os que recebem em si as palavras de Vida eterna que não têm fim, e todos os que têm fim, e todos os que têm parte nos céus com os Santos, justos e fiéis no reino do meu Pai. Todos aquele que se hajam conservado imunes ao erro da iniquidade e hajam seguindo o caminho da salvação e da justiça, devem ouvir

este mistério. E tu, Bartolomeu, és feliz, juntamente a tua geração.
Bartolomeu, ao escrever todas essas coisas que ouviu dos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrou toda sua alegria no rosto e bendisse o Pai, o Filho e o Espirito Santo, dizendo:
— Glória a Ti, Senhor, redentor dos pecadores, vida dos justo, amante da castidade.
O Senhor disse, então, batendo no peito:
— Eu, sou bom, manso e benigno, misericordioso e clemente, forte e justo, admirável e santo, médico e defensor de órfãos e viúvas, remunerador dos justos e fiéis, juiz de vivos e mortos, luz de luz e resplendor da claridade, consolador dos atribulados e cooperador dos pupilos; Alegrai-vos comigo, amigos meus, e recebei meu presente. Hoje vou dar-vos um dom celeste. A todos os que em mim tenham depositado suas aspiração e sua fé, e a vós, estou galardoando com a vida eterna.
Bartolomeu e os demais apóstolos puseram-se a glorificar o Senhor Jesus, dizendo:
— Glória a ti, pai dos céus, rei da vida eterna, foco de luz inextinguível, sol radiante e resplendor da claridade perpétua, reis dos reis, senhor dos senhores. A ti seja dada a magnificência, a glória, o império, o reino, a honra e o poder, juntamente com o Pai e o Espirito Santo. Bendito seja o Senhor Deus de Israel porque nos visitou e redimiu seu povo da mão de seus inimigos e usou conosco de misericórdia e justiça. Louvai a Nosso Senhor Jesus Cristo todas as nações e crede que ele é o juiz de vivos e mortos e o salvador dos fiéis. O qual vive e reina, juntamente com o Pai e o Espirito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO PEDRO

Este é considerado o quinto Evangelho, escrito por Pedro, segundo relatos feitos por Nossa Senhora. Publicado pela primeira vez em 1677, conta com verões e, grego, latim, armênio e árabe.
Muita gente se indaga ainda hoje porque os Evangelhos da Bíblia não falam da infância e juventude de Cristo. Isso tem provocado inúmeras especulações, inclusive algumas que citam que o Mestre exilou-se junto aos monges do Tibete ou conviveu com os essênios, com cujos mestres instruiu-se. Admitir isso é negar a divindade de Cristo, pois se ele precisou de um mestre, seria mais lógico que, hoje em dia, adorássemos o seu mestre e não ele, o aprendiz. Isso fica bem claro nas passagens XLVIII e XLIX. Nesta narrativa, há maiores detalhes sobre o encontro de Jesus com os sábios, no templo de Jerusalém, além de suas brincadeiras com as outras crianças e seu trabalho na companhia de José.
Nas notas de rodapé, apresentamos trechos do Evangelho Armênio da Infância, uma versão ampliada do Evangelho da Infância, onde algumas passagens extras esclarecem momentos importantes da vida de Jesus. Esses livros foram considerados apócrifos pela Igreja, isto é, sem a inspiração divina, e excluídos dos textos originais que formaram, ao longo do tempo, a atual Bíblia. Quais foram os critérios utilizados para selecionar os livros inspirados divinamente foi algo que até hoje a Igreja não explicou de modo convincente. O que se sabe é que há relatos sobre a infância de Cristo, sobre a Natividade, sobre São José e outras, que não são aceitas como textos sagrados, muito embora contenham narrativas que completam diversas lacunas nos textos considerados sagrados.

O Evangelho da Infância mostra, de modo sensível e belo, o que foi a infância de Nosso Senhor Jesus Cristo, que desde a mais tenra idade já manifestava sua santidade. É um texto que encanta pela sua beleza, pela singeleza e pelas situações que retratam, onde o Cristo surge como a criança que foi, muito embora sua divindade o levasse a gestos inusitados, mas marcados pela sabedoria precoce e pela coerência de seus atos.

A INFÂNCIA DE CRISTO

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Deus único.
Com o auxílio e a ajuda do Deus todo poderoso, começamos a escrever o livro dos milagres de nosso Salvador, Mestre e Senhor Jesus Cristo, que se intitula o Evangelho da Infância, conforme narrado por Maria, sua mãe, na paz do Nosso Senhor e Salvador. Que assim seja.

I. Palavras de Jesus no Berço

Encontramos no livro do grande sacerdote Josefo que viveu no tempo de Jesus Cristo, e que alguns chamam de Caifás, que Jesus falou quando estava no berço e que disse a sua mãe Maria:
— Eu, que nasci de ti, sou Jesus, o filho de Deus, o Verbo, como te anunciou o anjo Gabriel, e meu Pai me enviou para a salvação do mundo.

II. Viagem a Belém

No ano de 309 da era de Alexandre, Augusto ordenara que todos fossem recenseados em sua cidade natal. José partiu, então, conduzindo Maria, sua esposa. Vieram a Jerusalém, de onde se dirigiram a Belém para inscreverem-se no local onde ele havia nascido. Quando estavam próximos a uma caverna, Maria disse a José que sua hora havia chegado e que não poderia ir até a cidade.
— Entremos nesta caverna — disse ela.
O sol estava começando a se pôr. José apressou-se em procurar uma mulher que assistisse Maria no parto e encontrou uma anciã que vinha de Jerusalém.
Saudando-a, disse-lhe:
— Entra na caverna onde encontrarás uma mulher em trabalho de parto.

III. A Parteira de Jerusalém

Após o pôr-do-sol, José chegou com a anciã à caverna e eles entraram. Eis que a caverna estava resplandecendo com uma claridade que superava a de uma infinidade de labaredas e brilhava mais do que o sol do meio-dia. A criança, enrolada em fraldas e deitada numa manjedoura, mamava no seio da mãe. Ambos ficaram surpresos com o aspecto daquela claridade e a anciã disse a Maria:
— És tu a mãe desta criança?
Ao responder afirmativamente Maria, disse-lhe:
— Não és semelhante às filhas de Eva.
Respondeu Maria respondeu:
— Assim como entre as crianças dos homens não há nenhuma que seja semelhante ao meu filho, assim também sua mãe não tem par entre todas as mulheres.
A anciã disse então:
— Senhora e ama, vim para receber uma recompensa que perdurará para todo o sempre.
Maria lhe disse, então:
— Põe tuas mãos sobre a criança.
Quando a anciã o fez, foi purificada. Ao sair, ela disse:
— A partir deste momento, eu serei a serva desta criança e quero consagrar-me a seu serviço, por todos os dias da minha vida.

IV. A Adoração dos Pastores

Em seguida, quando os pastores chegaram e acenderam o fogo, entregando-se à alegria, as cortes celestes apareceram, louvando e celebrando o Senhor, a caverna parecia-se com um templo augusto, onde reis celestiais e terrestres celebravam a glória e os louvores de

Deus por causa da natividade do Senhor Jesus Cristo. E esta anciã hebréia, vendo estes milagres resplandecentes, rendia graças a Deus, dizendo:
— Eu te rendo graças, ó Deus, Deus de Israel, porque os meus olhos viram a natividade do Salvador do mundo.

V. A Circuncisão

Quando chegou o tempo da circuncisão, isto é, o oitavo dia, época na qual o recém-nascido deve ser circuncidado segundo a lei, eles o circuncidaram na caverna e a velha anciã recolheu o prepúcio e colocou-o em um vaso de alabastro, cheio de óleo de nardo velho. Como tivesse um filho que comercializava perfumes, Maria deu-lhe o vaso, dizendo:
— Muito cuidado para não vender este vaso cheio de perfume de nardo, mesmo que te ofereçam trezentos dinares.
E este é o vaso que Maria, a pecadora, comprou e derramou sobre a cabeça e sobre os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, enxugando-os com seus cabelos.
Quando dez dias se haviam passado, eles levaram a criança para Jerusalém e, ao término da quarentena, eles o apresentaram no templo do Senhor, oferecendo por ele as oferendas prescritas pela lei de Moisés, que diz:
— Toda criança do sexo masculino que sair de sua mãe será chamada o santo de Deus.

VI. Apresentação no Templo

O velho Simeão viu o menino Jesus resplandecente de claridade como um facho de luz, quando a Virgem Maria, cheia de alegria, entrou com ele em seus braços. Uma multidão de anjos rodeava-o, louvando-o e acompanhando-o, assim como os satélites de honra seguem seu rei. Simeão, pois, aproximando-se rapidamente de Maria e estendendo suas mãos para ela, disse ao Senhor Jesus:
— Agora, Senhor, teu servo pode retirar-se em paz, segundo tua promessa, pois meus olhos viram tua misericórdia e o que preparaste para a salvação de todas as nações, luz de todos os povos e a glória de teu povo de Israel.
A profetisa Ana também estava presente, rendia graças a Deus e celebrava a felicidade de Maria.

VII. A Adoração dos Magos

Aconteceu que, enquanto o Senhor vinha ao mundo em Belém, cidade da Judéia, Magos vieram de países do Oriente a Jerusalém, tal como havia predito Zoroastro, e traziam com eles presentes: ouro, incenso e mirra. Adoraram a criança e renderam-lhe homenagem com seus presentes. Então Maria pegou uma das faixas, nas quais a criança estava envolvida, e deu-a aos magos que receberam-na como uma dádiva de valor inestimável. Nesta mesma hora, apareceu-lhes um anjo sob a forma de uma estrela que já lhes havia servido de guia, e eles partiram, seguindo sua luz, até que estivessem de volta a sua pátria.

VIII. A Chegada Dos Magos à sua Terra

Os reis e os príncipes apressaram-se em se reunir em torno dos magos, perguntando-lhes o que haviam visto e o que havia feito, como haviam ido o como haviam voltado e que companheiros eles haviam tido então durante a viagem. Os magos mostraram-lhes a faixa que Maria lhes havia dado. Em seguida, celebraram uma festa, acenderam o fogo segundo seus costumes, adoraram a faixa e a jogaram nas chamas. As chamas envolveram-na.
Ao apagar-se o fogo, eles retiraram o pano e viram que as chamas não haviam deixado nele nenhum vestígio. Eles se puseram então a beijá-lo e a colocá-lo sobre suas cabeças e sobre seus olhos, dizendo:
— Eis certamente a verdade! Qual é pois o preço deste objeto que o fogo não pode nem consumir nem danificar?
E pegando-o, depositaram-no com grande veneração entre seus tesouros.

IX. A Cólera de Herodes

Herodes, vendo que os magos não retornavam a visitá-lo, reuniu os sacerdotes e os doutores e disse-lhes:
— Mostrai-me onde deve nascer o Cristo.
Quando responderam que era em Belém, cidade da Judéia, Herodes pôs-se a tramar, em seu espírito, o assassinato do Senhor Jesus. Então um anjo apareceu a José, durante o sono, e disse-lhe:
— Levanta-te, pegue a criança e sua mãe e foge para o Egito.
Quando o galo cantou, José levantou-se e partiu.

X. Fuga para o Egito

Enquanto ele refletia sobre o caminho que ele devia seguir, a aurora o surpreendeu. A correia da sela se havia rompido ao se aproximarem de uma grande cidade, onde havia um ídolo, ao qual os outros ídolos e divindades do Egito rendiam homenagem e ofereciam presentes. Sempre que Satã falava pela boca do ídolo, os sacerdotes relatavam o que ele dizia aos habitantes do Egito e de suas margens.
Um sacerdote tinha um filho de trinta anos que estava possuído por um grande número de demônios. Ele profetizava e anunciava muitas coisas. Quando os demônios se apossavam dele, rasgavam suas roupas e ele corria nu pela cidade, jogando pedras nos homens.

A hospedaria dessa cidade ficava perto deste ídolo. Quando José e Maria lá chegaram e se hospedaram, os habitantes ficaram profundamente perturbados e todos os príncipes e sacerdotes dos ídolos se reuniram ao redor desse ídolo, perguntando-lhe:

— De onde vem esta agitação universal e qual é a causa deste pavor que se apoderou de nossos país?
O ídolo respondeu:
— Esse assombro foi trazido por um Deus desconhecido, que é o Deus verdadeiro, e ninguém a não ser ele é digno das honras divinas, pois ele é o verdadeiro Filho de Deus. À sua aproximação, esta região tremeu. Ela se emocionou e se assombrou e nós sentimos um grande temor por causa do seu poder.
Neste momento, esse ídolo caiu e quebrou-se, tal como os outros ídolos que estavam no país. Sua queda fez acorrerem todos os habitantes do Egito.

XI. A Cura do Menino Endemoninhado

O filho do sacerdote, acometido do mal que o afligia, entrou no albergue insultando José e Maria, já que os outros hóspedes haviam fugido. Como Maria havia lavado as fraldas do Senhor Jesus e as estendera sobre umas madeiras, o menino possuído pegou uma das fraldas e colocou-a sobre sua cabeça. Imediatamente os demônios fugiram, saindo pela boca, e foram vistos sob a forma de corvos e serpentes. O menino foi curado instantaneamente pelo poder de Jesus Cristo e se pôs a louvar o Senhor que o havia libertado e rendeu-lhe mil ações de graça. Quando seu pai viu que ele havia recobrado a saúde, exclamou, admirado:
— Meu filho, mas o que te aconteceu e como foste tu curado?"
O filho respondeu:
— No momento em que me atormentavam, eu entrei na hospedaria e lá encontrei uma mulher de grande beleza, que estava com uma criança. Ela estendia sobre umas madeiras as fraldas que acabara de lavar. Eu peguei uma delas e coloquei-la sobre minha cabeça e os demônios fugiram imediatamente e me abandonaram.
O pai, cheio de alegria, exclamou:
— Meu filho, é possível que essa criança seja o Filho do Deus vivo que criou o céu e a terra e, assim que passou por nós, o ídolo partiu-se, os simulacros de todos os nossos deuses caíram e uma força superior à deles destruiu-os.

XII. Os Temores da Sagrada Família

Assim se cumpriu a profecia que diz:
— Chamei o meu filho do Egito.
Quando José e Maria souberam que esse ídolo se havia quebrado, foram tomados de medo e de espanto e diziam:
— Quando estávamos na terra de Israel, Herodes queria que Jesus morresse e, com esta intenção, ele ordenou o massacre de todas as crianças de Belém e das vizinhanças. É de se temer que os egípcios nos queimem vivos, se eles souberem que esse ídolo caiu.

XIII. Os Salteadores

Eles partiram e passaram nas proximidades do covil de ladrões, que despojavam de suas roupas e pertences os viajantes que por ali passavam e, após tê-los amarrado, os arrastavam pelo deserto. Esses ladrões ouviram um forte ruído, semelhante ao do rei que saiu de sua capital ao som dos instrumentos musicais, escoltado por grande exército e por uma numerosa cavalaria. Apavorados, então, deixaram ali todo o seu saque e apressaram-se em fugir. Os cativos, levantando-se, cortaram as cordas que os prendiam e, tendo retomado sua bagagem, iam retirar-se, quando viram José e Maria que se aproximavam e perguntaram-lhes:
— Onde está este rei cujo cortejo, com seu barulho, assustou os ladrões a ponto de eles terem e nos libertado?
José respondeu:
— Ele nos segue.

XIV. A Endemoninhada

Chegaram em seguida a outra cidade, onde havia uma mulher endemoninhada. Quando ela ia buscar água no poço durante a noite, o espírito rebelde e impuro apossava-se dela. Ela não podia suportar nenhuma roupa, nem morar em uma casa. Todas as vezes que a amarravam com cordas e correntes, ela as partia e fugia nua para locais desertos. Ficava nas estradas e perto de sepulturas, perseguindo e apedrejando aqueles que encontrava no caminho, de forma que ela era, para seus pais, motivo de luto.
Maria viu-a e foi tomada de compaixão. Imediatamente Satã a deixou e fugiu sob a forma de um jovem rapaz, dizendo:
— Infeliz de mim, por tua causa, Maria, e por causa do teu filho!
Quando essa mulher foi libertada da causa de seu tormento, olhou ao seu redor e, corando por sua nudez, procurou seus pais, evitando encontrar as pessoas. Após haver vestido suas roupas, ela contou ao seu pai e aos seus o que lhe havia acontecido. Como eles fizessem parte dos habitantes mais distintos da cidade, hospedaram em sua casa José e Maria, demonstrando por eles um grande respeito.

XV. A Jovem Muda

No dia seguinte, José e Maria prosseguiram sua viagem. À noite chegaram a uma cidade onde estava sendo celebrado um casamento. Mas, em decorrência das ciladas do espírito maligno e dos encantamentos de alguns feiticeiros, a esposa ficara muda, de forma que ela não podia mais falar. Quando Maria entrou na cidade, trazendo nos braços o filho, o Senhor Jesus, aquela que havia perdido o uso da palavra avistou-o e imediatamente pegou-o em seus braços. Abraçou-o, apertando-o junto ao seu seio e cobrindo-o de carinho. Imediatamente o laço que travava sua língua partiu-se e seus ouvidos se abriram. Ela começou a glorificar e a agradecer a Deus que a havia curado. Naquela noite, houve uma grande alegria entre os habitantes dessa

cidade, pois acreditavam todos que Deus e seus anjos haviam descido no meio deles.

XVI. Outra Endemoninhada

José e Maria passara três dias nesse lugar, onde foram recebidos com grande veneração e esplendidamente tratados. Munidos de provisões para a viagem, partiram dali e chegaram a uma outra cidade. Como ela era próspera e seus habitantes tinha boa reputação, eles pernoitaram lá. Havia nessa cidade uma boa mulher. Um dia em que ela havia descido até o rio para lavar-se, um espírito maldito, assumindo a forma de uma serpente, havia se jogado sobre e cingido o seu ventre. Todas as noites estendia-se sobre ela. Quando essa mulher viu Maria e o Senhor Jesus que ela trazia contra o seio, rogou à Santa Virgem que lhe permitisse segurar e beijar a criança. Maria consentiu, e assim que a mulher tocou a criança, Satã abandonou-a e fugiu. Desde então ela não mais o viu. Todos os vizinhos louvaram o Senhor e a mulher recompensou-os com grande generosidade.

XVII. Uma Leprosa

No dia seguinte, essa mulher preparou água perfumada para lavar o menino Jesus e após o haver lavado, guardou essa água. Havia lá uma jovem cujo corpo assava, coberto pela lepra branca. Lavou-se ela com essa água e foi imediatamente curada. O povo dizia então:
— Não resta dúvida de que José e Maria e essa criança sejam Deuses, pois eles não podem ser simples mortais.
Quando eles se preparavam para partir, essa jovem, que havia sido curada da lepra, aproximou-se deles e rogou-lhes que lhe permitissem acompanhá-los.

XVIII. Um Menino Leproso

Eles consentiram e ela foi com eles. Chegaram a uma cidade, onde havia o castelo de um poderoso príncipe. Foram até lá e se hospedaram nele. A jovem, aproximando-se da esposa do príncipe, encontrou-a triste e chorando. Perguntou-lhe, então, qual a causa daquele pesar:
— Não te espantes de me ver entregue à aflição. Estou em meio a uma grande calamidade, que não ouso contar a ninguém.
A jovem tornou:
— Se me confessares qual é teu mal, talvez encontres remédio junto a mim.
A esposa do príncipe disse-lhe:
— Não revelarás este segredo a ninguém. Casei-me com um príncipe cujo império, semelhante a um império de um rei, estende-se por vastos estados e, após haver vivido por muito tempo com ele, ele não teve de mim nenhum descendente. Finalmente, eu concebi, mas trouxe ao mundo uma criança leprosa. Após havê-lo visto, ele não quis reconhecê-lo como seu filho e me disse para matar a criança ou entregá-la a uma ama para que a criasse num local tão afastado, para que não mais ouvíssemos sobre ela. Além disso, ele me mandou pegar o que é meu, pois não queria me ver mais. Eis porque me entrego à dor, deplorando a calamidade que sobre mim se abateu. Choro por meu marido e por meu filho.
A jovem respondeu-lhe:
— Pois não te disse que eu tenho para ti o remédio que te havia prometido? Eu também fui atingida pela lepra, mas fui curada por uma graça de Deus, que é Jesus, o filho de Maria.
A mulher perguntou-lhe, então, onde estava esse Deus do qual falava. A jovem respondeu-lhe:
— Ele está bem aqui, nesta casa".
Perguntou a princesa:
— Como pode ser isso, onde está ele?
A jovem respondeu:
— Aqui estão José e Maria. A criança que está com eles é Jesus e foi ele quem me curou dos meus sofrimentos.
— E por que meio pôde ele te curar? Não vais me contar? — quis saber a princesa.
A jovem explicou:
— Recebi de sua mãe a água na qual ele havia sido lavado, espalhei-la então sobre meu corpo e minha lepra desapareceu.
A esposa do príncipe ergueu-se, então, e recebeu José e Maria.
Preparou para José um magnífico festim, para o qual muitas pessoa foram convidadas. No dia seguinte, ela pegou água perfumada a fim de lavar o Senhor Jesus e ela lavou, com essa mesma água, o seu filho, que ela havia trazido consigo, e logo ele se curou da lepra.
Ela se pôs a cantar louvores a Deus e a render-lhe graças, dizendo-lhe:
— Feliz da mãe que te gerou, ó Jesus! A água com a qual o teu corpo foi lavado cura os homens que têm tua natureza.
Ela ofereceu presentes a Maria e dela despediu-se, tratando-a com grande deferência.

XIX. Um Feitiço

Chegaram a outra cidade onde deviam pernoitar. Foram à casa de um homem recém-casado que, atingido por um malefício, não podia desfrutar sua esposa. Após haverem eles passado a noite perto do homem, o encantamento quebrou-se. Quando o dia amanheceu, preparavam-se para prosseguir a viagem, mas o esposo impediu-os de partir e preparou-lhes um grande banquete.

XX. A História de um Mulo

No dia seguinte partiram e, ao se aproximarem de uma outra cidade, viram três mulheres que se afastavam de um túmulo, a verter em lágrimas. Maria, tendo-as visto, disse à jovem que os acompanhava:
— Pergunta-lhes quem são elas e qual a desgraça que se lhes abateu.
Elas não responderam mas puseram-se a interrogá-la, dizendo:
— Quem sois vós, e para onde ides? Pois o dia está terminando e a noite se aproxima.

A moça respondeu:
— Somos viajantes e procuramos uma hospedaria para passar a noite.
As mulheres disseram:
— Acompanhai-nos e passai a noite em nossa casa.
Eles seguiram essas mulheres e foram levados a uma casa nova, ornada e decorada por diversos móveis. Era inverno e a jovem moça, tendo entrado no quarto dessas mulheres, encontrou-as chorando e se lamentando. Ao lado delas, coberta por uma manta de seda, encontrava-se um mulo com forragem à sua frente. Elas davam-lhe de comer e o beijavam.
A jovem disse então:
— Ó, minha senhora, como é belo este mulo!
Elas responderam chorando:
— Este mulo que estás vendo é nosso irmão, que nasceu de nossa mãe. Nosso pai deixou-nos com sua morte grandes riquezas e nós só tínhamos este irmão, para quem tentávamos encontrar um casamento conveniente. Porém, mulheres dominadas pelo espírito da inveja, lançaram sobre ele, sem que soubéssemos, encantamentos. E uma certa noite, um pouco antes do amanhecer, estando fechadas as portas da nossa casa, encontramos nosso irmão transformado em mulo, tal qual o vês hoje. Entregamo-nos à tristeza, visto que não tínhamos mais nosso pai para consolar-nos. Consultamos todos os sábios do mundo, todos os magos e os feiticeiros, tentamos de tudo, mas nenhum deles nada pôde fazer por nós. Eis porque sempre que nosso coração está a ponto de explodir de tristeza. Nós nos levantamos e vamos, junto com a nossa mãe que aqui está, ao túmulo de meu pai e, após haver chorado, retornamos para cá.

XXI. Volta a Ser Homem

Ao ouvir tal coisas, a jovem disse:
— Tende coragem e parai de chorar, pois a cura de vossos males está muito próxima, em vossa morada. Eu era leprosa, mas após haver visto essa mulher e a criança que está com ela e que se chama Jesus, e após haver derramado sobre meu corpo a água com a qual a sua mãe o havia lavado, eu me curei. Eu sei que ele pode pôr um fim à vossa desgraça. Levantai-vos, aproximai-vos de Maria, conduzi-o aos vossos aposentos, revelai-lhe o segredo que acabais de me contar e suplicai-lhe piedade.
Ao ouvirem tais palavras proferidas pela jovem, elas se apressaram em ter com Maria. Levaram o multo até o quarto e lhe disseram, chorando:
— Maria, Nossa Senhora, tem compaixão de tuas servas, pois nossa família está desprovida de seu chefe e não temos um pai ou um irmão que nos proteja. Este mulo que aqui vês é nosso irmão. Algumas mulheres, com seus encantamentos, reduziram-no a este estado. Rogamos-te, pois, que tenhas piedade de nós.
Maria, comovida e chorando como as mulheres, ergueu o menino Jesus e colocou-o sobre o dorso do mulo, dizendo:
— Meu filho, cura este mulo através do teu grande poder e faze com que este homem recobre a razão, da qual foi privado.
Nem bem essas palavras haviam saído dos lábios de Maria e o mulo já havia retomado a forma humana, mostrando-se sob os traços de um belo rapaz. Não lhe restava nenhuma deformidade. Ele, sua mãe e suas irmãs adoraram Maria e, erguendo o menino acima de suas cabeças, beijaram-no, dizendo:
— Feliz de tua mãe, ó Jesus, Salvador do mundo! Felizes os olhos que gozam da felicidade da tua presença.

XXII. As Bodas

As duas irmãs disseram à mãe:
— Nosso irmão retomou a forma primitiva, graças à intervenção do Senhor Jesus e aos bons conselhos dessa jovem, que nos sugeriu recorrer a Maria e ao seu filho. Agora, já que nosso irmão não está casado, pensamos que seria conveniente que ele desposasse essa moça.
Após haverem feito este pedido a Maria e haver ela consentido, fizeram para as bodas preparativos esplêndidos. A dor transformou-se em alegria e o choro cedeu espaço ao riso. Elas só fizeram cantar e regozijar-se, enfeitadas com magníficas vestimentas e jóias preciosas. Ao mesmo tempo, entoavam cânticos de louvor a Deus, dizendo:
— Ó, Jesus, Filho de Deus, que transformaste nossa aflição em contentamento e nossas lamúrias em gritos de alegria!
José e Maria lá permaneceram por dez dias. Ao partirem, receberam demonstrações de veneração de parte de toda a família, que despediu-se deles chorando muito, principalmente a moça que se desfazia em lágrimas.

XXIII. Os Salteadores

Chegaram, em seguida, a um deserto. Como lhes haviam dito que era infestado de ladrões, prepararam-se para atravessá-lo durante a noite. Eis que, de repente, avistaram dois ladrões que dormiam e, perto deles, muitos outros ladrões, seus companheiros, que também estavam entregues ao sono. Esses dois ladrões chamavam-se Titus e Dumachus.
O primeiro disse ao outro:
— Eu te peço que deixes estes viajantes irem em paz, para que nossos companheiros não os vejam.
Tendo Dumachus recusado, Titus disse-lhe:
— Dou-te quarenta dracmas e fica com meu cinto como penhor.
Deu-lhe o cinto e, ao mesmo tempo, pediu que não desse alarme. Maria, vendo esse ladrão tão disposto a serví-los, disse-lhe:
— Que Deus te proteja com sua mão direita e que ele te conceda a remissão de teus pecados".
O Senhor Jesus disse a Maria:
— Daqui a trinta anos, ó minha mãe, os judeus me crucificarão em Jerusalém e estes dois ladrões

serão postos na cruz ao meu lado: Titus à minha direita e Dumachus à minha esquerda. Neste dia, Titus me precederá no Paraíso.
Quando ele assim falou, sua mãe respondeu-lhe:
— Que Deus afaste de ti semelhante desgraça, ó meu filho!
Foram dar, em seguida, em uma cidade, cheia de ídolos. Quando eles se aproximavam, ela foi transformada em um monte de areia.

XXIV. A Sagrada Família em Mataréia

Foram ter, em seguida, a um sicômoro, que chamam hoje de Mataréia, e o Senhor Jesus fez surgir neste lugar uma fonte, onde Maria lavou sua túnica. O bálsamo que produz esse país vem do suor que escorreu pelos membros de Jesus.

XXV. A Sagrada Família em Mênfis

Foram então a Mênfis e, tendo visitado o faraó, permaneceram três anos no Egito, onde o Senhor Jesus fez muitos milagres, que não estão consignados nem no Evangelho da Infância, nem no Evangelho Completo.

XXVI. volta para Nazaré

Depois de três anos, eles deixaram o Egito e voltaram para a Judéia. Quando já estavam próximos, José teve medo de entrar lá, porque acabara de saber que Herodes estava morto e que seu filho Arquelaus havia lhe sucedido. Um anjo de Deus apareceu-lhe, porém, e disse-lhe:
— José, vai para a cidade de Nazaré e estabelece ali tua residência.

XXVII. A Peste em Belém

Quando chegaram a Belém, havia uma proliferação de doenças graves e difíceis de serem curadas, que atacavam os olhos das crianças e lhes causavam a morte. Uma mulher, que tinha um filho atacado por esse mal, levou-o a Maria e encontrou-a banhando o Senhor Jesus.
A mulher disse-lhe:
— Maria, vê meu filho que sofre cruelmente.
Maria, ouvindo-a, disse-lhe:
— Pegue um pouco desta água com a qual eu lavei meu filho e espalha-a sobre o teu.
A mulher fez como lhe havia recomendado Maria e seu filho, depois de uma forte agitação, adormeceu. Quando acordou, estava completamente curado.
A mulher, cheia de alegria, foi até Maria, que lhe disse:
— Rende graças a Deus por ele haver curado o teu filho.

XXVIII. Outro Menino Agonizante

Essa mulher tinha uma vizinha cujo filho fora atingido pela mesma doença e cujos olhos estavam quase fechados. Ele gritava e chorava noite e dia. Aquela cujo filho havia sido curado disse-lhe:
— Por que não levas teu filho a Maria, como eu fiz, quando o meu estava prestes a morrer e ele foi curado pela água do banho de Jesus?
A mulher foi pegar também daquela água e, assim que ela derramou sobre seu filho, ele foi curado. Levou então seu filho em perfeita saúde para Maria, que lhe recomendou que rendesse graças a Deus e que não contasse a ninguém o que havia acontecido.

XXIX. O Menino no Forno

Havia na mesma cidade duas mulheres casadas com um mesmo homem e cada uma delas tinha um filho doente. Uma se chamava Maria e seu filho, Cleofás. Essa mulher levou seu filho a Maria, mãe de Jesus, e ofereceu uma bela toalha, dizendo-lhe:
— Maria, recebe de mim essa toalha e, em troca, dá-me uma das tuas fraldas.
Maria consentiu e a mãe de Cleofás confeccionou, com essa fralda, uma túnica, com a qual vestiu seu filho. Ele ficou curado e o filho de sua rival morreu no mesmo dia, o que causou profundo ressentimento entre essas duas mulheres.
Elas se encarregavam, em semanas alternadas, dos trabalhos caseiros e, um dia em que era vez de Maria, a mãe de Cleofás, ela estava ocupada aquecendo o forno para assar pão. Precisando de farinha, deixou seu filho perto do forno. Sua rival, vendo que a criança estava sozinha, pegou-a e jogou-a no forno em brasa e fugiu. Maria retornou logo em seguida, mas qual não foi o seu espanto, quando ela viu seu filho no meio do forno, rindo, pois ele havia subitamente esfriado, como se jamais houvesse sido aquecido. Ela suspeitou que sua rival o havia jogado ali. Tirou-o de lá, levou-o até a Virgem Maria e contou-lhe o que havia acontecido.
Maria disse-lhe:
— Cala-te, pois eu receio por ti se divulgares tais coisas!
Em seguida, a rival foi buscar água no poço e, vendo Cleofás brincando e percebendo que não havia ninguém por perto, pegou a criança e jogou-a no poço. Alguns homens que haviam vindo para tirar água viram a criança sentada na água, sem nenhum ferimento, e por meio de cordas tiraram-na de lá. Ficaram tão admirados com essa criança que renderam-lhe as mesmas homenagens devidas a um Deus.
Sua mãe, chorando, carregou-o até Maria e disse-lhe:
— Minha senhora, vê o que minha rival fez ao meu filho, jogando-o no poço. Ah, ela acabará, por certo, causando-lhe a morte!
Maria respondeu-lhe:
— Deus punirá o mal que te foi feito.
Alguns dias depois, a rival foi buscar água no poço e seus pés enroscaram-se na corda e ela caiu nele. Quando acorreram, acharam-na com a cabeça partida. Ela morreu, portanto, de uma forma funesta.
A palavra do sábio se cumpre em si:

— Cavaram um poço e jogaram a terra em cima, mas caíram no poço que eles mesmos haviam preparado.

XXX. Um Futuro Apóstolo

Uma outra mulher da mesma cidade tinha dois filhos, os dois doentes. Um morreu e o outro estava agonizando. Sua mãe tomou-o nos braços e levou-o até Maria.
Aos prantos, disse-lhe:
— Minha senhora, vem em meu auxílio e tem piedade de mim. Eu tinha dois filhos, acabo de perder um e vejo o outro a ponto de morrer. Imploro a misericórdia do Senhor.
E pôs-se a gritar:
— Senhor, tu és pleno em clemência e compaixão! Tu me deste dois filhos, me levaste um deles, pelo menos deixa-me o outro.
Maria, testemunha da sua extrema dor, sentiu pena e disse-lhe:
— Coloca teu filho na cama de meu filho e cobre-o com suas roupas.
Quando a criança foi colocada na cama, ao lado de Jesus, seus olhos já cerrados pela morte abriram-se e, chamando sua mãe em voz alta, pediu-lhe pão. Quando lhe deram, comeu-o.
Então sua mãe disse:
— Maria, eu sei que a virtude de Deus habita em ti, a ponto de teu filho curar as crianças que o tocam.
A criança que assim foi curada é o mesmo Bartolomeu se quem se fala no Evangelho.

XXXI. Uma Leprosa

Havia ainda no mesmo lugar uma leprosa que foi ter com Maria, mãe de Jesus, dizendo-lhe:
— Minha senhora, tem piedade de mim".
Maria quis saber:
— Que ajuda pedes tu? Queres ouro, prata ou queres te curar da lepra?
A mulher respondeu:
— Que podes fazer por mim?"
Maria disse:
— Espera um pouco, até que eu tenha banhado e posto meu filho na cama.
A mulher esperou e Maria, após o haver deitado, estendeu à mulher um vaso cheio de água do banho do seu filho e disse-lhe:
— Pega um pouco desta água e espalha-a sobre o teu corpo.
Assim que a doente obedeceu, curou-se e ela rendeu graças a Deus.

XXXII. Outra Leprosa

Ela partiu em seguida, após haver permanecido três dias junto de Maria, e foi para uma cidade onde morava um príncipe, que havia desposado a filha de um outro príncipe. Quando ele viu sua esposa, porém, percebeu entre seus olhos as marcas da lepra sob a forma de uma estrela e o seu casamento foi declarado nulo e não válido.
Essa mulher, vendo o desespero da princesa, perguntou-lhe a causa dessas lágrimas.
A princesa respondeu-lhe:
— Não me interrogues, pois a minha desgraça é tanta que eu não posso revelá-la a ninguém.
A mulher insistia em saber, dizendo que talvez conhecesse algum remédio.
Ela viu então as marcas da lepra entre os olhos da princesa.
— Eu também fui atingida por essa doença. Fui a Belém para tratar de negócios e lá entrei numa caverna onde vi uma mulher chamada Maria. Ela carregava uma criança que se chamava Jesus. Vendo-me atingida pela lepra, ela teve pena de mim e me deu um pouco da água na qual havia lavado o corpo de seu filho. Eu espalhei essa água sobre meu corpo e fui imediatamente curada.
A princesa disse-lhe então:
— Levanta-te, vem comigo e mostra-me Maria.
Ela foi, levando ricos presentes. Quando Maria a viu, disse:
— Que a misericórdia do Senhor Jesus esteja sobre ti.
Ela lhe deu um pouco da água na qual havia lavado seu filho. Assim que a princesa espalhou-a sobre o próprio corpo, ela se viu curada e rendeu graças ao Senhor, assim como todos os que ali estavam.
O príncipe, ao saber que sua esposa havia sido curada, recebeu-a, celebrou um segundo casamento, e rendeu graças a Deus.

XXXIII. Uma Jovem Endemoninhada

Havia, no mesmo lugar, uma jovem que Satã atormentava. O espírito maldito aparecia-lhe sob a forma de um dragão, que queria devorá-la. Ele já havia sugado todo o sangue, de maneira que ela se parecia com um cadáver. Todas as vezes em que ele se jogava sobre ela, ela gritava e, juntando as mãos sobre a cabeça, dizia:
— Desgraça, desgraça de mim, pois não existe ninguém que possa livrar-me deste horrível dragão. Seu pai, sua mãe e todos aqueles que a cercavam, testemunhas de sua infelicidade, entregavam-se à aflição e derramavam lágrimas, principalmente quando a viam chorar e gritar:
— Irmãos e amigos, não existirá ninguém que possa libertar-me deste monstro?
A princesa, que havia sido curada da lepra, ouvindo a voz dessa infeliz, subiu até o telhado de seu castelo e viu-a com as mãos unidas acima da cabeça, a verter copiosas lágrimas. Todos aqueles que a rodeavam estavam desolados.
Ela perguntou se a mãe dessa possuída vivia ainda. Quando lhe responderam que o seu pai e sua mãe estavam ambos vivos, ela disse:
— Tragam sua mãe até mim.
Quando esta chegou, ela lhe perguntou:
— É tua filha que está assim possuída?
A mãe, tendo respondido que sim, chorou, mas a princesa disse-lhe:
— Não revela o que vou te contar. Eu já fui uma leprosa, mas Maria, a mãe de Jesus Cristo, me curou. Se queres que tua filha tenha a mesma felicidade, leva-a a Belém e implora com fé a

ajuda de Maria. Eu creio que voltarás cheia de alegria, trazendo tua filha curada.
Imediatamente a mãe levantou-se e partiu. Foi procurar Maria e expôs-lhe o estado de sua filha. Maria, após tê-la ouvido, deu-lhe um pouco da água, na qual ela havia lavado seu filho Jesus, e disse-lhe para derramá-la sobre o corpo da possuída.
Em seguida deu-lhe uma fralda do menino Jesus, acrescentando:
— Pega isto e mostra-o a teu inimigo, todas as vezes em que o vir.
Dizendo isso, despediu-as com suas bênçãos.

XXXIV. Outra Possessa

Após haver deixado Maria, elas retornaram à sua cidade. Quando veio o tempo no qual Satã costumava atormentá-la, ele lhe apareceu sob a forma de um grande dragão. Ao ver a sua aparência, a jovem foi tomada pelo pavor, mas sua mãe disse-lhe:
— Não temas, minha filha! Deixa que ele se aproxime mais de ti e mostre-lhe esta fralda que nos deu Maria e veremos o que ele poderá fazer.
Quando o espírito maligno, que havia tomado a forma de um dragão, estava bem perto, a doente, tremendo de medo, colocou sobre sua cabeça a fralda e desdobrou-a. De repente, dela saíram chamas que se dirigiam à cabeça e aos olhos do dragão.
Ouviu-se, então, uma voz que gritava:
— Que há entre ti e mim, ó Jesus, filho de Maria? Onde encontrarei um abrigo que me livre de ti?
Satã fugiu apavorado, abandonando essa jovem e nunca mais apareceu. Ela se viu curada e, grata, rendeu graças a Deus, assim como todos os que haviam presenciado esse milagre.

XXXV. Judas Iscariotes

Havia nessa mesma cidade uma outra mulher cujo filho era atormentado por Satã. Ele se chamava Judas e sempre que o espírito maligno apoderava-se dele, ele tentava morder todos os que estavam à sua volta. Se estivesse sozinho, mordia suas próprias mãos e membros. A mãe desse infeliz, ouvindo falar de Maria e de seu filho Jesus, foi com seu filho nos braços até Maria.
Nesse meio tempo, Tiago e José haviam trazido o menino Jesus para fora da casa, para que pudesse brincar com as outras crianças. Eles estavam sentados fora da casa e Jesus com eles. Judas aproximou-se também e sentou-se à direita de Jesus e, quando Satã começou a agitá-lo como sempre o fazia, ele tentou morder Jesus. Como não podia alcançá-lo, dava-lhe socos no lado direito, de forma que Jesus começou a chorar.
Nesse momento, entretanto, Satã saiu dessa criança sob a forma de um cão enraivecido.
Essa criança era Judas Iscariotes, que mais tarde trairia Jesus. O lado em que ele havia batido foi o lado que os judeus trespassaram com a lança.

XXXVI. AS Estatuazinhas de Barro

Quando o Senhor Jesus havia completado o seu sétimo ano, ele brincava um dia com outras crianças de sua idade. Para divertir-se, eles faziam com terra molhada diversas imagens de animais, de lobos, de asnos, de pássaros, cada um elogiando seu próprio trabalho e esforçando-se para que fosse melhor que o de seus companheiros. Então o Senhor Jesus disse para as crianças:
— Ordenarei às figuras que eu fiz que andem e elas andarão.
As crianças perguntaram-lhe se ele era o filho do Criador e o Senhor Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram.
Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito figuras de pássaros que voavam, quando ele ordenava que voassem, e que paravam, quando ele dizia para parar. Quando ele lhes dava bebida e comida, eles comiam e bebiam.
Quando as crianças foram embora e contaram aos seus pais o que haviam visto, eles disseram:
— Fugi, daqui em diante, de sua companhia, pois ele é um feiticeiro! Deixai de brincar com ele!

XXXVII. As Cores do Tintureiro

Certo dia, quando brincava e corria com outras crianças, o Senhor Jesus passou em frente à loja de um tintureiro, que se chamava Salém. Havia nessa loja tecidos que pertenciam a um grande número de habitantes da cidade e que Salém se preparava para tingir de várias cores. Tendo Jesus entrado na loja, pegou todas as fazenda e jogou-as na caldeira. Salém virou-se e, vendo todas as fazendas perdidas, pôs-se a gritar e a repreender Jesus, dizendo:
— Que fizeste tu, ó filho de Maria? Prejudicaste a mim e a meus cidadãos. Cada um pediu uma cor diferente e tu apareceste e puseste tudo a perder.
O Senhor Jesus respondeu:
— Qualquer fazenda que queiras mudar a cor, eu mudo.
Ele se pôs a retirar as fazendas da caldeira e cada uma estava tingida da cor que desejava o tintureiro. Os judeus, testemunhando esse milagre, celebraram o poder de Deus.

XXXVIII. Jesus na Carpintaria

José ia por toda a cidade, levando com ele o Senhor Jesus. Chamavam-no para que fizesse portas, arcas e catres e o Senhor Jesus estava sempre com ele. E sempre que a obra de José precisava ser mais comprida ou mais curta, mais larga ou mais estreita, o Senhor Jesus estendia a mão e ela ficava exatamente do jeito que queria José, de forma que ele não precisava retocar nada com sua própria mão, pois ele não era muito hábil no ofício de marceneiro.

XXXIX. Uma Encomenda do Rei

Um dia, o rei de Jerusalém mandou chamá-lo e disse:

— Eu quero, José, que me faças um trono segundo as dimensões do lugar onde costumo sentar-me. José obedeceu e, pondo mãos à obra, passou dois anos no palácio para elaborar esse trono.
Quando ele foi colocado no lugar onde deveria ficar, perceberam que de cada lado faltavam dois palmos à medida fixada.
Então o rei ficou bravo com José, que temendo a raiva do monarca, não conseguiu comer e deitou-se em jejum.
O Senhor perguntou-lhe qual era a causa do seu receio e ele respondeu:
— É que a obra na qual trabalhei durante dois anos está perdida.
O Senhor Jesus respondeu-lhe:
— Não tenhas medo e não percas a coragem. Pegue este lado do trono e eu o outro, para que possamos dar-lhe a medida exata.
José fez o que havia lhe pedido o Senhor Jesus e cada um puxou para um lado. O trono obedeceu e ficou exatamente com a dimensão desejada.
Os assistentes, vendo esse milagre, ficaram estupefatos e deram graças a Deus.
Esse trono fora feito com uma madeira do tempo de Salomão, filho de Davi, e que era notável por seus nós, que representavam várias formas de figuras.

XL. Os Meninos

Num outro dia, o Senhor Jesus foi até a praça e vendo as crianças que se haviam reunido para brincar, juntou-se a elas. Essas, tendo-o visto, esconderam-se e o Senhor Jesus foi até uma casa e perguntou às mulheres que estavam à porta, onde as crianças haviam ido. Como elas responderam que não havia nenhuma delas na casa, o Senhor Jesus disse-lhes:
— Que vocês estão vendo sob este arco?
Elas responderam que eram carneiros com três anos de idade e o Senhor Jesus gritou:
— Saí, carneiros, e vinde em direção ao vosso pastor.
Imediatamente as crianças saíram, transformadas em carneiros, e saltavam ao seu redor.
As mulheres, tendo visto isso, foram tomadas de pavor e adoraram o Senhor Jesus, dizendo:
— Jesus, filho de Maria, nosso Senhor, tu és verdadeiramente o bom Pastor de Israel. Tem piedade de tuas servas que estão em tua presença e que não duvidam, Senhor, que tu vieste para curar e não para perder.
O Senhor respondeu que as crianças de Israel estavam entre os povos como os Etíopes.
As mulheres disseram:
— Senhor, conheces as coisas e nada escapa à tua infinita sabedoria. Pedimos e esperamos a tua misericórdia. Devolve a essas crianças sua antiga forma.
O Senhor Jesus disse, então:
— Vinde, crianças, para que possamos brincar.
Imediatamente, na presença das mulheres, os carneiros retomaram a aparência de crianças.

XLI. Jesus Rei

No mês do Adar, Jesus reuniu as crianças e colocou-se como o seu rei. Elas haviam estendido suas roupas no chão para fazê-lo sentar-se sobre elas e haviam colocado sobre sua cabeça uma coroa de flores. Como os satélites que acompanham um rei, elas se haviam enfileirado à sua direita e à sua esquerda. Se alguém passava por lá, as crianças faziam parar à força e diziam-lhe:
— Vem e adora o rei, para que obtenhas uma feliz viagem.

XLII. Simão, o Cananeu

Nisso chegaram alguns homens que carregavam uma criança em uma liteira.
Esse menino havia ido até a montanha com seus colegas para apanhar lenha e, tendo encontrado um ninho de perdiz, pôs a mão para retirar os ovos. Uma serpente, escondida no ninho, no entanto, mordeu-o e ele chamou os companheiros para socorrê-lo.
Quando chegaram, eles o encontraram estendido no chão e quase morto. Alguns familiares vieram e levaram-no à cidade. Ao chegaram ao local onde o Senhor Jesus estava sentado em seu trono como um rei, com outras crianças à sua volta, como sua corte, essas foram ao encontro dos que carregavam o moribundo e disseram-lhes:
— Vinde e saudai o rei!
Como eles não queriam aproximar-se por causa da tristeza que sentiam, as crianças traziam-nas à força. Quando estavam na frente do Senhor Jesus, ele perguntou-lhe por que estavam carregando aquela criança.
Responderam que uma serpente a havia mordido e o Senhor Jesus disse às crianças:
— Vamos juntos e matemos a serpente!
Os pais da criança que estava prestes a morrer suplicaram para que os deixassem ficar, mas elas responderam:
— Não ouvistes que o rei disse vamos e matemos a serpente? Devemos seguir suas ordens.
Apesar da sua oposição, eles retornaram à montanha, carregando a liteira. Quando chegaram perto do ninho, o Senhor Jesus disse às crianças:
— Não é aqui que se esconde a serpente?
Eles responderam que sim e a serpente, chamada pelo Senhor Jesus, saiu e submeteu-se a ele.
O Senhor disse-lhe:
— Vai e suga todo o veneno que espalhaste nas veias dessa criança.
A serpente, arrastando-se, sugou todo o veneno que ela havia inoculado e o Senhor, em seguida, amaldiçoou-a e, fulminada, morreu logo em seguida. Depois o Senhor Jesus tocou a criança com sua mão e ela foi curada.
Como ela se pusesse a chorar, o Senhor Jesus disse-lhe:
— Não chores, serás meu discípulo!
Essa criança foi Simão de Cananéia, de quem se faz menção no Evangelho.

XLIII. Jesus e Tiago

Num outro dia, José havia mandado seu filho Tiago para apanhar lenha e o Senhor Jesus se havia juntado a ele para ajudá-lo. Quando chegaram ao lugar onde ficava a lenha, Tiago começou a apanhá-la e eis que uma víbora mordeu-o e ele se pôs a gritar e a chorar. O Senhor Jesus, vendo-o naquele estado, aproximou-se e soprou o local da mordida. Tiago foi imediatamente curado.

XLIV. O Menino que Caiu e Morreu

Um dia, o Senhor Jesus estava brincando com outras crianças em cima de um telhado e uma delas caiu e morreu na hora. As outras fugiram e o Senhor Jesus ficou sozinho em cima do telhado. Então os pais do morto chegaram e disseram ao Senhor Jesus: ` — Foste tu que empurraste nosso filho do alto telhado.
Como ele negasse, eles repetiram mais alto:
— Nosso filho morreu e eis aqui quem o matou.
O Senhor Jesus respondeu:
— Não me acuseis de um crime do qual não tendes nenhuma prova. Perguntemos, porém, à própria criança o que aconteceu.
O Senhor Jesus desceu, colocou-se perto da cabeça do morto e disse-lhe em voz alta:
— Zeinon, Zeinon, quem foi que te empurrou do alto do telhado?
O morto respondeu:
— Senhor, não foste tu a causa da minha queda, mas foi o terror que me fez cair.
O Senhor recomendou aos presentes que prestassem atenção a essas palavras e todos eles louvaram a Deus por este milagre.

XLV. O Cântaro Quebrado

Maria havia mandado, um dia, o Senhor Jesus tirar água do poço. Quando ele havia cumprido a tarefa e colocava sobre a cabeça o cântaro cheio, ele partiu-se. O Senhor Jesus, tendo estendido o seu manto, levou para sua mãe a água recolhida e ela se admirou e guardou em seu coração tudo o que havia visto.

XLVI. Brincando com o Barro

Um dia, o Senhor Jesus estava na beira do rio com outras crianças. Haviam cavado pequenas valas para fazer escorrer a água, formando assim pequenas poças. O Senhor Jesus havia feito doze passarinhos de barro e os havia colocado ao redor da água, três de cada lado. Era um dia de Sabbath e o filho de Hanon, o Judeu, veio e vendo-os assim entretidos, disse-lhes:
— Como podeis, em um dia de Sabbath, fazer figuras com lama?"
Ele se pôs, então, a destruir tudo. Quando o Senhor Jesus estendeu as mãos sobre os pássaros que havia moldado, eles saíram voando e cantando. Em seguida, o filho de Hanon, o Judeu, aproximou-se da poça cavada por Jesus para destruí-la, mas a água desapareceu e o Senhor Jesus disse-lhe:
— Vê como está água secou? Assim será a tua vida.
E a criança secou.

XLVII. Uma Morte Repentina

Certa noite, o Senhor Jesus voltava para casa com José, quando uma criança passou correndo na sua frente e deu-lhe um golpe tão violente que o Senhor Jesus quase caiu. Ele disse a essa criança:
— Assim como tu me empurraste, cai e não levantes mais.
No mesmo instante, a criança caiu no chão e morreu.

XLVIII. Jesus e o Professor

Havia, em Jerusalém, um homem, chamado Zaqueu, que instruía os jovens. Ele disse a José:
— José, por que não me envias Jesus para que ele aprenda as letras?
José concordou e também Maria. Levaram, pois, a criança para o professor e assim que ele o viu, escreveu o alfabeto e pediu-lhe que pronunciasse Aleph. Quando ele o fez, pediu-lhe para dizer Beth. O Senhor Jesus disse-lhe:
— Dize-me primeiro o que significa Aleph e aí então eu pronunciarei Beth.
O professor preparava-se para chicoteá-lo, mas o Senhor Jesus pôs-se a explicar o significado das letras Aleph e Beth, quais as letras de linhas retas, quais as oblíquas, as que tinhas desenho duplo, as que tinham pontos, aquelas que não tinham e porque tal letra vinha antes da outra, enfim, ele disse muitas coisas que o professor jamais ouvira e que não havia lido em livro algum.
O Senhor Jesus disse ao professor:
— Presta atenção ao que vou te dizer!
E pôs-se a recitar clara e distintamente Aleph, Beth, Ghimel, Daleth, até o fim do alfabeto. O mestre ficou admirado e disse:
— Creio que esta criança nasceu antes de Noé.
Virando-se para José, acrescentou:
— Tu o conduziste para que eu o instruísse, mas esta criança sabe mais que todos os doutores.
Depois disse a Maria:
— Teu filho não precisa de ensinamentos.

XLIX. O Professor Castigado

Conduziram-no, em seguida, a um professor mais sábio e assim que o viu. ordenou:
— Dize Aleph!
Quando o Senhor Jesus disse Aleph, o professor pediu-lhe que pronunciasse Beth. O Senhor Jesus respondeu-lhe:
— Dize-me o que significa a letra Aleph e então eu pronunciarei Beth.
O mestre, irritado, levantou a mão para bater nele, mas sua mão secou instantaneamente e ele morreu. Então José disse a Maria:

— Daqui por diante, não devemos mais deixar o menino sair de casa, pois qualquer um que se oponha a ele é fulminado pela morte.

L. Jesus, o Mestre

Quando contava doze anos de idade, levaram Jesus a Jerusalém por ocasião da festa e, quando ele terminou, eles voltaram, mas o Senhor Jesus permaneceu no templo, em meio aos doutores, aos velhos e aos mais sábios dos filhos de Israel, que ele interrogava sobre diferentes pontos da ciência, mas também respondia-lhes as perguntas.
Jesus perguntou-lhes:
— De quem é filho o Messias?"
Eles responderam:
— Este é o filho de Davi.
Jesus respondeu:
— Por que então Davi, movido pelo Espírito Santo, chama-o Senhor, quando diz que o Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita para que coloque teus inimigos aos teus pés'?"
Um importante rabino interrogou-o, dizendo:
— Leste os livros sagrados?
O Senhor Jesus respondeu:
— Eu li os livros e o que eles contêm.
Dito isso, explicou-lhes as Escrituras, a lei, os preceitos, os estatutos, os mistérios que estão contidos nos livros das profecias e que a inteligência de nenhuma criatura pode compreender. E o principal entre os doutores disse:
— Eu jamais vi ou ouvi tamanha instrução. Quem credes que seja essa criança?

LI. Jesus e o Astrônomo

Havia lá um filósofo, astrônomo sábio, que perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a ciência dos astros. Jesus, respondendo-lhe, expôs o número de esferas e de corpos celestes, sua natureza e sua oposição, seu aspecto trinário, quaternário e sêxtil, sua progressão e seu movimento de leste para oeste, o cômputo e o prognóstico e outras coisas que a razão de nenhum homem escrutou.

LII. Jesus e o Médico

Havia entre eles um filósofo muito sábio em medicina e ciências naturais e quando ele perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a medicina, este expôs-lhe a física, a metafísica, a hiperfísica e a hipofísica, as virtudes do corpo, os humores e seus efeitos, o número de membros e de ossos, de secreções, de artérias e de nervos, as temperaturas, calor e seco, frio e úmido e quais as suas influências, quais as atuações da alma no corpo, suas sensações e suas virtudes, a faculdade da palavra, da raiva, do desejo, sua composição e dissolução e outras coisas que a inteligência de nenhuma criatura jamais alcançou. Então o filósofo ergueu-se e adorou o Senhor Jesus, dizendo:
— Senhor, daqui em diante serei teu discípulo e ter servo.

LIII. Jesus É Encontrado

Enquanto Jesus assim falava, Maria apareceu, junto com José, pois fazia três dias que procuravam por Jesus. Vendo-o sentado entre os doutores, interrogando-os e respondendo-lhe alternadamente, ela lhe disse:
— Meu filho, por que agiste assim conosco? Teu pai e eu te procuramos e tua ausência causou-nos muita aflição.
Ele respondeu:
— Por que me procuráveis? Não sabíeis que convinha que eu permanecesse na casa de meu Pai? Eles não entendiam as palavras que ele lhes dirigia. Então os doutores perguntaram a Maria se ele era seu filho e tendo ela respondido que sim, eles exclamaram:
— Ó feliz Maria, que deste à luz tal criança.
Ele voltou com os pais para Nazaré e ele lhes era submisso em tudo. Sua mãe conservava todas as suas palavras em seu coração e o Senhor Jesus crescia em tamanho, em sabedoria e em graça diante de Deus e diante dos homens.

LIV. Via Oculta

Ele começou desde esse dia a esconder os seus segredos e seus mistérios, até que completou trinta anos, quando seu Pai, revelando publicamente sua missão às margens do Jordão, fez soar, do alto do céu, essas palavras:
— É meu filho bem-amado no qual coloquei toda minha complacência.
Foi quando o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba branca.

LV. Doxologia

É a ele que humildemente adoramos, pois ele nos deu a existência e a vida. Ele nos fez sair das entranhas de nossas mães, tomou, por nós, o corpo de homem e nos redimiu, cobrindo-nos com sua misericórdia eterna e concedendo-nos a graça do seu amor e de sua bondade.
A ele, portanto, glória, poder, louvores e domínio por todos os séculos.
Que assim seja!

...

EVANGELHO GNÓSTICO DE JOÃO

Atos de João
Complemento de Mateus 26, versículos 29A até 30
Antes que fosse preso pelo julgamento dos judeus, o Mestre nos reuniu a todos e disse: "Antes que eu seja entregues a eles, cantaremos um hino ao Pai e, em seguida, iremos ao encontro daquilo que nos espera
Ele pediu que nos déssemos as mãos em roda e colocando-se no meio, disse:"Respondei-me Amém."
Começou , então a cantar um hino que dizia: "Gloria ao Pai". E nós ao redor lhe respondíamos:"Amém".
"Glória á Graça; glória ao Espírito; glória ao Santo; glória a sua glória." - Amém.
"Nós o louvamos, ó Pai; nós lhe damos graças, ó Luz em que não habita as trevas." - Amém.
"Agora direi porque damos graças:"
"Devo ser salvo e salvarei." - Amém.
"Devo ser liberto e libertarei."-Amém.
"Devo ser gerado e gerarei."-Amém.
"Devo ouvir e serei ouvido."-Amém.
"Devo ser lembrado e sempre lembrarei."-Amém.
"Devo ser lavado e lavarei."-Amém.
"A Graça dança em conjunto, eu devo tocar a flauta, dançai todos."-Amém.
"O reino dos anjos cantam louvores conosco."-Amém
"Ao universo pertence àquele que participa da dança."-Amém.
"Quem participa da dança, não sabe o que vai acontecer."-Amém.
"Devo ir mas vou ficar."-Amém.
"Devo honrar e devo ser honrado."-Amém.
"Não tenho morada mas estou em todas os lugares."-Amém.
"Não tenho templo mas estou em todos os templos."-Amém.
"Sou um espelho para aquele que me contempla."-Amém.
"Sou uma porta para aquele que bate."Amém.
"Sou um caminho para ti que passa."Amém.
"Se seguires minha dança, compreendes o que falo, guarda silêncio sobre meus mistérios."
"Tu, que participa da dança, compreende o que faço, pois a ti pertence esse sofrimento.!
"Tu não poderia de maneira alguma compreender o que sofre, se Eu não tivesse sido enviado como Logos do Pai."
"Viste o que sofro, me viste sofrendo, e não ficaste incessível, mas sim profundamente perturbado."
"Tu, que pela perturbação alcançaste a sabedoria, tens em mim um leito: repousa em mim."
"Saberás quem sou quando Eu tiver partido. O que pareço ser agora, não sou. Tu verás quando vieres."
"Se soubesse como sofrer, seria capaz de não sofrer mais. Aprende a sofrer e tornar-te-ás capaz de não mais sofrer."
"O que não sabes, eu mesmo vou ensinar. Sou teu Deus. Quero andar no mesmo ritmo das almas santas. Aprende comigo a palavra da sabedoria."
"Dize-me de novo: Glória ao Pai; glória ao Logo; glória ao Espírito Santo.
"Tu queres saber o que sou? Com a palavra revelei tudo, e não fui de modo algum revelado."
"Compreende bem: Eu estarei aqui. Quando tiveres compreendido, diz: Glória ao Pai !"-Amém.

O EVANGELHO DE MARIA MADALENA (FRAGMENTO)

O Salvador disse: "Todas as espécies, todas as formações, todas as criaturas estão unidas, elas dependem umas das outras, e se separarão novamente em sua própria origem. Pois a essência da matéria somente se separará de novo em sua própria essência. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça".
Pedro lhe disse: "Já que nos explicaste tudo. Diz-nos isso também: o que é o pecado do mundo?"
Jesus disse: "Não há pecado; sois vós que os criais, quando fazeis coisas da mesma espécie que o adultério, que é chamado 'pecado'. Por isso, Deus-Pai veio para o meio de vós, para a essência de cada espécie, para conduzi-la a sua origem".
Em seguida disse: "Por isso adoeceis e morreis [...] Aquele que compreende minhas palavras, que as coloque em prática. A matéria produziu uma paixão sem igual, que se originou de algo contrário à Natureza Divina. A partir daí, todo o corpo se desequilibra. Essa é a razão por que vos digo: tende coragem, e se estiverdes desanimados, procurai força das diferentes manifestações da natureza. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça."
Quando o Filho de Deus assim falou, saudou a todos dizendo: "A Paz esteja convosco. Recebei minha paz. Tomai cuidado para que ninguém vos afaste do Caminho, dizendo: 'Por aqui' ou 'Por lá', pois o Filho do Homem está dentro de vós. Segui-o. Quem o procurar, o encontrará. Prossegui agora, então, pregai o Evangelho do Reino. Não estabeleçais outras regras, além das que vos mostrei, e não instituais como legislador, senão sereis cerceados por elas". Após dizer tudo isso, partiu.
Mas eles estavam profundamente tristes. E falavam: "Como vamos pregar aos gentios o Evangelho do Reino do Filho do Homem? Se eles não o procuraram, vão poupar a nós?" Maria Madalena se levantou, cumprimentou a todos e disse a seus irmãos: "Não vos lamentais nem sofrais, nem hesiteis, pois sua graça estará inteiramente convosco e vos protegerá. Antes, louvemos sua grandeza, pois Ele nos preparou e nos fez homens." Após Maria ter dito isso, eles entregaram seus corações a Deus e começaram a conversar sobre as Palavras do Salvador.
Pedro disse a Maria: "Irmã, sabemos que o Salvador te amava mais do que qualquer outra mulher. Conta-nos as palavras do Salvador, as de que te lembras, aquelas que só tu sabes e nós nem ouvimos".

Maria Madalena respondeu dizendo: "Esclarecerei a vós o que está oculto". E ela começou a falar essas palavras: "Eu...", disse ela, "Eu tive uma visão do Senhor e contei a Ele: 'Mestre, apareceste-me hoje numa visão'. Ele respondeu e me disse: 'Bem-aventurada sejas, por não teres fraquejado ao me ver. Pois, onde está a mente, há um tesouro'. Eu lhe disse: 'Mestre, aquele que tem uma visão vê com a alma ou com o espírito?' Jesus respondeu e disse: "Não vê nem com a alma nem com o espírito, mas com a consciência, que está entre ambos - assim é que tem a visão [...]".
E o desejo disse à alma: 'Não te vi descer, mas agora te vejo subir. Por que falas mentira, já que pertences a mim?' A alma respondeu e disse: 'Eu te vi. Não me viste, nem me reconheceste. Usaste-me como acessório e não me reconheceste.' Depois de dizer isso, a alma foi embora, exultante de alegria. "De novo alcançou a terceira potência, chamada ignorância. A potência, inquiriu a alma dizendo: 'Onde vais? Estás aprisionada à maldade. Estás aprisionada, não julgues!' E a alma disse: 'Por que me julgaste apesar de eu não haver julgado? Eu estava aprisionada; no entanto, não aprisionei. Não fui reconhecida que o Todo se está desfazendo, tanto as coisas terrenas quanto as celestiais.' "Quando a alma venceu a terceira potência, subiu e viu a quarta potência, que assumiu sete formas. A primeira forma, trevas; a segunda, desejo; a terceira, ignorância; a quarta é a comoção da morte; a quinta é o reino da carne; a sexta é a vã sabedoria da carne; a sétima, a sabedoria irada. Essas são as sete potências da ira. Elas perguntaram à alma: ´De onde vens, devoradora de homens, ou onde vais, conquistadora do espaço?' A alma respondeu, dizendo: 'O que me subjugava foi eliminado e o que me fazia voltar foi derrotado..., e meu desejo foi consumido e a ignorância morreu. Num mundo fui libertada de outro mundo; num tipo fui libertada de um tipo celestial e também dos grilhões do esquecimento, que são transitórios. Daqui em diante, alcançarei em silêncio o final do tempo propício, do reino eterno'."
Depois de ter dito isso, Maria Madalena se calou, pois até aqui o Salvador lhe tinha falado. Mas André respondeu e disse aos irmãos: "Dizei o que tendes para dizer sobre o que ela falou. Eu, de minha parte, não acredito que o Salvador tenha dito isso. Pois esses ensinamentos carregam idéias estranhas". Pedro respondeu e falou sobre as mesmas coisas. Ele os inquiriu sobre o Salvador: "Será que ele realmente conversou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvirmos ela? Ele a preferiu a nós?" Então Maria Madalena se lamentou e disse a Pedro: "Pedro, meu irmão, o que estás pensando? Achas que inventei tudo isso no mau coração ou que estou mentindo sobre o Salvador?" Levi respondeu a Pedro: "Pedro, sempre foste exaltado. Agora te vejo competindo com uma mulher como adversário. Mas, se o Salvador a fez merecedora, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Daí a ter amado mais do que a nós. É, antes, o caso de nos envergonharmos e assumirmos o Homem Perfeito e nos separaremos, como Ele nos mandou, e pregarmos o Evangelho, não criando nenhuma regra ou lei, além das que o Salvador nos legou."
Depois que Levi disse essas palavras, eles começaram a sair para anunciar e pregar.

...

A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO TOMÉ

O Evangelho de Tomé foi escrito no século I e relata a vida do Senhor Jesus dos cinco aos doze anos. Segundo os estudiosos, é parte de um livro mais antigo ainda, tendo tido diversas versões escritas em grego, siríaco, latim, georgiano e eslavo.

O Evangelho de Tomé relata a vida de Jesus a partir do ponto onde termina o Evangelho de Tiago, encerrando-se com o episódio de Jesus no Templo de Jerusalém, entre os doutores, o que também ocorre no Evangelho de Pedro, sobre a infância do Salvador.

Como os Evangelhos Apócrifos já citados, tem uma importância histórica fundamental, pois preenche uma séria lacuna, provocada pela omissão desse período nos Evangelhos Canônicos. Aqui são relatados os primeiros milagres do Salvador, numa narrativa singela e cheia de beleza, que resgata essa importante fase na vida do Senhor Jesus.

Os Evangelhos Apócrifos da Infância de Cristo fornecem importantes e interessantes informações, esclarecendo pontos importantes dos Evangelhos Canônicos, omissos ou um tanto vagos a respeito de determinados aspectos da vida de Jesus Menino.

...

A INFÂNCIA DO SENHOR, NARRADA POR TOMÉ, FILÓSOFO ISRAELITA

I

Eu, Tomé Israelita, julguei necessário levar ao conhecimento de todos os irmãos descendentes dos gentios, a Infância de Nosso Senhor Jesus Cristo e tantas quantas maravilhas ele realizou, depois de nascer em nossa terra. O princípio é como segue.

II

Esse Menino Jesus, que na época tinha cinco anos, encontrava-se um dia brincando no leito de um riacho, depois de haver chovido. Represando o correnteza em pequenas poças, tornava-as instantaneamente cristalinas, dominando-as somente com sua a palavra.

Fez depois uma massa mole com barro e com ela formou uma dúzia de passarinhos. Era um Sabbath e havia outros meninos brincando com ele. Um certo homem judeu, vendo o que Jesus acabara de fazer num dia de festa, foi correndo até seu pai, José, e contou-lhe tudo:

— Olha, teu filho está no riacho e juntando um pouco de barro fez uma dúzia de passarinhos, profanando com isso o dia do Sabbath.

José foi ter ao local e, ao vê-lo, ralhou com ele dizendo:

— Por que fazes no Sabbath o que não é permitido?

Jesus, batendo palmas, dirigiu-se às figurinhas, ordenando-lhes:

— Voai!

Os passarinhos foram todos embora, gorjeando.

Os judeus, ao verem isso, encheram-se de admiração e foram contar aos seus superiores o que haviam visto Jesus fazer.

III

Encontrava-se ali presente o filho de Anás, o escriba, e teve a idéia de fazer escoar as águas represadas por Jesus, usando uma planta de vime.

Ante essa atitude, Jesus indignou-se e disse:

— Malvado, ímpio e insensato. Será que as poças e as águas te estorvavam? Ficarás agora seco como uma árvore, sem que possas dar folhas, nem raiz nem frutos.

Imediatamente o rapaz tornou-se completamente seco. Os pais pegaram o infeliz, chorando a sua tenra idade, e o levaram ante José, maldizendo-o por ter um filho que fazia tais coisas.

IV

De outra feita, Ele andava em meio ao povo e um rapaz que vinha correndo esbarrou em suas costas. Irritado, Jesus disse-lhe:

— Não prosseguirás teu caminho.

Imediatamente o rapaz caiu morto. Algumas pessoas que viram o que se passara, disseram:

— De onde terá vindo esse rapaz, pois todas as suas palavras tornam-se fatos consumados?

Os pais do defunto, chegando a José, interpelaram-no, dizendo:

— Com um filho como esse, de duas uma: ou não podes viver com o povo ou tens de acostumá-lo a abençoar e não a amaldiçoar, pois causa a morte aos nossos filhos.

V

José chamou Jesus à parte e admoestou-o da seguinte maneira:

— Por que fazes tais coisas, se elas se tornam a causa de nos odiarem e perseguirem?

Jesus replicou:

— Bem sei que essas palavras não vêm de ti, mas calarei por respeito a tua pessoa. Esses outros, ao contrário, receberão seu castigo.

No mesmo instante, aqueles que havia falado mal dele ficaram cegos.

As testemunhas dessa cena encheram-se de pavor e ficaram perplexas, confessando que qualquer palavra de sua boca, fosse boa ou má, tornava-se um fato e convertia-se numa maravilha. Quando José percebeu o que Jesus havia feito, agarrou sua orelha e puxou-a fortemente.

O rapaz indignou-se e disse-lhe:

— A ti é suficiente que me vejas sem me tocares. Tu nem sabes quem sou, pois se soubesses não me magoarias. Ainda que neste instante eu esteja contigo, fui criado antes de ti.

VI

Naquela época, encontrava-se em um local próximo um certo rabino de nome Zaqueu, o qual, ouvindo Jesus falar dessa maneira com seu pai, encheu-se de admiração ao ver que, sendo menino, dizia tais coisas.

Passados alguns dias, aproximou-se de José e disse:

— Vejo que tens um filho sensato e inteligente. Confia-o a mim para que aprenda as letras. Eu,

de minha parte, juntamente com elas, ensinar-lhe-ei toda espécie de sabedoria e a arte de saudar os mais velhos, de respeitá-los como superiores e pais e de amar seus semelhantes.
Disse-lhe todas as letras com grande esmero e clareza, desde Alfa até Ômega. Jesus, porém, fixou seus olhos no rabino Zaqueu e indagou-lhe:
— Como te atreves a explicar Beta aos outros, se tu mesmo ignoras a natureza do Alfa? Hipócrita! Explica primeiro a letra A, se é que sabes, e depois acreditaremos em tudo o que disseres com relação a B.
Começou a interrogar o professor sobre a primeira letra, porém este não pôde responder-lhe.
Disse então a Zaqueu, na presença de todos:
— Aprende, professor, a constituição da primeira letra e repara como tem linhas e traços médios, aqueles que vês unidos transversalmente, conjuntos, elevados, divergentes... Os traços contidos na letra A são de três sinais: homogêneos, equilibrados e proporcionados.

VII

O professor Zaqueu, quando ouviu a exposição feita pelo menino sobre tantas e tais alegorias acerca da primeira das letras, ficou desconcertado diante da resposta e da erudição que ele manifestava.
Disse aos presentes:
— Pobre de mim! Não sei o que fazer, pois eu mesmo procurei a confusão ao trazer este jovem para junto de mim. Leva-o, então, irmão José! Rogo-te! Não posso suportar a severidade do seu olhar. Não consigo fazer com que seu discurso seja inteligível para mim. Este jovem não nasceu na terra. É capaz de dominar até mesmo o fogo. Talvez tenha nascido antes da criação do mundo. Não sei qual o ventre que pôde tê-lo carregado e qual seio pôde havê-lo nutrido. Ai de mim! Meu amigo, estou aturdido. Não posso seguir o vôo de sua inteligência. Enganei-me, pobre de mim! Queria muito ter um aluno e deparei-me com um mestre. Percebo perfeitamente, amigos, a minha confusão, pois, velho e tudo o mais, deixei-me vencer por uma criança. É de se ficar arrasado e morrer por causa desse jovem, pois neste momento sou incapaz de olhá-lo fixamente. Que vou respondeu quando todos me disserem que me deixei vencer por um rapazote? Que vou explicar a respeito do que ele me disse sobre as linhas da primeira letra? Não sei, amigos, porque ignoro a origem e o destino dessa criatura. Por isso te rogo, irmão José, que o leves para casa. É algo extraordinário: ou um Deus ou um anjo, ou já não sei o que dizer.

VIII

Enquanto os judeus se entretinham em dar conselhos a Zaqueu, o menino pôs-se a rir com muita vontade e disse:
— Frutificai agora vossas coisas e abri os olhos à luz os cegos de coração. Vim de cima para amaldiçoar-vos e depois charmar-vos para o alto, pois esta é a ordem daquele que me enviou por vossa causa.
Quando o menino terminou de falar, sentiram-se imediatamente curados todos aqueles que haviam caído sob a maldição. Desde então, ninguém ousava irritá-lo para que ele não os amaldiçoasse ou viessem a ficar cegos.

IX

Dias depois, encontrava-se Jesus brincando num terraço. Um dos meninos que estavam com ele caiu do alto e morreu. Os outros, ao verem isso, foram-se embora e somente Jesus ficou. Pouco depois chegaram os pais do morto e puseram a culpa nele.
Disse-lhes Jesus:
— Não, não. Eu não o empurrei.
Apesar disso, eles o maltrataram. Jesus deu um salto de cima do terraço, vindo cair junto ao cadáver. Pôs-se a gritar bem alto:
— Zenon — assim se chamava o menino, — levanta-te e responda-me: fui eu quem te empurrou?
O morto levantou-se num instante e disse:
— Não, Senhor. Tu não me jogaste, porém me ressuscitaste.
Ao ver isso, todos os presentes ficaram consternados . Os pais do menino glorificaram a Deus por aquele maravilhoso feito e adoraram a Jesus.

X

Poucos dias depois, estava um jovem cortando lenha nas redondezas e aconteceu que o machado escapou e cortou a planta do seu pé. O infeliz estava morrendo rapidamente por causa da hemorragia.
Sobreveio por isso um grande alvoroço e juntou muita gente. Também Jesus veio ter ali. Depois de abrir espaço à força por entre a multidão, chegou junto do ferido e com suas mãos apertou o pé injuriado do jovem, que num instante ficou curado.
Disse então ao rapaz:
— Levanta-te já! Continua cortando lenha e lembra-te de mim!
A multidão, quando se deu conta do que havia acontecido, adorou o Menino dizendo:
— Verdadeiramente, o Espírito de Deus habita esse rapaz.

XI

Quando tinha seis anos, sua mãe deu-lhe certa vez um cântaro para que fosse enchê-lo de água e o trouxesse para casa. No caminho, Jesus tropeçou nas pessoas e a vasilha quebrou-se. Ele, então, estendeu o manto com o qual se cobria, encheu-o de água e levou-o a sua mãe. Esta, ao ver tal maravilha, pôs-se a beijar Jesus e foi guardando em seu íntimo todos os mistérios que o via realizar.

XII

Certa vez, sendo tempo de semeadura, saiu Jesus com seu pai para semear trigo em sua propriedade. Enquanto José esparramava as sementes, o Menino Jesus teve também vontade de semear um grãozinho de trigo. Após ceifar e debulhar, sua colheita somou cem coros, equivalente a quase quarenta mil litros. Convocou em sua propriedade todos os pobres da região e repartiu com eles os grãos. José, depois, levou para si o restante.

Jesus tinha oito anos, quando operou este milagre.

XIII

Seu pai, que era carpinteiro, fazia arados e cangas. Certa vez, recebeu o encargo de fazer uma cama para certa pessoa de boa posição. Aconteceu que uma das tábuas era mais curta que a outra e por isso José não sabia como proceder.

Então o Menino Jesus disse a seu pai:

— Põe no chão ambas as tábuas e iguala-as pela metade.

Assim fez José. Jesus foi até à outra extremidade, pegou a tábua mais curta e esticou-a, deixando-a tão comprida quanto a outra.

José, seu pai, encheu-se de admiração ao ver o prodígio e cobriu o menino de abraços e beijos dizendo:

— Feliz de mim, porque Deus me deu este menino.

XIV

José, percebendo que a inteligência do menino ia amadurecendo ao mesmo tempo que a idade, quis novamente impedir que ele permanecesse analfabeto, por isso levou-o até um outro professor e colocou-o a sua disposição.

Disse o professor:

— Ensinar-te-ei, em primeiro lugar as letras gregas, depois as hebraicas.

Era evidente que o professos conhecia bem a capacidade do rapaz e sentia medo dele. Depois de escrever o alfabeto, entretinha-se com ele por um longo tempo, sem obter nenhuma resposta de seus lábios.

Finalmente disse-lhe Jesus:

— Se és mestre de verdade e conheces perfeitamente as letras, dize-me primeiro qual é o valor de Alfa e então eu te direi qual é o de Beta.

Irritado, o professor bateu-lhe na cabeça. Quando o Menino Jesus sentiu a dor, amaldiçoou-o e imediatamente o professor desmaiou e caiu de bruços no chão.

O jovem voltou para casa de José. Este encheu-se de pesar e disse a Maria que não o deixasse sair de casa, porque todos aqueles que o aborreciam vinham a morrer.

XV

Passado algum tempo, outro professor, que era amigo íntimo de José, disse-lhe:

— Leva teu filho à escola. Talvez com delicadeza eu possa ensinar-lhe as letras.

José replicou:

— Se te atreveres, irmão, leva-o contigo.

O professor o aceitou com muito receio e preocupação, porém o menino demonstrou boa vontade e progredia a olhos vistos.

Certo dia, ele entrou impetuosamente na sala de aula e encontrou um livro colocado sobre a carteira. Pegou-o e, sem parar para ler as letras que nele estavam escritas, abriu sua boca e começou a falar, levado pelo Espírito Santo, ensinando a Lei aos circunstantes que o escutavam. Uma grande multidão, que havia se juntado, ouvia-o, cheia de admiração pela maravilha da sua doutrina e pela clareza de suas colocações, considerando que era uma criança que assim lhes falava.

José, quando soube disso, encheu-se de medo e correu imediatamente até a escola, receando que também aquele professor pudesse ter sido maltratado.

Este, porém, disse-lhe:

— Saiba, irmão, que recebi este menino como se fosse um aluno comum e acontece que está sobejando graça e sabedoria. Leva-o, por favor, para tua casa!

Ao ouvir essas palavras o menino sorriu e disse:

— Agradeço a ti, por haveres falado com retidão e dado um testemunho justo. Será curado aquele que anteriormente foi castigado.

Imediatamente o outro professor sentiu-se bem. José pegou o menino e foram para casa.

XVI

Certa vez, José mandou seu filho Tiago juntar lenha e trazê-la para casa. O Menino Jesus acompanhou-o, mas aconteceu que, enquanto Tiago recolhia os gravetos, uma cobra picou-lhe a mão.

Tendo caído no cão, ficou completamente largado e estando já para morrer, quando Jesus aproximou-se e assoprou a mordida.

Imediatamente desapareceu a dor, a cobra explodiu e Tiago recobrou imediatamente a saúde.

XVII

Aconteceu depois, nas vizinhanças de José, que um menino que vivia doente veio a falecer. Sua mãe chorava inconsolavelmente. Jesus, ao tomar conhecimento da dor daquela mãe e do tumulto que se formava, acudiu rapidamente.

Encontrando o menino já morto, tocou-lhe o peito e disse:

— Pequenino, falo contigo! Não morras, mas vive feliz e fica com tua mãe!

No mesmo instante, o menino abriu os olhos e sorriu. Então disse Jesus à mulher:

— Anda, pega-o, dá-lhe leite e lembra-te de mim!

Ao presenciar o acontecido, os circunstantes encheram-se de admiração e exclamaram:

— Na verdade, este menino ou é um Deus ou um anjo de Deus, pois tudo o que sai da sua boca torna-se um fato consumado.

Jesus saiu dali e pôs-se a brincar com os outros jovens.

XVIII

Dias depois, sobreveio um grande tumulto, onde construíam uma casa. Jesus levantou-se e dirigiu-se até o local. Vendo ali um cadáver estendido no chão, tomou-lhe a mão e dirigiu-se a ele nos seguintes termos:

— Homem, falo contigo! Levanta-te e termina teu trabalho!

Ele se levantou em seguida e o adorou. A multidão que viu essa cena encheu-se de admiração e disse:

— Esse rapaz deve ter vindo do céu, pois tem livrado muitas almas da morte e ainda seguirá livrando mais durante sua vida.

XIX

Quando contava doze anos seus pais, como de costume, foram em caravana até Jerusalém, para

assistir às festas da Páscoa. Quando as festas terminaram, voltavam para casa. No instante de partir, o Menino Jesus retornou a Jerusalém, enquanto seus pais pensavam que o encontrariam na comitiva.
Depois do primeiro dia de marcha, puseram-se a buscá-lo entre os seus parentes. Não o encontrando, preocuparam-se muito e voltaram a Jerusalém para procurá-lo.
Finalmente, depois do terceiro dia, encontraram-no no templo, sentado em meio aos doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas.
Todos estavam atentos a ele e admiraram-se de ver que, menino como era, deixava os anciões e mestres do povo sem palavras, averiguando os principais pontos da lei e as parábolas dos profetas.
Aproximando-se, Maria, sua mãe, disse-lhe:
— Meu filho, por que agiste assim conosco? Veja com que preocupação temos estado a te procurar!
Jesus, porém, respondeu:
— E por que me procuravas? Não sabias acaso que devo ocupar-me das coisas que se referem ao meu Pai?
Os escribas e fariseus indagaram a ela:
— És tu, acaso, a mãe deste menino?
Ela respondeu:
— Assim é.
Eles retrucaram:
— Pois feliz de ti entre as mulheres, já que o Senhor teve por bem bendizer o fruto do teu ventre, por que semelhantes glória, virtude e sabedoria não ouvimos nem vimos jamais.
Jesus levantou-se e seguiu sua mãe. Era obediente a seus pais. Sua mãe guardava todos esses fatos no seu coração. Enquanto isso Jesus ia crescendo em idade, sabedoria e graça. Graças sejam dadas a ele por todos os séculos dos séculos. Amém.

...

...

SALMO 151 + CARTA A JESUS + ORAÇÃO DE MANASSES

Salmo 151
Este Salmo apócrifo encontra-se na antiga versão grega, bem como, com algumas variações, na versão siríaca. É possível que seu texto seja resultante da combinação de dois salmos apócrifos redigidos em hebraico reencontrados em Qumran. Nesta tradução, as variantes siríaca e de Qumran seguem indicadas em "itálico".
1aSalmo de Davi. Ação de graças de Davi após combater Golias:
1bEu era o menor entre meus irmãos,
o mais novo da casa de meu pai.
Ao conduzir o rebanho de meu pai para o pasto,
encontrei um leão e um urso: matei-os e despedacei-os.
2aPor minhas mãos construí uma flauta,
meus dedos fizeram uma harpa.
2bOs montes nada testemunharam,
as colinas nada proclamaram;
entretanto, as árvores exaltaram as minhas palavras
e o rebanho [exaltou] os meus feitos.
3aQuem anunciará a meu Senhor?
3bQuem proclamará, quem divulgará, quem anunciará os feitos do Senhor de todas as coisas?
Deus viu, escutou e ouviu a tudo.
4Ele enviou seu mensageiro para ungir-me,
enviou Samuel para tornar-me grande.
Ele me tirou do meio do rebanho de meu pai
e ungiu-me com o seu óleo.
5aMeus irmãos eram belos e altos,
mas o Senhor não os preferiu.
5bEle me retirou de trás do rebanho,
ungiu-me com o santo óleo,
fez de mim o condutor de seu Povo,
o rei dos filhos da sua aliança.
6Enfrentei o filisteu, que amaldiçoou-me por seus ídolos.
7Arranquei-lhe a espada, cortei-lhe a cabeça,
e lavei a afronta aos filhos de Israel.

CARTA DO REI ABGARO A JESUS

Abgaro Ukkama [V] foi rei da cidade de Edessa (Síria) entre 4 aC e 7 dC, quando foi destronado por seu irmão Mahanu IV. Diz a lenda, que, por volta do ano 32 dC, sofrendo de terrível lepra, Abgaro teria escrito uma carta a Jesus pedindo para que Ele fosse até Edessa para curá-lo. Segundo alguns relatos, Jesus mandaria, mais tarde, o apóstolo Tadeu para efetivar a cura do rei.O texto, entretando, foi composto por volta do ano IV dC e logo traduzido para outros idiomas: siríaco, grego, armênio, copta, latim, árabe e eslavo.
Abgaro Ukkama a Jesus, o Bom Médico que apareceu na terra de Jerusalem, saudações:
Escutei falar de Ti e de Tuas curas: que Tu não fazes uso de remédios nem raízes; que, por Tua palavra, abriste [os olhos] de um cego, fizeste o aleijado andar, limpaste o leproso, fizeste o surdo ouvir; que por Tua palavra tu [também] expulsaste espíritos daqueles que eram atormentados por demônios imundos; que, outra vez, Tu ressussitaste o morto [trazendo-o] para a vida.
E, conhecendo as maravilhas que Tu fazes, concluí que [das duas uma]: ou Tu desceste do céu, ou mais: Tu és o Filho de Deus e por isso fizeste todas essas coisas. Por esse motivo escrevo para Ti, e rezo para que venhas até mim, que Te adoro, e cure toda a doença que carrego, de acordo com a fé que tenho em Ti.
Também soube que os judeus murmuram contra Ti e Te perseguem; que buscam crucificar-Te e destruir-Te. Eu não possuo mais que uma pequena cidade, mas é bela e grande o suficiente para que nós dois vivamos em paz.
RESPOSTA DE JESUS AO REI ABGARO
Segundo a lenda, a carta escrita por Abgaro teria sido levada a Jesus por seu emissário, Hannan. Os relatos discordam se a resposta de Jesus teria sido passada verbalmente a Hannan ou se Ele próprio teria escrito. Seja como for, a carta resposta pertence à mesma época da redação da Carta de Abgaro, isto é, séc. IV dC. Tal como esta, a pretensa resposta de Jesus foi fartamente difundida, chegando a ser usada como escapulário por "cristãos" supersticiosos.
Feliz és tu que acreditaste em Mim não tendo Me visto, porque está escrito sobre Mim que 'aqueles que me verão não acreditarão em Mim, e aqueles que não me verão acreditarão em Mim'. Quanto ao que escreveste, que eu deveria ir até ti, devo cumprir todas as coisas para as quais fui enviado aqui; quando eu ascender outra vez para o Meu Pai que me enviou, e quando eu tiver ido ter com Ele, Eu te enviarei um dos meus discípulos, que curará todos os teus sofrimentos, e eu te darei saúde outra vez, e converterei todos os que estão contigo para a vida eterna. E tua cidade será abençoada para sempre, e os teus inimigos nunca a dominarão.

ORAÇÃO DE MANASSÉS

Esta oração encontra-se nas Bíblias gregas e eslavas, mas não faz parte do cânon católico, razão porque foi colocada - tardiamente - em separado, em apêndice, na Vulgata latina.
A oração é certamente de origem judaica e imita os salmos penitenciais. O autor, desconhecido, utilizou-se do grego e escreveu a oração provavelmente entre os séculos II ou I aC, possivelmente no Egito. Existem antigas traduções também em siríaco, armênio e árabe. Tal oração teria sido pronunciada por ocasião da conversão do ímpio Manassés, o mesmo que é enfocado pelo segundo livro das Crônicas. Talvez por isso, a parte introdutória segue de perto 2Cron. 23,11-14.
Alocução
1Ó Senhor onipotente, Deus de nossos pais, de Abraão, Isaac e Jacó, e de toda a sua descendência de justos;

2Tu que criaste os céus e a terra, com tudo o que neles existe;
3que acorrentaste o mar com a tua palavra forte, que confinaste o abismo, selando-o com teu Nome terrível e glorioso;
4pelo qual se abalam todas as coisas, tremendo perante teu poder;
5ninguém pode sustentar o esplendor da tua glória, e a tua ira contra os pecadores é insuportável,
6embora sem medidas e sem limites é a tua misericórdia prometida;
7Tu és o Senhor das Alturas, de imensa compaixão, grande tolerância e gigantesca misericórdia; demonstras piedade com o sofrimento humano! Ó Senhor, conforme tua imensa bondade, prometeste penitência e perdão àqueles que pecaram contra Ti, e na clemência sem conta apontaste a penitência aos pecadores para que pudessem ser salvos.
Confissão dos Pecados
8Assim, Senhor, Deus dos justos, não apontaste penitência para os justos, para Abraão, Isaac e Jacó, que não pecaram contra Ti, mas apontaste penitência para mim, que sou pecador.
9Os pecados que cometi são superiores aos grãos de areia do mar; minhas transgressões são múltiplas, ó Senhor: elas se multiplicaram! Não sou digno de levantar os olhos para os céus em razão da multidão de minhas iniqüidades.
10Estou sobrecarregado com pesadas correntes de ferro; fui rejeitado em razão dos meus pecados, e não recebo consolo por ter provocado a tua ira e ter feito aquilo que é mau perante os teus olhos, realizando coisas abomináveis e multiplicando as ofensas.

Pedido de Perdão
11Agora eu dobro os joelhos do meu coração e imploro a tua amizade.
12Eu pequei, Senhor! Eu pequei, e reconheço as minhas transgressões.
13aArdentemente eu te imploro: perdoe-me, Senhor! Perdoe-me! Não destrua-me com as minhas transgressões! Não te zangues comigo para sempre, nem guardes o mal para mim! Não me condenes às profundezas da terra!
Agradecimento
13bTu és, Senhor, o Deus daqueles que se arrependem,
14e em mim manifestarás a tua bondade; pois, miserável como sou, tu me salvarás por tua grande misericórdia,
15e eu irei orar a Ti incessantemente por todos os dias da minha vida. Pois toda a milícia celeste proclamam a tua honra e tua é a glória para sempre. Amém.

...

EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ O DÍDIMO
APRESENTAÇÃO

O Evangelho de Tomé é um dos 52 textos da Biblioteca de Nag Hammadi, encontrada numa caverna no Egito em 1947. Este Evangelho, escrito em copto, a língua do Alto Egito no início de nossa era, é uma tradução de um original grego, provavelmente escrito em meados do primeiro século. Portanto, ele é um dos documentos mais antigos de nossa tradição cristã, já que os quatro Evangelhos incluídos na Bíblia foram escritos provavelmente entre os anos 80 e 120 de nossa era.
O Evangelho de Tomé é uma coleção de ditados de Jesus, que guarda certas semelhanças com o assim chamado Evangelho de "Q" (inicial de Quelle, alemão para 'fonte'), que os eruditos bíblicos acreditam teria sido a fonte de parte dos ditados incluídos em Mateus e Lucas. Os estudiosos acreditam que as versões dos ditados de Jesus encontradas em Tomé seriam, em geral, versões mais originais do que a dos evangelhos canônicos, que teriam sofrido modificações e editorações ao longo dos séculos.

Sua autoria é atribuída a Tomé, que é chamado logo no início do texto de "irmão gêmeo" de Jesus. Este parentesco deve ser entendido no seu sentido esotérico. Tomé seria um discípulo que havia alcançado um estado de realização interior que o tornava um gêmeo espiritual do Salvador. O caráter esotérico do Evangelho é reiterado no primeiro versículo, em que é dito que quem descobrir o significado dos ensinamentos de Jesus ali contidos, não provará a morte. Essa era a postura gnóstica daquele tempo e que continua válida em nossos dias. Como os ensinamentos de Jesus eram velados em linguagem simbólica, para descobrir a sua interpretação o discípulo teria que alcançar um elevado estado de consciência, no qual recebia a gnosis, ou seja, o conhecimento direto da verdade, uma verdadeira revelação espiritual, que conferia um estado de unidade com o Todo e a experiência da verdadeira natureza do ser, que é a alma. Como a alma é imortal, quem se identifica com a alma não experimenta a morte, ainda que inevitavelmente seu corpo físico, a vestimenta de carne da alma, venha a perecer.
O estudo meditativo dos ensinamentos internos de Jesus contidos no Evangelho de Tomé, usando as quatro chaves conhecidas para a interpretação da simbologia esotérica, pode ser altamente revelador para todo cristão desejoso de conhecer os ensinamentos esotéricos do Mestre.
Apresentação original de: Raul Branco

...

O EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ O DÍDIMO
(Os Discursos de Jesus)

(126)(1)Estes são os ensinamentos (logia) ocultos expostos por Jesus, o vivo, que Judas Tomé, o gêmeo, escreveu.
(1) E ele disse: "Quem descobrir o significado interior destes ensinamentos não provará a morte."
(2) Jesus disse: "Aquele que busca continue buscando até encontrar. Quando encontrar, ele se perturbará. Ao se perturbar, ficará maravilhado e reinará sobre o Todo."
(3) Jesus disse: "Se aqueles que vos guiam disserem, 'Olhem, o reino está no céu,' então, os pássaros do céu vos precederão, se vos disserem que está no mar, então, os peixes vos precederão. Pois bem, o reino está dentro de vós, e também está em vosso exterior. Quando conseguirdes conhecer a vós mesmos, então, sereis conhecidos e compreendereis que sois filhos do Pai vivo. Mas, se não vos conhecerdes, vivereis na pobreza e sereis essa pobreza."
(4) Jesus disse: "O homem idoso não hesitará em perguntar a uma criancinha de sete dias sobre o lugar da vida, e ele viverá. Pois muitos dos primeiros serão os últimos e se tornarão um só."
(5) Jesus disse: "Reconheça o que está diante de teus olhos, e o que está oculto a ti será desvelado. Pois não há nada oculto que não venha ser manifestado."
(6) Seus discípulos o interrogaram dizendo: "Queres que jejuemos? Como devemos orar? Devemos dar esmolas? Que dieta devemos observar?"
(127) Jesus disse: "Não mintais e não façais aquilo que detestais, pois todas as coisas são desveladas aos olhos do céu. Pois não há nada escondido que não se torne manifesto, e nada oculto que não seja desvelado."
(7) Jesus disse: "Bem-aventurado o leão que se torna homem quando consumido pelo homem; maldito o homem que o leão consome, e o leão torna-se homem."
(8) E ele disse: "O homem é como pescador sábio que lança sua rede ao mar e a retira cheia de peixinhos. O pescador sábio encontra entre eles um peixe grande e excelente. Joga todos os peixinhos de volta ao mar e escolhe o peixe grande sem dificuldade. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."
(9) Jesus disse: "Eis que o semeador saiu, encheu sua mão e semeou. Algumas sementes caíram na estrada; os pássaros vieram e as recolheram. Algumas caíram sobre rochas, não criaram raízes no solo e não produziram espigas. Outras caíram em meio a um espinheiro, que sufocou as sementes e os vermes as comeram. E outras caíram em solo fértil e produziram bons frutos; renderam sessenta por uma e cento e vinte por uma."
(10) Jesus disse: "Eu lancei fogo sobre o mundo, e eis que estou cuidando dele até que queime."
(11) Jesus disse: "Este céu passará, e aquele acima dele passará. Os mortos não estão vivos e os vivos não morrerão. Nos dias em que consumistes o que estava morto, vós o tornastes vivo. Quando estiverdes morando na luz, o que fareis? No dia em que éreis um vos tornastes

dois. Mas quando vos tornardes dois, o que fareis?"
(12) Os discípulos disseram a Jesus: "Sabemos que tu nos deixarás. Quem será nosso líder?"
Jesus disse-lhes: "Não importa onde estiverdes, devereis dirigir-vos a Tiago, o justo, para quem o céu e a terra foram feitos."
(13) Jesus disse a seus discípulos: "Comparai-me com alguém e dizei-me com quem me assemelho."
Simão Pedro disse-lhe: "Tu és semelhante a um anjo justo."
Mateus lhe disse: "Tu te assemelhas a um filósofo sábio."
Tomé lhe disse: "Mestre, minha boca é inteiramente incapaz de dizer com quem te assemelhas."
Jesus disse: "Não sou teu Mestre. Porque bebeste na fonte borbulhante que fiz brotar, tornaste-te ébrio. (128) E, pegando-o, retirou-se e disse-lhe três coisas. Quando Tomé retornou a seus companheiros, eles lhe perguntaram: "O que te disse Jesus?"
Tomé respondeu: "Se eu vos disser uma só das coisas que ele me disse, apanhareis pedras e as atirareis em mim, e um fogo brotará das pedras e vos queimará."
(14) Jesus disse-lhes: "Se jejuardes, gerareis pecado para vós; se orardes, sereis condenados; se derdes esmolas, fareis mal a vossos espíritos. Quando entrardes em qualquer país e caminhardes por qualquer lugar, se fordes recebidos, comei o que vos for oferecido e curai os enfermos entre eles. Pois o que entrar em vossa boca não vos maculará, mas o que sair de vossa boca - é isso que vos maculará."
(15) Jesus disse: "Quando virdes aquele que não foi nascido de uma mulher, prostrai-vos com a face no chão e adorai-o: é ele o vosso Pai."
(16) Jesus disse: "Talvez os homens pensem que vim lançar a paz sobre o mundo. Não sabem que é a discórdia que vim espalhar sobre a Terra: fogo, espada e disputa. Com efeito, havendo cinco numa casa, três estarão contra dois e dois contra três: o pai contra o filho e o filho contra o pai. E eles permanecerão solitários."
(17) Jesus disse: "Eu vos darei o que os olhos não viram, o que os ouvidos não ouviram, o que as mão não tocaram e o que nunca ocorreu à mente do homem."
(18) Os discípulos disseram a Jesus: "Dize-nos como será o nosso fim."
Jesus disse: "Haveis, então, discernido o princípio, para que estejais procurando o fim? Pois onde estiver o princípio ali estará o fim. Feliz daquele que tomar seu lugar no princípio: ele conhecerá o fim e não provará a morte."
(19) Jesus disse: "Feliz o que já era antes de surgir. Se vos tornardes meus discípulos e ouvirdes minhas palavras, estas pedras estarão a vosso serviço. Com efeito, há cinco árvores para vós no Paraíso que permanecem inalteradas inverno e verão, e cujas folhas não caem. Aquele que as conhecer não provará a morte."
(20) Os discípulos disseram a Jesus: "Dize-nos a que se assemelha o reino do céu."
Ele lhes disse: "Ele se assemelha a uma semente de mostarda, a menor de todas as sementes. Mas, quando cai em terra cultivada, produz uma grande planta e torna-se um refúgio para as aves do céu."
(129) (21) Maria disse a Jesus: "A quem se assemelham teus discípulos?"
Ele disse: "Eles se parecem com crianças que se instalaram num campo que não lhes pertence. Quando os donos do campo vierem, dirão: 'Entregai nosso campo.' Elas se despirão diante deles para que eles possam receber o campo de volta e para entregá-lo a eles. Por isso digo: se o dono da casa souber que virá um ladrão, velará antes que ele chegue e não deixará que ele penetre na casa de seu domínio para levar seus bens. Vós, portanto, permanecei atentos contra o mundo. Armai-vos com todo poder para que os ladrões não consigam encontrar um caminho para chegar a vós, pois a dificuldade que temeis certamente ocorrerá. Que possa haver entre vós um homem prudente. Quando a safra estiver madura, ele virá rapidamente com sua foice em mãos para colhe-la. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."
(22) Jesus viu crianças sendo amamentadas. Ele disse a seus discípulos: "Esses pequeninos que mamam são como aqueles que entram no Reino."
Eles lhe disseram: Nós também, como crianças, entraremos no Reino?" Jesus lhes disse: "Quando fizerdes do dois um e quando fizerdes o interior como o exterior, o exterior como o interior, o acima como o embaixo e quando fizerdes do macho e da fêmea uma só coisa, de forma que o macho não seja mais macho nem a fêmea seja mais fêmea, e quando formardes olhos em lugar de um olho, uma mão em lugar de uma mão, um pé em lugar de um pé e uma imagem em lugar de uma imagem, então, entrareis (no Reino).
(23) Jesus disse: Escolherei dentre vós, um entre mil e dois entre dez mil, e eles permanecerão como um só."
(24) Seus discípulos disseram-lhe: "Mostra-nos o lugar onde estás, pois precisamos procurá-lo."
Ele disse-lhes: "Aquele que tem ouvidos, ouça! Há luz no interior do homem de luz e ele ilumina o mundo inteiro. Se ele não brilha, ele é escuridão."
(25) Jesus disse: "Ama teu irmão como à tua alma, protege-o como a pupila de teus olhos."
(26) Jesus disse: "Tu vês o cisco no olho de teu irmão, mas não vês a trave em teu próprio olho. Quando retirares a trave de teu olho, então verás claramente e poderás retirar o cisco do olho de teu irmão."
(27) (Jesus disse:) "Se não jejuardes com relação ao mundo, não encontrareis o Reino. Se não observardes o sábado como um sábado, não vereis o Pai."
(130) (28) Jesus disse: "Assumi meu lugar no mundo e revelei-me a eles na carne. Encontrei todos embriagados. Não encontrei nenhum sedento, e minha alma ficou aflita pelos filhos dos homens, porque estão cegos em seus corações e não têm visão. Pois vazios vieram ao mundo e vazios procuram deixar o mundo. Mas no

momento eles estão embriagados. Quando superarem a embriaguez, então mudarão sua maneira de pensar."
(29) Jesus disse: "Seria uma maravilha se a carne tivesse surgido por causa do espírito. Mas seria a maior das maravilhas se o espírito tivesse surgido por causa do corpo. Estou realmente surpreso pela forma como essa grande riqueza fez morada nessa pobreza."
(30) Jesus disse: "Onde há três deuses, eles são deuses. Onde há dois ou um, estou com ele."
(31) Jesus disse: "Nenhum profeta é aceito em sua cidade; nenhum médico cura aqueles que o conhecem."
(32) Jesus disse: "Uma cidade construída e fortificada sobre uma montanha elevada não pode cair nem pode ser escondida."
(33) Jesus disse: "Proclamai sobre os telhados aquilo que ouvirdes com vosso próprio ouvido. Pois ninguém acende uma lâmpada e coloca-a debaixo de um cesto, tampouco coloca-a num lugar escondido, mas num candelabro, para que todos que venham a entrar e sair vejam sua luz."
(34) Jesus disse: "Se um cego guia outro cego, ambos cairão numa vala."
(35) Jesus disse: "Não é possível que alguém entre na casa de um homem forte e tome-a à força, a menos que lhe ate as mãos; então será capaz de saquear sua casa."
(36) Jesus disse: "Não vos preocupeis de manhã até a noite e de noite até a manhã com o que vestireis."
(37) Seus discípulos disseram: "Quando tu te revelarás a nós e quando te veremos?"
Jesus disse: "Quando vos despirdes sem vos envergonhardes e tomardes vossas vestes e, colocando-as sobre vossos pés, pisardes sobre elas como criancinhas, então (vereis) o filho daquele que vive e não tereis medo."
(38) Jesus disse: "Muitas vezes haveis desejado ouvir essas palavras que vos digo, e não tendes outro de quem ouvi-las. Pois virão dias em que me procurareis e não me encontrareis."
(39) Jesus disse: "Os fariseus e os escribas tomaram as chaves da gnosis. (131) Eles não entraram nem deixaram entrar aqueles que queriam entrar. Vós, no entanto, sede sábios como as serpentes e mansos como as pombas."
(40) Jesus disse: "Uma parreira foi plantada fora do Pai, porém, não sendo saudável, ela será arrancada pela raiz e destruída."
(41) Jesus disse: "Quem tiver algo em sua mão receberá mais, e quem não tiver nada perderá até mesmo o pouco que tem."
(42) Jesus disse: "Tornai-vos passantes."
(43) Seus discípulos disseram-lhe: "Quem és tu para dizer-nos tais coisas?"
[Jesus disse-lhes:] "Não percebeis quem sou eu pelo que vos digo, mas vos tornastes como os judeus! Com efeito, eles amam a árvore e odeiam seus frutos ou amam os frutos, mas odeiam a árvore."
(44) Jesus disse: "Quem blasfemar contra o Pai será perdoado e quem blasfemar contra o Filho será perdoado, mas quem blasfemar contra o Espírito Santo não será perdoado nem na terra nem no céu."
(45) Jesus disse: "Não se colhe uvas dos espinheiros nem figos dos cardos, pois eles não dão frutos. O homem bom retira o bem do seu tesouro; o malvado retira o mal de seu tesouro malévolo, que está em seu coração, e diz maldade. Pois da abundância do coração ele retira coisas más."
(46) Jesus disse: "Dentre os que nasceram da mulher, desde Adão até João, o Batista, não há ninguém superior a João, para que não abaixe os olhos [diante dele]. Mas eu digo, aquele dentre vós que se tornar uma criança conhecerá o Reino e se tornará superior a João."
(47) Jesus disse: "É impossível para um homem montar dois cavalos ou retesar dois arcos. E é impossível que um servo sirva a dois senhores, pois ele honra um e ofende o outro. Ninguém bebe vinho velho e logo em seguida deseja beber vinho novo. E não se coloca vinho novo em odres velhos, para que não arrebentem; nem se coloca vinho velho em odres novos, para que não o estraguem. E não se cose pano velho em veste nova, porque ela está arriscada a rasgar."
(48) Jesus disse: "Se os dois fizerem as pazes nesta casa, eles dirão a montanha: 'Move-te!' e ela se moverá."
(132) (49) Jesus disse: "Bem aventurados os solitários e os eleitos, pois encontrareis o Reino. Pois, viestes dele e para ele retornareis."
(50) Jesus disse: "Se vos perguntarem: 'De onde vindes?' respondei: 'Viemos da luz, do lugar onde a luz nasceu dela mesma, estabeleceu-se e tornou-se manifesta por meio de suas imagens'. Se vos perguntarem: 'Vós sois isto?' digam: 'Nós somos seus filhos e somos os eleitos do Pai vivo'. Se vos perguntarem: 'Qual é o sinal de vosso Pai em vós?', digam a eles: 'É movimento e repouso'."
(51) Seus discípulos disseram-lhe: "Quando ocorrerá o repouso dos mortos e quando virá o novo mundo?"
Ele disse-lhes: "Aquilo que esperais já chegou, mas não o reconheceis."
(52) Seus discípulos disseram-lhe: "Vinte e quatro profetas falaram em Israel e todos falaram de ti."
Ele disse-lhes: "Omitistes aquele que vive em vossa presença e falastes dos mortos."
(53) Seus discípulos disseram-lhe: "A circuncisão é benéfica ou não?"
Ele disse-lhes: "Se ela fosse benéfica, os pais gerariam filhos já circuncisos de sua mãe. Mas a verdadeira circuncisão, a espiritual, tornou-se inteiramente proveitosa."
(54) Jesus disse: "Bem-aventurados os pobres, pois vosso é o Reino do céu."
(55) Jesus disse: "Aquele que não odiar (2) seu pai e sua mãe não poderá se tornar meu discípulo. E quem não odiar seus irmãos e irmãs e tomar sua cruz, como eu, não será digno de mim."
(56) Jesus disse: "Aquele que conseguiu compreender o mundo encontrou (somente) um

cadáver, e quem encontrou um cadáver é superior ao mundo."
(57) Jesus disse: "O Reino do Pai é semelhante ao homem que tem [boa] semente. Seu inimigo veio durante a noite e semeou joio por cima da boa semente. O homem não deixou que arrancassem o joio, dizendo: 'temo que acabeis arrancando o joio e também o trigo junto com ele. No dia da colheita as ervas daninhas estarão bem visíveis e serão, então, arrancadas e queimadas."
(58) Jesus disse: "Bem-aventurado o homem que sofreu e encontrou a vida."
(59) Jesus disse: "Prestai atenção àquele que vive enquanto estais vivos, para que, ao morrerdes, não fiqueis procurando vê-lo sem conseguir."
(133) (60) [Eles viram] um samaritano carregando um cordeiro a caminho da Judéia. Ele disse a seus discípulos: "Por que o homem está carregando o cordeiro?"
Eles disseram-lhe: "Para matá-lo e comê-lo."
Ele disse-lhes: "Enquanto o cordeiro estiver vivo, ele não o comerá, mas somente depois que o tiver matado e que o cordeiro se tornar um cadáver."
Eles disseram-lhe: "Ele não poderia fazer de outro modo."
Ele disse-lhes: "Vós, também, buscai um lugar para vós no repouso, a fim de que não vos torneis um cadáver e sejais devorados."
(61) Jesus disse: "Dois repousarão sobre um leito: um morrerá, o outro viverá."
Salomé disse: "Quem és tu homem, que ... te acomodaste em meu divã e comeste à minha mesa?"
Jesus disse-lhe: "Eu sou aquele que existe a partir do indivisível. Recebi algumas das coisas de meu pai."
[...] "Eu sou seu discípulo."
[...] "Por isso digo que, se for destruído, ele estará pleno de luz, mas, se ele estiver dividido, estará pleno de trevas."
(62) Jesus disse: "Eu digo meus mistérios aos [que são dignos de meus] mistérios. Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita."
(63) Jesus disse: "Havia um rico que tinha muito dinheiro. Ele disse: 'Empregarei meu dinheiro para semear, colher, plantar e encher meu celeiro com o fruto da colheita, para que não me venha a faltar nada'. Essas eram suas intenções, mas naquela mesma noite ele morreu. Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça."
(64) Jesus disse: "Um homem tinha convidados. E quando a ceia estava pronta, mandou seu servo chamar os convidados. O servo foi ao primeiro e disse-lhe: 'Meu mestre te convida'. O outro respondeu: 'Tenho dinheiro aplicado com alguns comerciantes. Eles virão me procurar esta noite para que eu lhes dê minhas instruções. Apresento minhas desculpas por não ir à ceia. O servo foi até outro e disse: 'Meu senhor está te convidando'. Este disse-lhe: 'Acabo de comprar uma casa e precisam de mim hoje. Não terei tempo'. O servo foi a outro e disse-lhe: 'Meu senhor está te convidando'. Este disse-lhe: 'Um amigo vai se casar e coube-me preparar o banquete. Não poderei ir à ceia, peço ser desculpado. O servo foi a outro ainda e disse-lhe: 'Meu senhor está te convidando'. Este disse-lhe: 'Acabo de comprar uma fazenda e estou saindo para buscar o rendimento. Não poderei ir, por isso me desculpo'. O servo retornou e disse a seu senhor: 'Os que convidaste para a ceia mandam pedir desculpas'. (134) O senhor disse ao servo: 'Vai lá fora pelos caminhos e traze os que encontrares para que possam ceiar. Os homens de negócios e mercadores não entrarão no recinto de meu Pai'."
(65) Ele disse: "Um homem de bem tinha uma vinha. Ele a alugou a camponeses para que cuidassem dela e pagassem-lhe com uma parte da produção. Ele enviou seu servo para que os arrendatários entregassem-lhe o fruto da vinha. Eles pegaram seu servo e o espancaram, deixando-o à beira da morte. O servo voltou e contou a seu senhor o ocorrido. O senhor disse: 'Talvez não o tenham reconhecido'. Ele enviou outro servo. Os camponeses também o espancaram. Então o proprietário enviou seu filho e disse: 'Talvez eles tenham respeito por meu filho'. Como os camponeses sabiam que aquele era o herdeiro da vinha, pegaram-no e mataram-no. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."
(66) Jesus disse: "Mostrai-me a pedra que os construtores rejeitaram; ela é a pedra angular."
(67) Jesus disse: "Se alguém que conhece o todo ainda sente uma deficiência pessoal, ele é completamente deficiente."
(68) Jesus disse: "Bem-aventurados os que são odiados e perseguidos. Mas os que vos perseguirem não encontrarão lugar."
(69) Jesus disse: "Bem-aventurados aqueles que foram perseguidos em seu interior. São eles que realmente conheceram o pai. Bem-aventurados os famintos, porque se encherá o ventre de quem tem desejo."
(70) Jesus disse: "Aquilo que tendes vos salvará se o manifestardes. Aquilo que não tendes em vosso interior vos matará se não o tiverdes dentro de vós."
(71) Jesus disse: "Destruirei esta casa e ninguém será capaz de reconstruí-la [...]"
(72) [Um homem disse-lhe]: "Dize a meus irmãos para que partilhem os bens de meu pai comigo."
Ele lhe disse: "Ó, homem, quem me instituí partilhador?"
Voltando-se para seus discípulos, disse-lhes: "Eu não sou um partilhador, sou?"
(73) Jesus disse: "A colheita é grande mas os operários são poucos. Portanto, implorai ao senhor para que envie operários para a colheita."
(74) Ele disse: "Ó senhor, há muitas pessoas ao redor do bebedouro, mas não há nada na cisterna."
(75) Jesus disse: "Muitos estão aguardando à porta, mas são os solitários que entrarão na câmara nupcial."
(135) (76) O Reino do pai é semelhante ao comerciante que tinha uma consignação de mercadorias e nelas descobriu uma pérola. Esse

comerciante era astuto. Ele vendeu as mercadorias e adquiriu a pérola maravilhosa para si. Vós também deveis buscar esse tesouro indestrutível e duradouro, que nenhuma traça pode devorar nem o verme destruir."
(77) Jesus disse: "Eu sou a luz que está sobre todos eles. Eu sou o todo. De mim surgiu o todo e de mim o todo se estendeu. Rachai um pedaço de madeira, e eu estou lá. Levantai a pedra e me encontrareis lá."
(78) Jesus disse: "Por que viestes ao deserto? Para ver um caniço agitado pelo vento? E para ver um homem vestido com roupas finas como vosso rei e vossos homens importantes? Esses usam roupas finas, mas são incapazes de discernir a verdade."
(79) Uma mulher na multidão disse-lhe: "Bem-aventurado o ventre que te portou e os seios que te nutriram."
Ele disse-lhe: "Bem-aventurados os que ouviram a palavra do Pai e que realmente a guardaram. Pois virão dias em que direis: "Bem-aventurado o ventre que não concebeu, e os seios que não amamentaram."
(80) Jesus disse: "Aquele que reconheceu o mundo encontrou o corpo, mas aquele que encontrou o corpo é superior ao mundo."
(81) Quem enriqueceu, torne-se rei, mas quem tem poder que possa renunciar a ele."
(82) Jesus disse: "Aquele que está perto de mim está perto do fogo, e aquele que está longe de mim está longe do Reino."
(83) Jesus disse: "As imagens manifestam-se ao homem, mas a luz que está nelas permanece oculta na imagem da luz do Pai. Ele tornar-se-á manifesto, mas sua imagem permanecerá velada por sua luz."
(84) Jesus disse: "Quando vedes vossa semelhança, vós vos rejubilais. Mas, quando virdes vossas imagens que surgiram antes de vós, e que não morrem nem se manifestam, quanto tereis de suportar!"
(85) Jesus disse: "Adão surgiu de um grande poder e de uma grande riqueza, mas ele não se tornou digno de vós. Pois, se tivesse sido digno, não teria experimentado a morte."
(86) Jesus disse: "[As raposas têm suas tocas] e as aves têm seus ninhos, mas o filho do homem não tem nenhum lugar para pousar sua cabeça e descansar."
(87) Jesus disse: "Miserável do corpo que depende de um corpo e da alma que depende desses dois."
(88) Jesus disse: "Os anjos e os profetas virão a vós e darão aquelas coisas que já tendes. E dai vós também a eles as coisas que tendes e dizei a vós mesmos: 'Quando virão tomar o que é deles?'"
(89) Jesus disse: "Por que lavais o exterior da taça? Não compreendeis que aquele que fez o interior é o mesmo que fez o exterior?"
(90) Jesus disse: "Vinde a mim, pois meu jugo é fácil e meu domínio é suave, e encontrareis repouso para vós."
(91) Eles disseram-lhe: "Dize-nos quem tu és, para que possamos crer em ti."
Ele disse-lhes: "Vós decifrastes a face to céu e da terra, mas não reconhecestes aquele que está diante de vós e não soubestes perceber este momento."
(92) Jesus disse: "Buscai e encontrareis. No entanto, aquilo que me perguntastes anteriormente e que não vos respondi então, agora desejo vos dizer mas vós não me perguntais sobre aquilo."
(93) [Jesus disse]: "Não deis aos cães o que é sagrado, para que eles não o joguem no lixo. Não atireis pérolas aos porcos, para que eles ..."
(94) Jesus [disse]: "Quem busca, encontrará, e [quem bate] terá permissão para entrar."
(95) [Jesus disse]: "Se tendes dinheiro, não o empresteis a juro, mas dai-o àquele de quem não o recebereis de volta."
(96) Jesus disse: "O Reino do Pai é como [uma certa] mulher. Ela tomou um pouco de fermento, [escondeu-o] na massa, e fez com ela grandes pães. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!"
(97) Jesus disse: "O Reino do Pai é como uma certa mulher que estava carregando um cântaro cheio de farinha. Enquanto estava caminhando pela estrada, ainda distante de casa, a alça do cântaro partiu-se e a farinha foi caindo pelo caminho atrás dela. Ela não se deu conta, pois não tinha percebido o acidente. Quando chegou em casa, colocou o cântaro no chão e percebeu que ele estava vazio."
(98) Jesus disse: "O Reino do Pai é como um certo homem que queria matar um homem poderoso. Em sua própria casa ele desembainhou a espada e enfiou-a na parede para saber se sua mão poderia realizar a tarefa. Então ele matou o homem poderoso."
(99) Os discípulos disseram-lhe: "Teus irmãos e tua mãe estão aguardando lá fora."
Ele disse-lhes: "Estes que estão aqui que fazem a vontade de meu Pai são meus irmãos e minha mãe. São eles que entrarão no Reino de meu Pai."
(100) Eles mostraram uma moeda de ouro a Jesus e disseram-lhe: "Os homens de César exigem-nos tributos."
Ele disse-lhes: "Dai a César o que é de César, dai a Deus o que é de Deus, e dai a mim o que é meu."
(101) [Jesus disse]: "Quem não odeia (3) seu [pai] e sua mãe como eu não pode se tornar meu [discípulo]. E quem não ama seu [pai e] sua mãe como eu não pode se tornar meu [discípulo]. Porque minha mãe [...], mas [minha] verdadeira [mãe] deu-me a vida."
(102) Jesus disse: "Ai dos fariseus, porque eles são como um cachorro dormindo na manjedoura dos bois, pois eles não comem nem permitem que os bois comam."
(103) Jesus disse: "Feliz do homem que sabe por onde os ladrões vão entrar, porque dessa forma [ele] pode se levantar, passar em revista seu domínio e armar-se antes deles invadirem."
(104) Eles disseram a Jesus: "Vem, oremos e jejuemos hoje."

Jesus disse: "Qual foi o pecado que cometi ou em que fui vencido? Porém, quando o noivo deixar a câmara nupcial, então que eles jejuem e orem."
(105) Jesus disse: "Quem conhece o pai e a mãe será chamado filho de prostituta."
(106) Jesus disse: "Quando fizerdes de dois, um, vos tornareis filhos do homem, e quando disserdes: 'Montanha, move-te!', ela se moverá."
(107) Jesus disse: "O Reino é como um pastor que tinha cem ovelhas. Uma delas, a maior de todas, extraviou-se. Ele deixou as noventa e nove e foi procurá-la, até encontrá-la. Depois de ter passado por todo esse incômodo, ele disse à ovelha: 'Eu me interesso por ti mais do que pelas noventa e nove'."
(108) Jesus disse: "Quem beber de minha boca tornar-se-á como eu. Eu mesmo me tornarei ele, e as coisas que estão ocultas ser-lhe-ão reveladas."
(109) Jesus disse: "O Reino é como o homem que tinha um tesouro [escondido] em seu campo sem saber. Após sua morte, deixou o campo para seu [filho]. O filho não sabia [a respeito do tesouro]. Ele herdou o campo e o vendeu. O comprador ao arar o campo encontrou o tesouro. Começou então a emprestar dinheiro a juros a quem queria."
(110) Jesus disse: "Quem encontrou o mundo e tornou-se rico, que renuncie ao mundo."
(111) Jesus disse: "Os céus e a terra se dobrarão diante de vós. E aquele que vive do Vivo não conhecerá a morte. Jesus não disse: 'Quem se encontra é superior ao mundo?'"
(112) Jesus disse: "Ai da carne que depende da alma; ai da alma que depende da carne."
(113) Seus discípulos disseram-lhe: "Quando virá o Reino?"
[Jesus disse]: "Ele não virá porque é esperado. Não é uma questão de dizer: 'eis que ele está aqui' ou 'eis que está ali'. Na verdade, o Reino do Pai está espalhado pela terra e os homens não o vêem."
(114) Simão Pedro disse-lhes: "Que Maria saia de nosso meio, pois as mulheres não são dignas da vida."
Jesus disse: "Eu mesmo vou guiá-la para torná-la macho, para que ela também possa tornar-se um espírito vivo semelhante a vós machos. Porque toda mulher que se tornar macho entrará no Reino do Céu."

...

A SOPHIA DE JESUS CRISTO

APRESENTAÇÃO

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.
A chamada "Sophia" teve seu texto encontrado na Biblioteca de Nag Hammadi (em duas cópias, III,3 e V,1), descoberta em 1945 no alto Egito, e também presente no Códex de Berlim - encontrado no séc. XIX. Foi dirigido a uma assembléia que já conhecia o gnosticismo. Este texto foi reelaborado no séc. II d.C., na Escola de Valentino, a partir de 'Epístola de Eugnostos', que tem um conteúdo de gnosticismo mais egípcio. Esta última - séc. I a.C. - é uma carta formal, mais curta e direta, escrita por um Instrutor a seus discípulos, também encontrada em Nag Hammadi (III,4). As passagens colocadas entre colchetes [ ] em itálico fazem parte da 'Epístola de Eugnostos' e foram aqui acrescentadas quando a diferença entre os dois textos é expressiva. O texto 'A Sophia de Jesus, o Cristo de Deus' é apresentado na forma de diálogos, enquanto na epístola os discípulos não são nominados, mas apenas as instruções.)

Após ele ressurgir de entre os mortos, seus doze discípulos e sete mulheres (1) continuaram a ser seus seguidores e foram para a Galileia, até a montanha chamada 'Presságio e Alegria' (2). Quando se reuniram, estavam perplexos, confusos sobre a realidade subjacente do universo, o plano, a sagrada(3) providência e os poderes das autoridades (4) e sobre tudo que o Salvador estava fazendo com eles no segredo (5) do plano sagrado.
Então, o Salvador apareceu, não em sua forma anterior, mas como um espírito invisível. E sua aparência assemelhava-se a um grande anjo de luz. Mas não devo descrever a sua aparência. Nenhum corpo mortal poderia suportá-la (6), somente um corpo físico puro e perfeito, como aquele sobre o qual ele nos ensinou na Galileia, no monte chamado 'das Oliveiras' (7).
E ele disse: "A paz esteja com vocês! Minha paz eu lhes dou!" E todos eles ficaram maravilhados e apreensivos.
O Salvador riu e disse a eles: "O que vocês estão pensando? Porque estão perplexos? O que estão procurando (entender)?"
Filipe respondeu: "A respeito da realidade subjacente do universo e do plano".
O Salvador disse a eles: "Quero que saibam que todos os homens nascidos na terra, desde a fundação do mundo até agora, sendo pó, apesar de terem inquirido sobre Deus, quem ele é e como é ele, não o encontraram. Ora, os mais sábios entre eles especularam sobre o ordenamento (8) do mundo e seus movimentos. Mas sua especulação não alcançou a verdade. Pois, é dito por todos filósofos que o ordenamento é direcionado de três maneiras e por isso não há concordância entre eles.
Alguns deles dizem que o mundo é dirigido por si mesmo. Outros que é a providência (que o dirige). E outros, que é o destino. Mas não é nenhum desses. Novamente, das três explanações que há pouco mencionei, nenhuma está próxima da verdade e elas são dos homens. Mas eu, que vim da Luz Infinita. Estou aqui - por conhecê-la - para que possa (9) falar-lhes a respeito da natureza precisa da verdade. Tudo quanto seja de si mesmo é uma vida contaminada, pois é auto-gerado. A providência não possui sabedoria nela. E o destino não discerne.
[Pois tudo quanto seja de si mesmo é vazio de vida, é auto-gerado. A providência é tola. E o destino é algo sem discernimento.]
Mas a vocês é dado conhecer. E quem quer que seja merecedor do conhecimento, (o) receberá, aquele que não tenha sido gerado pelo relacionamento impuro (10), mas pelo Primeiro Que Foi Enviado, pois ele é imortal em meio aos homens mortais."
[Então, quem quer que seja capaz de se libertar destas três opiniões que há pouco mencionei e vir, por meio de outra explanação, a reconhecer o Deus da verdade e concordar em tudo concernente a ele, esse é imortal, habitando em meio aos homens mortais.]
Mateus disse-lhe: "Senhor, ninguém pode encontrar a verdade exceto através do senhor. Portanto, ensina-nos a verdade".
O Salvador falou: "Aquele QUE É é inefável. Nenhum princípio o conhece, nenhuma autoridade, nem dependência, nem qualquer criatura desde a fundação do mundo até agora, com exceção (11) dele mesmo e daqueles a quem ele queira revelar-se, através daquele que é da Primeira Luz. De agora em diante eu sou o Grande Salvador. Pois ele é imortal e eterno. Ora, ele é eterno, não tendo nascido, pois todo aquele que nasce, perecerá. Ele não foi gerado, não tendo princípio, pois tudo que tem um princípio, tem um fim. Já que (12) ninguém o governa, ele não tem nome, pois quem quer que tenha um nome é a criação de um outro (13). Ele é inominável, não tem forma humana, pois todo aquele que tem forma humana é a criação de um outro. Ele tem a aparência de si mesmo (14) - não como aquela que vocês viram e receberam, mas uma aparência estranha que supera todas as coisas e é superior ao universo.
Ele olha para todos os lados e vê a si próprio a partir de si mesmo. Como é infinito, é eternamente incompreensível. É imperecível e não tem semelhança (a qualquer coisa). Ele é o imutável bem. É sem falhas. Eterno. Abençoado. Apesar de ser incognoscível, sempre conhece a si mesmo. Ele é imensurável. Insondável. É perfeito, não tendo defeito. Ele é imperecivelmente abençoado. É chamado 'Pai do Universo'."

Filipe disse: "Senhor, como, então, ele apareceu aos perfeitos?"
O Salvador perfeito respondeu-lhe: "Antes que qualquer coisa seja visível, dentre aquelas que são visíveis, a majestade e a autoridade estão nele, visto que ele abarca inteiramente as totalidades, enquanto que nada o abarca. Pois ele é todo mente. E é pensamento, consideração, reflexão, racionalidade e poder. Todos são poderes iguais. São a fonte das totalidades. E todas as raças, desde a primeira até a última, estavam em sua previsão, aquela do Pai Não-gerado e infinito."
[E todas as raças (desde a primeira) até a última, estão previstas pelo Não-gerado, pois (15) ele ainda não surgiu à visibilidade.]
Tomé falou-lhe: "Porque esses surgiram e porque foram revelados?"
O perfeito Salvador respondeu: "Eu vim do Infinito, para que eu possa dizer-lhes todas as coisas. O Espírito QUE É foi o progenitor, que tem o poder (de) um progenitor e a natureza de (dar) forma, para que a grande fartura que estava oculta nele pudesse ser revelada. Por causa de sua compaixão e de seu amor ele desejava dar fruto por si mesmo, para que ele não (gozasse) sua benevolência sozinho, mas (que) outros espíritos da Geração Resoluta pudessem dar corpo e fruto, glória e honra na imperecibilidade e em sua graça infinita; para que seu tesouro pudesse ser revelado pelo Deus Auto-Gerado, o pai de toda imperecibilidade e daqueles que apareceram mais tarde. Mas eles não haviam alcançado ainda a visibilidade.
Porém existe uma grande diferença entre os imperecíveis."
Porém existia uma diferença entre os eons imperecíveis. Vamos, então, refletir (sobre isto) desta forma.
Ele exclamou dizendo: "Quem tem ouvidos para ouvir a respeito das infinidades, que ouça", e "Dirigi-me àqueles que estão despertos."
E ele continuou ainda, dizendo: "Tudo que veio do perecível, perecerá, já que veio do perecível. Mas tudo o que veio da imperecibilidade, não perecerá, mas se tornará imperecível (BG 89, 16-17 acrescenta: pois se origina da imperecibilidade). Portanto, muitos homens se perderam porque eles não conheciam esta diferença e morreram."
Maria disse a ele: "Senhor, como vamos então conhecer isto?"
O Salvador perfeito disse:
Porém isto é suficiente, pois é impossível para alguém disputar a natureza das palavras que acabei de falar sobre Deus verdadeiro, bem-aventurado e imperecível.
Mas, se alguém quiser acreditar nas palavras (aqui) determinadas, que ele vá do que está oculto até o fim do que está visível, e este Pensamento lhe instruirá sobre como a fé nas coisas que não são visíveis foi encontrada no que é visível. Este é um princípio de conhecimento.
"Venham das coisas invisíveis até o fim das que são visíveis, e a própria emanação do Pensamento lhe revelará como a fé nas coisas que não são visíveis foi encontrada naquelas que são visíveis, aquelas que pertencem ao Pai Não-Gerado. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.
O Senhor do Universo não é chamado 'Pai', mas 'Antepassado'. (Porque o Pai é) o início (ou princípio) daqueles que vão aparecer, mas ele (o Senhor) é (o) Antepassado sem início. Olhando-se dentro de si mesmo num espelho, ele se parece com sua própria semelhança, porém sua aparência parecia como seu Próprio-Pai Divino e (como) Confrontador 'daqueles confrontados', o Primeiro Pai Existente Não-Gerado. Ele na verdade tem a mesma idade da Luz que veio antes dele, mas não é igual a ela em poder.
"E a seguir foi revelada uma grande multidão de seres auto-gerados confrontadores, iguais em idade e poder, estando na glória (e) sem número, cuja raça é chamada 'A Geração sobre a Qual Não Há Reino' 'daquele em quem vocês mesmos apareceram destes homens.' E toda esta multidão sobre a qual não há reino é chamada 'Filhos do Pai Não-Gerado, Deus, Salvador, Filho de Deus,' cuja semelhança está consigo. Porém, ele é o Incognoscível, que está sempre pleno de glória imperecível e de alegria inefável. Eles todos descansam nele, sempre se regozijam em alegria inefável na sua glória imutável e sua jubilação imensurável. Isto nunca foi ouvido ou conhecido entre todos os eons e seus mundos até agora."
Mateus disse a ele: "Senhor, Salvador, como o Homem foi revelado?"
O Salvador perfeito disse: "Quero que vocês saibam que aquele que apareceu antes do universo no infinito, o Pai construído e desenvolvido por Si Mesmo, sendo pleno de luz brilhante e inefável, no princípio, quando ele decidiu que sua semelhança (deveria) se tornar um grande poder, imediatamente o princípio (ou início) daquela Luz apareceu como Homem Andrógino e Imortal. Isto, para que por meio daquele Homem Imortal eles pudessem alcançar a sua salvação e despertar do esquecimento por meio do intérprete que foi enviado, que estará com vocês até o fim da pobreza dos ladrões.
Seu nome masculino é "Mente Perfeita Gerada". E seu nome feminino (é) "Toda-sábia Sophia Geradora." Também é dito que ela se parece com seu irmão e consorte. Ela é a verdade incontestada; porque abaixo daqui o erro, que existe com a verdade, a contesta.
"E seu consorte é a Grande Sophia, que deste o princípio lhe foi destinada para união pelo Pai Auto-Gerado, do Homem Imortal 'que apareceu como Primeiro, divindade e reino,' pois o Pai, que é chamado 'Homem, Pai-Próprio,' revelou isto. E ele criou um grande eon, cujo nome é Ogdoad, para sua própria majestade.
"Ele recebeu grande autoridade, e governou sobre a criação da pobreza. e governou sobre todas as criações. Ele criou deuses, anjos (e) arcanjos, miríades sem número para o acompanhamento daquela Luz e do Espírito masculino-tríplice, que é o de Sophia, seu consorte. Pois deste Deus por meio deste Homem originou-se a divindade e o reino. Portanto, ele foi chamado 'Deus dos deuses,' 'Rei dos reis.'

"O Primeiro Homem tem sua mente singular, interior, e o pensamento - assim como ele é isto (pensamento) - (e) a consideração, a reflexão, a racionalidade, o poder. Todos os atributos que existem são perfeitos e imortais. Com relação a imperecibilidade, eles são na verdade iguais. (Porém) com respeito ao poder, eles são diferentes, como a diferença entre pai e filho, (e filho) e pensamento, e o pensamento e o resto.
"Como eu disse antes, entre as coisas que foram criadas, a mônada é a primeira. A díada segue-a, e a tríada, até as décimas. As décimas, porém, governam as centésimas; as centésimas governam as milésimas; as milésimas governam as décima-milésimas. Esta é a seqüência (entre os) imortais. O Primeiro Homem é desta forma: Sua Mônada.
(As páginas 79 e 80 estão faltando. Elas foram substituidas pela seção correspondente de Eugnostos - Código V, cujo começo é algo diferente da frase parcial final de III 78.)
Mais uma vez, esta é a seqüência (que) existe entre os imortais: a mônada e o pensamento são as coisas que pertencem ao Homem Imortal. Os pensamentos (são) as dezenas, e as centenas são (os ensinamentos), (e os milhares) são os conselheiros, (e) os dez mils (são) os poderes. Porém aqueles que vêm do ... existem com seus (...) (em) cada eon (...) (... No princípio, o pensamento) e os pensamentos (apareceram da) mente, (então) os ensinamentos dos pensamentos, os conselhos (dos ensinamentos), (e) o poder (dos) (conselhos).
E depois de tudo isto, tudo o que foi revelado apareceu de seu poder. E do que foi criado, tudo o que foi moldado apareceu. Do que foi moldado apareceu o que foi formado. Do que foi formado, o que recebeu nome. Assim surgiu a diferença entre os não-gerados do começo ao fim."
O que recebeu nome apareceu do que foi formado, enquanto a diferença entre as coisas geradas apareceu do que recebeu (nome), do começo ao fim, pelo poder de todos os eons. Porém o Homem Imortal está pleno de toda glória imperecível e de todo contentamento inefável. Todo seu reino se regozija em júbilo eterno, aqueles que nunca foram ouvidos ou conhecidos em qualquer eon que (vieram) depois (deles e de seus) mundos.
Então Bartolomeu disse a ele: "Como (é que ele) foi designado no Evangelho 'Homem' e 'Filho do Homem'? A qual deles, então, é este Filho relacionado?" O Ser Divino disse a ele: "Quero que vocês saibam que o Primeiro Homem é chamado 'Gerador, Mente Auto-aperfeiçoada'. Ele refletiu com a Grande Sophia, sua consorte, e revelou seu unigênito, o filho andrógino. Seu nome masculino é designado 'Primeiro Gerador Filho de Deus; seu nome feminino, 'Primeira Geradora Sophia, Mãe do Universo.' Alguns a chamam 'Amor'. Porém, o Unigênito é chamado 'Cristo'. Como ele tem autoridade de seu pai, ele criou uma multidão infindável de anjos como comitiva do Espírito e da Luz."
Em seguida (outro) (princípio) veio do (Homem) Imortal, que é (chamado) (Gerador) "Auto-aperfeiçoado". (Quando ele recebeu o consentimento) de seu (consorte), (a Grande Sophia, ele) revelou (que o andrógino unigênito), (é chamado) "(Filho) Unigênito (de Deus)." Seu aspecto feminino (é) Sophia (a Primeira)-gerada, (Mãe do Universo)", que alguns chamam "Amor". Ora, o Unigênito, como ele deriva (sua) autoridade de seu (pai), Ele criou anjos, infindáveis miríades, como comitiva. Toda esta multidão de anjos é chamada "Assembléia dos Divinos, as Luzes Sem Sombra". Quando estes se cumprimentam, seus abraços tornam-se anjos como eles.
Seus discípulos disseram a ele: "Senhor, revela-nos a respeito daquele chamado 'Homem' para que nós também possamos conhecer exatamente a sua glória."
O Salvador perfeito disse: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça. O Primeiro Pai Gerador é chamado 'Adão, Olho da Luz,' porque ele veio da Luz brilhante, (e) seus anjos sagrados, que são inefáveis (e) sem sombras, sempre se regozijam com júbilo em suas reflexões, que eles receberam de seu Pai. Todo o reino do Filho do Homem, que é chamado 'Filho de Deus,' está cheio de alegria inefável e sem sombra, um imutável júbilo, (com eles) se regozijando a propósito de sua glória imperecível, que nunca foi ouvida até agora, nem foi revelada nos eons que vieram depois com seus mundos. Eu vim do Auto-Gerado e da Primeira Luz Infinita para que eu possa revelar tudo a vocês."
Mais uma vez seus discípulos disseram: "Diga-nos claramente como (aconteceu) que eles desceram das invisibilidades, do (reino) imortal para o mundo que morre?"
O Salvador perfeito disse: "O Filho do Homem consentiu com Sophia, sua consorte, e revelou uma grande luz andrógina. Seu nome masculino é designado como 'Salvador, Gerador de Todas as Coisas.' Seu nome feminino é designado como "Sophia a Geradora de Tudo.' Alguns chamam-na de 'Pistis'.
Então o Salvador consentiu com sua consorte, Pistis Sophia, e revelou seis seres espirituais andróginos que são do tipo daqueles que os precederam. Seus nomes masculinos são estes: primeiro, "Não-gerado"; segundo, "Auto-Gerado"; terceiro, "Gerador"; quarto, "Primeiro Gerador"; quinto, "Gerador de Tudo"; sexto, "Arqui-Gerador". Os nomes femininos também são estes: primeiro, "Sophia Totalmente Sábia"; segundo, "Sophia Mãe de Tudo"; terceiro, "Sophia Geradora de Tudo"; quarto, "Sophia, a Primeira Geradora"; quinto, "Sophia Amor"; sexto, "Pistis Sophia".
(A partir) do consentimento daqueles que acabei de mencionar, apareceram pensamentos nos eons que existem. Dos pensamentos, reflexões; das reflexões, considerações; das considerações, racionalizações; das racionalizações, vontades; das vontades, palavras.
Então os doze poderes que acabo de discutir, consentiram uns com os outros. (Seis) machos (de cada um) (e) (seis) fêmeas (de cada uma) foram reveladas, de tal forma que existem

setenta e dois poderes. Cada um dos setenta e dois revelou cinco (poderes) espirituais que (juntos) são os trezentos e sessenta poderes. A união de todos eles é a vontade.
Portanto, nosso eon surgiu como a espécie de Homem Imortal. O tempo surgiu como a classe de Primeiro Gerador, seu filho. (O ano) surgiu como o exemplo de (Salvador. Os) doze meses surgiram como o símbolo dos doze poderes. Os trezentos e sessenta dias do ano surgiram como a classe dos trezentos e sessenta poderes que apareceram do Salvador. Suas horas e momentos surgiram como os tipos de anjos que deles vieram (os trezentos e sessenta poderes) (e) que são inumeráveis.
Todos os que vieram ao mundo, como uma gota da Luz, são enviados por ele ao mundo do Todo-Poderoso, para que possam ser protegidos por ele. E o vínculo de seu esquecimento o atou à vontade de Sophia, para que a matéria pudesse ser (revelada) por meio dele a todo o mundo em pobreza com relação à sua arrogância e cegueira (do Todo-Poderoso) e a ignorância com que foi designado.
Porém eu vim das localidades acima, pela vontade da grande Luz, que escapou daquele vínculo. Eu interrompi o trabalho dos ladrões. Despertei aquela gota que foi enviada de Sophia, para que ela possa dar muitos frutos por meu intermédio e ser aperfeiçoada e não mais ser defeituosa. E para que possa (se juntar) por meu intermédio, o Grande Salvador, para que sua glória possa ser revelada e que assim Sophia possa ser justificada também com relação àquele defeito, para que seus filhos não se tornem outra vez defeituosos, mas que possam alcançar a honra e a glória, subir a seu Pai e conhecer as palavras da Luz masculina.
E vocês foram enviados pelo Filho, que foi enviado para que vocês pudessem receber a Luz e se removerem do esquecimento das autoridades, e para que isto não possa mais ocorrer por sua causa, ou seja, o relacionamento impuro que vem do fogo terrível que se origina de sua parte carnal. Pise sobre a sua intenção maliciosa.
Então Tomas disse a (ele): "Senhor Salvador, quantos são os eons que ultrapassam os céus?"
O Salvador perfeito disse: "Louvo vocês porque perguntam a respeito dos grandes eons, pois suas raízes estão nos infinitos. Ora, quando aqueles sobre os quais eu discuti anteriormente foram revelados, ele (ofereceu)
(As páginas 109 e 110 estão faltando. Elas foram substituidas neste texto com a seção correspondente do Código Gnóstico de Berlim (nº 8502), cujo início é um pouco diferente da frase parcial final de III 108.)
Ora, quando aqueles sobre os quais eu discuti anteriormente foram revelados, o Pai Auto-Gerado muito em breve criou doze eons como comitiva para os doze anjos.
E em cada eon haviam seis (céus), e assim haviam setenta e dois céus dos setenta e dois poderes que surgiram dele. E em cada um dos céus haviam cinco firmamentos, portanto existem (ao todo) trezentos e sessenta (firmamentos) dos trezentos e sessenta poderes que surgiram deles. Quando os firmamentos estavam completos, foram chamados "Os Trezentos e Sessenta Céus", de acordo com o nome dos céus que estavam diante deles. E todos estes eram perfeitos e bons. E desta forma o defeito da feminilidade apareceu.
E (Tomas) disse a ele: "Quantos são os eons dos imortais, começando das infinidades?"
O Salvador perfeito disse: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça. O primeiro eon é o do Filho do Homem, que é chamado de 'Primeiro Gerador', que é chamado 'Salvador', que apareceu. O segundo eon (é) o do Homem, que é chamado 'Adão, Olho da Luz'. O terceiro é o do filho do Filho do Homem, que é chamado de 'Salvador'. Aquilo que abraça estes é o eon sobre o qual não há reino, (o eon) do Deus Infinito Eterno, o Auto-Gerado eon dos eons que estão nele, (os eons) dos imortais, que eu descrevi anteriormente, (os eons) acima do Sétimo, que apareceu de Sophia, que é o primeiro eon.
Ora, o Homem Imortal revelou eons, poderes e reinos, e deu autoridade a todos que aparecem nele para que possam exercitar seus desejos até as últimas coisas que estão acima do caos. Pois estes consentiram uns com os outros e revelaram toda a magnificência, até mesmo do espírito, luzes numerosas que são gloriosas e sem número. Estas foram chamadas no princípio, isto é, o primeiro eon, (o) segundo e (o terceiro). O primeiro (é) chamado Unidade e Descanso.' Cada um tem seu (próprio) nome. O (terceiro) eon foi designado 'Assembléia' devido ao grande número que apareceu: como um, uma multidão se revelou.
Ora, como as multidões se reúnem e chegam a unidade, (BG 111, 2-5 acrescenta aqui: portanto, (eles) são chamados 'Assembléia', devido àquela Assembléia que ultrapassa o céu) chamamos a elas de 'Assembléia' do Oitavo.' Apareceu como andrógina e foi chamada parcialmente como macho e parcialmente como fêmea. O macho é chamado 'Assembléia', enquanto que a fêmea é chamada 'Vida', para que possa ser demonstrado que de uma fêmea veio a vida para todos os eons. E cada nome foi recebido, começando do princípio.
"Pois desta concordância com seu pensamento, em breve apareceram os poderes que eram chamados 'deuses'. E (os) deuses dos deuses, por sua sabedoria revelaram deuses. (E os deuses) por sua sabedoria revelaram senhores. E os senhores dos senhores, por seu pensamento revelaram senhores. E os senhores, por seu poder revelaram arcanjos. Os arcanjos, por suas palavras revelaram anjos; destes, apareceram semelhanças com estrutura, forma e nome para todos os eons e seus mundos.
"E os imortais, que acabo de descrever, todos eles têm autoridade do Homem Imortal, 'que é chamado 'Silêncio', porque ao refletir sem falar toda sua majestade foi aperfeiçoada.' Pois desde o momento que os imperecíveis tiveram autoridade, cada qual criou um grande reino no Oitavo bem como tronos, templos (e)

firmamentos para sua própria majestade. Pois todos estes surgiram pela vontade da Mãe do Universo.
Então os Santos Apóstolos disseram a ele: "Senhor, Salvador, fale-nos a respeito daqueles que estão nos eons, pois é necessário que perguntemos a respeito deles." O Salvador perfeito disse: "Se vocês perguntarem a respeito de qualquer coisa, Eu lhes direi. Eles criaram hostes de anjos, números infindáveis para seu acompanhamento e sua glória. Eles criaram espíritos virgens, as luzes inefáveis e imutáveis. Pois elas não têm nenhuma doença nem fraqueza, mas simplesmente vontade. (BG 115,14 acrescenta aqui: E elas apareceram num instante.)
"Desta forma os eons foram completados rapidamente com os céus e os firmamentos na glória do Homem Imortal e de Sophia, sua consorte: (que são) a área da qual cada eon, o mundo e aqueles que vieram após, tiraram (seu) modelo para sua criação de semelhança nos céus do caos e de seus mundos. E todas as naturezas, começando da revelação do caos, estão na Luz que brilha sem sombra, no contentamento que não pode ser descrito e no júbilo impronunciável. Eles se deleitam para sempre em virtude de sua glória imutável e do descanso imensurável, que não pode ser descrito, entre todos os eons que apareceram depois e todos seus poderes. Ora, tudo o que acabo de dizer a vocês, disse para que vocês possam brilhar mais do que eles na Luz." Mas isto é suficiente. Tudo o que acabo de dizer a vocês, disse de uma forma que vocês possam aceitar, até que aquele que não precisa ser ensinado apareça entre vocês. Ele falará todas estas coisas a vocês com alegria e no conhecimento puro.
Maria disse a ele: "Santo Senhor, de onde vieram seus discípulos, para onde vão e (o que) eles deveriam fazer aqui?"
O Salvador perfeito disse a eles: "Quero que vocês saibam que Sophia, a Mãe do Universo e o consorte, desejou por si só trazer todos estes à existência sem seu (consorte) macho. Mas, pela vontade do Pai do Universo, para que sua bondade inimaginável possa ser revelada, ele criou aquela cortina entre os imortais e aqueles que vieram depois, para que a consequência pudesse acompanhar
(As páginas 115 e 116 estão faltando. Elas foram substituidas aqui pela seção correspondente do Código Gnóstico de Berlim , nº 8502.)
cada eon e o caos, e assim o defeito da fêmea pudesse (aparecer), e o Erro viesse a lutar com ela. E esta tornou-se a cortina do espírito.
Dos eons acima das emanações da Luz, como já disse, uma gota da Luz e do Espírito desceram às regiões inferiores do Todo Poderoso no caos, para que suas formas moldadas pudessem aparecer daquela gota, pois isto é um julgamento sobre o Arqui-Gerador, que é chamado Yaldabaoth.'
Aquela gota revelou suas formas moldadas por meio do alento (sopro), como uma alma viva. Ela definhou e dormiu na ignorância da alma. Quando ela se tornou quente com o alento (sopro) da Grande Luz do Macho, e tomou pensamento, (então) nomes foram recebidos por todos os que estão no mundo do caos e por todas as coisas que estão nele por meio daquele Ser Imortal, quando o alento soprou dentro dele.
Mas quando isto ocorreu, pela vontade da Mãe Sophia para que o Homem Imortal pudesse ajuntar ali as vestes para um julgamento a respeito dos ladrões (ele) então recebeu com agrado o sopro daquele alento. Mas como ele era semelhante à alma, não foi capaz de tomar aquele poder para si mesmo até que o número do caos estivesse completo, (isto é,) quando o tempo determinado pelo grande anjo estiver completo.
Ora, lhes ensinei a respeito do Homem Imortal e soltei as amarras dos ladrões dele. Quebrei os portões dos impiedosos na presença deles. Humilhei a intenção maliciosa deles, e eles foram todos envergonhados e se elevaram de sua ignorância. Por causa disto, então, vim aqui para que eles possam ser unidos com aquele Espírito e Alento, aquele (.....) e Alento, e que possam tornar-se de dois um, da mesma forma como do primeiro, para que vocês possam dar muito fruto e subir a Ele Que É desde o Princípio, em alegria e glória inefável, e (honra e) graça do (Pai do Universo).
"Quem conhece, (então), (o Pai em pura) gnosis (partirá) para o Pai (e repousará no) (Pai) Não-Gerado. Mas (quem o conhece) (de forma defeituosa) partirá (para o defeito e para o resto (do Oitavo. Ora,) quem conhece o (Espírito) Imortal de Luz no silêncio, por meio da reflexão e do consentimento na verdade, que me traga sinais do Ser Invisível, e ele se tornará uma luz no Espírito do Silêncio. Quem conhece o Filho do Homem na gnosis e no amor, que me traga um sinal do Filho do Homem, para que ele possa partir para os lugares de moradia com aqueles no Oitavo.
"Vejam, eu revelei a vocês o nome do Ser Perfeito, toda a vontade da Mãe dos Anjos Sagrados, para que a (multidão) masculina possa ser completada aqui, para que (possa aparecer nos eons,) (as infinidades e) aqueles que (surgiram na) insondável (riqueza do Grande Espírito) Invisível, (para que) todos (possam receber de sua bondade), mesmo a riqueza (de seu descanso) que não tem (reino sobre ele). Eu vim (do Primeiro) Que Foi Enviado, para que eu pudesse revelar a vocês Aquele Que É desde o Princípio, por causa da arrogância do Arqui-Gerador e de seus anjos, já que eles que são deuses. E eu vim para removê-los de sua cegueira para que possam dizer a todos a respeito do Deus que está acima do universo. Portanto, pisem sobre seus túmulos, humilhem sua intenção maliciosa, e destruam o seu jugo e assumam o meu. Dei autoridade a vocês sobre todas as coisas como Filhos da Luz, para que vocês possam pisar sobre o poder deles com (seus) pés."
Estas são as coisas (que o) bem aventurado Salvador (disse), (e ele desapareceu) do meio deles. Então, (todos os discípulos) ficaram numa

(grande alegria inefável) no (espírito) daquele dia em diante. (E seus discípulos) começaram a pregar (o) Evangelho de Deus, (o Espírito) eterno imperecível. Amem.

Notas deste Texto

(1) Provável referência a doze que são mais íntimos, mais 'fortes', do núcleo mais interno - incluindo mulheres - e mais outros sete seguidores do círculo não tão íntimo, como um grupo intermediário, incluindo homens. (Voltar)

(2) Poder ser uma referência a um local físico, de encontro, ou a um estado de consciência no qual os discípulos se encontrássem para um aprofundamento nestas temáticas e que lhes tornava possível a presença do Senhor e sua percepção. (Voltar)

(3) Ou 'divina'. (Voltar)

(4) Provavelmente uma alusão às potestades. (Voltar)

(5) No oculto, o nível interno, nos planos mais sutis onde ele se encontrava. Este, provavelmente, não é o primeiro encontro que têm após a morte do Senhor. (Voltar)

(6) No sentido de lhe dar sustento, geração, de mantê-la. (Voltar)

(7) Referência ao estado de consciência elevado específico em que eram ministradas as instruções mais reservadas. (Voltar)

(8) Como o universo passa do Caos à ordem. (Voltar)

(9) Ele tem esta capacidade, este poder. (Voltar)

(10) Outra tradução: 'pela (semeadura ou) disseminação do atrito impuro'. Pode referir-se à geração carnal em oposição à regeneração espiritual, ou à contaminação pelo contato (atrito) com as idéias impuras. (Voltar)

(11) No Eugnosto a frase termina aqui com 'exceto só ele'. (Voltar)

(12) No Eugnosto não há esta relação de dependência entre estas duas orações. Diz: 'Ninguém o determina. Ele não tem nome'. (Voltar)

(13) Sobre este ponto, veja-se o Evangelho da Verdade atribuído a Valentino (séc II d.C.). (Voltar)

(14) No Eugnosto, 'Ele tem sua própria aparência'. (Voltar)

(15) Esta parte se encontra, no texto SJC, na resposta a Tomé. (Voltar)

Fonte e tradução: Raul Branco

...

SENTENÇA DE PÔNCIO PILATOS A JESUS

Esse documento foi achado na cidade de Áquila, em Nápoles. Estava dentro de uma belíssima pedra, a qual continha continha duas caixinhas, uma de ferro e por dentro desta uma outra de finíssmo marfim, onde estava o valiosíssimo documento escrito em letras hebraicas em um pergaminho. Ei - lo na íntegra:
No ano XVIII(Sic)de Tibério César, imperador romado e de todo o mundo, Monarqua invencível na Olimpíada c.xxi, na Clíade xxiv e na Criação do Mundo, segundo os números e cálculos dos Hebreus, quatro vezes m.c.1xxxvii, e da propagação do Império Romano L.xxiii, da libertação da escravidão da Babilônia m.cc.xi, sendo Cônsules do Povo Romano Lúcio Pisano e Maurício
Pisarico; Procônsules Lúcio Balesna, público Governador da Judéia, e Quinto Flávio, sob o regimento e Governo de Jerusalém, Governador Gratíssimo Pôncio Pilatos, regente da baixa Galiléia, e Herodes Antipas, Pontífices do Sumo Sacerdote Anás, Caifás, Alit Almael o Magr. do templo, Roboan Ancabel, Franchino Centurião, e Cônsules Romanos e da Cidade de Jerusalém Quinto
Cornélio Sublima e Sexto Pontílio Rufo; no dia XXV do mês de Março. "Eu, Pôncio Pilatos, aqui Presidente Romano dentro do Palácio da Arquipresidência, julgo, condeno e sentencio à morte a Jesus chamado pela plebe Cristo Nazareno, e de pátria Galiléia, homem sedicioso da Lei Mosaica, contrário ao grande Imperador Tibério César; e determino, e pronuncio, pela presente, que
sua morte seja na Cruz, e pregado com cravos como se usa com os réus, porque aqui congregando e juntando muitos homens ricos e pobres não parou de causar tumultos por toda a Judéia, fazendo - se filho de Deus e Rei de Jerusalém, ameaçando trazer a ruína para esta Cidade , e para seu Sagrado Templo, negando o tributo a César, e tendo ainda tido o atrevimento de entrar com
palmas, em triúnfo, e com parte da plebe, na Cidade de Jerusalém e no Sagrado templo. E ordeno que meu primeiro Centurião Quinto Cornélio leve publicamente Jesus Cristo pela Cidade, amarrado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e coroado com alguns espinhos, com a própria Cruz nos ombros para que seja exemplo a todos os malfeitores; e com ele que sejam levados dois ladrões homicidas, e sairão pela Porta Sagrada, agora Antoniana, e que leve Jesus ao monte público da Justiça chamado Calvário, onde cruficifado e morto fique o corpo na Cruz, como espetáculo para todos os malvados; e que sobre a Cruz seja colocado o título em três idiomas, e em todos três (Hebraico, Grego e Latim) diga: IESUS NAZAR. REX IUDAEORUM.
"Da mesma maneira, ordenamos que ninguém de qualquer estado ou qualificação atreva-se temerariamente a impedir tal Justiça por mim ordenada, administrada e executada com todo o rigor segundo os decretos e Leis Romanas e Hebréias, sob pena de rebelião ao Imperador Romano. Testemunhos da Sentença: pelas 12 tribos de Israel, Rabain Daniel, Rabain seg.12, Joanin Bonicar, Barbasu, Sabi Potuculam. Pelos Fariseus, Búlio, Simeão, Ronol, Rabani, Mondagul, Boncurfosu. Pelo Sumo Sacerdócio, Rabban, Nidos, Boncasado, Notarios desta publicação; pelos Hebreus, Nitanbarta; pelo julgamento, e pelo Presidente de Roma Lúcio Sextilio, Amásio Chlio."

...

O PROTO-EVANGELHO DE THIAGO

INTRODUÇÃO

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.
Estes textos retratam os acontecimentos que precederam o nascimento de Cristo, contando a história de Maria e da natividade, além da história da infância do Senhor Jesus, no Evangelho de Tomé. Há também excertos do Livro da Infância do Salvador, onde a vida de Jesus, dos cinco aos doze anos, é retratada.
Vale lembrar que numa outra obra desta coleção, o Evangelho de São Pedro, a Infância de Cristo é apresentada na sua íntegra, mostrando fatos e passagens importantes da vida do Senhor Jesus, nos seus primeiros anos.
Os textos chamados de apócrifos são aqueles não incluídos pela Igreja no Cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas.
Como foi feita essa seleção, até hoje a Igreja não explicou adequadamente. Se inspirados ou não, são relatos dos primeiros tempos do Cristianismo, importantes para quem deseja conhecer a fundo essa religião.

A NATIVIDADE

Este livro, apesar de conhecido como o Evangelho de Tiago ou Proto-Evangelho de Tiago, tem sua autoria desconhecida. Publicado em fins do século XVI, não se sabe exatamente ainda qual a época em que foi escrito, mas os maiores estudiosos dos Livros Apócrifos afirmam que é anterior aos Quatro Evangelhos Canônicos, servindo, em muitos aspectos, como base para estes.
O Proto-Evangelho de Tiago conta a vida de Maria, seu nascimento de Ana e Joaquim, considerados estéreis, de como foi sua educação no Templo até a sua puberdade, como se deu a escolha de seu futuro esposo, José, velho, viúvo e pai de seis filhos: Judas, Josetos, Tiago, Simão, Lígia e Lídia. Continua, narrando a concepção e a virgindade, que se manteve após dar à luz o Salvador, numa caverna. Fala da estrela misteriosa e radiante, que guiou os magos até a caverna e da nuvem de luz que pairou sobre o local, na hora em que o Senhor Jesus nascia. Narra, também, a participação da parteira que testemunhou a virgindade de Maria, após o nascimento do Senhor E cita o testemunho de uma parteira que constatou a virgindade de Maria após dar à luz.
A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO TIAGO
I
Segundo narram as memórias das doze tribos de Israel, havia um homem muito rico, de nome Joaquim, que fazia suas oferendas em quantidade dobrada, dizendo:
- O que sobra, ofereça-o para todo o povoado e o devido na expiação de meus pecados será para o Senhor, a fim de ganhar-lhe as boas graças.
Chegou a grande festa do Senhor, na qual os filhos de Israel devem oferecer seus donativos. Rubem se pôs à frente de Joaquim, dizendo-lhe:
- Não te é lícito oferecer tuas dádivas, enquanto não tiveres gerado um rebento em Israel.
Joaquim mortificou-se tanto que se dirigiu aos arquivos de Israel, com intenção de consultar o censo genealógico e verificar se, porventura, teria sido ele o único que não havia tido prosperidade em seu povoado.
Examinando os pergaminhos, constatou que todos os justos haviam gerado descendentes. Lembrou-se, por exemplo, de como o Senhor deu Isaac ao patriarca Abraão, em seus derradeiros anos de vida.
Joaquim ficou muito atormentado, não procurou sua mulher e se retirou para o deserto. Ali armou sua tenda e jejuou por quarenta dias e quarenta noites, dizendo:
- Não sairei daqui nem sequer para comer ou beber, até que não me visite o Senhor meu Deus. Que minhas preces me sirvam de comida e de bebida.
II
Ana lamentava-se e gemia dolorosamente, dizendo:
- Chorarei minha viuvez e minha esterilidade.
Chegou, porém, a grande festa do Senhor e disse-lhe Judite, sua criada:
- Até quando vais humilhar tua alma? Já é chegada a festa maior e não te é lícito entristecer-te. Toma este lenço de cabeça, que me foi dado pela dona da tecelagem, já que não posso cingir-me com ele por ser eu de condição servil e levar ele ao selo real.

Disse Ana:
- Afasta-te de mim, pois que não fiz tal coisa e, além do mais, o Senhor já me humilhou em demasia para que eu o use. A não ser que algum malfeitor o haja dado e tenhas vindo para fazer-me também cúmplice do pecado.
Replicou Judite:
- Que motivo tenho eu para maldizer-te, se o Senhor já te amaldiçoou não te dando fruto de Israel?
Ana, ainda que profundamente triste, despiu suas vestes de luto, cingiu-se com um toucado, vestiu suas roupas de bodas e desceu, na hora nona, ao jardim para passear. Ali viu um loureiro, assentou-se à sua sombra e orou ao Senhor, dizendo:
- Ó Deus de nossos pais! Ouve-me e bendize-me da maneira que bendisseste o ventre de Sara, dando-lhe como filho Isaac!
III
Tendo elevado seus olhos aos céus, viu um ninho de passarinhos no loureiro e novamente lamentou-se dizendo:
- Ai de mim! Por que nasci e em que hora fui concebida? Vim ao mundo para ser como terra maldita entre os filhos de Israel. Estes me cumularam de injúrias e me escorraçaram do templo de Deus. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Não às aves do céu, pois elas são fecundas em tua presença, Senhor. Ai de mim! A

quem me pareço eu? Não às bestas da terra, pois que até esses animais irracionais são prolíficos ante teus olhos, Senhor. Ai de mim! A quem me posso comparar? Nem sequer a estas águas, porque até elas são férteis diante de ti, Senhor. Ai de mim! A quem me igualo eu? Nem sequer a esta terra, porque ela também é fecundada, dando seus frutos na ocasião própria e te bendiz, Senhor.

IV

Eis que se lhe apresentou o anjo de Deus, dizendo-lhe:

- Ana, Ana, o Senhor escutou teus rogos! Conceberás e darás à luz e de tua prole se falará em todo o mundo.

Ana respondeu:

- Viva o Senhor meu Deus, que, se chegar a ter algum fruto de bênção, seja menino ou menina, levá-lo-ei como oferenda ao Senhor e estará a seu serviço todos os dias de sua vida.

Então vieram a ela dois mensageiros com este recado:

- Joaquim, teu marido, está de volta com seus rebanhos, pois que um anjo de Deus desceu até ele e lhe disse que o Senhor escutou seus rogos e que Ana, sua mulher, vai conceber em seu ventre.

Tendo saído Joaquim, mandou que seus pastores lhe trouxessem dez ovelhas sem mancha.

Disse ele:

- Estas serão para o Senhor.

Mandou, então separar doze novilhas de leite, dizendo:

- Estas serão para os sacerdotes e para o sinédrio.

Finalmente, mandou apartar cem cabritos para todo o povoado.

Ao chegar Joaquim com seus rebanhos, estava Ana à porta e, ao vê-lo chegar, pôs-se a correr e atirou-se ao seu pescoço dizendo:

- Agora vejo que Deus me bendisse copiosamente, pois, sendo viúva, deixo de sê-lo e, sendo estéril, vou conceber em meu ventre.

Então Joaquim repousou naquele dia em sua casa.

V

No dia seguinte, ao ir oferecer sua dádivas ao Senhor, dizia para consigo mesmo:

- Saberei se Deus me vai ser favorável se eu chegar a ver o éfode do sacerdote.

Ao oferecer o sacrifício, observou o éfode do sacerdote, quando este se acercava do altar de Deus, e, não encontrando pecado algum em sua consciência, disse:

- Agora vejo que o Senhor houve por bem perdoar todos os meus pecados.

Desceu Joaquim justificado do templo e foi para casa. O tempo de Ana cumpriu-se e no nono mês deu à luz.

Perguntou à parteira:

- A quem dei à luz?

A parteira respondeu:

- Uma menina.

Então Ana exclamou:

- Minha alma foi enaltecida - e reclinou a menina no berço.

Ao fim do tempo marcado pela lei, Ana purificou-se, deu o peito à menina e pôs-lhe o nome de Maria.

VI

Dia a dia a menina ia robustecendo-se. Ao chegar aos seis meses, sua mãe deixou-a só no chão, para ver se sustentava-se de pé. Ela, depois de andar sete passos, voltou ao regaço de sua mãe. Esta levantou-se, dizendo:

- Salve o Senhor! Não andarás mais por este solo, até que te leve ao templo do Senhor.

Fez-lhe um oratório em sua casa e não consentiu que nenhuma coisa vulgar ou impura passasse por suas mãos. Chamou, além disso, umas donzelas hebréias, todas virgens, para que a entretivessem.

Quando a menina completou um ano, Joaquim deu um grande banquete, para o qual convidou os sacerdotes, os escribas, o sinédrio e todo o povo de Israel. Apresentou a menina aos sacerdotes, que a abençoaram assim:

- Ó Deus de nossos pais, bendiz esta menina e dá-lhe um nome glorioso e eterno por todas as gerações.

Ao que todo o povo respondeu:

- Assim seja, assim seja! Amém!

Apresentou-a também Joaquim aos príncipes e aos sacerdotes e estes a abençoaram assim:

- Ó Deus Altíssimo, põe teus olhos nesta menina e outorga-lhe uma bênção perfeita, dessas que excluem as ulteriores.

Sua mãe levou-a ao oratório de sua casa e deu-lhe o peito. Compôs, então, um hino ao Senhor Deus, dizendo:

- Entoarei um cântico ao Senhor meu Deus, porque me visitaste, afastaste de mim o opróbrio de meus inimigos e me deste um fruto santo, que é único e múltiplo a seus olhos. Quem dará aos filhos de Rubem a notícia de que Ana está amamentando? Ouvi, ouvi, ó Doze Tribos de Israel: Ana está amamentando!

Tendo deixado a menina para que repousasse na câmara onde havia o oratório, saiu e pôs-se a servir os comensais. Estes, uma vez terminada a ceia, saíram regozijando-se e louvando ao Deus de Israel.

VII

Entretanto, os meses iam-se passando para a menina. Ao fazer dois anos, disse Joaquim a Ana:

- Levemo-la ao templo do Senhor para cumprir a promessa que fizemos, para que Senhor não a reclame e nossa oferenda se torne inaceitável a seus olhos.

Ana respondeu:

- Esperamos, todavia, até que complete três anos, para que a menina não tenha saudades de nós.

Joaquim respondeu:

- Esperaremos.

Ao chegar aos três anos, disse Joaquim:

- Chama as donzelas hebréias que não têm mancha e que tomem, duas a duas, uma candeia acesa e a acompanhem, para que a menina não olhe para trás e seu coração seja cativado por alguma coisa fora do templo de Deus.

Assim fizeram enquanto iam subindo ao templo de Deus. Lá recebeu-a o sacerdote, o qual, depois de tê-la beijado, abençoou-a e exclamou:
- O Senhor engrandeceu teu nome diante de todas as gerações, pois que, no final dos tempos, manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel.
Fê-la sentar-se no terceiro degrau do altar. O Senhor derramou graças sobre a menina, que dançou cativando toda a casa de Israel.

VIII

Saíram, então, seus pais, cheios de admiração, louvando ao Senhor Deus porque a menina não havia olhado para trás. Maria permaneceu no templo como uma pombinha, recebendo alimento pelas mãos de um anjo.
Ao completar doze anos, os sacerdotes reuniram-se para deliberar, dizendo:
- Eis que Maria cumpriu doze anos no templo do Senhor. Que faremos para que ela não chegue a manchar o santuário?
Disseram ao sumo sacerdote:
- Tu que tens o altar ao teu cargo, entra e ora por ela. O que o Senhor te disser, isso será o que haveremos de fazer.
O sumo sacerdote, cingindo-se com o manto das doze sinetas, entrou no Santo dos Santos e orou por ela. Eis que um anjo do Senhor apareceu, dizendo-lhe:
- Zacarias, Zacarias, sai e reúne a todos os viúvos do povoado. Que cada um venha com um bastão e o daquele em que o Senhor fizer um sinal singular, deste será ela a esposa.
Saíram os arautos por toda a região da Judéia e, ao soar a trombeta do Senhor, todos acudiram.

IX

José, deixando de lado sua acha, uniu-se a eles. Uma vez que se juntaram todos, tomaram cada qual seu bastão e puseram-se a caminho, à procura do sumo sacerdote. Este tomou todos os bastões, entrou no templo e pôs-se a orar. Terminadas as suas preces, tomou de novo os bastões e os entregou, mas em nenhum deles apareceu sinal algum. Porém, ao pegar José o último, eis que uma pomba saiu dele e se pôs a voar sobre sua cabeça. Então o sacerdote disse:
- A ti coube a sorte de receber sob tua custódia a Virgem do Senhor.
José replicou:
- Tenho filhos e sou velho, enquanto que ela é uma menina. Não gostaria de ser objeto de zombaria por parte dos filhos de Israel.
Então tornou o sacerdote:
- Teme ao Senhor teu Deus e tem presente o que fez Ele com Datan, Abiron e Corê, de como abriu-se a terra e foram sepultados por sua rebelião. Teme agora tu também, José, para que não aconteça o mesmo a tua casa.
Ele, cheio de temor, recebeu-a sob proteção. Depois, disse-lhe:
- Tomei-te do templo. Deixo-te agora em minha casa e vou continuar minhas construções. Logo voltarei. O Senhor te guardará.

X

Os sacerdotes, então, reuniram-se e concordaram em fazer um véu para o templo do Senhor.
O sumo sacerdote disse:
- Chama algumas donzelas sem mancha, da tribo de Davi.
Os ministros se foram e, depois de terem procurado, encontraram sete virgens. Então o sacerdote lembrou-se de Maria, a jovenzinha que, sendo de estirpe davídica, se conservava imaculada aos olhos de Deus. Os emissários foram buscá-la.
Depois de as terem introduzido no templo, disse o sacerdote:
- Vejamos qual há de bordar o ouro, o amianto, o linho, a seda, o zircão, o escarlate e a verdadeira púrpura.
O escarlate e a verdadeira púrpura couberam a Maria que, tomando-as, foi para casa.
Naquela época, Zacarias ficou mudo, sendo substituído por Samuel, até quando pôde falar novamente. Maria tomou em suas mãos o escarlate e pôs-se a tecê-lo.

XI

Certo dia, pegou Maria um cântaro e foi enchê-lo de água. Eis que ouviu uma voz que lhe dizia:
- Deus te salve, cheia de graça! O Senhor está contigo, bendita és entre as mulheres!
Ela olhou a sua volta, à direita, à esquerda, para ver de onde vinha aquela voz. Tremendo, voltou para casa, deixou a ânfora, pegou a púrpura, sentou-se no divã e pôs-se a tecê-la. Logo um anjo do Senhor apresentou-se diante dela, dizendo:
- Não temas, Maria, pois alcançaste graça ante o Senhor onipotente e vais conceber por Sua palavra!
Ela, ao ouví-lo, ficou perplexa e disse consigo mesma:
- Deverei eu conceber por virtude de Deus vivo e haverei de dar à luz como as demais mulheres?
Ao que lhe respondeu o anjo:
- Não será assim, Maria, pois que a virtude do Senhor te cobrirá com sua sombra. Depois, o fruto santo que deverá nascer de ti será chamado de Filho do Altíssimo. Chamar-lhe-ás Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas iniqüidades. Então, disse Maria:

- Eis aqui a escrava do Senhor em Sua presença. Que isto aconteça a mim conforme Sua palavra.

XII

Concluído seu trabalho com a púrpura e o escarlate, levou-o ao sacerdote. Este a abençoou dizendo:
- Maria, o Senhor enaltecer seu nome e serás bendita entre todas as gerações da terra.
Cheia de alegria, Maria foi à casa de sua parente Isabel. Chamou-a da porta e, ao ouví-la, Isabel largou o escarlate, correu para a porta, abriu-a e, vendo Maria, louvou-a dizendo:
- Que fiz eu para que a mãe do meu Senhor venha a minha casa? Pois saiba que o fruto que carrego em meu ventre se pôs a pular dentro de mim, como que para bendizer-se.
Maria havia se esquecido dos mistérios que o anjo Gabriel lhe comunicara, elevou os olhos aos céus e disse:

- Quem sou eu, Senhor, para que todas as gerações me bendigam?
Passou três meses em casa de Isabel. Dia a dia seu ventre aumentava e, cheia de temor, pôs-se a caminho de casa e escondia-se dos filhos de Israel. Quando sucederam essas coisas, ela contava dezesseis anos.

XIII

Ao chegar Maria ao sexto mês de gravidez, voltou José de suas construções e, ao entrar em casa, deu-se conta de que ela estava grávida. Então, feriu seu próprio rosto, jogou-se no chão sobre uma manta e chorou amargamente, dizendo:
- Como é que me vou apresentar agora diante do meu Senhor? E que oração direi eu agora por esta donzela, pois que a recebi virgem do templo do Senhor e não a soube guardar? Será que a história de Adão se repetiu comigo? Assim como no instante em que ela estava glorificando a Deus veio a serpente e, ao encontrar Eva sozinha, a enganou, o mesmo me aconteceu.
Levantando-se, José chamou Maria e disse-lhe:
- Predileta como eras de Deus, como foste capaz de fazer isso? Acaso te esqueceste do Senhor teu Deus? Com pudeste vilipendiar tua alma, tu que te criaste no Santo dos Santos e recebeste alimento das mãos de um anjo?
Ela chorou amargamente dizendo:
- Sou pura e não conheço varão algum.
Replicou José:
- De onde, pois, provém o que carregas no seio?
Ao que Maria respondeu:
- Pelo Senhor, meu Deus, eu juro que não sei como aconteceu.

XIV

José encheu-se de temor, retirou-se da presença de Maria e pôs-se a pensar sobre o que faria com ela. Dizia consigo próprio:
- Se escondo seu erro, contrario a lei do Senhor. Se a denuncio ao povo de Israel, temo que o que acontecer a ela se deva a uma intervenção dos anjos e venha a entregar à morte uma inocente. Como deverei proceder, pois? Mandá-la embora às escondidas.

Enquanto isso, caiu a noite. Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo-lhe:
- Não temas por esta donzela, pois o que ela carrega em suas entranhas é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, pois que ele há de salvar seu povo dos pecados.
Ao despertar, José levantou-se, glorificou a Deus de Israel por haver-lhe concedido tal graça e continuou guardando Maria.

XV

Por essa ocasião, veio à casa de José um escriba chamado Anás, que lhe disse:
- Por que não compareceste à nossa reunião?
Respondeu-lhe José:
- Estava cansado da caminhada e decidi repousar este primeiro dia.
Ao voltar-se, Anás deu-se conta da gravidez de Maria.
Então, correu ao sacerdote, dizendo-lhe:
- Esse José, por quem respondes, cometeu uma falta grave.
- Que queres dizer com isso? - perguntou o sacerdote. Ao que respondeu Anás:
- Pois violou aquela virgem que recebeu do templo de Deus, com fraude de seu casamento e sem manifestá-lo ao povo de Israel.
Disse o sacerdote:
- Estás certo de que foi José que fez tal coisa?
Replicou Anás:
- Envia uma comissão e te certificarás de que a donzela está realmente grávida.
Saíram os emissário e encontraram-na tal qual havia dito Anás. Por isso levaram-na, juntamente com José, ante o tribunal.
O sacerdote iniciou, dizendo:
- Maria, como fizeste tal coisa? Que te levou a vilipendiar tua alma e esquecer-te do Senhor teu Deus? Tu que te criaste no Santo dos Santos, que recebias alimento das mãos de um anjo, que escutaste os hinos e que dançavas na presença de Deus? Como fizeste isso?
Ela se pôs a chorar amargamente, dizendo:
- Juro pelo Senhor meu Deus que estou pura em sua presença e que não conheci varão.
Então o sacerdote dirigiu-se a José, perguntando-lhe:
- Por que fizeste isso?
Replicou José:
- Juro pelo Senhor meu Deus, que me encontro puro com relação a ela.
Acrescentou o sacerdote:
- Não jures em falso! Dize a verdade! Usaste fraudulentamente o matrimônio e não o deste a conhecer ao povo de Israel. Não abaixaste tua cabeça sob a mão poderosa de Deus, por quem sua descendência havia sido bendita.
José guardou silêncio.

XVI

- Devolve, pois - continuou o sacerdote, - a virgem que recebeste do templo do Senhor.
José ficou com os olhos marejados em lágrimas.
Acrescentou ainda o sacerdote:
- Farei com que bebais da água da prova do Senhor e ela vos mostrará, diante de vossos próprios olhos, vossos pecados.
Tomando da água, fez José bebê-la, enviando-o em seguida à montanha, de onde voltou são e salvo. Fez o mesmo com Maria, enviando-a também à montanha, mas ela voltou sã e salva.
Toda a cidade encheu-se de admiração ao ver que não havia pecado neles.
Disse o sacerdote:
- Posto que o Senhor não declarou vosso pecado, tampouco irei condenar-vos.
Então despediu-os. Tomando Maria, José voltou para casa cheio de alegria e louvado ao Deus de Israel.

XVII

Veio uma ordem do imperador Augusto para que se fizesse o censo de todos os habitantes de Belém da Judéia.
Disse José:
- A meus filhos posso recensear, mas que farei desta donzela? Como vou incluí-la no censo? Como minha esposa? Envergonhou-me. Como

minha filha? Mas já sabem todos os filhos de Israel que não é! Este é o dia do Senhor, que se faça a sua vontade.
Selando sua asna, fez com que Maria se acomodasse sobre ela. Enquanto um de seus filhos ia à frente, puxando o animal pelo cabresto, José os acompanhava. Quando estavam a três milhas de distância de Belém, José virou-se para Maria e viu que ela estava triste.
Disse consigo mesmo:
- Deve ser a gravidez que lhe causa incômodo.
Ao voltar-se novamente, encontrou-a sorrindo e indagou-lhe:
- Maria, que acontece, pois que algumas vezes te vejo sorridente e outras triste?
Ela lhe disse:
- É que se apresentam dois povos diante de meus olhos: um que chora e se aflige e outro que se alegra e se regozija.
Ao chegar à metade do caminho, disse Maria a José:
- Desça-me, porque o fruto de minhas entranhas luta por vir à luz.
Ele a ajudou a apear da asna, dizendo-lhe:
- Aonde poderia eu levar-te para resguardar teu pudor, já que estamos em campo aberto?

XVIII

Encontrando uma caverna, levou-a para dentro e, havendo deixado seus filhos com ela, foi buscar uma parteira na região de Belém.
Eis que José encontrou-se andando, mas não podia avançar. Ao levantar seus olhos para o espaço, pareceu lhe ver como se o ar estivesse estremecido de assombro. Quando fixou vista no firmamento, encontrou-o estático e os pássaros do céu, imóveis. Ao dirigir seu olhar à terra, viu um recipiente no solo e uns trabalhadores sentados em atitude de comer, com suas mãos na vasilha. Os que pareciam comer, na realidade não mastigavam, e os que estavam em atitude de pegar a comida, tampouco a tiravam do prato. Finalmente, os que pareciam levar os manjares à boca, não o faziam, ao contrário, tinham seus rostos voltados para cima.
Também havia umas ovelhas que estavam sendo tangidas, mas não davam um passo. Estavam paradas. O pastor levantou sua destra para bater-lhes com um cajado, mas parou sua mão no ar.
Ao dirigir seu olhar à corrente do rio, viu como uns cabritinhos punham nela seus focinhos, mas não bebiam. Em uma palavra, todas as coisas estavam afastadas, por uns instantes, de seu curso normal.

XIX

Então uma mulher que descia da montanha disse-lhe:
- Aonde vais?
Ao que ele respondeu:
- Ando procurando uma parteira hebréia.
Ela replicou:
- Mas és de Israel?
Ele respondeu:
- Sim.
- E quem é a que está dando à luz na caverna?
- É minha esposa.
- Então, não é tua mulher?
Ele respondeu:
- É Maria, a que se criou no templo do Senhor, e ainda que me tivesse sido dada por mulher, não o é, pois que concebeu por virtude do Espírito Santo.
Insistiu a parteira:
- Isso é verdade?
José respondeu:
- Vem e verás.
Então a parteira se pôs a caminho junto com ele. Ao chegar à gruta, pararam, e eis que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa.
Exclamou a parteira:
- Minha alma foi engrandecida, porque meus olhos viram coisas incríveis, pois que nasceu a salvação para Israel. De repente, a nuvem começou a sair da gruta e dentro brilhou uma luz tão grande que seus olhos não podiam resistir. Esta, por um momento, começou a diminuir tanto que deu para ver o menino que estava tomando o peito da mãe, Maria. A parteira então deu um grito, dizendo:
- Grande é para mim o dia de hoje, já que pude ver com meus próprios olhos um novo milagre.
Ao sair a parteira da gruta, veio ao seu encontro Salomé.
- Salomé, Salomé! - exclamou. - Tenho de te contar uma maravilha nunca vista. Uma virgem deu à luz; coisa que, como sabes, não permite a natureza humana.
Salomé replicou:
- Pelo Senhor, meus Deus, não acreditarei em tal coisa, se não me for dado tocar com os dedos e examinar sua natureza.

XX

Havendo entrado a parteira, disse a Maria:
- Prepara-te, porque há entre nós uma grande querela em relação a ti.
Salomé, pois, introduziu seu dedo em sua natureza, mas, de repente, deu um grito, dizendo:
- Ai de mim! Minha maldade e minha incredulidade é que têm a culpa! Por descrer do Deus vivo, desprende-se de meu corpo minha mão carbonizada.
Dobrou os joelhos diante do Senhor, dizendo:
- Ó Deus de nossos pais! Lembra-te de mim, porque sou descendente de Abraão, Isaac e Jacó! Não faças de mim um exemplo para os filhos de Israel! Devolve-me curada, porém, aos pobres, pois que tu sabes, Senhor, que em teu nome exercia minhas curas, recebendo de ti meu salário!
Apareceu um anjo do céu, dizendo-lhe:
- Salomé, Salomé, Deus escutou-te. Aproxima tua mão do menino, toma-o e haverá para ti alegria e prazer.
Acercou-se Salomé e o tomou, dizendo:
- Adorar-te-ei, porque nasceste para ser o grande Rei de Israel.
De repente, sentiu-se curada e saiu em paz da gruta. Nisso ouviu uma voz que dizia:
- Salomé, Salomé, não contes as maravilhas que viste até estar o menino em Jerusalém.

XXI

José dispôs-se a partir para Judéia. Por essa ocasião, sobreveio um grande tumulto em Belém, pois vieram um magos dizendo:
- Aonde está o recém-nascido Rei dos Judeus, pois vimos sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo?
Herodes, ao ouvir isso, perturbou-se. Enviou seus emissários aos magos e convocou os príncipes e os sacerdotes, fazendo-lhes esta pergunta:
- Que está escrito em relação ao Messias? Aonde ele vai nascer?
Eles responderam:
- Em Belém da Judéia, segundo rezam as escrituras. Com isso, despachou-os e interrogou os magos com estas palavras:
- Qual é o sinal que vistes em relação ao nascimento desse rei?
Responderam-lhes os magos:
- Vimos um astro muito grande, que brilhava entre as demais estrelas e as eclipsava, fazendo-as desaparecer. Nisso soubemos que a Israel havia nascido um rei e viemos com a intenção de adorá-lo.
Replicou Herodes:
- Ide e buscai-o, para que também possa eu ir adorá-lo!
Naquele instante, a estrela que haviam visto no Oriente voltou novamente a guiá-los, até que chegaram à caverna e pousou sobre a entrada dela. Vieram, então, os magos a ter com o Menino e Sua mãe, Maria, e tiraram oferendas de seus cofres: ouro, incenso e mirra.
Depois, avisados por um anjo para que não entrassem na Judéia, voltaram a suas terras por outro caminho.

XXII

Ao dar-se conta Herodes de que havia sido enganado, encolerizou-se e enviou seus sicários, dando-lhes a missão de assassinar todos os meninos de menos de dois anos.
Quando chegou até Maria a notícia da matança das crianças, encheu-se de temor e, envolvendo seu filho em fraldas, colocou-o numa manjedoura.
Quando Isabel inteirou-se de que também buscavam a seu filho João, pegou-o e levou-o a uma montanha. Pôs-se a ver onde haveria de escondê-lo, mas não havia um lugar bom para isso. Entre soluços, exclamou em voz alta:
- Ó Montanha de Deus, recebe em teu seio a mãe com seu filho, pois que não posso subir mais alto.
Nesse instante, abriu a montanha suas entranhas para recebê-los. Acompanhou-os uma grande luz, pois estava com ele um anjo de Deus para guardá-los.

XXIII

Herodes prosseguia na busca de João e enviou seus emissários a Zacarias para que lhe dissessem:
- Aonde escondeste teu filho?
Ele respondeu desta maneira:
- Eu me ocupo do serviço de Deus e me encontro sempre no templo. Não sei onde está meu filho.
Os emissários informaram a Herodes tudo o que se passara e ele encolerizou-se muito, dizendo consigo mesmo:
- Deve ser seu filho que vai reinar em Israel.
Enviou, então, um outro recado, dizendo-lhe:
- Diga-nos a verdade sobre onde está teu filho, porque do contrário bem sabes que teu sangue está sob minhas mãos.
Zacarias respondeu:
- Serei mártir do Senhor, se te atreveres a derramar meu sangue, porque minha alma será recolhida pelo Senhor, ao ser segada uma vida inocente no vestíbulo do santuário. Ao romper da aurora, foi assassinado Zacarias, sem que os filhos de Israel se dessem conta desse crime.

XXIV

Os sacerdotes se reuniram à hora da saudação, mas Zacarias não saiu a seu encontro, como de costume, para abençoá-los. Puseram-se a esperá-lo para saudá-lo na oração e para glorificar o Altíssimo.
Ante sua demora, começaram a ter medo. Tomando ânimo, um deles entrou, viu ao lado do altar sangue coagulado e ouviu uma voz que dizia:
- Zacarias foi morto e não se limpará o seu sangue até que chegue o vingador.
Ao ouvir a voz, encheu-se de temor e saiu para informar os sacerdotes que, tomando coragem, entraram e testemunharam o ocorrido. Então, os frisos do templo rangeram e eles rasgaram suas vestes de alto a baixo.
Não encontraram o corpo, somente a poça de sangue coagulado. Cheios de temor, saíram para informar a todo o povo que Zacarias havia sido assassinado. A notícia correu em todas as tribos de Israel, que o choraram e guardaram luto por três dias e três noites.
Concluído esse tempo, reuniram-se os sacerdotes para deliberar sobre quem iriam pôr em seu lugar. Recaiu a sorte sobre Simeão, pois, pelo Espírito Santo, havia sido assegurado de que não veria a morte até que lhe fosse dado contemplar o Messias Encarnado.

XXV

Eu, Tiago, escrevi esta história. Ao levantar-se um grande tumulto em Jerusalém, por ocasião da morte de Herodes, retirei-me ao deserto até que cessasse o motim, glorificando ao Senhor meu Deus, que me concedeu a graça e a sabedoria necessárias para compor esta narração.
Que a graça esteja com todos aqueles que temem a Nosso Senhor Jesus Cristo, para quem deve ser a glória.

...

O EVANGELHO SEGUNDO PEDRO

APRESENTAÇÃO

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.
Este é considerado o quinto Evangelho, escrito por Pedro, segundo relatos feitos por Nossa Senhora. Publicado pela primeira vez em 1677, conta com versões e, grego, latim, armênio e árabe.
Muita gente se indaga ainda hoje porque os Evangelhos da Bíblia não falam da infância e juventude de Cristo. Isso tem provocado inúmeras especulações, inclusive algumas que citam que o Mestre exilou-se junto aos monges do Tibete ou conviveu com os essênios, com cujos mestres instruiu-se.

Admitir isso é negar a divindade de Cristo, pois se ele precisou de um mestre, seria mais lógico que, hoje em dia, adorássemos o seu mestre e não ele, o aprendiz. Isso fica bem claro nas passagens XLVIII e XLIX.
Nesta narrativa, há maiores detalhes sobre o encontro de Jesus com os sábios, no templo de Jerusalém, além de suas brincadeiras com as outras crianças e seu trabalho na companhia de José.
Nas notas de rodapé, apresentamos trechos do Evangelho Armênio da Infância, uma versão ampliada do Evangelho da Infância, onde algumas passagens extras esclarecem momentos importantes da vida de Jesus. Esses livros foram considerados apócrifos pela Igreja, isto é, sem a inspiração divina, e excluídos dos textos originais que formaram, ao longo do tempo, a atual Bíblia. Quais foram os critérios utilizados para selecionar os livros inspirados divinamente foi algo que até hoje a Igreja não explicou de modo convincente. O que se sabe é que há relatos sobre a infância de Cristo, sobre a Natividade, sobre São José e outras, que não são aceitas como textos sagrados, muito embora contenham narrativas que completam diversas lacunas nos textos considerados sagrados.
O Evangelho da Infância mostra, de modo sensível e belo, o que foi a infância de Nosso Senhor Jesus Cristo, que desde a mais tenra idade já manifestava sua santidade. É um texto que encanta pela sua beleza, pela singeleza e pelas situações que retratam, onde o Cristo surge como a criança que foi, muito embora sua divindade o levasse a gestos inusitados, mas marcados pela sabedoria precoce e pela coerência de seus atos.
A INFÂNCIA DE CRISTO SEGUNDO PEDRO
Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Com o auxílio e a ajuda do Deus todo poderoso, começamos a escrever o livro dos milagres de nosso Salvador, Mestre e Senhor Jesus Cristo, que se intitula o Evangelho da Infância, conforme narrado por Maria, sua mãe, na paz do Nosso Senhor e Salvador. Que assim seja.
I. Palavras de Jesus no Berço
Encontramos no livro do grande sacerdote Josefo que viveu no tempo de Jesus Cristo, e que alguns chamam de Caifás, que Jesus falou quando estava no berço e que disse a sua mãe Maria:
- Eu, que nasci de ti, sou Jesus, o filho de Deus, o Verbo, como te anunciou o anjo Gabriel, e meu Pai me enviou para a salvação do mundo.
II. Viagem a Belém
No ano de 309 da era de Alexandre, Augusto ordenara que todos fossem recenseados em sua cidade natal. José partiu, então, conduzindo Maria, sua esposa. Vieram a Jerusalém, de onde se dirigiram a Belém para inscreverem-se no local onde ele havia nascido. Quando estavam próximos a uma caverna, Maria disse a José que sua hora havia chegado e que não poderia ir até a cidade.
- Entremos nesta caverna - disse ela.
O sol estava começando a se pôr. José apressou-se em procurar uma mulher que assistisse Maria no parto e encontrou uma anciã que vinha de Jerusalém.
Saudando-a, disse-lhe:
- Entra na caverna onde encontrarás uma mulher em trabalho de parto.
III. A Parteira de Jerusalém
Após o pôr-do-sol, José chegou com a anciã à caverna e eles entraram. Eis que a caverna estava resplandecendo com uma claridade que superava a de uma infinidade de labaredas e brilhava mais do que o sol do meio-dia. A criança, enrolada em fraldas e deitada numa manjedoura, mamava no seio da mãe. Ambos ficaram surpresos com o aspecto daquela claridade e a anciã disse a Maria:
- És tu a mãe desta criança?
Ao responder afirmativamente Maria, disse-lhe:
- Não és semelhante às filhas de Eva.
Respondeu Maria respondeu:
- Assim como entre as crianças dos homens não há nenhuma que seja semelhante ao meu filho, assim também sua mãe não tem par entre todas as mulheres.
A anciã disse então:
- Senhora e ama, vim para receber uma recompensa que perdurará para todo o sempre.
Maria lhe disse, então:
- Põe tuas mãos sobre a criança.
Quando a anciã o fez, foi purificada. Ao sair, ela disse:
- A partir deste momento, eu serei a serva desta criança e quero consagrar-me a seu serviço, por todos os dias da minha vida.
IV. A Adoração dos Pastores
Em seguida, quando os pastores chegaram e acenderam o fogo, entregando-se à alegria, as cortes celestes apareceram, louvando e celebrando o Senhor, a caverna parecia-se com um templo augusto, onde reis celestiais e terrestres celebravam a glória e os louvores de Deus por causa da natividade do Senhor Jesus Cristo. E esta anciã hebréia, vendo estes milagres resplandecentes, rendia graças a Deus, dizendo:

- Eu te rendo graças, ó Deus, Deus de Israel, porque os meus olhos viram a natividade do Salvador do mundo.

V. A Circuncisão

Quando chegou o tempo da circuncisão, isto é, o oitavo dia, época na qual o recém-nascido deve ser circuncidado segundo a lei, eles o circuncidaram na caverna e a velha anciã recolheu o prepúcio e colocou-o em um vaso de alabastro, cheio de óleo de nardo velho. Como tivesse um filho que comercializava perfumes, Maria deu-lhe o vaso, dizendo:

- Muito cuidado para não vender este vaso cheio de perfume de nardo, mesmo que te ofereçam trezentos dinares.

E este é o vaso que Maria, a pecadora, comprou e derramou sobre a cabeça e sobre os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, enxugando-os com seus cabelos.

Quando dez dias se haviam passado, eles levaram a criança para Jerusalém e, ao término da quarentena, eles o apresentaram no templo do Senhor, oferecendo por ele as oferendas prescritas pela lei de Moisés, que diz:

- Toda criança do sexo masculino que sair de sua mãe será chamada o santo de Deus.

VI. Apresentação no Templo

O velho Simeão viu o menino Jesus resplandecente de claridade como um facho de luz, quando a Virgem Maria, cheia de alegria, entrou com ele em seus braços. Uma multidão de anjos rodeava-o, louvando-o e acompanhando-o, assim como os satélites de honra seguem seu rei. Simeão, pois, aproximando-se rapidamente de Maria e estendendo suas mãos para ela, disse ao Senhor Jesus:

- Agora, Senhor, teu servo pode retirar-se em paz, segundo tua promessa, pois meus olhos viram tua misericórdia e o que preparaste para a salvação de todas as nações, luz de todos os povos e a glória de teu povo de Israel.

A profetisa Ana também estava presente, rendia graças a Deus e celebrava a felicidade de Maria.

VII. A Adoração dos Magos

Aconteceu que, enquanto o Senhor vinha ao mundo em Belém, cidade da Judéia, Magos vieram de países do Oriente a Jerusalém, tal como havia predito Zoroastro, e traziam com eles presentes: ouro, incenso e mirra. Adoraram a criança e renderam-lhe homenagem com seus presentes. Então Maria pegou uma das faixas, nas quais a criança estava envolvida, e deu-a aos magos que receberam-na como uma dádiva de valor inestimável. Nesta mesma hora, apareceu-lhes um anjo sob a forma de uma estrela que já lhes havia servido de guia, e eles partiram, seguindo sua luz, até que estivessem de volta a sua pátria.

VIII. A Chegada Dos Magos à sua Terra

Os reis e os príncipes apressaram-se em se reunir em torno dos magos, perguntando-lhes o que haviam visto e o que havia feito, como haviam ido o como haviam voltado e que companheiros eles haviam tido então durante a viagem. Os magos mostraram-lhes a faixa que Maria lhes havia dado. Em seguida, celebraram uma festa, acenderam o fogo segundo seus costumes, adoraram a faixa e a jogaram nas chamas. As chamas envolveram-na.

Ao apagar-se o fogo, eles retiraram o pano e viram que as chamas não haviam deixado nele nenhum vestígio. Eles se puseram então a beijá-lo e a colocá-lo sobre suas cabeças e sobre seus olhos, dizendo:

- Eis certamente a verdade! Qual é pois o preço deste objeto que o fogo não pode nem consumir nem danificar?

E pegando-o, depositaram-no com grande veneração entre seus tesouros.

IX. A Cólera de Herodes

Herodes, vendo que os magos não retornavam a visitá-lo, reuniu os sacerdotes e os doutores e disse-lhes:

- Mostrai-me onde deve nascer o Cristo.

Quando responderam que era em Belém, cidade da Judéia, Herodes pôs-se a tramar, em seu espírito, o assassinato do Senhor Jesus. Então um anjo apareceu a José, durante o sono, e disse-lhe:

- Levanta-te, pegue a criança e sua mãe e foge para o Egito.

Quando o galo cantou, José levantou-se e partiu.

X. Fuga para o Egito

Enquanto ele refletia sobre o caminho que ele devia seguir, a aurora o surpreendeu. A correia da sela se havia rompido ao se aproximarem de uma grande cidade, onde havia um ídolo, ao qual os outros ídolos e divindades do Egito rendiam homenagem e ofereciam presentes. Sempre que Satã falava pela boca do ídolo, os sacerdotes relatavam o que ele dizia aos habitantes do Egito e de suas margens.

Um sacerdote tinha um filho de trinta anos que estava possuído por um grande número de demônios. Ele profetizava e anunciava muitas coisas. Quando os demônios se apossavam dele, rasgavam suas roupas e ele corria nu pela cidade, jogando pedras nos homens.

A hospedaria dessa cidade ficava perto deste ídolo. Quando José e Maria lá chegaram e se hospedaram, os habitantes ficaram profundamente perturbados e todos os príncipes e sacerdotes dos ídolos se reuniram ao redor desse ídolo, perguntando-lhe:

- De onde vem esta agitação universal e qual é a causa deste pavor que se apoderou de nossos país?

O ídolo respondeu:

- Esse assombro foi trazido por um Deus desconhecido, que é o Deus verdadeiro, e ninguém a não ser ele é digno das honras divinas, pois ele é o verdadeiro Filho de Deus. À sua aproximação, esta região tremeu. Ela se emocionou e se assombrou e nós sentimos um grande temor por causa do seu poder.

Neste momento, esse ídolo caiu e quebrou-se, tal como os outros ídolos que estavam no país. Sua queda fez acorrerem todos os habitantes do Egito.

XI. A Cura do Menino Endemoninhado

O filho do sacerdote, acometido do mal que o afligia, entrou no albergue insultando José e

Maria, já que os outros hóspedes haviam fugido. Como Maria havia lavado as fraldas do Senhor Jesus e as estendera sobre umas madeiras, o menino possuído pegou uma das fraldas e colocou-a sobre sua cabeça. Imediatamente os demônios fugiram, saindo pela boca, e foram vistos sob a forma de corvos e serpentes. O menino foi curado instantaneamente pelo poder de Jesus Cristo e se pôs a louvar o Senhor que o havia libertado e rendeu-lhe mil ações de graça. Quando seu pai viu que ele havia recobrado a saúde, exclamou, admirado:

- Meu filho, mas o que te aconteceu e como foste tu curado?"

O filho respondeu:

- No momento em que me atormentavam, eu entrei na hospedaria e lá encontrei uma mulher de grande beleza, que estava com uma criança. Ela estendia sobre umas madeiras as fraldas que acabara de lavar. Eu peguei uma delas e coloquei-la sobre minha cabeça e os demônios fugiram imediatamente e me abandonaram.

O pai, cheio de alegria, exclamou:

- Meu filho, é possível que essa criança seja o Filho do Deus vivo que criou o céu e a terra e, assim que passou por nós, o ídolo partiu-se, os simulacros de todos os nossos deuses caíram e uma força superior à deles destruiu-os.

XII. Os Temores da Sagrada Família

Assim se cumpriu a profecia que diz:

- Chamei o meu filho do Egito.

Quando José e Maria souberam que esse ídolo se havia quebrado, foram tomados de medo e de espanto e diziam:

- Quando estávamos na terra de Israel, Herodes queria que Jesus morresse e, com esta intenção, ele ordenou o massacre de todas as crianças de Belém e das vizinhanças. É de se temer que os egípcios nos queimem vivos, se eles souberem que esse ídolo caiu.

XIII. Os Salteadores

Eles partiram e passaram nas proximidades do covil de ladrões, que despojavam de suas roupas e pertences os viajantes que por ali passavam e, após tê-los amarrado, os arrastavam pelo deserto. Esses ladrões ouviram um forte ruído, semelhante ao do rei que saiu de sua capital ao som dos instrumentos musicais, escoltado por grande exército e por uma numerosa cavalaria. Apavorados, então, deixaram ali todo o seu saque e apressaram-se em fugir. Os cativos, levantando-se, cortaram as cordas que os prendiam e, tendo retomado sua bagagem, iam retirar-se, quando viram José e Maria que se aproximavam e perguntaram-lhes:

- Onde está este rei cujo cortejo, com seu barulho, assustou os ladrões a ponto de eles terem e nos libertado?

José respondeu:

- Ele nos segue.

XIV. A Endemoninhada

Chegaram em seguida a outra cidade, onde havia uma mulher endemoninhada. Quando ela ia buscar água no poço durante a noite, o espírito rebelde e impuro apossava-se dela. Ela não podia suportar nenhuma roupa, nem morar em uma casa. Todas as vezes que a amarravam com cordas e correntes, ela as partia e fugia nua para locais desertos. Ficava nas estradas e perto de sepulturas, perseguindo e apedrejando aqueles que encontrava no caminho, de forma que ela era, para seus pais, motivo de luto.

Maria viu-a e foi tomada de compaixão. Imediatamente Satã a deixou e fugiu sob a forma de um jovem rapaz, dizendo:

- Infeliz de mim, por tua causa, Maria, e por causa do teu filho!

Quando essa mulher foi libertada da causa de seu tormento, olhou ao seu redor e, corando por sua nudez, procurou seus pais, evitando encontrar as pessoas. Após haver vestido suas roupas, ela contou ao seu pai e aos seus o que lhe havia acontecido. Como eles fizessem parte dos habitantes mais distintos da cidade, hospedaram em sua casa José e Maria, demonstrando por eles um grande respeito.

XV. A Jovem Muda

No dia seguinte, José e Maria prosseguiram sua viagem. À noite chegaram a uma cidade onde estava sendo celebrado um casamento. Mas, em decorrência das ciladas do espírito maligno e dos encantamentos de alguns feiticeiros, a esposa ficara muda, de forma que ela não podia mais falar. Quando Maria entrou na cidade, trazendo nos braços o filho, o Senhor Jesus, aquela que havia perdido o uso da palavra avistou-o e imediatamente pegou-o em seus braços. Abraçou-o, apertando-o junto ao seu seio e cobrindo-o de carinho. Imediatamente o laço que travava sua língua partiu-se e seus ouvidos se abriram. Ela começou a glorificar e a agradecer a Deus que a havia curado. Naquela noite, houve uma grande alegria entre os habitantes dessa cidade, pois acreditavam todos que Deus e seus anjos haviam descido no meio deles.

XVI. Outra Endemoninhada

José e Maria passara três dias nesse lugar, onde foram recebidos com grande veneração e esplendidamente tratados. Munidos de provisões para a viagem, partiram dali e chegaram a uma outra cidade. Como ela era próspera e seus habitantes tinha boa reputação, eles pernoitaram lá. Havia nessa cidade uma boa mulher. Um dia em que ela havia descido até o rio para lavar-se, um espírito maldito, assumindo a forma de uma serpente, havia se jogado sobre e cingido o seu ventre. Todas as noites estendia-se sobre ela. Quando essa mulher viu Maria e o Senhor Jesus que ela trazia contra o seio, rogou à Santa Virgem que lhe permitisse segurar e beijar a criança. Maria consentiu, e assim que a mulher tocou a criança, Satã abandonou-a e fugiu. Desde então ela não mais o viu. Todos os vizinhos louvaram o Senhor e a mulher recompensou-os com grande generosidade.

XVII. Uma Leprosa

No dia seguinte, essa mulher preparou água perfumada para lavar o menino Jesus e após o haver lavado, guardou essa água. Havia lá uma jovem cujo corpo assava, coberto pela lepra branca. Lavou-se ela com essa água e foi imediatamente curada. O povo dizia então:

- Não resta dúvida de que José e Maria e essa criança sejam Deuses, pois eles não podem ser simples mortais.
Quando eles se preparavam para partir, essa jovem, que havia sido curada da lepra, aproximou-se deles e rogou-lhes que lhe permitissem acompanhá-los.
XVIII. Um Menino Leproso
Eles consentiram e ela foi com eles. Chegaram a uma cidade, onde havia o castelo de um poderoso príncipe. Foram até lá e se hospedaram nele. A jovem, aproximando-se da esposa do príncipe, encontrou-a triste e chorando. Perguntou-lhe, então, qual a causa daquele pesar:
- Não te espantes de me ver entregue à aflição. Estou em meio a uma grande calamidade, que não ouso contar a ninguém.
A jovem tornou:
- Se me confessares qual é teu mal, talvez encontres remédio junto a mim.
A esposa do príncipe disse-lhe:
- Não revelarás este segredo a ninguém. Casei-me com um príncipe cujo império, semelhante a um império de um rei, estende-se por vastos estados e, após haver vivido por muito tempo com ele, ele não teve de mim nenhum descendente. Finalmente, eu concebi, mas trouxe ao mundo uma criança leprosa. Após havê-lo visto, ele não quis reconhecê-lo como seu filho e me disse para matar a criança ou entregá-la a uma ama para que a criasse num local tão afastado, para que não mais ouvíssemos sobre ela. Além disso, ele me mandou pegar o que é meu, pois não queria me ver mais. Eis porque me entrego à dor, deplorando a calamidade que sobre mim se abateu. Choro por meu marido e por meu filho.
A jovem respondeu-lhe:
- Pois não te disse que eu tenho para ti o remédio que te havia prometido? Eu também fui atingida pela lepra, mas fui curada por uma graça de Deus, que é Jesus, o filho de Maria.
A mulher perguntou-lhe, então, onde estava esse Deus do qual falava. A jovem respondeu-lhe:
- Ele está bem aqui, nesta casa".
Perguntou a princesa:
- Como pode ser isso, onde está ele?
A jovem respondeu:
- Aqui estão José e Maria. A criança que está com eles é Jesus e foi ele quem me curou dos meus sofrimentos.
- E por que meio pôde ele te curar? Não vais me contar? - quis saber a princesa.
A jovem explicou:
- Recebi de sua mãe a água na qual ele havia sido lavado, espalhei-la então sobre meu corpo e minha lepra desapareceu.
A esposa do príncipe ergueu-se, então, e recebeu José e Maria.
Preparou para José um magnífico festim, para o qual muitas pessoa foram convidadas. No dia seguinte, ela pegou água perfumada a fim de lavar o Senhor Jesus e ela lavou, com essa mesma água, o seu filho, que ela havia trazido consigo, e logo ele se curou da lepra.
Ela se pôs a cantar louvores a Deus e a render-lhe graças, dizendo-lhe:
- Feliz da mãe que te gerou, ó Jesus! A água com a qual o teu corpo foi lavado cura os homens que têm tua natureza.
Ela ofereceu presentes a Maria e dela despediu-se, tratando-a com grande deferência.
XIX. Um Feitiço
Chegaram a outra cidade onde deviam pernoitar. Foram à casa de um homem recém-casado que, atingido por um malefício, não podia desfrutar sua esposa. Após haverem eles passado a noite perto do homem, o encantamento quebrou-se. Quando o dia amanheceu, preparavam-se para prosseguir a viagem, mas o esposo impediu-os de partir e preparou-lhes um grande banquete.
XX. A História de um Mulo
No dia seguinte partiram e, ao se aproximarem de uma outra cidade, viram três mulheres que se afastavam de um túmulo, a verter em lágrimas. Maria, tendo-as visto, disse à jovem que os acompanhava:
- Pergunta-lhes quem são elas e qual a desgraça que se lhes abateu.
Elas não responderam mas puseram-se a interrogá-la, dizendo:
- Quem sois vós, e para onde ides? Pois o dia está terminando e a noite se aproxima.
A moça respondeu:
- Somos viajantes e procuramos uma hospedaria para passar a noite.
As mulheres disseram:
- Acompanhai-nos e passai a noite em nossa casa.
Eles seguiram essas mulheres e foram levados a uma casa nova, ornada e decorada por diversos móveis. Era inverno e a jovem moça, tendo entrado no quarto dessas mulheres, encontrou-as chorando e se lamentando. Ao lado delas, coberta por uma manta de seda, encontrava-se um mulo com forragem à sua frente. Elas davam-lhe de comer e o beijavam.
A jovem disse então:
- Ó, minha senhora, como é belo este mulo!
Elas responderam chorando:
- Este mulo que estás vendo é nosso irmão, que nasceu de nossa mãe. Nosso pai deixou-nos com sua morte grandes riquezas e nós só tínhamos este irmão, para quem tentávamos encontrar um casamento conveniente. Porém, mulheres dominadas pelo espírito da inveja, lançaram sobre ele, sem que soubéssemos, encantamentos. E uma certa noite, um pouco antes do amanhecer, estando fechadas as portas da nossa casa, encontramos nosso irmão transformado em mulo, tal qual o vês hoje. Entregamo-nos à tristeza, visto que não tínhamos mais nosso pai para consolar-nos. Consultamos todos os sábios do mundo, todos os magos e os feiticeiros, tentamos de tudo, mas nenhum deles nada pôde fazer por nós. Eis porque sempre que nosso coração está a ponto de explodir de tristeza. Nós nos levantamos e vamos, junto com a nossa mãe que aqui está, ao túmulo de meu pai e, após haver chorado, retornamos para cá.
XXI. Volta a Ser Homem

Ao ouvir tal coisas, a jovem disse:
- Tende coragem e parai de chorar, pois a cura de vossos males está muito próxima, em vossa morada. Eu era leprosa, mas após haver visto essa mulher e a criança que está com ela e que se chama Jesus, e após haver derramado sobre meu corpo a água com a qual a sua mãe o havia lavado, eu me curei. Eu sei que ele pode pôr um fim à vossa desgraça. Levantai-vos, aproximai-vos de Maria, conduzi-o aos vossos aposentos, revelai-lhe o segredo que acabais de me contar e suplicai-lhe piedade.
Ao ouvirem tais palavras proferidas pela jovem, elas se apressaram em ter com Maria. Levaram o multo até o quarto e lhe disseram, chorando:
- Maria, Nossa Senhora, tem compaixão de tuas servas, pois nossa família está desprovida de seu chefe e não temos um pai ou um irmão que nos proteja. Este mulo que aqui vês é nosso irmão. Algumas mulheres, com seus encantamentos, reduziram-no a este estado. Rogamos-te, pois, que tenhas piedade de nós.
Maria, comovida e chorando como as mulheres, ergueu o menino Jesus e colocou-o sobre o dorso do mulo, dizendo:
- Meu filho, cura este mulo através do teu grande poder e faze com que este homem recobre a razão, da qual foi privado.
Nem bem essas palavras haviam saído dos lábios de Maria e o mulo já havia retomado a forma humana, mostrando-se sob os traços de um belo rapaz. Não lhe restava nenhuma deformidade. Ele, sua mãe e suas irmãs adoraram Maria e, erguendo o menino acima de suas cabeças, beijaram-no, dizendo:
- Feliz de tua mãe, ó Jesus, Salvador do mundo! Felizes os olhos que gozam da felicidade da tua presença.

XXII. As Bodas

As duas irmãs disseram à mãe:
- Nosso irmão retomou a forma primitiva, graças à intervenção do Senhor Jesus e aos bons conselhos dessa jovem, que nos sugeriu recorrer a Maria e ao seu filho. Agora, já que nosso irmão não está casado, pensamos que seria conveniente que ele desposasse essa moça.
Após haverem feito este pedido a Maria e haver ela consentido, fizeram para as bodas preparativos esplêndidos. A dor transformou-se em alegria e o choro cedeu espaço ao riso. Elas só fizeram cantar e regozijar-se, enfeitadas com magníficas vestimentas e jóias preciosas. Ao mesmo tempo, entoavam cânticos de louvor a Deus, dizendo:
- Ó, Jesus, Filho de Deus, que transformaste nossa aflição em contentamento e nossas lamúrias em gritos de alegria!
José e Maria lá permaneceram por dez dias. Ao partirem, receberam demonstrações de veneração de parte de toda a família, que despediu-se deles chorando muito, principalmente a moça que se desfazia em lágrimas.

XXIII. Os Salteadores

Chegaram, em seguida, a um deserto. Como lhes haviam dito que era infestado de ladrões, prepararam-se para atravessá-lo durante a noite. Eis que, de repente, avistaram dois ladrões que dormiam e, perto deles, muitos outros ladrões, seus companheiros, que também estavam entregues ao sono. Esses dois ladrões chamavam-se Titus e Dumachus.
O primeiro disse ao outro:
- Eu te peço que deixes estes viajantes irem em paz, para que nossos companheiros não os vejam.
Tendo Dumachus recusado, Titus disse-lhe:
- Dou-te quarenta dracmas e fica com meu cinto como penhor.
Deu-lhe o cinto e, ao mesmo tempo, pediu que não desse alarme. Maria, vendo esse ladrão tão disposto a serví-los, disse-lhe:
- Que Deus te proteja com sua mão direita e que ele te conceda a remissão de teus pecados".
O Senhor Jesus disse a Maria:
- Daqui a trinta anos, ó minha mãe, os judeus me crucificarão em Jerusalém e estes dois ladrões serão postos na cruz ao meu lado: Titus à minha direita e Dumachus à minha esquerda. Neste dia, Titus me precederá no Paraíso.
Quando ele assim falou, sua mãe respondeu-lhe:
- Que Deus afaste de ti semelhante desgraça, ó meu filho!
Foram dar, em seguida, em uma cidade, cheia de ídolos. Quando eles se aproximavam, ela foi transformada em um monte de areia.

XXIV. A Sagrada Família em Mataréia

Foram ter, em seguida, a um sicômoro, que chamam hoje de Mataréia, e o Senhor Jesus fez surgir neste lugar uma fonte, onde Maria lavou sua túnica. O bálsamo que produz esse país vem do suor que escorreu pelos membros de Jesus.

XXV. A Sagrada Família em Mênfis

Foram então a Mênfis e, tendo visitado o faraó, permaneceram três anos no Egito, onde o Senhor Jesus fez muitos milagres, que não estão consignados nem no Evangelho da Infância, nem no Evangelho Completo.

XXVI. volta para nazaré

Depois de três anos, eles deixaram o Egito e voltaram para a Judéia. Quando já estavam próximos, José teve medo de entrar lá, porque acabara de saber que Herodes estava morto e que seu filho Arquelaus havia lhe sucedido. Um anjo de Deus apareceu-lhe, porém, e disse-lhe:
- José, vai para a cidade de Nazaré e estabelece ali tua residência.

XXVII. A Peste em Belém

Quando chegaram a Belém, havia uma proliferação de doenças graves e difíceis de serem curadas, que atacavam os olhos das crianças e lhes causavam a morte. Uma mulher, que tinha um filho atacado por esse mal, levou-o a Maria e encontrou-a banhando o Senhor Jesus. A mulher disse-lhe:
- Maria, vê meu filho que sofre cruelmente.
Maria, ouvindo-a, disse-lhe:
- Pegue um pouco desta água com a qual eu lavei meu filho e espalha-a sobre o teu.
A mulher fez como lhe havia recomendado Maria e seu filho, depois de uma forte agitação,

adormeceu. Quando acordou, estava completamente curado.
A mulher, cheia de alegria, foi até Maria, que lhe disse:
- Rende graças a Deus por ele haver curado o teu filho.

XXVIII. Outro Menino Agonizante

Essa mulher tinha uma vizinha cujo filho fora atingido pela mesma doença e cujos olhos estavam quase fechados. Ele gritava e chorava noite e dia. Aquela cujo filho havia sido curado disse-lhe:
- Por que não levas teu filho a Maria, como eu fiz, quando o meu estava prestes a morrer e ele foi curado pela água do banho de Jesus?
A mulher foi pegar também daquela água e, assim que ela derramou sobre seu filho, ele foi curado. Levou então seu filho em perfeita saúde para Maria, que lhe recomendou que rendesse graças a Deus e que não contasse a ninguém o que havia acontecido.

XXIX. O Menino no Forno

Havia na mesma cidade duas mulheres casadas com um mesmo homem e cada uma delas tinha um filho doente. Uma se chamava Maria e seu filho, Cleofás. Essa mulher levou seu filho a Maria, mãe de Jesus, e ofereceu uma bela toalha, dizendo-lhe:
- Maria, recebe de mim essa toalha e, em troca, dá-me uma das tuas fraldas.
Maria consentiu e a mãe de Cleofás confeccionou, com essa fralda, uma túnica, com a qual vestiu seu filho. Ele ficou curado e o filho de sua rival morreu no mesmo dia, o que causou profundo ressentimento entre essas duas mulheres.
Elas se encarregavam, em semanas alternadas, dos trabalhos caseiros e, um dia em que era vez de Maria, a mãe de Cleofás, ela estava ocupada aquecendo o forno para assar pão. Precisando de farinha, deixou seu filho perto do forno. Sua rival, vendo que a criança estava sozinha, pegou-a e jogou-a no forno em brasa e fugiu. Maria retornou logo em seguida, mas qual não foi o seu espanto, quando ela viu seu filho no meio do forno, rindo, pois ele havia subitamente esfriado, como se jamais houvesse sido aquecido. Ela suspeitou que sua rival o havia jogado ali. Tirou-o de lá, levou-o até a Virgem Maria e contou-lhe o que havia acontecido.
Maria disse-lhe:
- Cala-te, pois eu receio por ti se divulgares tais coisas!
Em seguida, a rival foi buscar água no poço e, vendo Cleofás brincando e percebendo que não havia ninguém por perto, pegou a criança e jogou-a no poço. Alguns homens que haviam vindo para tirar água viram a criança sentada na água, sem nenhum ferimento, e por meio de cordas tiraram-na de lá. Ficaram tão admirados com essa criança que renderam-lhe as mesmas homenagens devidas a um Deus.
Sua mãe, chorando, carregou-o até Maria e disse-lhe:
- Minha senhora, vê o que minha rival fez ao meu filho, jogando-o no poço. Ah, ela acabará, por certo, causando-lhe a morte!
Maria respondeu-lhe:
- Deus punirá o mal que te foi feito.
Alguns dias depois, a rival foi buscar água no poço e seus pés enroscaram-se na corda e ela caiu nele. Quando acorreram, acharam-na com a cabeça partida. Ela morreu, portanto, de uma forma funesta.
A palavra do sábio se cumpre em si:
- Cavaram um poço e jogaram a terra em cima, mas caíram no poço que eles mesmos haviam preparado.

XXX. Um Futuro Apóstolo

Uma outra mulher da mesma cidade tinha dois filhos, os dois doentes. Um morreu e o outro estava agonizando. Sua mãe tomou-o nos braços e levou-o até Maria.
Aos prantos, disse-lhe:
- Minha senhora, vem em meu auxílio e tem piedade de mim. Eu tinha dois filhos, acabo de perder um e vejo o outro a ponto de morrer. Imploro a misericórdia do Senhor.
E pôs-se a gritar:
- Senhor, tu és pleno em clemência e compaixão! Tu me deste dois filhos, me levaste um deles, pelo menos deixa-me o outro.
Maria, testemunha da sua extrema dor, sentiu pena e disse-lhe:
- Coloca teu filho na cama de meu filho e cobre-o com suas roupas.
Quando a criança foi colocada na cama, ao lado de Jesus, seus olhos já cerrados pela morte abriram-se e, chamando sua mãe em voz alta, pediu-lhe pão. Quando lhe deram, comeu-o.
Então sua mãe disse:
- Maria, eu sei que a virtude de Deus habita em ti, a ponto de teu filho curar as crianças que o tocam.
A criança que assim foi curada é o mesmo Bartolomeu se quem se fala no Evangelho.

XXXI. Uma Leprosa

Havia ainda no mesmo lugar uma leprosa que foi ter com Maria, mãe de Jesus, dizendo-lhe:
- Minha senhora, tem piedade de mim".
Maria quis saber:
- Que ajuda pedes tu? Queres ouro, prata ou queres te curar da lepra?
A mulher respondeu:
- Que podes fazer por mim?"
Maria disse:
- Espera um pouco, até que eu tenha banhado e posto meu filho na cama.
A mulher esperou e Maria, após o haver deitado, estendeu à mulher um vaso cheio de água do banho do seu filho e disse-lhe:
- Pega um pouco desta água e espalha-a sobre o teu corpo.
Assim que a doente obedeceu, curou-se e ela rendeu graças a Deus.

XXXII. Outra Leprosa

Ela partiu em seguida, após haver permanecido três dias junto de Maria, e foi para uma cidade onde morava um príncipe, que havia desposado a filha de um outro príncipe. Quando ele viu sua esposa, porém, percebeu entre seus olhos as marcas da lepra sob a forma de uma estrela e o seu casamento foi declarado nulo e não válido.

Essa mulher, vendo o desespero da princesa, perguntou-lhe a causa dessas lágrimas.
A princesa respondeu-lhe:
- Não me interrogues, pois a minha desgraça é tanta que eu não posso revelá-la a ninguém.
A mulher insistia em saber, dizendo que talvez conhecesse algum remédio.
Ela viu então as marcas da lepra entre os olhos da princesa.
- Eu também fui atingida por essa doença. Fui a Belém para tratar de negócios e lá entrei numa caverna onde vi uma mulher chamada Maria. Ela carregava uma criança que se chamava Jesus. Vendo-me atingida pela lepra, ela teve pena de mim e me deu um pouco da água na qual havia lavado o corpo de seu filho. Eu espalhei essa água sobre meu corpo e fui imediatamente curada.
A princesa disse-lhe então:
- Levanta-te, vem comigo e mostra-me Maria.
Ela foi, levando ricos presentes. Quando Maria a viu, disse:
- Que a misericórdia do Senhor Jesus esteja sobre ti.
Ela lhe deu um pouco da água na qual havia lavado seu filho. Assim que a princesa espalhou-a sobre o próprio corpo, ela se viu curada e rendeu graças ao Senhor, assim como todos os que ali estavam.
O príncipe, ao saber que sua esposa havia sido curada, recebeu-a, celebrou um segundo casamento, e rendeu graças a Deus.

XXXIII. Uma Jovem Endemoninhada

Havia, no mesmo lugar, uma jovem que Satã atormentava. O espírito maldito aparecia-lhe sob a forma de um dragão, que queria devorá-la. Ele já havia sugado todo o sangue, de maneira que ela se parecia com um cadáver. Todas as vezes em que ele se jogava sobre ela, ela gritava e, juntando as mãos sobre a cabeça, dizia:
- Desgraça, desgraça de mim, pois não existe ninguém que possa livrar-me deste horrível dragão. Seu pai, sua mãe e todos aqueles que a cercavam, testemunhas de sua infelicidade, entregavam-se à aflição e derramavam lágrimas, principalmente quando a viam chorar e gritar:
- Irmãos e amigos, não existirá ninguém que possa libertar-me deste monstro?
A princesa, que havia sido curada da lepra, ouvindo a voz dessa infeliz, subiu até o telhado de seu castelo e viu-a com as mãos unidas acima da cabeça, a verter copiosas lágrimas. Todos aqueles que a rodeavam estavam desolados.
Ela perguntou se a mãe dessa possuída vivia ainda. Quando lhe responderam que o seu pai e sua mãe estavam ambos vivos, ela disse:
- Tragam sua mãe até mim.
Quando esta chegou, ela lhe perguntou:
- É tua filha que está assim possuída?
A mãe, tendo respondido que sim, chorou, mas a princesa disse-lhe:
- Não revela o que vou te contar. Eu já fui uma leprosa, mas Maria, a mãe de Jesus Cristo, me curou. Se queres que tua filha tenha a mesma felicidade, leva-a a Belém e implora com fé a ajuda de Maria. Eu creio que voltarás cheia de alegria, trazendo tua filha curada.
Imediatamente a mãe levantou-se e partiu. Foi procurar Maria e expôs-lhe o estado de sua filha. Maria, após tê-la ouvido, deu-lhe um pouco da água, na qual ela havia lavado seu filho Jesus, e disse-lhe para derramá-la sobre o corpo da possuída.
Em seguida deu-lhe uma fralda do menino Jesus, acrescentando:
- Pega isto e mostra-o a teu inimigo, todas as vezes em que o vir.
Dizendo isso, despediu-as com suas bênçãos.

XXXIV. Outra Possessa

Após haver deixado Maria, elas retornaram à sua cidade. Quando veio o tempo no qual Satã costumava atormentá-la, ele lhe apareceu sob a forma de um grande dragão. Ao ver a sua aparência, a jovem foi tomada pelo pavor, mas sua mãe disse-lhe:
- Não temas, minha filha! Deixa que ele se aproxime mais de ti e mostre-lhe esta fralda que nos deu Maria e veremos o que ele poderá fazer.
Quando o espírito maligno, que havia tomado a forma de um dragão, estava bem perto, a doente, tremendo de medo, colocou sobre sua cabeça a fralda e desdobrou-a. De repente, dela saíram chamas que se dirigiam à cabeça e aos olhos do dragão.
Ouviu-se, então, uma voz que gritava:
- Que há entre ti e mim, ó Jesus, filho de Maria? Onde encontrarei um abrigo que me livre de ti?
Satã fugiu apavorado, abandonando essa jovem e nunca mais apareceu. Ela se viu curada e, grata, rendeu graças a Deus, assim como todos os que haviam presenciado esse milagre.

XXXV. Judas Iscariotes

Havia nessa mesma cidade uma outra mulher cujo filho era atormentado por Satã. Ele se chamava Judas e sempre que o espírito maligno apoderava-se dele, ele tentava morder todos os que estavam à sua volta. Se estivesse sozinho, mordia suas próprias mãos e membros. A mãe desse infeliz, ouvindo falar de Maria e de seu filho Jesus, foi com seu filho nos braços até Maria.
Nesse meio tempo, Tiago e José haviam trazido o menino Jesus para fora da casa, para que pudesse brincar com as outras crianças. Eles estavam sentados fora da casa e Jesus com eles. Judas aproximou-se também e sentou-se à direita de Jesus e, quando Satã começou a agitá-lo como sempre o fazia, ele tentou morder Jesus. Como não podia alcançá-lo, dava-lhe socos no lado direito, de forma que Jesus começou a chorar.
Nesse momento, entretanto, Satã saiu dessa criança sob a forma de um cão enraivecido.
Essa criança era Judas Iscariotes, que mais tarde trairia Jesus. O lado em que ele havia batido foi o lado que os judeus trespassaram com a lança.

XXXVI. AS Estatuazinhas de Barro

Quando o Senhor Jesus havia completado o seu sétimo ano, ele brincava um dia com outras crianças de sua idade. Para divertir-se, eles faziam com terra molhada diversas imagens de animais, de lobos, de asnos, de pássaros, cada um elogiando seu próprio trabalho e esforçando-

se para que fosse melhor que o de seus companheiros. Então o Senhor Jesus disse para as crianças:
- Ordenarei às figuras que eu fiz que andem e elas andarão.
As crianças perguntaram-lhe se ele era o filho do Criador e o Senhor Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram.
Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito figuras de pássaros que voavam, quando ele ordenava que voassem, e que paravam, quando ele dizia para parar. Quando ele lhes dava bebida e comida, eles comiam e bebiam.
Quando as crianças foram embora e contaram aos seus pais o que haviam visto, eles disseram:
- Fugi, daqui em diante, de sua companhia, pois ele é um feiticeiro! Deixai de brincar com ele!

XXXVII. As Cores do Tintureiro

Certo dia, quando brincava e corria com outras crianças, o Senhor Jesus passou em frente à loja de um tintureiro, que se chamava Salém. Havia nessa loja tecidos que pertenciam a um grande número de habitantes da cidade e que Salém se preparava para tingir de várias cores. Tendo Jesus entrado na loja, pegou todas as fazenda e jogou-as na caldeira. Salém virou-se e, vendo todas as fazendas perdidas, pôs-se a gritar e a repreender Jesus, dizendo:
- Que fizeste tu, ó filho de Maria? Prejudicaste a mim e a meus cidadãos. Cada um pediu uma cor diferente e tu apareceste e puseste tudo a perder.
O Senhor Jesus respondeu:
- Qualquer fazenda que queiras mudar a cor, eu mudo.
Ele se pôs a retirar as fazendas da caldeira e cada uma estava tingida da cor que desejava o tintureiro. Os judeus, testemunhando esse milagre, celebraram o poder de Deus.

XXXVIII. Jesus na Carpintaria

José ia por toda a cidade, levando com ele o Senhor Jesus. Chamavam-no para que fizesse portas, arcas e catres e o Senhor Jesus estava sempre com ele. E sempre que a obra de José precisava ser mais comprida ou mais curta, mais larga ou mais estreita, o Senhor Jesus estendia a mão e ela ficava exatamente do jeito que queria José, de forma que ele não precisava retocar nada com sua própria mão, pois ele não era muito hábil no ofício de marceneiro.

XXXIX. Uma Encomenda do Rei

Um dia, o rei de Jerusalém mandou chamá-lo e disse:
- Eu quero, José, que me faças um trono segundo as dimensões do lugar onde costumo sentar-me.
José obedeceu e, pondo mãos à obra, passou dois anos no palácio para elaborar esse trono.
Quando ele foi colocado no lugar onde deveria ficar, perceberam que de cada lado faltavam dois palmos à medida fixada.
Então o rei ficou bravo com José, que temendo a raiva do monarca, não conseguiu comer e deitou-se em jejum.
O Senhor perguntou-lhe qual era a causa do seu receio e ele respondeu:
- É que a obra na qual trabalhei durante dois anos está perdida.
O Senhor Jesus respondeu-lhe:
- Não tenhas medo e não percas a coragem. Pegue este lado do trono e eu o outro, para que possamos dar-lhe a medida exata.
José fez o que havia lhe pedido o Senhor Jesus e cada um puxou para um lado. O trono obedeceu e ficou exatamente com a dimensão desejada.
Os assistentes, vendo esse milagre, ficaram estupefatos e deram graças a Deus.
Esse trono fora feito com uma madeira do tempo de Salomão, filho de Davi, e que era notável por seus nós, que representavam várias formas de figuras.

XL. Os Meninos

Num outro dia, o Senhor Jesus foi até a praça e vendo as crianças que se haviam reunido para brincar, juntou-se a elas. Essas, tendo-o visto, esconderam-se e o Senhor Jesus foi até uma casa e perguntou às mulheres que estavam à porta, onde as crianças haviam ido. Como elas responderam que não havia nenhuma delas na casa, o Senhor Jesus disse-lhes:
- Que vocês estão vendo sob este arco?
Elas responderam que eram carneiros com três anos de idade e o Senhor Jesus gritou:
- Saí, carneiros, e vinde em direção ao vosso pastor.
Imediatamente as crianças saíram, transformadas em carneiros, e saltavam ao seu redor.
As mulheres, tendo visto isso, foram tomadas de pavor e adoraram o Senhor Jesus, dizendo:
- Jesus, filho de Maria, nosso Senhor, tu és verdadeiramente o bom Pastor de Israel. Tem piedade de tuas servas que estão em tua presença e que não duvidam, Senhor, que tu vieste para curar e não para perder.
O Senhor respondeu que as crianças de Israel estavam entre os povos como os Etíopes.
As mulheres disseram:
- Senhor, conheces as coisas e nada escapa à tua infinita sabedoria. Pedimos e esperamos a tua misericórdia. Devolve a essas crianças sua antiga forma.
O Senhor Jesus disse, então:
- Vinde, crianças, para que possamos brincar.
Imediatamente, na presença das mulheres, os carneiros retomaram a aparência de crianças.

XLI. Jesus Rei

No mês do Adar, Jesus reuniu as crianças e colocou-se como o seu rei. Elas haviam estendido suas roupas no chão para fazê-lo sentar-se sobre elas e haviam colocado sobre sua cabeça uma coroa de flores. Como os satélites que acompanham um rei, elas se haviam enfileirado à sua direita e à sua esquerda. Se alguém passava por lá, as crianças faziam parar à força e diziam-lhe:
- Vem e adora o rei, para que obtenhas uma feliz viagem.

XLII. Simão, o Cananeu

Nisso chegaram alguns homens que carregavam uma criança em uma liteira.
Esse menino havia ido até a montanha com seus colegas para apanhar lenha e, tendo encontrado

um ninho de perdiz, pôs a mão para retirar os ovos. Uma serpente, escondida no ninho, no entanto, mordeu-o e ele chamou os companheiros para socorrê-lo.
Quando chegaram, eles o encontraram estendido no chão e quase morto. Alguns familiares vieram e levaram-no à cidade. Ao chegaram ao local onde o Senhor Jesus estava sentado em seu trono como um rei, com outras crianças à sua volta, como sua corte, essas foram ao encontro dos que carregavam o moribundo e disseram-lhes:
- Vinde e saudai o rei!
Como eles não queriam aproximar-se por causa da tristeza que sentiam, as crianças traziam-nas à força. Quando estavam na frente do Senhor Jesus, ele perguntou-lhe por que estavam carregando aquela criança.
Responderam que uma serpente a havia mordido e o Senhor Jesus disse às crianças:
- Vamos juntos e matemos a serpente!
Os pais da criança que estava prestes a morrer suplicaram para que os deixassem ficar, mas elas responderam:
- Não ouvistes que o rei disse vamos e matemos a serpente? Devemos seguir suas ordens.
Apesar da sua oposição, eles retornaram à montanha, carregando a liteira. Quando chegaram perto do ninho, o Senhor Jesus disse às crianças:
- Não é aqui que se esconde a serpente?
Eles responderam que sim e a serpente, chamada pelo Senhor Jesus, saiu e submeteu-se a ele.
O Senhor disse-lhe:
- Vai e suga todo o veneno que espalhaste nas veias dessa criança.
A serpente, arrastando-se, sugou todo o veneno que ela havia inoculado e o Senhor, em seguida, amaldiçoou-a e, fulminada, morreu logo em seguida. Depois o Senhor Jesus tocou a criança com sua mão e ela foi curada.
Como ela se pusesse a chorar, o Senhor Jesus disse-lhe:
- Não chores, serás meu discípulo!
Essa criança foi Simão de Cananéia, de quem se faz menção no Evangelho.

XLIII. Jesus e Tiago

Num outro dia, José havia mandado seu filho Tiago para apanhar lenha e o Senhor Jesus se havia juntado a ele para ajudá-lo. Quando chegaram ao lugar onde ficava a lenha, Tiago começou a apanhá-la e eis que uma víbora mordeu-o e ele se pôs a gritar e a chorar. O Senhor Jesus, vendo-o naquele estado, aproximou-se e soprou o local da mordida. Tiago foi imediatamente curado.

XLIV. O Menino que Caiu e Morreu

Um dia, o Senhor Jesus estava brincando com outras crianças em cima de um telhado e uma delas caiu e morreu na hora. As outras fugiram e o Senhor Jesus ficou sozinho em cima do telhado. Então os pais do morto chegaram e disseram ao Senhor Jesus: ` - Foste tu que empurraste nosso filho do alto telhado.
Como ele negasse, eles repetiram mais alto:
- Nosso filho morreu e eis aqui quem o matou.
O Senhor Jesus respondeu:
- Não me acuseis de um crime do qual não tendes nenhuma prova. Perguntemos, porém, à própria criança o que aconteceu.
O Senhor Jesus desceu, colocou-se perto da cabeça do morto e disse-lhe em voz alta:
- Zeinon, Zeinon, quem foi que te empurrou do alto do telhado?
O morto respondeu:
- Senhor, não foste tu a causa da minha queda, mas foi o terror que me fez cair.
O Senhor recomendou aos presentes que prestassem atenção a essas palavras e todos eles louvaram a Deus por este milagre.

XLV. O Cântaro Quebrado

Maria havia mandado, um dia, o Senhor Jesus tirar água do poço. Quando ele havia cumprido a tarefa e colocava sobre a cabeça o cântaro cheio, ele partiu-se. O Senhor Jesus, tendo estendido o seu manto, levou para sua mãe a água recolhida e ela se admirou e guardou em seu coração tudo o que havia visto.

XLVI. Brincando com o Barro

Um dia, o Senhor Jesus estava na beira do rio com outras crianças. Haviam cavado pequenas valas para fazer escorrer a água, formando assim pequenas poças. O Senhor Jesus havia feito doze passarinhos de barro e os havia colocado ao redor da água, três de cada lado. Era um dia de Sabbath e o filho de Hanon, o Judeu, veio e vendo-os assim entretidos, disse-lhes:
- Como podeis, em um dia de Sabbath, fazer figuras com lama?"
Ele se pôs, então, a destruir tudo. Quando o Senhor Jesus estendeu as mãos sobre os pássaros que havia moldado, eles saíram voando e cantando. Em seguida, o filho de Hanon, o Judeu, aproximou-se da poça cavada por Jesus para destruí-la, mas a água desapareceu e o Senhor Jesus disse-lhe:
- Vê como está água secou? Assim será a tua vida.
E a criança secou.

XLVII. Uma Morte Repentina

Certa noite, o Senhor Jesus voltava para casa com José, quando uma criança passou correndo na sua frente e deu-lhe um golpe tão violente que o Senhor Jesus quase caiu. Ele disse a essa criança:
- Assim como tu me empurraste, cai e não levantes mais.
No mesmo instante, a criança caiu no chão e morreu.

XLVIII. Jesus e o Professor

Havia, em Jerusalém, um homem, chamado Zaqueu, que instruía os jovens. Ele disse a José:
- José, por que não me envias Jesus para que ele aprenda as letras?
José concordou e também Maria. Levaram, pois, a criança para o professor e assim que ele o viu, escreveu o alfabeto e pediu-lhe que pronunciasse Aleph. Quando ele o fez, pediu-lhe para dizer Beth. O Senhor Jesus disse-lhe:
- Dize-me primeiro o que significa Aleph e aí então eu pronunciarei Beth.

O professor preparava-se para chicoteá-lo, mas o Senhor Jesus pôs-se a explicar o significado das letras Aleph e Beth, quais as letras de linhas retas, quais as oblíquas, as que tinhas desenho duplo, as que tinham pontos, aquelas que não tinham e porque tal letra vinha antes da outra, enfim, ele disse muitas coisas que o professor jamais ouvira e que não havia lido em livro algum.
O Senhor Jesus disse ao professor:
- Presta atenção ao que vou te dizer!
E pôs-se a recitar clara e distintamente Aleph, Beth, Ghimel, Daleth, até o fim do alfabeto. O mestre ficou admirado e disse:
- Creio que esta criança nasceu antes de Noé.
Virando-se para José, acrescentou:
- Tu o conduziste para que eu o instruísse, mas esta criança sabe mais que todos os doutores.
Depois disse a Maria:
- Teu filho não precisa de ensinamentos.

XLIX. O Professor Castigado

Conduziram-no, em seguida, a um professor mais sábio e assim que o viu. ordenou:
- Dize Aleph!
Quando o Senhor Jesus disse Aleph, o professor pediu-lhe que pronunciasse Beth. O Senhor Jesus respondeu-lhe:
- Dize-me o que significa a letra Aleph e então eu pronunciarei Beth.
O mestre, irritado, levantou a mão para bater nele, mas sua mão secou instantaneamente e ele morreu. Então José disse a Maria:
- Daqui por diante, não devemos mais deixar o menino sair de casa, pois qualquer um que se oponha a ele é fulminado pela morte.

L. Jesus, o Mestre

Quando contava doze anos de idade, levaram Jesus a Jerusalém por ocasião da festa e, quando ele terminou, eles voltaram, mas o Senhor Jesus permaneceu no templo, em meio aos doutores, aos velhos e aos mais sábios dos filhos de Israel, que ele interrogava sobre diferentes pontos da ciência, mas também respondia-lhes as perguntas.
Jesus perguntou-lhes:
- De quem é filho o Messias?"
Eles responderam:
- Este é o filho de Davi.
Jesus respondeu:
- Por que então Davi, movido pelo Espírito Santo, chama-o Senhor, quando diz que o Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita para que coloque teus inimigos aos teus pés'?"
Um importante rabino interrogou-o, dizendo:
- Leste os livros sagrados?
O Senhor Jesus respondeu:
- Eu li os livros e o que eles contêm.
Dito isso, explicou-lhes as Escrituras, a lei, os preceitos, os estatutos, os mistérios que estão contidos nos livros das profecias e que a inteligência de nenhuma criatura pode compreender. E o principal entre os doutores disse:
- Eu jamais vi ou ouvi tamanha instrução. Quem credes que seja essa criança?

LI. Jesus e o Astrônomo

Havia lá um filósofo, astrônomo sábio, que perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a ciência dos astros. Jesus, respondendo-lhe, expôs o número de esferas e de corpos celestes, sua natureza e sua oposição, seu aspecto trinário, quaternário e sêxtil, sua progressão e seu movimento de leste para oeste, o cômputo e o prognóstico e outras coisas que a razão de nenhum homem escrutou.

LII. Jesus e o Médico

Havia entre eles um filósofo muito sábio em medicina e ciências naturais e quando ele perguntou ao Senhor Jesus se ele havia estudado a medicina, este expôs-lhe a física, a metafísica, a hiperfísica e a hipofísica, as virtudes do corpo, os humores e seus efeitos, o número de membros e de ossos, de secreções, de artérias e de nervos, as temperaturas, calor e seco, frio e úmido e quais as suas influências, quais as atuações da alma no corpo, suas sensações e suas virtudes, a faculdade da palavra, da raiva, do desejo, sua composição e dissolução e outras coisas que a inteligência de nenhuma criatura jamais alcançou.
Então o filósofo ergueu-se e adorou o Senhor Jesus, dizendo:
- Senhor, daqui em diante serei teu discípulo e ter servo.

LIII. Jesus É Encontrado

Enquanto Jesus assim falava, Maria apareceu, junto com José, pois fazia três dias que procuravam por Jesus. Vendo-o sentado entre os doutores, interrogando-os e respondendo-lhe alternadamente, ela lhe disse:
- Meu filho, por que agiste assim conosco? Teu pai e eu te procuramos e tua ausência causou-nos muita aflição.
Ele respondeu:
- Por que me procuráveis? Não sabíeis que convinha que eu permanecesse na casa de meu Pai? Eles não entendiam as palavras que ele lhes dirigia. Então os doutores perguntaram a Maria se ele era seu filho e tendo ela respondido que sim, eles exclamaram:
- Ó feliz Maria, que deste à luz tal criança.
Ele voltou com os pais para Nazaré e ele lhes era submisso em tudo. Sua mãe conservava todas as suas palavras em seu coração e o Senhor Jesus crescia em tamanho, em sabedoria e em graça diante de Deus e diante dos homens.

LIV. Via Oculta

Ele começou desde esse dia a esconder os seus segredos e seus mistérios, até que completou trinta anos, quando seu Pai, revelando publicamente sua missão às margens do Jordão, fez soar, do alto do céu, essas palavras:
- É meu filho bem-amado no qual coloquei toda minha complacência.
Foi quando o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba branca.

LV. Doxologia

É a ele que humildemente adoramos, pois ele nos deu a existência e a vida. Ele nos fez sair das entranhas de nossas mães, tomou, por nós, o corpo de homem e nos redimiu, cobrindo-nos com sua misericórdia eterna e concedendo-nos a graça do seu amor e de sua bondade.

A ele, portanto, glória, poder, louvores e domínio
por todos os séculos.
Que assim seja!

...

PRIMEIRA CARTA DE SÃO CLEMENTE AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO
A Igreja de Deus estabelecida transitóriamente em Roma à Igreja de Deus estabelecida transitóriamente em Corinto, aos eleitos santificados na vontade de Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo: que a graça e a paz vos sejam dadas em plenitude da parte de Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo.

CAPÍTULO I
1Por causa das desgraças e calamidades que repentina e continuamente se abateram sobre nós, talvez estejamos a tratar tardiamente dos acontecimentos que se deram entre vós, meus caros, e daquele motim, não conveniente a eleitos de Deus, iniciado por algumas pessoas irrefletidas e audaciosas, de uma forma sórdida e ímpia, surgido de tal ponto de loucura, que o vosso nome, dantes estimado, acatado e celebrado por todos, fosse seriamente denigrido.
2Ora, quem é que esteve entre vós e não elogiou vossa fé extraordinária e firme? Quem não admirou vossa piedade consciente e suave em Cristo? Quem não louvou a tradição da vossa hospitalidade generosa? Ou quem não vos felicitou por vossa doutrina perfeita e segura?
3Fazíeis tudo sem distiguir as pessoas e andáveis dentro dos preceitos de Deus, sujeitando-vos aos vossos guias e respeitando devidamente os vossos anciãos. Aos jovens, transmitíeis conceitos prudentes e honrosos; às mulheres, recomendáveis para que cumprissem todos os seus deveres com consciência irrepreensível, de forma santa e pura, amando convenientemente seus maridos; e ainda as ensináveis a administrar a vida doméstica dentro das normas de obediência e da mais absoluta discrição.

CAPÍTULO II
1Vós todos ainda possuíeis sentimentos de humildade, isentos de qualquer vaidade, mais dispostos a submeter-vos do que a submeter, dando com mais gosto do que esperando receber. Contentando-vos com o que Cristo vos dava como alimento e meditando sobre suas palavras, vós as guardáveis com tanto cuidado no coração mesmo enquanto tínheis sofrimentos pairando diante dos vossos olhos.
2Assim, uma paz profunda e abençoada comunicava-se a todos, e um desejo insaciável de praticar o bem, assim como a plena efusão do Espírito Santo, eram produzidos em todos.
3Repletos de uma santa vontade, em bom zelo, levantáveis as vossas mãos piedosamente para o Deus onipotente, suplicando-lhe sua misericórdia quando cometíeis involuntariamente alguma falta.
4Dia e noite, travava-se entre vós uma luta em favor da total fraternidade, para conseguir, pela misericórdia e conscienciosidade, a salvação de todos os seus eleitos.
5Autênticos e incorruptos vós éreis, não possuíeis malícia uns para com os outros.
6Toda revolta e todo cisma vos causavam horror. Ficáveis entristecidos ao ver as faltas dos outros; o que os outros cometiam, tínheis como vossas próprias faltas.
7Não havia por que vos arrepender de qualquer omissão de bondade, já que estáveis dispostos a toda boa ação.
8Ornados por uma conduta virtuosa e honrosa, cumpríeis todas as vossas ações em seu temor. Os mandamentos e as justas normas do Senhor estavam escritos sobre as fibras dos vossos corações.

CAPÍTULO III
1Plena reputação e prosperidade vos foi concedida, cumprindo-se a palavra da Escritura: "O bem amado comeu e bebeu, engordou e encheu-se de comida, e tornou-se desobediente".
2Daí nasceram o ciúme e a inveja, a discórdia e a revolta, a perseguição e a desordem, a guerra e o cativeiro.
3Desta forma, os desonrados levantaram-se contra os honrados, os desrespeitados contra os respeitados, os insensatos contra os sensatos, os jovens contra os anciãos.
4Por isso, afastou-se para longe a justiça e a paz no exato momento em que cada um abandonou o temor de Deus e obscureceu o olhar em sua fé, não andando conforme o que prescreve os seus mandamentos, não se conduzindo da maneira digna de Cristo. Ao invés, cada qual anda segundo os desejos de seu coração perverso, admitindo em si um ciúme injusto e ímpio, ciúme este que gerou a morte para o mundo.

CAPÍTULO IV
1Porque assim está escrito: "E aconteceu, após alguns dias, que Caim oferecesse a Deus um sacrifício com os frutos da terra e também, por sua vez, Abel oferecesse das primícias dos rebanhos e de suas gorduras.
2E Deus olhou para Abel e seus dons, não reparando, porém, em Caim e seus sacrifícios.
3Então Caim se entristeceu muito e seu rosto se abateu.
4Então o Senhor falou a Caim: 'Por que te tornaste sombrio e por que teu rosto anda abatido? Acaso não pecaste? Ora, embora tua oferenda seja correta, tua escolha não o foi.
5Acalma-te, pois a oferenda voltará a ti e poderás dispor dela'.
6Então Caim falou a Abel, seu irmão: 'Vamos para a planície'. E ocorreu que, enquanto estavam na planície, Caim se levantou contra Abel, seu irmão, e o matou".
7Vide, irmãos: foram o ciúme e a inveja que produziram o fratricídio.
8Por causa do ciúme, nosso pai Jacó teve que fugir da presença de Esaú, seu irmão.
9O ciúme fez com que José fosse perseguido à morte e acabasse preso.
10Foi o ciúme que obrigou Moisés a fugir da presença do faraó, rei do Egito, na hora de ouvir um de seus compatriotas: quem é que te constituiu árbitro e juiz sobre nós? Não queres

matar-me, da mesma forma como ontem mataste o egípcio?
11Por causa do ciúme, Aarão e Maria foram expulsos do acampamento.
12O ciúme conduziu Datã e Abirão vivos para o Mundo dos Mortos, por se revoltarem contra Moisés, servo de Deus.
13Por ciúme, Davi não apenas obteve inveja da parte dos estrangeiros, como também foi perseguido por Saul, rei de Israel.

CAPÍTULO V
1Agora, para colocarmos fim aos exemplos antigos, passemos aos atletas que nos tocam de perto; verifiquemos os nobres exemplos da nossa geração.
2Por ciúme e inveja foram perseguidos e lutaram até à morte as nossas colunas mais elevadas e retas.
3Fixemos nossos olhos sobre os valorosos apóstolos:
4Pedro, que por ciúme injusto não suportou apenas uma ou duas, mas numerosas provas e, depois de assim render testemunho, chegou ao merecido lugar da glória.
5Por ciúme e discórdia, Paulo ostentou o preço da paciência.
6Sete vezes acorrentado, exilado, apedrejado, missionário no Oriente e no Ocidente, recebeu a ilustre glória por sua fé.
7Ensinou a justiça no mundo todo e chegou até os confins do Ocidente, dando testemunho diante das autoridades. Assim, deixou o mundo e foi buscar o lugar santo, ele, que se tornou o mais ilustre exemplo da paciência.

CAPÍTULO VI
1A esses homens de conduta santa, ajuntou-se grande multidão de eleitos que, por ciúme, suportaram muitos insultos e torturas, transformando-se no mais belo exemplo entre nós.
2Por ciúmes, mulheres foram perseguidas, como Danaídes e Dircês, e sofreram afrontas cruéis e sacrílegas, percorrendo a segura trajetória da fé e obtendo o nobre prêmio, elas, que eram fracas de corpo.
3Foi o ciúme que separou esposas e maridos, afrontando a palavra de nosso pai Adão: "Ela é osso dos meus ossos e carne da minha carne".
4Ciúme e intriga destruíram grandes cidades e eliminaram nações poderosas.

CAPÍTULO VII
1Caríssimos, ao vos escrever tais coisas, não apenas vos levamos à refletir, mas também advertimos a nós mesmos, já que nos encontramos no mesmo campo de batalha, nos esperando a mesma luta.
2Abandonemos, assim, as opiniões vazias e tolas, voltando-nos para a gloriosa e santa regra da tradição.
3Vejamos o que é belo, agradável e aceito aos olhos daquele que nos criou.
4Fixemos a vista no sangue de Cristo e compreendamos o quanto é precioso aos olhos do Pai pois, derramando-o por nossa salvação, ofereceu-o ao mundo inteiro pela conversão.
5Percorramos todas as gerações e aprendamos que de geração em geração o Senhor deu possibilidade de conversão àqueles que a Ele quiseram retornar.
6Noé anunciou a conversão e os que a aceitaram se salvaram.
7Jonas anunciou a ruína aos ninivitas; os que fizeram penitência de seus pecados, por suas súplicas, reconciliaram-se com Deus e alcançaram a salvação, ainda que fossem estranhos a Deus.

CAPÍTULO VIII
1Sobre a conversão falaram os ministros da graça de Deus, sob inspiração do Espírito Santo.
2Sobre a conversão também falou o próprio Senhor de tudo, ao jurar: "Tão certo como vivo - diz o Senhor - não quero a morte do pecador, mas sua conversão". E acrescentou:
3"Convertei-vos de vosso erro, casa de Israel! Dize aos filhos do meu povo: 'ainda que os vossos pecados se amontoassem da terra até o céu, ainda que estes fossem mais vermelhos que a púrpura e mais negros que o saco, se vos voltardes para mim de todo coração e disserdes: 'Pai!', eu vos atenderei como se fosses um povo santo'".
4Em outra parte, ainda fala: "Lavai e purificai-vos. Afastai dos meus olhos as maldades de vossas almas. Deixai vossas maldades e aprendei a praticar o bem; procurai a justiça, socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva, e então vinde para colocarmos as coisas em ordem - diz o Senhor. E se os vossos pecados forem como a púrpura, os tornarei brancos como a neve; se forem escarlate como a lã, os farei alvos. Se vos dispuserdes a me escutar, comereis os bens desta terra; porém, se não quiserdes me ouvir, a espada vos devorará - assim fala a boca do Senhor".
5No desejo de levar a todos os seus amados a participarem da conversão, fortaleceu-vos por sua vontade toda-poderosa.

CAPÍTULO IX
1Por isso, obedeçamos sua vontade excelsa e gloriosa. Supliquemos, prostrados, pela piedade e bondade. Recorramos à sua misericórdia. Abandonemos a vaidade, a discórdia e o ciúme que conduz à morte.
2Fixemos o olhar naqueles que serviram com perfeição a sua magnífica glória.
3Tomemos, por exemplo, Henoc, que, encontrado justo em sua submissão, foi arrebatado e não se encontrou indício de sua morte.
4Noé, reconhecido fiel, recebeu o encargo de anunciar o renascimento do mundo e o Senhor salvou, por ele, os seres que entraram em harmonia na sua arca.

CAPÍTULO X
1Abraão, proclamado "o amigo", se revelou fiel em sua submissão à palavra de Deus.
2Por obediência, ele saiu de sua terra, deixou seus parentes e a casa do pai, saindo de uma

terra pequenina, parentes sem importância, uma casa modesta, para herdar as promessas de Deus. Pois é Ele quem lhe diz:
3"Deixa tua terra, teus parentes e a casa de teu pai, para te dirigires à terra que te mostrarei. Farei de ti um povo grande. Abençoar-te-ei e engrandecerei teu nome; serás abençoado. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti, todas as tribos da terra serão benditas".
4Outra vez, ao se separar de Lot, falou-lhe Deus: "Levanta teus olhos e mede o espaço existente entre ti, entre o norte e o sul, leste e mar: pois toda essa terra vos darei e à tua descendência para sempre.
5Farei tua descendência como o pó da terra: se alguém conseguir contar o pó da terra então saberá também contar a tua descendência".
6E ainda diz: "Conduziu Deus a Abraão para fora e lhe falou: 'Levanta os olhos para o céu e conta os astros, se é que consegues contá-los. Assim será a tua descendência'. Abraão acreditou em Deus e isso lhe foi imputado como justificação".
7Por causa da fé e da hospitalidade, foi-lhe dado um filho na velhice e, por obediência, ele o ofereceu como sacrifício a Deus sobre um dos montes que Ele lhe mostrou.

CAPÍTULO XI
1Por causa da hospitalidade e piedade, Lot salvou-se de Sodoma, quando a terra em redor foi castigada com fogo e enxofre. Desta forma, Deus deixou claro que não abandona aqueles que esperam nele, mas que entrega os ímpios ao castigo e ao suplício.
2Sua mulher acompanhava-o na saída, no entanto, não compartilhava sua fé e crença, transformando-se num sinal disso, a ponto de reduzir-se a mera estátua de sal até os dias de hoje, para que todos, assim, possam se inteirar que Deus pune os desconfiados e os de alma dupla para escárnio de todas as gerações.

CAPÍTULO XII
1Por causa da fé e hospitalidade, Raabe, a prostituta, se salvou.
2Pois quando Jesus, filho de Navé, mandou espiões para Jericó, o rei daquela nação ficou sabendo que haviam chegado homens para explorar a terra; então mandou homens para os prenderem e, após presos, matarem-nos.
3Raabe, a hospitaleira, recebeu-os e os ocultou sob a palha do linho no andar superior.
4Quando os emissários do rei se apresentaram e lhe falaram: "Aqui entraram os espiões que vieram reconhecer nosso território. O rei manda que os entregueis", ela respondeu-lhes: "De fato, os homens que procurais entraram em minha casa, porém já se retiraram e continuam seu caminho". E ela apontou-lhes em direção oposta.
5Então ela falou aos espiões: "Disto sei e me convenci: o Senhor vos entregou esta terra porque o medo e pânico se apossaram de seus habitantes. Quando a conquistardes, salvai a mim e a casa de meu pai".
6Os espiões responderam: "Será como falaste! Quando nos vires aproximar, reúnam-se todos os teus parentes sob o teto da tua morada e todos serão salvos; porém, aqueles que estiverem do lado de fora perecerão".
7Como outro sinal, propuseram-lhe ainda que dependurasse algo vermelho na casa, tornando evidente que, pelo sangue do Senhor, viria a redenção para todos aqueles que cressem e esperassem em Deus.
8Vede, amados: nesta mulher não houve apenas fé, mas também o dom da profecia.

CAPÍTULO XIII
1Portanto, tornemo-nos humildes, irmãos, deixando de lado toda a ostentação, o orgulho, o excesso e a ira, e cumpramos o que está escrito. Pois assim diz o Espírito Santo: "Não se orgulhe o sábio em sua sabedoria, nem o forte em sua força, nem o rico em sua riqueza, mas aquele que se gloriar, glorie no Senhor, procurando-O e praticando o direito e a justiça". Antes de mais nada, recordemos as palavras ditas por Jesus, mestre da equidade e grandiosidade.
2Pois foi ele que disse isto: "Sede misericordiosos para obterdes misericórdia. Perdoai para que sejais perdoados. Assim como fizerdes, assim vos será feito. Da forma como derdes, assim vos será dado. Do modo como julgardes, assim sereis julgados. Como fizerdes o bem, assim vos será feito. Com a medida que medirdes, também vos será medido em troca".
3Com este mandamento e estes preceitos, fortaleçamo-nos, para que possamos andar humildes e submissos às suas santas palavras. Pois a sagrada palavra assim reza:
4"Para quem hei de olhar senão para o manso e pacífico e para aquele que respeita os meus oráculos?".

CAPÍTULO XIV
1É justo e santo, irmãos, tornarmo-nos submissos a Deus do que seguirmos aqueles que se deixam guiar pela arrogância e orgulho, aos promotores do ciúme.
2Estaremos nos expondo não a um prejuízo qualquer, mas a um grande perigo, se nos entregarmos aos caprichos dos homens, que buscam a discórdia e a revolta para nos separar da boa conduta.
3Sejamos bondosos uns para com os outros, seguindo a misericórdia e doçura do nosso Criador.
4Pois assim está escrito: "Os mansos habitarão a terra, os inocentes serão deixados sobre ela enquanto os pecadores serão exterminados dela".
5E em outro ponto: "Vi o ímpio gabar-se orgulhoso como os cedros do Líbano; passei e ele não mais existia; então procurei seu lugar e não encontrei. Guarda a inocência e observa a justiça pois se consagra a memória do homem que guarda a paz".

CAPÍTULO XV

1Unamo-nos, pois, àqueles que mantêm a paz na santidade e não aos que defendem a paz por pura hipocrisia.
2Pois é dito em algum lugar: "Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim".
3E novamente: "Abençoavam com a boca, mas amaldiçoavam com o coração".
4E novamente: "Amavam-no com os lábios, mas mentiam-lhe com a língua; o coração não era sincero para com Ele, nem se mantinham fiéis à sua aliança.
5Por isso, tornem-se mudos os lábios ímpios que proferem maldades contra os justos". E ainda: "Que o Senhor extermine todos os lábios ímpios, a língua arrogante e todos os que dizem: 'Engrandecemos a nossa língua, em nossos lábios estão o poder! Quem é o nosso Senhor?'.
6Por causa da miséria dos pobres e dos gemidos dos desamparados, levantar-me-ei agora - diz o Senhor - e os colocarei a salvo.
7Julgarei seu caso com isenção".

CAPÍTULO XVI
1Porque Cristo pertence aos humildes e não aos se elevam acima da comunidade.
2O cetro da majestade de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, não veio com ares de arrogância e orgulho, muito embora assim pudesse ter feito, mas com humildade, como, sobre ele, o Espírito Santo anunciou. Pois disse:
3"Senhor, quem deu crédito à nossa palavra? A quem se revelou o braço do Senhor? Nós anunciamos na presença Dele: Ele é como o escravo, como a raiz numa terra sedenta! Não possui beleza, nem brilho. Nós o vimos: não tinha beleza, nem aparência agradável. Ao invés, sua beleza era desprezível e perdia para a beleza dos homens. Um homem açoitado, trabalhado e acostumado a sofrer fraquezas; menosprezado, afastou o rosto e não contou para nada.
4Ele carrega nossos pecados e sofre por nós. Vimos nele um homem atormentado, açoitado e humilhado.
5Foi coberto de chagas por causa de nossos pecados; tornou-se debilitado por causa de nossos crimes; o castigo que nos educa para a paz caiu sobre ele e nós fomos curados, graças às suas chagas.
6Todos, como ovelhas, andávamos desviados; o homem havia se desviado de sua rota.
7O Senhor o entregou em resgate por nossos pecados e ele não abriu a boca diante dos maus tratos. Como cordeiro, foi conduzido ao matadouro e, como ovelha, na frente do tosquiador permaneceu calado, sem abrir a boca. Na humilhação foi levantada sua condenação.
8Quem pregava sua geração já que sua vida será tirada da terra?
9Por causa das iniquidades do meu povo, ele será levado à morte.
10E Eu entregarei os ímpios como reféns de sua sepultura e os ricos em troca da sua morte, pois não cometeu mal algum, nem culpa foi encontrada em sua boca. Mas o Senhor quer purificá-lo de suas feridas.
11Se oferecerdes um sacrifício por vosso pecado, vossa alma verá descêndência pela longa vida.
12O Senhor quer arrancar o tormento de sua alma, mostrar-lhe a luz e formá-lo na consciência, justificando o justo que bem serviu a muitos; ele próprio tomará sobre si os pecados deles.
13Por isso terá multidões como herança e distribuirá os troféus dos poderosos pelo fato de sua alma ser entregue à morte e ele ter sido contado entre os ímpios.
14E ele próprio suportou os pecados de muitos e se entregou pelos pecados deles".
15Ele próprio ainda diz: "Eu, porém, não sou mais que um verme, não sou homem, mas último entre os homens e escória do povo.
16Todos os que me viram, zombaram de mim, murmuraram com os lábios e moveram a cabeça em sinal de negação. Confiou no Senhor, que o livre; se o quiser bem, que o salve".
17Vede, amados, que exemplo nos foi dado! Se o Senhor assim se humilhou, o que faremos nós que chegamos, por Ele, ao jugo de sua graça?

CAPÍTULO XVII
1Tornemo-nos imitadores daqueles que em peles de carneiros e ovelhas percorriam a terra, anunciando a chegada de Cristo: pensemos em Elias e Eliseu, também em Ezequiel, nos profetas e, além destes, naqueles que receberam testemunho favorável.
2Abraão recebeu magnífico testemunho, sendo proclamado 'amigo de Deus'. Mesmo assim, contemplando a glória de Deus, confessou em sua humildade: "Eu, por mim, sou terra e cinza".
3Também sobre Jó se escreveu desta forma: "Jó, porém, era justo e irrepreensível; verdadeiro, temente a Deus e afastado de todo o mal".
4Apesar disso, ele próprio se acusa, dizendo: "Ninguém é isento de impureza, mesmo que sua vida se resumisse a um só dia".
5Moisés foi chamado de 'fiel servidor em toda a casa de Deus' e através de seu ministério, Deus castigou o Egito com pragas e sofrimentos. Contudo, mesmo sendo tão magnificamente exaltado, não se excedeu em palavras grandiloquentes, mas, ao revelar-lhe o oráculo da sarça, falou apenas: "Quem sou eu para me enviares? Tenho a voz fraca e dificuldade para falar".
6E novamente assim fala: "Não passo de vapor que sai da panela quente".

CAPÍTULO XVIII
1O que dizer de Davi e seu testemunho? A ele, Deus falou: "Descobri um homem segundo o meu coração: Davi, filho de Jessé. Em eterna misericórdia eu o ungi".
2Mas também ele falou para Deus: "Tende piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande piedade e, segundo a tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.
3Lava-me sempre mais de minha iniquidade e purifica-me do meu pecado, pois reconheço a minha injustiça e o meu pecado está sempre diante de mim.

4Pequei somente contra ti e pratiquei o que é mau perante os Vossos olhos; para que estejas justificado em tuas palavras e venças, se te julgarem.
5Eis que fui concebido na iniquidade e no pecado minha mãe me carregou em seu seio.
6Eis que amaste a verdade e me revelaste os obscuros mistérios da tua sabedoria.
7Hás de me aspergir com hissopo e serei purificado; hás de me lavar e tornar-me-ei mais branco do que a neve.
8Hás de fazer-me ouvir o som da alegria e da festa e os ossos humilhados se rejubilarão.
9Afasta o rosto de meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades.
10Cria um coração puro em mim, ó Deus, e forma um espírito firme em meu peito.
11Não me afastes de tua presença e não retires de mim teu santo espírito.
12Restitui-me a alegria da tua salvação e confirma-me com um espírito magnâmico.
13Ensinarei teu caminho aos pecadores e os ímpios hão de converter-se para ti.
14Livra-me de ações sanguinárias, ó Deus, Deus de minha salvação.
15Minha língua exaltará a tua justiça. Senhor, hás de me abrir a boca e meus lábios proclamarão o teu louvor.
16Se tivesses desejado um sacrifício, te-lo-ia oferecido, porém, não te agradas com holocaustos.
17Para Deus, sacrifício é o espírito arrependido. Deus não desprezará um coração contrito e humilhado".

CAPÍTULO XIX
1A humildade e a modéstia de homens tão grandes e santos foram aprovados pela sua obediência. Os que receberam as palavras Dele em temor e verdade não só nos tornaram melhores como também as gerações que nos precederam.
2Assim, após participarmos de muitas grandes e gloriosas ações, corramos para a meta de paz que nos foi proposta desde o início. Fixemos o nosso olhar sobre o Pai e Criador de todo o mundo e agarremo-nos aos seus magníficos e excelsos dons de paz e benefícios.
3Olhemos para Ele em espírito e consideremos com os olhos da alma sua generosa vontade. Reconheçamos o quanto é indulgente para com toda a sua criação.

CAPÍTULO XX
1Os céus movem-se por Sua disposição e lhe submetem na paz.
2O dia e a noite percorrem o caminho por Ele demarcado, sem jamais se impedirem mutuamente.
3Sol, lua e demais astros giram conforme Sua determinação, em harmonia e sem desvio algum pelas órbitas prescritas a cada um deles.
4A terra, submissa à Sua vontade, fecunda nas estações próprias e provém sustento aos homens, animais e todos os seres vivos, sem se rebelar nem se afastar da ordem por Ele desejada.
5As profundezas insondáveis dos abismos e os subterrâneos inexplorados se mantêm conforme as Suas leis.
6O mar imenso, encerrado dentro da bacia que o contém, não ultrapassa os limites a ele imposto mas, assim como lhe foi ordenado, o obedece.
7Pois foi Ele quem disse: "Até aqui chegarás e tuas ondas se quebrarão em ti mesmo".
8O oceano, intransponível aos homens, bem como os mundos atrás dele, ordenam-se pelas mesmas leis do Senhor.
9As estações da primavera, verão, outono e inverno se sucedem umas às outras em paz.
10A força dos ventos cumpre, por sua vez, o serviço dele sem se desfalecer; as fontes perenes, criadas para gôzo e saúde, oferecem os peitos - sem interrupção - para dar vida aos homens. Até os animais mais pequeninos fazem suas reuniões dentro da paz e harmonia.
11O grande Criador e Senhor de tudo ordenou todas essas coisas para que existissem em paz e concórdia, já que deseja o bem de todas as criaturas, mostrando-se generoso demais em relação a nós que nos refugiamos em sua misericórdia por nosso Senhor Jesus Cristo.
12A Ele glória e majestade pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XXI
1Amados, cuidai para que vossos benefícios tão numerosos não se transformem em condenação para nós, o que acontecerá se não formos dignos Dele e não realizarmos em concórdia o que é bom e agradável a Seus olhos,
2pois está dito em alguma parte: "O Espírito do Senhor é uma lanterna que penetra até o fundo do coração".
3Consideremos o quanto está próximo, de forma que nada do que pensamos, nada do que calculamos permanece-Lhe oculto.
4Assim, é justo que não nos afastemos da Sua vontade.
5Devemos preferir chocar homens tolos e insensatos, exaltados e cheios da arrogância de seus discursos, do que a Deus.
6Reverenciemos o Senhor Jesus, cujo sangue foi derramado por nós. Respeitemos nossos chefes. Honremos os anciãos. Eduquemos os jovens a temerem a Deus. Guiemos nossas mulheres para o bem.
7Que elas manifestem o desejo da pureza, a pura intenção na suavidade. Que, pelo silêncio, demonstrem a moderação de sua linguagem. Que o amor não fique dependente das inclinações, mas que seja praticado de modo santo e igual entre todos aqueles que temem a Deus.
8Que nossos filhos participem da educação em Cristo, aprendendo o quanto pode a humildade perante Deus, o quanto o amor consegue perante Deus, o quanto o temor Dele é bom e excelso, salvando a todos os que nele vivem santamente em pura intenção.
9É Ele que investiga nossos pensamentos e desejos. É o sopro Dele que está presente em nós e que pode ser retirado por Ele quando quiser.

CAPÍTULO XXII
1A fé em Cristo garante todas essas coisas, pois é Ele mesmo que assim nos convida, pelo Espírito Santo: "Filhos, vinde e escutai-me: hei de ensinar-vos a temer a Deus.
2Quem é o homem que quer vida e aprecia ver dias bons?
3Guarda tua língua do mal e teus lábios da traição.
4Afasta-te do mal e faze o bem.
5Procura e persegue a paz.
6Os olhos do Senhor estão voltados para os justos e seus ouvidos para as suas súplicas. Mas a face do Senhor se volta contra os que praticam o mal, destruindo a memória deles sobre a terra.
7O justo clama e o Senhor o atende, livrando-o de todas as tribulações.
8Muitos são os flagelos do pecador, já a misericórdia cerca os que esperam no Senhor.

CAPÍTULO XXIII
1O Pai todo-poderoso e misericordioso tem entranhas para os que O temem e, assim, distribui de forma bondosa e amorosa Suas graças àqueles que se aproximam Dele com o coração simples.
2Não hesitemos por causa disso, nem se orgulhe nossa alma por causa dos Seus dons ricos e magníficos.
3Que nunca se aplique a nós a passagem da Escritura que diz: "Infelizes os que hesitam no coração e desconfiam na alma; aqueles que dizem: 'Tais promessas já escutamos na época de nossos pais e eis que envelhecemos e nada disso aconteceu'.
4Ó insensatos, comparai-vos à uma árvore; reparai na videira que, primeiro perde as folhas e então brota, a seguir vêm a folha, então a flor e, depois disso, a uva verde é seguida da uva madura". Considerai como, em pouco tempo, o fruto da árvore se torna maduro.
5É bem assim que a vontade de Deus se cumpre, em ritmo veloz e inesperado, como a própria Escritura nos atesta: "Virá logo e não tardará. Subitamente o Senhor entrará no seu santuário, o Santo a quem esperais".

CAPÍTULO XXIV
1Amados, observemos como o Senhor não cessa de dar-nos provas de que, no futuro, a ressurreição se concretizará. Deu-nos prova dela primeiramente ressuscitando Jesus Cristo dos mortos.
2Amados, vejamos como se dá a ressurreição a seu tempo.
3O dia e a noite nos manifestam a ressurreição: dorme a noite, ressuscita o dia; o dia se retira, chega a noite.
4Exemplifiquemos com os frutos da terra: como e de que modo faz-se a semeadura?
5O semeador sai e espalha, semente por semente, pela terra lavrada, que caem secas e nuas sobre a terra e aí se desfazem; desta decomposição, a grandiosa providência do Senhor as ressuscita, de forma que, de uma, aumentam para muitas e produzem fruto.

CAPÍTULO XXV
1Consideremos o sinal prodigioso que ocorre na região oriental, isto é, nas terras próximas da Arábia.
2Aí existe um pássaro chamado fênix, único na espécie e que vive quinhentos anos. Quando está para morrer, ergue seu próprio sepulcro usando incenso, mirra e outras plantas aromáticas e, ao completar seu tempo, aí se introduz e morre.
3De sua carne em decomposição nasce uma larva que se alimenta da matéria putrefata do animal morto e cria asas; quando se torna forte, levanta o sepulcro onde se encontram os restos de seu ancestral e carrega-o, voando da terra da Arábia até a cidade do Egito chamada Heliópolis.
4E, em plena luz do dia, aos olhos de todos, transporta e depõe aqueles restos sobre o altar do sol; a seguir, retoma o vôo de volta.
6Então os sacerdotes examinam os calendários e percebem que ele chegou ao se completarem quinhentos anos.

CAPÍTULO XXVI
1Devemos, então, considerar grandioso e estranho o fato de o Criador operar a ressurreição de todos aqueles que lhe serviram santamente na confiança de uma boa fé, se ele ilustra até por um pássaro a grandeza de sua promessa?
2Lê-se em alguma parte: "Hás de me ressuscitar e eu te louvarei". E: "Deitei-me e adormeci; levantei-me porque tu estás comigo".
3E Jó adverte novamente: "Ressuscitarás minha carne que suportou todo esse sofrimento".

CAPÍTULO XXVII
1Que nossas almas se apeguem por uma esperança assim Àquele que é fiel em Suas promessas e justo em Seus juízos.
2Aquele que proibiu a mentira, tampouco haverá de mentir, pois nada junto a Deus é impossível, exceto a mentira.
3Portanto, que se acenda novamente dentro de nós a fé Nele e reconheçamos que todas as coisas estão próximas Dele.
4Com apenas uma palavra de sua grandeza, estabeleceu tudo e, com uma só palavra, pode destruir tudo.
5Quem diria a Ele: "O que fizeste?", e quem resistiria à força do seu poder? Fará tudo quando e como quiser. Nada das coisas que ordenou haverá de passar.
6Tudo está diante de Seus olhos, nada escapa de Sua determinação.
7Os céus anunciam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de Suas mãos. O dia comunica a façanha ao dia, a noite transmite seu conhecimento à noite. Não há palavras nem discursos em que suas vozes não são ouvidas.

CAPÍTULO XXVIII
1Já que vê tudo e ouve tudo, temamos a Ele e abandonemos os maus desejos das ações desonestas, para nos pouparmos por Sua piedade dos futuros juízos.

2Para onde poderia algum de nós fugir de Sua mão forte? Qual mundo receberia alguém que desertou Dele? Pois, em algum lugar, diz a Escritura:
3Para onde fugirei e onde me esconderei de Tua face? Se subir ao céu, lá estás. Se me retiro para as extremidades da terra, lá está a tua direita. Se me atiro nos abismos, lá está o Teu Espírito.
4Portanto, para onde poderia alguém ir para escapar Daquele que tudo envolve?.

CAPÍTULO XXIX
1Logo, aproximemo-nos Dele com alma santa, levantando mãos puras e imaculadas para Ele, amando nosso Pai bondoso e misericordioso, que nos admitiu como herdeiros.
2Porque assim está escrito: "Quando o Altíssimo distribuiu a herança aos povos, na hora de disseminar os filhos de Adão, definiu territórios para os povos conforme a multidão dos anjos de Deus. Tornou-se herança do Senhor o povo de Jacó e sua partilha foi Israel".
3E em outra parte se diz: "Eis que o Senhor toma para si um povo no meio dos povos, assim como um homem toma as primícias de sua eira, e deste povo há de proceder o Santo dos santos".

CAPÍTULO XXX
1Uma vez que formamos a porção santa, façamos tudo o que leva à santificação. Fujamos da maledicência, abraços impuros e impúdicos, bebedeiras, modismos temporários, cobiças abomináveis, adultério detestável e soberba hedionda.
2Pois Deus, como se lê, resiste aos soberbos, porém, concede graça aos humildes.
3Portanto, unamo-nos àqueles a quem Deus concede a graça. Revistamo-nos de concórdia, sejamos continentes humildes, mantendo-nos afastados de toda murmuração e calúnia, justificando-nos mais pelas obras do que pelas palavras.
4Pois assim se diz: "Quem muito fala, terá resposta. Qual homem eloqüênte imaginaria que isso fosse justo?"
5Bem-aventurado o homem, nascido de mulher, que vive pouco. Não te tornes pródigo em palavras.
6Venha nosso louvor de Deus e não de nós. Deus odeia aquele que louva a si próprio.
7O testemunho de nossas boas ações seja dado pelos outros, como assim também aconteceu com nossos pais, que foram justos.
8A arrogância, a presunção e a audácia se assentam sobre aqueles que foram malditos por Deus. A discrição, a humildade e a mansidão habitam junto daqueles que foram abençoados por Deus.

CAPÍTULO XXXI
1Dessa forma, desejemos a bênção Dele e vejamos quais são os caminhos que levam à bênção. Voltemos aos acontecimentos desde o princípio.
2Por que nosso pai Abraão foi abençoado? Não seria porque ele praticou a justiça e a verdade pela fé?
3Isaac, conhecendo o porvir e cheio de confiança, deixou-se levar alegremente ao sacrifício.
4Jacó, humildemente, abandonou a terra por causa de seu irmão e foi para junto de Labão, vivendo ali como seu servo, recebendo os doze cetros de Israel.

CAPÍTULO XXXII
1Se alguém refletir com sinceridade sobre cada uma dessas coisas, reconhecerá a magnificência dos dons de Deus a Jacó.
2É dele que procederão todos os sacerdotes e levitas que servirão ao altar de Deus. Dele [procede] o Senhor Jesus, segundo a carne. Dele [procede], através de Judas, os reis, príncipes e chefes. Por sua vez, os outros cetros de Jacó também gozarão de não pouca honra, uma vez que Deus anunciou: "Tua descendência será numerosa como as estrelas do céu".
3Assim, todos atingiram à glória e à grandeza, não por si mesmos, nem por suas obras ou pela justiça praticada, mas por vontade Dele.
4Também igualmente entre nós, que fomos chamados por Sua vontade em Cristo Jesus, já que não nos justificamos a nós mesmos, nem por nossa sabedoria ou inteligência, ou pela piedade ou obras que tenhamos praticado na santidade do coração, mas através da fé, pela qual o Deus todo-poderoso justificou a todos desde sempre: a Ele, a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XXXIII
1Então, o que faremos, irmãos? Deveríamos renunciar à prática do bem e desertar de Seu amor? Jamais permita o Senhor que isso aconteça conosco. Ao contrário, devemos nos esforçar para cumprir toda a obra boa com disponibilidade entusiástica,
2já que o próprio Criador e Senhor de tudo se regozija de suas obras.
3Foi Ele que firmou os céus com poder soberano e os ornamentou com inesgotável sabedoria. Separou, também, a terra da água que a cerca, assentando-a sobre a firmeza de Sua própria vontade. Aos animais que povoam [a terra], chamou-os à existência por sua ordem. Ele fez o mar e os seres que nele habitam, encerrando-os aí com seu poder.
4Além disso tudo, com Suas mãos santas e puras, Ele modelou a mais excelente, a maior de Suas obras: o homem. E imprimiu nele os traços de Sua própria imagem,
5pois assim falou Deus: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. E Deus criou o homem; varão e mulher os criou".
6E, enfim, quando terminou todas essas obras, achou-as boas, abençoou-as e lhes disse: "Crescei e multiplicai-vos".
7Reparemos que todos os justos ornamentaram-se de boas obras e também o próprio Senhor teve prazer em ornar-se com boas obras.

8Já que temos tal exemplo, submetemo-nos sem demora à sua vontade e, com todas as forças, pratiquemos as obras da justiça.

CAPÍTULO XXXIV
1O bom trabalhador aceita, desinibidamente, o pão que ganhou com seu trabalho. Já o preguiçoso e negligente foge do olhar de seu senhor.
2Portanto, é necessário que estejamos dispostos a executar as boas obras, já que elas derivam Dele.
3E foi assim que nos preveniu: "Eis o Senhor! Sua recompensa está diante Dele, para retribuir a cada um conforme suas obras".
4Assim nos exorta a confiarmos Nele de todo o coração, para que não sejamos preguiçosos nem indolentes para nenhuma boa obra.
5Nossa glória e segurança estão Nele! Submetamo-nos à sua vontade! Pensemos no grande número de anjos que estão prontos para servirem à Sua vontade.
6Assim diz a Escritura: "Milhares e milhares estavam diante dele e centenas de milhares o serviam e clamavam: 'Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos. Toda a criação está cheia de sua glória'".
7Também nós, reunidos harmoniosamente com a mesma finalidade, conscientes de nosso dever, clamamos a ele sem nos cansarmos, numa só voz, para nos tornarmos participantes das Suas grandiosas e magníficas promessas,
8pois é Ele quem diz: "Nenhum olho viu, nenhum ouvido escutou e nenhum coração humano penetrou o que Deus de grande preparou para os que Nele confiam."

CAPÍTULO XXXV
1Meus amados, como são ricos e admiráveis os presentes de Deus!
2Vida em imortalidade, esplendor em justiça, verdade em liberdade, fé em confiança, continência em santidade... e tudo isso chegou ao nosso conhecimento.
3Então, o que não há de estar preparado para os que nele aguardam? O Criador e Pai dos séculos, o próprio Santíssimo conhece a grandeza e a beleza de seus dons.
4Lutemos, assim, para sermos contados no número dos que Nele esperam, para nos tornarmos participantes de Seus dons prometidos.
5Porém, como dar-se-á isso, amados? Fixando nossa mente com confiança em Deus, procurando o que Lhe é agradável e aceito, cumprindo o que convém à Sua santa vontade, seguindo o caminho da verdade, afastando de nós toda injustiça, maldade, ambição, dissensões, malignidade, dolos, murmurações, difamações, recusas de Deus, soberba, jactância, vaidade e falta de hospitalidade.
6Os praticantes de tais obras são réus do ódio de Deus, [mas] não apenas os que as praticam, como também quem as aprovam.
7Assim diz a Escritura: "Porém Deus disse ao pecador: 'Para que explicas os meus mandamentos e pronuncias sobre a minha aliança?
8Detestaste a disciplina e abandonaste minhas palavras. Quando vias um ladrão, corrias com ele; combináveis com os adúlteros. Tua boca estava cheia de malícia e tua língua provocava enganos. Tranqüilamente difamavas teu irmão e entregavas ao escândalo o filho de tua mãe.
9Era o que fazias enquanto Eu me calava. Impiamente supunhas que Sou semelhante a ti.
10Hei de confundir e obrigar-te a ver-te de frente.
11Compreendei, afinal, estas coisas, vós que esqueceis de Deus, para que não vos arrebate como um leão e já não se encontre quem vos liberte.
12Um sacrifício de louvor há de Me glorificar e aí está o caminho no qual lhe mostrarei a salvação de Deus'".

CAPÍTULO XXXVI
1Amados irmãos, este é o caminho no qual encontramos a nossa salvação: Jesus Cristo, o sumo-sacerdote de nossas oferendas, o protetor e auxílio em nossa fraqueza.
2Por ele, olhamos para o alto dos céus. Através dele, descobrimos a face imaculada e soberana de Deus. Através dele, abriram-se os olhos do nosso coração. Através dele, nossa inteligência obtusa e obscura se abre ao encontro da luz. Através dele, o Senhor quis que saboreássemos do conhecimento imortal. Sendo Ele o esplendor de Sua grandeza, é tanto maior que os anjos, tendo recebido em herança um nome superior ao deles.
3Pois assim está escrito: "Aquele que fez os ventos serem seus anjos e as chamas do fogo serem seus servos".
4Assim falou o Senhor a respeito de seu Filho: "Meu Filho és tu. Hoje Eu te gerei: pede-Me e Eu te darei as nações como herança e os confins da terra como possessão".
5E outra vez Lhe diz: "Senta-te à minha direita, até que ponha teus inimigos como escabelo de teus pés".
6Quem seriam estes inimigos? [Certamente,] os maus e os que se opõem à Sua vontade.

CAPÍTULO XXXVII
1Irmãos, militemos com todo entusiasmo sob Suas ordens indiscutíveis.
2Observemos nos soldados que servem sob as bandeiras dos nossos imperadores, como cumprem as ordens com disciplina, prontidão e submissão.
3Nem todos são comandantes, nem todos são chefes de mil, nem chefes de cem, nem chefes de cinqüenta e assim por diante, mas cada qual cumpre, em seu próprio posto, as ordens emanadas pelo chefe supremo e demais autoridades.
4Os grandes nada podem sem os pequenos e os pequenos nada podem sem os grandes. Em tudo existe alguma mistura e aí está a vantagem.
5Exemplifiquemos com o nosso corpo: a cabeça sem os pés nada é; nem, tampouco, os pés sem

a cabeça. Até os menores membros do corpo são úteis e necessários ao resto do corpo. Todos convivem e atuam em submissão unânime para salvarem todo o corpo.

CAPÍTULO XXXVIII
1Que se conserve, portanto, por inteiro o corpo que formamos em Jesus Cristo e cada um se submeta a seu próximo, conforme o carisma que lhe foi dado.
2O forte cuide do fraco e o fraco, por sua vez, respeite o forte. O rico preste serviço ao pobre e o pobre, por sua vez, renda graças a Deus, que lhe deu o suficiente para suprir sua falta. O sábio manifeste sua sabedoria não por palavras, mas por obras. O humilde não dê testemunho de si mesmo, mas permita que o outro o dê a seu favor. O casto em sua carne não se envaideça pois sabe que é Outro quem lhe dá a continência.
3Afinal, irmãos, analisemos de que matéria fomos feitos, como e quem fomos ao entrarmos no mundo, de que sepulcro e escuridão nosso oleiro e criador nos tirou para nos introduzir em Seu mundo, Ele que preparou para nós todos os Seus dons antes mesmo que nascêssemos.
4Já que temos tudo isso Dele, devemos render-Lhe graças por tudo. A Ele, a glória pelos séculos. Amém.

CAPÍTULO XXXIX
1Ignorantes e insensatos, loucos e incultos zombam e escarnecem de nós, querendo dar importância às suas idéias.
2O quanto pode um mortal, qual a força de alguém que nasceu da terra?
3Está escrito: "Não havia forma aos meus olhos, mas percebi um hálito e uma voz que dizia:
4'Como haveria de ser puro um mortal diante do Senhor ou irrepreensível um homem por causa de suas obras? Se nem Deus pode confiar em seus servos e se junto a seus anjos encontrou algo de errado?'
5Nem o céu é puro diante Dele, como, então, poderiam ser [puros] os hóspedes dos ranchos de barro, aos quais pertencemos, sendo nós do mesmo barro? Esmagou-os como vermes e entre a manhã e a noite deixaram de existir. Pereceram porque não podem se ajudar por si próprios.
6Soprou sobre eles e morreram por não terem sabedoria.
7Grita! Talvez alguém te escute ou vejas algum dos santos anjos. Realmente a cólera consome o tolo e o ciúme mata aquele que se desviou.
8Tenho visto alguns tolos deitando raízes, mas logo são consumidos como alimento.
9Que seus filhos sejam mantidos longe da salvação, que sejam desprezados ao baterem à porta dos humildes e não se encontre quem os liberte. Aquilo que para eles estava preparado seja alimento dos justos, não encontrando eles saídas para seus males".

CAPÍTULO XL
1Sendo óbvias todas essas coisas e tendo nós sondado as profundezas do conhecimento de Deus, devemos fazer com ordem tudo aquilo que o Senhor nos mandou cumprir nos tempos determinados:
2Mandou-nos oferecer os sacrifícios e celebrar o culto, não ao acaso ou desordenadamente, mas com tempos e horas marcadas.
3Foi Ele quem fixou, por sua decisão altíssima, onde e quais ministros deverão fazê-los, para que tudo fosse feito de forma santa, sendo aceito por sua vontade.
4Aqueles que fazem suas oferendas dentro dos tempos determinados, são-Lhe agradáveis e abençoados, já que seguem as determinações do Senhor e não pecam.
5Pois ao sumo-sacerdote foram confiadas tarefas particulares, aos sacerdotes um lugar próprio, aos levitas certos serviços e o leigo liga-se pelas ordenações exclusivas dos leigos.

CAPÍTULO XLI
1Irmãos, cada qual de nós agrade o Senhor em sua função, vivendo em boa consciência, não transgredindo as regras de seu ofício e exercendo-o com toda a dignidade.
2Irmãos, nem por toda parte são oferecidos sacrifícios perpétuos ou votivos, de expiação e remissão, mas apenas em Jerusalém. E lá mesmo não se oferece em qualquer parte, mas apenas na frente do santuário, sobre o altar, e só depois que o sumo-sacerdote e os seus auxiliares, acima mencionados, examinarem atenciosamente a oferenda.
3Aqueles que praticam algo contra aquilo que agrada Sua vontade recebem a morte como castigo.
4Irmãos, vede que, quanto maior o conhecimento com que somos distingüidos, maior o perigo a que nos expomos.

CAPÍTULO XLII
1Os apóstolos receberam em nosso favor a boa-nova da parte do Senhor Jesus Cristo. E Jesus Cristo foi enviado por Deus.
2Portanto, Cristo vem de Deus e os apóstolos [vêm] de Cristo. Esta dupla missão realizou-se em perfeita ordem por vontade de Deus.
3Munidos de instruções e plenamente assegurados pela ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, confiantes na Palavra de Deus, saíram a evangelizar a próxima vinda do Reino de Deus na plenitude do Espírito Santo.
4Assim, proclamando a palavra nos campos e nas cidades, estabeleceram suas primícias, como bispos e diáconos, dos futuros fiéis, após prová-los pelo Espírito.
5E não se trata de inovação... há séculos que as Escrituras falam de bispos e diáconos, pois assim se lê em algum lugar: "Quero estabelecer os bispos deles na justiça e os seus diáconos na fé".

CAPÍTULO XLIII
1Por que estranhar que os apóstolos, a quem Cristo confiou, da parte de Deus, tal obra, tenham instituído os acima mencionados? Ora, até o bem-aventurado e servo fiel em toda casa, Moisés, assinalou tudo o que lhe fôra ordenado nos santos livros. Seguiram-no os demais

profetas, juntando os seus testemunhos às leis por ele instituídas.
2No momento de irromper o ciúme a respeito do sacerdócio e de se disputarem as tribos, isto é, qual delas deveria ostentar esse título glorioso, ordenou ele aos doze chefes de tribo que lhe trouxessem bastões com o nome de cada tribo gravado. Tomando tais bastões, amarrou-os, assinalou-os com os anéis dos chefes e os depositou sobre a mesa de Deus na tenda do testemunho.
3Então fechou a tenda, selando as chaves da mesma forma que os bastões.
4Disse-lhes, então: "Irmãos, a tribo cujo bastão brotar será a escolhida por Deus para exercer o sacerdócio e ministrar seu culto".
5Ao amanhecer, reuniu todo Israel, os seiscentos mil homens, mostrou os selos aos chefes, abriu a tenda do testemunho e retirou os bastões. E ocorreu que o bastão de Aarão não só germinara como também produzira fruto.
8Então, o que lhes parece, irmãos? Acaso Moisés não sabia, previamente, que era isso o que ocorreria? Sem dúvida sabia-o. Mas, para que não irrompesse uma revolta em Israel, agiu dessa maneira, para que fosse glorificado o nome do verdadeiro e único Deus. A Ele, a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XLIV
1Também os apóstolos sabiam, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que haveria contestações a respeito da dignidade episcopal.
2Por tal motivo e como tivessem pleno conhecimento do porvir, estabeleceram os acima mencionados e deram, além disso, instruções no sentido de que, após a morte deles, outros homens comprovados lhes sucedessem em seu ministério.
3Os que assim foram instituídos por eles ou, mais tarde, por outros eminentes homens com a aprovação de toda a Igreja, servindo de modo irrepreensível ao rebanho de Cristo, com humildade, pacífica e abnegadamente, recebendo o testemunho favorável por longo tempo e da parte de todos, não é justo, em nossa opinão, serem depostos de seus ministérios.
4E não será pequena a nossa falta se depusermos do episcopado aqueles que ofereceram, de maneira santa e irrepreensível, os sacrifícios.
5Bem-aventurados os presbíteros que nos precederam na caminhada e terminaram sua jornada carregados de frutos e perfeição. Não têm a temer que alguém os remova do lugar para eles preparado.
6Vemos que vós afastastes a alguns de boa índole de um ministério que eles honraram de forma digna.

CAPÍTULO XLV
1Irmãos, cheios de zelo, disputai pelas coisas que levam à salvação.
2Vós vos aprofundastes nas verdadeiras Escrituras Sagradas, que nos vêm do Espírito Santo.
3Sabeis que elas não são injustas, nem contêm falsificação. Lá não encontrareis que homens justos foram depostos por homens santos.
4Ao contrário, os justos foram perseguidos por pecadores, foram encarcerados por ímpios, foram apedrejados por trasgressores da lei, foram assassinados por homens cheios de ciúmes abomináveis e criminosos.
5Tais sofrimentos eles suportam com glória.
6O que diríamos então, irmãos? Acaso Daniel foi lançado à cova por homens tementes a Deus?
7E quanto a Ananias, Azarias e Misael: foram eles lançados à fornalha ardente por homens que praticavam o culto excelso e glorioso do Altíssimo? De modo algum! Então, quem praticou tais coisas? Foram indivíduos odiosos, cheios de maldade e que nutriam tal fúria que mandavam à tortura todos aqueles que serviam a Deus com santa e irrepreensível intenção, esquecendo-se que o Altíssimo é defensor e escudo daqueles que servem a seu Santíssimo Nome com consciência pura. A Ele, a glória pelos séculos dos séculos. Amém.
8Os que perseveraram na paciência, receberam glória e honra como herança, foram exaltados e inscritos no livro da memória de Deus, por todos os séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XLVI
1Irmãos, temos que nos apegar a tais exemplos,
2pois está escrito: "Apegai-vos aos santos porque os que a eles se apegam serão santificados".
3E, de novo, em outra parte, se diz: "Junto ao homem puro serás puro. Junto ao eleito serás eleito. Junto ao perverso serás perverso".
4Apeguemo-nos, pois, aos puros e justos porque são esses os eleitos de Deus.
5Por que entre vós existem disputas, ódios, contendas, cismas e guerras?
6Acaso não temos um só Deus, um só Cristo e um só Espírito da graça derramado sobre nós e uma só vocação em Cristo?
7Por que insistimos em separar e despedaçar os membros de Cristo, nos revoltando contra o próprio corpo, chegando a uma loucura tal que nos esquecemos que somos membros uns dos outros? Lembrai-vos das palavras de Nosso Senhor Jesus,
8porque foi Ele quem disse: "Ai daquele homem! Melhor seria que não tivesse nascido do que escandalizar um dos meus eleitos. Mais lhe valeria amarrar uma pedra em seu pescoço e afundar no mar do que perverter um dos meus eleitos".
9Vosso cisma perverteu a muitos, atirou muitos no desânimo, colocou muitos na dúvida, entristeceu-nos a todos. E vossa revolta se prolonga...

CAPÍTULO XLVII
1Tornai a ler a epístola do bem-aventurado apóstolo Paulo.
2O que vos escreveu primeiro, no início do evangelho?
3Na verdade, estava ele inspirado pelo Espírito quando vos comunicou normas sobre si próprio,

sobre Cefas e Apolo, pois já então formáveis partidos.
4Mas o partidarismo daquele tempo importou num pecado muito menor para vós já que vos agrupáveis em torno dos apóstolos e de um homem aprovado por eles.
5Refleti, porém: quem são os que vos pervertem neste momento e como enfraqueceram o renome da vossa caridade tão celebrada por todos.
6Uma vergonha, meus caros, uma vergonha muito grande e indigna de uma conduta em Cristo ouvir-se que a Igreja dos coríntios, tão inabalável e antiga, se rebele contra os presbíteros por causa de uma ou duas pessoas.
7E tal rumor não chegou apenas até nós, mas atingiu também a outros que possuem as mesmas convicções que nós, a ponto de se proferirem blasfêmias ao nome do Senhor por causa da vossa insensatez, por armar perigo para vós próprios.

CAPÍTULO XLVIII
1Arranquemos esse mal o mais rápido possível. Lancemo-nos aos pés do Senhor e peçamos-lhe, entre lágrimas, que se compadeça de nós, reconciliando-se conosco, trazendo-nos de volta a uma prática santa e pura de nossa fraternidade.
2Porque é esta a porta da justiça aberta para a vida, conforme está escrito: "Abri-me as portas da justiça: por elas quero entrar e louvar o Senhor.
3É esta a porta do Senhor: por ela entrarão os justos".
4Entre as muitas portas abertas, a porta da justiça é a porta de Cristo. Bem-aventurados todos aqueles que entram por ela e guiam seus passos na santidade e justiça, cumprindo todas as coisas impertubavelmente.
5Que alguém tenha fé, que seja capaz de expor o conhecimento, que seja sábio em discernir os discursos, que seja santo em suas ações.
6Quanto maior parecer, mais se deve ser humilde, procurando o proveito de todos e não o próprio.

CAPÍTULO XLIX
1Quem possui a caridade em Cristo, cumpra os mandamentos de Cristo.
2Quem poderia descrever o vínculo da caridade de Deus?
3Quem seria capaz de exprimir a magnificência de sua beleza?
4É indescritível a altura a que nos leva o amor.
5O amor nos une a Deus, o amor cobre os pecados, o amor suporta tudo, o amor é grandioso em tudo. Nada há de mesquinho e soberbo na caridade. A caridade não conhece cisma, a caridade não se revolta, a caridade realiza tudo com harmonia, na caridade todos os eleitos de Deus atingiram a perfeição. Sem caridade, não há nada que agrade a Deus.
6Na caridade o Senhor nos acolheu. Pela caridade que teve conosco, Nosso Senhor Jesus Cristo deu Seu sangue por nós, segundo a vontade de Deus; sua carne por nossa carne, sua alma por nossas almas.

CAPÍTULO L
1Amigos, vede como a caridade é grande e admirável e como não há como descrevê-la de forma perfeita.
2Quem seria capaz de chegar até ela a não ser aqueles a quem Deus os torna dignos. Peçamos e supliquemos por Sua misericórdia, para vivermos irrepreensíveis na caridade sem a parcialidade humana.
3Desde Adão, passaram todas as gerações até o dia de hoje. Mas os que foram perfeitos no amor segundo a graça de Deus tomaram posse da terra dos santos e hão de manifestar-se quando o Reino de Cristo estiver à vista.
4Pois está escrito: "Entrai nos aposentos por um instante, até que passe minha ira e meu furor. Então me lembrarei do dia favorável e hei de ressuscitar-vos de vossos túmulos".
5Amigos, somos felizes quando cumprimos os mandamentos de Deus na harmonia da caridade, para que nossos pecados sejam perdoados pela caridade.
6Porque a Escritura diz: "Bem-aventurados aqueles que tiveram perdoadas suas iniqüidades e encobertos seus pecados. Bem-aventurado o homem a quem Deus não imputa pecado e em cuja boca não se encontra a fraude".
7Estas bem-aventuranças dizem respeito aos que foram escolhidos por Deus, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem se dê a glória pelos séculos dos séculos. Amém

CAPÍTULO LI
1Peçamos perdão de nossas quedas e faltas ocorridas pela sugestão do inimigo. Mas também devem considerar nossa comum esperança aqueles que se tornaram os líderes dessa revolta e cisão.
2Pois os que vivem no temor e na caridade preferem ver-se a si mesmos atormentados do que os seus irmãos. Preferem ser censurados do que ver censurada a concórdia que nos foi transmitida por tão bela e santa tradição.
3Mais vale ao homem confessar publicamente suas faltas do que endurecer o coração, da mesma forma como endureceu o coração daqueles que se revoltaram contra Moisés, servo de Deus, e que foram castigados mais tarde,
4pois desceram vivos para o inferno, onde a morte os apascentará.
5O faraó, seu exército, todos os chefes do Egito, os carros e os que neles estavam não foram lançados ao Mar Vermelho por outro motivo. Aí pereceram porque endureceram seus corações insensatos, após os sinais e milagres realizados por Moisés, servo de Deus, no Egito.

CAPÍTULO LII
1Irmãos, o Senhor não necessita de absolutamente nada. Não precisa de nada de ninguém, exceto que o confessem.
2Pois assim diz Davi, Seu eleito: "Hei de exaltar o Senhor e isso Lhe agradará mais do que um novilho que possua chifres e patas. Que O vejam os pobres e se rejubilem".

3E novamente: "Oferece a Deus um sacrifício de louvor. Cumpre teus votos ao Altíssimo. 'Invoca-Me no dia da tua tribulação: Eu te livrarei e me renderás glórias'.
4Porque, para Deus, sacrifício é o espírito humilhado."

CAPÍTULO LIII
1Caríssimos, conheceis - e como conheceis bem - as Sagradas Escrituras: vos aprofundastes nos oráculos de Deus. Escrevemos isto para simplesmente vos recordar das coisas.
2Quando Moisés subiu a montanha e aí passou, humildemente, quarenta dias e quarenta noites fazendo jejum, Deus lhe falou: "Desce depressa porque teu povo pecou. Aqueles que conduziste para fora da terra do Egito pecaram e afastaram-se do caminho que prescreveste pois fizeram para si ídolos de metal".
3E o Senhor ainda acrescentou: "'Eu já te disse e volto a repetir: vi este povo e quão dura é sua cabeça. Deixa-me exterminá-lo, apagarei seu nome sob os céus e farei de ti uma nação grandiosa e admirável, muito mais numerosa do que esta'.
4Mas Moisés respondeu-lhe: 'Senhor, não faças isso! Perdoa o pecado deste povo ou tira de mim o livro dos vivos'".
5Ó grande caridade! Ó perfeição insuperável! O servo fala com liberdade com o seu Senhor: exige perdão para o povo ou implora que seja destruído junto com ele.

CAPÍTULO LIV
1Quem, dentre vós, for nobre, compassivo e cheio de caridade,
2diga: "se é por minha causa que há revolta, discórdia e cisma, eu me retiro, parto para onde quiserdes e faço o que for pedido pela comunidade, desde que apenas o rebanho de Cristo viva em paz com os presbíteros constituídos".
3Quem agir dessa maneira obterá grande glória em Cristo e será recebido em toda a parte, "pois do Senhor é a terra e sua plenitude".
4É isso o que fizeram e ainda fazem os que trilham, sem remorsos, o caminho de Deus.

CAPÍTULO LV
1Porém, tomemos também exemplos dentre os gentios: quando surge uma peste, muitos reis e príncipes se entregam à morte por inspiração de algum oráculo, para salvar o sangue de seus cidadãos. Muitos outros se retiram de suas cidades, para que a revolta não se estenda.
2Conhecemos muitos dentre os nossos que se entregaram à prisão para resgatarem outros. Muitos se entregaram à escravidão para sustentar os demais com o dinheiro pago.
3Muitas mulheres, fortalecidas pela graça de Deus, realizaram difíceis tarefas.
4A bem-aventurada Judite, durante o cêrco da cidade, pediu aos presbíteros a permissão para se ausentar do acampamento dos estrangeiros.
5Expondo-se ao perigo, saiu por amor à pátria e ao povo em cêrco. E o Senhor entregou Holofernes na mão de uma mulher.
6Perfeita na fé, Ester expôs a si mesma num perigo não menor, para salvar da proximidade da morte as doze tribos de Israel. Pelo jejum e humilhação, suplicou ao Senhor que tudo vê, o Deus dos séculos. E este, vendo a humildade de sua alma, salvou o povo em favor daquela que se expusera ao perigo.

CAPÍTULO LVI
1Supliquemos também nós pelos que vivem no pecado, para que recebam doçura e humildade, para não cederem a nós, mas à vontade de Deus. Assim se tornará frutífera e perfeita a lembrança misericordiosa que deles tivemos diante de Deus e dos santos.
2Aceitemos a correção fraterna, a qual, amados, ninguém deve julgar mal. A exortação que damos uns aos outros é boa e muito útil, pois nos une à vontade de Deus.
3É isso que testemunha a santa Escritura: "Castigou e tornou a me castigar o Senhor, mas não me entregou à morte.
4A quem o Senhor ama, castiga e açoita como a seu filho."
5O texto continua: "Há de me castigar, como justo em misericórdia, e há de me corrigir. E enquanto isso, que nenhum óleo dos pecadores unja a minha cabeça."
6E novamente diz: "Bem-aventurado o homem que o Senhor corrigiu. Não recuses a repreensão do todo-poderoso, pois Ele faz sofrer e novamente restabelece.
7Bateu e suas mãos curaram.
8Seis vezes arrancar-te-á as dificuldades; na sétima, o mal não te atingirá.
9Na fome, preservar-te-á da morte. Na guerra, [preservar-te-á] do fio da espada.
10Proteger-te-á do açoite da língua, não temerás males vindouros.
11Rirás dos injustos e maus, e não temerás os animais selvagens.
12Até os animais selvagens viverão em paz contigo.
13Verás que tua casa gozará de paz e não faltará comida na tua tenda.
14Verás que tua descendência será grande e os teus filhos como a erva miúda do campo.
15Descerás ao túmulo como o trigo amadurecido, colhido no tempo certo, ou como feixe da eira, recolhido na hora exata"
16Caríssimos, vede quão grande é a proteção para aqueles que aceitam a correção do Senhor, pois Ele nos corrige como bom Pai, para encontrarmos misericórdia por sua santa correção.

CAPÍTULO LVII
1Portanto, vós que originastes a revolta, submetei-vos aos presbíteros e deixai-vos corrigir até vos converterdes, dobrando os joelhos de vossos corações.
2Aprendei a submeter-vos, depondo a arrogante e orgulhosa jactância da vossa língua, pois é

muito melhor para vós encontrar-vos no rebanho de Cristo, como pequenos e escolhidos, do que serdes super-estimados, mas excluídos da Sua esperança,
3pois é assim que se exprime a santíssima sabedoria: "Eis que anunciar-vos-ei a palavra do meu Espírito. Dar-vos-ei a conhecer o meu discurso.
4Já que chamei e não escutastes, me estendi e não destes atenção, ao contrário, negligenciastes os meus conselhos e fizestes pouco caso das minhas advertências, por isso também rirei da vossa perda, zombarei na hora em que chegar a tua ruína e quando o tumulto se abater sobre vós, catástrofe repentina como uma tempestade, ou quando vos visitar a tribulação e a angústia.
5Então me invocarás, porém, não vos escutarei. Pecadores me procurarão, mas não me encontrarão, pois detestaram a sabedoria e não estimaram, acima de tudo, o temor do Senhor, não deram atenção aos meus conselhos, zombaram das minhas advertências.
6Por isso, comerão os frutos dos seus erros e saciar-se-ão da sua própria impiedade.
7Serão mortos em troca do mal que provocaram aos humildes e o julgamento aniquilará os ímpios. Porém, aquele que Me escuta, habitará sua tenda e, confiando na esperança, viverá em paz sem temer qualquer mal."

CAPÍTULO LVIII
1Assim, obedeçamos a seu Nome, todo santo e glorioso. Fujamos das ameaças que a sabedoria incute contra os insubmissos, para que possamos fixar nossa tenda confiantes no Nome santíssimo de Sua Majestade.
2Acatai ao nosso conselho e não vos arrependereis, pois Deus é vivo, assim como vivo também são Jesus Cristo e o Espírito Santo, e vivas também são a fé e a esperança dos eleitos no sentido daqueles que praticam os mandamentos e preceitos de Deus com humildade, mansidão perseverante e sem hesitação, para serem relacionados e se enfileirarem no número dos que serão salvos por Jesus Cristo, pelo qual rendemos glória pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO LIX
1Se, porém, alguns não obedecerem ao que foi dito por nós, saibam que se envolverão em pecado e perigo não pequeno.
2Contudo, nós seremos inocentes deste pecado e pediremos em súplica e oração constante para que o Criador de tudo conserve intacto o número dos que foram contados entre Seus escolhidos em todo o mundo, por seu Filho mui amado, Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual nos chamou das trevas para a luz, da ignorância para o conhecimento da glória de seu nome.
3Ele nos ensinou a esperar em Teu Nome, princípio de toda criatura. Tu que nos abriste os olhos do coração para Te conhecermos, ao único Altíssimo nas alturas, Santo que repousa entre os santos:
Tu que rebaixas o orgulho dos soberbos, que desfazes as estratégias das nações, que exaltas os humildes e humilhas os que se exaltam, que distribuis a riqueza e a pobreza, que fazes morrer e levas à vida, que és o único benfeitor dos espíritos e Deus de toda carne, que vigias os abismos e controlas as obras dos homens, que és socorro nos perigos e Salvador no desespero, Criador e Bispo de todo espírito, tu que multiplicas as raças sobre a terra e, dentre todas, escolhes os que te amam, por Jesus Cristo, teu Filho amado, pelo qual nos ensinaste, santificaste e glorificaste.
4Mestre, nós te pedimos: torna-te nosso socorro e nosso protetor; salva os oprimidos entre nós; levanta os caídos; mostra-te aos que oram; cura os fracos; leva ao bom caminho aqueles do teu povo que erram; sacia os que têm fome; liberta nossos presos; consola os fracos; conheçam-Te todos os povos, porque Tu és o Deus único, e Jesus Cristo é Teu Filho, e nós o Teu povo e ovelhas do Teu rebanho.

CAPÍTULO LX
1Pois Tu fizeste aparecer a harmonia eterna do universo através das forças que nele operam. Tu, Senhor, criaste a terra habitada. Tu te manténs fiel por todas as gerações, justo nos julgamentos, admirável no poder e na majestade, sábio ao criar e providente ao sustentar a criação, bom nos dons visíveis, benigno para com os que em Ti confiam. Misericordioso e compassivo, perdoas nossas iniqüidades, pecados, faltas e negligências.
2Não leves em conta todo pecado de teus servos e servas, purifica-nos, ao invés, com a purificação da tua verdade. Dirige nossos passos para andarmos na santidade do coração e para realizarmos o que é bom e agradável aos Teus olhos e aos olhos dos que nos governam.
3Sim, Mestre, mostra-nos a tua face para o bem na paz, para nos protegeres com Tua mão forte e nos preservares de todo pecado por teu braço excelso e nos livrares de todos quanto nos odeiam sem motivo
4Concede-nos harmonia e paz, a nós e a todos os habitantes da terra, assim como as concedestes a nossos pais quando Te invocaram santamente na fé e na verdade. Torna-nos submissos a Teu Nome todo-poderoso e todo santo, e aos que nos governam e dirigem sobre a terra.

CAPÍTULO LXI
1Tu, Senhor, lhes deste o poder da autoridade por tua força magnífica e inefável, para que soubéssemos que por Ti lhes foi dada a glória e a honra, e a ele nos submetêssemos em nada contrariando a Tua vontade. Dai-lhes, portanto, Senhor, saúde, paz, concórdia e estabilidade a fim de que possam exercer sem obstáculos a soberania que lhes confiaste.
2Pois Tu, Senhor dos céus, Rei dos séculos, dás aos filhos do homem honra, glória e poder sobre o que existe na terra. Tu, Senhor, dirige sua vontade no sentido do que é bom e agradável a Teus olhos, em Tua presença, a fim de que

exerçam a autoridade que lhes deste na paz e mansidão, e obtenham Tua graça!
3Só Tu podes realizar esses bens e outros maiores ainda entre nós. A Ti exaltamos pelo Sumo-Sacerdote e protetor de nossas almas, Jesus Cristo. Por Ele Te seja dada glória e magnificência, agora e de geração em geração, pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO LXII
1Amados irmãos, escrevemo-vos o suficiente a respeito das decisões mais acertadas para nossa religião, como também a respeito da atitude mais favorável para as pessoas que querem levar uma vida santa na piedade e justiça.
2Citamos todos os aspectos que dizem respeito à fé, penitência, verdadeira caridade, continência, prudência e paciência, recordando que vos é necessário agradar santamente ao Deus poderoso em justiça, verdade e generosidade, mantendo a concórdia pelo esquecimento da injúria, no amor e na paz, com constante modéstia, como também nossos pais que, como mencionamos, Lhe agradaram, mantendo-se humildes na conduta para com o Pai, Deus e Criador, e para com todos os homens.
3Tivemos tanto mais gosto em recordá-lo quanto mais sabíamos estar escrevendo a homens de fé e consideração, que se aprofundaram nas máximas do ensinamento de Deus.

CAPÍTULO LXIII
1É certo, assim, nos orientarmos por tais e tão grandes exemplos. Curvemos nossa cabeça e ocupemos o lugar da obediência, para acalmarmos a vã revolta e atingirmos com lisura a meta proposta dentro da verdade.
2Haveis de nos proporcionar alegria e prazer se vos submeterdes ao que escrevemos pelo Espírito Santo, cortando pela raiz a ira nascida do ciúme, conforme o pedido de paz e concórdia que vos fazemos por esta carta.
3Enviamo-vos homens de confiança e prudentes que, desde a juventude até a idade mais avançada, tiveram uma conduta irrepreensível entre nós, e que servirão de testemunhas entre vós e nós.
4Assim fizemos para que saibais que toda a nossa preocupação ia e continua indo no sentido de que se restabeleça imediatamente a paz entre vós.

CAPÍTULO LXIV
1No restante, que Deus, que tudo enxerga, Senhor dos espíritos, Dono de toda carne e que escolheu o Senhor Jesus Cristo e a nós por Ele, conceda a toda alma que tiver invocado o Seu Nome magnífico e santo, fé, temor, paz, paciência, generosidade, continência, pureza e prudência para agradar ao Seu Nome pelo Sumo-Sacerdote e nosso chefe, Jesus Cristo, pelo qual Lhe seja rendida glória, majestade, poder e honra, agora e por todos os séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO LXV
1Aos nossos enviados, Cláudio Efebo e Valério Bito, junto com Fortunato, enviai-os rapidamente de volta na paz e com alegria, para que logo nos tragam notícias sobre a harmonia e paz, pela qual tanto rezamos e suplicamos e assim, mais depressa, nos alegremos da boa ordem entre vós.
2A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco e com todos os eleitos de Deus, através Dele por toda a parte. Por Jesus, seja dada a Deus glória, honra, poder e majestade, o trono eterno, desde todos os séculos e para todos os séculos dos séculos. Amém.

...

RELATÓRIO DE PILATOS ENVIADO A TIBÉRIO CÉSAR SOBRE O NOVO PERSONAGEM QUE SURGIU EM JERUSALÉM:

- Excelência: O relatório que lhe farei procede do fato de sentir-me coibido pelo temor e pelo tremor. Pois já sabeis que nesta província que governo, única entre as cidades quanto ao nome de Jerusalém, o povo judeu em massa entregou-me um homem chamado Jesus, acusando-o de muitos crimes que não puderam demonstrar com suficientes razões. Havia entre eles uma facção sua inimiga porque Jesus dizia-lhes que o Sabbath não era dia de descanso nem de festa para ser guardado. Ele, efetivamente, operou muitas curas nesse dia: devolveu a visão a cegos e a faculdade de andar a coxos; ressucitou os mortos; limpou os leprosos; curou os paralíticos, incapazes de ter impulsos corporais ou ereção de nervos, mas somente voz e articulações, dando-lhes forças para andar e correr. E extirpava qualquer enfermidade somente com o uso de sua palavra.
Outra nova ação mais assombrosa, desconhecida entre nossos deuses: ressucitou um morto de quatro dias somente dirigindo-lhe a palavra; e é de se notar que o morto já tinha o sangue coagulado e estava putrefato por causa dos vermes que saíam de seu corpo e exalava um mal cheiro de cão. Vendo-o, então, imóvel como estava no sepulcro, ordenou que se levantasse e corresse; e ele, como se nao tivesse um mínimo de cadáver, mas fosse como um esposo que sai do quarto nupcial, assim saiu do sepulcro, transbordante de perfune. E a alguns estrangeiros, totalmente endemoniados, que moravam nos desertos e comiam suas próprias carnes, conduzindo-se como bestas e répteis, também a eles tornou-os honrados cidadãos, fê-los prudente com a sua palavra e preparou-os para serem sábios, poderosos e gloriosos e para confraternizarem com todos os que odiavam os espíritos imundos e perniciosos que habitavam neles anteriormente, os quais arremessou nas profundezas do mar.
Além disso, havia outro que tinha a mão seca. Melhor dizendo, não somente a mão, mas toda a metade do seu corpo estava petrificada, de maneira que não tinha nem a figura de um homem nem dilatação de músculos. Também este foi curado com somente uma palavra e ficou sadio.
Havia uma outra mulher com problemas hemorrágicos, cujas articulações e veias estavam esgotadas pelo fluxo de sangue, a tal ponto que já nem sequer se podia dizer que tinha um corpo humano. mais se assemelhava a um cadáver. Havia ficado até sem voz. Tal era a gravidade de seu estado que nenhum médico do território encontrou uma forma de curá-la ou sequer de lhe dar uma esperança de vida. Certa vez Jesus passava por ali em segrêdo e a mulher, retirando forças da sombra dele, tocou, por detrás, a fímbria de sua túnica.
Imediatamente sentiu uma força que preenchia seus vazios e, como se nunca tivesse estado doente, começou a correr agilmente em direção à sua cidade, Cafarnaum, caminhando de tal forma que quase igualava qualquer pessoa que percorrese de uma só vez seis jornadas.
Isto que acabo de relatar com toda a ponderação, Jesus fez num Sabbath. Além disso, operou outros milagres maiores do que estes, de maneira que chego a pensar que suas façanhas são superiores àquelas que fazem os deuses venerados por nós.
Este, pois, é aquele a quem Herodes, e Arquelao, e Filipo, Anás e Caifás, entregaram-me para que eu o julgasse. E assim, embora sem haver constatado de sua parte nenhum tipo de delito ou má ação, mandei que o crucificassem depois de submetê-lo à flagelação..
E enquanto o crucificavam sobrevieram algumas trevas que cobriam toda a terra, deixando o sol obscurecido em pleno meio-dia e fazendo aparecer as estrelas, as quais não resplandeciam; a luz parou de brilhar, como se tudo estivesse tingido de sangue, e o mundo dos infernos foi absorvido; e, com a queda dos infernos, até mesmo o que era chamado santuário desapareceu da vista dos próprios judeus. Finalmente, pelo eco repetido dos trovões, produziu-se uma fenda na terra.
E quando ainda o pânico se fazia sentir apareceram alguns mortos que haviam ressucitado, como testemunharam os próprios judeus, e disseram ser Abraão, Isaac, Jacó, os doze patriarcas, Moisés e Job, e, como eles diziam, os primeiros dos que haviam falecido tres mil e quinhentos anos antes. E muitíssimos deles, que eu também pude ver que apareceram fisicamente, lamentavam-se por sua vez, por causa dos judeus, pela prevaricação que estavam cometendo, pela sua perdição e pela perdição de sua lei. O medo do terremoto durou desde a sexta até à nona hora da sexta-feira. E, ao chegar a tarde do primeiro dia da semana, ouviu-se um eco vindo do céu, que por sua vez adquirira um resplendor sete vezes mais vivo que todos os dias. Na terceira hora da noite chegou a aparecer o sol, brilhando mais que nunca e embelezando todo o firmamento. E da mesma forma que no inverno os relâmpagos sobrevêm de repente, assim também apareceram, subitamente alguns varões, excelsos pelas suas vestes e pela sua glória, que tinham vozes semelhantes ao soar de um enorme trovão, dizendo: "Jesus, o que foi crucificado acaba de ressucitar.
Levantai do abismo aqueles que estão presos nas profundezas do inferno". E a fenda da terra era tamanha que parecia não ter fundo, já que deixava ver os próprios fundamentos da terra, entre os gritos daqueles que estavam no céu e passeavam fisicamente no meio dos mortos que acabavam de ressuscitar. aquele que deu vida aos mortos e acorrentou o inferno dizia: "Dai este aviso aos meus discípulos: Ele segue à vossa frente até a Galiléia. ali poderão vê-lo".
Durante toda aquela noite a luz não deixou de brilhar. E muitos dos judeus pereceram absorvidos pela fenda da terra, de maneira que

no dia seguinte grande parte dos que haviam estado contra Jesus já não estavam ali. Outros viram aparições de ressucitados que nenhum de nós havia visto. E em Jerusalém não ficou nem uma só sinagoga dos judeus, pois todos desapareceram naquele terremoto. Assim, estando fora de mim devido àquele pânico e tolido ao extremo por um horrível tremor, fiz para vossa excelência o relatório escrito do que meus olhos viram naqueles momentos. E, além disso, rememorando o que os judeus fizeram contra Jesus, remeto este relatório à vossa divindade, oh Senhor!".

...

DIDAQUÉ

INTRODUÇÃO - A Instrução dos Doze Apóstolos

Instrução do Senhor para as nações segundo os Doze Apóstolos,
Parte I - O Caminho da Vida e o Caminho da Morte

CAPÍTULO I
1Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois.
2Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça ao outro aquilo que você não quer que façam a você.
3Este é o ensinamento derivado dessas palavras: bendiga aqueles que o amaldiçoam, reze por seus inimigos e jejue por aqueles que o perseguem. Ora, se você ama aqueles que o amam, que graça você merece? Os pagãos também não fazem o mesmo? Quanto a você, ame aqueles que o odeiam e assim você não terá nenhum inimigo.
4Não se deixe levar pelo instinto. Se alguém lhe bofeteia na face direita, ofereça-lhe também a outra face e assim você será perfeito. Se alguém o obriga a acompanhá-lo por um quilometro, acompanhe-o por dois. Se alguém lhe tira o manto, ofereça-lhe também a túnica. Se alguém toma alguma coisa que lhe pertence, não a peça de volta porque não é direito.
5Dê a quem lhe pede e não peças de volta pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Bem-aventurado aquele que dá conforme o mandamento pois será considerado inocente. Ai daquele que recebe: se pede por estar necessitado, será considerado inocente; mas se recebeu sem necessidade, prestará contas do motivo e da finalidade. Será posto na prisão e será intgerrogado sobre o que fez... e daí não sairá até que devolva o último centavo.
6Sobre isso também foi dito: que a sua esmola fique suando nas suas mãos até que você saiba para quem a está dando.

CAPÍTULO II

1O segundo mandamento da instrução é:
2Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornique, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido.
3Não cobice os bens alheios, não cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo.
4Não tenha duplo pensamento ou linguajar pois o duplo sentido é armadilha fatal.
5A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na prática.
6Não seja avarento, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo.
7Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.

CAPÍTULO III
1Filho, procure evitar tudo aquilo que é mau e tudo que se parece com o mal.
2Não seja colérico porque a ira conduz à morte. Não seja ciumento também, nem briguento ou violento, pois o homicídio nasce de todas essas coisas.
3Filho, não cobice as mulheres pois a cobiça leva à fornicação. Evite falar palavras obscenas e olhar maliciosamente já que os adultérios surgem dessas coisas.
4Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria.
5Filho, não seja mentiroso pois a mentira leva ao roubo. Não persiga o dinheiro nem cobice a fama porque os roubos nascem dessas coisas.
6Filho, não fale demais pois falar muito leva à blasfêmia. Não seja insolente, nem tenha mente perversa porque as blasfêmias nascem dessas coisas.
7Seja manso pois os mansos herdarão a terra.
8Seja paciente, misericordioso, sem maldade, tranquilo e bondoso. Respeite sempre as palavras que você escutou.
9Não louve a si mesmo, nem se entrege à insolência. Não se junte com os poderosos, mas aproxima dos justos e pobres.
10Aceite tudo o que acontece contigo como coisa boa e saiba que nada acontece sem a permissão de Deus.

CAPÍTULO IV

1Filho, lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente onde a soberania do Senhor é anunciada.
2Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis para encontrar forças em suas palavras.
3Não provoque divisão. Ao contrário, reconcilia aqueles que brigam entre si. Julgue de forma justa e corrija as culpas sem distinguir as pessoas.
4Não hesite sobre o que vai acontecer.
5Não te pareças com aqueles que dão a mão quando precisam e a retiram quando devem dar.
6Se o trabalho de suas mãos te rendem algo, as ofereça como reparação pelos seus pecados.
7Não hesite em dar, nem dê reclamando porque, na verdade, você sabe quem realmente pagou sua recompensa.
8Não rejeite o necessitado. Compartilhe tudo com seu irmão e não diga que as coisas são apenas suas. Se vocês estão unidos nas coisas imortais, tanto mais estarão nas coisas perecíveis.
9Não se descuide de seu filho ou filha. Muito pelo contrário, desde a infância instrua-os a temer a Deus.
10Não dê ordens com rudeza ao seu escravo ou escrava pois eles também esperam no mesmo

Deus que você; assim, não perderão o temor de Deus, que está acima de todos. Certamente Ele não virá chamar a pessoa pela aparência, mas somente aqueles que foram preparados pelo Espírito.
11Quanto a vocês, escravos, obedeçam aos seus senhores, com todo o respeito e reverência, como à própria imagem de Deus.
12Deteste toda a hipocrisia e tudo aquilo que não agrada o Senhor.
13Não viole os mandamentos dos Senhor. Guarde tudo aquilo que você recebeu: não acrescente ou retire nada.
14Confesse seus pecados na reunião dos fiéis e não comece a orar estando com má consciência. Este é o caminho da vida.

CAPÍTULO V

1Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições - homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus.
2Nesse caminho trilham os perseguidores dos justos, os inimigos da verdade, os amantes da mentira, os ignorantes da justiça, os que não desejam o bem nem o justo julgamento, os que não praticam o bem mas o mal. A calma e a paciência estão longe deles. Estes amam as coisas vãs, são ávidos por recompensas, não se compadecem com os pobres, não se importam com os perseguidos, não reconhecem o Criador. São também assassinos de crianças, corruptores da imagem de Deus, desprezam os necessitados, oprimem os aflitos, defendem os ricos, julgam injustamente os pobres e, finalmente, são pecadoresconsumados. Filho, afaste-se disso tudo.

CAPÍTULO VI

1Fique atento para que ninguém o afaste do caminho da instrução, pois quem faz isso ensina coisas que não pertencem a Deus.
2Você será perfeito se conseguir carregar todo o jugo do Senhor. Se isso não for possível, faça o que puder.
3A respeito da comida, observe o que puder. Não coma nada do que é sacrificado aos ídolos pois esse culto é destinado a deuses mortos.

Parte II - A Celebração Litúrgica

CAPÍTULO VII

1Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
2Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente.
3Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
4Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.

CAPÍTULO VIII

1Os seus jejuns não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação.
2Não reze como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão-nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do mal porque teu é o poder e a glória para sempre".
3Rezem assim três vezes ao dia.

CAPÍTULO IX

1Celebre a Eucaristia assim:
2Diga primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre".
3Depois diga sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.
4Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre".
5Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: "Não dêem as coisas santas aos cães".

CAPÍTULO X

1Após ser saciado, agradeça assim:
2"Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.
3Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais e uma vida eterna através do teu servo.
4Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre.
5Lembra-te, Senhor, da tua Igrreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.
6Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. Maranatha. Amém."

7Deixe os profetas agradecerem à vontade.
Parte III - A Vida em Comunidade

CAPÍTULO XI

1Se vier alguém até você e ensinar tudo o que foi dito anteriormente, deve ser acolhido.
2Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor.
3Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho.
4Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido como o próprio Senhor.
5Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta.
6Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta.
7Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado.
8Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.
9Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário, é um falso profeta.
10Todo profeta que ensina a verdade mas não pratica o que ensina é um falso profeta.
11Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você; ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas.
12Se alguém disser sob inspiração: "Dê-me dinheiro" ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

CAPÍTULO XII

1Acolha toda aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.
2Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.
3Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.
4Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio.
5Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

CAPÍTULO XIII

1Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento.
2Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário.
3Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes.
4Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres.
5Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito.
6Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de vinho ou óleo, tome a primeira parte e a dê aos profetas.
7Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno, e os dê de acordo com o preceito.

CAPÍTULO XIV

1Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro.
2Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado.
3Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: "Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre as nações".

CAPÍTULO XV

1Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres.
2Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres.
3Corrija uns aos outros, não com ódio, mas com paz, como você tem no Evangelho. E ninguém fale com uma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute uma só palavra sua até que tenha se arrependido.
4Faça suas orações, esmolas e ações da forma que você tem no Evangelho de nosso Senhor.
Parte IV - O Fim dos Tempos

CAPÍTULO XVI

1Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará.
2Reúna-se com frequência para que, juntos, procurem o que convém a vocês; porque de nada lhe servirá todo o tempo que viveu a fé se no último instante não estiver perfeito.
3De fato, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio.

4Aumentando a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então o sedutor do mundo aparecerá, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo.
5Então toda criatura humana passará pela prova de fogo e muitos, escandalizados, perecerão. No entanto, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam.
6Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta; e, em terceiro, a ressurreição dos mortos.
7Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: "O Senhor virá e todos os santos estarão com ele".
8Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu.

...

O EVANGELHO SEGUNDO FELIPE

Apresentamos, numa versão modernizada, textos considerados apócrifos e que trazem importantes informações a respeito da vida de Cristo, preenchendo lacunas até então criadas pelos Evangelhos constantes da Bíblia.
O Evangelho de Feilipe provavelmente foi escrito originalmente em grego, ainda que não seja possível precisar se no primeiro, segundo ou terceiro século. O exemplar encontrado entre os textos da biblioteca de Nag Hammadi é uma tradução para o copto, a língua do alto Egito no início de nossa era, provavelmente efetuada no quarto século.
Ao contrário dos evangelhos canônicos, o Evangelho de Felipe não contém uma narrativa sistemática da vida e ministério de Jesus em ordem cronológica. Ele segue a linha da tradição oral de relatar, independente do contexto histórico, ensinamentos atribuídos a Jesus e interpretações de aforismos e práticas espirituais, presente em outros textos apócrifos, como o Evangelho de Tomé e o assim chamado Evangelho "Q" (inicial de Quelle, alemão para 'Fonte', que é tido como a fonte das logia do Senhor apresentadas nos evangelhos segundo Mateus e Lucas).
Dentre os ditados de Jesus em Felipe, nove são encontrados também, com algumas variações, nos evangelhos canônicos e oito são originais. A linguagem destes ditados é geralmente breve e enigmática. Sua interpretação requer o conhecimento da simbologia usada pelos grupos gnósticos daquela época.
O que torna o Evangelho de Felipe especialmente importante são as inúmeras passagens sobre os sacramentos que teriam sido instituídos por Jesus em sua forma original, antes de terem sido adaptados e ampliados pela Igreja para uso geral dos fiéis. Segundo a tradição esotérica, aqueles sacramentos eram ministrados somente aos discípulos do círculo interno, "os poucos", em circunstâncias que lembram os rituais dos Mistérios Maiores da antigüidade. Assim, as referências aos cinco sacramentos: o batismo, a crisma, a eucaristia, a redenção e a câmara nupcial, são feitas numa linguagem ainda mais velada do que a utilizada em outras partes do texto. Apesar do caráter oculto dessas passagens, elas oferecem ao estudioso uma clara indicação dos paralelos que existem entre as cinco grande Iniciações, as etapas da vida dos místicos e os sacramentos.
(pg 141) Um hebreu faz outro hebreu, e tal pessoa chama-se prosélito. Mas, um prosélito não faz outro prosélito (...) assim como eles (...) e fazem outros como a si mesmos, enquanto (outros) simplesmente existem.
O escravo só quer ser livre e não ambiciona adquirir os bens de seu senhor. Porém o filho não é somente um filho, pois reclama a herança do pai. Os que herdam dos mortos estão eles mesmos mortos e herdam os mortos. Os herdeiros do que é vivo estão vivos e são herdeiros tanto do que está vivo como do morto. Os mortos não são herdeiros de nada. Pois como pode aquele que está morto herdar? Se aquele que está morto herda o que é vivo ele não morrerá, mas o que está morto viverá ainda mais.
(pg 142) O pagão não morre, pois ele nunca viveu para que possa morrer. Aquele que acreditou na verdade encontrou a vida e corre o perigo de morrer, pois está vivo. A partir da vinda de Cristo, o mundo foi criado, as cidades embelezadas e os mortos levados embora. Quando éramos hebreus, éramos órfãos e só tinhamos a nossa mãe, mas, quando nos tornamos cristãos, tivemos tanto pai como mãe. Os que semeiam no inverno colhem no verão. O inverno é o mundo, o verão é o outro reino eterno (eon). Semeemos no mundo para que possamos colher no verão. Por esta razão é apropriado que não oremos no inverno. O verão sucede o inverno. Porém, se algum homem colher no inverno ele, na verdade, não estará colhendo mas simplesmente arrancando, pois o inverno não oferecerá uma colheita para tal pessoa. Não só (...) que não (...) aparecerá, mas também no Sábado (...) é estéril.
Cristo veio para resgatar alguns, salvar outros para redimir ainda outros. Ele resgatou os forasteiros e fê-los seus. E colocou os seus separados, aqueles que havia dado como garantia segundo seu plano. Não foi só quando apareceu que Cristo ofereceu voluntariamente sua vida, mas ofereceu-a voluntariamente desde o dia em que o mundo surgiu. Então, ele veio primeiro para tomá-la, pois ela havia sido dada como garantia. Ela havia caído em mãos de ladrões e foi feita prisioneira. Mas Ele a libertou, resgatando as pessoas boas do mundo assim como as más.
Luz e treva, vida e morte, direita e esquerda são irmãos entre si. São inseparáveis. Por isto, nem os bons são bons, nem os maus são maus, nem a vida é vida, mem a morte é morte. Assim é que cada um se dissolverá em sua origem primordial. Mas os que estão exaltados acima do mundo são indissolúveis, eternos.
Os nomes dados às coisas do mundo são muito enganadores, pois desviam nossos pensamentos do que é correto para o incorreto. Assim, quem ouve a palavra "Deus" não percebe o que é correto, mas sim o incorreto. O mesmo ocorre com "Pai", "Filho" e "Espírito Santo", "Vida", "Luz", "Ressurreição", "Igreja" e tudo o mais. As pessoas não percebem o que é correto mas sim o incorreto, (a menos) que tenham aprendido o que é correto. Os (nomes que se ouvem) estão no mundo (... enganam. Se) estivessem no reino eterno (eon), não seriam jamais usados como nomes no mundo. Tampouco foram colocados entre as coisas do mundo. Eles têm um propósito no reino eterno.
Só há um nome que não se pronuncia no mundo, o nome que o Pai deu ao Filho, (pg 143) e que está acima de todas as coisas: o nome do Pai. Pois o Filho não se tornaria Pai, a não ser que usasse o nome do Pai. Aqueles que têm este

nome conhecem-no, mas não o pronunciam. Mas, aqueles que não têm este nome não o conhecem. A verdade fez com que os nomes surgissem no mundo por nossa causa, pois não é possível aprendê-la sem estes nomes. A verdade é uma única coisa; é muitas coisas por nossa causa, para nos ensinar com amor sobre esta coisa una por meio de muitas coisas. Os regentes (arcontes) queriam enganar o homem, porque viram que ele tinha parentesco com aqueles que são verdadeiramente bons. Eles tomaram o nome daqueles que são bons e deram-no aos que não são bons, para que, por meio dos nomes, pudessem enganá-los e vinculá-lo aos que não são bons. E, depois, que favor os nomes lhes prestam! Fazem com que sejam tirados daqueles que não são bons e colocados entre os que são bons. Eles sabiam estas coisas, porque queriam apoderar-se do homem livre e torná-lo seu escravo para sempre.
Há poderes que (...) o homem, não querendo que ele seja (salvo), para que eles possam (...). Porque se o homem for (salvo, não haverá) nenhum sacrifício (...) e não serão oferecidos animais aos poderes. Na verdade, eram aos animais que eles ofereciam sacrifícios. Eles eram realmente oferecidos vivos, mas quando os ofertavam eles morriam. Quanto ao homem, ofereceram-no morto a Deus, e ele viveu.
Antes da vinda do Cristo não havia pão no mundo. Também no Paraiso, o lugar onde estava Adão, havia muitas árvores para alimentar os animais, mas não havia trigo para sustentar o homem. O homem costumava alimentar-se como os animais, mas quando veio Cristo, o homem perfeito, ele trouxe pão dos céus para que o homem pudesse ser nutrido com o alimento de homem. Os regentes pensavam que era por seu próprio poder e vontade que faziam o que estavam fazendo. Mas o Espírito Santo, em segredo, estava realizando tudo através deles, segundo sua vontade. A Verdade, que existia desde o princípio, está semeada por toda parte. E muitos vêem-na sendo semeada, mas são poucos os que a vêem sendo colhida.
Alguns dizem que Maria concebeu por obra do Espírito Santo. Mas eles estão enganados. Não sabem o que dizem. Quando uma mulher alguma vez concebeu por obra de outra mulher? Maria é a virgem que nenhum poder conspurcou. Ela é uma grande anátema para os hebreus, que são os apóstolos e (os) seus seguidores. Esta virgem que nenhum poder violou (...) os poderes violaram a si mesmos. O Senhor não (teria) dito "Meu (Pai que está nos) céus" (Mt 16:17) se não tivesse outro pai. Neste caso, teria dito simplesmente "(Meu Pai)".
(pg 144) O Senhor disse aos discípulos, (...) de cada casa. Tragam para a casa do Pai. Mas não tomem nem carreguem (nada) da casa do Pai.
"Jesus" é um nome oculto, "Cristo" é um nome revelado. Por esta razão, "Jesus" não está particularmente ligado a nenhuma lingua; seu nome é sempre "Jesus". "Cristo", porém, em siríaco é "Messias" e em grego, "Cristo". Certamente todas as outras línguas referem-se a ele com suas próprias palavras. "O nazareno" é aquele que revela o que está oculto. Cristo tem tudo em si mesmo, seja homem, anjo ou mistério, e no Pai.
Os que dizem que o Senhor morreu primeiro e (então) se levantou estão enganados, pois ele primeiro se levantou e (então) morreu. Se alguém não alcança primeiro a ressurreição ele não morrerá. Assim como Deus vive, ele iria ...
Ninguém esconde um grande objeto de valor num lugar de destaque, mas muitas vezes se atiram milhares de tais objetos em algo que não vale um centavo. Vejam a alma: ela é uma coisa preciosa que se encontra num corpo desprezível.
Há os que têm medo de ressurgir nus. Por isto querem ressurgir na carne. Não sabem que são aqueles que vestem a (carne) que estão nus. (São) aqueles que (...) despir-se que não estão nus. "Nem a carne (nem o sangue) herdarão o Reino de (Deus)." (1 Co 15:50). O que é que não herdará? Aquilo que usamos. Mas também o que é isto que herdará? É aquilo que pertence a Jesus e a seu sangue. Por isto Ele disse: "Aquele que não come a minha carne e bebe o meu sangue não tem vida em si" (Jo 6:53). O que quer dizer isto? Sua carne é a Palavra (o Verbo), e seu sangue é o Espírito Santo. Quem recebe tais coisas tem alimento, bebida e vestimenta. Recrimino os outros que dizem que (a carne) não ressuscitará, pois uns e outros estão errados. Tu dizes que a carne não ressurgirá. Dize-me, então, o que ressuscitará para que possamos te aplaudir. Falas do Espírito na carne, que é também esta luz na carne. (Porém) isto também é matéria que se encontra na carne, pois tudo o que disseres, não estará fora da carne. É preciso ressurgir nesta carne, já que tudo existe nela. Neste mundo, aqueles que usam roupas valem mais do que as vestes. No Reino dos Céus, as vestes valem mais do que os que as usam.
É por meio da água e do fogo que tudo é purificado -- o visível pelo visível, o oculto pelo oculto. Existem algumas coisas ocultas por meio das visíveis. Existe água na água e fogo na crisma.
(pg 145) Jesus pegou-os todos de surpresa, porque Ele não apareceu como era, mas da maneira como (seriam) capazes de vê-lo. Apareceu aos grandes como grande, aos pequenos como pequeno, aos anjos como anjo, e aos homens como homem. Por isto sua palavra ocultou-se de todos. Alguns realmente o viram, pensando que estavam vendo a si mesmos. Mas quando apareceu gloriosamente aos discípulos sobre a montanha não era pequenino. Ele se tornou grande, mas fez com que os discípulos ficassem grandes, para que pudessem percebê-lo em sua grandeza.
Disse naquele dia na ação de graças, "Vós que unistes a luz perfeita com o Espírito Santo, incorporai os anjos também a nós, como sendo as imagens". Não desprezeis o cordeiro, pois sem ele não é possível ver o Rei. Ninguém será capaz de ir ao Rei se estiver nu.
O homem celestial tem muito mais filhos do que o homem terreno. Se os filhos de Adão são muitos,

apesar de morrerem, quanto mais os filhos do homem perfeito que não morrem e são continuamente gerados. O pai faz um filho, mas o filho não tem poder para fazer um filho. Pois aquele que foi gerado não tem o poder para gerar; o filho obtém irmãos para si, e não filhos. Todos os que são gerados no mundo, são gerados de maneira natural, enquanto os outros (são nutridos) do (lugar) do qual nasceram. Por ter sido destinado ao lugar celestial o homem (recebe) nutrição. (...) dele da boca. (E se) a palavra tivesse saído daquele lugar, ela receberia a nutrição da boca e se tornaria perfeita. Por isto a palavra perfeita concebe e dá nascimento por meio de um beijo. Por esta razão nós também nos beijamos uns aos outros. Somos concebidos da graça que nos é comum.

Havia três que sempre caminhavam com o Senhor: sua mãe, Mria, sua irmã e Madalena, que era chamada sua companheira. Sua irmã, sua mãe e sua companheira todas chamavam-se Maria.

"O Pai" e "o Filho" são nomes simples; "Espírito Santo" é um nome composto. Eles estão em toda parte: acima e abaixo, no oculto e no revelado. O Espírito Santo está no revelado: está abaixo, e está no oculto: está acima.

Os santos são servidos por poderes malignos, pois estes ficam cegos, por obra do Espírito Santo, pensando que estão servindo um homem (comum), todas vezes que o fazem aos santos. Por isto um discípulo pediu um dia algo deste mundo ao Senhor. Ele lhe respondeu: "Pede a tua mãe, e ela te dará as coisas que pertencem a outrem".

(pg 146) Os apóstolos disseram aos discípulos: "Que toda nossa oferenda adquira sal". Eles chamavam (Sophia) de "sal". Sem sal nenhuma oferenda (é) aceitável. Mas Sophia é estéril, (sem) filhos. Por esta razão é chamada de "um traço de sal". Sempre que eles quiserem (...) do seu jeito, o Espírito Santo (...) seus filhos são muitos.

O que o Pai possui pertence ao filho. Enquanto este é pequeno, não se lhe confia o que é seu. Mas quando se faz homem, seu pai lhe dá tudo o que possui.

Aqueles que se desencaminharam, os que o próprio Espírito engendrou, geralmente se desencaminham também por causa do Espírito. Assim, com o mesmo sopro o fogo é atiçado e apagado.

Echamoth é uma coisa e Echmoth outra. Echamoth é simplesmente Sabedoria, enquanto Echmoth é a Sabedoria da morte, aquela que conhece a morte, sendo chamada "a pequena Sabedoria".

Existem animais domésticos, como o boi, o burro e outros deste tipo. Outros são selvagens e vivem isolados nas regiões ermas. O homem ara o campo com animais domésticos e, com isto, sustenta-se e alimenta os animais, sejam mansos ou selvagens. Compare com o homem perfeito. Ele cultiva por meio de poderes que lhe são submissos, preparando o surgimento de todas as coisas. É por causa disto que todo o mundo se mantém, seja bom ou mal, da direita ou da esquerda. O Espírito Santo apacenta a todos e governa (todos) os poderes, os "mansos" e os "selvagens", bem como os que são únicos. Pois, na verdade ele (...) os mantêm presos, para que (se ...) desejarem, eles não possam (escapar). (Aquele que) foi criado é (lindo, mas) tu (não) acharias que os filhos dele são criações nobres. Se ele não fosse criado mas engendrado, tua acharias que os descendentes dele são nobres. Agora, porém, ele foi criado e gerou. O que há de nobre nisto? Primeiramente surgiu o adultério, em seguida assassinatos. E ele foi gerado no adultério, pois era o filho da serpente. Assim, tornou-se um assassino, como seu pai, e matou seu irmão. Na verdade, todo ato sexual que ocorra entre seres que não são semelhantes entre si é adultério.

Deus é um tintureiro. Assim como os bons corantes chamados de "autênticos" dissolvem-se nas coisas que são tingidas por eles, também o mesmo ocorre com aqueles a quem Deus tingiu. Como seus corantes são imortais, eles tornam-se imortais por meio de suas cores. Pois bem, Deus mergulha o que Ele mergulha na água.

Ninguém pode ver algo das coisas que realmente existem a menos que se torne como elas. Não é assim que se passa com o homem no mundo: ele vê o sol sem ser o sol; vê o céu, a terra e todas as outras coisas, mas ele não é estas coisas. Isto está de acordo (pg 147) com a verdade. Mas, tu viste algo daquele lugar e te converteste naquelas coisas. Viste o Espírito e te tornaste Espírito. Viste o Cristo e te tornaste Cristo. Viste o Pai e te tornarás o Pai. Assim, (neste lugar) vês todas as coisas e não (vês) a ti próprio, mas (naquele lugar) realmente vês a ti mesmo, e te tornarás o que vires.

A fé recebe, o amor dá. (Ninguém poderá receber) se não tiver fé. Ninguém será capaz de dar sem amor. Por esta razão, para que realmente possamos receber, cremos, e para que possamos amar, damos, pois se alguém dá sem amor não recebe benefício pelo que deu. Aquele que recebeu alguma outra coisa que não seja o Senhor ainda é um hebreu.

Os apóstolos que nos precederam chamavam-no assim: "Jesus, o Nazareno, Messias", isto é, "Jesus, o Nazareno, o Cristo". O último nome é "Cristo", o primeiro é "Jesus", o do meio é "o Nazareno". "Messias" tem dois significados, "o Cristo" e "o medido". "Jesus" em hebraico é "a redenção". "Nazara" é "a verdade". "O Nazareno", então, é "a verdade". "Cristo" ... foi medido. Foram "o Nazareno" e "Jesus" que foram medidos.

Quando a pérola é atirada na lama ela (não) passa a ser desprezada; tampouco se for banhada em óleo de bálsamo se tornará mais preciosa. Ela sempre manterá o seu valor aos olhos de seu dono. O mesmo ocorre com os filhos de Deus onde quer que estejam. Eles sempre têm valor aos olhos de seu pai.

Se disseres, "sou judeu", ninguém se inquietará; se disseres, "sou romano", ninguém se perturbará. Se disseres, "sou grego, bárbaro,

escravo ou livre", ninguém se incomodará. Se disseres, "sou cristão", os (...) tremerão. Quisera que eu pudesse (...) desta forma, a pessoa cujo nome (...) não será capaz de resistir (ouvindo).
Deus é antropófago. Por isto os homens são sacrificados a ele. Antes dos homens serem sacrificados, sacrificavam-se animais, pois aqueles a quem eram sacrificados não eram deuses.
Tanto as vasilhas de vidro como as de argila são feitas com o uso do fogo. Mas, se as de vidro quebram, elas são refeitas, pois surgiram por meio de um sopro. As de argila, no entanto, são destruídas, pois foram feitas sem sopro.
Um burro, girando uma pedra de moinho, caminhou cem milhas. Quando ele foi solto percebeu que ainda estava no mesmo lugar. Existem homens que fazem muitas (pg 148) jornadas, mas sem fazer nenhum progresso em qualquer direção. Quando o crepúsculo os surpreende, não encontraram nenhuma cidade nem vilarejo, nenhum produto humano nem fenômeno natural, poder nem anjo. Labutaram em vão, os coitados!
A eucaristia é Jesus, pois ele se chama "Pharisatha" em siríaco, que é "aquele que está estendido", pois Jesus veio para crucificar o mundo.
O Senhor entrou na loja de corantes de Levi, tomou setenta e duas cores diferentes e jogou-as na tina. Ao retirá-las estavam todas brancas. E ele disse: "Da mesma forma, o filho do homem veio (como) tintureiro".
A Sophia, que é chamada de "a estéril," é a mão (dos) anjos. E a companheira do (...) Maria Madalena. (... amava-a) mais do que (todos) os discípulos (e costumava) beijá-la (frequentemente) em seus (...). Os demais (discípulos ...). Eles lhe disseram: "Por que a amas mais do que a todos nós?" O Salvador respondeu dizendo: "Por que não os amo como a ela? Quando um cego e uma pessoa normal estão juntos na escuridão, não são diferentes um do outro. Quando chega a luz, então, aquele que vê verá a luz, e o cego permanecerá na escuridão".
O Senhor disse: "Bem aventurado aquele que é antes de chegar a existir. Pois, aquele que é foi e será."
A superioridade do homem não é óbvia à visão, mas encontra-se no que está escondido da vista. Por isto ele domina os animais que são mais fortes do que ele, grandes em termos do óbvio e do oculto. Isto os capacitam a sobreviver. Mas quando o homem se separa deles, mordem e matam uns aos outros. Devoram-se porque não encontram nenhum alimento. Porém, agora encontraram comida porque o homem preparou o solo.
Se alguém entra nágua e sai dela sem nada haver recebido e diz, "sou cristão," simplesmente tomou o nome emprestado a juros. Porém, se recebeu o Espírito Santo, recebe o nome de presente. Aquele que recebe um presente não precisa devolvê-lo. Mas, daquele que tomou empretado a juros, o pagamento é exigido. É assim que (acontece com) quem experimenta um mistério. Grande é o mistério do casamento! Pois (sem) ele o mundo (não existiria). Agora a existência do (mundo ...), e a existência (... casamento). Pense sobre o (... relacionamento), pois ele possui (...) poder. Sua imagem consiste numa (corrupção).
As formas dos espíritos malévolos abrangem machos e fêmeas. Os machos são os que se unem com as almas que habitam uma forma feminina, enquanto as fêmeas são as (pg 149) que se misturam com os que se encontram em forma masculina, porém que são desobedientes. E não se consegue escapar deles, pois detêm a pessoa se ela não receber um poder masculino ou feminino, o noivo e a noiva. Eles são recebidos na câmara nupcial espelhada. Quando as mulheres devassas vêem um homem sozinho, lançam-se sobre ele, entretendo-o e maculando-o. Igualmente, os homens voluptuosos, quando vêm uma mulher bonita sozinha, procuram persuadi-la e possuí-la, desejando corrompê-la. Porém, se vêem um homem com sua esposa juntos, a fêmea não pode se aproximar do homem, nem o macho da mulher. Assim, se a imagem e o anjo estão unidos um ao outro, não pode haver nenhum risco ao homem ou à mulher.
Aquele que sai do mundo e portanto não pode mais ser detido pelo fato de ter estado no mundo, evidentemente, está acima do desejo do (...) e medo. Ele domina (...). É superior à inveja. Se (...) vem, eles o apanham e sufocam-no. E como (este) será capaz de escapar dos (grandes ...) poderes? Como será capaz de (...). Alguns (dizem), "Temos fé", para que (... os espíritos imundos) e os demônios. Pois, se tivessem o Espírito Santo, nenhum espírito imundo teria se agarrado a eles. Não tenha medo da carne nem a ame. Se a temeres, ela te dominará. Se a amares, ela te devorará e paralizará.
Ou se está neste mundo, na ressurreição ou no local intermediário. Deus me livre de encontrar-me lá! Neste mundo existe o bem e o mal. As coisas boas do mundo não são boas, e as coisas más não são más. Porém, depois deste mundo, existe mal que realmente é mal - o que é chamado de "o meio," o lugar intermediário. É a morte. Enquanto se está neste mundo é apropriado buscar-se a ressurreição, para que, quando venhamos a despir-nos da carne possamos encontrar o descanso e não caminhar no meio. Porque muitos se perdem no caminho. É melhor sair do mundo antes de pecar.
Alguns nem querem nem podem; outros não tiram proveito mesmo querendo: pois eles não agiram de acordo, (eles acreditam,) (...) torna-os pecadores. E se não querem, a justiça vai se esquivar deles em ambos os casos: e será sempre uma questão da vontade e não da ação.
Um apostólico, numa visão, percebeu algumas pessoas fechadas numa casa em fogo, presos com (...) flamejantes, deitados (...) em chamas (...) eles em (...) fé (...). E eles disseram, "(...) poderão ser salvos?" (...) "Eles

não desejam isto. Receberam (...) castigo, que é chamado "a escuridão (...), porque (...)"
(pg 150) A alma e o espírito vieram à existência a partir da água e do fogo. É da água, do fogo e da luz que o filho da câmara nupcial (veio a existir). O fogo é a crisma, a luz é o fogo. Não estou me referindo ao fogo que não tem forma, mas ao outro fogo cuja forma é branca, que é brilhante e belo e que irradia beleza.
A verdade não veio nua ao mundo, mas veio em modelos e imagens. O mundo não receberá a verdade de qualquer outra forma. Há um renascimento e uma imagem do renascimento. Certamente é necessário nascer outra vez por meio da imagem. Qual delas? A ressurreição. A imagem deve levantar-se outra vez por meio da imagem. A câmara nupcial e a imagem devem entrar na verdade através da imagem: isto é a restauração. Não só aqueles que produzem o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo devem fazê-lo, mas (aqueles) que os produziram para ti. Se a pessoa não os adquire, o nome (cirstão) também lhe será retirado. Porém a pessoa recebe a unção do (...) do poder da cruz. Este poder os apóstolos chamaram "a direita e a esquerda". Pois esta pessoa não é mais um cristão, mas Cristo.
O Senhor fez tudo num mistério, um batismo, uma crisma, uma eucaristia, uma redenção e uma câmara nupcial.
(...) ele disse, "Vim fazer (as coisas abaixo) como as coisas (acima, e as coisas) fora como aquelas (dentro. Vim para uni-las) no lugar". (...) aqui por meio de (modelos ...). Aqueles que dizem, "(Existe um homem celestial e) existe outro acima (dele", estão enganados. Porque é o primeiro destes dois (homens) celestiais, aquele que se manifesta, que é chamado "aquele que está abaixo"; e aquele a quem pertence o oculto é (supostamente) o que está acima dele.
Portanto, seria melhor dizerem, "O interior e o exterior, e o que está fora de exterior". Por causa disto o Senhor chamou a destruição "a escuridão exterior"; não existe nada além dela. Ele disse: "Meu Pai que está em segredo". Ele disse, "Entra em teu aposento, fecha a porta e ora a teu Pai que está em segredo" (Mt 6:6), aquele que está no interior de tudo. Mas o que está no interior de tudo é a plenitude. Mais interior do que ela não existe nada. É sobre isto que dizem, "O que está acima deles".
Antes do Cristo alguns saíram de um lugar no qual não conseguiam mais entrar e foram para onde não mais conseguiam sair. Então veio o Cristo. Ele retirou aqueles que entraram e pôs para dentro os que sairam.
Quando Eva ainda estava em Adão a morte não existia. Quando ela se separou dele a morte passou a existir. Se ele entrar outra vez e alcançar o seu ser primordial, a morte deixará de existir.
(pg 151) "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste, ó Senhor?" (Mc 15:34 e outras). Foi na cruz que ele disse estas palavras, porque havia deixado aquele lugar.
(...) que foi gerado através dele que (...) de Deus.
O (...) dos mortos. (...) para ser, mas agora (...) perfeito. (...) carne, mas isto (...) é a verdadeira carne. (...) não é verdade, mas (...) só uma imagem do verdadeiro.
Uma câmara nupcial não é para os animais, nem para os escravos, nem para as mulheres violadas; mas é para os homens livres e virgens.
Somos realmente engendrados outra vez pelo Espírito Santo, mas somos engendrados pelo Cristo nos dois. Somos ungidos por meio do Espírito. Quando somos engendrados somos unidos. Ninguém pode ver-se na água ou num espelho sem luz. Tampouco podes ver-te na luz sem água ou espelho. Por esta razão, é apropriado batizar nos dois, na luz e na água. Pois bem, a luz é a crisma.
Havia três lugares específicos para sacrifício em Jerusalém. O que estava voltado para o poente era chamado de "o sagrado." Outro, voltado para o sul, era chamado de "o santo do santo." O terceiro, voltado para o nascente, era chamado "o santo dos santos," o lugar onde só o Sumo Sacerdote podia entrar. O Batismo é o edifício "sagrado." A Redenção é "o santo do santo," e a Câmara Nupcial "o santo dos santos." O Batismo inclui a Ressurreição (e a) Redenção; a Redenção (ocorre) na câmara nupcial. Mas a Câmara Nupcial ocorre naquele lugar que é superior ao (...) tu não encontrarás (...) são aqueles que oram (...) Jerusalém. (...) Jerusalém, (...) aqueles chamados "o santo dos santos" (... o) véu foi rasgado (...) câmara nupcial exceto a imagem (...) acima. Por esta razão seu véu rasgou-se de alto a baixo. Pois era apropriado que alguns de baixo fossem para cima.
Os poderes não vêem aqueles que estão vestidos com a luz perfeita e, por isto, não podem detê-los. A pessoa pode vestir-se sacramentalmente com esta luz na união.
Se a mulher não tivesse se separado do homem, ela não morreria com o homem. Sua separação tornou-se o começo da morte. Por isto o Cristo veio, para reparar a separação que houve no princípio e unir os dois outra vez e para dar vida àqueles que morreram devido à separação, unindo-os de novo. Mas a mulher uni-se a seu marido na câmara nupcial. Na verdade, aqueles que foram unidos na câmara nupcial não mais serão (pg 152) separados. Portanto, Eva separou-se de Adão porque não foi na câmara nupcial que ela se uniu a ele.
A alma de Adão chegou à existência por meio de um sopro. O companheiro de sua alma é o Espírito. Sua mãe é a coisa que lhe foi dada. Sua alma foi-lhe tomada e substituída por um (espírito). Quando ele estava unido (ao Espírito), (pronunciou) palavras incompreensíveis aos poderes. Eles o invejaram (...) parceiro espiritual (...) escondido (...) oportunidade (...) somente para eles (...) câmara nupcial para que (...)
Jesus apareceu (...) Jordão, a (plenitude do reino) dos céus. Ele que (foi engendrado) antes de todas as coisas foi engendrado novamente. Ele

(que foi ungido) outrora foi ungido novamente. Ele que tinha sido redimido, redimiu (outros) por sua vez.
Realmente, um mistério deve ser dito. O pai de todas as coisas uniu-se com a virgem que havia descido, e o fogo brilhou para ele naquele dia. Ele apareceu na grande câmara nupcial. Portanto, seu corpo passou a existir naquele dia. Deixou a câmara nupcial como alguém que veio à existência por meio do noivo e da noiva. Desta forma, Jesus estabeleceu todas as coisas nela por meio deles. É conveniente que cada um dos discípulos entre em seu repouso.
Adão veio a ser por meio de duas virgens, do Espírito e da Terra virgem. O Cristo, portanto, nasceu de uma virgem para retificar a queda que houve no princípio.
Existem duas árvores crescendo no Paraíso. Uma sustenta (animais) e a outra sustenta homens. Adão (comeu) da árvore que nutria animais. (Ele) tornou-se um animal e produziu animais. Por esta razão os filhos de Adão adoram (animais). A árvore (...) fruto é (...) aumentado. (...) comeu o (...) fruto da (...) nutre homens, (...) homem. (...) Deus criou o homem. (... os homens) criaram Deus. É desta maneira que são as coisas no mundo, os homens criam deuses e adoram a sua criação. Seria apropriado que os deuses adorassem os homens!
Certamente a realização de um homem depende de sua habilidade. Por isto referimo-nos as suas realizações como suas "habilidades." Entre suas realizações encontram-se seus filhos. Eles têm sua origem num momente de repouso. Portanto, suas habilidades determinam o que ele pode realizar, mas este repouso mostra-se evidente nos filhos. Isto se aplica diretamente à imagem. Aqui está o homem feito de acordo com a imagem realizando coisas com sua força física, mas produzindo seus filhos com facilidade.
Neste mundo, os escravos servem os livres. No Reino dos Céus, os livres vão (pg 153) cuidar dos escravos: os filhos da câmara nupcial vão cuidar dos filhos do casamento. Os filhos da câmara nupcial têm (um só) nome: repouso. (De modo geral) eles não precisam tomar (nenhuma) outra forma (porque têm) a contemplação, (...). São numerosos (...) nas coisas (...) as glórias (...).
Aqueles (...) descem à água. (...) saem (da água), vão consagrar (...) aqueles que têm (...) em seu nome. Pois ele disse, "(Assim) devemos cumprir toda a justiça" (Mt 3:15).
Aqueles que dizem que devem morrer primeiro para depois ressuscitar estão enganados. Se eles não receberem primeiro a ressurreição enquanto estiverem vivos, quando morrerem não receberão nada. Assim também, quando falam sobre o batismo dizem, "O batismo é uma grande coisa," pois se as pessoas o receberem viverão.
Felipe, o apóstolo, disse: "José, o carpinteiro, plantou um jardim porque precisava de madeira para seu ofício. Foi ele que fez a cruz das árvores que plantou. Sua própria descedência ficou pendurada naquilo que ele plantou. Sua descendência foi Jesus, e o plantio foi a cruz."
Mas a árvore da vida está no meio do jardim. Porém é da oliveira que recebemos a crisma, e da crisma a ressurreição.
Este mundo é um devorador de cadáveres. Todas as coisas que se comem nele também morrem. A verdade alimenta-se da vida. Portanto, ninguém nutrido pela (verdade) morrerá. Foi daquele lugar que Jesus veio e trouxe alimento. Aos que desejavam ele deu (vida para que) eles não morressem.
Deus (...) um jardim. O homem (...) jardim. Existem (...) e (...) de Deus. (...) As coisas que estão no (...) eu desejo. Este jardim (é o lugar em que) me dirão, "(... coma) isto ou não coma (aquilo, da maneira que) desejares." No lugar em que comerei todas as coisas está a árvore do conhecimento. Aquela matou Adão, mas aqui a árvore do conhecimento faz com que o homem viva. A lei era a árvore. Ela tem o poder para outorgar o conhecimento do bem e do mal. Ela nem o removeu do mal, nem o colocou no bem, mas criou a morte para aqueles que comiam dela. Pois quando ele disse, "Come isto, não coma aquilo," isto foi o começo da morte.
A crisma é superior ao batismo, pois foi a partir da palavra "crisma" que fomos chamados de "cristãos," e certamente não por causa da palavra "batismo." E é por causa da crisma que "o Cristo" recebeu seu nome. Porque o Pai ungiu o Filho, o Filho ungiu os apóstolos, e os apóstolos nos ungiram. Aquele que foi ungido tem tudo. Ele tem a ressurreição, a luz, a cruz e o Espírito Santo. O Pai deu-lhe isto na câmara nupcial; ele (pg 154) meramente aceitou (a dádiva). O Pai estava no Filho e o Filho no Pai. Isto é o Reino dos Céus.
O Senhor falou bem: "Alguns entraram no reino dos céus rindo, e sairam (...) porque (...) um cristão, (...). E logo que (... desceu) à água ele veio (...) tudo (deste mundo), (...) porque (...) um pouco, mas (... cheio de) menosprezo por este (...) reino dos (céus ...). Se ele despreza (...) e o desdenha um pouco (...) sairá rindo. Assim é também com o pão e o cálice de óleo, apesar de haver outro superior a estes.
O mundo foi criado por engano. Porque aquele que o criou queria fazê-lo imperecível e imortal. Ele não conseguiu realizar o seu desejo, pois o mundo nunca foi imperecível, e tampouco aquele que fez o mundo. Porque as coisas não são eternas, mas os filhos são. Nada será capaz de tornar-se eterno se não se tornar primeiramente um filho. Mas, ele que não tem a habilidade de receber, não será muito mais incapaz de dar?
O cálice da oração contém vinho e água, já que foi indicado para o tipo de sangue com o qual se realiza a ação de graça. Ele está pleno do Espírito Santo e pertence ao homem inteiramente perfeito. Quando bebermos deste cálice, receberemos o homem perfeito. A água viva é um corpo. Precisamos vestir-nos com o homem vivo. Portanto, quando ele está prestes a descer à água, despe-se para vestir-se com o homem vivo.
Um cavalo procria um cavalo, um homem gera um homem, um deus faz surgir um deus. Compare (o) noivo e a (noiva). Eles vieram do (...). Nenhum judeu (...) (...) existiu. E (...)

dos judeus. (...) cristãos, (...) estes (...) são referidos como "o povo escolhido de (...)," "o verdadeiro homem," "o filho do homem" e "a semente do filho do homem." Esta raça verdadeira é renomada no mundo ... em que os filhos da câmara nupcial moram.
Enquanto neste mundo a união é entre marido e mulher, um exemplo de força complementada pela fraqueza (?), no reino (eon) eterno, a forma de união é diferente, apesar de nos referirmos às duas pelo mesmo nome. Porém, existem outros nomes. Eles são superiores a todos os nomes indicados e são mais fortes do que o forte. Pois, quando ocorre uma demonstração de força, aparecem aqueles que se distinguem pela força. Estas coisas não são separadas, sendo ambas esta única coisa. Isto é aquilo que não será capaz de se elevar acima do coração de carne.
(pg 155) Não é preciso que aqueles que têm tudo conheçam a si mesmos? Alguns, de fato, que não conhecem a si mesmos, não serão capazes de gozar do que possuem.
Não só serão incapazes de deter o homem perfeito, mas não serão capazes de vê-lo, pois, se o virem, irão detê-lo. Não há outro meio para uma pessoa adquirir esta qualidade, exceto vestindo a luz perfeita (e) tornando-se também luz perfeita. Aquele que (a tiver vestido) entrará (...). Quem recebe tudo (...) deste lado (...) será capaz (...) aquele lugar, mas vai (... o meio) como imperfeito. Somente Jesus sabe o fim desta pessoa.
O sacerdote é inteiramente santo, até mesmo o seu corpo. Pois, se tomar o pão, o consagrará. Ele consagrará o cálice e tudo o mais que receber. Assim, como não vai consagrar o corpo também?
Ao aperfeiçoar a água do batismo, Jesus a esvaziou da morte. Assim descemos à água, mas não baixamos à morte para que não sejamos vertidos no espírito do mundo. Quando aquele espírito sopra, ele traz o inverno. Quando o Espírito Santo sopra, chega o verão.
Aquele que tem o conhecimento da verdade é um homem livre, porém o homem livre não peca, pois "aquele que peca é escravo do pecado" (Jo 8:34). A verdade é a mãe, o conhecimento o pai. Aqueles que pensam que o pecado não se aplica a eles são chamados de "livres" pelo mundo. "Conhecimento" da verdade "torna estas pessoas meramente arrogantes," que é o que as palavras "os tornam livres" significam. Isto lhes dá um sentimento de superioridade sobre todo o mundo. Mas "o amor constrói" (1 Co 8:1). Na verdade, aquele que, por meio do conhecimento, é realmente livre, torna-se um escravo, devido ao amor por aqueles que não foram ainda capazes de alcançar a liberdade do conhecimento. O conhecimento torna-os capazes de serem-se livres. O amor (nunca chama) algo de seu, (...) ele (...) possui (...). Ele nunca (diz, "Isto é seu") ou "Isto é meu," (mas, "Tudo isto) é seu."
O amor espiritual é vinho e fragrância. Todos que com ele se ungem se deleitam nisto. Enquanto aqueles que foram ungidos estiverem presentes, os que estão por perto também se aproveitam (da fragrância). Porém, quando os que foram ungidos com o ungüento se retirarem, deixando-os, então aqueles que não foram ungidos, mas estavam meramente por perto, permanecerão em meio a seu mau odor. O samaritano não deu ao homem ferido nada mais do que vinho e óleo. Isto nada mais é do que o ungüento, que cura as feridas, pois "o amor cobre inúmeros pecados" (1 Pe 4:8).
(pg 156) As crianças que uma mulher dá a luz se parecem com o homem que a ama. Se o seu marido a ama, então eles se parecem com seu marido. Se este for um adúltero, então elas se parecerão com o adúltero. Com freqüência, se uma mulher (adúltera) se deita com seu marido por conveniência, enquanto seu coração está com o amante, com quem ela geralmente tem relações, a criança que ela terá nascerá parecendo-se com o adúltero. Portanto, vós que viveis com o Filho de Deus, não ameis o mundo, mas sim o Senhor, para que os filhos que vierdes a engendrar não se parecem com o mundo, mas com o Senhor.
O ser humano tem relação sexual com um ser humano. O cavalo com um cavalo, um jumento com um jumento. Membros de uma raça geralmente se associam (com) pessoas da mesma raça. Assim o Espírito se mistura com o Espírito, o pensamento se relaciona com o pensamento, e a (luz) compartilha (com a luz. Se) nasceres como um ser humano, será (um ser humano) que te amará. Se te tornares (um espírito), será o Espírito que se unirá a ti. Se te tornares pensamento, será o pensamento que se associará contigo. Se te tornares luz, é a luz que compartilhará contigo. Se te tornares um daqueles que pertencem ao alto, são aqueles que pertencem ao alto que repousarão em ti. Se te tornares um cavalo, um jumento, um touro, um cão, uma ovelha ou qualquer outro animal que estão fora ou embaixo, então, nenhum ser humano, espírito, pensamento ou luz será capaz de amar-te. Nem os que pertencem ao alto nem os que pertencem ao interior serão capazes de repousar em ti, e não terás parte deles.
Aquele que é escravo contra o seu desejo será capaz de tornar-se livre. Aquele que se tornou livre devido ao favor de seu mestre, e depois vendeu-se como escravo novamente, não será mais capaz de ser livre.
A agricultura no mundo requer a cooperação de quatro elementos essenciais. A colheita será reunida no celeiro somente se houver a ação natural da água, da terra, do vento e da luz. A agricultura de Deus, da mesma forma, é baseada em quatro elementos: fé, esperança, amor e conhecimento. A fé é a terra em que fincamos raiz. A esperança é a água por meio da qual somos nutridos. Amor é o vento por meio do qual crescemos. O conhecimento, então, é a luz, por meio da qual (amadurecemos). A graça existe de (quatro maneiras: ela é) nascida da terra, é (celestial, ...) do mais alto céu, (...) no (...). Bem aventurado é aquele que em nenhuma ocasião causou a uma alma (...). Esta pessoa é Jesus Cristo. Ele foi a toda parte e não prejudicou

ninguém. Portanto, bem aventurado é aquele que age desta forma, porque é um homem perfeito. Pois a palavra (pg 157) nos diz que este tipo de homem é dificil de encontrar. Como seremos capazes de realizar uma coisa tão nobre? Como esta pessoa dará consolo a todos? Acima de tudo, não é apropriado causar tristeza a ninguém - seja importante ou modesto, crente ou sem crença - dando, então, consolo somente àqueles que se comprazem em boas ações. Alguns acham vantajoso proporcionar auxílio aos que fazem o bem. Aquele que faz boas ações não pode auxiliar tais pessoas, pois não se apega ao que gosta. Porém, é incapaz de causar tristeza, já que não aflige a ninguém. Na verdade, aquele que faz o bem, às vezes, causa tristeza aos outros -- não que seja sua intenção fazer isto -- ao contrário, é a própria maldade dos outros que é responsável pela tristeza que sentem. Aquele que tem as qualidades (do homem perfeito) confere alegria aos bons. Algumas pessoas, no entanto, sentem-se terrivelmente aflitas com tudo isto.

Havia um chefe de família que tinha todas as coisas imagináveis: filhos, escravos, gado, cachorros, porcos, milho, cevada, palha, pastagens, (...), carne e bolotas . (Ele era, porém,) uma pessoa sensata e conhecia o alimento de cada um. Servia pão às crianças (...). Servia farinha aos escravos (e ...). Lançava cevada, palha e capim ao gado. Dispensava ossos aos cachorros e bolotas e lavagem aos porcos. O mesmo ocorre com o discípulo de Deus: se ele for uma pessoa sensata compreende as necessidades do discipulado. As formas corporais não o enganarão, e ele examinará a condição da alma de cada um falando de acordo. Existem muitos animais no mundo que se apresentam de forma humana. Quando o discípulo os indentifica, lança bolotas aos porcos, cevada, palha e capim ao gado, ossos aos cães. Aos escravos proporcionará somente as lições elementares, às crianças oferecerá a instrução completa.

Existe o Filho do Homem e o filho do Filho do Homem. O Senhor é o Filho do Homem, e o filho do Filho do Homem é aquele que cria por meio do Filho do Homem. O Filho do Homem recebe de Deus a capacidade para criar. Ele também tem a capacidade para gerar. Aquele que recebeu a habilidade para criar é uma criatura. Aquele que recebeu a habilidade para gerar é um descendente. Aquele que cria não pode gerar. Aquele que gera não tem o poder de criar. É dito, no entanto, "Aquele que cria gera." Mas, a sua denominada "prole" é meramente uma criatura. Por causa da (...) do nascimento, eles não são seus descendentes mas (...). Aquele que cria trabalha abertamente e é visível. Aquele que gera o faz (em privacidade), ficando escondido, já (pg 158) que (...) imagem. Da mesma forma, aquele que cria (o faz) abertamente. Mas, o que gera (engendra) os filhos em privacidade. Ninguém (pode) saber quando (o marido) e a esposa têm relações sexuais, a não ser os dois. Realmente, o casamento no mundo é um mistério para os que assumiram uma esposa. Se existe uma qualidade oculta no casamento da corrupção, maior ainda será o verdadeiro mistério do matrimônio não profanado! Ele não é carnal mas puro. Não pertence ao desejo mas à vontade. Não pertence à escuridão nem à noite, mas ao dia e à luz. Quando um casamento está aberto ao público, tornou-se prostituição, e a noiva faz o papel de prostituta não só quando é inseminada por outro homem, mas ainda quando sai de seu quarto e é vista. Ela só deve mostrar-se a seu pai, sua mãe, ao amigo do noivo e aos filhos do noivo. A estes é permitido entrar todos os dias na câmara nupcial. Aos outros resta simplesmente ansiar por ouvir a voz da noiva e deleitar-se com seu bálsamo. Eles que se alimentem das migalhas que caem da mesa, como os cães. O noivo e a noiva pertencem à câmara nupcial. Ninguém poderá ver o noivo e a noiva, a menos que (torne-se) um com eles. Quando Abraão (...) que ele veria o que devia ver, (ele cortou) a carne do prepúcio, ensinando-nos que é apropriado destruir a carne.

(A maior parte das coisas) no mundo, enquanto suas (partes internas) estão ocultas, ficam de pé e vivem. (Se são reveladas), morrem, como é ilustrado pelo homem visível: (enquanto) os intestinos do homem estão escondidos, o homem está vivo; quando seus intestinos são expostos e saem de dentro dele, o homem morre. O mesmo ocorre com a árvore: enquanto a raiz está escondida ela brota e cresce. Se suas raizes são expostas, a árvore seca. Assim ocorre com todo nascimento no mundo, não só com o revelado, mas (também) com o oculto. Porque enquanto a raiz da maldade está escondida, esta permanece forte. Mas quando é reconhecida ela se dissolve. Quando é revelada ela morre. É por isto que a palavra disse: "O machado já está posto à raiz das árvores" (Mt 3:10). Ele não só cortará -- o que é cortado brota outra vez -- mas o machado penetra profundamente até trazer a raiz para fora. Jesus arrancou inteiramente a raiz de todas as coisas, enquanto outros só o fizeram parcialmente. Quanto a nós, que cada um cave em busca da raiz do mal que está dentro de si, e que ela seja arrancada do coração de cada um pela raiz. Ela será arrancada se nós a reconhecermos. Mas se a ignorarmos, o mal se enraizará em nós e produzirá seus frutos em nosso coração. Ele nos dominará. Seremos seus escravos. Ele nos mantém cativos, para que façamos o que não queremos e não façamos o que queremos. Ele é poderoso porque nós não o reconhecemos. Enquanto (existe) permanece ativo. A ignorância é a mãe de (todos os (pg 159) males). A ignorância resultará na (morte, porque) aqueles que vivem na ignorância não foram, não (são) nem serão. (...) será perfeito quando toda a verdade for revelada. Porque a verdade é como a ignorância: enquanto está escondida repousa em si mesma, mas quando é revelada e reconhecida, passa a ser louvada porque é mais forte do que a ignorância e o erro. Ela dá liberdade. A Palavra disse, "Se conhecerdes a verdade, a verdade vos libertará" (Jo 8:32). A ignorância é uma escrava. Conhecimento é liberdade. Se conhecermos a verdade,

encontraremos os frutos da verdade dentro de nós. Se nos unirmos com ela, nos trará a plenitude.
No momento temos as coisas manifestadas da criação. Dizemos, "Os fortes que são tidos em alta estima são grandes indivíduos. E os fracos que são desprezados são os obscuros." Contraste esta situação com as coisas manifestas da verdade: elas são fracas e desprezadas, enquanto as coisas ocultas são fortes e tidas em alta estima. Os mistérios da verdade são revelados, ainda que por meio de modelos e imagens. A câmara nupcial, no entanto, permanece oculta. É o santo do santo. O véu inicialmente ocultava (a forma) como Deus controla a criação, mas quando o véu é rasgado e as coisas interiores são reveladas, esta casa ficará desolada, ou melhor, será (destruída). E toda a deidade (inferior) fugirá daqui, mas não para os santos (dos) santos, porque não será capaz de se misturar com a (luz) pura e com a plenitude (perfeita), mas para baixo das asas da cruz (e debaixo) de seus braços. Esta arca será (sua) salvação quando a enchente das águas surgir sobre eles. Se alguns pertencem a ordem sacerdotal, serão capazes de retirar-se para dentro do véu com o sumo sacerdote. Por esta razão o véu não se rasgou somente no alto, pois neste caso estaria aberto somente para os do alto; nem foi rasgado somente em baixo, pois neste caso teria sido revelado somente para os de baixo. Mas foi rasgado de alto a baixo. Aqueles acima abriram para nós as coisas abaixo, para que pudéssemos penetrar o segredo da verdade. Isto realmente é o que é tido em alta consideração (e) que é forte! E iremos lá por meio de modelos inferiores e formas de fraqueza. Eles são realmente inferiores quando comparados com a glória perfeita. Há uma glória que ultrapassa a glória e um poder que ultrapassa o poder. Portanto, as coisas perfeitas se abriram para nós, juntamente com as coisas ocultas da verdade. O santo dos santos foi revelado, e a câmara nupcial nos convida a entrar.
Enquanto ela estiver escondida, a fraqueza é realmente ineficaz, pois ela não foi removida do âmago da semente do Espírito Santo. Eles são escravos do mal. Mas, quando ela for revelada, então, a luz perfeita vai brilhar sobre todos. E todos os que (pg 160) estiverem em seu bojo (receberão a crisma). Então, os escravos serão libertados, (e) os cativos serão resgatados.
"(Toda) planta (que) meu pai que está nos céus (não tiver) plantado será arrancada" (Mt 15:13). Aqueles que estiverem separados se unirão (...) e serão preenchidos. Quem (entrar) na câmara nupcial vai acender a (luz), porque (...) assim como nos casamentos que são (...) acontece a noite. Aquele fogo (...) só de noite e é apagado. Mas, por outro lado, os mistérios daquele casamento são aperfeiçoados de dia e sob a luz. Nem aquele dia nem sua luz jamais terminam. Se alguém tornar-se um filho da câmara nupcial, este receberá a luz. Se alguém não recebê-la enquanto estiver aqui, não será capaz de recebê-la no outro lugar. Quem receber aquela luz não será visto, nem poderá ser detido. E ninguém será capaz de atormentar uma pessoa como aquela, mesmo quando ela estiver vivendo no mundo. E também, quando se retirar do mundo, ela já terá recebido a verdade em imagens. O mundo tornou-se o reino (eon) eterno, porque o reino eterno é a plenitude para ela. E isto ocorre desta forma: é revelado a ela sozinha, não escondido na escuridão e à noite, mas escondido num dia perfeito e sob a luz sagrada.
Fonte: THE NAG HAMMADI LIBRARY
James M. Robinson (ed.)
Harper San Francisco, 1994, pg. 141-160
Tradução: Raul Branco
Revisão: Edilson Pedros

...

A HISTÓRIA DE JOSÉ O CARPINTEIRO

Narrada por Jesus a seus apóstolos

Quando nosso Salvador contou a vida de José, o Carpinteiro, a nós, os apóstolos, reunidos no monte das Oliveiras, nós escrevemos sua palavras e depois guardamo-las na biblioteca de Jerusalém. Além disso, deixamos consignado que o dia no qual o santo ancião separou-se do seu corpo: foi do dia 26 de Epep , na paz do Senhor. Amém.

I. Jesus Fala a Seus Apóstolos --Estava um dia nosso bom Salvador no monte das Oliveiras, com os discípulos a sua volta e dirigiu-se a eles com estas palavras:- Meus queridos irmãos, filhos de meu amado Pai, escolhidos por Ele entre todos do mundo! Bem sabeis o que tantas vezes vos repeti: é necessário que eu seja crucificado e que experimente a morte, que ressuscite de entre os mortos e que vos transmita a mensagem do Evangelho para que vós, de vossa parte, o pregueis por todo o mundo. Eu farei descer sobre vós uma força do alto, a qual vos impregnará com o Espírito Santo, para que vós, finalmente, pregueis para todas as pessoas desta maneira: fazei penitência! Porque vale mais um copo de água na vida vindoura do que todas as riquezas deste mundo. Vale mais pôr somente o pé na casa de meu Pai que toda a riqueza deste mundo. Mais ainda: vale mais uma hora de regozijo para os justos que mil anos para os pecadores, durante os quais hão de chorar e lamentar, sem que ninguém preste atenção nem console seus gemidos. Quando, pois, meus queridos amigos, chegue a hora de ir-vos, pregai, que meu Pai exigirá contas com balança justa e equilibrada e examinará até as palavras inúteis que possais haver dito. Assim como ninguém pode escapar à mão da morte, da mesma maneira ninguém pode subtrair-se de seus próprios atos, sejam eles bons ou maus. Além disso, vos tenho dito muitas vezes, e repito agora, que nenhum forte poderá salvar-se por sua própria força e nenhum rico, pelo tamanho da sua riqueza. E agora, escutai, que narrar-vos-ei a vida de meu pai José, o abençoado ancião carpinteiro.

II. Viuvez de José --Havia um homem chamado José, que veio de Belém, essa vila judia que é a cidade do rei Davi. Impunha-se pela sua sabedoria e pelo seu ofício de carpinteiro. Este homem, José, uniu-se em santo matrimônio com uma mulher que lhe deu filhos e filhas: quatro homens e duas mulheres, cujos nomes eram: Judas, Josetos, Tiago e Simão. Suas filhas chamavam-se Lísia e Lídia.
A esposa de José morreu, como está determinado que aconteça a todo o homem, deixando seu filho Tiago ainda menino de pouca idade. José era um homem justo e dava graças a Deus em todos os seus atos. Costumava viajar para fora da cidade com freqüência para exercer o ofício de carpinteiro, em companhia de dois de seus filhos mais velhos, já que vivia do trabalho de suas mãos, conforme o que estabelecia a lei de Moisés. Esse homem justo, de quem estou falando, é José, meu pai segundo a carne, com quem se casou na qualidade de consorte, minha mãe, Maria.

III. Maria no Templo --Enquanto meu pai José permanecia viúvo, minha mãe, a boa bendita entre as mulheres, vivia por sua parte no templo, servindo a Deus em toda a santidade. --Havia já completado doze anos. Passara os seus três primeiros anos na casa de seus pais e os nove restantes no templo do senhor. Ao ver que a santa donzela levava uma vida simples e plena de temos a Deus, os sacerdotes conservaram entre si e disseram:
- Busquemos um homem de bem e celebremos o casamento com ele, até que chegue o momento de seu matrimônio. Que não seja por descuido nosso que lhe sobrevenha o período da sua purificação no templo, nem que venhamos a incorrer em um pecado grave.

IV. Bodas de Maria e José --Convocaram, então, as tribos de Judá e escolheram entre elas doze homens, correspondendo ao número das doze tribos. A sorte recaiu sobre o bom velho José, meu pai, segundo a carne. Disseram os sacerdotes a minha mãe, a Virgem:

- Vai com José e permanece submissa a ele, até que chegue a hora de celebrar teu matrimônio. José levou Maria, minha mãe, para sua casa. Ela encontrou o pequeno Tiago na triste condição de órfão e o cobriu de carinhos e cuidados. Esta foi a razão pela qual a chamaram Maria, a mãe de Tiago. Depois de tê-la acomodado em sua casa, José partiu para o local onde exercia o ofício de carpinteiro. Minha mãe Maria viveu dois anos em sua casa, até que chegou o feliz momento.

V. A ENCARNAÇÃO --No décimo quarto ano de idade, Eu, Jesus, vossa vida, vim habitar nela por meu próprio desejo. Aos três meses de gravidez o solícito José voltou de suas ocupações. Ao encontrar minha mãe grávida, preso à turbação e ao medo, pensou secretamente em abandoná-la. Foi tão grande o desgosto, que não quis comer nem beber naquele dia.

VI. Visão de José --Eis, porém, que durante a noite, mandado por meu Pai, Gabriel, o arcanjo da alegria, apareceu-lhe numa visão e lhe disse:
- José, filho de Davi, não tenhas cuidado em admitir Maria, tua esposa, em tua companhia. Saberás que o que foi concebido em seu ventre é fruto do Espírito Santo. Dará, então, à luz um filho, a quem tu porás o nome de Jesus. Ele apascentará os povos com o cajado de ferro.
Dito isso, o anjo desapareceu. José, voltando do sono, cumpriu o que lhe havia sido ordenado, admitindo Maria consigo.

VII. Viagem a Belém --Então o imperador Augusto fez proclamar que todos deveriam

comparecer ao recenseamento, cada um conforme seu lugar de origem. Também o bom velho se pôs a caminho e levou Maria, minha virgem mãe, até a sua cidade de Belém.
Como o parto já estava próximo, ele fez o escriba anotar seu nome da seguinte maneira:
- José, filho de Davi, Maria, sua esposa, e seu filho Jesus, da tribo de Judá.
Maria, minha mãe, trouxe-me ao mundo quando retornava de Belém, perto do túmulo de Raquel, a mulher do patriarca Jacó, a mãe de José e Benjamim.

VIII. Fuga para o Egito --Satanás deu um conselho a Herodes, o Grande, pai de Arqueleu, aquele que fez decapitar meu querido parente João. Ele me procurou para tirar-me a vida, porque pensava que meu reino era deste mundo. Meu Pai manifestou isso a José, numa visão, e este pôs-se imediatamente em fuga levado consigo a mim e a minha mãe, em cujos braços eu ia deitado.
Salomé também nos acompanhava. Descemos até o Egito e ali permanecemos por um ano, até que o corpo de Herodes foi presa da corrupção, como castigo justo pelo sangue dos inocentes que ele havia derramado e dos quais já nem se lembrava.

IX. Retorno à Galiléia --Quando o iníquo Herodes deixou de existir, voltamos a Israel e fomos viver em uma vila da Galiléia chamada Nazaré. Meu pai José, o bendito ancião, continuava exercendo o ofício de carpinteiro, graças a que podíamos viver.
Jamais poder-se-á dizer que ele comeu seu pão de graça, mais sim que se conduzia de acordo com o prescrito na lei de Moisés.

X. Velhice de José --Depois de tanto tempo, seu corpo não se mostrava doente, nem tinha a vista fraca, nem havia sequer um só dente estragado em sua boca. Nunca lhe faltou a sensatez e a prudência e sempre conservou intacto o seu sadio juízo, mesmo já sendo um venerável ancião de cento e onze anos.

XI. Obediência de Jesus --Seus dois filhos Josetos e Simão casaram-se e foram viver em seus próprios lares. Da mesma forma, suas duas filhas casaram-se, como é natural entre os homens, e José ficou com o seu pequeno filho Tiago. Eu, da minha parte, desde que minha mãe trouxe-me a este mundo, estive sempre submisso a ele como um menino e fiz o que é natural entre os homens, exceto pecar.
Chamava Maria de minha mãe e José de meu pai. Obedecia-os em tudo o que me pediam, sem ter jamais me permitido replicar-lhes com uma palavra, mas sim mostrar-lhes sempre um grande carinho.

XII. Frente à Morte--Chegou, porém, para meu pai José, a hora de abandonar este mundo, que é a sorte de todo homem mortal.
Quando seu corpo adoeceu, veio um de Deus anjo anunciar-lhe:
- Tua morte dar-se-á neste ano. Sentindo sua alma cheia de turbação, ele fez uma viagem até Jerusalém, entrou no templo do Senhor, humilhou-se diante do altar e orou desta maneira:

XIII. ORAÇÃO de José --- Ó Deus, pai de toda misericórdia e Deus de toda carne, Senhor da minha alma, de meu corpo e do meu espírito! Se é que já se cumpriram todos os dias da vida que me deste neste mundo, rogo-te, Senhor Deus, que envies o arcanjo Micael para que fique do meu lado, até que minha desditada alma saia do corpo sem dor nem turbação. Porque a morte é para todos causa de dor e turbação, quer se trate de um homem, de um animal doméstico ou selvagem, ou ainda de um verme ou um pássaro. Em uma palavra, é muito dolorosa para todas as criaturas que vivem sob o céu e que alentam um sopro de espírito para suportar o transe de ver sua alma separada do corpo. Agora, meu Senhor, faz com que o teu anjo fique do lado da minha alma e do meu corpo e que esta recíproca separação se consuma sem dor. Não permitas que aquele anjo que me foi dado no dia em que saí de teu seio volte seu rosto irado para mim ao longo deste caminho que empreendi até vós, mas sim que ele se mostre amável e pacífico. Não permitas que aqueles cujas faces mudam dificultem a minha ida até vós. Não consintas que minha alma caia em mãos do cérbero e não me confundas em teu formidável tribunal.

...

APOCALIPSE DAS SEMANAS DE ENOCH

APOCALIPSE DAS SEMANAS

Livro de Enoch 93:1-10 , 91:11-17*
4 Qumran Henoc g (4Q212) III-IV § versão espanhol português E C M - enochm@terra.com.br 14/04/2001
Enoch relembrou seu discurso dizendo: "A propósito dos filhos da Justiça e acerca do Eleito do mundo, que havia crescido de uma planta de verdade e de justiça, eles falaram e deram a conhecer a mim Enoch, filhos meus, segundo o que me foi revelado todo o entendimento por uma visão celestial e pela voz dos anjos guardiães e dos santos. Nas tábuas celestiais é tudo lido e entendido ".
Continuou falando Enoch e disse: "Eu, Enoch, nasci o sétimo, na primeira semana, na época em que a justiça ainda era firme. Depois de mím, virá a segunda semana na que crescerá a mentira e a violência e durante ela terá lugar o primeiro Final, então, um homem será salvo. E quando esta semana haver acabado, a injustiça crescerá e Deus fará uma lei para os pecadores.
"Depois, haverá o final da terceira semana, um homem será eleito como planta de juízo justo, através do qual crescerá como planta de justiça para a eternidade. Logo, ao terminar a quarta semana, as visões dos santos e dos justos aparecerão e será preparada uma lei para gerações de gerações e um cercado.
"Depois, no final da quinta semana, uma casa de gloria e poder será edificada para a eternidade. Logo, na sexta semana, os que viverem durante ela serão cegados em seu coração, infielmente, se afastarão da sabedoria. Então um homem subirá ao céu no final desta semana, a casa de dominação será consumida pelo fogo e será dispersado todo a linhagem da raiz escolhida.
"Logo, na sétima semana surgirá uma geração perversa; numerosas serão suas obras, mas todas estarão no erro. E no final desta semana serão escolhidos os eleitos como testemunhas da verdade e da planta de justiça eterna. Lhes será dada sabedoria e conhecimento por setuplicado. Para eles executar o juízo arrancarão da raiz as causas da violência e nela a obra da falsidade.
"Depois disso virá a oitava semana, a da justiça, na qual se entregará uma espada a todos os justos para que julguem justamente aos opressores, que serão entregues em suas mãos. E ao final desta semana os justos adquirirão honestamente riquezas e será construído o templo da realeza de O Grande, em seu esplendor eterno, para todas as gerações.
"Após isto, na nona semana se revelarão a justiça e o juízo justo à totalidade dos filhos da terra inteira e todos os opressores desaparecerão totalmente da terra e serão lançados ao pouso eterno e todos os homens verão o caminho justo e eterno.
"Depois disso, na décima semana, em sua sétima parte, terá lugar o Juízo Eterno. Será o tempo do Grande Juízo e Ele executará a vingança no meio dos santos. Então o primeiro céu passará e aparecerá um novo céu e todos os poderes dos céus se levantarão brilhando eternamente sete vezes mais. E depois disso, haverá muitas semanas, cujo número nunca terá fim, nas quais se fará o bem e a justiça. O pecado já não será mencionado jamais."

O livro de Enoch é um texto apócrifo que é mencionado por algumas cartas do Novo Testamento (Judas, Hebreus e 2ª de Pedro). Até a elaboração da Vulgata, por volta do ano 400, os primeiros seguidores de Cristo o mencionavam abertamente em seus textos e o aceitavam como real. Após a Vulgata ele caiu no esquecimento. Entretanto, o livro é muito interessante e parece real. O livro de Enoch foi preservado somente em uma cópia, na totalidade, em etíope e, por esta razão, também é chamado de Enoch etíope. Este documento foi encontrado, incompleto, entre os Manuscritos do Mar Morto.

CAPITULO I - Profecias sobre o fim dos tempos

"1 - Eis as palavras de Enoch pelas quais abençoou os eleitos e os justos que viverão no tempo da aflição, quando serão reprovados todos os maus e ímpios. Enoch, homem justo que caminha diante do Senhor, quando seus olhos foram abertos, e quando contemplou uma santa visão nos céus, fala e pronuncia: Eis o que me mostram os anjos,
2 - Esses anjos me revelarão todas as coisas e me darão a inteligência do que jamais vi, que não deve ocorrer nesta geração, mas numa geração afastada, para o bem dos eleitos,
3 - Foi por eles que pude falar e conversar com aquele que deve deixar um dia sua celeste morada, o Santo e Todo-poderoso, o Senhor desse mundo,
4 - Que um dia deve pôr em convulsão o pico do monte Sinai, aparecer em seu tabernáculo e se manifestar com toda a força de sua celeste potência.
5 - Todos os vigilantes serão surpreendidos, todos ficarão consternados.
6 - Todos serão tomados pelo medo e pelo espanto, mesmo nas extremidades da terra. As altas montanhas serão sacudidas, as colinas elevadas serão diminuídas, escoar-se-ão diante de sua face como o círio diante da drama. A terra será submersa e tudo aquilo que a habitar, perecerá, ora, todos os seres serão julgados, mesmo os justos.
7 - Mas os justos obterão a paz, Ele conservará os eleitos e sobre eles exercerá sua clemência.
8 - Então tornar-se-ão a propriedade do Senhor Deus, e serão por Ele cumulados de felicidade e bênçãos; e o esplendor da Divindade os iluminará."

CAPITULO XLIV - Profecias sobre Jesus, os tempos atuais e a perseguição aos cristãos

1 - Lá, vi então o Ancião dos dias cuja cabeça estava como que coberta de lã branca e com ele, um outro, que tinha a figura de um homem. Esta

figura era plena de graça, como a de um dos santos anjos. Então interroguei a um dos anjos que estava comigo e que me explicou todos os mistérios relativos ao Filho do homem. Perguntei-lhe quem era ele, de onde vinha e porque acompanhava o Ancião dos Dias.
2 - Respondeu-me nessas palavras: "Este é o Filho do homem a quem toda justiça se refere, com quem ela habita, e que tem a chave de todos os tesouros ocultos; pois o Senhor dos espíritos o escolheu preferencialmente e deu-lhe glória acima de todas as criaturas.
3 - Esse Filho do homem que viste, arrancará reis e poderosos de seu sono voluptuoso, fá-los-á sair de suas terras inamovíveis, colocará freio nos poderosos, quebrará os dentes dos pecadores.
4 - Expulsará os reis de seus tronos e de seus reinos, porque recusam honrá-lo, de tornarem públicos seus louvores e de se humilharem diante daquele a quem todo reino foi dado. Colocará tormentos na raça dos poderosos; forçá-los-á a se deitarem diante dele. As trevas tornar-se-ão sua morada e os vermes serão os companheiros de sua cama; nenhuma esperança para eles de sair desse leito imundo, pois não consultaram o nome do Senhor dos espíritos.
5 - Desprezarão os astros do céu e elevarão as mãos contra o Todo-Poderoso; seus pensamentos serão voltados apenas para a terra na qual desejarão estabelecer sua morada eterna; e suas obras serão apenas obras de iniquidade. Colocarão suas alegrias em suas riquezas e sua confiança nos deuses fabricados por suas próprias mãos. Recusar-se-ão a invocar o Senhor dos espíritos, expulsá-lo-ão de seus templos.
6 - E os fiéis serão perseguidos pelo nome do Senhor dos espíritos.

CAPITULO XLV - Profecias sobre o julgamento
1 - Nesse dia, as preces dos santos subirão da terra até ao pé do trono do Senhor dos espíritos.
2 - Nesse dia, os santos que habitam nos céus se reunirão e com voz unânime, rezarão, suplicarão, celebrarão, louvarão, exaltarão o nome do Senhor dos espíritos, pelo sangue dos justos, espalhado por ele; e essas preces dos justos elevar-se-ão incessantemente ao trono do Senhor dos espíritos, a fim de que lhes faça justiça, e que sua paciência pelos maus não seja eterna.
3 - Nesse tempo, vi o Ancião dos dias, sentado no trono de sua glória. 0 livro da vida estava aberto diante dele e todas as potências do céu se mantinham curvadas diante dele e ao seu redor.
4 - Então os corações dos santos estavam inundados de alegria, porque o tempo da justiça era chegado, a prece dos santos havia sido ouvida e o sangue dos justos havia sido apreciado pelo Senhor dos espíritos.

...

ATOS DE JOÃO

INTRODUÇÃO

Atos de João faziam parte das obras usadas pelos maniqueus no fim do século IV. Há indícios de terem sido compostos em Edessa, no final do século II d.C., em conjunto com Atos de Pedro, Paulo, André e Tomé, por um autor de nome Leucius Charinus, que viveu na Síria e teria sido discípulo de João. O Texto obedece às linhas mestras do Gnosticismo, nele encontramos uma passagem de rara beleza, trata-se do Hino anterior à Paixão.
É interessante antes de ler esse texto que você pegue um exemplar da Bíblia cristã, em Mateus 26, comece a lendo os versículos 26, 27,28,29, ao iniciar a leitura do versículo 30, você notará a falta de referencias aos salmos cantados pelos apóstolos. Pois bem, Atos de João nos revela esta fabulosa canção.

Este escrito, que você verá a seguir, foi duplamente condenado, tanto pelo papa Leão I(440-461 d.C.) quanto pelo Concílio de Bispo de Nicéia (787 d.C.). Foi proibida sua reprodução e determinada sua destruição pelo fogo.

A tradução do evangelho de João foi baseada na Evangiles Apocryphes, páginas 157 à 179 de F.Amiort. E da obra de Mario Erbetta, in Gli Apocrifi del Nouvo Testamento.
EVANGELHO DE JOÃO
EVANGELHO CRISTÃO
(ver Bíblia; MATEUS, 26: versículos 26 a 29)
26 Enquanto comiam, tomou Jesus o pão e depois de pronunciar a benção, partiu-o e deu a Seus discípulos, dizendo: 27 "Tomai e comei: Isto é o Meu corpo". Tomou em seguida um cálice em Suas mãos, deu graças e o entregou dizendo: "Bebei dele todos. 28 Porque este é Meu sangue, sangue da aliança, que vai ser derramado por muitos para a remissão dos pecados. 29 Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira até ao dia em que o hei-de beber de novo convosco no reino de Meu pai.

EVANGELHO GNÓSTICO DE JOÃO

Atos de João - Complemento de Mateus 26, versículos 29A até 30.
Antes que fosse preso pelo julgamento dos Judeus, O Mestre nos reuniu a todos e disse: "Antes que eu seja entregues a eles, cantaremos um hino ao Pai e, em seguida, iremos ao encontro daquilo que nos espera".
Ele pediu que nos déssemos as mãos em roda e colocando-se no meio, disse:"Respondei-me Amém."
Começou, então a cantar um hino que dizia: "Gloria ao Pai". E nós ao redor lhe respondíamos: "Amém".
"Glória á Graça; glória ao Espírito; glória ao Santo; glória a sua glória".- Amém.
"Nós o louvamos, ó Pai; nós lhe damos graças, ó Luz em que não habita as trevas".- Amém.
"Agora direi porque damos graças:"
"Devo ser salvo e salvarei." - Amém.
"Devo ser liberto e libertarei."-Amém.
"Devo ser gerado e gerarei."-Amém.
"Devo ouvir e serei ouvido."-Amém.
"Devo ser lembrado e sempre lembrarei."-Amém.
"Devo ser lavado e lavarei."-Amém.
"A Graça dança em conjunto, eu devo tocar a flauta, dançai todos."-Amém.
"O reino dos anjos cantam louvores conosco."-Amém
"Ao universo pertence àquele que participa da dança."-Amém.
"Quem participa da dança, não sabe o que vai acontecer."-Amém.
"Devo ir mas vou ficar."-Amém.
"Devo honrar e devo ser honrado."-Amém.
"Não tenho morada mas estou em todas os lugares."-Amém.
"Não tenho templo mas estou em todos os templos."-Amém.
"Sou um espelho para aquele que me contempla."-Amém.
"Sou uma porta para aquele que bate."Amém.
"Sou um caminho para ti que passa."Amém.
"Se seguires minha dança, compreendes o que falo, guarda silêncio sobre meus mistérios."
"Tu, que participa da dança, compreende o que faço, pois a ti pertence esse sofrimento.!
"Tu não poderia de maneira alguma compreender o que sofre, se Eu não tivesse sido enviado como Logos do Pai."
"Viste o que sofro, me viste sofrendo, e não ficaste incessível, mas sim profundamente perturbado."
"Tu, que pela perturbação alcançaste a sabedoria, tens em mim um leito: repousa em mim."
"Saberás quem sou quando Eu tiver partido. O que pareço ser agora, não sou. Tu verás quando vieres."
"Se soubesse como sofrer, seria capaz de não sofrer mais. Aprende a sofrer e tornar-te-ás capaz de não mais sofrer."
"O que não sabes, eu mesmo vou ensinar. Sou teu Deus. Quero andar no mesmo ritmo das almas santas. Aprende comigo a palavra da sabedoria."
"Dize-me de novo: Glória ao Pai; glória ao Logo; glória ao Espírito Santo.
"Tu queres saber o que sou? Com a palavra revelei tudo, e não fui de modo algum revelado."
"Compreende bem: Eu estarei aqui. Quando tiveres compreendido, diz: Glória ao Pai !"-Amém.
EVANGELHO CRISTÃO, MATEUS 26 versículo 30
30 Depois do Canto dos Salmos, saíram para o monte as Oliveiras.

...

A SENTENÇA CONDENATÓRIA DE JESUS CRISTO

Esta sentença encontra-se gravada numa placa de cobre e, em ambos os lados, lê-se estas palavras: "uma placa igual foi encaminhada para cada Tribo".
Foi encontrada dentro de um antigo vaso de mármore branco durante escavações realizadas em Áquila, reino de Nápoles, no ano de 1820, pelos comissionários de artes que acompanhavam o exército francês, após a expedição de Napoleão.
O vaso encontrava-se dentro de uma caixa de ébano na sacristia dos Cartuxos, próximo a Nápoles; atualmente encontra-se na Capela de Caserte.
A tradução a seguir, feita a partir do original em hebraico, foi realizada pelos membros da Comissão de Artes. Após muitas súplicas, os Cartuxos conseguiram que a referida placa não fosse levada [para a França], como reconhecimento dos inúmeros serviços que prestaram ao exército francês.

A SENTENÇA

No ano dezessete do império de Tibério César, a vinte e cinco do mês de março, na Santa Cidade de Jerusalém, sendo sacerdotes e sacrificadores de Deus Anás e Caifás, Pôncio Pilatos, governador da baixa Galiléia, sentado na cadeira principal do pretório, Sentencia:
Jesus de Nazaré a morrer em uma cruz, com outros dois ladrões, afirmando os grandes e notórios testemunhos do povo que: Jesus é sedutor. É sedioso. É inimigo da lei. Chama-se falsamente Filho de Deus.
Chama-se falsamente Rei de Israel. Entrou no Templo, seguido por uma multidão com palmas na mão. Manda ao primeiro centurião, Quirilino Cornélio, que o conduza ao local de suplício. Fica proibido a qualquer pessoa, pobre ou rica, impedir a morte de Jesus.

As testemunhas que firmam a sentença contra Jesus são: Daniel Robian, fariseu. Joannas Zorobatel. Rafael Robani. Capeto, homem público. Jesus sairá da cidade de Jerusalém pela porta de Estruene.

...

APÓCRIFOS NA BÍBLIA CATÓLICA

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

Capítulo 1
1 Ora, aconteceu que, já senhor da Grécia, Alexandre, filho de Filipe da Macedônia, oriundo da terra de Cetim, derrotou também Dario, rei dos
persas e dos medos e reinou em seu lugar.
2 Empreendeu inúmeras guerras, apoderou-se de muitas cidades e
matou muitos reis.
3 Avançou até os confins da terra e apoderou-se das riquezas de vários
povos, e diante dele silenciou a terra. Tornando-se altivo, seu coração
ensoberbeceu-se.
4 Reuniu um imenso exército,
5 impôs seu poderio aos países, às nações e reis, e todos se tornaram
seus tributários.
6 Enfim, adoeceu e viu que a morte se aproximava.
7 Convocou então os mais considerados dentre os seus cortesãos,
companheiros desde sua juventude, e, ainda em vida, repartiu entre
eles o império.
8 Alexandre havia reinado doze anos ao morrer.
9 Seus familiares receberam cada qual seu próprio reino.
10 Puseram todos o diadema depois de sua morte, e, após eles, seus
filhos durante muitos anos; e males em quantidade multiplicaram-se
sobre a terra.
11 Desses reis originou-se uma raiz de pecado: Antíoco Epífanes, filho
do rei Antíoco, que havia estado em Roma, como refém, e que reinou no
ano cento e trinta e sete do reino dos gregos.
12 Nessa época saíram também de Israel uns filhos perversos que
seduziram a muitos outros, dizendo: Vamos e façamos alianças com os
povos que nos cercam, porque, desde que nós nos separamos deles,
caímos em infortúnios sem conta.
13 Semelhante linguagem pareceu-lhes boa,
14 e houve entre o povo quem se apressasse a ir ter com o rei, o qual
concedeu a licença de adotarem os costumes pagãos.
15 Edificaram em Jerusalém um ginásio como os gentios, dissimularam
os sinais da circuncisão, afastaram-se da aliança com Deus, para se
unirem aos estrangeiros e venderam-se ao pecado.
16 Quando seu reino lhe pareceu bem consolidado, concebeu Antíoco o
desejo de possuir o Egito, a fim de reinar sobre dois reinos.
17 Entrou, pois, no Egito com um poderoso exército, com carros,
elefantes, cavalos e uma numerosa esquadra.
18 Investiu contra Ptolomeu, rei do Egito, o qual, tomado de pânico,
fugiu. Foram muitos os que sucumbiram sob seus golpes.
19 Tornou-se ele senhor das fortalezas do Egito, e apoderou-se das
riquezas do país.

3
apoderaram-se dos rebanhos. ameaça.
20 Após ter derrotado o Egito, pelo ano cento e quarenta e três,
regressou Antíoco e atacou Israel, subindo a Jerusalém com um forte
exército.
21 Penetrou cheio de orgulho no santuário, tomou o altar de ouro, o
candelabro das luzes com todos os seus pertences,
22 a mesa da proposição, os vasos, as alfaias, os turíbulos de ouro, o
véu, as coroas, os ornamentos de ouro da fachada, e arrancou as embutiduras.
23 Tomou a prata, o ouro, os vasos preciosos e os tesouros ocultos que
encontrou.
24 Arrebatando tudo consigo, regressou à sua terra, após massacrar
muitos judeus e pronunciar palavras injuriosas
25 Foi isso um motivo de desolação em extremo para todo o Israel.
26 Príncipes e anciãos gemeram, jovens e moças perderam sua alegria
e a beleza das mulheres empanou-se.
27 O recém-casado lamentava-se, e a esposa chorava no leito nupcial.
28 A própria terra tremia por todos os seus habitantes e a casa de Jacó
cobriu-se de vergonha.
29 Dois anos após, Antíoco enviou um oficial a cobrar o tributo nas
cidades de Judá. Chegou ele a Jerusalém com uma numerosa tropa;
30 dirigiu-se aos habitantes com palavras pacíficas, mas astuciosas, nas
quais acreditaram; em seguida lançou-se de improviso sobre a cidade, pilhou-a seriamente e matou muita gente.
31 Saqueou-a, incendiou-a, destruiu as casas e os muros em derredor.
32 Seus soldados conduziram ao cativeiro as mulheres e as crianças e
33 Cercaram a Cidade de Davi com uma grande e sólida muralha, com
possantes torres, tornando-se assim ela sua fortaleza.
34 Instalaram ali uma guarnição brutal de gente sem leis, fortificaramse aí;
35 e ajuntaram armas e provisões. Reunindo todos os espólios do saque
de Jerusalém, ali os acumularam. Constituíram desse modo uma grande
36 Serviram de cilada para o templo, e um inimigo constantemente
incitado contra o povo de Israel,

37 derramando sangue inocente ao redor do templo e profanando o santuário.
38 Por causa deles, os habitantes de Jerusalém fugiram, e só ficaram lá os estrangeiros. Jerusalém tornou-se estranha a seus próprios filhos e estes a abandonaram.
39 Seu templo ficou desolado como um deserto, seus dias de festa se transformaram em dias de luto, seus sábados, em dias de vergonha, e sua glória em desonra.
40 Quanto fora ela honrada, agora foi desprezada, e sua exaltação

4
converteu-se em tormento.
41 Então o rei Antíoco publicou para todo o reino um edito, prescrevendo que todos os povos formassem um único povo e
42 que abandonassem suas leis particulares. Todos os gentios se conformaram com essa ordem do rei, e
43 muitos de Israel adotaram a sua religião, sacrificando aos ídolos e violando o sábado.
44 Por intermédio de mensageiros, o rei enviou, a Jerusalém e às cidades de Judá, cartas prescrevendo que aceitassem os costumes dos outros povos da terra,
45 suspendessem os holocaustos, os sacrifícios e as libações no templo, violassem os sábados e as festas,
46 profanassem o santuário e os santos,
47 erigissem altares, templos e ídolos, sacrificassem porcos e animais imundos,
48 deixassem seus filhos incircuncidados e maculassem suas almas com toda sorte de impurezas e abominações, de maneira
49 a obrigarem-nos a esquecer a lei e a transgredir as prescrições.
50 Todo aquele que não obedecesse à ordem do rei seria morto.
51 Foi nesse teor que o rei escreveu a todo o seu reino; nomeou comissários para vigiarem o cumprimento de sua vontade pelo povo e coagirem as cidades de Judá, uma por uma, a sacrificar.
52 Houve muitos dentre o povo que colaboraram com eles e abandonaram a lei. Fizeram muito mal no país, e
53 constrangeram os israelitas a se refugiarem em asilos e refúgios ocultos.
54 No dia quinze do mês de Casleu, do ano cento e quarenta e cinco, edificaram a abominação da desolação por sobre o altar e construíram altares em todas as cidades circunvizinhas de Judá.
55 Ofereciam sacrifícios diante das portas das casas e nas praças públicas,
56 rasgavam e queimavam todos os livros da lei que achavam;
57 em toda parte, todo aquele em poder do qual se achava um livro do testamento, ou todo aquele que mostrasse gosto pela lei, morreria por ordem do rei.
58 Com esse poder que tinham, tratavam assim, cada mês, os judeus que eles encontravam nas cidades
59 e, no dia vinte e cinco do mês, sacrificavam no altar, que sobressaía ao altar do templo.
60 As mulheres, que levavam seus filhos a circuncidar, eram mortas conforme a ordem do rei,
61 com os filhos suspensos aos seus pescoços. Massacravam-se também seus próximos e os que tinham feito a circuncisão.
62 Numerosos foram os israelitas que tomaram a firme resolução de não comer nada que fosse impuro, e preferiram a morte antes que se manchar com alimentos;
63 não quiseram violar a santa lei e foram trucidados.
64 Caiu assim sobre Israel uma imensa cólera.

Capítulo 2

1 Foi nessa época que se levantou Matatias, filho de João, filho de Simeão, sacerdote da família de Joarib, que veio de Jerusalém se estabelecer em Modin.
2 Tinha ele cinco filhos: João, apelidado Gadis,
3 Simão, alcunhado Tasi,
4 Judas, chamado Macabeu,
5 Eleazar, cognominado Avarã, e Jônatas, chamado Afos.
6 Vendo as abominações praticadas em Judá e em Jerusalém, exclamou: Ai de mim, por que nasci eu, para ver a ruína de meu povo e da cidade santa,
7 e ficar sem fazer nada, enquanto ela é entregue ao poder de seus inimigos
8 e seu centro religioso abandonado aos estrangeiros? Seu templo tornou-se como um homem desonrado
9 e os vasos sagrados, que eram o motivo de seu orgulho, levados como para um cativeiro; seus filhos foram trucidados nas ruas e os seus jovens sucumbiram ao gládio do inimigo.
10 Que povo há que não tenha herdado de seus atributos reais, que não se tenha apoderado dos seus despojos?
11 Toda a sua glória desapareceu e, de livre que era, tornou-se escrava.
12 Eis que tudo o que tínhamos de sagrado, de belo, de glorioso, foi assolado e profanado pelas nações.
13 Por que viver ainda?
14 Matatias e seus filhos rasgaram suas vestes, cobriram-se de sacos, e choravam amargamente.

5

15 Sobrevieram enviados do rei a Modin, para impor a apostasia e
obrigar a sacrificar.
16 Muitos dos israelitas uniram-se a eles, mas Matatias e seus filhos permaneceram firmes.
17 Em resposta disseram-lhe os que vinham da parte do rei: Possuis
nesta cidade notável influência e consideração, teus irmãos e teus filhos
te dão autoridade.
18 Vem, pois, como primeiro, executar a ordem do rei, como o fizeram
todas as nações, os habitantes de Judá e os que ficaram em Jerusalém.
Serás contado, tu e teus filhos, entre os amigos do rei; a ti e aos teus
filhos o rei vos honrará, cumulando-vos de prata, de ouro e de

6
altar.
presentes.
19 Matatias respondeu-lhes: Ainda mesmo que todas as nações que se
acham no reino do rei o escutassem, de modo que todos renegassem a
fé de seus pais e aquiescessem às suas ordens,
20 eu, meus filhos e meus irmãos, perseveraremos na Aliança concluída
por nossos antepassados.
21 Que Deus nos preserve de abandonar a lei e os mandamentos!
22 Não obedeceremos a essas ordens do rei e não nos desviaremos de
nossa religião, nem para a direita, nem para a esquerda.
23 Mal acabara de falar, eis que um judeu se adiantou para sacrificar no
altar de Modin, à vista de todos, conforme as ordens do rei.
24 Viu-o Matatias e, no ardor de seu zelo, sentiu estremecerem-se suas
entranhas. Num ímpeto de justa cólera arrojou-se e matou o homem no
25 Matou ao mesmo tempo o oficial incumbido da ordem de sacrificar e
demoliu o altar.
26 Com semelhante gesto mostrou ele seu amor pela lei, como agiu
Finéias a respeito de Zamri, filho de Salum.
27 Em altos brados Matatias elevou a voz então na cidade: Quem for fiel
à lei e permanecer firme na Aliança, saia e siga-me.
28 Assim, com seus filhos, fugiu em direção às montanhas,
abandonando todos os seus bens na cidade.
29 Então, uma grande parte dos que procuravam a lei e a justiça,
encaminhou-se para o deserto.
30 Ali refugiaram-se, com seus filhos, suas mulheres e seus rebanhos,
porque a perseguição se encarniçava contra eles.
31 Contaram aos oficiais do rei e às forças acantonadas em Jerusalém,
na cidadela de Davi, que certo número de judeus, culpáveis de terem
transgredido a ordem real, havia descido ao deserto, para ali se ocultar
e que muitos se haviam precipitado em seu seguimento.
32 Os sírios arremessaram-se ao encalço deles e os alcançaram, depois
se prepararam para agredi-los no dia de sábado.
33 Isso basta, agora, gritaram-lhes eles, saí, obedecei à ordem do rei, e
vivereis.
34 Não sairemos, replicaram os judeus, e nem obedeceremos ao rei,
com a profanação do dia de sábado.
35 Instantaneamente os sírios travaram combate contra eles;
36 mas eles não responderam, não atiraram uma pedra e não
barricaram seu refúgio.
37 Que morramos todos inocentes! O céu e a terra nos servirão de
testemunha, de que nos matais injustamente.
38 E foi assim que os inimigos se lançaram sobre eles em dia de
sábado, morrendo eles, suas mulheres e seus filhos, com seu gado, em
número de mil.

7
altares e
39 Matatias e seus amigos o souberam e comoveram-se muito;
40 mas disseram uns aos outros: Se todos nós agirmos como nossos
irmãos, e se não pelejarmos contra os estrangeiros para pormos a salvo
nossas vidas e nossas leis, exterminar-nos-ão bem depressa da terra.
41 Tomaram, pois, naquele dia a seguinte resolução: Mesmo que nos
ataquem em dia de sábado, pugnaremos contra eles e não nos
deixaremos matar a todos nós, como o fizeram nossos irmãos no seu
esconderijo.
42 Então se ajuntou a eles o grupo dos judeus assideus, particularmente
valentes em Israel, apegados todos à lei;
43 e todos os que fugiam das perseguições se ajuntaram do mesmo
modo a eles e os reforçaram.
44 Formaram, pois, um exército e na sua ira e indignação massacraram
certo número de prevaricadores e de traidores da lei; os outros
procuraram refúgio junto aos estrangeiros.
45 Assim Matatias e seus amigos percorreram o país, destruíram os
46 circuncidaram à força as crianças, ainda incircuncisas nas fronteiras
de Israel,
47 e perseguiram os sírios orgulhosos. Sua empresa alcançou bom
êxito.
48 Arrancaram a lei do poder dos gentios e dos reis, e não permitiram
que prevalecesse o mal.

49 Ora, chegou para Matatias o dia de sua morte e ele disse a seus
filhos: O que domina até este momento é o orgulho, o ódio, a desordem
e a cólera.
50 Sede, pois, agora, meus filhos, os defensores da lei e dai vossa vida
pela Aliança de vossos pais.
51 Recordai-vos dos feitos de vossos maiores em seu tempo, e
merecereis uma grande glória e um nome eterno.
52 Porventura, não foi na prova que Abraão foi achado fiel? E não lhe foi
isso imputado em justiça?
53 José observou os mandamentos na sua desgraça e veio a ser o
senhor do Egito.
54 Finéias, nosso antepassado, por ter sido inflamado de zelo, recebeu a
promessa de um perpétuo sacerdócio.
55 Josué, cumprindo a palavra de Deus, veio a ser juiz em Israel.
56 Caleb deu testemunho na assembléia e herdou a terra.
57 Por todos os séculos, em vista de sua piedade, mereceu Davi o trono
real.
58 Porque ardia em zelo pela lei, Elias foi arrebatado ao céu.
59 Ananias, Azarias e Mizael foram salvos das chamas por terem tido fé.
60 Daniel, na sua retidão, foi livre da boca dos leões.
61 Recordai-vos assim, de geração em geração, de que todos os que

esperam em Deus não desfalecem.
62 Não receeis as ameaças do pecador, porque sua glória chega à lama
e aos vermes:
63 hoje ele se eleva e amanhã desaparece, porque tornará ao pó, e
seus planos são frustrados.
64 Quanto a vós, meus filhos, sede corajosos e destemidos em observar
a lei, porque por ela chegareis à glória.
65 Aqui tendes Simão, irmão vosso, eu sei que ele é homem de
conselho, ouvi-o sempre e será para vós um pai.
66 Judas Macabeu, bravo desde a juventude: será o general do exército
e dirigirá a guerra contra os gentios.
67 Atraireis a vós todos os que observam a lei e vingareis vosso povo.
68 Pagai aos gentios o que nos fizeram e atendei aos preceitos da lei.
69 Depois disso abençoou-os e foi unir-se aos seus pais.
70 Morreu no ano cento e quarenta e seis. Seus filhos sepultaram-no em
Modin, entre as sepulturas de seus antepassados, e todo o Israel o
chorou dolorosamente.

Capítulo 3

1 Seu filho Judas, cognominado Macabeu, ficou em seu lugar.
2 Todos os seus irmãos o auxiliaram, bem como todos os que se tinham
unido a seu pai, aceitando generosamente a promessa de combater por
Israel.
3 Dilatou a glória do povo; revestiu-se com a couraça como um gigante,
cingiu-se com as armas de guerra, e empenhava-se nos combates,
protegendo seu exército com sua espada.
4 Assemelhava-se nas ações a um leão, e parecia um leãozinho que
ruge na caçada.
5 Perseguia e rebuscava com cuidado os traidores e lançava ao fogo os
que perseguiam seu povo.
6 Os maus recuavam diante dele transidos de medo, tremiam os que
praticavam o mal e a salvação do povo firmava-se em suas mãos.
7 Seus feitos exasperavam os reis, mas alegravam Jacó, e sua memória
permaneceu eternamente bendita.
8 Percorreu as cidades expulsando de Judá os ímpios, desviando assim
de Israel a cólera divina.
9 Seu nome foi pronunciado até as extremidades da terra, e ele
conseguiu a adesão daqueles que estavam a ponto de perecer.
10 Aconteceu que Apolônio convocou os gentios e, de Samaria, partiu
com um grande exército para pelejar contra Israel.
11 Soube-o Judas, saiu-lhe ao encontro, venceu-o e o matou; muitos
caíram aos seus golpes e os restantes puseram-se em fuga.

12 Apoderou-se dos espólios, tomou a espada de Apolônio, e desde
então usava-a sempre nos combates.
13 Seron, general do exército sírio, veio a saber que Judas cercara-se
de soldados fiéis convocados e que ele os levara ao combate.
14 Tornar-me-ei célebre, disse ele, e cobrir-me-ei de glória no reino,
vencerei Judas com seus correligionários, que se opõem às ordens reais.
15 Armou-se ele para a guerra. Um poderoso exército de ímpios
marchou com ele, para reforçar e tomar vingança dos filhos de Israel.
16 Avançaram até a muralha de Betoron e Judas, seguido de poucos
homens, foi-lhe ao encontro.
17 Mas à vista do exército que vinha contra eles, os companheiros de
Judas disseram-lhe: Como poderemos enfrentar tamanho exército, se
somos tão poucos, tanto mais que nos sentimos fracos, porque hoje
nada temos comido?
18 É fácil, respondeu Judas, a um punhado de gente fazer-se respeitar
por muitos; para o Deus do céu não há diferença entre a salvação de
uma multidão e de um punhado de homens,

19 porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que desce do céu.
20 Esta gente vem contra nós, com insolência e orgulho, para nos aniquilar, juntamente com nossas mulheres e nossos filhos, e para nos despojar;
21 nós, porém, lutamos por nossas vidas e nossas leis.
22 O próprio Deus os esmagará aos nossos olhos. Não os temais.
23 E logo que cessara de falar, arrojou-se Judas com rapidez sobre os inimigos, e Seron diante dele foi derrotado com seu exército;
24 e Judas o perseguiu na descida de Betoron até a planície. Morreram cerca de oitocentos sírios e os restantes fugiram para a terra dos filisteus.
25 E foi assim que se espalhou o terror de Judas e dos seus irmãos e todos os povos das vizinhanças encheram-se de consternação.
26 Seu nome chegou aos ouvidos do rei, e todas as nações comentaram os feitos heróicos de Judas.
27 Quando o rei Antíoco soube dessas novas, encolerizou-se terrivelmente, reuniu todas as forças do reino, de que formou um exército poderosíssimo.
28 Abriu seu tesouro, e deu ao exército o soldo de um ano com a ordem de estarem prontos para qualquer eventualidade.
29 No entanto viu que lhe faltava dinheiro no tesouro e que os tributos do território eram deficientes em vista das perturbações e da maldade que havia provocado, suprimindo em toda a parte as instituições em vigor, desde outrora.
30 Receou, portanto, não poder pagar as despesas, como fizera já uma ou duas vezes, e outorgar as liberalidades, que distribuía em certo

10
Emaús e penetraram nela. tempo com mão generosa, porque excedia em liberalidade a todos os reis, seus predecessores.
31 Profundamente consternado, resolveu ir à Pérsia cobrar os tributos dessas regiões e ajuntar muito dinheiro.
32 Deixou Lísias, pessoa de relevo, de linhagem real, para dirigir os negócios do reino, do Eufrates às fronteiras do Egito,
33 e ocupar-se, até sua volta, de seu filho Antíoco.
34 Deixou-lhe a metade do exército do reino, com os elefantes, e deulhe as instruções referentes à execução de suas vontades, especialmente o que dizia respeito aos habitantes da Judéia e de Jerusalém:
35 ele devia enviar um exército contra eles, para destruir e aniquilar o poderio de Israel e o que restava de Jerusalém, e apagar desses lugares até a sua lembrança
36 e estabelecer em todos os seus confins estrangeiros, aos quais distribuiria por meio de sorte as terras.
37 O rei tomou a outra metade do exército, partiu de Antioquia, capital de seu reino, pelo ano cento e quarenta e sete, passou o Eufrates e atravessou as terras superiores.
38 Lísias escolheu Ptolomeu, filho de Dorímino, Nicanor e Górgias, valorosos generais e familiares do rei;
39 enviou com estes quarenta mil homens e sete mil cavaleiros para invadir e devastar o país de Judá, conforme a ordem do rei.
40 Postos a caminho com todas essas tropas, chegaram à planície de
41 Quando os mercadores ouviram falar deles, tomaram muita prata e ouro e se dirigiram com peias ao campo para comprar os filhos de Israel como escravos. Exércitos da Síria, bem como do estrangeiro, vieram juntar-se a eles.
42 Judas e seus irmãos viram que a situação era grave e que as forças inimigas acampavam dentro de suas fronteiras. Sabendo também como o rei havia ordenado de tratar o povo para destruí-lo e exterminá-lo,
43 disseram uns aos outros: Levantemos nossa pátria de seu abatimento e lutemos por nosso povo e nossa religião.
44 Convocaram então toda a gente, a fim de se prepararem para a luta, de rezarem, de implorarem piedade e misericórdia de Deus.
45 Porquanto Jerusalém estava desabitada e deserta: não havia um só de seus filhos que nela entrasse ou dela saísse. Seu santuário estava profanado, soldados estrangeiros ocupavam a cidadela, gentios faziam ali sua habitação. Toda a alegria havia desaparecido de Jacó; a flauta e a harpa estavam caladas.
46 Os israelitas se ajuntaram, pois, e se dirigiram a Masfa, defronte de Jerusalém, porque tinham tido outrora, em Masfa, um lugar de oração.
47 Jejuaram aquele dia, vestiram-se com sacos, cobriram a cabeça com

11
cinza e rasgaram suas vestes.
48 Abriram um dos livros da Lei, para ler nele o que os gentios perguntavam às representações de seus falsos deuses;
49 trouxeram os ornamentos sacerdotais, as primícias e os dízimos e

mandaram vir os nazarenos que haviam cumprido o tempo de seu voto;
50 em seguida sua voz se elevou com força ao céu: Que havemos nós
de fazer destas ofertas e para onde vamos nós levá-las?
51 Vosso santuário está profanado e manchado, vossos sacerdotes
estão em luto e na humilhação,
52 as nações se coligaram para nos aniquilar e vós sabeis o que elas
tramam contra nós.
53 Como resistir diante deles, se vós não vierdes em nosso auxílio?
54 Então eles soaram a trombeta e fizeram um grande clamor.
55 Depois disso Judas nomeou chefes para grupos de mil, cem,
cinqüenta e dez homens,
56 e disse aos que acabavam de construir uma casa, de tomar mulher,
plantar uma vinha, ou que tinham medo, que voltassem cada qual para
sua casa, conforme a lei.
57 Os israelitas se puseram então a caminho e vieram acampar ao sul
de Emaús.
58 Preparai-vos, disse-lhes Judas, sede corajosos e estai prontos desde
a manhã para o combate a essas nações que estão unidas para nos
arruinar, a nós e tudo o que possuímos de sagrado;
59 porquanto é preferível morrer no combate, que ver nosso povo
perseguido e profanado nosso santuário.
60 Que se faça somente a vontade de Deus!

Capítulo 4

1 Tomando consigo cinco mil homens e mil cavaleiros de elite, Górgias
se pôs a caminho à noite
2 para surpreender o acampamento dos judeus e atacá-lo de improviso.
A gente da cidadela servia-lhe de guia.
3 Mas Judas o soube, e com seus destemidos companheiros saiu para
esmagar aquelas forças do rei que tinham ficado perto de Emaús,
4 enquanto as tropas estavam espalhadas na planície.
5 Chegou Górgias à noite ao acampamento de Judas, mas não
encontrou ninguém; pôs-se então à sua procura nas montanhas,
dizendo: Fugiram diante de nós.
6 Todavia Judas apareceu na planície ao despertar do dia com três mil
homens, que, excetuando espadas e escudos, não estavam armados
como o teriam querido;
7 entrementes viram eles o campo dos gentios poderoso, fortificado de

salvador.
aguarda:
passara.
cavalaria e os próprios inimigos prontos para o combate.
8 Não temais seu número, disse Judas a seus companheiros, e nem
receeis seu choque.
9 Lembrai-vos como nossos pais foram salvos no mar Vermelho, quando
o faraó os perseguia com seu exército.
10 Gritemos agora para o céu para que ele se apiade de nós, que se
lembre da Aliança com nossos antepassados e queira hoje esmagar esse
exército aos nossos olhos.
11 Todas as nações saberão que Israel possui um libertador e um
12 Erguendo os olhos, os gentios viram-nos avançar contra eles
13 e saíram do acampamento para a luta, enquanto os homens de Judas
soavam a trombeta.
14 Travou-se a batalha, mas os inimigos, derrotados, puseram-se em
fuga através da planície.
15 Os últimos tombaram todos sob a espada, enquanto eram
perseguidos até Gazara e as planícies de Iduméia, de Azot e de Jânia. E
sucumbiram cerca de três mil.
16 Então Judas parou de persegui-los, voltou atrás com suas tropas pelo
mesmo caminho,
17 e disse: Não penseis nos despojos, porque outro combate nos
18 Górgias está perto de nós na montanha, com suas forças. No
momento, enfrentai o inimigo e combatei; após isto, podereis apoderarvos
de seus despojos, com toda a segurança.
19 Ainda Judas falava, quando alguns homens apareceram e olharam de
cima da montanha.
20 Viram que o exército tinha sido posto em fuga e que o acampamento
se queimava porque a fumaça que se percebia indicava o que se
21 À vista disso todos foram tomados de grande espanto e, certificandose
de que o exército de Judas se achava na planície, pronto para o
combate,
22 fugiram todos para terra estrangeira.
23 Judas voltou para pilhar o acampamento, e seus homens apoderaram-se de muito ouro, prata, jacinto, púrpura marinha, e de
grandes riquezas.
24 Ao voltarem, cantavam hinos e elevavam ao céu os louvores do
Senhor, porque ele é bom e sua misericórdia é eterna.
25 Israel foi, com efeito, naquele dia salvo de um grande perigo.
26 Os gentios que escaparam vieram contar a Lísias os acontecimentos,
27 o qual ficou consternado e abatido ouvindo-os, porque Israel não
tinha sido tratado como ele quis, e porque as ordens do rei não tinham
sido cumpridas.

santos.

28 Por isso, no ano seguinte, reuniu Lísias sessenta mil infantes
escolhidos e cinco mil cavaleiros para acabar com os judeus.
29 Esse exército veio da Iduméia acampar em Betsur. Judas foi-lhe ao
encontro com dez mil homens.
30 Tendo ante os olhos esse poderoso exército, rezou nestes termos:
Sede bendito, Salvador de Israel, vós que quebrastes a força do
poderoso pela mão do vosso servo Davi e entregastes os exércitos
estrangeiros nas mãos de Jônatas e do seu escudeiro.
31 Entregai esse exército ao poder do povo de Israel e confundi nossos
inimigos com suas tropas e sua cavalaria.
32 Inspirai-lhes o terror, fazei derreter seu orgulho audaz. Que eles
sejam sacudidos e pisados.
33 Derribai-os sob a espada dos que vos amam e que todos aqueles que
conhecem vosso nome cantem vossos louvores.
34 Travou-se então o combate, e do exército de Lísias tombaram cinco
mil homens, que sucumbiram diante deles.
35 Vendo seu exército posto em fuga e os judeus cheios de bravura,
prontos a viver ou a morrer valentemente, voltou Lísias a Antioquia para
arregimentar tropas de mercenários, com o intuito de reaparecer na
Judéia com um exército mais forte.
36 Judas e seus irmãos disseram então: Eis que nossos inimigos estão
aniquilados; subamos agora a purificar e consagrar de novo os lugares
37 Reunido todo o exército, subiram à montanha de Sião.
38 Contemplaram a desolação dos lugares santos, o altar profanado, as
portas queimadas, os átrios cheios de arbustos que tinham nascido
como num bosque ou sobre as colinas, os aposentos demolidos.
39 Rasgando suas vestes, eles se lamentaram muito e cobriram as
cabeças com cinza,
40 prostraram-se com o rosto por terra, tocaram as trombetas e
ergueram clamores ao céu.
41 Então Judas encarregou alguns homens de combater os soldados da
cidadela, enquanto purificavam o templo.
42 Escolheu sacerdotes sem mancha e zelosos pela lei,
43 os quais purificaram o templo, transportando para um lugar impuro
as pedras contaminadas.
44 Consultaram-se entre si, o que se deveria fazer do altar dos
holocaustos, que havia sido profanado,
45 e tomaram a excelente resolução de demoli-lo, para que não recaísse
sobre eles o opróbrio vindo da mancha dos gentios. Destruíram-no,
portanto,
46 e transportaram suas pedras a um lugar conveniente sobre a
montanha do templo, aguardando a decisão de algum profeta a esse
respeito.

14
colocaram portas.
afastado.
47 Tomaram pedras intactas, segundo a lei, e construíram um novo
altar, semelhante ao primeiro.
48 Restauraram também o templo e o interior do templo e purificaram
os átrios.
49 Fizeram novos vasos sagrados e transportaram ao santuário o
candeeiro, o altar dos perfumes, e a mesa.
50 Queimaram incenso no altar, acenderam as lâmpadas do candeeiro,
para alumiarem o templo,
51 colocaram pães sobre a mesa e suspenderam os véus, terminando
completamente seu trabalho.
52 No dia vinte e cinco do nono mês, isto é, do mês de Casleu, do ano
cento e quarenta e oito, eles se levantaram muito cedo,
53 e ofereceram um sacrifício legal sobre o novo altar dos holocautos,
que haviam construído.
54 Foi no mesmo dia e na mesma data em que os gentios o haviam
profanado, que o altar foi de novo consagrado ao som de cânticos, das
harpas, das liras e dos címbalos.
55 Todo o povo se prostrou com o rosto em terra para adorar e bendizer
no céu aquele que os havia conduzido ao triunfo.
56 Prolongaram por oito dias a dedicação do altar, oferecendo com
alegria holocaustos e sacrifícios de ações de graças e de louvores.
57 Adornaram a fachada do templo com coroas de ouro e com pequenos
escudos, consagraram as entradas do templo e os quartos, nos quais
58 Reinou uma alegria imensa entre o povo e o opróbrio das nações foi
59 Foi estabelecido por Judas e seus irmãos, e por toda a assembléia de
Israel que os dias da dedicação do altar seriam celebrados cada ano em
sua data própria, durante oito dias, a partir do dia vinte e cinco do mês
de Casleu, e isto com alegria e regozijo.
60 Na mesma época cercaram a montanha de Sião com uma alta
muralha com fortes torres, para que não fosse mais possível às nações
pisá-la aos pés, como outrora.
61 Judas pôs ali tropas para guardá-la e fortificou também Betsur para
protegê-la, a fim de que o povo tivesse uma muralha do lado da
Iduméia.

Capítulo 5

1 Ora, ouvindo falar da reconstrução do altar e da restauração do

templo, os povos circunvizinhos encolerizaram-se muito, e,
2 tomada a resolução de exterminar toda a raça de Jacó, que vivesse
entre eles, puseram-se a matá-los e a persegui-los.

15
nossos foram mortos.
3 Por eles perseguirem desse modo Israel, Judas atacou os filhos de
Esaú na Iduméia, junto de Acrabatan, infligiu-lhes uma grande derrota,
esmagou-os e apoderou-se de seus despojos.
4 Lembrou-se igualmente da malícia dos filhos de Bean, armadilha e
perigo para seu povo, por causa das emboscadas que eles armavam nos
caminhos.
5 Foram rechaçados em suas torres, onde ele os sitiou e os exterminou,
queimando as torres com todos os que ali se achavam.
6 Em seguida atacou os amonitas, entre os quais ele descobriu um forte
exército e numeroso povo, sob a chefia de Timóteo.
7 Travou com eles numerosos combates; foram aniquilados aos seus
olhos e despedaçou-os.
8 Apoderou-se da cidade de Jazer e de seus arrabaldes e voltou depois à
Judéia.
9 No entanto, as nações de Galaad se coligaram contra os israelitas, que
habitavam seu território, com a intenção de exterminá-los, mas estes se
refugiaram no forte de Datema
10 e enviaram uma mensagem a Judas e a seus irmãos, nestes termos:
As nações que nos cercam se uniram contra nós e querem exterminarnos.
11 Preparam-se para vir tomar a fortaleza, em que nos achamos
refugiados. Timóteo chefia suas tropas.
12 Vinde, pois, agora nos livrar de suas mãos, porque muitos dos
13 Mataram todos os nossos irmãos que se achavam na região de Tob,
levaram consigo suas mulheres, seus filhos e seus bens e mataram, lá
perto de cem mil homens.
14 Quando ainda se estava lendo essa carta, eis que chegam outros da
Galiléia, com as vestes em farrapos e portadores de notícias idênticas,
15 dizendo: Congregaram-se contra nós nações de Ptolemaida, de Tiro,
de Sidônia, e de toda a Galiléia das Nações, para nos destruir
inteiramente.
16 Logo que Judas e o povo souberam da situação, organizaram uma
grande assembléia, para deliberar sobre o que se deveria fazer em favor
dos irmãos atacados e provados.
17 Disse Judas a seu irmão Simão: Escolhe homens e põe-te a caminho
para livrar teus irmãos da Galiléia; Jônatas, meu irmão, e eu dirigir-nos-
emos à terra de Galaad.
18 Para guardar a Judéia deixou ali José, filho de Zacarias, e Azarias,
chefe do povo, à frente do resto do exército,
19 com esta ordem: Governai este povo e, até nossa volta, evitai toda
luta com os gentios.
20 A Simão foram dados três mil homens, para se dirigir à Galiléia, e a
Judas oito mil, para ocupar a terra de Galaad.

16
21 Simão tomou, portanto, o caminho da Galiléia e sustentou muitos
combates, esmagando diante dele as nações,
22 as quais perseguiu até as portas de Ptolemaida. Perto de três mil
gentios caíram e ele se apoderou de seus despojos.
23 Com grandes manifestações de regozijo, conduziu à Judéia os judeus
que se achavam na Galiléia e em Arbates, bem como suas mulheres,
seus filhos e tudo o que eles possuíam.
24 Por seu lado, Judas Macabeu e seu irmão Jônatas atravessaram o
Jordão e andaram três dias pelo deserto.
25 Encontraram os nabateus, os quais se aproximaram deles
pacificamente e lhes contaram tudo aquilo que tinha acontecido a seus
irmãos em Galaad,
26 dizendo que muitos dentre eles haviam sido encerrados em Bosra e
Bosor, em Alema, em Casfor, em Maked, e em Carnaim, todas elas
cidades grandes e fortificadas.
27 Eles estão também reunidos, acrescentaram eles, nas outras cidades
de Galaad. Seus inimigos se preparam para atacar amanhã suas
fortificações, apoderar-se deles e exterminá-los num só dia.
28 Judas mudou de caminho e atravessou o deserto para alcançar Bosor
de improviso. Tomou a cidade, mandou passar a fio de espada todos os
homens, apoderou-se dos espólios e incendiou a cidade.
29 Na mesma noite partiu e atacou a fortaleza.
30 No entanto, ao romper do dia, seus homens, erguendo os olhos,
viram uma multidão incalculável carregando escadas e máquinas para
escalar de assalto a fortaleza, e começando já o ataque.
31 Enquanto a cidade erguia um clamor, misturado ao som da trombeta
e um ruído formidável, viu Judas que o ataque estava começado
32 e disse a seus homens: Pelejai hoje por vossos irmãos.
33 Separou-os em três batalhões e apareceu na retaguarda do inimigo,
tocando a trombeta e erguendo preces em alta voz.

34 O exército de Timóteo conheceu que era Macabeu e fugiu diante
dele. Sofreu uma grande derrota e tombaram nesse dia oito mil
homens.
35 Judas voltou-se em seguida para Alema; atacou-a e conquistou-a de
assalto. Matou todos os homens, tomou seus despojos e incendiou-a.
36 Dali continuou e apoderou-se de Casfor, de Maked, de Bosor e das
outras cidades de Galaad.
37 Depois de tudo o que temos acabado de dizer, Timóteo reuniu um
novo exército, acampou do outro lado da corrente, defronte de Rafon.
38 Imediatamente Judas mandou alguém espionar sua posição, e
vieram-lhe dizer: Todas as nações circunvizinhas se uniram contra nós
formando um poderoso exército.
39 Tomaram em seu auxílio mercenários árabes, e se estabeleceram do
outro lado do rio, prontos a atravessá-lo, para vir atacar-te. Judas foi

17

então contra ele.
40 Ao chegar Judas com suas tropas à torrente, disse Timóteo, por sua
vez, aos oficiais de seu exército: Se ele atravessar primeiro a torrente
contra nós, nós não lhe poderemos resistir, porque terá vantagem sobre
nós;
41 mas se ele temer passar e acampar do outro lado do rio, nós
atravessaremos e teremos vantagem sobre ele.
42 Ora, logo que chegaram à torrente, Judas pôs ao longo do rio os
escribas do povo, com a seguinte ordem: Não deixeis ninguém se
instalar aqui, mas venham todos ao combate.
43 E foi ele o primeiro a se arrojar, e todo o povo o seguiu. Os gentios
foram derrotados aos seus olhares, lançaram suas armas e fugiram para
o templo de Carnaim.
44 Os judeus, porém, apoderaram-se da cidade e incendiaram o templo,
com todos aqueles que ali se achavam. Carnaim foi assolada e não pôde
mais resistir a Judas.
45 Este reuniu todos os judeus da terra de Galaad, do menor ao maior,
as mulheres, as crianças e seus haveres, uma multidão enorme que ele
resolveu conduzir à terra de Judá.
46 Caminharam até Efron, cidade muito grande e bem fortificada, que
se achava no caminho da volta. Não se podia contorná-la nem pela
direita, nem pela esquerda, mas era preciso atravessá-la.
47 Os habitantes fecharam as portas e se entrincheiraram com pedras.
Judas, todavia, enviou-lhes mensageiros com palavras de paz:
48 Atravessaremos vossa terra, para irmos à nossa, e ninguém vos
molestará, apenas passaremos. Mas eles não lhes quiseram abrir o
acesso.
49 Então Judas ordenou que cada um em seu posto se dispusesse para
a luta.
50 Todos os homens do exército se prepararam, pois. Durante todo o
dia e toda a noite assaltaram a cidade, e esta caiu em suas mãos.
51 Passaram a fio da espada todos os homens, destruíram completamente a cidade, apoderaram-se dos espólios e atravessaram
por cima dos seus cadáveres.
52 Depois a caravana passou o Jordão, para chegar à grande planície,
em frente a Betsã.
53 Em caminho, Judas não cessava de ajuntar os retardatários e de
encorajar a multidão até que chegassem à terra de Judá.
54 Escalaram a montanha de Sião com alegria e regozijo e ofereceram
holocaustos, por terem voltado em paz, sem que ninguém dentre eles
tivesse sucumbido.
55 Ora, enquanto Judas se achava em Galaad com Jônatas, e seu irmão
Simão na Galiléia diante de Ptolemaida,
56 José, filho de Zacarias, e Azarias, à frente de suas tropas, souberam

18

prata e ouro.
de seus feitos heróicos e de suas proezas.
57 Façamos também nós célebre o nosso nome, disse um para o outro,
e vamos combater nações vizinhas.
58 Transmitiram ordens às forças, que eles tinham consigo, e foram
contra Jânia.
59 Mas Górgias saiu com seus homens para opor-se à sua investida.
60 José e Azarias foram postos em fuga e perseguidos até as fronteiras
da Judéia. Pereceram nesse dia cerca de dois mil homens de Israel, e foi
grande a derrota do povo,
61 isso porque não haviam escutado Judas, supondo que mostrariam
seu valor,
62 mas não pertenciam à raça desses homens, a quem era dado salvar
Israel.
63 O valoroso Judas e seus irmãos foram de modo particular honrados
por todo o povo de Israel e por todas as nações onde penetrava seu
nome.
64 Vinham em grande número para aclamá-los.
65 Entrementes, Judas e seus irmãos partiram para combater os filhos
de Esaú, que habitavam no sul. Abateu Hebron e seus arrabaldes,
destruiu as fortificações e queimou todas as torres dos arredores.

66 Partiu ainda para atingir a terra dos estrangeiros e atravessou
Marisa.
67 Naquele dia pereceram alguns sacerdotes no combate, por terem
querido mostrar sua valentia, saindo imprudentemente para travarem
combate.
68 Judas voltou para Azot, na terra dos estrangeiros, derrubou seus
altares, queimou seus ídolos, sujeitou suas cidades à pilhagem e em
seguida voltou para a terra de Judá.
Capítulo 6
1 Enquanto percorria as províncias superiores, soube o rei Antíoco que
na Pérsia, em Elimaida, havia uma cidade famosa por suas riquezas, sua
2 Seu templo, extremamente rico, possuía véus de ouro, escudos,
couraças e armas, abandonados ali por Alexandre, filho de Filipe, rei da
Macedônia, que foi o primeiro a reinar sobre a Grécia.
3 Dirigiu-se ele para essa cidade, com a finalidade de tomá-la e pilhá-la,
mas foi em vão, porque os habitantes haviam sido prevenidos.
4 Eles se aprontaram para lhe resistir e ele teve que voltar de lá, para
alcançar Babilônia com grande humilhação.
5 E eis que, na Pérsia, um mensageiro veio dizer-lhe que as tropas
enviadas à Judéia tinham sido derrotadas,

19
6 e que Lísias, tendo partido a princípio com um poderoso exército,
havia fugido na presença dos judeus, os quais haviam aumentado ainda
suas forças com armas e tropas e se tinham enriquecido com todo o
material raptado de seus campos devastados.
7 Eles tinham também destruído a abominação edificada por ele sobre o
altar, em Jerusalém, e haviam cercado o templo com altas muralhas,
como outrora, assim como a cidade de Betsur.
8 Ouvindo essas novas, o rei ficou irado e profundamente perturbado.
Atirou-se à cama e caiu doente de tristeza, porque os acontecimentos
não tinham correspondido à sua expectativa.
9 Passou assim muitos dias, porque sua mágoa se renovava sem cessar,
e pensava na morte.
10 Mandou chamar todos os seus amigos e lhes disse: O sono fugiu dos
meus olhos e meu coração desfalece de tristeza.
11 Eu repito para mim mesmo: Em que aflição fui eu cair e a que
desolação fui eu reduzido até o presente, eu que era bom e querido no
tempo de meu poder?
12 Mas agora eu me lembro dos males que causei em Jerusalém, de
todos os objetos de ouro e de prata que saqueei, e de todos os
habitantes da Judéia que exterminei sem motivo.
13 Reconheço que foi por causa disso que todos esses males me
fulminaram, e agora morro de tristeza numa terra estrangeira.
14 Ele chamou Filipe, um de seus amigos, e constituiu-o regente de
todo o seu reino.
15 Entregou-lhe seu diadema, seu manto, e seu anel, com a
responsabilidade de guiar seu filho Antíoco e de educá-lo para sua
realeza.
16 O rei Antíoco morreu ali no ano cento e quarenta e nove.
17 Por sua vez soube Lísias que o rei havia morrido e elevou ao trono
seu filho Antíoco que ele havia educado desde a infância, e a quem ele
dera o nome de Eupator.
18 Nesse ínterim, os ocupantes da cidadela importunavam os judeus
que se dirigiam ao templo, procuravam constantemente causar-lhes
dano, para apoiar os gentios.
19 Judas resolveu arrancar-lhes das mãos a cidadela e convocou todo o
povo para sitiá-los.
20 Reuniram-se, portanto, para começar o cerco no ano cento e
cinqüenta, e construíram balistas e máquinas.
21 Mas alguns dos sitiados, aos quais se juntaram alguns israelitas
perversos, fugiram
22 e correram ao rei para lhe dizer: Até quando deixarás de fazer justiça
e vingar nossos irmãos?
23 Julgamos bom servir a teu pai, obedecer suas ordens e seguir suas
leis;

20
24 e os filhos de nosso povo se afastaram de nós como dos estrangeiros. Eles cercam a cidadela; mal capturam um dos nossos,
matam-no e pilham os nossos bens.
25 E não é somente sobre nós que eles estendem a mão, mas ainda
contra os povos vizinhos.
26 Eis que hoje eles se empossaram da cidadela, para serem senhores
do templo e da cidade, e fortificaram Betsur.
27 Se tu não os prevenires, farão ainda piores males e tu não poderás
mais detê-los.
28 A estas palavras o rei se encolerizou e convocou todos os seus
amigos, os generais de seus exércitos e os chefes de sua cavalaria.
29 E ajuntaram-se a ele outros reinos e ilhas marítimas, tropas de mercenários;
30 e seu exército atingiu a cem mil infantes, vinte mil cavaleiros e trinta
e dois elefantes, prontos para a guerra.

31 Atravessaram eles a Iduméia e acamparam defronte a Betsur, onde combateram por muito tempo; construíram máquinas, mas os sitiados saíram e lançaram fogo, lutando com coragem.
32 Abandonando a cidadela, veio Judas estabelecer-se em Betzacara,
defronte do campo de luta do rei.
33 Ao amanhecer, levantou-se o rei e dirigiu impetuosamente suas tropas em direção a Betzacara: as forças se prepararam para o combate, e soaram as trombetas.
34 Mostraram aos elefantes suco de uvas e de amoras para incitá-los ao combate.
35 Foram repartidos nas falanges, pondo-se em volta de cada elefante
mil homens armados de cotas de malhas e de capacetes de bronze para
a cabeça, e quinhentos cavaleiros escolhidos estavam igualmente ao
redor de cada animal.
36 Esses cavaleiros tinham o costume de estar com o animal onde quer
que ele estivesse e de ir aonde ele ia sem jamais se afastarem dele.
37 Sobre cada um havia também fortes torres de madeira, muito firmes
e defendidas pelas máquinas. Sobre cada um achavam-se também
valentes guerreiros, que combatiam lá em cima, e, finalmente, seu
condutor indiano.
38 O restante da cavalaria, colocada de um lado e de outro, nas duas
alas, manobrava cobrindo as falanges.
39 Quando o sol brilhou sobre os escudos de ouro e bronze, a montanha
resplandeceu, como que iluminada por outras tantas lâmpadas.
40 Uma parte das tropas do rei se espalhou sobre as colinas e outra na
planície, caminhando com precaução e em boa ordem.
41 O ruído de seu número, de sua marcha, da colisão de suas armas era
pavoroso, porque era um exército extremamente numeroso e possante.
42 Judas, no entanto, avançou com os seus para travar a batalha, e

21
apoderar-se do governo. seiscentos homens do exército do rei foram aniquilados.
43 Eleazar, cognominado Avarã, viu que um dos elefantes estava
armado com um couraçado real e ultrapassava todos os outros; ele
julgou que o rei o montasse.
44 Projetou então salvar todo o povo e conquistar um nome eterno.
45 Precipitou-se audaciosamente nessa direção, para o meio da falange,
matando à direita e à esquerda e separando o inimigo de lado a lado.
46 Meteu-se debaixo do elefante e, tomando posição abaixo dele,
matou-o. O animal rolou sobre ele, e ele morreu ali.
47 No entanto, averiguando o poder do exército real e a impetuosidade
de suas tropas, retiraram-se os judeus.
48 Mas os soldados do rei subiram-lhe ao encontro até Jerusalém,
dirigindo-se então o rei à Judéia e ao monte Sião.
49 Fez igualmente a paz com os habitantes de Betsur, porquanto estes
saíram da cidade, porque já não tinham víveres para continuarem ali,
pois era o ano sabático.
50 Assim o rei apoderou-se da cidade e pôs nela uma guarnição.
51 Por muitos dias cercou a cidade santa, construiu máquinas,
guindastes para lançar fogo ou pedras, escorpiões para lançar flechas e
fundas.
52 De seu lado, os sitiados construíram também máquinas, para se
oporem aos seus inimigos, e combateram por muito tempo.
53 Todavia faltavam víveres nos celeiros, por ser o sétimo ano e todos
os que se achavam refugiados na Judéia, para fugir dos gentios, haviam
esgotado o resto da reserva.
54 Restavam afinal poucos homens para a defesa do templo, atingidos
como estavam pela fome e por dispersarem-se cada um para sua casa.
55 Filipe, que antes de morrer o rei Antíoco fora designado para educar
seu filho Antíoco para a realeza,
56 tinha chegado da Pérsia e da Média com o exército do rei e procurava
57 Soube-o Lísias e apressou a partida dizendo ao rei, aos oficiais e aos
homens: Nós nos vamos enfraquecendo aqui dia por dia, temos poucos
víveres, e o lugar que sitiamos é forte, enquanto nos devemos ocupar
com os negócios do reino.
58 Estendamos a mão a esses homens e façamos paz com eles e com
toda a sua raça.
59 Deixemo-los viver como outrora segundo as suas próprias leis,
porque foi por causa dessas leis que nós abolimos, que eles se
revoltaram e fizeram tudo isso.
60 Essa proposta agradou ao rei e aos generais. Enviou, pois, alguém
para tratar da paz com os sitiados, que a aceitaram.
61 Sob a palavra do juramento feito pelo rei e os generais,
abandonaram a fortaleza.

22
62 O rei subiu o monte Sião e visitou as fortificações, mas quebrou a
palavra dada e ordenou a destruição da muralha.

63 Em seguida, partiu a toda a pressa, recuperou Antioquia, onde achou Filipe como senhor da cidade. Atacou-a e tomou a cidade à força.

Capítulo 7

1 No ano cento e cinqüenta e um, Demétrio, filho de Seleuco, escapou de Roma e, com alguns companheiros, alcançou uma cidade marítima onde se proclamou rei.
2 Quando ele entrou no palácio real de seus pais, o exército se apoderou de Antíoco e de Lísias para conduzi-los a ele.
3 Soube-o o rei e disse: Não me mostreis a sua face.
4 E o exército os matou, e Demétrio sentou-se no trono que lhe cabia.
5 Todos os traidores e os ímpios de Israel achegaram-se dele sob a chefia de Alcimo, que aspirava tornar-se sumo sacerdote.
6 Acusaram o povo nestes termos: Judas e seus irmãos mataram todos os teus amigos e nos expulsaram de nosso país.
7 Envia portanto, agora, um homem que possua tua confiança e que venha ver em que triste situação nos puseram, a nós e ao país que pertence ao rei, para castigar a eles e a todos os seus partidários.
8 O rei escolheu Báquides, um de seus amigos, então governador além do rio, um dos grandes do reino e fiel ao rei. Enviou-o
9 com o ímpio Alcimo, a quem destinou o cargo de sumo sacerdote, e deu-lhe ordem de tomar vingança dos filhos de Israel.
10 Partiram, pois, e tomaram o caminho do país de Judá com um forte exército, enviando a Judas e seus irmãos palavras de paz capciosas.
11 Vendo-os chegar com numerosas tropas, estes não lhes deram ouvido.
12 Houve todavia um grupo de escribas que foi ter com Alcimo e Báquides, com palavras de justas reivindicações.
13 Estes assideus, que eram os mais benquistos em Israel, pediam-lhes a paz.
14 Diziam entre si: É um sacerdote da raça de Aarão que vem a nós com exército, ele não nos fará mal algum.
15 Alcimo trocou com eles palavras de paz e lhes jurou: Não faremos mal nem a vós, nem a vossos amigos.
16 Acreditaram neles, mas ele apoderou-se de sessenta deles e mandou-os matar no mesmo dia, conforme estava escrito:
17 Espalharam a carne e o sangue dos teus santos ao redor de Jerusalém, e não havia ninguém para sepultá-los (Sl 78,3).
18 O assombro e o terror apoderou-se do povo, porque se dizia: Não há entre eles nem verdade nem justiça, depois que violaram o pacto e o

juramento, que haviam confirmado.
19 Báquides afastou-se de Jerusalém e instalou seu acampamento em Bezet, onde prendeu e lançou numa grande cisterna muitos desertores de seu exército e algumas pessoas do país.
20 Confiou a terra nas mãos de Alcimo e, deixando-lhe um exército para socorrê-lo, regressou para junto do rei.
21 Entretanto, Alcimo teve que lutar para se impor como sumo sacerdote.
22 Agrupavam-se ao redor dele todos os perturbadores do povo com os quais ele se tornara senhor da terra de Judá e foi um tempo doloroso para Israel.
23 Judas viu que o mal que Alcimo e seus cúmplices faziam aos filhos de Israel era pior ainda que o mal praticado pelos gentios.
24 Por isso percorreu ele toda a terra da Judéia, até as fronteiras, vingando-se dos traidores e impedindo-lhes a volta ao país.
25 Vendo Alcimo que Judas com os seus eram mais fortes e reconhecendo sua impotência em lhes resistir, refugiou-se junto do rei e acusou-os dos piores crimes.
26 O rei enviou Nicanor, general eminente, que detestava e odiava Israel, com a ordem de exterminar esse povo.
27 Nicanor partiu para Jerusalém com um numeroso exército e mandou levar a Judas e a seus irmãos falsas palavras de paz:
28 Que não haja guerra entre vós e mim. Chegarei somente com um punhado de homens para te ver, como amigo.
29 Com efeito, ele chegou e saudaram-se pacificamente, mas seus soldados se achavam prontos para se lançarem sobre Judas.
30 Todavia, Judas estava a par dos desígnios pérfidos de Nicanor a afastou-se dele, recusando vê-lo de novo.
31 Reconheceu Nicanor que seu projeto fora descoberto e propôs a Judas uma batalha perto de Cafarsalama.
32 Foram mortos do seu exército quinhentos homens e o resto fugiu para a cidade de Davi.
33 Após o combate, subiu Nicanor a colina de Sião, e sacerdotes saíram do templo com anciãos do povo, para saudá-lo em espírito de paz, e mostrar-lhe o holocausto que se oferecia pelo rei,
34 mas ele escarnecia deles, dirigia-lhes mofas, desprezava-os e falavalhes com desdém,
35 jurando em sua ira: Se Judas não me for entregue imediatamente com seu exército, afirmo, logo que estabelecer a paz, retornarei e

lançarei fogo a esta casa. Partiu depois todo enfurecido.
36 Então os sacerdotes entraram, e, em pé diante do altar e do templo, choraram dizendo:
37 Fostes vós que escolhestes esta casa, para que se invoque nela
vosso nome e para que ela seja uma casa de súplicas, de orações pelo

24
vosso povo.
38 Tomai vingança desse homem e de seu exército, e que eles caiam
sob o golpe da espada. Lembrai-vos de suas blasfêmias e não permitais que eles vivam.
39 Saiu Nicanor de Jerusalém e acampou em Beteron, onde um exército
sírio se lhe ajuntou.
40 Judas acampou em Adasa com três mil homens e começou a rezar
nestes termos:
41 Quando os soldados enviados pelo rei da Síria vos blasfemaram,
apareceu vosso anjo e matou cento e oitenta e cinco mil homens dentre
eles.
42 Do mesmo modo exterminai hoje este exército aos nossos olhos,
para que os outros saibam que Nicanor insultou vosso templo, e julgai-o
segundo sua perfídia.
43 Chocaram-se os exércitos no dia treze do mês de Adar; o de Nicanor
foi vencido e ele foi o primeiro a tombar na luta.
44 Assim que as tropas de Nicanor viram que ele fora morto, largaram
as armas e fugiram.
45 Os judeus perseguiram-nos todo o dia desde Adasa até Gazara e
fizeram soar as trombetas dos sinais.
46 E saíram então os habitantes de todas as aldeias da Judéia e dos
arredores, para cercar os fugitivos. Estes voltaram de encontro a eles e
caíram todos sob a espada. E não sobrou nem mesmo um dentre eles.
47 Os judeus apoderaram-se de seus despojos e haveres. Cortaram a
cabeça de Nicanor e a mão direita que ele
orgulhosamente estendera, e suspenderam-nas à vista de Jerusalém.
48 Alegrou-se muito o povo que passou aquele dia em grande regozijo.
49 Decidiu-se que esse dia seria celebrado a cada ano no dia treze do
mês de Adar.
50 Após isso, a terra de Judá esteve tranqüila durante algum tempo.
Capítulo 8
1 Pela voz da fama soube Judas que os romanos eram extremamente
poderosos, que se mostravam benevolentes para com seus aliados, e
que a todos os que recorriam a eles ofereciam sua amizade, porque
eram verdadeiramente potentes.
2 Contaram-lhe também seus combates, suas façanhas junto aos
gauleses, aos quais haviam vencido e subjugado;
3 como haviam chegado à Espanha para se apoderar das minas de prata
e de ouro que ali existem e, como, por sua sabedoria e longanimidade,
eles haviam conciliado todo o país,
4 por mais que ele fosse afastado deles; como haviam derrotado reis

25
que haviam surgido contra eles das extremidades da terra, e os haviam
aniquilado devidamente, enquanto outros lhes
pagavam o tributo anual.
5 Filipe Perseu, rei dos ceteus, e outros se haviam insurgido contra eles,
mas tinham sido derrotados e subjugados.
6 Antíoco, o Grande, rei da Ásia, lhes tinha movido guerra com cento e
vinte elefantes, cavalaria, carros e um numeroso exército, mas havia
sido aniquilado por eles.
7 Eles o haviam tomado vivo e haviam imposto a ele e aos seus
sucessores um grande tributo, a entrega de reféns e a cessão de um
território,
8 arrebatando-lhe a Índia, a Média, a Lídia e suas melhores regiões que
eles deram ao rei Eumenes.
9 Os gregos haviam querido atacá-los para exterminá-los, mas eles o
souberam
10 e enviaram um general que os atacou, levando a perecer um grande
número, arrastou ao cativeiro suas mulheres e seus filhos, saqueou e
tornou-se senhor do país, destruiu suas praças fortes e os reduziu à
servidão, que ainda durava.
11 Haviam eles igualmente arruinado e subjugado ao seu domínio os
outros reinos e as ilhas, que lhes haviam resistido.
12 Por outro lado, conservavam sua proteção a seus amigos e aliados,
estendiam seu poder sobre os reinos vizinhos ou distantes e todos os
que ouviam pronunciar seu nome, temiam-nos.
13 Aqueles que eles queriam auxiliar e ver reinar, reinavam com efeito,
mas os que eles não queriam, eram exilados. Engrandeciam-nos muito.
14 Apesar de tudo isso, ninguém deles trazia diadema, nem se envolvia
com púrpura, para se engrandecer.
15 Eles tinham estabelecido entre si um conselho supremo onde, cada
dia, trezentos e vinte conselheiros discutiam assuntos do povo, para
governá-lo bem.
16 Cada ano confiavam a autoridade suprema a um só homem, que
comandava em todo o território e todos obedeciam a um só, sem haver

ali entre eles nem inveja nem ciúme.
17 Escolheu Judas a Eupolemo, filho de João, filho de Acos, e Jasão, filho de Eleazar, e enviou-os a Roma, para estabelecer amizade e aliança com eles,
18 pedindo-lhes que os libertasse do jugo que os gregos, como estavam vendo, faziam pesar sobre Israel, reduzindo-o à escravidão.
19 Dirigiram-se eles a Roma, apesar da duração da viagem, e entraram no Senado, onde disseram:
20 Judas Macabeu, seus irmãos e todo o povo de Israel nos enviaram a vós, para concluir aliança e paz, e para que nos conteis entre vossos amigos e aliados.
21 Essa linguagem agradou aos romanos e

26

22 eis a cópia da carta que os romanos mandaram gravar sobre tabuletas de bronze e enviaram a Jerusalém, para ali ficar como memorial da paz e da amizade de sua parte:
23 Felicidade para sempre aos romanos e ao povo judeu, por terra e por mar! Longe deles esteja a espada e o inimigo!
24 Se sobrevier uma guerra contra os romanos ou contra um de seus aliados em todo império,
25 o povo judeu tome as armas por sua vez, conforme o permitirem as circunstâncias e isso de boa vontade.
26 Não fornecerão aos adversários nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios, segundo a vontade dos romanos. Os judeus observarão esses contratos sem receber nada.
27 Por outro lado, se for o povo judeu o atacado, os romanos tomarão armas voluntariamente por eles conforme as circunstâncias o indicarem.
28 E não será fornecido aos combatentes nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios, conforme a vontade de Roma, e esses contratos serão observados sem fraude.
29 Por essas palavras os romanos aliaram-se com os judeus.
30 Se uns ou outros contratantes quiserem ajuntar ou subtrair e essas cláusulas, farão a proposta, e o que for acrescentado ou tirado será ratificado.
31 Pelo que toca aos danos causados pelo rei Demétrio, eis o que nós lhe escrevemos: Por que fizestes pesar vosso jugo sobre os judeus, nossos amigos e aliados?
32 Se, pois, eles vierem a nós outra vez contra vós, nós lhes faremos justiça e vos combateremos, por terra e mar.

Capítulo 9

1 Soube logo Demétrio do fim de Nicanor e da aniquilação de seu exército e resolveu enviar pela segunda vez Báquides e Alcimo à terra de Judá, com a ala direita de suas tropas.
2 Estes tomaram o caminho que leva a Gálgala, e acamparam em frente de Mezalot, no distrito de Arbelas; apoderaram-se da cidade e mataram um grande número de habitantes.
3 No primeiro mês do ano cento e cinqüenta e dois colocaram cerco diante de Jerusalém,
4 depois eles se apartaram e foram a Berzet com cento e vinte mil homens e dois mil cavaleiros.
5 Judas estava acampado em Elasa, e três mil homens de escol estavam com ele.
6 Todavia, ante o número considerável de seus adversários, ficaram tomados de pânico; muitos se retiraram do acampamento e, por fim, ali ficaram não mais que oitocentos homens.
7 Verificando Judas a dispersão de seu exército e a iminência do combate, sentiu seu coração angustiado, porque já não tinha tempo de reunir os fugitivos.
8 Consternado, disse aos que tinham ficado: Vamos, e ataquemos o inimigo, talvez possamos combatê-lo!
9 Mas eles o desviavam disso, dizendo: Nós não poderemos. Salvemos antes nossas vidas agora; voltaremos depois com nossos irmãos e travaremos a batalha; mas neste momento somos muito poucos.
10 Livre-nos Deus, disse Judas, que proceda desse modo e que eu me salve diante deles. Se chegou a nossa hora, morramos corajosamente por nossos irmãos e não deixemos uma nódoa sequer em nossa memória.
11 O exército do inimigo saiu do acampamento e tomou posição diante deles: a cavalaria se dividiu em dois batalhões, os fundibulários e os flecheiros se colocaram à frente e todos os mais valentes postaram-se na primeira fileira.
12 Báquides achava-se na ala direita e, ao som das trombetas, a falange avançou dos dois lados.
13 Os soldados de Judas tocaram também as trombetas e a terra foi abalada pelo tumulto das armas. O combate se prolongou desde a manhã até à tarde.
14 Viu Judas que Báquides se encontrava à direita com a mais forte porção de seu exército, e cercado dos mais corajosos dos seus.
15 Rompeu ele essa ala direita e a perseguiu até o sopé da montanha.

27

16 Mas a ala esquerda, vendo derrotada a direita, lançou-se atrás nas
pegadas de Judas e dos seus soldados.
17 O combate tornou-se mais encarniçado, e, tanto de um como de
outro lado, caíram muitos feridos.
18 Judas mesmo caiu morto, e então todos os outros fugiram.
19 Jônatas e Simão levaram Judas, seu irmão, e enterraram-no no
sepulcro de seus pais em Modin.
20 Todo o povo de Israel caiu na desolação e o chorou longamente,
guardando o luto por vários dias, dizendo:
21 Como sucumbiu o valente salvador de Israel?
22 O resto das façanha de Judas, de seus combates, de seus feitos
heróicos e atos gloriosos não foram escritos: eles são, com efeito, por
demais numerosos.
23 Ora, após a morte de Judas, aconteceu que os perversos
reapareceram em todas as fronteiras de Israel e todos os que
praticavam o mal deram-se a conhecer.
24 Naqueles dias dominou também uma grande fome, e todo o país
passou para o inimigo com eles.
25 Báquides escolheu homens ímpios, para colocá-los nos postos de

28
comando.
raça.
26 Estes procuravam com empenho os amigos de Judas e os conduziam
a Báquides, que se vingava deles e os escarnecia.
27 A opressão que caiu sobre Israel foi tal, que não houve igual desde o
dia em que tinham desaparecido os profetas.
28 Reuniram-se todos os amigos de Judas e disseram a Jônatas:
29 Após a morte de Judas, teu irmão, não há mais ninguém como ele,
para opor-se a nossos inimigos, a Báquides e aos que odeiam nossa
30 Por isso, nós te escolhemos hoje por chefe, para nos conduzires ao
combate.
31 A partir dessa hora, Jônatas tomou o comando e assumiu o lugar de
seu irmão Judas.
32 Tendo Báquides conhecimento disso, procurava matá-lo,
33 mas, advertidos, Jônatas, seu irmão Simão e todos os seus
companheiros fugiram ao deserto de Técua, onde acamparam junto às
águas da cisterna de Asfar.
34 Soube-o Báquides no dia de sábado e atravessou o Jordão com todo
o seu exército.
35 Nesse ínterim, Jônatas havia enviado seu irmão, chefe do povo, aos
nabateus, seus amigos, rogando-lhes se podiam guardar as suas
bagagens, que eram numerosas.
36 Mas os filhos de Jambri saíram de Medaba, apoderaram-se de João e
de tudo o que ele tinha e o levaram.
37 Logo em seguida disseram a Jônatas e a seu irmão Simão que os
filhos de Jambri celebravam um grande casamento, e traziam de
Nadabá, com grande pompa, a jovem esposa, filha de um dos maiores
príncipes de Canaã.
38 Lembraram-se do sangue de seu irmão João, e retiraram-se para a
montanha, onde se ocultaram.
39 Erguendo os olhos, eles se puseram de espreita, e eis que em grande
tumulto e com grande aparato, o esposo saía com seus amigos e seus
irmãos na direção dessa, com tambores, instrumentos de música e uma
considerável equipagem.
40 Os companheiros de Jônatas saíram então de seu esconderijo, e
lançaram-se sobre eles, para massacrá-los. Muitos caíram aos seus
golpes e os restantes fugiram para a montanha, enquanto os agressores
apoderavam-se de seus despojos.
41 Assim a boda transformou-se em luto e os sons de música, em
lamentações.
42 Dessa maneira os judeus vingaram-se do sangue de seu irmão, e
voltaram à margem do Jordão.
43 Soube-o Báquides e, no dia de sábado, avançou com um poderoso
exército até a margem do Jordão.

29
44 Dirigindo-se então a seus companheiros, disse-lhes Jônatas: Vamos,
pelejemos agora por nossa vida, porque hoje não é como ontem e
anteontem.
45 Eis a batalha diante e atrás de nós; de um lado e de outro do rio
Jordão,
um pântano, um bosque: não há meio de escapar.
46 Clamai, pois, agora ao céu, para nos livrar de nossos inimigos. E
travou-se o combate.
47 Jônatas estendeu a mão para ferir Báquides, mas este se afastou e o
evitou.
48 Então Jônatas e seus companheiros atiraram-se ao Jordão e
passaram, a nado, para a outra margem, sem que o inimigo
atravessasse atrás dele.
49 Naquele dia caíram cerca de mil homens da parte de Báquides. Este
voltou a Jerusalém;
50 edificou fortalezas na Judéia, e consolidou com densos muros, portas
e fechaduras, as fortificações de Jericó, Emaús, Betoron, Betel, Tanata,
Faraton, e de Tefon.

51 E colocou nelas guarnições para importunar Israel.
52 Fortificou igualmente Betsur, Gasara e a cidadela, onde ele deixou
tropas e depósitos de víveres.
53 Tomou como reféns os filhos dos importantes do país, e os mandou
guardar na cidadela de Jerusalém.
54 No segundo mês do ano cento e cinqüenta e três, ordenou Alcimo a
destruição do muro do pátio interior do santuário e, deitando a mão
sobre a obra dos profetas, começou por destruí-la.
55 Neste instante, porém, Alcimo foi ferido por Deus e seu plano foi
suspenso. Ficou ele com a boca fechada pela paralisia e não pôde mais
dizer uma palavra, nem dar ordens relativamente à sua casa;
56 morreu depois atormentado por grandes sofrimentos.
57 Vendo Báquides essa morte, retirou-se para perto do rei, e a terra de
Judá permaneceu em paz durante dois anos.
58 Mas, entre os judeus, os maus conspiravam, dizendo: Eis que
Jônatas e os seus vivem em paz e descuidados
aproveitemos para chamar Báquides, que os exterminará numa só noite.
59 Foram eles, pois, aconselhá-lo
60 e ele se pôs a caminho com um grande exército. Secretamente
enviou mensageiros aos partidários que ele possuía junto aos judeus,
para que eles lançassem mão sobre Jônatas e seus companheiros; mas
eles não conseguiram, porque seu plano tinha sido descoberto.
61 Pelo contrário, cinqüenta dos principais cabeças da conjuração foram
presos e mortos.
62 Quanto a Jônatas, fugiu com Simão e seus partidários até Betbasi, no
deserto, ergueram as suas ruínas, e fortificaram-se nelas.

30
atacou-o.
63 Logo que Báquides o soube, reuniu todo o seu exército e foi avisar
seus amigos da Judéia.
64 Veio acampar defronte a Betbasi, que ele sitiou por muito tempo,
construindo máquinas.
65 Jônatas, deixando na cidade seu irmão Simão, ganhou o campo com
um pequeno número de homens.
66 Matou Odomera e seus irmãos na sua própria tenda, bem como os
filhos de Fasiron, e começou a dar combates e aumentar em número.
67 Do outro lado, Simão e seus homens saíram da cidade e incendiaram
as máquinas.
68 Travaram combate com Báquides que foi derrotado por eles e ficou
muito entristecido pela presunção e insucesso de sua tentativa.
69 Por isso mostrou-se irritadíssimo contra os maus judeus que o
haviam aconselhado a vir à sua terra; mandou matar a muitos e decidiu
voltar a seu país.
70 Sabendo disso, enviou-lhe Jônatas mensageiros para propor-lhe a
paz e a devolução dos prisioneiros.
71 Ele os recebeu, aceitou a proposta e jurou nunca mais tentar nada de
mal contra eles, por todos os dias de sua vida.
72 Restituiu os prisioneiros que havia feito anteriormente na Judéia e
voltou a seu país, para nunca mais tentar reaparecer junto aos judeus.
73 A espada repousou em Israel e Jônatas fixou residência em Macmas;
ali começou a julgar o povo e exterminou os ímpios de Israel.
Capítulo 10
1 No ano cento e sessenta, Alexandre Epífanes, filho de Antíoco,
embarcou e veio ocupar Ptolemaida, onde foi acolhido e proclamado rei.
2 Soube-o o rei Demétrio, que reuniu um numerosíssimo exército e
3 Enviou a Jônatas uma carta cheia de palavras de paz, para lisonjeá-lo,
4 dizendo consigo mesmo: Apressemo-nos em fazer a paz com os
judeus, antes que eles a façam com Alexandre contra nós,
5 porque certamente eles se lembram do mal que lhes fizemos, a eles, a
seus irmãos e à sua raça.
6 Concedeu-lhe a liberdade de reunir tropas, de fabricar armas e de ser
seu aliado e mandou-lhe entregar os reféns aprisionados na cidadela.
7 Jônatas veio então a Jerusalém e leu a mensagem diante do povo todo
e diante das tropas que ocupavam a cidadela.
8 Estes ficaram tomados de um grande medo, quando souberam que o
rei lhe havia permitido levantar um exército;
9 os guardas lhe entregaram os reféns e ele os entregou a seus pais.
10 Ficou habitando em Jerusalém e começou a edificar e a restaurar a

31
cidade.
11 Ordenou aos que executavam os trabalhos, que construíssem ao
redor do monte Sião um muro de pedras de cantaria para sua
fortificação, e isso foi feito.
12 Os estrangeiros que se achavam nas fortalezas edificadas por
Báquides fugiram;
13 cada qual deixou seu posto para se refugiar no seu país.
14 Sobraram somente em Betsur alguns dos desertores da lei e dos
preceitos, porque achavam ali um refúgio seguro.

15 Entretanto, soube o rei Alexandre da carta que Demétrio havia
enviado a Jônatas, e contaram-lhe as batalhas e feitos deste e de seus
irmãos, como também os trabalhos que tinham suportado.
16 Poderíamos nós achar, disse ele, um homem semelhante a este?
Procuremos imediatamente fazê-lo nosso amigo e nosso aliado.
17 Escreveu-lhe então e mandou-lhe uma carta lavrada nestes termos:
18 O rei Alexandre a seu irmão Jônatas, saúde!
19 Ouvimos dizer de ti, que tu és um homem ponderoso e forte e que
mereces a nossa amizade.
20 Por isso nós te constituímos desde agora sumo sacerdote de teu
povo, outorgamos-te o título de amigo do rei - mandou-lhe uma toga de
púrpura e uma coroa de ouro - e pedimos-te escolher nosso partido e
conservar-nos tua amizade.
21 No sétimo mês do ano cento e sessenta, pela festa dos Tabernáculos,
revestiu-se Jônatas com a túnica sagrada; organizou um exército e
ajuntou armas em quantidade.
22 Demétrio foi informado de tudo isso e inquietou-se:
23 Como fomos nós deixar que Alexandre nos precedesse, travando com
os judeus uma amizade, que o fortifica?
24 Eu também enviar-lhe-ei belas palavras, títulos e presentes, para
que eles passem ao meu lado e venham em meu auxílio.
25 E ele mandou-lhes levar uma mensagem nestes termos: O rei
Demétrio ao povo dos judeus, saúde!
26 Vós observastes nossos acordos, permanecestes fiéis à nossa
amizade, e não fizestes convenções com nossos inimigos; nós o
sabemos e regozijamo-nos com isso.
27 Ainda agora continuai a nos conservar a mesma fidelidade e vos
recompensaremos do que fazeis por nós:
28 isentar-vos-emos dos muitos impostos e vos cumularemos de
presentes.
29 Desde agora concedemo-vos a todos os judeus dispensa dos
impostos, da taxa do sal e das coroas.
30 Ao terço dos produtos do solo e à metade dos frutos das árvores,
que me pertencem, eu renuncio, a partir deste dia, a cobrar na terra de
Judá e dos três distritos de Samaria e da Galiléia, que lhe estão anexos;

32
isso desde agora e para sempre.
31 Que Jerusalém seja sagrada e isenta, com seu território, dos dízimos
e dos impostos.
32 Abandono também todo poder sobre a cidadela de Jerusalém e a
entrego ao sumo sacerdote, para que ele coloque ali como guardas os
homens que ele quiser.
33 Concedo gratuitamente a liberdade a todo cidadão judeu, em
cativeiro no meu reino e todos serão isentos de impostos, mesmo sobre
seus rebanhos.
34 Todos os dias solenes, os sábados, as neomênias, as festas
prescritas, os três dias anteriores às solenidades e os três dias
posteriores, serão dias de imunidade e de isenção para todos os judeus
que se acham no meu reino,
35 e ninguém poderá perseguir ou molestar quem quer que seja dentre
eles, por motivo algum.
36 Que se alistem no exército do rei até trinta mil judeus e que lhes
sejam dados os mesmos direitos que às tropas reais.
37 Colocar-se-á uma parte nas grandes fortalezas do rei, tomar-se-ão
alguns para postos de confiança do reino. Seus chefes e seus oficiais
serão escolhidos entre eles, seguirão suas próprias leis, como o exige o
rei para a Judéia.
38 Os três distritos de Samaria que foram anexados à Judéia lhe serão
incorporados de maneira que sejam considerados como sendo um só
com ela, e não obedeçam a nenhuma outra autoridade a não ser a do
sumo sacerdote.
39 Faço de Ptolemaida e de seu território doação ao templo de
Jerusalém, para prover seu sustento.
40 Darei também cada ano quinze mil siclos de prata das rendas do rei,
provenientes dos seus domínios.
41 Todo o dinheiro que os administradores dos negócios não tiveram
despendido, e que lhes sobrar, como nos anos passados, será destinado
à construção do templo.
42 Além disso será feita a entrega dos cinqüenta mil siclos de prata
cobrados cada ano das rendas do templo, porque essa soma pertence
aos sacerdotes que exercem o serviço do culto.
43 Todo aquele que se refugiar no templo de Jerusalém ou no seu
recinto, por motivo de dívida ao fisco, ou por qualquer coisa que seja,
será poupado, bem como tudo o que ele possui no meu reino.
44 As despesas para os trabalhos de construção e de restauração do
templo serão postas na conta do rei.
45 Do mesmo modo as despesas para a construção dos muros e do
recinto da cidade ficarão a cargo das rendas do rei, bem como os gastos

da construção das outras fortificações na Judéia.
46 Quando Jônatas e o povo ouviram essas propostas, não acreditaram

33
Demétrio.
si.
e não quiseram aceitá-las, lembrando-se de todo o mal que Demétrio
fizera a Israel e do quanto ele os havia oprimido.
47 Escolheram então o partido de Alexandre, porque ele tinha sido o
primeiro a lhes falar de paz, e foram sempre seus auxiliares.
48 Alexandre reuniu um grande exército e veio ao encontro de
49 Os dois reis travaram o combate, mas o exército de Demétrio fugiu.
Perseguiu-o Alexandre, obtendo pleno êxito.
50 Combateu com ardor até o pôr-do-sol e Demétrio sucumbiu nesse
mesmo dia.
51 Então Alexandre enviou embaixadores a Ptolomeu o rei do Egito, com
a missão de lhe dizer:
52 Eis-me de volta ao solo do meu reino e assentado no trono de meus
pais; recobrei o poder, derrotei Demétrio e entrei na posse de meu país.
53 Travei batalha com ele, venci-o com seu exército e subi ao trono
onde ele reinava.
54 Façamos agora laços de amizade, dá-me tua filha por esposa e serei
teu genro, e vos cumularei, a ti e a ela, com presentes dignos de vós.
55 O rei Ptolomeu respondeu: Venturoso o dia em que entraste na terra
de teus pais e te assentaste no trono de seu reino!
56 Por isso dar-te-ei o que me pedes, mas vem ter comigo em
Ptolemaida, para que nos vejamos, e farei de ti o meu genro como
desejas.
57 Saiu Ptolomeu do Egito com sua filha Cleópatra, e foi a Ptolemaida
no ano cento e sessenta e dois.
58 Deu-a em casamento a Alexandre que lhe veio ao encontro e
celebrou as bodas com real magnificência.
59 O rei Alexandre escreveu também a Jônatas, para que viesse
procurá-lo,
60 e este se dirigiu a Ptolemaida, com pompa, onde encontrou os dois
reis. Ofereceu-lhes, como também a seus amigos, prata, ouro e
numerosos presentes e conquistou sua confiança inteiramente.
61 Todavia, alguns perversos de Israel reuniram-se contra ele e esses
ímpios quiseram acusá-lo, mas o rei não lhes deu atenção alguma.
62 Ordenou até mesmo que se tirassem as vestes de Jônatas, para
revesti-lo de púrpura, o que foi feito; e o rei fê-lo assentar-se junto de
63 Disse também aos grandes de sua corte: Saí com ele para o meio da
cidade, e proclamai que ninguém o acuse por qualquer coisa que seja e
que ninguém o moleste de maneira alguma.
64 Quando seus acusadores o viram assim exaltado publicamente e
revestido de púrpura, fugiram.
65 Honrou-o o rei, inscreveu-o entre seus primeiros amigos e deu-lhe o
título de chefe do exército e de governador.

34
chocaram-se.
66 Após isto, regressou Jônatas a Jerusalém, tranqüilo e alegre.
67 No ano cento e sessenta e cinco, Demétrio, filho de Demétrio, voltou
de Creta à terra de seus pais.
68 Com essa notícia, Alexandre, muito contristado, partiu para
Antioquia.
69 Demétrio constituiu Apolônio como governador da Celesíria. Este
levantou um poderoso exército, que ele reuniu em Jânia, e mandou
avisar ao sumo sacerdote Jônatas:
70 Só tu nos resistes e, por causa de ti, eu me tornei objeto de
zombaria e de opróbrio. Por que te fazes de arrogante diante de nós, em
tuas montanhas?
71 Se tens ainda confiança em tuas tropas, desce agora das montanhas
a nós na planície, onde nos poderemos medir, porque tenho comigo a
força das cidades.
72 Informa-te e saberás quem sou eu e quais são os meus aliados.
Estes também dizem que não podereis manter-vos de pé diante de nós,
porque já duas vezes teus pais foram afugentados em sua própria terra.
73 Hoje não poderás mais resistir à nossa cavalaria e a um tal exército,
nesta planície, onde não há nem pedra nem rochedo nem esconderijo
algum para se refugiar.
74 Ouvindo estas palavras de Apolônio, indignou-se Jônatas; e,
tomando consigo dez mil homens, saiu de Jerusalém. Seu irmão Simão
trouxe-lhe reforço.
75 Veio acampar defronte de Jope que, possuindo uma guarnição de
Apolônio, fechou-lhe suas portas. Jônatas atacou-a.
76 Os habitantes, espantados, abriram-lhe as portas e assim Jônatas
conquistou Jope.
77 Sabendo Apolônio, pôs a caminho três mil cavaleiros e um poderoso
exército
78 e de lá dirigiu-se para Azot, como se fosse atravessá-la ao mesmo
tempo, ganhou a planície, porque possuía uma numerosa cavalaria, na

qual se fiava: Jônatas perseguiu-o até Azot e os dois exércitos
79 Apolônio havia deixado escondidos mil cavaleiros, para pegar os
judeus de emboscada.
80 Mas Jônatas foi informado da emboscada dirigida contra ele. Os
inimigos cercavam sua formação e, desde a manhã até o pôr-do-sol,
atacaram seus homens;
81 o povo permanecia firme em suas fileiras como Jônatas havia
ordenado, enquanto que os cavaleiros do inimigo se fatigavam.
82 Em seguida, Simão avançou com sua tropa e travou uma batalha
contra a falange, quando a cavalaria já estava enfraquecida; o inimigo, aniquilado, foi posto em fuga.
83 Os cavaleiros se dispersaram pela planície, e os fugitivos alcançaram

35
Azot, onde se refugiaram no templo de Dagon, seu ídolo, para ali se
porem em segurança.
84 Jônatas incendiou Azot e todos os povoados das circunvizinhanças
depois de tê-los pilhado. Queimou o templo de Dagon com todos os que
estavam ali refugiados.
85 O número dos que pereceram pela espada ou pelo fogo foi cerca de
oito mil.
86 Jônatas partiu de lá e veio acampar diante de Ascalon, cujos
habitantes saíram-lhe ao encontro, rendendo-lhe grandes honras.
87 Em seguida, alcançou Jerusalém com seus companheiros, carregados
de espólios.
88 Quando o rei Alexandre soube desses acontecimentos, quis honrar
ainda mais Jônatas:
89 mandou-lhe uma fivela de ouro, como se concedia aos pais dos reis,
e deu-lhe como propriedade pessoal Acaron e seu território.

Capítulo 11

1 Ora, o rei do Egito reuniu um exército tão numeroso como a areia que
cobre a praia do mar, bem como uma considerável frota, e por astúcia
procurou apoderar-se do reino de Alexandre, para anexá-lo ao seu.
2 Chegou à Síria com palavras de paz; por isso os habitantes das
cidades lhe abriam suas portas e lhe vinham ao encontro, porque o rei Alexandre havia mandado acolhê-lo, já que era seu sogro.
3 Mas Ptolomeu, logo que entrava numa cidade, deixava ali tropas para
assegurar-se dela.
4 Quando se aproximou de Azot, mostraram-lhe o templo de Dagon
destruído pelo fogo, Azot e os arrabaldes da cidade em ruínas, os
cadáveres jacentes por terra, e os restos calcinados daqueles que
haviam sido queimados na guerra, postos em montes sobre seu
caminho.
5 Acusaram igualmente Jônatas, contando ao rei tudo o que ele havia
feito, mas o rei guardou silêncio.
6 Jônatas veio-lhe ao encontro com pompa até Jope, onde se saudaram
mutuamente e passaram a noite.
7 Em seguida, Jônatas acompanhou o rei até o rio, chamado Eleutério, e
voltou a Jerusalém.
8 O rei Ptolomeu estabeleceu assim seu poderio sobre todas as cidades,
da costa até a cidade marítima de Selêucia, forjando maus desígnios
contra Alexandre.
9 Mandou dizer ao rei Demétrio: Vem, façamos juntos uma aliança e
dar-te-ei minha filha, a mulher de Alexandre, e tu reinarás sobre o reino
de teus pais.

36
amigos.
10 Lamento com razão ter-lhe dado minha filha, porque ele procurou
matar-me.
11 E acusava-o assim porque cobiçava seu reino.
12 Retomou-lhe sua filha para dá-la a Demétrio, separando-se dele e
manifestando-lhe assim sua inimizade pública.
13 Ptolomeu entrou em Antioquia e cingiu-se com um duplo diadema: o
do Egito e o da Ásia.
14 Nesse ínterim, o rei Alexandre achava-se na Cilícia, cujos habitantes
se haviam revoltado;
15 mas, logo avisado, veio para travar o combate. Ptolomeu fez sair seu
exército, avançou com forças imponentes e o pôs em fuga.
16 Enquanto o rei Ptolomeu triunfava, Alexandre chegou à Arábia, para
procurar ali um asilo,
17 mas o árabe Zabdiel mandou cortar-lhe a cabeça e enviou-a ao rei
do Egito.
18 Ptolomeu morreu três dias depois, e as guarnições que ele havia
posto nas fortalezas foram massacradas pelos habitantes das cidades
vizinhas.
19 Demétrio começou a reinar pelo ano cento e sessenta e sete.
20 Nessa época, Jônatas convocou os homens da Judéia para apoderarse
da cidadela de Jerusalém e construiu, com esse intuito, numerosas
máquinas.
21 Imediatamente alguns ímpios, animados de ódio para com sua
própria nação, dirigiram-se ao rei e lhe contaram que Jônatas sitiava a
cidadela.
22 Com essa notícia, ele se irritou e, pondo-se logo a caminho, alcançou
Ptolemaida. De lá escreveu a Jônatas que não atacasse a cidadela e que

viesse ter com ele o mais depressa possível, para conferenciar com ele;
23 mas Jônatas, logo que recebeu a mensagem, deu ordem para
continuar o cerco e, escolhendo alguns dos mais antigos de Israel e
alguns sacerdotes, entregou-se ao perigo.
24 Levou consigo ouro, prata, vestes e inúmeros outros presentes e foi
a Ptolemaida encontrar-se com o rei, ante o qual encontrou graça.
25 Com efeito, ainda que alguns renegados de sua nação o
combatessem,
26 o rei tratou-o como o haviam feito seus predecessores, e o exaltou à
vista de seus cortesãos.
27 Confirmou-o no sumo sacerdócio e em todos os títulos que ele
possuía anteriormente, e o considerou como um de seus primeiros
28 Jônatas pediu ao rei que lhe concedesse imunidade de impostos na
Judéia e nos três distritos da Samaria, prometendo-lhe em troca
trezentos talentos.
29 Consentiu o rei e escreveu a Jônatas sobre esse assunto uma carta

37
assim lavrada:
dadas.
chegada.
30 O rei Demétrio a seu irmão Jônatas e ao povo judeu, saúde!
31 Para vossa informação, enviamos também a vós uma cópia da carta
que escrevemos a vosso respeito a Lástenes, nosso parente:
32 O rei Demétrio a seu pai Lástenes, saúde!
33 Resolvemos fazer bem à nação dos judeus, nossos leais amigos, em
vista de seus bons sentimentos a nosso respeito.
34 Confirmamos-lhes, pois, a posse dos territórios da Judéia e dos três
distritos de Aferema, de Lida e Ramata, arrebatados da Samaria, para
serem anexados à Judéia; e todos os seus lucros pertencerão aos que
sacrificam em Jerusalém, em lugar do tributo que a cada ano o rei
cobrava dos frutos da terra e das árvores.
35 Desde agora, deixamos-lhes liberalmente tudo o que nos cabe do
dízimo e do imposto, a taxa das salinas e as coroas que nos eram
36 Destas vontades nada será anulado, nem agora nem nunca.
37 Cuidai, pois, agora, de fazer uma cópia e entregai-a a Jônatas, para
que ela seja gravada e colocada na santa montanha.
38 Viu Demétrio que a terra estava silenciosa diante dele e que nada lhe
resistia; foi por isso que ele licenciou seu exército e mandou seus
soldados cada um para sua casa, com exceção das forças mercenárias
que ele havia recrutado nas ilhas estrangeiras. Com esta decisão, ele
desagradou todas as tropas de seus pais.
39 Todavia, Trifon, um antigo partidário de Alexandre, verificando que
todo o exército murmurava contra Demétrio, foi procurar Imalcué, o
árabe que educava Antíoco, o jovem filho de Alexandre.
40 Instou para que o entregasse, a fim de fazê-lo reinar em lugar de
seu pai, contando-lhe tudo o que fizera Demétrio e a hostilidade que seu
exército nutria contra ele. E lá se demorou muitos dias.
41 Nesse meio tempo, Jônatas mandou pedir ao rei Demétrio que
tirasse as tropas que se achavam na cidadela e nas fortalezas, porque
elas guerreavam contra Israel.
42 Demétrio mandou a Jônatas esta resposta: Não só farei isso por ti e
por teu povo, mas cumular-vos-ei de honra, a ti e a tua nação, assim
que tiver ocasião.
43 Agora farias bem em me enviar homens em meu socorro, porque
meus soldados me abandonaram.
44 No mesmo instante enviou Jônatas a Antioquia três mil homens
valorosos, que se ajuntaram ao rei, e este sentiu-se muito feliz com sua
45 Com efeito, os habitantes da cidade se uniram, em número de
aproximadamente cento e vinte mil, com o intuito de matarem o rei.
46 Este refugiou-se no seu palácio e o povo, ocupando as ruas da
cidade, começou o assalto.

38
47 Então o rei chamou os judeus em seu auxílio, e todos se agruparam
ao redor dele; depois, espalharam-se pela cidade, matando nesse dia
cerca de cem mil homens.
48 Incendiaram a cidade, apoderaram-se nesse mesmo dia de um
numeroso espólio e salvaram o rei.
49 Os habitantes viram que os judeus faziam da cidade o que eles
queriam e perderam a coragem. Por isso ergueram deprecações ao rei:
50 Dai-nos a mão e que os judeus parem de combater, a nós e à cidade.
51 Lançaram, pois, suas armas e concluíram a paz, enquanto os judeus,
cobertos de glória diante do rei e dos súditos, voltaram a Jerusalém com
abundantes despojos.
52 Demétrio conservou seu trono e todo o país ficou tranqüilo diante
dele.
53 Todavia, ele desmentiu sua palavra, separou-se de Jônatas e não lhe
pagou mais benevolência com benevolência; ao contrário, tratou-o
muito mal.

54 Foi após esses acontecimentos que Trifon chegou com Antíoco, que, apesar de jovem ainda, tomou o título de rei e cingiu-se com o diadema.
55 Todas as forças que Demétrio havia despedido agruparam-se ao redor dele, para combater este último que virou as costas e fugiu.
56 Trifon apoderou-se dos elefantes e conquistou Antioquia.
57 O jovem Antíoco escreveu a Jônatas: Eu te confirmo no sumo pontificado. Mantenho-te à frente dos quatro distritos e quero que estejas entre os amigos do rei.
58 Mandou-lhe também vasos de ouro, utensílios, e concedeu-lhe autorização de beber em copos de ouro, de vestir-se com púrpura, de trazer uma fivela de ouro.
59 Constituiu também seu irmão Simão governador da região que se estende da Escada de Tiro à fronteira do Egito.
60 Então Jônatas pôs-se em campanha, atravessou o país ao longo do rio e percorreu as aldeias. As tropas sírias juntaram-se a ele para lutar a seu lado, e chegou assim a Ascalon, cujos habitantes saíram todos diante dele com sinais de honra.
61 De lá seguiu para Gaza, que lhe fechou suas portas; investiu contra ela e pôs fogo aos arredores que pilhou.
62 Os habitantes de Gaza imploraram então a Jônatas, que lhes estendeu a mão, mas tomou como reféns os filhos dos nobres e os enviou a Jerusalém; em seguida atravessou o país até Damasco.
63 Soube Jônatas que os generais de Demétrio tinham chegado a Cades, na Galiléia, com um forte exército, com a intenção de pôr fim à sua atividade.
64 Foi contra eles e deixou na terra seu irmão Simão.
65 Este acampou ante Betsur, combateu por muito tempo e a sitiou.
66 Por fim, os habitantes pediram-lhe a paz. Ele concedeu-lha, mas os

39

expulsou da cidade, da qual se apoderou, para pôr ali uma guarnição.
67 Jônatas acampou com seu exército perto do lago de Genesar e, pela manhã, muito cedo, penetrou na planície de Azor.
68 Logo o exército estrangeiro avançou contra ele na planície e pôs emboscadas nas montanhas. Enquanto o exército marchava reto, para a frente,
69 as tropas de emboscada saíram de seu esconderijo e travaram a luta.
70 Todos os homens de Jônatas fugiram e não ficou nenhum com exceção de Matatias, filho de Absalão, e de Judas, filho de Calfi, chefe da milícia.
71 Jônatas rasgou suas vestes, cobriu a cabeça com pó, e rezou;
72 em seguida, retornou à luta e fez recuar e fugir o adversário.
73 Os seus que fugiam perceberam-no e, retornando para junto dele, perseguiram com ele os inimigos até Cades e seu acampamento. Ali se estabeleceram.
74 Naquele dia morreram cerca de três mil estrangeiros, e Jônatas voltou a Jerusalém.

Capítulo 12

1 Jônatas aproveitou-se das circunstâncias favoráveis e escolheu alguns homens, que enviou a confirmar e renovar a amizade com os romanos.
2 Com este mesmo objetivo enviou cartas também aos espartanos e a outros países.
3 Os embaixadores chegaram a Roma e dirigiram-se ao Senado, onde disseram: O sumo sacerdote Jônatas e o povo judeu enviaram-nos a vós para a renovação da amizade e da aliança com eles como outrora.
4 E deram-lhes, para as autoridades locais, um salvo-conduto, recomendando que os deixassem voltar sãos e salvos à Judéia.
5 Eis a cópia da carta que Jônatas escreveu aos espartanos:
6 Jônatas, sumo sacerdote, o conselho da nação, os sacerdotes e todo o povo judeu, a seus irmãos espartanos, saúde!
7 Outrora, Onias, sumo sacerdote, recebeu de Areu, vosso rei, uma mensagem em que se dizia que éreis nossos irmãos, como o comprova a cópia, aqui anexa.
8 Onias acolheu o enviado com honra e aceitou a carta, na qual havia referências à aliança e à amizade.
9 Por nosso lado, embora não tenhamos necessidade dessas vantagens, tendo para nossa consolação os livros santos, que estão em nossas mãos,
10 resolvemos renovar os laços de fraternidade e de amizade convosco, com receio de que nos tornássemos estranhos a vós, porque já decorreu

40

muito tempo após vossa passagem junto a nós.
11 Sem cessar, em toda ocasião, nas grandes festas e em outros dias solenes, nós nos lembramos de vós, nos sacrifícios que oferecemos e nas nossas preces, como é justo e conveniente pensar nos irmãos.
12 Alegramo-nos com o que ouvimos dizer de vós.
13 Quanto a nós, vivemos entre tribulações e guerras incontáveis: todos

os reis que nos cercam nos têm combatido.
14 Em todas essas guerras não quisemos, todavia, ser pesados, nem a
vós, nem aos outros aliados e amigos,
15 porque temos por auxílio o socorro do céu; com isso pudemos
escapar aos nossos inimigos, os quais foram humilhados.
16 Escolhemos, pois, a Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de
Jasão, e nós os enviamos a renovar, com os romanos, a amizade e a
aliança de outrora.
17 Do mesmo modo encarregamo-los de ir-vos saudar e de entregarvos,
de nossa parte, esta carta, que visa a reavivar nossa fraternidade.
18 Teríamos muito prazer em receber uma resposta vossa sobre esse
assunto.
19 Eis a cópia da carta enviada outrora:
20 Areu, rei dos espartanos, ao sumo sacerdote Onias, saúde!
21 Achou-se, num escrito sobre os espartanos e os judeus, que estes
povos são irmãos e descendem de Abraão.
22 Agora que sabemos isto, faríeis bem em nos escrever, se gozais de
paz;
23 nós também escrever-vos-emos. Vossos rebanhos e vossos haveres
são nossos e os nossos são vossos. Enviamo-vos esta mensagem para
que sejais informados disso.
24 Soube Jônatas que os generais de Demétrio haviam voltado com
tropas muito mais numerosas que anteriormente, para guerreá-lo.
25 Saiu, pois, ele de Jerusalém e foi ao seu encontro no país de Amatis,
sem lhes deixar tempo para invadir seu próprio país.
26 Mandou espiões ao acampamento dos inimigos; esses regressaram e
lhe contaram que os inimigos se preparavam para lançar-se sobre eles
durante a noite.
27 Ao pôr-do-sol, ordenou Jônatas aos seus que velassem e
empunhassem as armas, prontos para o combate, durante toda a noite,
enquanto ele postava sentinelas ao redor de todo o acampamento.
28 Ouvindo falar que Jônatas e seus soldados estavam prontos para o
combate, os inimigos ficaram tomados de sobressalto e de pavor, e
retiraram-se, acendendo fogueiras em seu acampamento.
29 Jônatas e seus companheiros viram queimar os fogos, e não
perceberam nada até de manhã;
30 puseram-se então a persegui-los, mas não os apanharam, porque
eles haviam atravessado o rio Eleutério.

41
aquela região.
coisa.
31 Voltou-se então Jônatas contra os árabes, chamados zabadeus,
abateu-os e carregou seus despojos.
32 Em seguida, reuniu seu exército, alcançou Damasco e percorreu toda
33 Por seu lado, Simão investiu até Ascalon, e até as fortalezas vizinhas.
De lá dirigiu-se a Jope e ocupou-a,
34 porque ouvira falar que os habitantes tinham a intenção de entregar
a cidadela às tropas de Demétrio. Ele colocou, pois, ali, uma guarnição
para defendê-la.
35 De volta a Jerusalém, Jônatas convocou os anciãos do povo e tomou
com eles a decisão de edificar fortalezas na Judéia,
36 de erguer muralhas em Jerusalém, e de construir um muro elevado
entre a cidadela e a cidade, para separá-la desta, isolá-la
completamente e impedir que ali se vendesse ou comprasse alguma
37 Formaram-se grupos para reconstruir a cidade, os quais ergueram de
novo o muro da torrente do lado leste, e restauraram a parte
cognominada Cafenata.
38 Simão edificou Adida, em Sefela, e a muniu de portas e ferrolhos.
39 No entanto, Trifon planejava reinar sobre a Ásia, tomar o diadema, e
levantar a mão contra o rei Antíoco.
40 Mas receava que Jônatas não o permitisse e combatesse seus
esforços; por isso, procurou apoderar-se dele, para dar-lhe um fim.
Partiu, pois, para Betsã.
41 Jônatas saiu ao seu encontro e atacou Betsã com um exército de
quarenta mil homens de escol.
42 Vendo que ele se aproximava com um numeroso exército, Trifon,
receou lançar-lhe a mão.
43 Recebeu-o com grande honra, apresentou-o a todos os seus amigos,
ofereceu-lhe presentes, e ordenou às suas tropas que lhe obedecessem,
como a ele mesmo.
44 Depois disse a Jônatas: Por que fatigaste todo este povo, uma vez
que não estamos em guerra?
45 Envia-os de volta a suas casas e escolhe alguns para ficarem contigo.
Após isso, acompanhar-me-ás a Ptolemaida e entregarte-ei a cidade,
todas as outras fortalezas, as outras tropas e todos os funcionários;
feito isto, retirar-me-ei, porque foi para isso que vim.
46 Jônatas confiou, fez o que ele dizia, e reenviou as tropas, que
regressaram à terra de Judá.
47 Reteve todavia três mil homens, dos quais enviou dois mil à Galiléia
e conservou consigo mil.

48 Mal penetrara Jônatas em Ptolemaida, os habitantes fecharam as
portas, prenderam-no, e passaram a fio da espada todos os que
estavam com ele.

42
si:
49 Por sua vez, Trifon enviou à Galiléia e à grande planície um exército
e cavaleiros, para esmagar os que Jônatas para lá enviara.
50 Mas estes, ouvindo dizer que Jônatas fora morto com todos os seus
companheiros, encorajaram-se mutuamente e marcharam em boa
ordem, prontos para o combate.
51 Seus perseguidores viram que eles queriam defender sua vida, e
regressaram,
52 enquanto os judeus entravam de novo, sãos e salvos, na terra de
Judá. Choraram Jônatas e os seus e foram tomados de grande
inquietude, e todo o povo caiu na desolação.
53 Todos os povos circunvizinhos procuraram oprimi-los, dizendo entre
54 Eles não têm ninguém para comandá-los nem para socorrê-los: é o
momento de atacá-los e destruir sua lembrança dentre os homens.
Capítulo 13
1 Simão foi informado de que Trifon havia organizado um poderoso
exército para vir à Judéia e devastá-la.
2 Vendo o povo amedrontado e espavorido, subiu a Jerusalém,
convocou a população
3 e dirigiu-lhe a palavra nestes termos: Vós mesmos sabeis bem o que
eu, meus irmãos e a casa de meu pai temos feito pelas leis e pelo
santuário, as guerras e as dificuldades que temos conhecido.
4 Foi assim que meus irmãos foram mortos pela causa de Israel e que
fiquei eu só.
5 Deus me guarde agora de poupar minha vida, quando o inimigo nos
oprime, porque não sou melhor que meus irmãos!
6 Por isso tirarei vingança de meu povo, do santuário, de vossas
mulheres e filhos, uma vez que todas as nações, por seu ódio, estão
coligadas para nos destruir.
7 A estas palavras, os ânimos inflamaram-se
8 e todos responderam, gritando: Tu és nosso chefe em lugar de Judas
e de Jônatas, teu irmão;
9 combate por nós e nós faremos tudo o que disseres.
10 Então Simão reuniu todos os que podiam lutar, apressou-se em
terminar os muros de Jerusalém e fortificou o recinto.
11 Enviou Jônatas, filho de Absalão, com consideráveis tropas a Jope.
Jônatas expulsou seus habitantes e instalou-se em seu lugar.
12 Todavia, Trifon saiu de Ptolemaida com um numeroso exército e se
dirigiu à Judéia. Trouxe consigo Jônatas, prisioneiro.
13 Simão acampou em Adida, defronte à planície.
14 Informado de que Simão havia ocupado o lugar de seu irmão Jônatas

43
e se aprontava para combatê-lo, Trifon enviou-lhe mensageiros, para
dizer-lhe:
15 Guardamos teu irmão por causa do dinheiro que ele deve ao tesouro
real em vista das funções que exercia.
16 Envia, pois, agora, cem talentos e, para que, uma vez livre, não
abandone nossa causa, manda também dois de seus filhos como reféns,
e nós o deixaremos ir.
17 Simão percebeu que essas palavras eram falazes, mas mandou
buscar o dinheiro e os filhos, com receio de cair na hostilidade do povo,
que poderia dizer:
18 Foi porque eu não mandei o dinheiro e os filhos, que o mataram.
19 Remeteu, pois, o dinheiro e os filhos, mas Trifon quebrou a palavra e
não libertou Jônatas.
20 Depois, pôs-se ele a caminho para entrar na Judéia e devastá-la,
fazendo um rodeio pelo caminho que conduz a Adora, mas Simão se
apresentava diante dele por toda parte aonde ele ia.
21 Por seu lado, os ocupantes da cidadela enviaram a Trifon mensageiro
pedindo-lhe que se apressasse a ir ter com eles pelo deserto e lhes
fornecesse víveres.
22 Trifon aprontou sua cavalaria para partir naquela mesma noite, mas
havia ali muita neve e ele não pôde encetar o caminho. Partiu, todavia,
e foi à região de Galaad.
23 Quando chegou perto de Bascama matou Jônatas e o sepultou;
24 em seguida, retrocedeu e voltou à sua terra.
25 Simão mandou recolher os restos de seu irmão Jônatas e os sepultou
em Modin, cidade de seus pais.
26 E todo o Israel chorou abundantemente e conservou o luto durante
muitos dias.
27 Sobre o túmulo de seu pai e de seus irmãos, Simão edificou um
monumento grandioso com pedras polidas, na frente e por trás.
28 Ergueu ali sete pirâmides uma diante da outra, para seu pai, sua
mãe e seus quatro irmãos.
29 Colocou nelas ornamentos e cercou-as com altas colunas, sobre as
quais, para eterna lembrança, colocou muitas armas e, junto a estas,
navios esculpidos, que podiam ser vistos por todos os que se achavam

no mar.
30 Tal foi a sepultura que ele construiu em Modin e que existe ainda
hoje.
31 Trifon, que servia o jovem rei Antíoco, com duplicidade, mandou
assassiná-lo,
32 reinou em seu lugar e usurpou o diadema da Ásia. Ele causou muito
mal ao país.
33 Simão reergueu as praças fortes da Judéia, muniu-as com torres
elevadas, com grandes muros, portas, ferrolhos, e as abarrotou de

víveres.
34 Escolheu mensageiros e enviou-os ao rei Demétrio, pedindo-lhe que
restabelecesse o país porque Trifon o havia submetido inteiramente à
pilhagem.
35 O rei Demétrio mandou-lhe sua resposta e escreveu-lhe nestes
termos:
36 O rei Demétrio a Simão, sumo sacerdote e amigo dos reis, aos
anciãos e ao povo judeu, saúde!
37 Recebemos a coroa de ouro e a palma que nos enviastes e estamos
dispostos a concluir convosco uma paz sólida, bem como a escrever aos
funcionários que vos dispensem dos impostos.
38 Tudo o que foi decidido em vosso favor está confirmado, e as
fortalezas que construístes são vossas.
39 Nós vos perdoamos todos os erros e as faltas cometidas até o dia de
hoje. Renunciamos à coroa que nos devíeis e, se existem ainda em
Jerusalém outras dívidas a pagar, não se paguem mais.
40 Finalmente, se existem entre vós alguns que sejam aptos a se
alistarem em nossa guarda, que eles o sejam e que a paz reine entre
nós.
41 Foi no ano cento e setenta que o jugo dos gentios foi afastado de
Israel,
42 e que o povo começou a datar os atos e os contratos do primeiro ano
de Simão, sumo sacerdote, chefe do exército e governador dos judeus.
43 Nessa época, Simão veio acampar diante de Gazara, a qual cercou.
Construiu uma máquina, levou-a contra a cidade, atacou uma torre e
apoderou-se dela.
44 Da máquina os soldados lançaram-se na cidade, causando ali uma
grande confusão,
45 de modo que os habitantes, com suas mulheres e seus filhos,
apareceram sobre os muros, rasgaram suas vestes e pediram com altos
brados a Simão que os poupasse.
46 Não nos trates conforme nossas maldades, diziam eles, mas segundo
a tua misericórdia.
47 Simão perdoou-os e não prosseguiu o combate. Não obstante
expulsou-os da cidade e mandou purificar todas as habitações onde se
achavam os ídolos; em seguida, fez sua entrada ao som de hinos e de
cânticos de louvor.
48 Fez desaparecer dali toda impureza e trouxe de volta os habitantes
fiéis à lei; fortificou-a e construiu para si mesmo uma morada.
49 Os ocupantes da cidadela de Jerusalém que não podiam sair para ir à
cidade comprar e vender, achavam-se numa grande miséria e um bom
número deles morreu de fome.
50 Suplicaram a Simão para que ele lhes estendesse a mão. Ele lhes
deu a mão, mas os expulsou de lá e purificou a cidadela de todas as

contra Trifon.
lo vivo.
suas contaminações.
51 E entrou nela no dia vinte e três do segundo mês, no ano cento e
setenta e um, com cânticos e palmas, harpas, címbalos, liras, hinos e
louvores, porque um grande inimigo de Israel tinha sido aniquilado.
52 Ordenou também que esse dia fosse celebrado a cada ano com
regozijo.
53 Fortificou a montanha do templo do lado da cidadela e habitou ali
com os seus.
54 Em seguida, verificando que seu filho João se havia tornado um
homem, confiou-lhe o comando de todas as tropas e este residiu em
Gazara.

Capítulo 14

1 Pelo ano cento e setenta e dois, o rei Demétrio reuniu suas tropas e
penetrou na Média, para aí organizar um exército de socorro na sua luta
2 Mas Arsaces, rei da Pérsia e da Média, informado de que Demétrio
havia entrado no seu território, enviou um de seus generais para pegá3
Partiu, pois, este, desbaratou o exército de Demétrio e apoderou-se
de sua pessoa. Enviou-o a Arsaces, e este o encarcerou.
4 Na Judéia reinou a paz, enquanto viveu Simão. Procurou o bem-estar
de seu povo, e este se agradou do seu poder e reputação.
5 Com toda a glória que adquiriu, tomou Jope como porto e construiu
um acesso para as ilhas do mar.
6 Alargou as fronteiras de seu povo e estendeu sua autoridade sobre
todo o país.
7 Repatriou muitos dos judeus prisioneiros do estrangeiro, apoderou-se
de Gazara, de Betsur e da cidadela de Jerusalém, que purificou de suas

manchas, e ninguém ousava opor-lhe resistência.
8 Os que cultivavam a terra trabalhavam em paz; o solo dava suas
colheitas e as árvores dos campos, seus frutos.
9 Os velhos assentavam-se nas praças públicas e entretinham-se com o
bem comum; os jovens revestiam-se com troféus e com equipamentos
de guerra.
10 Simão forneceu víveres às cidades e tomou resoluções para edificar
praças fortes, de modo que em toda parte, até as extremidades da
terra, celebrava-se seu nome.
11 Estabeleceu a paz em seu país, e todo o Israel exultava de alegria.
12 Cada um podia assentar-se sob sua parreira ou figueira sem recear o
inimigo.
13 Não houve ninguém para atacá-los, e os reis, nessa época, foram

46
conosco.
Asaramel,
abatidos.
14 Protegeu os humildes entre seu povo, zelou pela lei e exterminou os
ímpios e os perversos.
15 Contribuiu para o esplendor do templo e enriqueceu o tesouro.
16 A morte de Jônatas foi bem depressa conhecida em Roma e até em
Esparta, provocando grandes pesares.
17 Mas, logo que os romanos e os espartanos souberam que seu irmão
Simão se tinha tornado sumo sacerdote em seu lugar e governava o
país com as cidades que ali se achavam,
18 escreveram-lhe em tabuletas de bronze para renovar a amizade e a
aliança, outrora concluída com seus irmãos Judas e Jônatas.
19 Essas mensagens foram lidas diante da assembléia em Jerusalém e
eis a cópia daquela que enviaram os espartanos:
20 Os arcontes da cidade de Esparta ao sumo sacerdote Simão, aos
anciãos, aos sacerdotes e ao povo judeu, seu irmão, saúde!
21 Os mensageiros que enviastes ao nosso povo contaram-nos vossa
celebridade e glória, e nós nos regozijamos com sua chegada.
22 Nós consignamos, como segue, a proposta que eles fizeram às
deliberações do povo: Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de
Jasão, vieram a nós, da parte dos judeus, para renovar sua amizade
23 Pareceu bem ao povo recebê-los com honra e depositar uma cópia de
suas palavras nos arquivos públicos, para que ficasse na memória do
povo de Esparta; e sobre isso enviamos um cópia a Simão, sumo
sacerdote.
24 Em seguida, Simão enviou Numênio a Roma, com um grande escudo
de ouro, que pesava mil minas, para confirmação da aliança com os
romanos.
25 Quando o povo foi informado disso tudo, disse: Que sinal de
reconhecimento daremos a Simão e a seus filhos?
26 Ele mesmo, seus irmãos e a casa de seu pai mostraram-se valorosos,
venceram os inimigos de Israel e asseguraram-lhe a liberdade.
Gravaram, pois, uma inscrição em tábuas de bronze e colocaram-nas
entre as estelas conservadas no monte Sião.
27 Eis a cópia dessa inscrição: No dia dezoito do mês de Elul, do ano
cento e setenta e dois, o terceiro ano do pontificado de Simão, em
28 na grande assembléia dos sacerdotes, do povo, dos chefes da nação
e dos anciãos do país, foi declarado isto: No momento em que as
guerras renasciam sem cessar no país,
29 Simão filho de Matatias, descendente de Jarib, e seus irmãos,
expuseram-se ao perigo e resistiram aos inimigos de sua raça, para
salvar o templo e a lei, levando seu povo a uma grande glória.
30 Jônatas reuniu seu povo e tornou-se o sumo sacerdote; depois foi

47
consideração.
juntar-se aos seus mortos.
31 Os inimigos quiseram invadir o país para devastá-lo e lançar a mão
sobre os lugares santos,
32 mas então se levantou Simão. Combateu por sua nação, distribuiu
uma grande parte de seus bens para armar os homens de seu exército e
pagar seu soldo.
33 Fortificou as cidades da Judéia: Betsur, que se acha na fronteira,
outrora arsenal do inimigo, onde ele estabeleceu uma guarnição judia;
34 Jope, que se acha na costa; Gazara, na região de Azot, outrora
povoada de inimigos, que ele substituiu por judeus. E muniu todas estas
cidades com o que era necessário para sua defesa.
35 O povo viu o procedimento de Simão e a glória que ele queria
adquirir para a sua raça; escolheu-o para chefe e sumo sacerdote, por
causa de tudo o que ele havia efetuado, pela justiça e fidelidade que
guardou à sua pátria e porque procurava de todo modo exaltá-la.
36 Sob sua autoridade o povo tinha chegado a rechaçar os gentios de
seu território e a expulsar os ocupantes da cidade de Davi em
Jerusalém, lugar no qual haviam estabelecido uma cidadela e da qual

saíam para manchar os acessos do templo e profanar gravemente a santidade.
37 Simão colocou ali uma guarnição judia, fortificou-a para proteger o país e a cidade, e ergueu os muros de Jerusalém.
38 Depois disso o rei Demétrio confirmou Simão no cargo de sumo sacerdote,
39 contou-o no número de seus amigos e demonstrou-lhe uma grande
40 Com efeito, ele soube que os romanos davam aos judeus o nome de irmãos, de amigos e de aliados e que haviam recebido com honras os enviados de Simão.
41 Soube também que os judeus e seus sacerdotes haviam consentido que Simão se tornasse seu chefe e sumo sacerdote, perpetuamente, até a vinda de um profeta fiel,
42 que tomasse o comando do exército, cuidasse do culto, designasse superintendentes para os trabalhos, as regiões, os armamentos e as fortificações;
43 que se ocupasse do culto e fosse obedecido por todos; que, no país, todos os atos fossem escritos em seu nome; e que andasse vestido de púrpura e trouxesse fivelas de ouro.
44 Não seria permitido a ninguém do povo ou dos sacerdotes rejeitar uma só de suas disposições, contradizer suas ordens, convocar uma assembléia no país sem o seu assentimento, vestir-se com púrpura ou usar uma fivela de ouro.
45 Quem quer que agisse contra essas decisões ou violasse uma, seria culpado.

48
costa,
46 Aprouve ao povo permitir a Simão agir conforme essas disposições.
47 Simão aceitou. Prontificou-se a ser sumo pontífice, chefe do exército, governador dos judeus e dos sacerdotes e exercer autoridade sobre todos.
48 Foi ordenado que essa inscrição fosse gravada em tábuas de bronze e colocada num lugar visível da galeria do templo,
49 ao passo que uma cópia seria depositada na sala do tesouro, à disposição de Simão e de seus filhos.
Capítulo 15
1 Antíoco, filho de Demétrio, escreveu das ilhas do mar a Simão, sacerdote e chefe dos judeus, e a todo o povo.
2 Dizia assim sua carta: O rei Antíoco a Simão, sumo sacerdote e príncipe, e ao povo judeu, saúde!
3 Perversos apoderaram-se do reino de meus pais, mas quero recobrálo e restabelecê-lo como foi outrora: organizei, pois, um poderoso exército e aluguei navios de guerra,
4 e pretendo penetrar no país, para vingar-me daqueles que o devastaram e assolaram inúmeras cidades.
5 Pela presente carta, confirmo-te todas as imunidades conferidas por meus reais predecessores, e todas as dádivas que eles te fizeram.
6 Dou-te a permissão de cunhar uma moeda especial para teu país.
7 Que Jerusalém e os lugares santos gozem de liberdade! Todos os armamentos que mandaste fazer e todas as fortalezas que construíste e que estão em teu poder, podes guardá-las.
8 Que te sejam perdoadas, desde agora e para sempre, as dívidas que deves ou deverás ao tesouro real.
9 Quando nós tivermos entrado na posse do nosso reino, cumular-te-emos com grandes honras, a ti, a teu povo, e ao templo, de maneira que vossa reputação fique célebre em toda a terra.
10 No ano cento e setenta e quatro, entrou Antíoco no reino de seus pais, e todas as tropas se ajuntaram a ele, de modo que foram poucos os que ficaram com Trifon.
11 Este, perseguido por Antíoco, foi refugiar-se em Dora, porto da
12 porque sabia que o mal o ia atingindo e que seu exército o abandonava.
13 Antíoco cercou Dora com cento e vinte mil homens e oito mil cavaleiros.
14 Cercou a cidade e seus navios aproximaram-se, formando assim o bloqueio por terra e por mar sem deixar ninguém sair ou entrar.
15 Nessa ocasião, Numênio e seus companheiros voltaram de Roma

49
com cartas dirigidas aos reis e aos povos. Eis o conteúdo:
16 Lúcio, cônsul romano ao rei Ptolomeu, saúde!
17 Os embaixadores enviados por Simão, sumo sacerdote, e pelo povo judeu, como amigos e aliados vieram a nós para renovar a amizade e a aliança de outrora.
18 Trouxeram eles um escudo de ouro de mil minas.
19 Nós resolvemos então pedir aos reis e aos países, que não lhes causem mal, nem lhes façam guerra, a eles, às suas cidades, e aos seus campos, e nem se aliem a seus inimigos.
20 Aprouve-nos aceitar seu escudo.
21 Se judeus apóstatas se refugiaram junto a vós, entregai-os ao sumo sacerdote Simão, para que ele os castigue segundo sua lei.
22 A mesma carta foi enviada ao rei Demétrio, a Átalo, a Ariarates, a Arsaces

23 e a todos os países: a Sampsamo, aos espartanos, a Delos, a Mindo,
à Siciônia, à Cária, a Samos, à Panfília, à Lícia, a Halicarnasso, a Rodes,
a Fasélides, a Cós, a Siden, a Arado, a Gortine, a Gnido, a Chipre e a
Cirene.
24 A cópia dela foi enviada ao sumo sacerdote, Simão.
25 O rei Antíoco continuava o cerco de Dora, oprimindo-a de todos os
lados, construindo máquinas, e encerrando Trifon, de maneira que ele
não pudesse mais sair nem entrar.
26 Por sua vez, enviou Simão dez mil homens de escol para combater
ao lado dele, além de prata, ouro e muitos equipamentos.
27 Mas o rei não quis aceitá-los; retirou o que lhe havia concedido a
princípio e tornou-se-lhe hostil.
28 Enviou-lhe um de seus amigos, Atenóbio, para comunicar-lhe
isso:Vós ocupastes Jope e Gazara, cidades de meu reino, como também
a cidadela de Jerusalém.
29 Assolastes o território, devastastes gravemente o país e vos
apoderastes de numerosas localidades de meu reino.
30 Entregai agora as cidades das quais vos haveis apoderado e os
tributos das regiões que conquistastes fora das fronteiras da Judéia;
31 senão, retribuí em troca quinhentos talentos de prata e quinhentos
outros talentos pelas perdas causadas e pelas rendas das cidades; do
contrário, iremos guerrear-vos.
32 Atenóbio, amigo do rei, chegou então a Jerusalém; viu as honras
prestadas a Simão, o armário com as taças de ouro e prata, sua
habitação faustosa, e ficou maravilhado. Referiu, todavia, as palavras do
rei,
33 e Simão respondeu: Não foi uma terra estrangeira que conquistamos, nem a
propriedade de outrem que conservamos, mas
somente a herança de nossos pais, injustamente usurpada, durante
algum tempo, por nossos inimigos.

50
34 Chegou a hora para nós de a reivindicarmos.
35 Pelo que toca a Jope e a Gazara, que tu reclamas, e que fizeram
tanto mal ao nosso povo, devastando o país, nós te concedemos cem
talentos. Atenóbio nada respondeu,
36 mas voltou cheio de ira para junto do rei, repetindo-lhe essa
resposta e contando-lhe o fausto de Simão, bem como tudo o que vira,
e isso levou o rei a uma grande ira.
37 Por esse tempo, Trifon fugia em navio para Ortósia.
38 O rei nomeou então Cendebeu comandante da costa, e entregou-lhe
tropas de infantaria e cavalaria;
39 encarregou-o de atacar a Judéia, deu-lhe ordens de reconstruir
Cedron, de fortificar os acessos e de atacar o povo judeu, enquanto ele
mesmo perseguiria Trifon.
40 Chegado a Jânia, Cendebeu começou a importunar o povo judeu, a
realizar incursões na Judéia, a fazer um grande número de prisioneiros e
a massacrar os habitantes.
Construiu Cedron
41 e colocou ali infantes e cavaleiros com a ordem de realizar investidas
e de infestar os caminhos da Judéia, como lhe ordenara o rei.

Capítulo 16
1 Subindo de Gazara a Jerusalém, veio João anunciar a seu pai os atos
de Cendebeu;
2 mandou então Simão vir seus dois filhos mais velhos, João e Judas, e
lhes disse: Eu, meus irmãos e a casa de meu pai temos resistido aos
inimigos de Israel desde nossa juventude até o dia de hoje, e, muitas
vezes, conseguimos libertar a nação.
3 Mas já estou velho, enquanto que vós, graças a Deus, tendes a idade
necessária. Tomai, pois, o meu lugar e o de meu irmão; ide combater
por nossa raça, e que o socorro do céu esteja convosco.
4 João recrutou no país vinte mil combatentes e cavaleiros. Foram eles
contra Cendebeu e acamparam em Modin.
5 Levantaram-se ao romper da aurora, avançaram pela planície, e eis
que um exército numeroso de infantes e de cavaleiros apareceu diante
deles, estando separado apenas por uma torrente.
6 João dispôs seus homens diante do inimigo, mas, verificando que eles
temiam passar a torrente, atravessou-a por primeiro e, a exemplo dele,
todos atravessaram em seguida.
7 Dividiu seu exército e colocou os cavaleiros entre os infantes, porque a
cavalaria inimiga era numerosa.
8 Fizeram soar as trombetas sagradas. Cendebeu e seu exército foram
derrotados; muitos dentre os seus caíram sob os golpes e o restante
fugiu para a fortaleza.

51
santa.
9 Judas, irmão de João foi ferido, mas João perseguiu o inimigo até
Cedron, construída por ele.
10 Muitos fugiram para as torres construídas no campo de Azot, mas ele
incendiou-as e pereceram cerca de dois mil homens. Após isso, João
voltou em paz para a Judéia.

11 Ptolomeu, filho de Abub, havia sido nomeado comandante da planície de Jericó. Possuía muito ouro e prata,
12 porque era genro do sumo sacerdote.
13 Seu coração ensoberbeceu-se, e ele resolveu tornar-se senhor do país; maquinou pois uma traição contra Simão e seus filhos, para livrarse deles.
14 Ora, no undécimo mês, isto é, no mês de Sabat do ano cento e setenta e sete, quando ele percorria as cidades do país, para cuidar de seus interesses, Simão desceu a Jericó com seus filhos Matatias e Judas.
15 O filho de Abub recebeu-o dolosamente no forte de Doc, que tinha construído, e onde ele havia ocultado seus homens. Deu um grande banquete
16 e, quando Simão e seus filhos ficaram ébrios, Ptolomeu e seus companheiros ergueram-se, tomaram suas armas e lançaram-se sobre Simão, na sala do banquete. Mataram-no como também seus dois filhos e alguns dos seus servidores.
l7 Isso foi uma grande perfídia cometida em Israel: e pagou-se o bem com o mal.
18 Ptolomeu escreveu ao rei para informá-lo, pedindo-lhe que lhe enviasse tropas de socorro e lhe cedesse a região e as cidades.
19 Mandou outros a Gazara, com a missão de matar João; convocou através de cartas os chefes do exército, para entregar-lhes prata, ouro e presentes;
20 e enviou outros emissários a conquistar Jerusalém e a montanha
21 Mas, antecipando-os, alguém veio a Gazara avisar João de que seu pai e seus irmãos haviam perecido e que haviam enviado assassinos para matá-lo.
22 Com essa notícia ficou espavorido, mas mandou prender aqueles que vinham matá-lo, e os exterminou, sabendo perfeitamente que tinham a intenção de assassiná-lo.
23 As outras palavras de João, suas guerras e os seus feitos que realizou com valentia, como construiu as muralhas,
24 tudo isso está narrado nos anais de seu pontificado, desde o momento em que ele se tornou sumo sacerdote depois de seu pai.

...

SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

2
Capítulo 1
1 Saúde aos nossos irmãos judeus que estão no Egito. Seus irmãos, os judeus residentes em Jerusalém e no país de Judá, auguram-lhes uma paz venturosa.
2 Deus vos acumule de bens, e que ele se lembre de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó, seus fiéis servidores.
3 Que ele disponha vossa alma à piedade e à observância dos seus mandamentos com um coração generoso e uma fervente submissão!
4 Que ele abra vosso coração à sua lei e aos seus preceitos e que vos estabeleça na paz!
5 Que ele ouça vossas súplicas, vos seja misericordioso e não vos abandone nas provações!
6 Nós daqui rezamos por vós.
7 Sob o reinado de Demétrio, pelo ano cento e sessenta e nove, nós, judeus, vos escrevemos na tribulação e na aflição em que nos achávamos nessa época, desde o dia em que Jasão e seus companheiros abandonaram a terra santa e o reino.
8 A porta do templo foi incendiada e derramado o sangue inocente; mas nós suplicamos ao Senhor, e ele nos ouviu: oferecemos o sacrifício e a flor da farinha, acendemos as lâmpadas e expusemos os pães.
9 Celebrai, portanto, agora, a festa da cenopégia no mês de Casleu.
10 No ano cento e oitenta e oito. Os habitantes de Jerusalém e da Judéia, o senado e Judas, a Aristóbulo, conselheiro do rei Ptolomeu, da linhagem dos sacerdotes consagrados, como também aos judeus do Egito, saúde e prosperidade!
11 Libertados por Deus de inauditos perigos, nós lhe rendemos grandes ações de graças, porque tivemos um rei a combater.
12 Mas Deus rejeitou aqueles que haviam atacado a cidade santa.
13 Seu chefe, chegado à Pérsia com um exército aparentemente irresistível, pereceu no templo de Manéia, vítima de um ardil dos sacerdotes da deusa.
14 Com razão, sob o pretexto de esposar aquela, chegou com seus amigos para apoderar-se de suas riquezas, a título de dote.
15 Os sacerdotes expuseram o tesouro, e ele mesmo, com alguns dos seus, penetrou no recinto sagrado, enquanto eles fechavam as portas;
16 mas, quando Antíoco entrou no interior, abriram uma porta secreta na abóbada e esmagaram o príncipe sob uma saraivada de pedras.
Esquartejaram, em seguida, os corpos e degolaram as cabeças, lançando-as aos que estavam do lado de fora.
17 Louvado seja nosso Deus em todas as coisas, porque entregou os ímpios à morte.
18 Em vésperas de celebrarmos, dia vinte e cinco de Casleu, a

3
Deus.
purificação do templo, julgamos oportuno certificar-vos disso, a fim de que vós também celebreis a festa da cenopégia e a comemoração do fogo que apareceu quando Neemias ofereceu o sacrifício, após ter reconstruído o templo e o altar.
19 Na verdade, quando nossos pais foram levados à Pérsia, os sacerdotes de então, inflamados de piedade, tomaram secretamente o fogo sagrado do altar e o esconderam no fundo de um poço seco, onde eles o ocultaram tão cuidadosamente, que o lugar permaneceu desconhecido de todos.
20 Decorreram muitos anos e, quando aprouve a Deus, Neemias, salvo pelo rei da Pérsia, enviou, para retomar o fogo, os descendentes dos próprios sacerdotes que o haviam ocultado. Ora, segundo a explicação que eles nos deram, não encontraram o fogo, mas um líquido espesso.
21 Neemias ordenou-lhes que o tirassem e o trouxessem. Uma vez preparada a matéria do sacrifício, disse Neemias aos sacerdotes que derramassem a água sobre a madeira e sobre o que estava ali colocado.
22 A ordem foi executada, e veio o momento em que o sol, a princípio encondido, pôs-se a brilhar, então um grande fogo se acendeu e maravilhou todos os espectadores.
23 Enquanto se consumiu o sacrifício, os sacerdotes puseram-se a rezar, e todos rezavam com eles; Jônatas entoava, e os outros, como Neemias, juntavam sua voz à dele.
24 Eis a oração: Senhor, Senhor, Deus, criador de todas as coisas, terrível e forte, justo e misericordioso, que sois o rei único e bom,
25 o único generoso, o único justo, todo-poderoso e eterno, vós que livrastes Israel de todo o mal, que fizestes de nossos pais vossos escolhidos e os santificastes,
26 aceitai este sacrifício, oferecido por todo o vosso povo de Israel, guardai vossa parte de eleição e santificai-a.
27 Congregai nossos irmãos dispersos, devolvei a liberdade aos que são

escravos entre os pagãos, deitai vosso olhar sobre os que são
desprezados e abominados, e que as nações saibam que sois nosso
28 Castigai os que nos oprimem e nos ultrajam com seu orgulho.
29 Plantai, como disse Moisés, vosso povo na vossa terra santa.
30 Os sacerdotes então cantaram os hinos.
31 Quando foi consumido o sacrifício, Neemias mandou que se
espalhasse o líquido restante sobre grandes pedras.
32 Depois de feito isso, uma chama cintilou, mas se consumiu,
enquanto o fogo que se erguia no altar continuava a brilhar.
33 O acontecimento foi logo divulgado, e contaram ao rei da Pérsia que
era no lugar onde os sacerdotes levados ao cativeiro tinham ocultado o fogo sagrado, que havia aparecido a água com a qual Neemias e seus
companheiros obtiveram o fogo purificador das oferendas.

4
coração.
34 Ordenou o rei que se murasse o lugar e o considerassem como
sagrado, após ter-se certificado da exatidão do acontecido.
35 O rei tinha por hábito tomar posse de muitas coisas, das quais dava
uma parte a quem ele queria ser agradável.
36 Os companheiros de Neemias chamaram isso de Neftar, que quer
dizer purificação, mas a maioria o chama de Neftaí.
Capítulo 2
1 Acha-se escrito nos documentos relativos ao profeta Jeremias, que foi
ele quem ordenou aos cativos tomar o fogo, como se acaba de contar,
2 e que o profeta, dando-lhes um exemplar da lei, lhes recomendou não
esquecerem os mandamentos do Senhor e não se deixarem seduzir à
vista dos ídolos de ouro e prata, ou dos ornamentos dos quais estavam
ornados.
3 Conjurou-os, entre outros avisos, a não afastarem a lei de seu
4 O escrito mencionava também como o profeta, pela fé da revelação,
havia desejado fazer-se acompanhar pela arca e pelo tabernáculo,
quando subisse a montanha que subiu Moisés para contemplar a
herança de Deus.
5 No momento em que chegou, descobriu uma vasta caverna, na qual
mandou depositar a arca, o tabernáculo e o altar dos perfumes; em
seguida, tapou a entrada.
6 Alguns daqueles que o haviam acompanhado voltaram para marcar o
caminho com sinais, mas não puderam achá-lo.
7 Quando Jeremias soube, repreendeu-os e disse-lhes que esse lugar
ficaria desconhecido, até que Deus reunisse seu povo e usasse com ele
de misericórdia.
8 Então revelará o Senhor o que ele encerra e aparecerá a glória do
Senhor como uma densa nuvem, semelhante à que apareceu sobre
Moisés e quando Salomão rezou para que o templo recebesse uma
consagração magnífica.
9 Estava também relatado como esse sábio ofereceu o sacrifício da
dedicação e da conclusão do santuário,
10 como também, à semelhança de Moisés que orou ao Senhor e obteve
que o fogo do céu descesse e consumisse as ofertas, Salomão pôs-se a
rezar e o fogo desceu do alto para queimar os holocaustos.
11 Moisés disse: Por não ter sido comido, o sacrifício pelo pecado foi
consumido.
12 Também Salomão prolongou por oito dias a dedicação.
13 Nas relações e nas memórias do tempo de Neemias, contavam-se os mesmos feitos e como também ele formou uma biblioteca, reunindo

5
hordas bárbaras,
tudo o que se referia aos reis e aos profetas, as obras de Davi e as
cartas dos reis a respeito das ofertas.
14 Do mesmo modo, Judas reuniu todos os livros espalhados pelas
guerras que nos sobrevieram, e essa coleção se encontra em nosso
poder.
15 Por conseguinte, se tendes necessidade de um desses livros, enviainos
mensageiros que vo-los levarão.
16 Nós vamos, pois, celebrar a purificação do templo e é por isso que
vos escrevemos: seria bom que também celebrásseis essas festas.
17 Foi Deus quem salvou todo o seu povo, e quem deu a todos a
herança, o reino, o sacerdócio e a santificação,
18 como havia prometido pela lei. Este Deus, em quem esperamos, sem
dúvida terá logo piedade de nós e de toda a terra, reunir-nos-á no solo
sagrado: porque já nos livrou de grandes males e purificou o templo.
19 Os acontecimentos efetuados no tempo de Judas Macabeu e de seus
irmãos, a purificação do augusto templo e a dedicação do altar,
20 como também as guerras sustentadas contra Antíoco Epífanes e
contra seu filho Eupator,
21 as manifestações celestes sobrevindas em favor dos bravos, que
pelejaram corajosamente pelo judaísmo e que, apesar de seu número

reduzido, se tornaram senhores de todo o país, puseram em fuga as
22 recobraram a posse do templo famoso em todo o universo, livraram
a cidade e restabeleceram as leis em vias de abolição, tudo isso, graças
ao Senhor que lhes foi misericordioso:
23 eis o que Jasão de Cirene narra em cinco livros que vamos tentar
resumir em um só.
24 Considerando a multidão das letras e a dificuldade que em vista da
abundância dos assuntos experimentam aqueles que desejam penetrar
no estudo das narrativas históricas,
25 temo-nos preocupado em agradar aos que apenas desejam lê-las,
em facilitar aos que procuram retê-las e em ser úteis a todos em geral.
26 Para nós que empreendemos este trabalho de resumir, não é coisa
fácil, mas uma questão de suores e vigílias.
27 No entanto, como aquele que prepara um festim, procurando
satisfazer aos outros, assume uma tarefa penosa, assim nós, de boa
vontade, tomamos a nós este trabalho, para obter a gratidão de muitos.
28 E deixando para o autor o cuidado de tratar cada assunto em seus
detalhes, nós nos esforçamos em expô-los com auxílio de fórmulas
resumidas.
29 Assim como para uma casa nova cabe ao arquiteto preocupar-se com
o conjunto da construção, enquanto aquele que está encarregado dos
afrescos e das pinturas só se ocupa com a decoração, assim, me parece,
é o que cabe a nós.

6
30 Ao autor de uma história toca aprofundar tudo, dissertar sobre tudo,
procurar todos os detalhes,
31 mas o que resume deve, ao contrário, procurar condensar a
narrativa e evitar a minúcia na exposição dos fatos.
32 Agora, após tão longos prolegômenos, comecemos nossa relação,
porque seria absurdo ser prolixo antes da história, e breve na própria
história.
Capítulo 3
1 Enquanto os habitantes de Jerusalém gozavam de uma paz perfeita,
por causa da piedade e retidão do sumo sacerdote Onias, na exata
observância das leis,
2 o templo era respeitado, mesmo pelos reis estrangeiros. Estes
honravam o santuário com os mais ricos presentes,
3 a tal ponto que Seleuco, rei da Ásia, subministrava com suas rendas
pessoais toda a despesa necessária à liturgia dos sacrifícios.
4 Todavia, certo Simão, da tribo de Belga, nomeado prefeito do templo,
entrou em desacordo com o sumo sacerdote quanto à inspeção do
mercado público.
5 Como não pudesse vencer Onias, foi procurar Apolônio de Társis,
então governador militar da Celesíria e da Fenícia.
6 Declarou-lhe que o tesouro do templo transbordava de indizíveis
riquezas, a não poder enumerá-las; que nada tinham a ver com os
sacrifícios, e que ele daria um jeito de fazê-las passar ao erário real.
7 Tendo uma audiência com o rei, Apolônio o advertiu sobre as riquezas
que lhe haviam sido declaradas, e este, tomando uma decisão, enviou
seu intendente Heliodoro com a ordem de trazer as ditas riquezas.
8 Imediatamente, Heliodoro pôs-se a caminho, simulando visitas às
cidades da Celesíria e da Fenícia; na realidade, porém, era para
executar a ordem do rei.
9 Tendo chegado a Jerusalém e sendo recebido pelo sumo sacerdote da
cidade com amabilidade, transmitiu-lhe as revelações recebidas e
comunicou-lhe o sentido de sua visita; contudo, indagou se tudo isso
correspondia à realidade.
10 O sumo sacerdote fez-lhe ver que se tratava do depósito das viúvas
e dos órfãos;
11 que somente um dos depósitos pertencia a Hircano, filho de Tobias,
varão muito eminente; que não era como o pretendiam as calúnias do
ímpio Simão, mas que tudo se reduzia a uma soma de quatrocentos
talentos de prata e duzentos talentos de ouro.
12 Era completamente impossível defraudar os que haviam depositado
confiança na santidade do lugar e no caráter sagrado e inviolável do

7
templo venerado no mundo inteiro.
13 Firme nas ordens do rei, Heliodoro respondeu que essas riquezas
deveriam ser transportadas absolutamente para o tesouro real
14 e, num dia por ele fixado, entrou com a intenção de organizar o
inventário. A partir dessa hora, uma grande inquietude se espalhou pela
cidade toda.
15 Revestidos de suas vestes sacerdotais e prostrados diante do altar,
os sacerdotes suplicavam ao céu e imploravam ao Autor da lei acerca
dos depósitos, rogando-lhe que os conservasse intactos para aqueles
que lhos tinham confiado.
16 Já o aspecto do sumo sacerdote causava pena ver, do mesmo modo

seu semblante; e a alteração de seus traços manifestava sua angústia interior.
17 O susto que o havia tolhido agitava seu corpo com um tremor, que mostrava o sofrimento íntimo de sua alma.
18 Diante da profanação que ameaçava o templo, o povo se precipitava em multidão para fora das casas, a fim de se ajuntarem à prece comum.
19 As mulheres cingidas com sacos pela altura dos seios enchiam as ruas, e quanto às jovens, retidas nas casas, corriam umas para as portas, outras para as muralhas, outras ainda se debruçavam nas janelas;
20 todas erguiam as mãos para o céu com gritos de súplica.
21 Causava dó observar toda a confusão desse povo abatido e a angústia em que jazia o sumo sacerdote.
22 Enquanto suplicavam assim a proteção do todo-poderoso para que conservasse invioláveis os depósitos que lhes haviam sido confiados,
23 Heliodoro executava o seu intento.
24 Já se achava ali, com seus homens armados, quando o Senhor dos espíritos e soberano detentor de todo o poder suscitou uma tal aparição que todos os que haviam ousado vir ali desfaleceram de espanto, atingidos de pavor ante a majestade de Deus.
25 Viram eles, montado num cavalo ricamente ajaezado e guiado furiosamente, um cavaleiro de terrível aspecto, que lançava em Heliodoro as patas dianteiras do cavalo. O que vinha nele montado parecia ter uma armadura de ouro.
26 Ao mesmo tempo, apareceram-lhe outros dois jovens, cheios de força extraordinária, fulgurantes de luz, ricamente vestidos; colocandose dos dois lados, puseram-se eles a açoitá-lo sem interrupção e descarregaram sobre ele uma saraivada de golpes.
27 Atirado logo por terra, Heliodoro foi envolvido por espessas trevas; seus companheiros ergueram-no e depositaram-no numa liteira.
28 E ele, que vinha para penetrar no mencionado tesouro com uma escolta numerosa e guardas pessoais, incapaz de se ajudar a si mesmo, foi levado por pessoas que reconheciam o manifesto poder de Deus.

8
29 Enquanto ele se achava estendido e ferido pela força de Deus, sem fala e sem esperança alguma de salvação,
30 os habitantes de Jerusalém bendiziam o Senhor que havia glorificado seu templo. O santuário, que pouco antes estava cheio de confusão e de tumulto, logo que o Senhor manifestou sua onipotência encheu-se de regozijo e de alegria.
31 Todavia, alguns dos companheiros de Heliodoro suplicavam logo a Onias que rezasse ao todo-poderoso, para restituir-lhe a vida, prestes, na verdade, a apagar-se.
32 Receando que o rei suspeitasse de que os judeus houvessem organizado um atentado contra Heliodoro, o sumo sacerdote ofereceu um sacrifício por ele.
33 Ora, enquanto o pontífice executava a cerimônia expiatória, os mesmos jovens apareceram a Heliodoro, revestidos das mesmas vestes. Achegaram-se a ele e disseram-lhe: Sê reconhecido ao sumo sacerdote, porque é por causa dele que Deus te dá a vida.
34 Proclama diante de todos seu grande poder, tu que foste açoitado por Deus. Ditas estas palavras, desapareceram.
35 Após ter oferecido um sacrifício ao Senhor, erguido abundantes preces ao que lhe havia poupado a vida, e agradecido a Onias, Heliodoro regressou com suas tropas para junto do rei.
36 Testemunhava, diante de todos, os prodígios operados pelo Grande Deus, aos seus olhos
37 e, como o rei lhe perguntasse que homem julgava ele que pudesse enviar ainda uma vez a Jerusalém, respondeu:
38 Se tens algum inimigo, ou alguém que maquina contra ti, envia-o para lá, e encontrá-lo-ás ferido, se ainda viver, porque há verdadeiramente, naquele lugar, uma força divina.
39 O que habita no céu zela por aquele templo. Protege-o e arruína mortalmente os que aí vêm com más intenções.
40 Foi assim que se passaram estas coisas a respeito de Heliodoro e do tesouro sagrado que foi protegido.
Capítulo 4
1 O dito Simão, delator do tesouro e de sua pátria, caluniava Onias, dizendo que era ele quem se tinha lançado sobre Heliodoro e que era ele o autor de seus males:
2 ousava chamar de inimigo do Estado o benfeitor da cidade, o defensor de seus concidadãos, o ardoroso observante das leis.
3 Este ódio foi tão longe que um dos partidários de Simão cometeu até mesmo assassinatos.
4 Considerando o lado lamentável dessa questão e vendo o governador

9
da Celesíria, Apolônio, filho de Menesteu, excitar a malícia de Simão,

5 dirigiu-se Onias para junto do rei, não que ele tivesse a intenção de acusar seus concidadãos, mas para advertir acerca dos interesses públicos e privados de todo o seu povo.
6 Via muito bem que, sem uma intervenção do rei, seria impossível restabelecer a paz e pôr termo aos desatinos de Simão.
7 Após a morte de Seleuco e tendo subido ao trono Antíoco Epífanes, Jasão, irmão de Onias, usurpou fraudulentamente o cargo de sumo sacerdote.
8 Numa entrevista com o rei, ele lhe prometeu trezentos e sessenta talentos de prata e oitenta talentos excedentes.
9 Prometia-lhe, além disso, pagar outros cento e cinqüenta talentos, se lhe fosse dado o poder de fundar um ginásio e uma efebia e de receber as inscrições dos antioquenos de Jerusalém.
10 O rei consentiu. Logo que subiu ao poder, Jasão arrastou seus concidadãos para o helenismo.
11 Apesar dos privilégios obtidos do poder real por João, o pai de Eupolemo, que foi enviado aos romanos para concluir um pacto de aliança e de amizade, ele introduziu ímpios costumes, desdenhando as leis nacionais.
12 Foi com alegria que fundou um ginásio ao pé da própria acrópole, alistou os mais nobres jovens e os educou ao pétaso.
13 Por causa da perversidade inaudita do ímpio Jasão, que não era de modo algum pontífice, obteve o helenismo tal êxito e os costumes pagãos uma atualidade tão crescente,
14 que os sacerdotes descuidavam o serviço do altar, menosprezavam o templo, negligenciavam os sacrifícios, corriam, fascinados pelo disco, a tomar parte na palestra e nos jogos proibidos.
15 Não faziam caso das honras da pátria e amavam muito mais os títulos helênicos.
16 Foi por essa razão que logo uma atmosfera penosa os cercou, porque naqueles mesmos, cuja forma de vida invejavam e a quem ambicionavam igualar-se em tudo, encontraram inimigos e os instrumentos para seu castigo.
17 O seguinte fato mostrará que não foi fácil violar as leis divinas.
18 Como em Tiro se celebrassem os jogos qüinqüenais, em presença do rei,
19 o ímpio Jasão mandou um grupo de antioquenos de Jerusalém levar trezentas dracmas de prata para o sacrifício de Hércules, mas os próprios portadores acharam a coisa inconveniente e julgaram melhor empregá-las em outras despesas.
20 A vontade de Jasão era de que elas fossem destinadas ao sacrifício de Hércules mas, por causa dos que as levavam, foram destinadas à construção das galeras.

10
21 Tendo sido enviado ao Egito Apolônio, filho de Menesteu, por ocasião da posse do rei Filometor, soube Antíoco que este rei se lhe tornara hostil e procurou pôr-se em segurança. Veio, pois, a Jope e de lá dirigiuse a Jerusalém.
22 Recebido magnificamente por Jasão e por toda a cidade, fez sua entrada à luz de fachos, entre aclamações. Depois disso transportou o seu acampamento para a Fenícia.
23 Três anos mais tarde, Jasão enviou Menelau, irmão de Simão, acima mencionado, para levar o dinheiro ao rei e lembrar-lhe os negócios urgentes;
24 mas, uma vez admitido à presença do rei, cumulou-o de encômios sobre a extensão do seu poder e, oferecendo trezentos talentos a mais que Jasão, obteve para si mesmo o pontificado.
25 Recebidas as ordens do rei, voltou, nada tendo em si que fosse digno do pontificado, mas excitado por sentimentos de um desumano tirano e de uma besta feroz.
26 Desse modo Jasão, que havia suplantado seu próprio irmão, suplantado por sua vez, viu-se forçado a exilar-se no país dos amonitas.
27 Quanto a Menelau, achava-se bem na posse da dignidade, mas não entregava de modo algum ao rei o dinheiro prometido,
28 se bem que ele lhe fosse reclamado por Sóstrato, governador da Acrópole, encarregado das cobranças dos impostos; por esse motivo ambos foram chamados a comparecer diante do rei.
29 Menelau designou para substituí-lo como sumo sacerdote seu irmão Lisímaco; Sóstrato deixou Cratos, comandante dos cipriotas.
30 Entrementes, os habitantes de Tarso e de Malos se revoltaram, porque sua cidade havia sido entregue a Antioquides, concubina do rei.
31 Partiu pois este a toda a pressa, para restabelecer a calma, deixando como seu lugar-tenente Andrônico, um de seus dignitários.
32 Menelau viu que a circunstância lhe era favorável e se reconciliou com Andrônico por meio de objetos de ouro roubados ao templo;

chegou igualmente a vendê-los em Tiro e nas cidades vizinhas.
33 Quando soube disso com clareza, Onias repreendeu-o, conservandose
retirado no território inviolável de Dafné, perto de Antioquia.
34 Por causa disso, Menelau tomou à parte Andrônico, e induziu-o a
matar Onias. Andrônico dirigiu-se, pois, para junto dele, enganou-o com
astúcia, deu-lhe garantias, que confirmou por juramento, levou-o a
deixar seu esconderijo e matou-o no mesmo instante, sem nenhuma
atenção à justiça.
35 Não só os judeus, mas também muitos estrangeiros ficaram
indignados e consternados com esse assassínio iníquo
36 e, quando o rei entrou nas cidades de Cilícia, tanto os judeus da
cidade, como também os gregos contrários à violência, vieram perquirir
o motivo do assassinato inescusável de Onias.

11
37 Antíoco ficou profundamente abatido e, tocado de compaixão, chorou ao lembrar-se da sabedoria e da grande moderação do finado.
38 Excitado assim por uma cólera violenta, despojou imediatamente
Andrônico de suas púrpuras, rasgou-lhe as vestes, mandou que
levassem através de toda a cidade, até o lugar onde havia lançado a
mão sacrílega sobre Onias, e ali acabou com a vida do homicida. Assim
o Senhor deu-lhe o merecido castigo.
39 Ora, em Jerusalém, Lisímaco, de acordo com Menelau, multiplicou os roubos sacrílegos e, divulgado o rumor, o povo acabou por amotinar-se
contra ele, porque muitos objetos de ouro haviam sido levados.
40 Como a multidão se houvesse sublevado em cólera, Lisímaco equipou
perto de três mil homens e deu o sinal para uma injusta repressão, sob
a chefia de certo Auranos, homem avançado em idade e não menos em
loucura.
41 Todavia, o povo tomou conhecimento da trama de Lisímaco: uns se
armaram com pedras, outros com paus, alguns ajuntaram o pó da terra
e se arremessaram contra os homens de Lisímaco.
42 Desse modo, muitos foram os feridos, alguns mortos e os restantes
postos em fuga; quanto ao próprio sacrílego, mataram-no junto ao
tesouro.
43 Por todas essas desordens, foi instaurado um processo contra
Menelau.
44 Quando o rei veio a Tiro, três enviados da assembléia dos anciãos
sustentaram a acusação diante dele.
45 Mas Menelau, que se julgava já derrotado, prometeu grande soma de dinheiro a Ptolomeu, filho de Diomedes, para que ele lhe granjeasse o
favor do rei.
46 Ptolomeu conduziu pois o rei para debaixo de um peristilo, como se
fosse para tomar ar fresco, e fê-lo mudar de sentimento,
47 de modo que Menelau, posto que responsável por todo o mal, foi
considerado pelo rei inocente de todas as acusações que pesavam sobre
ele, e condenou à morte os infelizes que teriam sido julgados inocentes,
mesmo se tivessem pleiteado diante dos citas.
48 Assim, os que só tinham tomado a palavra para defender os
interesses da cidade, do povo e dos objetos sagrados sofreram essa
pena injusta.
49 Por isso, os próprios tírios ficaram de tal maneira encolerizados com
esse crime, que subvencionaram magnificamente os gastos de suas
sepulturas.
50 Quanto a Menelau, por causa da cobiça dos poderosos, conservou
seu cargo, mas cresceu em malícia e tornou-se o verdadeiro inimigo de
seus concidadãos.

12
casas.
Capítulo 5
1 Por essa ocasião, Antíoco organizou sua segunda expedição ao Egito.
2 Aconteceu que em toda a cidade e por mais de quarenta dias
apareceram, correndo pelos ares, cavaleiros vestidos de ouro e armados
com lanças, coortes armadas, espadas desembainhadas,
3 esquadrões alinhados para a batalha, perseguições e choques de um
lado e de outro, movimentos de escudos, florestas de lanças, tiros de
dardos, armaduras de ouro resplandecentes e couraças de todo o
gênero.
4 Por isso, todos rezavam para que tais aparições produzissem felizes resultados.
5 Espalhando-se a notícia, aliás falsa, da morte de Antíoco, Jasão tomou
consigo ao menos mil homens e atacou a cidade de improviso. Travouse
o combate sobre os muros e a cidade estava já tomada, quando
Menelau fugiu para a Acrópole.
6 Jasão massacrou sem piedade seus próprios concidadãos,
esquecendo-se de que uma vitória ganha sobre compatriotas é a maior
das desgraças, e agiu como se alcançasse um troféu dos seus inimigos e
não dos seus congêneres.

7 Todavia, não lhe foi possível conquistar o poder, e só recolhendo de
sua maquinação a vergonha, fugiu de novo para a terra dos amonitas.
8 Pereceu, enfim, miseravelmente, porque, acusado junto de Aretas, rei dos árabes, fugiu de cidade em cidade e, perseguido por todos,
detestado como violador de leis, desprezado como carrasco de sua
pátria e de seus concidadãos, foi levado para o Egito.
9 Aquele que tinha lançado fora de sua pátria tanta gente pereceu numa
terra estrangeira, tendo ido para junto dos espartanos, com a esperança
de ali encontrar refúgio, por causa de uma origem comum
10 e, após ter lançado por terra tantos homens, sem sepultá-los, não foi
chorado por ninguém, não recebeu as honras dos funerais e nem um
lugar no túmulo de seus pais.
11 Quando a notícia desses acontecimentos chegou aos ouvidos do rei,
ele concluiu que a Judéia queria desertar. Trazendo seu exército do
Egito, com o ânimo enfurecido, conquistou a cidade de assalto,
12 e ordenou aos soldados que matassem sem compaixão aqueles que
caíssem em suas mãos e que degolassem os que se refugiassem nas
13 Houve, pois, mortandade de jovens e de velhos, carnificina de
homens, de mulheres e de crianças, massacre de donzelas e de
meninos.
14 Em três dias houve oitenta mil vítimas, das quais quarenta mil foram
mortas e outras tantas vendidas como escravas.
15 Não satisfeito com isso, o rei ousou penetrar no templo, o mais santo

13

de toda a terra, conduzido por Menelau, que foi infiel às leis
e à pátria.
16 Tomou com as mãos profanas os vasos sagrados e com mãos
impuras apoderou-se das oferendas feitas pelos reis anteriores, para
proveito, honra e glória do templo.
17 Antíoco enchia-se de orgulho, mas não percebia que o Senhor
momentaneamente se havia irritado por causa dos pecados dos
habitantes da cidade: daí essa indiferença pelo templo,
18 porque, se os judeus não fossem por demais culpáveis, a exemplo de
Heliodoro, enviado pelo rei Seleuco para inspecionar o tesouro, ele teria
sido flagelado logo que chegou, e dissuadido de sua audácia.
19 Na verdade, Deus não escolheu o povo por causa do templo, mas
escolheu o templo por causa do povo;
20 foi por isso que aquele, depois de ter participado dos males do povo,
teve em seguida parte com ele nos favores divinos e, desamparado no
tempo da cólera, foi restaurado com toda a sua glória por ocasião da reconciliação com o soberano Senhor.
21 Tendo Antíoco roubado ao templo mil e oitocentos talentos, voltou
sem demora para Antioquia. Com o espírito exaltado, ele cria, em sua
soberba, poder navegar sobre a terra e caminhar sobre o mar.
22 Contudo, por motivo de seu ódio para com os judeus, deixou atrás
de si oficiais com a incumbência de molestar o povo: em Jerusalém,
Filipe, da Frígia, mais bárbaro ainda que seu senhor;
23 no monte Garizim, Andrônico e, adjunto a estes, Menelau, que se

14

encarniçava contra seus concidadãos de modo mais terrível que os
outros.
24 Enviou também o misarca Apolônio à frente de um poderoso exército
de vinte e dois mil homens, com a ordem de matar todos os adultos e
de vender as mulheres e as crianças.
25 Chegou pois este a Jerusalém, fingindo intenções pacíficas; esperou
até o dia santo de sábado e, apanhando os judeus desocupados,
ordenou às suas tropas pegarem em armas.
26 Todos os que saíram para ver o espetáculo foram massacrados e,
percorrendo a cidade com seus soldados, matou um grande número de
pessoas.
27 Judas Macabeu retirou-se com um grupo de outros homens para o
deserto, vivendo com os seus companheiros nas montanhas como
animais selvagens e alimentando-se de plantas para não se
contaminarem.

Capítulo 6

1 Pouco tempo depois, um velho ateniense foi enviado pelo rei para
forçar os judeus a abandonar os costumes dos antepassados, banir as

dia.

leis de Deus da cidade,
2 macular o templo de Jerusalém, dedicá-lo a Júpiter Olímpico e
consagrar o do monte Garizim, segundo o caráter dos habitantes do
lugar, a Júpiter Hospitaleiro.
3 Dura e penosa foi para todos essa avalanche de mal.
4 O templo encheu-se de lascívias e das orgias dos gentios que se
divertiam com meretrizes, unindo-se às mulheres nos átrios sagrados e
introduzindo coisas ilegais.

5 O altar estava coberto de vítimas impuras, interditas pelas leis.
6 Não se permitia mais a observância do sábado, a celebração das antigas festas, nem mesmo confessar-se judeu.
7 Em cada mês, no dia natalício do rei, realizava-se um sacrifício; os judeus eram odiosamente forçados a tomar parte no banquete ritual e, por ocasião das festas em honra de Dionísio, deviam forçosamente acompanhar o cortejo de Baco, coroados com hera.
8 Por instigação dos ptolomeus, foi publicado um decreto que obrigava as cidades helênicas dos arredores a tratar os judeus do mesmo modo e levá-los à participação nos banquetes rituais, com a ordem de matar os que se recusassem a adotar os costumes helênicos.
9 Podiam-se, pois, prever as aflições que os aguardavam.
10 Assim, duas mulheres foram acusadas de circuncidarem suas crianças: foram arrastadas publicamente pela cidade, com seus filhinhos pendurados aos peitos e precipitadas do alto das muralhas.
11 Outros se haviam retirado às cavernas vizinhas para aí celebrarem secretamente o dia de sábado. Denunciados a Filipe, foram todos queimados, pois não ousaram defender-se, por respeito à santidade do
12 Suplico aos que lerem este livro, que não se deixem abater por esses tristes acontecimentos, mas que considerem que esses castigos tiveram em mira não a ruína, mas a correção de nossa raça;
13 porque é sinal de uma grande benevolência a seu respeito o fato de não suportar por muito tempo os maus e de, ao contrário, castigá-los sem tardança.
14 Quanto às outras nações, o Senhor espera pacientemente, antes de puni-las, que tenham enchido a medida de suas iniqüidades; a nós, porém, ele prefere não nos tratar assim,
15 com receio de ter que nos punir mais tarde, quando tivermos pecado demasiadamente.
16 Assim, não nos retire ele jamais a sua misericórdia e não abandone seu povo, no momento em que o corrige pela adversidade!
17 Mas que tudo isso seja dito apenas a título de lembrança, e, com estas palavras, voltemos à narração.
18 Havia certo homem já de idade avançada e de bela aparência, Eleazar, que se sentava no primeiro lugar entre os doutores da lei.

15
Queriam coagi-lo a comer carne de porco, abrindo-lhe a boca à força.
19 Mas ele, cuspindo e preferindo morrer com honra a viver na infâmia,
20 caminhou voluntariamente para o instrumento de tortura, como devem caminhar os que têm a coragem de rejeitar o que não é permitido comer por amor à vida.
21 Ora, os encarregados desse ímpio banquete ritual, já desde muito tempo possuíam relações de amizade com Eleazar. Tomaram-no à parte e rogaram-lhe que fizesse trazer as carnes permitidas, que ele mesmo tivesse preparado, para comê-las como se fossem carnes do sacrifício, conforme ordenara o rei.
22 Desse modo, ele seria preservado da morte, e granjearia sua benevolência em vista da antiga amizade.
23 Mas Eleazar, tomando uma bela resolução, digna de sua idade, da autoridade que lhe conferia sua velhice, do prestígio que lhe outorgavam seus cabelos brancos, da vida íntegra conservada desde a infância, digna sobretudo das sagradas leis estabelecidas por Deus, preferiu ser conduzido à morte.
24 Não é próprio da nossa idade, respondeu ele, usar de tal fingimento, para não acontecer que muitos jovens suspeitem de que Eleazar, aos noventa anos, tenha passado aos costumes estrangeiros.
25 Eles mesmos, após o meu gesto hipócrita, e por um pouco de vida, se deixariam arrastar por causa de mim, e isso seria para a minha velhice a desonra e a vergonha.
26 E mesmo se eu me livrasse agora dos castigos dos homens, não poderia escapar, nem vivo nem morto, das mãos do Todo-poderoso.
27 Sendo assim, se eu morrer agora corajosamente, mostrar-me-ei digno de minha velhice, e terei deixado aos jovens um nobre exemplo de zelo generoso, segundo o qual é preciso dar a vida pelas santas e veneráveis leis.
28 Ditas estas palavras, ele dirigiu-se ao suplício.
29 Aqueles que o levavam transformaram em dureza a benevolência, que pouco antes haviam tido para com ele, julgando insensatas suas palavras.
30 E quando ele estava prestes a morrer sob os golpes, exclamou entre suspiros: O Senhor que possui a ciência santíssima o vê: podendo eu livrar-me da morte, sofro em meu corpo os tormentos cruéis dos açoites, mas os suporto com alma alegre porque é a ele que temo.

31 Dessa maneira passou à outra vida, deixando com sua morte não somente aos jovens, mas também a toda a sua gente, um exemplo de coragem e um memorial de virtude.
Capítulo 7

16
3 O rei, fora de si, ordenou que aquecessem até a brasa sertãs e vida.
1 Havia também sete irmãos que foram um dia presos com sua mãe, e que o rei por meio de golpes de azorrage e de nervos de boi, quis coagir a comerem a proibida carne de porco.
2 Um dentre eles tomou a palavra e falou assim em nome de todos. Que nos pretendes perguntar e saber de nós? Estamos prontos a morrer antes de violar as leis de nossos pais.
caldeirões.
4 Logo que ficaram em brasa ordenou que cortassem a língua do que falara (por) primeiro e, depois que lhe arrancassem a pele da cabeça, que lhe cortassem também as extremidades, tudo isso à vista de seus irmãos e de sua mãe.
5 Em seguida, mandou conduzi-lo ao fogo inerte e mal respirando, para assá-lo na sertã. Enquanto o vapor da panela se espalhava em profusão, os outros com sua mãe, exortavam-se mutuamente a morrer com coragem.
6 O Senhor nos vê, diziam, e certamente terá compaixão de nós, como o diz claramente Moisés no seu cântico de admoestações: Ele terá compaixão de seus servos.
7 Morto desse modo o primeiro, conduziram o segundo ao suplício. Arrancaram-lhe a pele da cabeça com os cabelos e perguntaram-lhe depois: Comerás carne de porco, ou preferes que teu corpo seja torturado membro por membro?
8 Ele respondeu: Não, no idioma de seu país, e padeceu então os mesmos tormentos do primeiro.
9 Prestes a dar o último suspiro, disse ele: Maldito, tu nos arrebatas a vida presente, mas o Rei do universo nos ressuscitará para a vida eterna, se morrermos por fidelidade às suas leis.
10 Após este, torturaram o terceiro. Reclamada a língua, ele a apresentou logo, e estendeu as mãos corajosamente.
11 Pronunciou em seguida estas nobres palavras: Do céu recebi estes membros, mas eu os desprezo por amor às suas leis, e dele espero recebê-los um dia de novo.
12 O próprio rei e os que o rodeavam ficaram admirados com o heroísmo desse jovem, que reputava por nada os sofrimentos.
13 Morto este, aplicaram os mesmos suplícios ao quarto,
14 e este disse, quando estava a ponto de expirar: É uma sorte desejável perecer pela mão humana com a esperança de que Deus nos ressuscite; mas, para ti, certamente não haverá ressurreição para a
15 Arrastaram em seguida o quinto e torturaram-no;
16 mas ele, encarando o rei, lhe disse: Ainda que mortal, tens poder sobre os homens, e fazes o que queres. Não penses, todavia, que nosso povo é abandonado por Deus!

17
17 Espera, verás quão grande é a sua potência e como ele te castigará a ti e à tua raça.
18 Após este, fizeram achegar-se o sexto, que disse antes de morrer: Não te iludas; nós mesmos merecemos estes sofrimentos, porque pecamos contra nosso Deus, e em conseqüência recebemos estes flagelos surpreendentes.
19 Mas não creias tu que ficarás impune, após haveres ousado combater contra Deus.
20 Particularmente admirável e digna de elogios foi a mãe que viu perecer seus sete filhos no espaço de um só dia e o suportou com heroísmo, porque sua esperança repousava no Senhor.
21 Ela exortava a cada um no seu idioma materno e, cheia de nobres sentimentos, com uma coragem varonil, ela realçava seu temperamento de mulher.
22 Ignoro, dizia-lhes ela, como crescestes em meu seio, porque não fui eu quem vos deu nem a alma, nem a vida, e nem fui eu mesma quem ajuntou vossos membros.
23 Mas o criador do mundo, que formou o homem na sua origem e deu existência a todas as coisas, vos restituirá, em sua misericórdia, tanto o espírito como a vida, se agora fizerdes pouco caso de vós mesmos por amor às suas leis.
24 Receando, todavia, o desprezo e temendo o insulto, Antíoco solicitou em termos insistentes o mais jovem, que ainda restava, prometendo-lhe com juramento torná-lo rico e feliz, se abandonasse as tradições de seus antepassados, tratá-lo como amigo, e confiar-lhe cargos.
25 Como o jovem não deu importância alguma, o rei mandou que a mãe se aproximasse e o exortasse com seus conselhos, para que o adolescente salvasse sua vida;

26 como ele insistiu por muito tempo, ela consentiu em persuadir o
filho.
27 Inclinou-se sobre ele e, zombando do cruel tirano, disse-lhe na
língua materna: Meu filho, compadece-te de tua mãe, que te trouxe
nove meses no seio, que te amamentou durante três anos, que te
nutriu, te conduziu e te educou até esta idade.
28 Eu te suplico, meu filho, contempla o céu e a terra; reflete bem: tudo
o que vês, Deus criou do nada, assim como todos os homens.
29 Não temas, pois, este algoz, mas sê digno de teus irmãos e aceita a
morte, para que no dia da misericórdia eu te encontre no meio deles.
30 Logo que ela acabou de falar, o jovem disse: Que estais a esperar?
Não atenderei às ordens do rei; eu obedeço àquele que deu a lei a
nossos pais por intermédio de Moisés.
31 Mas tu, que és o inventor dessa perseguição contra os judeus, não
escaparás à mão de Deus.
32 Quanto a nós é por causa de nossos pecados que sofremos

18
33 e se, para nos punir e corrigir, o Deus vivo e Senhor nosso se irou
por pouco tempo contra nós, ele há de se reconciliar de novo com seus
servos.
34 Ímpio, não te exaltes sem razão, embalando-te em vãs esperanças,
enquanto levantas a mão sobre os servos do céu;
35 tu ainda não escapaste ao julgamento do Deus todo-poderoso que
tudo vê!
36 Enquanto meus irmãos participam agora da vida eterna, em virtude
do sinal da Aliança, após terem padecido um instante, tu sofrerás o
justo castigo de teu orgulho, pelo julgamento de Deus.
37 A exemplo de meus irmãos, entrego meu corpo e minha vida em
defesa às leis de nossos pais e suplico a Deus que ele não se demore
em apiedar-se de seu povo; oxalá tu, em meio aos sofrimentos e
provações, reconheças nele o Deus único;
38 enfim, que se detenha em mim e em meus irmãos a cólera do Todopoderoso
que se desencadeou sobre toda a nossa raça.
39 Abrasado de ira e enraivecido pela zombaria, o rei maltratou este
com maior crueldade do que os outros.
40 Morreu, pois, o jovem purificado de toda mancha e completamente
entregue ao Senhor.
41 Seguindo as pegadas de todos os seus filhos, a mãe pereceu por
último.
42 Terminamos aqui nossa narração concernente aos banquetes rituais
e a estas atrozes perseguições.
Capítulo 8
1 Judas, apelidado Macabeu, e seus companheiros penetravam
secretamente nas aldeias e convocavam seus parentes: arrastando
consigo todos os que se haviam mantido fiéis ao judaísmo, formaram
um grupo de aproximadamente seis mil homens.
2 Suplicavam ao Senhor que olhasse para o povo desdenhado por todos,
que se compadecesse do templo profanado pelos ímpios;
3 que tivesse compaixão da cidade devastada, perto de ser reduzida ao
nível do solo; que escutasse a voz do sangue derramado que a ele
clamava;
4 que se lembrasse da desumana carnificina de meninos inocentes e que
vingasse também as blasfêmias proferidas contra seu nome.
5 Judas tornou-se o chefe da tropa e os gentios viram-se incapazes de
resistir-lhe porque a cólera de Deus tinha-se convertido em misericórdia.
6 Atacava de improviso as cidades e aldeias e as incendiava; ocupava as
posições favoráveis, de onde afugentava não poucos de seus inimigos.

19
7 Era principalmente à noite que ele empreendia essas expedições, e a
fama de seu valor espalhava-se por toda parte.
8 Vendo Judas progredir dia a dia e alcançar sempre freqüentes vitórias,
Filipe escreveu ao governador da Celesíria e da Fenícia, Ptolomeu, e
pediu-lhe auxílio para defender os interesses do rei.
9 Imediatamente, este designou Nicanor, um dos primeiros amigos do
rei e filho de Pátroclo, e o enviou à frente de uns vinte mil homens de
todas as nações para exterminar toda a raça judia. Agregou a ele
Górgias, general perito em assuntos de guerra.
10 Nicanor esperava obter, com a venda dos judeus que fossem
aprisionados, os dois mil talentos que o rei devia como tributo aos
romanos.
11 Enviou sem perda de tempo, às cidades da costa, o convite para que
viessem comprar judeus, prometendo entregar noventa escravos por
um talento. Mas não suspeitava então de que o castigo do Todopoderoso
iria cair sobre ele.
12 A notícia do avanço de Nicanor chegou a Judas, o qual informou aos
seus da chegada dos inimigos.
13 Num relance, os que tinham medo ou não tinham confiança na

justiça de Deus, fugiram e dispersaram-se;
14 outros venderam seus pertences, suplicando ao Senhor que os
livrasse do ímpio Nicanor, que os havia vendido antes mesmo de tê-los
em mãos.
15 Se não por eles, que o fizesse ao menos em consideração às alianças estabelecidas com seus pais e porque seu santo e sublime nome tinha
sido invocado sobre eles.
16 Macabeu reuniu então ao redor de si seus homens, em número de
seis mil, exortou-os a não se deixarem intimidar pelos inimigos, nem
temerem essa massa de gentios que vinha
injustamente contra eles, e que combatessem com valentia;
17 que pensassem na indigna profanação infligida por eles ao templo,
na humilhação imposta à cidade devastada e na ruína das tradições de
seus antepassados.
18 Eles confiam, dizia ele, nas suas armas e na sua audácia, mas nós
colocamos nossa segurança no Deus todo-poderoso, que pode, com um
só leve aceno, desbaratar tanto os que nos atacam como o universo
inteiro.
19 Lembrou-lhes no passado o caso da proteção divina: como, por
exemplo, do exército de Senaquerib, haviam perecido cento e oitenta
mil homens;
20 e, na batalha contra os gálatas em Babilônia, oito mil judeus tiveram
de lutar ao lado de quatro mil macedônios; como estes se achavam
numa situação crítica, os oito mil judeus massacraram cento e vinte mil
inimigos, por causa do socorro que lhes foi dado do céu, e alcançaram

20
contra Nicanor.
um vasto despojo.
21 Após ter reconfortado seus companheiros e tê-los preparado a
morrer pelas leis e pela pátria, dividiu o exército um quatro corpos
22 colocando à frente destes seus irmãos Simão, José e Jônatas, como
também Eleazar, cada qual chefiando mil e quinhentos homens.
23 Apenas terminada a leitura do livro santo e dada a senha: Socorro de
Deus, ele mesmo pôs-se à frente do primeiro corpo e travou a batalha
24 O Todo-poderoso combatia com eles: massacraram mais de nove mil
inimigos, feriram e mutilaram a maior parte dos soldados de Nicanor, e
os puseram em fuga.
25 Apoderaram-se também do dinheiro dos que tinham vindo para
comprá-los, e perseguiram por muito tempo os vencidos, mas tiveram
que desistir, impedidos pelo tempo,
26 porque era véspera de sábado, e isso os impedia de prosseguir.
27 Recolheram as armas, arrebataram os despojos dos inimigos e
chegaram assim ao sábado, bendizendo o Senhor à porfia, e
glorificando-o por havê-los livrado nesse dia, prenunciando a alvorada
de sua misericórdia.
28 Passado o sábado, eles reservaram uma parte dos espólios para os
que haviam sofrido com a perseguição, as viúvas e os órfãos, e
dividiram o resto entre eles e seus filhos.
29 Feito isto, rezaram ao Senhor em comum, suplicando misericórdia e reconciliação completa com seus servos.
30 Nos diferentes combates com os soldados de Timóteo e de Báquides,
eles mataram mais de vinte mil e tornaram-se senhores absolutos de
várias praças fortes. A abundante presa dividiram-na em duas partes
iguais: uma para si mesmos, outra para os perseguidos, as mulheres, os
órfãos e mesmo os anciãos.
31 As armas que eles haviam recolhido foram colocadas diligentemente
em lugares seguros e levaram a Jerusalém os demais despojos.
32 Mataram o chefe dos guardas de Timóteo, um dos homens mais
perversos, que havia feito muito mal aos judeus.
33 Quando celebraram a festa da vitória em Jerusalém, queimaram,
dentro de uma pequena casa onde se haviam refugiado, Calístenes e os
que haviam incendiado as portas do templo, infligindo-lhes assim o justo
castigo de seu sacrilégio.
34 O tríplice celerado Nicanor - que fizera vir mil negociantes, para
vender-lhes os judeus -
35 humilhado, graças a Deus, por aqueles que ele desprezava
profundamente, despojou-se da vestidura de honra, e, atravessando o
interior do país sozinho, como um fugitivo, chegou a Antioquia, feliz por
ainda ter podido escapar ao desastre de seu exército.
36 E ele, que tinha prometido pagar o tributo aos romanos com o

21
dinheiro que tiraria da venda dos cativos de Jerusalém, publicou que os
judeus possuíam um protetor e que se tornavam invulneráveis quando
observavam as leis estabelecidas por ele.

Capítulo 9

1 Por essa mesma ocasião, voltava Antíoco da Pérsia, coberto de
vergonha.
2 Pois, entrando na cidade que se chamava Persépolis, ele havia tentado

saquear o templo e ocupar a cidade, mas o povo se revoltou e pegou em armas, para defender-se; com isso, Antíoco viu-se forçado pelos habitantes dessa região a começar uma retirada humilhante.
3 Achando-se perto de Ecbátana, soube da derrota de Nicanor e do exército de Timóteo.
4 Num arroubo de cólera, resolveu desforrar imediatamente nos judeus o mal que lhe haviam feito os que o tinham obrigado a fugir, e deu ordem ao condutor de seu carro de prosseguir sem parar, a fim de conseguir o mais depressa possível seu intento: na realidade, a sentença do céu já havia caído sobre ele. Exclamava com presunção:
Assim que chegar, farei de Jerusalém o sepulcro dos judeus.
5 Mas o Senhor Deus de Israel, que tudo vê, feriu-o com um mal implacável e misterioso. Mal acabara de pronunciar essas palavras, aconteceu que ele foi assaltado por atrozes dores nas entranhas e agudos tormentos no interior;
6 e era muito justo, pois ele mesmo havia rasgado as entranhas aos outros por inauditos tormentos!
7 Todavia, em nada desistiu da sua arrogância; pelo contrário, sempre cheio de soberba, exalava contra os judeus o fogo de sua cólera e ordenava que se apressasse a caminhada, quando repentinamente caiu da carroça, arrancado pela violência da corrida e, na queda fatal, quebrou todos os membros.
8 O homem que, pouco antes, julgando-se acima da natureza humana, pensava poder dominar as frotas do mar e pesar as montanhas nos pratos de sua balança, ei-lo agora estendido sobre a terra, em seguida levado numa liteira, provando assim aos olhos de todos a manifesta potência de Deus.
9 Chegou a tal ponto que o corpo vivo do ímpio fervilhava de vermes e as carnes se soltavam em pedaços entre atrozes dores: o mau cheiro da podridão, que enchia o ar, empestava todo o campo.
10 Aquele que até há pouco tempo sonhava tocar os astros do céu, agora ninguém podia suportá-lo por causa do mau cheiro que dele saía!
11 Foi então que, derribado, ele começou a perder o orgulho excessivo e a compreender melhor, torturado sob os castigos de Deus pelos

22
compaixão, ele escrevi a carta abaixo:
constantes sofrimentos.
12 Incapaz de suportar sua própria infecção: É justo, dizia ele, submeter-se a Deus, e, como simples mortal, não se querer igualar a ele.
13 O celerado rezava ao Senhor, de quem não haveria de receber
14 e prometia dar a liberdade à cidade santa, para a qual ele se encaminhava, a fim de arrasá-la e fazer dela um sepulcro.
15 Dizia ele que tornaria iguais aos atenienses todos os judeus que havia julgado indignos de sepultura e bons para serem atirados com seus filhos às aves do céu e aos animais selvagens como pasto.
16 Ornaria com ricas prendas aquele templo que havia despojado antes, devolver-lhe-ia multiplicados os vasos sagrados, proveria com suas próprias rendas todas as despesas necessárias para os sacrifícios.
17 Além disso, ele mesmo se tornaria judeu e percorreria todos os lugares habitados, proclamando o poder de Deus!
18 Mas suas dores não se atenuavam porque o justo castigo de Deus pesava sobre ele. Então, desesperado em vista de seu estado, escreveu aos judeus a seguinte carta, verdadeira súplica, assim exarada:
19 Aos dedicados súditos judeus, saúde, bem-estar e felicidade, da parte de Antíoco, rei e chefe do exército.
20 Se vós e vossos filhos passais bem e se vos sucedem todas as coisas como desejais, agradeço a Deus, em quem ponho minha esperança;
21 pois quanto a mim, estou prostrado pela doença, mas me lembro com prazer dos vossos sentimentos de respeito e da benevolência para comigo. Ao voltar da Pérsia, surpreendido por um mal cruel, julguei necessário providenciar a segurança de todos.
22 Não que me desespere de meu estado, ao contrário, tenho a firme esperança de escapar dessa doença -
23 mas me lembro de que meu pai designava seu sucessor cada vez que partia em expedição às províncias superiores.
24 Ele queria que no caso de uma desgraça ou má notícia os habitantes do país não se perturbassem, uma vez que soubessem a quem confiar os negócios.
25 Eu sei, ademais, que os príncipes que me rodeiam e os vizinhos do meu reino estão de atalaia e espreitam os acontecimentos; por isso, já designei meu filho Antíoco para rei, a quem, em outras ocasiões, confiei e recomendei a maior parte de vós, quando partia para outras terras. A

26 Rogo-vos, portanto, e peço que, em memória de meus benefícios
para convosco, tanto gerais, como particulares, tenhais para com meu
filho a mesma benevolência que para comigo,
27 pois estou convencido de que ele seguirá minhas intenções e agirá
convosco com moderação e humanidade.

23
28 Assim esse carrasco e blasfemador pereceu miseravelmente,
distante, nas montanhas, em meio àqueles sofrimentos que ele mesmo
havia infligido aos outros.
29 Filipe, seu amigo de infância, levou seu corpo, e em seguida partiu
para o Egito, para junto de Ptolomeu Filometor, para escapar ao filho de
Antíoco.
Capítulo 10
1 Sob a proteção do Senhor, Macabeu e seus companheiros retomaram
o templo e a cidade.
2 Destruíram os altares que os estrangeiros haviam edificado na praça
pública, como também os troncos sagrados.
3 Após terem purificado o templo, erigiram um outro altar dos
perfumes; utilizaram uma pedra para tirar faíscas das quais eles se
serviram para oferecer os sacrifícios, após dois anos de interrupção;
queimaram o incenso, acenderam as lâmpadas e recolocaram os pães
da proposição.
4 Feitas estas coisas, prostraram-se por terra e pediram ao Senhor que
não mais os entregasse a semelhantes calamidades, mas, se recaíssem
nas ofensas, que corrigisse com brandura, sem entregá-los às mãos das
nações ímpias e bárbaras.
5 Foi no dia do aniversário da profanação do templo pelos estrangeiros,
isto é, no dia vinte e cinco do mês de Casleu, que eles o purificaram.
6 Prolongaram as cerimônias e os festejos por oito dias, como na
ocasião da festa dos tabernáculos, recordando-se de que, pouco antes,
na ocasião dessa festa, habitavam nas montanhas e nas cavernas como
animais selvagens.
7 Foi assim que, levando tirsos, ramos verdejantes e palmas, cantaram
hinos àquele que lhes havia concedido a dita de purificar o seu templo.
8 Decretaram por um edito público a toda a nação judia, que esses
mesmos dias fossem solenizados em cada ano.
9 Acabamos de narrar as circunstâncias da morte de Antíoco,
cognominado Epífanes.
10 Vamos agora proceder à narrativa dos acontecimentos sucedidos sob
Antíoco Eupator, filho desse sacrílego, resumindo o que se refere aos
males da guerra.
11 Assim que subiu ao trono, este príncipe pôs à frente dos negócios do
reino um certo Lísias, ao qual nomeou também governador militar e
chefe da Celesíria e da Fenícia,
12 porque Ptolomeu, apelidado Macron, tomando a iniciativa de se
mostrar justo para com os judeus, em vista da perseguição movida
contra eles, procurou governá-los na paz;

24
13 mas, pelos favoritos do rei, ele havia sido denunciado a Eupator. Por
outro lado, tachado muitas vezes de traidor, por ter deixado Chipre que
lhe havia entregue Filometor e se ter posto a serviço de Antíoco
Epífanes, e, em conseqüência, não podendo exercer com honra seu alto
posto, envenenou-se e morreu.
14 Mas Górgias, tornado comandante do exército nessas paragens,
tomava consigo tropas estrangeiras e aproveitava-se de todas as
ocasiões para importunar os judeus.
15 Os idumeus, senhores de várias fortalezas importantes, em
combinação com ele, molestavam os judeus, acolhiam os exilados de
Jerusalém, e mantinham um estado de guerra contínuo.
16 Então Macabeu com seus companheiros atacaram as fortalezas da
Iduméia, após haver rezado e invocado o auxílio de Deus.
17 Atacaram-nas com vigorosos esforços, apoderaram-se de todas,
repeliram os que combatiam sobre as muralhas, mataram os que caíam
em suas mãos e trucidaram não menos de vinte mil homens.
18 Nove mil fugitivos pelo menos haviam procurado abrigo em duas
fortalezas, equipadas com o necessário para agüentar um cerco.
19 Macabeu deixou Simão e José com Zaqueu e muitos homens, para
expugná-los e dirigiu-se para onde se exigia mais a sua presença.
20 Todavia, os companheiros de Simão, seduzidos pelo dinheiro,
deixaram-se corromper por alguns dos que se achavam nas torres da
cidadela, e, mediante a soma de setenta mil dracmas, deixaram escapar
muitos deles.
21 Ouvindo essas notícias, Macabeu acusou-os diante da assembléia dos
chefes de terem vendido seus irmãos a troco de dinheiro, entregando os
inimigos à liberdade.
22 Comprovada a sua traição, mandou executá-los e, em seguida,
tomou conta das duas cidadelas.

23 Coroadas de êxito as lutas de ambos os lados, ele matou mais de
vinte mil homens nas duas fortalezas.
24 Anteriormente vencido pelos judeus, Timóteo coligou copiosas tropas
estrangeiras e reuniu na Ásia uma numerosa cavalaria, indo em direção
à Judéia com a intenção de conquistá-la pelas armas.
25 Com a sua chegada, Macabeu e seus companheiros cobriram a
cabeça com terra e cingiram os rins com sacos, em sinal de prece;
26 em seguida, prostrados aos pés do altar, rogaram a Deus piedade
para com eles, pedindo que se declarasse inimigo de seus inimigos e
adversário de seus adversários, conforme a promessa formal da lei.
27 Terminada a oração, empunharam as armas, retiraram-se para bem
longe da cidade e fizeram alto diante do inimigo.
28 Ao despontar a aurora, travaram combate os dois lados, contando
uns com o êxito e a vitória, por causa de sua valentia e do socorro do
Senhor, e os outros entregando-se ao combate, apoiados no próprio

25

furor.
29 No auge do combate, viram os inimigos aparecer no céu cinco
magníficos guerreiros, montados em cavalos ajaezados com freios de
ouro, que se colocaram à frente dos judeus.
30 Postando Macabeu no meio deles e protegendo-o com suas armas,
tornavam-no invulnerável. Ao mesmo tempo lançavam dardos e raios
sobre os inimigos, cegando-os, gerando entre eles a confusão, pondo-os
em desordem.
31 Foram, pois, mortos vinte mil e quinhentos infantes e seiscentos
cavaleiros.
32 Timóteo fugiu para uma praça muito forte, chamada Gazara, cujo
comandante era Queréias.
33 Macabeu e os que se achavam com ele assediaram-na com ardor
durante quatro dias,
34 enquanto os que se encontravam nela não cessavam de blasfemar e
injuriar, confiados em seus muros.
35 Amanhecendo, porém, o quinto dia, um grupo de vinte jovens do
exército de Macabeu, inflamado de cólera por causa dessas blasfêmias,
atirou-se corajosamente à muralha e massacrou tudo o que encontrou.
36 Outros subiram do mesmo modo o muro, atearam fogo às torres,
acenderam fogueiras, nas quais queimaram vivos os blasfemadores;
outros ainda arrombaram as portas, fizeram entrar o restante do
exército e ocuparam a cidade.
37 Mataram Timóteo, oculto numa cisterna, seu irmão Queréias e
Apolofanes.
38 Após essa façanha, cantaram hinos e cânticos ao Senhor, que havia
operado grandes prodígios em favor de Israel, concedendo-lhe a vitória.

Capítulo 11

1 Decorrido algum tempo, Lísias, tutor e parente do rei, regente do
reino, sentindo muito pesar pelo que tinha acontecido,
2 reuniu aproximadamente oitenta mil homens com toda a cavalaria e
se pôs a caminho contra os judeus. Estava resolvido a transformar
Jerusalém numa cidade grega,
3 submeter o templo a um imposto semelhante aos dos templos pagãos
e oferecer em leilão, a cada ano, a dignidade de sumo sacerdote.
4 Sem refletir no poder de Deus, ensoberbecia-se com a multidão de
sua infantaria, seus milhares de cavaleiros e oitenta elefantes.
5 Penetrando, pois, na Judéia, aproximou-se de Betsur, que é uma
praça forte, a cerca de cinco esquenos das vizinhanças de Jerusalém, e
expugnou-a.
6 Logo, porém, que Macabeu e os que estavam com ele souberam que

26

Lísias sitiava suas fortalezas, rogaram ao Senhor, juntamente com o
povo, entre gemidos e lágrimas, para que ele se dignasse enviar um
bom anjo para salvar Israel.
7 O próprio Macabeu foi o primeiro a pegar em armas, encorajando os
demais a se exporem ao perigo com ele, para socorrer seus irmãos:
atacaram todos com ânimo resoluto.
8 Ainda não se haviam afastado de Jerusalém, quando apareceu diante
deles um cavaleiro vestido de branco, empunhando armas de ouro.
9 Então bendisseram todos juntos ao Senhor, e, repletos de coragem,
sentiram-se prontos a transpassar não só os homens, mas os mais
ferozes animais e até muralhas de ferro.
10 Avançaram, pois, em ordem de batalha, com esse auxiliar enviado do
céu pelo Senhor misericordioso.
11 Como leões, atiraram-se sobre os inimigos, trucidaram onze mil
infantes e seiscentos cavaleiros, e forçaram os demais a fugir.
12 A maior parte destes, feridos, sem armas, pôs-se a salvo. O próprio
Lísias salvou-se, fugindo vergonhosamente.
13 Mas Lísias era inteligente. Refletiu, pois, na derrota e concluiu que os
hebreus eram invencíveis porque o Deus poderoso combatia com eles.

14 Enviou-lhes uma proposta em condições justas, prometendo-lhes
persuadir o rei a tornar-se amigo deles.
15 Macabeu aceitou todas as propostas de Lísias, vendo nisso apenas
utilidade, porque tudo o que ele mesmo pedira por carta a Lísias em
favor dos judeus, o rei concedera.
16 Eis em que termos Lísias escreveu aos judeus:
17 Lísias ao povo judeu, saúde. João e Absalão, vossos mensageiros,
entregaram-me vossas propostas e rogaram-me que as cumprisse.
18 Expus, portanto, ao rei tudo o que devia comunicar-lhe, e ele anuiu a
tudo o que era possível.
19 Se vós, pois, permanecerdes nessas boas disposições para com o
Estado, continuarei doravante a obter-vos favores.
20 Eu incumbi vossos mensageiros e os meus de tratarem convosco as
cláusulas da proposta e os pormenores.
21 Passai bem. Ano cento e quarenta e oito, aos vinte e quatro do mês
de Dióscoro.
22 Era este o conteúdo da carta do rei: O rei Antíoco a seu irmão Lísias,
saúde!
23 Tendo partido nosso pai para junto dos deuses, desejamos que os
povos que pertencem ao nosso reino possam dedicar-se tranqüilamente
aos seus negócios.
24 Soubemos, no entanto, que os judeus resistem em adotar os
costumes helênicos, conforme a decisão de nosso pai; preferem
conservar suas tradições e pedem que lhes deixemos seus costumes.
25 Querendo, pois, que esse povo viva igualmente em paz, decretamos

que o templo lhes seja restituído e que possam viver segundo as leis de
seus antepassados.
26 Farás bem em lhes mandar mensageiros, para concluir a paz com
eles, de modo que, conhecendo nossas intenções, fiquem tranqüilos e
voltem sem receio a seus afazeres.
27 Eis a carta do rei ao povo judeu: O rei Antíoco ao conselho dos
anciãos e aos demais judeus, saúde!
28 Fazemos votos de que estejais passando bem; nós estamos com boa
saúde!
29 Contou-nos Menelau que desejais retornar aos vossos negócios.
30 A todos os que vierem para o meio deles até o dia trinta do mês de
Xântico, eu estenderei a mão.
31 Permito também aos judeus que usem dos seus alimentos e dos seus
costumes, como outrora; e ninguém dentre eles será molestado por
transgressões passadas.
32 Incumbi Menelau de ir tranqüilizar-vos.
33 Passai bem. Ano cento e quarenta e oito no dia quinze do mês de
Xântico.
34 Do mesmo modo, os romanos enviaram aos judeus uma carta nestes
termos: Quinto Mênio, Tito Mânio, legados romanos, ao povo judeu,
saúde!
35 Damos nosso assentimento a tudo o que Lísias, parente do rei, vos
outorgou.
36 Quanto ao que ele julgou necessário submeter ao rei, enviai-nos
alguém sem demora, a fim de que, após um exame, possamos falar-lhe
de modo mais vantajoso para vós, porque vamos para Antioquia.
37 Apressai-vos, pois, em nos enviar mensageiros, para que saibamos
bem quais são vossos desejos.
38 Passai bem! Ano cento e quarenta e oito no dia quinze do mês de
Xântico.

Capítulo 12

1 Concluídos esses tratados, voltou Lísias para junto do rei, e os judeus
voltaram aos trabalhos dos campos.
2 No entanto, chefes militares locais, como Timóteo, Apolônio, filho de
Jeneu, Jerônimo e Demofonte, e além destes, o cipriarca Nicanor, não
lhes davam trégua, nem os deixavam viver em repouso.
3 Por outro lado, os habitantes de Jope praticaram a seguinte infâmia:
convidaram os judeus que habitavam entre eles a subir com suas
mulheres e filhos para barcas que eles haviam preparado. Não davam a
entender intenção malvada alguma a seu respeito,
4 mas pareciam proceder, seguindo uma decisão votada pela cidade. Os

observar o clarão do fogo.
judeus, pacíficos e sem suspeitarem, anuíram, mas quando chegaram
ao alto-mar foram afogados em número de duzentos pelo menos.
5 Mal soube Judas do crime praticado contra a gente de sua nação,
convocou seus homens.
6 Depois de ter invocado a Deus, justo juiz, foi contra os carrascos de
seus irmãos e, de noite, ateou fogo ao porto, incendiou as embarcações
e passou a fio de espada os que ali se haviam refugiado.
7 Como a cidade mesma estivesse fechada, afastou-se, mas com a
intenção de voltar e exterminar todos os habitantes de Jope.
8 Por outro lado, advertido de que os habitantes de Jânia queriam tratar
do mesmo modo os judeus que viviam com eles,

9 atacou-os naquela mesma noite e incendiou o porto com a esquadra.
De Jerusalém, que dista duzentos e quarenta estádios, podia-se
10 Percorridos já nove estádios, no seu avanço contra Timóteo,
lançaram-se sobre eles os árabes em número de pelo menos cinco mil a
pé e quinhentos a cavalo.
11 Travou-se um combate violento, mas, com a ajuda de Deus, os
soldados de Judas venceram-nos, e, vencidos, os árabes lhe pediram
paz: prometiam dar gado aos judeus e os auxiliariam de outras
maneiras.
12 Crendo que, na verdade, eles lhe poderiam ser úteis, Judas aceitou a
paz com eles, e, concluída esta, regressaram às suas tendas.
13 Em seguida, atacou Judas uma cidade forte, chamada Caspim,
cercada de muralhas, habitada por uma mistura de povos.
14 Confiados na firmeza de seus muros e na abundância de suas
provisões, os sitiados mostraram-se
excessivamente grosseiros contra
as tropas de Judas, lançando-lhes injúrias, blasfêmias e palavras ímpias.
15 Judas juntamente com os seus invocaram o grande Senhor do
mundo, que, no tempo de Josué, derribou os muros de Jericó sem
aríetes nem máquinas de guerra; depois, investiram furiosamente
contra a muralha.
16 Uma vez senhores da cidade pela vontade de Deus, praticaram uma
horrorosa carnificina, a ponto de um tanque vizinho, com a largura de
dois estádios, parecer cheio de sangue que ali se derramou.
17 Dali, após uma marcha de setecentos e cinqüenta estádios,
alcançaram o acampamento fortificado onde habitavam os judeus,
chamados tubianeus.
18 Não acharam ali, todavia, Timóteo: ele havia deixado os lugares sem
ter conseguido nada, mas deixara num posto uma guarnição muito
forte.
19 Dositeu e Sosípatro, que comandavam tropas de Macabeu, foram
atacar esse posto fortificado e mataram todos os homens que Timóteo
ali havia colocado, isto é, mais de dez mil.

29
20 Macabeu dividiu então seu exército e confiou a cada um deles uma
parte; em seguida foi contra Timóteo, acompanhado de cento e vinte
mil infantes e dois mil e quinhentos cavaleiros.
21 Logo que teve conhecimento da chegada de Judas, Timóteo conduziu
as mulheres, as crianças e as bagagens para um lugar chamado
Carnion, porque era um lugar tornado inexpugnável pelos desfiladeiros e
de acesso muito difícil.
22 Quando apareceu o primeiro exército de Judas, o terror apoderou-se
logo dos inimigos, porque aquele que vê todas as coisas manifestou-se a
seus olhos; e fugiram em todas as direções, ferindo-se constantemente
uns aos outros e transpassando-se com as suas próprias espadas.
23 Judas perseguiu encarniçadamente esses malfeitores, matando e
massacrando até trinta mil homens.
24 O próprio Timóteo caiu nas mãos dos homens de Dositeu e de
Sosípatro, aos quais pediu com grandes instâncias deixá-lo partir são e
salvo, porque tinha em seu poder os pais e mesmo os irmãos da maior
parte deles, que poderiam ser maltratados.
25 Dava-lhes numerosas garantias e prometia libertar seus prisioneiros
sem fazer-lhes mal; e com isso soltaram-no, para salvar seus irmãos.
26 Em seguida, Judas atacou Carnion e o templo de Atargatis e
massacrou vinte e cinco mil homens.
27 Depois dessa perseguição e matança, conduziu suas tropas diante de
Efron, cidade forte, onde habitava Lísias e gente de todas as nações.
Jovens robustos, colocados em frente à muralha, defendiam-na
valentemente: dentro havia grande provisão de máquinas e projéteis.
28 Os judeus invocaram o Soberano que tem o poder de aniquilar as
forças dos inimigos, tornaram-se senhores da cidade e mataram ali
vinte e cinco mil homens.
29 Dali partiram eles para alcançar a cidade de Citópolis, a seiscentos
estádios de Jerusalém.
30 Todavia, os judeus que habitavam ali atestaram que os citopolitanos
haviam usado de benevolência para com eles e os haviam tratado com
deferência no tempo da perseguição.
31 Judas e os seus agradeceram, pois, a estes e os exortaram a
perseverar nessas disposições para com os de sua raça; em seguida
entraram em Jerusalém, porque a festa das Semanas se aproximava.
32 Passada a festa de Pentecostes, foram contra Górgias, chefe militar
da Iduméia;
33 esse saiu-lhes ao encontro com três mil infantes e quatrocentos
cavaleiros;

34 e travou-se uma batalha na qual pereceram alguns judeus.
35 Dositeu, um dos cavaleiros de Baquenor, muito corajoso, apoderouse
de Górgias; retendo-o pela clâmide, arrastava-o à força, a fim de
capturar vivo o maldito, quando se precipitou sobre ele um cavaleiro da

30
Trácia, que lhe decepou um ombro, e Górgias fugiu para Marisa.
36 No entanto, as tropas de Esdrin, que combatiam há muito tempo,
achavam-se fatigadas; então Judas suplicou ao Senhor que se
mostrasse seu aliado e os guiasse no combate.
37 E, começando a entoar cantos na língua pátria e lançando o grito de
guerra, atirou-se inopinadamente sobre os soldados de Górgias e os pôs em fuga.
38 Quando havia reunido seu exército, Judas alcançou a cidade de
Odolão e, chegando o sétimo dia da semana, purificaram-se segundo o
costume e celebraram ali o sábado.
39 No dia seguinte, Judas e seus companheiros foram tirar os corpos
dos mortos, como era necessário, para depô-los na sepultura ao lado de
seus pais.
40 Ora, sob a túnica de cada um encontraram objetos consagrados aos
ídolos de Jânia, proibidos aos judeus pela lei: todos, pois, reconheceram
que fora esta a causa de sua morte.
41 Bendisseram, pois, a mão do justo juiz, o Senhor, que faz aparecer
as coisas ocultas,
42 e puseram-se em oração, para implorar-lhe o perdão completo do
pecado cometido. O nobre Judas falou à multidão, exortando-a a evitar
qualquer transgressão, ao ver diante dos olhos o mal que havia
sucedido aos que foram mortos por causa dos pecados.
43 Em seguida, fez uma coleta, enviando a Jerusalém cerca de dez mil
dracmas, para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados: belo e
santo modo de agir, decorrente de sua crença na ressurreição,
44 porque, se ele não julgasse que os mortos ressuscitariam, teria sido
vão e supérfluo rezar por eles.
45 Mas, se ele acreditava que uma bela recompensa aguarda os que
morrem piedosamente,
46 era esse um bom e religioso pensamento; eis por que ele pediu um
sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres de suas faltas.
Capítulo 13
1 No ano cento e quarenta e nove, os partidários de Judas souberam
que Antíoco vinha contra a Judéia, com um considerável exército.
2 Lísias, seu tutor e ministro, acompanhava-o; eles comandavam as
tropas gregas, elevando-se a cento e dez mil infantes, cinco mil e
trezentos cavaleiros, vinte e dois elefantes e trezentos carros armados
de foices.
3 Menelau havia se ajuntado a eles e intervinha perfidamente junto ao
rei, não a favor de sua pátria, mas tendo em mira a confirmação de sua dignidade.

31
Deus.
4 Todavia, o Rei dos reis excitou contra esse celerado a cólera de
Antíoco e, tendo-o Lísias acusado de ser a causa de todos esses males,
mandou o rei conduzi-lo a Beréia, para que fosse morto segundo o
costume do país.
5 Ora, havia ali uma torre de cinqüenta côvados, cheia de cinza e
munida de um instrumento giratório que, de todos os lados, precipitava
essa cinza.
6 Era lá que qualquer culpado de roubo sacrílego, ou de algum outro
crime particularmente grave, era lançado à morte pela multidão.
7 Foi nesse suplício que morreu Menelau, o prevaricador, que não recebeu assim sepultura alguma.
8 E isso foi justo, porque ele havia pecado bastante contra o altar que
sustenta o fogo puro e a cinza, e foi na cinza que ele encontrou a morte.
9 Nesse meio tempo, o rei avançava, imaginando os mais bárbaros
planos, decidido a empregar contra os judeus os piores castigos
imaginados por seu pai.
10 Sabendo disso, Judas mandou que o povo invocasse o Senhor, noite
e dia, para que nessa circunstância, mais do que nunca, ele viesse em
socorro daqueles que estavam ameaçados de perder a lei, a pátria e o
templo.
11 Que ele não permitisse que o povo, apenas um pouco aliviado,
recaísse sob os golpes das nações perversas.
12 Rezaram todos juntos e invocaram o Senhor misericordioso, entre
lágrimas, jejuns, prostrados três dias consecutivos; Judas exortou-os e
disse-lhes que estivessem preparados;
13 entrevistou-se ele com os anciãos, e decidiu não esperar que o
exército do rei penetrasse na Judéia e se assenhoreasse da cidade, mas
sair logo e travar uma batalha decisiva com o auxílio de Deus.
14 Entregou, pois, a sorte das armas ao Criador do mundo e encorajou

seus companheiros a combater valentemente até a morte em defesa das leis, do templo, da cidade, da pátria e da nação. Em seguida, levou seu exército até Modin.
15 Depois de ter entregue a seus homens a senha Vitória de Deus,
tomou consigo os mais corajosos entre os jovens, e partiu de noite, a
fim de atacar o acampamento que abrigava o rei. Mataram cerca de dois
mil homens, massacraram o principal elefante e seu condutor e
16 por fim espalharam pelo campo o terror e a confusão; e obtido esse
êxito, retiraram-se.
17 Despontava o dia, quando cessou este ataque, graças à proteção de
18 Provando a audácia dos judeus, tentou o rei apoderar-se das
fortificações por estratagemas.
19 Partiu, a fim de colocar cerco diante de Betsur, praça forte dos
judeus; foi porém rechaçado, sofrendo revés, e vencido,

32
20 enquanto Judas reabastecia os sitiados.
21 Rodoco, combatente do exército dos judeus, revelou os segredos dos
seus aos inimigos, mas após inquérito foi apanhado e metido no cárcere.
22 Pela segunda vez o rei parlamentou com os habitantes de Betsur,
apresentou-lhes a mão, recebeu a deles, partiu para atacar o exército
de Judas e foi vencido.
23 Soube então que Filipe, a quem tinha deixado em Antioquia para a
direção dos negócios, se revoltara, e ficou muito consternado. Fez
propostas aos judeus, aceitou as condições deles e jurou tudo o que lhe
pareceu justo. Reconciliados, ofereceu um sacrifício, presenteou o
templo e mostrou-se benévolo para com a cidade.
24 Acolheu com agrado Macabeu e deixou como governador na região
Hegemônides, desde Ptolemaida até a terra dos gerrênios.
25 Dirigiu-se a Ptolemaida, porque os habitantes estavam descontentes
com esse tratado e indignados com os decretos promulgados.
26 Lísias subiu à tribuna, defendeu-o como pôde, persuadiu e apaziguou
o povo, levando-o a benévolos sentimentos, e voltou depois a Antioquia.
Assim decorreram a ofensiva e a retirada do rei.
Capítulo 14
1 Três anos mais tarde, Judas e seus amigos souberam que Demétrio,
filho de Seleuco, tinha chegado pelo porto de Trípoli com um poderoso
exército e uma grande esquadra;
2 soube também que o país caíra em suas mãos e que havia causado a
perda de Antíoco e de seu tutor Lísias.
3 Ora, certo Alcimo, outrora sumo sacerdote, mas voluntariamente
comprometido por ocasião da introdução dos costumes pagãos, vendo
que de nenhum lado lhe restava esperança de salvação, nem
possibilidade de achegar-se ainda ao altar,
4 veio ter com o rei Demétrio. Isso foi pelo ano cento e cinqüenta e um.
Ofereceu-lhe uma coroa de ouro, uma palma e, além disso, alguns
ramos de oliveira, dos que se oferecem no templo. Naquele dia,
contudo, não disse nada.
5 Mas achou uma ocasião oportuna para executar sua maldade, quando
foi chamado ao conselho por Demétrio e interrogado sobre as
disposições e intentos dos judeus.
6 Respondeu ele: Aqueles judeus, que se chamam assideus, em cuja
frente se encontra Judas Macabeu, fomentam a guerra e a sedição, e
impedem que o reino goze de paz.
7 Eis por que, despojado de minha dignidade hereditária, quero dizer do
sumo sacerdócio: vim aqui
8 primeiro porque tenho realmente cuidado dos interesses do rei;

33
consigo.
depois, em consideração aos meus compatriotas, porque a irreflexão
dos que citei mergulha toda a nossa raça num grande mal.
9 Reconhecido isso, ó rei, pela benevolência que testemunhas a todos,
toma as medidas necessárias para a salvação de nosso país e de nossa
raça ameaçada,
10 porque, enquanto Judas estiver vivo, é impossível que haja paz.
11 Mal acabara ele de falar, os demais amigos do rei, hostis à causa de
Judas, puseram-se a excitar Demétrio.
12 Este designou imediatamente Nicanor, ex-comandante do corpo de
elefantes, e promoveu-o a general da Judéia, ordenando-lhe
13 que partisse a fim de matar Judas, dispersar suas tropas e
restabelecer Alcimo como sacerdote do grande templo.
14 Aqueles que na Judéia haviam fugido de Judas colocaram-se ao lado
dos gentios sob a chefia de Nicanor, como se os infortúnios e males dos
judeus lhes devessem redundar em outros tantos êxitos.
15 Os judeus, ao ouvirem falar da expedição de Nicanor e do ataque dos
gentios, cobriram a cabeça com pó e imploraram àquele que

estabelecera seu povo para sempre e que continuamente, de modo
visível, defendia sua parte escolhida.
16 À ordem do chefe, partiu logo o exército e encontrou o inimigo perto
da aldeia de Dessau.
17 Embora Simão, irmão de Judas, estivesse em presença de Nicanor,
adiou o ataque em vista do súbito terror produzido aos seus pelo
inimigo.
18 De seu lado, Nicanor, conhecendo a coragem dos homens de Judas e
a grandeza de ânimo com que eles se atiravam ao combate pela pátria,
temeu expor-se a uma decisão pelo sangue.
19 Enviou, pois, Possidônio, Teódoto e Matatias, para oferecer a mão
aos judeus e receber a deles.
20 As propostas de paz foram por muito tempo examinadas; o chefe as
comunicou às tropas e unanimemente foram aceitas.
21 Foi fixado um dia para uma conferência dos chefes sobre esse
assunto. De um lado e de outro avançou um carro e colocaram cadeiras
de honra.
22 Judas postou homens armados em lugares estratégicos, prontos para
qualquer eventualidade, se os adversários os viessem trair. A
conferência dos chefes foi satisfatória.
23 Nicanor passou a residir em Jerusalém, sem fazer ali mal algum;
despediu até mesmo a multidão das tropas que ele havia trazido
24 Estava constantemente em companhia de Judas, sentindo amizade
para com ele.
25 Instou para que ele se casasse e que tivesse filhos. Judas casou-se,
gozou de tranqüilidade, e desfrutou a vida

34

26 Verificando Alcimo os sentimentos recíprocos de ambos os chefes,
investigou as cláusulas do tratado e dirigiu-se a Demétrio, acusando
Nicanor de conjurar contra o Estado, porque havia designado para seu
lugar-tenente Judas, o próprio inimigo do reino.
27 Exasperado e excitado pelas calúnias desse bandido, escreveu o rei a
Nicanor, dizendo-lhe que estava descontente com os tratados realizados
e ordenava-lhe que lhe enviasse preso Macabeu o mais depressa
possível, para Antioquia.
28 Recebendo essa carta, Nicanor ficou consternado e triste por ter de
romper seus contratos sem que Judas tivesse agido mal.
29 Mas, como ele não podia contrariar as ordens do rei, procurava uma
ocasião para executar essa ordem por algum ardil.
30 Reparando Macabeu que Nicanor se mostrava mais rude para com
sua pessoa e com uma atitude mais indiferente, achou que esse
procedimento nada indicava de bom; reunindo, pois, um grupo dos seus
partidários, ocultou-se de Nicanor.
31 Quando o outro compreendeu que havia sido logrado, dirigiu-se ao
grande e sublime templo no momento em que os sacerdotes ofereciam
o sacrifício e deu-lhes ordem de entregarem esse homem;
32 os sacerdotes, porém, juraram-lhe que não sabiam onde se achava o
que ele procurava.
33 Então, estendendo a mão para o templo, jurou: Se não me
entregardes Judas preso, arrasarei até o solo este santuário de Deus,
derribarei o altar, e no mesmo lugar edificarei um magnífico templo a
Dionisos.

34 Ditas estas coisas, ele se retirou. Os sacerdotes, então, ergueram as
mãos para o céu e invocaram aquele que sempre pelejou pelo nosso
povo:
35 Senhor do universo, exclamaram eles, vós, que bastais a vós
mesmo, quisestes possuir entre nós um templo por habitação;
36 ó fonte santa de toda santidade, conservai, pois, sempre livre de
toda profanação esta casa que há pouco foi purificada.
37 Aconteceu também que Razis, um dos anciãos de Jerusalém, foi
denunciado a Nicanor. Era um homem dedicado aos seus concidadãos,
de grande reputação, e cognominado pai dos Judeus, por causa de sua
benevolência.
38 Anteriormente, por ocasião da resistência ao paganismo, havia sido
acusado de judaísmo e pelo judaísmo ele se havia exposto de corpo e
alma com um zelo extremo.
39 Nicanor, que pretendia dar uma prova de sua hostilidade para com
os judeus, enviou mais de quinhentos homens para apoderar-se dele,
40 supondo que, prendendo-o, causaria aos judeus um golpe penoso.
41 Como essa tropa foi apoderar-se da torre e forçar a entrada, uma
vez que havia sido dada a ordem de atear fogo e incendiar as portas,

35

rocha escarpada
vitória.
Razis, quando ia ser preso, transpassou-se com a própria espada,
42 preferindo morrer nobremente antes que cair nas mãos dos ímpios e
padecer ultrajes indignos de seu nascimento.
43 Na precipitação, porém, dirigiu mal o golpe e, enquanto os soldados

forçavam do lado de fora contra as portas, ele correu animosamente
para cima do muro e, com coragem, precipitou-se de modo a cair sobre
eles;
44 estes afastaram-se com rapidez, e Razis esmagou-se no espaço
deixado vazio.
45 Todavia, ainda respirando, cheio de ardor, ergueu-se e, embora o
sangue lhe jorrasse como uma fonte de suas horríveis feridas,
atravessou a multidão numa carreira; em seguida, de pé sobre uma
46 e já inteiramente exangue, arrancou com as próprias mãos as
entranhas que saíam, e lançou-as sobre os inimigos. Foi assim seu fim,
pedindo ao Senhor da vida e do sopro que lhos restituísse um dia.

Capítulo 15

1 Ouvindo falar que Judas e seus aliados se achavam nas fronteiras da
Samaria, resolveu Nicanor atacá-los com toda a segurança no dia do
repouso sabático.
2 Os judeus, obrigados por ele a segui-lo, disseram-lhe: Não faças um
massacre tão selvagem e tão bárbaro, mas respeita por teu lado o dia
escolhido e especialmente santificado por aquele que tudo vê.
3 Mas este tríplice celerado perguntou se existia no céu um soberano
que houvesse prescrito observar o dia de sábado.
4 Como eles respondessem: Foi o mesmo Senhor vivo, Todo-poderoso
no céu, quem ordenou a celebração do sétimo dia,
5 o outro replicou: Também eu sou poderoso na terra e ordeno que se
tomem as armas e se executem as ordens do rei. Todavia não pôde
executar seu desígnio criminoso.
6 Enquanto Nicanor, no auge de seu orgulho, decidia erigir um troféu
com os despojos de Judas e seus companheiros,
7 Macabeu, ao contrário, deixava-se levar por uma inteira confiança de
que haveria de obter auxílio do Senhor.
8 Exortava os seus companheiros a que não temessem o ataque dos
gentios, a que se lembrassem dos auxílios já obtidos do céu e a que
esperassem, pois também agora o Todo-poderoso lhes concederia a
9 Encorajou-os citando a lei e os profetas, lembrou-lhes os combates
outrora sustentados e inflamou-os desse modo com um novo ardor.
10 Após haver-lhes reanimado o espírito, estimulou-os ainda,

de alegria.
apresentando aos seus olhos a perfídia dos gentios e o desprezo da
palavra dada.
11 Assim armou a todos não com a segurança que vem das lanças e dos
escudos, mas com a coragem que suscitam as boas palavras. Narroulhes
ainda uma visão digna de fé uma espécie de visão que os cumulou
12 Eis o que vira: Onias, que foi sumo sacerdote, homem nobre e bom,
modesto em seu aspecto, de caráter ameno, distinto em sua linguagem
e exercitado desde menino na prática de todas as virtudes, com as mãos
levantadas, orava por todo o povo judeu.
13 Em seguida havia aparecido do mesmo modo um homem com os
cabelos todos brancos, de aparência muito venerável, e nimbado por
uma admirável e magnífica majestade.
14 Então, tomando a palavra, disse-lhe Onias: Eis o amigo de seus
irmãos, aquele que reza muito pelo povo e pela cidade santa, Jeremias,
o profeta de Deus.
15 E Jeremias, estendendo a mão, entregou a Judas uma espada de
ouro, e, ao dar-lha, disse:
16 Toma esta santa espada que Deus te concede e com a qual
esmagarás os inimigos.
17 Entusiasmados por estas palavras de Judas, tão nobres e tão capazes
de excitar a coragem e robustecer as almas dos jovens, decidiram os
judeus não acampar, mas arrojar-se para a frente, travar com valor a
batalha e obter assim uma decisão, porque a cidade, a religião e o
templo estavam em perigo.
18 Não lhes causavam tanta preocupação as mulheres, as crianças, seus
irmãos e seus parentes: a primeira e principal inquietação que tinham
era a purificação do templo.
19 Não era menor a angústia dos que haviam ficado na cidade, ansiosos
pela luta que ia ser travada fora, na planície.
20 Todos já aguardavam a batalha decisiva, prestes a se iniciar; os
inimigos também já se tinham reunido para o combate, os elefantes
estavam postados no lugar conveniente, a cavalaria disposta nas alas;
21 Macabeu, à vista dessa multidão imensa, do aparato de armas tão
diversas e do aspecto temível dos elefantes, estendeu as mãos para o
céu e invocou o Senhor que opera prodígios. Sabia muito bem que não é
o poderio das armas que obtém a vitória, senão que Deus a decide,
outorgando-a aos que ele julga dignos dela.
22 Eis como foi sua oração: Senhor, vós, que no tempo de Ezequias, rei
da Judéia, enviastes vosso anjo e fizestes perecer cento e oitenta e

cinco mil homens do exército de Senaquerib,
23 enviai, pois, ainda agora, ó soberano dos céus, um bom anjo que nos
preceda, infundindo temor e espanto.
24 Que vosso braço se estenda e extermine aqueles que, blasfemando,

37
orações.
vieram atacar vosso povo santo. E com essas palavras terminou.
25 De um lado, as tropas de Nicanor avançavam ao som das trombetas
e dos hinos guerreiros;
26 do outro lado, os de Judas travavam a batalha entre invocações e
27 Enquanto pelejavam com as mãos, oravam ao Senhor no coração, e
assim derribaram por terra nada menos que trinta e cinco mil homens; e
sentiram-se cheios de alegria por ver Deus manifestar-se desse modo.
28 Concluída a batalha, dispersaram-se felizes, quando reconheceram
Nicanor prostrado com a sua armadura.
29 Então, entre gritos e alvoroço, louvaram o Senhor na língua paterna.
30 Aquele que se consagrara de corpo e alma ao serviço de seus
concidadãos, e conservara para com seus compatriotas o amor de sua
juventude, ordenou que degolassem a cabeça de Nicanor, como também
a mão e o braço, e os levassem a Jerusalém.
31 Chegado à cidade, convocou seus compatriotas, dispôs os sacerdotes
diante do altar e mandou aproximarem-se também os que se achavam
na cidadela.
32 Apresentou-lhes a cabeça do impuro Nicanor e a mão, que este
maldito havia insolentemente estendido contra a morada do Todopoderoso.
33 Depois mandou cortar a língua do ímpio para lançá-la em pedaços
aos pássaros e mandou suspender diante do templo o braço decepado,
como castigo de sua insensatez.
34 E todos puseram-se a louvar nestes termos o Senhor, que se tinha
manifestado: Bendito seja aquele que preservou sua morada de toda a
impureza.
35 Judas suspendeu do mesmo modo a cabeça de Nicanor, na parte
exterior da cidadela, como sinal palpável e evidente da proteção do
Senhor.
36 De comum acordo, foi estabelecido que, doravante, não se deixaria
passar esse dia sem festejá-lo, e que seria celebrada no dia treze do
duodécimo mês, chamado Adar em língua siríaca, a vigília do dia de
Mardoqueu.
37 Assim se desenrolaram os acontecimentos relativos a Nicanor, e já
que a partir dessa época Jerusalém permaneceu em poder dos hebreus,
finalizarei aqui minha narração.
38 Se ela está felizmente concebida e ordenada, era este o meu desejo;
se ela está imperfeita e medíocre, é que não pude fazer melhor.
39 Assim como é nocivo beber somente o vinho ou somente a água,
mas agradável e verdadeiramente proveitoso beber a água e o vinho
misturados, assim também a disposição agradável do relato é o que
causa prazer aos ouvidos do leitor. Aqui, pois, termino.

...

2
Capítulo 1
1 Eis o texto do livro escrito por Baruc, filho de Nérias, filho de Maasias,
filho de Sedecias, filho de Sedei, filho de Helcias, em Babilônia,
2 no quinto ano, sétimo dia do (quinto) mês. Decorria o tempo em que
os caldeus tomaram Jerusalém e a haviam incendiado.
3 Leu Baruc este livro em presença de Jeconias, filho de Joaquim, rei de
Judá, e de todo o povo, que para tal fim se reunira,
4 dos nobres, príncipes reais, anciãos e de quantos residiam em
Babilônia, às margens do rio Sodi, desde os mais simples até os mais
elevados.
5 Ao ouvi-lo, puseram-se todos a chorar e a jejuar, orando ao Senhor.
6 Fizeram, em seguida, uma coleta de dinheiro, de acordo com as
posses de cada um,
7 e o produto enviaram a Jerusalém, ao sacerdote Joaquim, filho de
Helcias, filho de Salom, assim como aos outros sacerdotes e a quantos
ainda com ele se encontravam na cidade.
8 No décimo dia do mês de Sivã, Baruc já havia recuperado os utensílios
da casa do Senhor - que haviam sido levados por ocasião da pilhagem -,
a fim de devolvê-los à terra de Judá. Eram objetos de prata feitos a
mandado de Sedecias, filho se Josias, rei de Judá,
9 depois que Nabucodonosor, rei de Babilônia, deportou de Jerusalém
para Babilônia Jeconias, juntamente com os príncipes, os artífices, os
principais e o povo.
10 Eis o que escreveram: servi-vos do dinheiro que vos enviamos, a fim
de comprar vítimas para os holocaustos, os sacrifícios expiatórios, e
para o incenso. Preparai também oferendas que poreis sobre o altar do
Senhor, nosso Deus.
11 Orai pela saúde de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e pela vida de
seu filho Baltasar, a fim de que elas sejam como uma vida celeste na
terra.
12 Que o Senhor nos dê força e ilumine os nossos olhos para que
vivamos à sombra de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e de seu filho
Baltasar, e que a eles sirvamos por longos dias e gozemos de seus
favores.
13 Rogai também ao Senhor, nosso Deus, por nós, porque pecamos
contra ele, e a sua cólera ainda não se desviou de nós.
14 Tomai conhecimento deste livro que vos enviamos para que dele
façais a leitura pública no templo, nos dias de festas e de assembléias
religiosas.
15 Eis o que direis: O Senhor, nosso Deus, é justo. Nós, porém,
devemos, hoje, corar de vergonha, nós, homens de Judá e habitantes
de Jerusalém,

3
nos impôs
16 nossos reis e príncipes, sacerdotes, profetas e nossos pais,
17 porque pecamos contra o Senhor.
18 Nós lhe desobedecemos; recusamo-nos a ouvir a voz do Senhor,
nosso Deus, e a seguir os mandamentos que nos deu.
19 Desde o dia em que o Senhor tirou nossos pais do Egito até agora,
persistimos em nos mostrar recalcitrantes contra o Senhor, nosso Deus,
e, em nossa leviandade, recusamos escutar-lhe a voz.
20 Por isso, como agora o vemos, persegue-nos a calamidade assim
como a maldição que o Senhor pronunciara pela boca de Moisés, seu
servo, quando este fez com que saíssem do Egito nossos pais, a fim de
nos proporcionar uma terra que mana leite e mel.
21 Contudo, a despeito dos avisos dos profetas que nos enviou, não
escutamos a voz do Senhor, nosso Deus.
22 Seguindo cada um de nós as inclinações perversas do coração,
servimos a deuses estranhos e praticamos o mal ante os olhos do
Senhor, nosso Deus.
Capítulo 2
1 Assim sendo, pôs o Senhor em execução a ameaça que, contra nós,
havia pronunciado, e contra os nossos chefes que governavam Israel, os
nossos reis e príncipes e todo Israel e Judá;
2 a ameaça de lançar sobre nós calamidades tais como nunca, sob o
céu, ocorreram semelhantes ao que se passou em Jerusalém. (Foi visto
realizar-se) o que na lei de Moisés se encontra:
3 chegar cada um de nós a comer a carne do filho ou da filha.
4 Entregou-os ao domínio de todos os reinos que nos cercavam, e os
tornou objeto de opróbrio e maldição para todos os povos, em cujo meio
o Senhor os havia dispersado.
5 Assim passaram a ser súditos em lugar de senhores, porque
cometemos o pecado contra o Senhor, nosso Deus, e lhe desatendemos
à voz.
6 O Senhor, nosso Deus, é justo. Nós é que hoje devemos corar de
pejo, assim como nossos pais.
7 Aconteceram todas as calamidades de que nos ameaçara o Senhor.

8 E nós não (tentamos) abrandar a cólera do Senhor contra nós,
renunciando aos pensamentos perversos de nosso coração.
9 E assim, o Senhor que velava sobre a calamidade, desencadeou-a
sobre nós. Todavia, o Senhor é justo em todos os acontecimentos que
10 porque nenhuma atenção prestamos ao seu aviso que consistia em
seguir os mandamentos que o Senhor nos havia imposto.
11 E agora, Senhor, Deus de Israel, que fizestes sair o vosso povo do

4
Egito pela força de vossa mão, com milagres e prodígios por um efeito
do poder de vosso braço, que criastes um nome até hoje:
12 pecamos, é verdade, e procedemos como ímpios, Senhor, nosso
Deus, praticando o mal contra todos os vossos preceitos.
13 Dignai-vos desviar de nós a vossa cólera, porque não passamos de
uns poucos restantes entre as nações pelas quais nos dispersastes!
14 Atendei, Senhor, à nossa prece suplicante e, por vosso amor, salvainos.
Fazei-nos encontrar perdão ante os olhos daqueles que nos
deportaram,
15 a fim de que o mundo saiba que vós sois o Senhor, nosso Deus.
Porventura não é de vosso nome que provém o de Israel e de sua
linhagem?
16 Lançai, Senhor, o vosso olhar sobre nós lá do alto de vossa morada
santa e atendei à nossa voz.
Inclinai vossos ouvidos, Senhor, a fim de
nos ouvir.
17 Abri os vossos olhos, e volvei-os sobre nós! Não são os mortos das
moradas subterrâneas, cujo sopro se lhes desprendeu das entranhas,
que rendem glória ao Senhor, (e louvam) sua justiça,
18 e sim a alma (viva), por mais acabrunhada que esteja de tristeza,
aquele que caminha curvado e esfalfado, o olhar
desfalecido, e a alma a penar de fome - estes vos rendem glória e louvam a
vossa justiça, ó
Senhor.
19 Não é em nome dos méritos de nossos pais e reis que vos
apresentamos nossa súplica, Senhor, nosso Deus.
20 Pois (é com razão) que desencadeastes sobre nós a vossa cólera e
furor, como o predissestes por intermédio dos profetas, vossos servos.
21 Eis o que diz o Senhor: dobrai a cerviz e servi ao rei de Babilônia;
assim ficareis na terra que dei a vossos pais.
22 Se não atenderdes ao aviso que vos deu o Senhor, vosso Deus, de
submeter-vos ao rei de Babilônia,
23 farei calar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém os gritos de
alegria e júbilo, o cântico do noivo e da noiva, e a terra inteira
transformar-se-á em deserto inabitável.
24 Não escutamos, entretanto, vosso apelo para que nos
submetêssemos ao rei de Babilônia. E executastes a ameaça que havíeis
ordenado proferissem os profetas, vossos servos, de que os ossos de
nossos reis e pais fossem arrebatados de suas sepulturas.
25 E lá estão eles, expostos ao calor dos dias e ao frio das noites, após
a morte de nossos pais, no sofrimento cruel da fome, da espada e da
peste.
26 Assim, foi por causa da malícia da casa de Israel e de Judá, que
reduzistes o povo, que de vós recebeu o nome, ao estado em que hoje
se encontra.
27 E ainda, foi pela vossa bondade e misericórdia, Senhor, nosso Deus,

5
que agistes conosco,
28 como o declarastes por intermédio de vosso servo Moisés, no dia em
que o impelistes a gravar por escrito a vossa lei na presença dos
israelitas:
29 Se não escutardes a minha voz, esta grande e vasta multidão será
reduzida a um punhado de homens entre as nações, pelas quais os
dispersarei.
30 Bem sei que não me escutam. É um povo recalcitrante. Contudo, na
terra do exílio, tomarão a peito esse caso,
31 reconhecendo que sou eu o Senhor e Deus. Dar-lhes-ei então um
coração apto a compreender e dóceis ouvidos.
32 E lá na terra do exílio, render-me-ão louvores e se hão de recordar
de meu nome.
33 Ante a lembrança do destino de seus pais que pecaram contra o
Senhor, renunciarão às suas obstinações e ao seu perverso proceder.
34 Trá-los-ei então para a terra que, sob juramento, havia prometido a
seus pais, Abraão, Isaac e Jacó. Dela retomarão posse, e eu lá os
multiplicarei, e seu número não mais diminuirá.
35 Com eles estabelecerei eterna aliança; e serei o seu Deus, e eles
serão o meu povo. E jamais expulsarei Israel, meu povo, da terra que
lhe outorguei.
Capítulo 3
1 Senhor, todo-poderoso, Deus de Israel, é uma alma angustiada e um
coração atormentado que clama a vós:
2 Escutai, Senhor! Tende piedade! Porque pecamos contra vós.

3 Estais sentado sobre um trono eterno, e nós caminhamos para um definitivo aniquilamento.
4 Senhor, todo-poderoso, Deus de Israel, escutai a prece dos mortos de Israel, dos filhos daqueles que pecaram contra vós, que não atenderam à voz do Senhor, seu Deus, e por isso foram levados à desgraça.
5 Não mais tomeis em conta os crimes de nossos pais; lembrai-vos, apenas, nesta hora, do poder de vosso nome.
6 Sois o Senhor nosso Deus, e nós queremos louvar-vos, Senhor.
7 Por esse motivo é que nos inspirastes o temor a vós e a necessidade de vos invocar. Agora, em nosso exílio, vos louvamos, já que o nosso coração renunciou às iniqüidades de nossos pais, que contra vós pecaram.
8 Olhai! Aqui vivemos em um exílio, para onde nos dispersastes, a fim de sermos objeto de opróbrio, de insultos e maldições, e para carregarmos o peso das culpas de nossos pais, que haviam abandonado o Senhor, nosso Deus.

6
9 Escuta, Israel, os mandamentos de vida; medita, a fim de que aprendas a prudência.
10 Donde vem, Israel, donde vem, que te encontras em terra inimiga, que definhas em solo estranho, passas por imundo, qual cadáver,
11 e és contado entre os ocupantes dos túmulos?
12 Negligenciaste a fonte da sabedoria.
13 Se houvesses caminhado pelas sendas de Deus, poderias habitar para sempre na paz.
14 Aprende onde se acha a prudência, a força e a inteligência, a fim de que saibas, ao mesmo tempo, onde se encontram a vida longa e a felicidade, o fulgor dos olhos e a paz.
15 Quem jamais encontrou sua morada, e penetrou em seus domínios?
16 Onde estão os chefes das nações que domavam os animais da terra,
17 e brincavam com as aves do céu, que entesouravam prata e ouro, em quem os homens confiavam, e cujos bens são inesgotáveis?
18 Onde estão aqueles que trabalham a prata com dificuldade? Nada resta de suas obras.
19 Desapareceram, desceram à habitação dos mortos, e outros subiram ao lugar deles;
20 os mais jovens viram o dia e habitaram a terra; não descobriram, porém, o caminho da sabedoria,
21 nem conheceram a senda que a ela conduz. Também seus filhos não a alcançaram e longe permaneceram de seu caminho.
22 Dela não se ouviu falar em Canaã nem foi vista em Temã.
23 Mesmo os filhos de Agar, à procura de prudência terrestre, e os negociantes de Madiã e Temã, os amigos de provérbios e os desejosos de prudência, não puderam conhecer o caminho da sabedoria, nem dela obter informações sobre sua pista.
24 Ó Israel!, quão imensa é a casa de Deus; como é vasta a extensão de seus domínios!
25 Sim, é vasta, imensa, ampla, ilimitada.
26 Lá nasceram os famosos gigantes antigos, de estatura imensa e alma de guerreiros.
27 Não os escolheu Deus, nem lhes mostrou o caminho da sabedoria.
28 E por falta de sagacidade pereceram, vítimas da própria estultícia.
29 Quem escalou o céu a fim de procurar a sabedoria, e a trouxe para baixo das nuvens?
30 Quem atravessou o mar para encontrá-la, e a adquiriu, ao preço do ouro mais puro?
31 Ninguém conhece o caminho que a ela conduz, nem sabe a pista que lá o possa levar.
32 Somente aquele que tudo sabe a conhece, e por efeito de sua prudência a descobre; aquele que criou a terra para tempos que não findam; aquele que de animais a povoou;

7
nação estrangeira.
Deus!
33 aquele que lança o relâmpago e o faz brilhar, que o chama e ele, bramindo, obedece.
34 Brilham em seus postos as estrelas e se alegram;
35 e as chama, e respondem: Aqui estamos. E jubilosas refulgem para o seu criador.
36 É ele o nosso Deus, com ele nenhum outro se compara.
37 Conhece a fundo os caminhos que conduzem à sabedoria, galardoando com ela Jacó, seu servo, e Israel, seu favorecido.
38 Foi então que ela apareceu sobre a terra, onde permanece entre os homens.

Capítulo 4
1 Ela é o livro dos mandamentos divinos e a Lei que subsiste para todo o sempre. Todos aqueles que a seguem adquirirão a vida, e os que a abandonam morrerão.
2 Volta para ela, Jacó, abraça-a. Caminha ao seu encontro, ao esplendor da sua luz.
3 Não entregues a outros esta glória, nem relegues esta salvação a
4 Ditosos somos nós, Israel, porque a nós foi revelado o que agrada a

5 Coragem, povo meu, que trazeis o nome de Israel!
6 Fostes, em verdade, vendidos aos pagãos, não, porém, para serdes aniquilados. Por haverdes desencadeado a cólera divina é que fostes
entregues aos inimigos.
7 Havíeis exasperado vosso Criador, ofertando sacrifícios aos demônios
e não a Deus.
8 Esquecestes o vosso Criador, o Deus eterno, e contristastes
Jerusalém, vossa nutriz.
9 Esta viu precipitar-se sobre vós a ira divina, e clamou: Escutai,
vizinhas de Sião! Fez-me Deus suportar cruel tormento.
10 Assisti à deportação de meus filhos e filhas, que o Eterno lhes
infligiu.
11 Eu os educara com alegria e fui obrigada a deixá-los partir com
lágrimas de luto.
12 Que ninguém se regozije com minha viuvez e meu desamparo! Por
causa dos pecados de meus filhos vivo desolada, já que se afastaram da
lei de Deus,
13 negligenciando seus mandamentos, afastando-se dos caminhos de
seus preceitos e não seguindo a vereda da disciplina segundo sua
justiça.
14 Vinde, vizinhas de Sião! Pensai na deportação de meus filhos e filhas,

vosso Salvador.
que o Eterno lhes infligiu.
15 Lançou contra eles um povo longínquo, povo insolente, de linguagem bárbara, sem respeito pelo ancião, sem piedade para com o pequenino.
16 Roubou à viúva os bem-amados, deixando-me sozinha, sem as
minhas filhas.
17 E que posso eu fazer por vós?
18 Somente aquele que vos infligiu estes males pode salvar-vos das
mãos de vossos inimigos.
19 Ide, filhos meus! Ide! Quanto a mim, permanecerei na solidão.
20 Tirei minhas vestes dos dias de paz para revestir-me do saco dos
suplicantes. Até meu último dia invocarei o Eterno.
21 Coragem, meus filhos! E vós também orai a Deus, a fim de que vos
salve da mão poderosa de vossos inimigos!
22 Do Eterno espero a vossa libertação, espero que do Santo me venha
a alegria, pela misericórdia que breve vos será concedida pelo Eterno,
23 Entre lágrimas e coberta de luto deixei-vos partir... Deus, porém, vos
devolverá a mim para uma eterna alegria,
24 porque as vizinhas de Sião, que viram a vossa deportação, verão em
breve Deus conceder-vos a libertação, seguida de imensa glória e de
fulgor emanando do Eterno.
25 Suportai, filhos meus, com paciência o golpe da cólera divina. Fostes
perseguidos por vossos inimigos; em breve, porém, assistireis à sua
ruína, e sobre suas cervizes poreis os pés.
26 Meus delicados filhos tiveram de andar por ásperos caminhos,
acossados, qual rebanho roubado pelo inimigo.
27 Coragem, porém, meus filhos. Orai a Deus, pois aquele que vos
feriu, lembrar-se-á de vós!
28 Quisestes apartar-vos de Deus; ponde agora dez vezes mais zelo em
procurá-lo.
29 Porquanto, aquele que sobre vós precipitou a catástrofe conceder-
vos-á, com a libertação, eterno regozijo.
30 Coragem, Jerusalém! Aquele que te deu o nome consolar-te-á.
31 Miseráveis os que te maltrataram, e que se regozijaram com tua
ruína!
32 Miseráveis as cidades em que teus filhos conheceram a servidão,
miserável aquela que conservou teus cativos!
33 Em verdade, assim como se regozijou com tua queda, e triunfou,
quando de tua ruína, assim também vai gemer com a própria desolação.
34 Aniquilarei a altivez de sua numerosa população, e sua arrogância
transformar-se-á em luto,
35 porque um fogo constante, vindo do Eterno, a atingirá e gênios maus
vão persegui-la por muito tempo.
36 Jerusalém, volta o teu olhar para o oriente, vê a alegria que te vem

de Deus.
37 Olha! Eis que voltam os filhos que viras partir. Chegam do oriente e
do ocidente, à voz do Altíssimo, repletos da alegria que lhes dá a glória
de Deus.

Capítulo 5

1 Tira, Jerusalém, a veste de luto e de miséria; reveste, para sempre,
os adornos da glória divina.
2 Cobre-te com o manto da justiça que vem de Deus, e coloca sobre a
cabeça o diadema da glória do Eterno.
3 Deus vai mostrar à terra, e sob todos os céus, teu esplendor.
4 Eis o nome que te é dado por Deus, para todo o sempre: Paz da
Justiça e Esplendor do temor a Deus!
5 Ergue-te, Jerusalém, galga os cumes e olha para o oriente! Olha: ao
chamado do Altíssimo, reúnem-se teus filhos, desde o poente ao
levante, felizes por se haver Deus lembrado deles.
6 Quando de ti partiram, caminhavam a pé, arrastados pelos inimigos.
Deus, porém, tos devolve, conduzidos com honras, quais príncipes reais,

7 porque Deus dispôs que sejam abaixados os montes e as colinas, e
enchidos os vales para que se una o solo, para que Israel caminhe com
segurança sob a glória divina.
8 As florestas e as árvores de suave fragrância darão sombra a Israel,
por ordem do Senhor.
9 Em verdade, é o próprio Deus quem conduz Israel, pleno de júbilo no
esplendor de sua majestade, pela sua justiça, pela sua misericórdia!

Capítulo 6

Cópia de uma carta dirigida por Jeremias aos prisioneiros que deviam
ser deportados para Babilônia, pelo rei dos babilônios, para dar-lhes
conta da mensagem que Deus o havia encarregado de transmitir.

1 É por causa dos pecados que cometestes contra Deus que ides
deportados para Babilônia como prisioneiros, por Nabucodonosor, rei
dos babilônios.
2 Quando chegardes a Babilônia, será para ficardes lá por muito tempo,
durante longos anos, até sete gerações. Depois disso, porém, farei com
que volteis em paz.
3 Ireis ver em Babilônia deuses de prata, ouro e madeira, deuses que
são carregados aos ombros e que, não obstante, inspiram temor aos
pagãos.

10
devemos adorar.
vida.
4 Quanto a vós, preveni-vos! Não imiteis esses estrangeiros, deixando
que também o temor desses deuses se aposse de vós.
5 Quando virdes a multidão comprimir-se em torno deles para adorálos,
dizei no silêncio de vossos corações: É somente a vós, Senhor, que
6 Porque meu anjo estará ao vosso lado, e poderia vingar-se na vossa
7 A língua desses deuses é polida por um artista. Mas, apesar de
dourados e prateados, são falsos e incapazes de falar.
8 Como se fora para uma donzela apaixonada por enfeites, eles pegam
ouro
9 e confeccionam coroas para serem colocadas nas cabeças de suas
divindades. Acontece, até, que os sacerdotes roubam o ouro e a prata
para utilizá-los em proveito próprio,
10 ou para presentear prostitutas que mantêm em suas casas. Eles
ataviam com lindas vestes, como se fossem homens (esses deuses) de
prata, de ouro ou madeira,
11 enquanto estes nem mesmo são capazes de defender-se contra a
ferrugem e os vermes. Vestem-nos de púrpura;
12 precisam, porém, tirar-lhes do rosto a poeira que neles se acumula.
13 Possui o deus um cetro como se fora governador de província; mas é
incapaz de condenar à morte aqueles que contra ele se rebelam.
14 Ostenta na mão o machado e a espada, mas nem pode garantir-se
contra um inimigo ou um ladrão. E disto se pode concluir que não são
deuses. Não tendes por que temê-los.
15 Quando a ferramenta de um homem se quebra, perde a utilidade.
Assim também acontece com seus deuses.
16 Se os colocardes num templo, enchem-se seus olhos da poeira
erguida pelos pés dos visitantes.
17 Quando um homem ofende o rei, fecham-se atrás dele as portas da
prisão, porque vai ser conduzido à morte. Assim os sacerdotes
defendem os templos por meio de portas munidas de fechaduras e
ferrolhos, a fim de impedir que ladrões venham roubar os deuses.
18 E acendem mais luzes do que eles mesmos precisam, enquanto que
os deuses não podem vê-las,
19 porque são apenas quais vigas de seu templo, cujo coração está
também corroído. E eles nem se apercebem dos vermes que fervilham
no solo e que vêm devorá-los, assim como as suas vestes.
20 Escurece-lhes os rostos a fumaça que se desprende do templo.
21 Morcegos, andorinhas e outras aves esvoaçam em torno de seus
corpos, e gatos saltam sobre eles.
22 De tudo isso podeis concluir que não são deuses, e que nenhum
respeito lhes deveis.
23 O ouro que os reveste serve, sem dúvida, para embelezá-los mas, se

11
não se polir o ouro, não brilham. E nem sentiram quando foram
fundidos.
24 Foram comprados por preço exorbitante, quando neles nem sequer
um sopro de vida existe.
25 Não possuindo pés, devem ser carregados aos ombros, revelando
assim a todos a sua ignomínia. Bem mais, porém, seus servos deveriam envergonhar-se,
26 pois se algum deus vier a cair por terra, não poderá por si mesmo
levantar-se; virá alguém repô-lo de pé, pois que é incapaz de qualquer movimento. E se o colocarem obliquamente, não poderá erguer-se. São
como cadáveres ante as oferendas que lhes trazem.
27 Os sacerdotes, porém, vendem essas ofertas em proveito próprio, e
suas mulheres as preparam, sem nada repartir com os pobres e os
infelizes.

28 As mulheres em seu estado de impureza e que deram à luz tocam nesses sacrifícios. Portanto, bem podeis reconhecer que não são deuses.
Não tenhais pois para com eles respeito algum.
29 Como poderiam eles ser chamados deuses? Pois há mulheres que tomam parte no culto desses ídolos de prata, de ouro e de madeira!
30 E nos seus templos, os sacerdotes assentam-se com as vestes rasgadas, descoberta a cabeça, cabelos e barbas raspados!
31 Gritam e clamam ante seus ídolos, como se fora no festim de um morto.
32 E roubam-lhes as vestimentas e com elas presenteiam suas mulheres e filhos.
33 São incapazes de retribuir, quer se lhes faça um bem ou um mal.
Nem mesmo poderiam aclamar um rei ou destroná-lo.
34 Nem podem dar ricos presentes nem (a mais vil) moeda. Se alguém não cumprir os votos que lhes fez, nem podem protestar.
35 Tampouco lhes é dado proteger alguém da morte, como arrancar o fraco das mãos do mais forte.
36 Não possuem o poder de dar vista ao cego, nem de salvar alguém da miséria.
37 Não se compadecem da viúva e nenhum bem fazem ao órfão.
38 Quais pedras da montanha, são esses ídolos de madeira, dourada ou prateada, e seus servos deveriam envergonhar-se deles.
39 Como, pois, crer em tais deuses, e assim chamá-los?
40 Os próprios caldeus os afrontam. Quando se lhes apresenta um mudo, levam-no a Bel, suplicando-lhe que dê voz ao mudo, como se o deus pudesse ouvir alguma coisa.
41 E, embora saibam bem isso, não podem abster-se de assim agir, tão falhos que são de inteligência.
42 Mulheres, cingidas de corda, vão sentar-se à beira dos caminhos e aí fazem fumaça, queimando sementes.

12
43 Quando uma delas é levada por um transeunte e com ele dorme, zomba da vizinha por não haver recebido semelhante honra e não ter sido rompida a sua corda.
44 É apenas mentira tudo quanto se faz perante eles. Como se poderá, então, acreditar e proclamar que sejam deuses?
45 Foram confeccionados por artífices e ourives, e não poderiam ser diferentes do que o quiseram seus artífices.
46 E se estes não atingem idade avançada,
47 como poderia ser diferente a obra de suas mãos? Assim só deixam a seus descendentes engano e vergonha.
48 Sobrevenham guerras ou calamidades, e eis os sacerdotes a entrarem em conciliábulos a fim de saber aonde deverão ir ocultar-se com seus ídolos.
49 Como acreditar, então, que sejam deuses aqueles que são incapazes de se salvar da guerra ou de outra qualquer calamidade?
50 Mais tarde vir-se-á a saber que os ídolos de madeira dourada ou prateada são apenas engano. E aos olhos de todos os povos e de todos os reis tornar-se-á evidente que não são deuses, mas obras de mãos humanas, já que nada se encontra de divino neles.
51 Como, pois, poderá deixar de se tornar evidente que não são deuses?
52 Eles não podem entronizar um rei num país, nem dar chuva aos homens.
53 Nem sequer podem ainda julgar suas contendas, nem protegê-los contra os males (que lhes advenham), pois de nenhum poder dispõem, assemelhando-se a gralhas que esvoaçam entre o céu e a terra.
54 Se o fogo atinge o templo desses ídolos de madeira dourada ou prateada, seus sacerdotes procuram salvar-se, pondo-se ao abrigo, enquanto seus deuses são consumidos quais vigas no incêndio.
55 E não poderiam resistir nem a um rei nem aos inimigos. Como admitir, então, ou mesmo supor que possam ser tidos por deuses?
56 Esses deuses de madeira prateada e dourada nem mesmo podem defender-se contra os ladrões.
57 Mais fortes que eles, arrebatam-lhes o ouro e a prata e até as vestes de que foram cobertos, e se retiram sem que os deuses tenham podido defender-se a si mesmos.
58 Assim, melhor que a dos falsos deuses é a condição de um rei, que pode lançar mão de seu poder, ou a de um utensílio doméstico, do qual o dono pode servir-se, ou mesmo a da porta de uma casa, que protege o que dentro dela se encontra, ou ainda a da coluna de madeira no palácio real.
59 O sol, a lua e as estrelas, que brilham e se destinam à utilidade dos homens, obedecem de boa mente.
60 Assim também o relâmpago, tão belo ao faiscar; o vento que sopra

13
sobre a terra
61 e as nuvens que recebem de Deus a ordem de percorrer toda a terra
executam a missão que lhes foi imposta.

62 Quando o fogo é enviado do céu para consumir as florestas das montanhas, cumpre o que lhe foi ordenado. Nem a beleza, nem o poder dos ídolos podem igualar-se a essas maravilhas.
63 Eis por que não há motivo para crer nem proclamar que sejam deuses, já que não lhes é dado praticar a justiça junto aos homens nem lhes outorgar o bem.
64 Se admitis que não são deuses, não tenhais deles receio algum.
65 Eles não têm a faculdade de amaldiçoar os reis nem de abençoá-los.
66 Muito menos podem fazer com que no céu apareçam sinais aos pagãos; não brilham como o sol, nem alumiam como a lua.
67 Valem mais que eles os animais, pois, ao menos pela fuga, têm a faculdade de procurar a segurança num abrigo.
68 De maneira alguma, pois, se nos convence que eles sejam deuses.
Por conseguinte, não os temais.
69 Assim como um espantalho em campo de pepinos, esses deuses de madeira dourada ou prateada de nada preservam.
70 Moita de espinhos num jardim, na qual vêm os pássaros pousar;
cadáver lançado em lugar tenebroso, eis o que são esses deuses de madeira dourada e prateada.
71 Enfim, pela púrpura e pelo escarlate que sobre eles se desgastam pode-se reconhecer que não são deuses. Acabarão por ser devorados, e se tornarão desonra para sua nação.
72 Melhor é, portanto, a condição de um homem honesto que não tem ídolos, pois assim estará sempre isento de confusão.

...

O LIVRO DA SABEDORIA

2
Capítulo 1
1 Amai a justiça, vós que governais a terra, tende para com o Senhor
sentimentos perfeitos, e procurai-o na simplicidade do coração,
2 porque ele é encontrado pelos que o não tentam, e se revela aos que
não lhe recusam sua confiança;
3 com efeito, os pensamentos tortuosos afastam de Deus, e o seu
poder, posto à prova, triunfa dos insensatos.
4 A Sabedoria não entrará na alma perversa, nem habitará no corpo
sujeito ao pecado;
5 o Espírito Santo educador (das almas) fugirá da perfídia, afastar-se-á
dos pensamentos insensatos, e a iniqüidade que sobrevém o repelirá.
6 Sim, a Sabedoria é um espírito que ama os homens, mas não deixará
sem castigo o blasfemador pelo crime de seus lábios, porque Deus lhe
sonda os rins, penetra até o fundo de seu coração, e ouve as suas
palavras.
7 Com efeito, o Espírito do Senhor enche o universo, e ele, que tem
unidas todas as coisas, ouve toda voz.
8 Aquele que profere uma linguagem iníqua, não pode fugir dele, e a
Justiça vingadora não o deixará escapar;
9 pois os próprios desígnios do ímpio serão cuidadosamente
examinados; o som de suas palavras chegará até o Senhor, que lhe
imporá o castigo pelos seus pecados.
10 É, com efeito, um ouvido cioso, que tudo ouve: nem a menor
murmuração lhe passa despercebida.
11 Acautelai-vos, pois, de queixar-vos inutilmente, evitai que vossa
língua se entregue à crítica, porque até mesmo uma palavra secreta não
ficará sem castigo, e a boca que acusa com injustiça arrasta a alma à
morte.
12 Não procureis a morte por uma vida desregrada, não sejais o próprio
artífice de vossa perda.
13 Deus não é o autor da morte, a perdição dos vivos não lhe dá alegria
alguma.
14 Ele criou tudo para a existência, e as criaturas do mundo devem
cooperar para a salvação. Nelas nenhum princípio é funesto, e a morte
não é a rainha da terra,
15 porque a justiça é imortal.
16 Mas, (a morte), os ímpios a chamam com o gesto e a voz. Crendo-a
amiga, consomem-se de desejos, e fazem aliança com ela; de fato, eles
merecem ser sua presa.

3
volta.
educação.
Capítulo 2
1 Dizem, com efeito, nos seus falsos raciocínios: Curta é a nossa vida, e
cheia de tristezas; para a morte não há remédio algum; não há notícia
de ninguém que tenha voltado da região dos mortos.
2 Um belo dia nascemos e, depois disso, seremos como se jamais
tivéssemos sido! É fumaça a respiração de nossos narizes, e nosso
pensamento, uma centelha que salta do bater de nosso coração!
3 Extinta ela, nosso corpo se tornará pó, e o nosso espírito se dissipará
como um vapor inconsistente!
4 Com o tempo nosso nome cairá no esquecimento, e ninguém se
lembrará de nossas obras. Nossa vida passará como os traços de uma
nuvem, desvanecer-se-á como uma névoa que os raios do sol expulsam,
e que seu calor dissipa.
5 A passagem de uma sombra: eis a nossa vida, e nenhum reinício é
possível uma vez chegado o fim, porque o selo lhe é aposto e ninguém
6 Vinde, portanto! Aproveitemo-nos das boas coisas que existem!
Vivamente gozemos das criaturas durante nossa juventude!
7 Inebriemo-nos de vinhos preciosos e de perfumes, e não deixemos
passar a flor da primavera!
8 Coroemo-nos de botões de rosas antes que eles murchem!
9 Ninguém de nós falte à nossa orgia; em toda parte deixemos sinais de
nossa alegria, porque esta é a nossa parte, esta a nossa sorte!
10 Tiranizemos o justo na sua pobreza, não poupemos a viúva, e não
tenhamos consideração com os cabelos brancos do ancião!
11 Que a nossa força seja o critério do direito, porque o fraco, em
verdade, não serve para nada.
12 Cerquemos o justo, porque ele nos incomoda; é contrário às nossas
ações; ele nos censura por violar a lei e nos acusa de contrariar a nossa
13 Ele se gaba de conhecer a Deus, e se chama a si mesmo filho do
Senhor!
14 Sua existência é uma censura às nossas idéias; basta sua vista para
nos importunar.
15 Sua vida, com efeito, não se parece com as outras, e os seus
caminhos são muito diferentes.
16 Ele nos tem por uma moeda de mau quilate, e afasta-se de nosso
caminhos como de manchas. Julga feliz a morte do justo, e gloria-se de
ter Deus por pai.
17 Vejamos, pois, se suas palavras são verdadeiras, e experimentemos
o que acontecerá quando da sua morte,

18 porque, se o justo é filho de Deus, Deus o defenderá, e o tirará das

4
almas.
mãos dos seus adversários.
19 Provemo-lo por ultrajes e torturas, a fim de conhecer a sua doçura e
estarmos cientes de sua paciência.
20 Condenemo-lo a uma morte infame. Porque, conforme ele, Deus
deve intervir.
21 Eis o o que pensam, mas enganam-se, sua malícia os cega:
22 eles desconhecem os segredos de Deus, não esperam que a
santidade seja recompensada, e não acreditam na glorificação das
almas puras.
23 Ora, Deus criou o homem para a imortalidade, e o fez à imagem de
sua própria natureza.
24 É por inveja do demônio que a morte entrou no mundo, e os que
pertencem ao demônio prová-la-ão.
Capítulo 3
1 Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e nenhum tormento
os tocará.
2 Aparentemente estão mortos aos olhos dos insensatos: seu desenlace
é julgado como uma desgraça.
3 E sua morte como uma destruição, quando na verdade estão na paz!
4 Se aos olhos dos homens suportaram uma correção, a esperança
deles era portadora de imortalidade,
5 e por terem sofrido um pouco, receberão grandes bens, porque Deus,
que os provou, achou-os dignos de si.
6 Ele os provou como ouro na fornalha, e os acolheu como holocausto.
7 No dia de sua visita, eles se reanimarão, e correrão como centelhas na
palha.
8 Eles julgarão as nações e dominarão os povos, e o Senhor reinará
sobre eles para sempre.
9 Os que põem sua confiança nele compreenderão a verdade, e os que
são fiéis habitarão com ele no amor: porque seus eleitos são dignos de
favor e misericórdia.
10 Mas os ímpios terão o castigo que merecem seus pensamentos, uma
vez que desprezaram o justo e se separaram do Senhor: e desgraçado é
aquele que rejeita a sabedoria e a disciplina!
11 A esperança deles é vã, seus sofrimentos sem proveito, e as obras
deles inúteis.
12 Suas mulheres são insensatas e seus filhos malvados; a raça deles é maldita.
13 Feliz a mulher estéril, mas pura de toda a mancha, a que não
manchou seu tálamo: ela carregará seu fruto no dia da retribuição das

5
14 Feliz o eunuco cuja mão não cometeu o mal, que não concebeu
iniqüidade contra o Senhor, porque ele receberá pela sua fidelidade uma
graça de escol, e no templo do Senhor uma parte muito honrosa,
15 porque é esplêndido o fruto de bons trabalhos, e a raiz da sabedoria
é sempre fértil.
16 Quanto aos filhos dos adúlteros, a nada chegarão, e a raça que
descende do pecado será aniqüilada.
17 Ainda que vivam muito tempo, serão tidos por nada e, finalmente,
sua velhice será sem honra.
18 Caso morram cedo, não terão esperança alguma, e no dia do
julgamento não encontrarão nenhuma piedade:
19 porque é lamentável o fim de uma raça injusta.
Capítulo 4
1 Mais vale uma vida sem filhos, mas rica de virtudes: sua memória
será imortal, porque será conhecida de Deus e dos homens.
2 Quando está presente, imitam-na; quando passada, desejam-na; ela
leva na glória uma coroa eterna, por ter triunfado sem mancha nos
combates.
3 Mas para nada servirá, ainda que numerosa, a raça dos ímpios;
procedendo de renovos bastardos, não estenderá raízes profundas, não
se estabelecerá numa base sólida.
4 Ainda que por algum tempo estenda seus ramos, estando instavelmente assentada, será abalada pelo vento e, pela violência da
tempestade, será desarraigada.
5 Os galhos serão quebrados antes do desenvolvimento, o fruto deles
será inútil, verde demais para ser comido, e impróprio para qualquer
uso,
6 porque os filhos nascidos de uniões ilícitas serão no dia do juízo
testemunhas a deporem contra seus pais.
7 Quanto ao justo, mesmo que morra antes da idade, gozará de
repouso.
8 A honra da velhice não provém de uma longa vida, e não se mede
pelo número dos anos.
9 Mas é a sabedoria que faz as vezes dos cabelos brancos; é uma vida
pura que se tem em conta de velhice.
10 Ele agradou a Deus e foi por ele amado, assim (Deus) o transferiu do
meio dos pecadores onde vivia.
11 Foi arrebatado para que a malícia lhe não corrompesse o sentimento,
nem a astúcia lhe pervertesse a alma:
12 porque a fascinação do vício atira um véu sobre a beleza moral, e o

movimento das paixões mina uma alma ingênua.

6
à arrogância?
13 Tendo chegado rapidamente ao termo, percorreu uma longa carreira.
14 Sua alma era agradável ao Senhor, e é por isso que ele o retirou
depressa do meio da perversidade. Os povos que vêem esse modo de
agir não o compreendem, e não refletem nisto:
15 que o favor de Deus e sua misericórdia são para seus eleitos, e sua
assistência está no meio de seus fiéis.
16 O justo, ao morrer, condena os ímpios que sobrevivem, e a
juventude, atingindo tão depressa a perfeição, confunde a longa velhice
do pecador.
17 Eles verão o fim do sábio, e não compreenderão os desígnios do
Senhor a seu respeito, nem por que ele o pôs em segurança.
18 Eles verão e mostrarão desprezo, mas o Senhor zombará deles.
19 Depois disso serão cadáveres sem honra, desterrados entre os
mortos, numa eterna ignomínia, porque ele os ferirá, e os precipitará
sem voz, abatê-los-á nas suas bases e os mergulhará na última
desolação. Eles serão entregues à dor, e a memória deles perecerá.
20 Comparecerão aterrorizados com a lembrança de seus pecados, e
suas iniqüidades se levantarão contra eles para os confundir.
Capítulo 5
1 Então, com grande confiança, o justo se levantará em face dos que o
perseguiram e zombaram dos seus males aqui embaixo.
2 Diante de sua vista serão presos de grande temor e tomados de
assombro ao vê-lo salvo contra sua expectativa;
3 tocados de arrependimento, dirão entre si, e, gemendo na angústia de
sua alma, dirão:
4 Ei-lo, aquele de quem outrora escarnecemos, e a quem loucamente
cobrimos de insultos! Considerávamos sua vida como uma loucura, e
sua morte como uma vergonha.
5 Como, pois, é ele do número dos filhos de Deus, e como está seu
lugar entre os santos?
6 Portanto, nós nos desgarramos para longe da verdade: a luz da justiça
não brilhou para nós e o sol não se levantou sobre nós!
7 Nós nos manchamos nas sendas da iniqüidade e da perdição, erramos
pelos desertos sem caminhos e não conhecemos o caminho do Senhor!
8 O que ganhamos com nosso orgulho, e que nos trouxe a riqueza unida
9 Tudo isso desapareceu como sombra, como notícia que passa;
10 como navio que fende a água agitada, sem que se possa reencontrar
o rasto de seu itinerário, nem a esteira de sua quilha nas ondas.
11 Como a ave que, atravessando o ar em seu vôo, não deixa após si o
traço de sua passagem, mas, ferindo o ar com suas penas, fende-o com

7
sua trajetória,
a impetuosa força do bater de suas asas, atravessa-o e logo nem se
nota indício de sua passagem;
12 como quando uma flecha, que é lançada ao alvo, o ar que ela cortou
volta imediatamente à sua posição de modo que não se pode distinguir
13 assim, também nós, apenas nascidos, cessamos de ser, e não
podemos mostrar traço algum de virtude: é no mal que nossa vida se
consumiu!
14 Assim a esperança do ímpio é como a poeira levada pelo vento, e
como uma leve espuma espalhada pela tempestade; ela se dissipa como
o fumo ao vento, e passa como a lembrança do hóspede de um dia.
15 Mas os justos viverão eternamente; sua recompensa está no Senhor,
e o Altíssimo cuidará deles.
16 Por isso receberão a régia coroa de glória, e o diadema da beleza da
mão do Senhor, porque os cobrirá com sua direita, e os protegerá com
seu braço.
17 Por armadura tomará seu zelo cioso, e armará as criaturas para se
vingar de seus inimigos.
18 Tomará por couraça a justiça, e por capacete a integridade no
julgamento.
19 Ele se cobrirá com a santidade, como com um impenetrável escudo,
20 afiará o gume de sua ira para lhe servir de espada, e o mundo se
reunirá a ele na luta contra os insensatos.
21 Os raios partirão como flechas bem dirigidas, e, como de um arco
bem distendido, voarão das nuvens para o alvo;
22 uma balista fará cair uma pesada saraiva de ira; a água do mar se
levantará em turbilhão contra eles e os rios os arrastarão impetuosamente.
23 O sopro do Todo-poderoso se insurgirá contra eles e os dispersará
como um furacão; a iniqüidade fará de toda a terra um deserto, e a
malícia derribará os tronos dos poderosos!
Capítulo 6
1 Ouvi, pois, ó reis, e entendei; aprendei vós que governais o universo!
2 Prestai ouvidos, vós que reinais sobre as nações e vos gloriais do
número de vossos povos!
3 Porque é do Senhor que recebestes o poder, e é do Altíssimo que

tendes o poderio; é ele que examinará vossas obras e sondará vossos pensamentos!
4 Se, ministros do reino, vós não julgastes eqüitativamente, nem observastes a lei, nem andastes segundo a vontade de Deus,
5 ele se apresentará a vós, terrível, inesperado, porque aqueles que

8
dominam serão rigorosamente julgados.
6 Ao menor, com efeito, a compaixão atrai o perdão, mas os poderosos serão examinados sem piedade.
7 O Senhor de todos não fará exceção para ninguém, e não se deixará impor pela grandeza, porque, pequenos ou grandes, é ele que a todos criou, e de todos cuida igualmente;
8 mas para os poderosos o julgamento será severo.
9 É a vós, pois, ó príncipes, que me dirijo, para que aprendais a Sabedoria e não resvaleis,
10 porque aqueles que santamente observarem as santas leis serão santificados, e os que as tiverem estudado poderão justificar-se.
11 Anelai, pois, pelas minhas palavras, reclamai-as ardentemente e sereis instruídos.
12 Resplandescente é a Sabedoria, e sua beleza é inalterável: os que a amam, descobrem-na facilmente.
13 Os que a procuram encontram-na. Ela antecipa-se aos que a desejam.
14 Quem, para possuí-la, levanta-se de madrugada, não terá trabalho, porque a encontrará sentada à sua porta.
15 Fazê-la objeto de seus pensamentos é a prudência perfeita, e quem por ela vigia, em breve não terá mais cuidado.
16 Ela mesma vai à procura dos que são dignos dela; ela lhes aparece nos caminhos cheia de benevolência, e vai ao encontro deles em todos os seus pensamentos,
17 porque, verdadeiramente, desde o começo, seu desejo é instruir, e desejar instruir-se é amá-la.
18 Mas amá-la é obedecer às suas leis, e obedecer às suas leis é a garantia da imortalidade.
19 Ora, a imortalidade faz habitar junto de Deus;
20 assim o desejo da Sabedoria conduz ao Reino!
21 Se, pois, cetros e tronos vos agradam, ó vós que governais os povos, honrai a Sabedoria, e reinareis eternamente.
22 Mas eu vou dizer o que é a Sabedoria e como ela nasceu. Não vos esconderei os seus mistérios; mas investigá-la-ei até sua mais remota origem; porei à luz o que dela pode ser conhecido, e não me afastarei da verdade.
23 Não imitarei aquele a quem a inveja consome, porque esse tal não tem nada a ver com a Sabedoria:
24 é no grande número de sábios que se encontra a salvação do mundo, e um rei sensato faz a prosperidade de seu povo.
25 Deixai-vos, pois, instruir por minhas palavras, e nelas encontrareis grande proveito.

9
Capítulo 7
1 Eu mesmo não passo de um mortal como todos os outros, e descendo do primeiro homem formado da terra. Meu corpo foi formado no seio de minha mãe,
2 onde, durante dez meses, no sangue tomou consistência, da semente viril e do prazer ajuntado à união (conjugal).
3 Eu também, desde meu nascimento, respirei o ar comum; eu caí, da mesma maneira que todos, sobre a mesma terra, e, como todos, nos mesmos prantos soltei o primeiro grito.
4 Envolto em faixas fui criado no meio de assíduos cuidados;
5 porque nenhum rei teve outro início na existência;
6 para todos a entrada na vida é a mesma e a partida semelhante.
7 Assim implorei e a inteligência me foi dada, supliquei e o espírito da sabedoria veio a mim.
8 Eu a preferi aos cetros e tronos, e avaliei a riqueza como um nada ao lado da Sabedoria.
9 Não comparei a ela a pedra preciosa, porque todo o ouro ao lado dela é apenas um pouco de areia, e porque a prata diante dela será tida como lama.
10 Eu a amei mais do que a saúde e a beleza, e gozei dela mais do que da claridade do sol, porque a claridade que dela emana jamais se extingue.
11 Com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos inumeráveis riquezas.
12 De todos esses bens eu me alegrei, porque é a Sabedoria que os guia, mas ignorava que ela fosse sua mãe.
13 Eu estudei lealmente e reparto sem inveja e não escondo a riqueza que ela encerra,
14 porque ela é para os homens um tesouro inesgotável; e os que a adquirem preparam-se para se tornar amigos de Deus, recomendados (a ele) pela educação que ela lhes dá.
15 Que Deus me permita falar como eu quisera, e ter pensamentos dignos dos dons que recebi, porque é ele mesmo quem guia a sabedoria e emenda os sábios,
16 porque nós estamos nas suas mãos, nós e nossos discursos, toda a

nossa inteligência e nossa habilidade;
17 foi ele quem me deu a verdadeira ciência de todas as coisas, quem
me fez conhecer a constituição do mundo e as virtudes dos elementos,
18 o começo, o fim e o meio dos tempos, a sucessão dos solstícios e as
mutações das estações,
19 os ciclos do ano e as posições dos astros,
20 a natureza dos animais e os instintos dos brutos, os poderes dos
espíritos e os pensamentos dos homens, a variedade das plantas e as

10
agudo,
propriedades das raízes.
21 Tudo que está escondido e tudo que está aparente eu conheço:
porque foi a sabedoria,
criadora de todas as coisas,
que mo ensinou.
22 Há nela, com efeito, um espírito inteligente, santo, único, múltiplo,
sutil, móvel, penetrante,
puro, claro, inofensivo,
inclinado ao bem,
23 livre, benéfico, benévolo, estável, seguro, livre de inquietação, que
pode tudo, que cuida de tudo, que penetra em todos os espíritos, os
inteligentes, os puros, os mais sutis.
24 Mais ágil que todo o movimento é a Sabedoria, ela atravessa e
penetra tudo, graças à sua pureza.
25 Ela é um sopro do poder de Deus, uma irradiação límpida da glória
do Todo-poderoso; assim mancha nenhuma pode insinuar-se nela.
26 É ela uma efusão da luz eterna, um espelho sem mancha da
atividade de Deus, e uma imagem de sua bondade.
27 Embora única, tudo pode; imutável em si mesma, renova todas as
coisas. Ela se derrama de geração em geração nas almas santas e forma
os amigos e os intérpretes de Deus,
28 porque Deus somente ama quem vive com a sabedoria!
29 É ela, com efeito, mais bela que o sol e ultrapassa o conjunto dos
astros. Comparada à luz, ela se sobreleva,
30 porque à luz sucede a noite, enquanto que, contra a Sabedoria, o
mal não prevalece.
Capítulo 8
1 Ela estende seu vigor de uma extremidade do mundo à outra e
governa todas as coisas com felicidade.
2 Eu a amei e procurei desde minha juventude, esforçei-me por tê-la
por esposa e me enamorei de seus encantos.
3 Ela mostra a nobreza de sua origem em conviver com Deus, ela é
amada pelo Senhor de todas as coisas.
4 Ela é iniciada na ciência de Deus e, por sua escolha, decide de suas
obras.
5 Se a riqueza é um bem desejável na vida, que há de mais rico que a
Sabedoria que tudo criou?
6 Se a inteligência do homem consegue operar, o que, então, mais que
a Sabedoria, é artífice dos seres?
7 E se alguém ama a justiça, seus trabalhos são virtudes; ela ensina a
temperança e a prudência, a justiça e a força: não há ninguém que seja
mais útil aos homens na vida.
8 Se alguém deseja uma vasta ciência, ela sabe o passado e conjectura
o futuro; conhece as sutilezas oratórias e revolve os enigmas; prevê os

11
mim.
sinais e os prodígios, e o que tem que acontecer no decurso das idades
e dos tempos.
9 Portanto, resolvi tomá-la por companheira de minha vida, cuidando
que ela será para mim uma boa conselheira, e minha consolação nos
cuidados e na tristeza.
10 Graças a ela, receberei as honras das multidões, e, embora jovem
como sou, o respeito dos anciãos.
11 Reconhecerão a penetração de meu julgamento, e excitarei a admiração dos reis.
12 Se me calo, esperarão que eu fale; se falo, estarão atentos; e se
prolongo meu discurso, levarão a mão à boca.
13 Por meio dela obterei a imortalidade, e deixarei à posteridade uma
lembrança eterna.
14 Governarei povos e as nações ser-me-ão submissas.
15 Príncipes temíveis estarão cheios de medo ao ouvirem falar de mim;
mostrar-me-ei bom para com o povo e valoroso no combate.
16 Recolhido em minha casa, repousarei junto dela, porque a sua
convivência não tem nada de desagradável, e sua intimidade nada de
fastidioso; ela traz consigo, pelo contrário, o contentamento e a alegria!
17 Meditando comigo mesmo nesses pensamentos, e considerando em
meu coração que a imortalidade se encontra na aliança com a
Sabedoria,
18 a alegria perfeita na sua amizade, contínua riqueza na sua atividade,
inteligência nas lições de seus entretenimentos familiares, e glória na
comunicação de suas sentenças, saí à sua procura a fim de possuí-la em
19 Eu era um menino vigoroso, dotado de uma alma excelente,
20 ou antes, como era bom, eu vim a um corpo intacto;
21 mas, consciente de não poder possuir a sabedoria, a não ser por dom
de Deus, (e já era inteligência o saber de onde vem o dom), eu me

voltei para o Senhor, e invoquei-o, dizendo do fundo do coração:
Capítulo 9
1 Deus de nossos pais, e Senhor de misericórdia, que todas as coisas
criastes pela vossa palavra,
2 e que, por vossa sabedoria, formastes o homem para ser o senhor de
todas as vossas criaturas,
3 governar o mundo na santidade e na justiça, e proferir seu julgamento
na retidão de sua alma,
4 dai-me a Sabedoria que partilha do vosso trono, e não me rejeiteis
como indigno de ser um de vossos filhos.
5 Sou, com efeito, vosso servo e filho de vossa serva, um homem fraco,

salvos.
cuja existência é breve, incapaz de compreender vosso julgamento e
vossas leis;
6 porque qualquer homem, mesmo perfeito, entre os homens, não será
nada, se lhe falta a Sabedoria que vem de vós.
7 Ora, vós me escolhestes para ser rei de vosso povo e juiz de vossos
filhos e vossas filhas.
8 Vós me ordenastes construir um templo na vossa montanha santa e
um altar na cidade em que habitais: imagem da sagrada habitação que
preparastes desde o princípio.
9 Mas, ao lado de vós está a Sabedoria que conhece vossas obras; ela
estava presente quando fizestes o mundo, ela sabe o que vos é
agradável, e o que se conforma às vossas ordens.
10 Fazei-a, pois, descer de vosso santo céu, e enviai-a do trono de
vossa glória, para que, junto de mim, tome parte em meus trabalhos, e
para que eu saiba o que vos agrada.
11 Com efeito, ela sabe e conhece todas as coisas; prudentemente
guiará meus passos, e me protegerá no brilho de sua glória.
12 Assim, minhas obras vos serão agradáveis; governarei vosso povo
com justiça, e serei digno do trono de meu pai.
13 Que homem, pois, pode conhecer os desígnios de Deus, e penetrar
nas determinações do Senhor?
14 Tímidos são os pensamentos dos mortais, e incertas as nossas
concepções;
15 porque o corpo corruptível torna pesada a alma, e a morada terrestre
oprime o espírito carregado de cuidados.
16 Mal podemos compreender o que está sobre a terra, dificilmente
encontramos o que temos ao alcance da mão. Quem, portanto, pode
descobrir o que se passa no céu?
17 E quem conhece vossas intenções, se vós não lhe dais a Sabedoria, e
se do mais alto dos céus vós não lhe enviais vosso Espírito Santo?
18 Assim se tornaram direitas as veredas dos que estão na terra; os
homens aprenderam as coisas que vos agradam e pela sabedoria foram
Capítulo 10
1 O primeiro homem, o pai do mundo, que foi criado sozinho, foi a
Sabedoria que cuidou dele, tirou-o de seu próprio pecado,
2 e deu-lhe o poder de reinar sobre todas as coisas.
3 E porque o perverso, na sua ira, dela se afastou, pereceu depois de
seu furor fratricida.
4 E estando a terra submersa por causa dele pelo dilúvio, a Sabedoria
de novo o salvou, conduzindo o justo num lenho sem valor.

5 E quando as nações unânimes caíram no mal, foi ela que distinguiu o
justo, o manteve irrepreensível diante de Deus, e lhe deu a força para
vencer sua ternura pelo seu filho.
6 Foi ela que, quando do aniquilamento dos ímpios, salvou o justo,
subtraindo-o ao fogo que descera sobre a Pentápole,
7 cuja perversidade ainda no presente é testemunhada por uma terra
fumegante e deserta, onde as árvores carregam frutos incapazes de
amadurecer, e onde está erigida uma coluna de sal, memorial de uma
alma incrédula.
8 Porque aqueles que desprezaram a Sabedoria, não somente se
prejudicaram em ignorar o bem, mas ainda deixaram aos homens um
testemunho de sua loucura, para que seus pecados não fossem
esquecidos.
9 Quanto aos que a honram, a Sabedoria os liberta de sofrimentos;
10 foi ela que guiou por caminhos retos o justo que fugia à ira de seu
irmão; mostrou-lhe o reino de Deus, e deu-lhe o conhecimento das
coisas santas; ajudou-o nos seus trabalhos, e fez frutificar seus
esforços;
11 cuidou dele contra ávidos opressores e o fez conquistar riquezas;
12 ela o protegeu contra seus inimigos e o defendeu dos que lhe
armavam ciladas; e no duro combate, deu-lhe vitória, a fim de que ele
soubesse quanto a piedade é mais forte que tudo.
13 Ela não abandonou o justo vendido, mas preservou-o do pecado.
14 Desceu com ele à prisão, e não o abandonou nas suas cadeias, até
que lhe trouxe o cetro do reino e o poder sobre os que o tinham
oprimido; revelou-lhe a mentira de seus acusadores, e conferiu-lhe uma

glória eterna.
15 Foi ela que livrou das nações que o tiranizavam, o povo santo e a
raça irrepreensível;
16 entrou na alma do servo de Deus, e se opôs, com sinais e prodígios,
a reis temíveis.
17 Deu aos santos o galardão de seus trabalhos, conduziu-os por um
caminho miraculoso; durante o dia serviu-lhes de proteção, e deu-lhes a
luz dos astros, durante a noite.
18 Fê-los atravessar o mar Vermelho, e deu-lhes passagem através da
massa das águas,
19 ao passo que engoliu seus inimigos, e depois os tirou das profundezas do abismo.
20 Também os justos, depois de despojados os ímpios, celebraram,
Senhor, vosso santo nome, e louvaram, unidos num só coração, vossa
mão protetora,
21 porque a Sabedoria abriu a boca aos mudos, e tornou eloqüente a
língua das crianças.

14
forma,
Capítulo 11
1 Pela mão de um santo profeta aplanou suas dificuldades;
2 eles atravessaram um deserto inabitado, e levantaram suas tendas
em lugares ermos;
3 resistiram aos que os atacavam, e repeliram seus inimigos.
4 Tiveram sede e clamaram a vós: do rochedo abrupto a água lhes foi
dada, e da pedra seca estancaram sua sede.
5 Porque os elementos que tinham servido para punir seus inimigos,
foram-lhes dados, na sua necessidade, como benefício:
6 em lugar das ondas de um rio perene turvadas por uma lama de
sangue,
7 pela punição do decreto que consagrava crianças à morte, vós lhes
destes, de maneira inesperada, água em abundância,
8 mostrando-lhes, pela sede que então sofreram, como punistes seus
inimigos.
9 Por isso, tratados com piedade na sua provação, reconheceram
quanto deviam ter sofrido os ímpios, julgados com ira.
10 A estes provastes como um pai que corrige, mas a outros provastes
como um rei severo que condena.
11 Tanto estando longe como perto, a dor os consumiu da mesma
12 porque tiveram um segundo para se entristecer e gemer à lembrança
dos males passados.
13 Compreendendo, com efeito, que o que era para eles castigo, era
para outros ocasião de benefício, sentiram a mão do Senhor;
14 e aquele que, outrora exposto e abandonado, tinham repelido com
zombaria, admiraram-no finalmente, porque sofreram uma sede
diferente da sede do justo.
15 Por outro lado, para os punir dos loucos pensamentos de sua
perversidade, que os faziam extraviar-se na adoração de répteis
irracionais e de vis animais, enviastes contra eles uma multidão de
animais estúpidos,
16 a fim de que compreendessem que por onde cada um peca, será punido.
17 Não era difícil à vossa mão todo-poderosa, que formou o mundo de
matéria informe, mandar contra eles bandos de ursos e de leões
ferozes,
18 ou animais desconhecidos e duma nova espécie, cheios de furor,
exalando um hálito inflamado, ou espalhando um fumo infecto, ou
lançando de seus olhos faíscas terríveis,
19 capazes não só de os exterminar com seus golpes, mas ainda de os
matar de terror só pelo seu aspecto.

15
20 E, mesmo sem isso, eles poderiam perecer por um sopro,
perseguidos pela justiça e arrebatados pelo vento de vosso poder; mas,
dispusestes tudo com medida, quantidade e peso,
21 porque sempre vos é possível mostrar vosso poder imenso, e quem
poderá resistir à força de vosso braço?
22 Diante de vós o mundo inteiro é como um nada, que faz pender a
balança, ou como uma gota de orvalho, que desce de madrugada sobre
a terra.
23 Tendes compaixão de todos, porque vós podeis tudo; e para que se arrependam, fechais os olhos aos pecados dos homens.
24 Porque amais tudo que existe, e não odiais nada do que fizestes,
porquanto, se o odiásseis, não o teríeis feito de modo algum.
25 Como poderia subsistir qualquer coisa, se não o tivésseis querido, e
conservar a existência, se por vós não tivesse sido chamada?
26 Mas poupais todos os seres, porque todos são vossos, ó Senhor, que amais a vida.
Capítulo 12
1 Vosso espírito incorruptível está em todos.
2 É por isso que castigais com brandura aqueles que caem, e os advertis
mostrando-lhes em que pecam, a fim de que rejeitem sua malícia e
creiam em vós, Senhor.
3 Foi assim que se deu com os antigos habitantes da Terra Santa.
4 Tínheis horror deles por causa de suas obras detestáveis, sua magia e seus ritos ímpios,

5 seus cruéis morticínios de crianças, seus festins de entranhas, carne humana e sangue, suas iniciações nos mistérios orgíacos,
6 e os crimes de pais contra seres indefesos; e resolvestes aniquilá-los pela mão de nossos pais,
7 para que esta terra, que estimais entre todas, recebesse uma digna colônia de filhos de Deus.
8 Contudo, porque também eles eram homens, vós os poupastes, enviando-lhes vespas precursoras de vosso exército, para que elas os fizessem perecer pouco a pouco.
9 Não é que vos fosse impossível esmagar os maus por meio dos justos num combate, ou exterminar todos juntos por animais ferozes ou por uma palavra categórica;
10 mas castigando-os pouco a pouco, dáveis tempo para o arrependimento, não ignorando que sua raça era maldita, ingênita a sua perversidade, e que jamais seus pensamentos se mudariam,
11 porque sua estirpe era má desde a origem... Não era por temor do que quer que fosse que vos mostráveis indulgente para com eles em

16
seus pecados.
12 Porque, quem ousará dizer-vos: Que fizeste tu? E quem se oporá a vosso julgamento? Quem vos repreenderá de terdes aniquilado nações que criastes? Ou quem se levantará contra vós para defender os culpados?
13 Não há, fora de vós, um Deus que se ocupa de tudo, e a quem deveis mostrar que nada é injusto em vosso julgamentos;
14 nem um rei, nem um tirano que vos possa resistir em favor dos que castigastes.
15 Mas porque sois justo, governais com toda a justiça, e julgais indigno de vosso poder condenar quem não merece ser punido.
16 Porque vossa força é o fundamento de vossa justiça e o fato de serdes Senhor de todos, vos torna indulgente para com todos.
17 Mostrais vossa força aos que não crêem no vosso poder, e confundis os que a não conhecem e ousam afrontá-la.
18 Senhor de vossa força, julgais com bondade, e nos governais com grande indulgência, porque sempre vos é possível empregar vosso poder, quando quiserdes.
19 Agindo desta maneira, mostrastes a vosso povo que o justo deve ser cheio de bondade, e inspirastes a vossos filhos a boa esperança de que, após o pecado, lhes dareis tempo para a penitência;
20 porque se os inimigos de vossos filhos, dignos de morte, vós os haveis castigado com tanta prudência e longanimidade, dando-lhes tempo e ocasião para se emendarem,
21 com quanto cuidado não julgareis vós os vossos filhos, a cujos antepassados concedestes com juramento vossa aliança, repleta de ricas promessas!
22 Portanto, quando nos corrigis, castigais mil vezes mais nossos inimigos, para que em nossos julgamentos nos lembremos de vossa bondade, e para que esperemos em vossa indulgência quando somos julgados.
23 Por isso também aqueles que loucamente viveram no mal, vós os torturastes por meio das suas próprias abominações:
24 porque se tinham afastado demais nos caminhos do erro, tomando por deuses os mais vis animais, deixando-se enganar como meninos sem razão;
25 assim é que, como a meninos sem razão, lhes destes um castigo irrisório.
26 Mas os que recusam a advertência de semelhante correção sofrerão um castigo digno de Deus.
27 Excitados, então, pelos sofrimentos causados por esses animais que tinham julgado deuses, e que os atormentavam, viram o que no começo tinham recusado ver, e reconheceram o verdadeiro Deus. Por isso é que caiu sobre eles a condenação final.

17
Capítulo 13
1 São insensatos por natureza todos os que desconheceram a Deus, e, através dos bens visíveis, não souberam conhecer Aquele que é, nem reconhecer o Artista, considerando suas obras.
2 Tomaram o fogo, ou o vento, ou o ar agitável, ou a esfera estrelada, ou a água impetuosa, ou os astros dos céus, por deuses, regentes do mundo.
3 Se tomaram essas coisas por deuses, encantados pela sua beleza, saibam, então, quanto seu Senhor prevalece sobre elas, porque é o criador da beleza que fez estas coisas.
4 Se o que os impressionou é a sua força e o seu poder, que eles compreendam, por meio delas, que seu criador é mais forte;
5 pois é a partir da grandeza e da beleza das criaturas que, por analogia, se conhece o seu autor.
6 Contudo, estes só incorrem numa ligeira censura, porque, talvez, eles caíram no erro procurando Deus e querendo encontrá-lo:

7 vivendo entre suas obras,
eles as observam com
cuidado, e porque
eles as consideram belas,
deixam-se seduzir pelo seu
aspecto.
8 Ainda uma vez, entretanto,
eles não são desculpáveis,
9 porque, se eles possuíram
luz suficiente para poder
perscrutar a
ordem do mundo, como não
encontraram eles mais
facilmente aquele
que é seu Senhor?
10 Mas são desgraçados e
esperam em mortos, aqueles
que chamaram
de deuses a obras de mãos
humanas: o ouro, a prata,
artisticamente
trabalhados, figuras de
animais, alguma pedra inútil,
a que, outrora,
certa mão deu forma.
11 Assim, um lenhador cortou
e serrou uma árvore fácil de
manejar.
Habilmente ele lhe tirou toda
a casca, e com a habilidade
do seu ofício,
fez dela um móvel útil para
seu uso.
12 Com as sobras de seu
trabalho, cozinhou comida,
com que se saciou.
13 O que ainda lhe restava,
não era bom para nada, não
passando de
madeira torcida e toda cheia
de nós; contudo, ele a tomou
e consagrou
suas horas de lazer a talhá-la;
ele a trabalhou com toda a
arte que
adquirira, e lhe deu a
semelhança de um homem,
14 ou o aspecto de algum vil
animal. Pôs-lhe vermelhão,
uma demão de
uma tinta encarnada, e
encobriu-lhe cuidadosamente
todo defeito.
15 Em seguida, preparou-lhe
um nicho digno dele. e o fixou
à parede,
segurando-o com um prego:
16 foi por medo que caísse,
que tomou este cuidado,
porque sabe muito
bem que ele não pode ajudar-
se a si mesmo, pois não passa
de uma
estátua que tem necessidade
de um apoio.

18
-
17 Mas quando lhe implora
por seus bens, seus
casamentos, seus filhos,
não se envergonha de falar ao
que é inanimado, e pede
saúde ao que é
desprezível.
18 Reclama a vida ao que é
morto, e procura socorro no
que é débil; e
para uma viagem, invoca o
que não pode andar;
19 para um lucro, um
trabalho, o bom êxito de uma
obra de suas mãos,
pede a força ao que nem é
capaz de mover as mãos.
Capítulo 14
1 Outro, por sua vez, que
quer navegar e se prepara
para atravessar as
impetuosas ondas, invoca um
madeiro de pior qualidade que
o navio
que o leva;
2 porque o desejo do lucro
inventou o navio, e uma hábil
sabedoria
dirigiu sua construção.
3 Mas sois vós, Pai, que o
governais pela vossa
Providência, porque, se
abristes caminho, mesmo no
mar, e uma rota segura no
meio das ondas
4 mostrando por aí que vós
podeis tirar do perigo aquele
que as afronta
mesmo sem meios -,
5 quereis entretanto que não
sejam inúteis as obras de
vossa sabedoria.
Por isso os homens confiam a
própria vida a um pouco de
madeira e
atravessam em segurança as
ondas num navio.
6 Assim, com efeito, quando
na origem dos tempos fizestes
perecer
gigantes orgulhosos, a
esperança do universo,
refugiando-se num barco,
que vossa mão governava,
conservou para o mundo o
germe de uma
geração.
7 Porque é bendito o madeiro
pelo qual se opera a justiça,
8 mas maldito é o ídolo, ele e
o que o fez; este porque o
formou, aquele
porque, sendo corruptível,
leva o nome de deus.

9 Com efeito, Deus odeia
tanto o ímpio quanto sua
impiedade,
10 e a obra sofrerá o mesmo
castigo que o autor.
11 Este é o motivo porque
também os ídolos das nações
serão julgados,
porque, na criação de Deus,
eles se tornaram uma
abominação, objetos
de escândalo para os homens,
e laços para os pés dos
insensatos.
12 É pela idealização dos
ídolos que começou a
apostasia, e sua
invenção foi a perda dos
humanos.
13 Eles não existiam no
princípio e não durarão para
sempre;
14 a vaidade dos homens os
introduziu no mundo. E, por
causa disso,
Deus decidiu a sua destruição
para breve.
15 Um pai aflito por um luto
prematuro, tendo mandado
fazer a imagem
do filho, tão cedo arrebatado,
honrou, em seguida, como a
um deus
aquele que não passava de
um morto, e transmitiu, aos
seus, certos

19
ritos secretos e cerimônias.
16 Este costume ímpio,
tendo-se firmado com o
tempo, foi depois
observado como lei.
17 Foi também em
conseqüência das ordens dos
príncipes que se
adoraram imagens esculpidas,
porque aqueles que não
podiam honrar
pessoalmente, porque
moravam longe deles, fizeram
representar o que
se achava distante, e
expuseram publicamente a
imagem do rei
venerado, a fim de lisonjeá-lo
de longe com seu zelo, como
se estivesse
presente.
18 Isto contribuiu ainda para
o estabelecimento deste culto,
mesmo
entre os que não conheciam o
rei; foi a ambição do artista,

19 que, talvez, querendo agradar ao soberano, deu-lhe, por sua arte, a
semelhança do belo;
20 e a multidão, seduzida pelo encanto da obra, em breve tomou por
deus aquele que tinham honrado como homem.
21 E isto foi uma cilada para a humanidade: os homens, sujeitando-se à
lei da desgraça e da tirania, deram à pedra e à madeira o nome
incomunicável.
22 Como se não bastasse terem errado acerca do conhecimento de
Deus, embora passando a vida numa longa luta de ignorância, eles dão
o nome de paz a um estado tão infeliz.
23 Com efeito, sacrificando seus filhos, celebrando mistérios ocultos, ou
entregando-se a orgias desenfreadas de religiões exóticas,
24 eles já não guardam a honestidade nem na vida nem no casamento,
mas um faz desaparecer o outro pelo ardil, ou o ultraja pelo adultério.
25 Tudo está numa confusão completa - sangue, homicídio, furto,
fraude, corrupção, deslealdade, revolta, perjúrio,
26 perseguição dos bons, esquecimento dos benefícios, contaminação
das almas, perversão dos sexos, instabilidade das uniões, adultérios e
impudicícias -
27 porque o culto de inomináveis ídolos é o começo, a causa e o fim de
todo o mal.
28 (Seus adeptos) incitam o prazer até a loucura, ou fazem vaticínios
falsos, ou vivem na injustiça, ou, sem escrúpulo, juram falso,
29 porque, confiando em ídolos inanimados, esperam não ser punidos
de sua má fé.
30 Contudo, o castigo os atingirá por duplo motivo: porque eles
desconheceram a Deus, afeiçoando-se aos ídolos, e porque são
culpados, por desprezo à santidade da religião, de ter feito juramentos
enganadores.
31 Pois não é o poder dos ídolos invocados, mas o castigo reservado ao pecador, que sempre persegue as faltas dos maus.

20
como vossos.
vida.
mal.
Capítulo 15
1 Mas vós, Deus nosso, sois benfazejo e verdadeiro, vós sois paciente e
tudo governais com misericórdia;
2 com efeito, mesmo se pecamos, somos vossos, porque conhecemos
vosso poder; mas não pecaremos, cientes de que somos considerados
3 Porque conhecer-vos é a perfeita justiça, e conhecer vosso poder é a
raiz da imortalidade.
4 Não fomos seduzidos pelas invenções da arte corruptora dos homens
nem pelo vão trabalho dos pintores: borrada figura de cores misturadas,
5 cuja vista excita os desejos dos insensatos, fantasma inanimado de
uma imagem sem vida que provoca a paixão!
6 Cativados pelo mal, não merecem esperar senão o mal, os que o
fazem, os que o amam e os que o veneram.
7 Eis, portanto, um oleiro que amassa laboriosamente a terra mole, e
forma diversos objetos para nosso uso, mas da mesma argila faz vasos
destinados a fins nobres e outros, indiferentemente, para usos opostos.
Para qual destes usos cada vaso será aplicado? O oleiro será o juiz.
8 Do mesmo barro, forma também, como obreiro perverso, uma vã
divindade, ele que, ainda há pouco, nasceu da terra, e em breve voltará
a ela, de onde foi tirado, quando lhe serão pedidas as contas de sua
9 Ele mesmo não tem preocupação alguma com o próprio
desfalecimento, nem com a brevidade da vida; ele rivaliza, pelo
contrário, com aqueles que trabalham o ouro e a prata, imita os que
trabalham o cobre.
10 Pó é o seu coração, mais vil que a terra sua esperança, e põe sua
glória em fabricar objetos enganadores. E mais desprezível que o barro
é sua vida,
11 porque não reconheceu aquele que o formou, aquele que lhe inspirou
uma alma ativa e lhe insuflou o espírito vital.
12 Para ele a vida é um divertimento, e nossa existência um mercado
lucrativo, porque, diz ele, é preciso aproveitar-se de tudo, mesmo do
13 Mais que qualquer outro, esse homem sabe que peca, fazendo do
mesmo barro vasos frágeis e ídolos.
14 Ora, verdadeiramente, muito insensatos, mais infortunados que a
alma da criança, são os inimigos de vosso povo, que o oprimiram,
15 porque eles também tiveram por deuses todos os ídolos das nações,
que não podem servir-se de seus olhos para ver, que não têm nariz para
aspirar o ar, nem ouvidos para ouvir, nem os dedos das mãos para
apalpar, e cujos pés são incapazes de andar;
16 foi, com efeito, um homem que os fez, formou-os alguém que

21
recebeu a alma de empréstimo. Nenhum homem pode fazer um deus,
mesmo semelhante a si próprio,

17 porque, sendo ele próprio mortal, morto é tudo que produz com suas mãos ímpias. De fato, ele vale mais que os objetos que venera; ele, pelo menos, tem vida, enquanto os ídolos não a têm.
18 Chega-se até a adorar os mais odiosos animais, que são piores ainda que os outros animais irracionais,
19 que nem mesmo possuem o que outros seres vivos possuem: bastante beleza para serem amados, e que foram excluídos da aprovação e da bênção de Deus.

Capítulo 16

1 Por isso foram justamente castigados por animais dessa espécie e atormentados por uma multidão de animais;
2 em vez de feri-lo assim, vós favorecíeis vosso povo, satisfazendo por um alimento surpreendente o ardor de seu apetite, e oferecendo-lhe por alimento codornizes.
3 De tal modo que aqueles, mau grado sua fome, diante do aspecto hediondo de animais enviados contra eles, experimentaram a náusea; estes, após uma curta privação, receberam um alimento maravilhoso.
4 Pois era preciso que os primeiros, os opressores, fossem oprimidos por uma inexorável fome, e que aos outros fossem apenas mostrados os tormentos suportados por seus inimigos.
5 Efetivamente, quando o cruel furor dos animais os atingiu também, e quando pereceram com a mordedura de sinuosas serpentes, vossa cólera não durou até o fim.
6 Foram por pouco tempo atormentados, para sua correção: eles possuíram um sinal de salvação que lhes lembrava o preceito de vossa lei.
7 E quem se voltava para ele era salvo, não em vista do objeto que olhava, mas por vós, Senhor, que sois o salvador de todos.
8 Com isso mostráveis a vossos inimigos, que sois vós que livrais de todo o mal.
9 Quanto a eles as mordeduras dos gafanhotos e das moscas os matavam e não se encontrou remédio para salvar sua vida, porque mereciam ser castigados por tais instrumentos;
10 mas a vossos filhos, mesmo os dentes de serpentes venenosas não os puderam vencer, porque sobrevindo a vossa misericórdia curou-os.
11 Eram picados, para que se lembrassem de vossas palavras, e, em seguida, ficavam curados, para que não viessem a esquecê-las completamente e a subtraírem-se a si mesmos de vossos benefícios.
12 Não foi uma erva nem algum ungüento que os curou, mas a vossa

22 chuvas, palavra que cura todas as coisas, Senhor.
13 Porque vós sois senhor da vida e da morte. Vós conduzis às portas do Hades e de lá tirais;
14 enquanto o homem, se pode matar por sua maldade, não pode fazer voltar o espírito uma vez saído, nem chamar de volta a alma que o Hades já recebeu.
15 Escapar à vossa mão é impossível,
16 e os ímpios, que recusaram conhecer-vos, foram fustigados pela força de vosso braço, perseguidos por chuvas extraordinárias, saraivas e implacáveis tempestades, e consumidos pelo fogo dos raios.
17 O que havia de mais admirável ainda, é que, na água que tudo extingue, o fogo tomava mais violência, porque o universo toma a defesa dos justos.
18 Ora, a chama temperava seu ardor para não queimar os animais enviados contra os ímpios, para que estes se apercebessem e reconhecessem que eram perseguidos pelo julgamento de Deus.
19 Ora, excedendo sua força habitual, o fogo ardia mesmo no meio da água para destruir os frutos de uma terra iníqua...
20 Mas, pelo contrário, foi com o alimento dos anjos que alimentastes vosso povo, e foi do céu que, sem fadiga, vós lhe enviastes um pão já preparado, contendo em si todas as delícias e adaptando-se a todos os gostos.
21 Esta substância que dáveis se parecia com a doçura que mostráveis a vossos filhos. Ela se adaptava ao desejo de quem a comia, e transformava-se naquilo que cada qual desejava.
22 (Embora fosse como) neve e gelo, ela suportava o fogo sem se fundir, para mostrar que era para os inimigos que o fogo destruía as colheitas, quando ardia, apesar da saraiva, e brilhava debaixo de
23 enquanto que, quando se tratava de alimentar os justos, até perdia sua natural violência.
24 A criatura que vos é submissa, a vós, seu Criador, aumenta sua força para castigar os maus, e os modera para o bem dos que puseram em vós sua fé.
25 Do mesmo modo, transformada em tudo que se queria, servia à vossa generosidade que a todos alimenta, segundo a vontade dos que dela tinham necessidade,
26 para que os filhos que vós amais, Senhor, aprendessem que não são

os frutos da terra que alimentam o homem, mas é vossa palavra que conserva em vida aqueles que crêem em vós.
27 O que não era destruído pelo fogo, fundia-se ao simples calor de um raio de sol,
28 para que se soubesse que é preciso antecipar-se ao sol para vos agradecer, e que é preciso adorar-vos antes de raiar o dia;

23
29 porque a esperança do ingrato é como a geleira do inverno, que se derramará como água inútil.
Capítulo 17
1 Em verdade, grandes e impenetráveis são vossos juízos, Senhor; por isso as almas grosseiras caíram no erro.
2 Por terem acreditado que podiam oprimir a santa nação, os ímpios, prisioneiros das trevas e encarcerados por uma longa noite, jaziam encerrados nas suas casas, tentando escapar à vossa incessante vigilância.
3 Depois de terem imaginado que, com seus secretos pecados, ficariam escondidos sob o sombrio véu do esquecimento, eles se viram dispersados, como presa de um terrível espanto, e amedrontados por alucinações.
4 Mesmo o canto mais afastado em que se abrigavam não os punha ao abrigo do terror: ruídos aterradores ressoavam em torno deles, e taciturnos espectros de lúgubre aspecto lhes apareciam.
5 Nenhuma chama, por intensa que fosse, chegava a iluminar. E a luz brilhante dos astros era impotente para alumiar esta noite sombria.
6 Mas aparecia-lhes de súbito nada mais que uma chama aterradora, e, tomados de terror por esta visão fugitiva, julgavam essas aparições mais terríveis ainda.
7 A arte dos mágicos se mostrou ilusória, e esta sabedoria, a que eles pretendiam, evidenciou-se vergonhosamente como falsidade.
8 Aqueles que se jactavam de banir das almas doentes o terror e a perturbação, eram eles mesmos atormentados por um ridículo temor.
9 Mesmo quando nada de mais grave os aterrorizava, a passagem dos animais e o silvo das serpentes punham-nos fora de si, e eles morriam de medo. Recusavam até mesmo contemplar essa atmosfera à qual nada podia escapar;
10 porque a maldade, condenada por seu próprio testemunho, é medrosa, e, sob o peso da consciência, supõe sempre o pior,
11 pois o temor não é outra coisa que a privação dos socorros trazidos pela reflexão,
12 porque, quanto menor for em sua alma a esperança de auxílio, tanto mais penosa é a ignorância daquilo de que se tem medo.
13 Eles, durante essa noite de impotência, saída dos recantos do Hades impotente, dormiam num mesmo sono,
14 agitados, de um lado, pelo terror dos espectros, e paralisados, de outro, pelo desfalecimento da alma; pois era um pavor repentino e inesperado o que se abatera sobre eles.
15 E todo aquele que caía sem força, ficava como que preso e encerrado

24
águas.
num cárcere sem ferros.
16 Fosse ele camponês ou pastor, ou o operário que se afadiga sozinho no seu trabalho, uma vez surpreendido, tinha de suportar a inevitável necessidade, porque todos estavam ligados por uma mesma cadeia de trevas.
17 O silvo do vento, o canto harmonioso dos passarinhos nos ramos espessos, o murmúrio da água correndo precipitadamente, o estrondo das rochas que se despenhavam,
18 a carreira invisível dos animais que saltavam, os urros dos animais selvagens, o eco que repercutia nas cavidades dos montes: tudo os paralisava de terror.
19 Enquanto o mundo inteiro era alumiado de uma brilhante luz, e sem obstáculo se entregava às suas ocupações,
20 somente sobre eles se estendia uma pesada noite, imagem das trevas que mais tarde os deviam acolher; e eram para si mesmos um peso mais insuportável que esta escuridão.
Capítulo 18
1 Contudo, para vossos santos havia uma luz brilhantíssima. Sem verem seus semblantes, os outros ouviam-lhes a voz, e julgavam-nos felizes por não sofrerem os mesmos tormentos.
2 Davam-lhes graças, porque não se vingavam dos maus tratos suportados, e pediam-lhes perdão de sua inimizade.
3 Pelo contrário, vós destes uma coluna luminosa para guiá-los na sua marcha para o desconhecido, como um sol que sem incomodá-los alumiava seu glorioso êxodo.
4 Mas eles bem mereciam ser privados da luz e aprisionados nas trevas, eles, que tinham encerrado em prisões os vossos filhos, através dos quais a incorruptível luz da lei se devia comunicar ao mundo.

5 Também tinham resolvido levar à morte os filhos dos santos, mas um deles foi exposto e salvo, e para puni-los fizestes perecer em multidão os seus filhos, e, todos juntos, vós os aniquilastes na profundeza das
6 Esta mesma noite tinha sido conhecida de antemão por nossos pais, para que, conhecendo bem em que juramentos confiavam, ficassem cheios de coragem.
7 Assim vosso povo esperava tanto a salvação dos justos como a perdição dos ímpios,
8 e pelo mesmo fato de terdes destruído nossos inimigos, vós nos convidastes a ser vossos e nos honrastes.
9 Por isso, os santos filhos dos justos ofereciam secretamente um sacrifício; de comum acordo estabeleciam o pacto divino: que os santos

25
participariam dos mesmos bens e correriam os mesmos perigos; e entoavam já os hinos de seus pais,
10 quando se elevaram os gritos confusos dos inimigos e se espalharam as lamentações dos que choravam seus filhos.
11 Uma mesma sentença feria o escravo e o senhor, o homem do povo sofria o mesmo castigo que o rei.
12 Todos igualmente tinham um número incalculável de mortos abatidos da mesma maneira; os sobreviventes não eram suficientes para sepultálos. porque, num instante, sua melhor geração era exterminada.
13 Depois de terem permanecido incrédulos por causa de seus sortilégios, reconheceram, vendo morrer seus primogênitos, que esse povo era verdadeiramente filho de Deus,
14 porque, quando um profundo silêncio envolvia todas as coisas, e a noite chegava ao meio de seu curso,
15 vossa palavra todo-poderosa desceu dos céus e do trono real, e, qual um implacável guerreiro, arremessou-se sobre a terra condenada à ruína.
16 De pé, ela tudo encheu de morte, e, pisando a terra, tocava os céus.
17 No mesmo instante, visões e sonhos terríveis os perturbaram, e temores inesperados os assaltaram;
18 tombando aqui e acolá, semimortos, revelavam a causa da morte que os atingia;
19 porque os sonhos que os tinham agitado tinham-nos informado antecipadamente, para que eles não perecessem sem conhecer a causa de sua desgraça.
20 Verdade é que a prova da morte feriu também os justos, e numerosos foram os que ela abateu no deserto, mas a ira de Deus não durou muito tempo;
21 porque um homem irrepreensível se apressou a tomar sua defesa, servindo-se das armas de seu ministério pessoal, a oração e o sacrifício expiatório do incenso. Opôs-se à ira, e pôs fim ao flagelo, mostrando que era vosso servo.
22 Dominou a revolta, não pela força física, nem pela força das armas, mas pela sua palavra deteve aquele que castigava, relembrando-lhe os juramentos feitos aos antepassados e a aliança estabelecida.
23 Já os mortos se amontoavam uns sobre os outros, quando ele interveio, deteve a cólera e afastou-a dos vivos.
24 Na sua longa vestimenta estava representado o universo inteiro; nas quatro fileiras de pedras os nomes gloriosos dos patriarcas; e no diadema de sua cabeça vossa Majestade.
25 Diante destas coisas cedeu o exterminador e foi diante destas coisas que retrocedeu: porque a simples demonstração de vossa ira era suficiente.

26
Capítulo 19
1 Quanto aos ímpios, inexorável foi a ira que os perseguiu até o fim: porque Deus previa o que eles haveriam de fazer,
2 isto é, depois de terem deixado partir (os justos), instando mesmo que fossem embora, mudariam de opinião e os perseguiriam.
3 Na verdade, eles estavam ainda enlutados, e gemiam ainda sobre a tumba de seus mortos, quando loucamente tomaram outra resolução e perseguiram, como a fugitivos, aqueles aos quais tinham rogado que partissem.
4 Um merecido destino os impelia a esse proceder extremo, e os atirava no olvido dos acontecimentos passados, para que sofressem, em meio a tormentos, um castigo completo,
5 e fossem feridos de uma morte insólita, enquanto vosso povo tentava uma extraordinária passagem.
6 É que toda a criação, obedecendo às vossas ordens, foi remodelada em sua natureza, para que vossos filhos fossem conservados ilesos.
7 Foi vista uma nuvem cobrir o acampamento, e a terra seca surgir do que tinha sido água, um caminho viável formar-se no mar Vermelho, e um campo verdejante emergir das ondas impetuosas.
8 Por aí passou toda ela, a nação dos que vossa mão protegia, e que viram singulares prodígios.

9 Iam como cavalos
conduzidos à pastagem, e
saltavam como
cordeiros, glorificando-vos a
vós, Senhor, seu libertador,
10 porque eles se lembravam
ainda do que tinha acontecido
na terra
estrangeira: como a terra,
contrariando a geração dos
vivos, tinha
produzido moscas, e como o
rio, em lugar de peixes, tinha
lançado fora
uma multidão de rãs.
11 Mais tarde, viram ainda
nascer uma nova espécie de
pássaros,
quando, premidos pela cobiça,
pediram manjares delicados,
porquanto,
para satisfazê-los, codornizes
subiram do mar.
12 Os castigos não
surpreenderam os pecadores,
sem que fossem antes
advertidos pela violência dos
raios.
13 Suportavam justamente o
castigo de sua própria
maldade, porque
tinham mostrado excessivo
ódio pelo estrangeiro.
14 Houve muitos que não
quiseram receber hóspedes
desconhecidos,
mas estes reduziram à
escravidão hóspedes que
tinham sido
benfeitores.
15 E isso não é tudo; haverá
algo a mais que um castigo
qualquer para
aqueles que acolheram mal os
estrangeiros:
16 mas estes, a princípio,
receberam bem seus
hóspedes, e
concederam-lhes a
participação em seus direitos.
Em seguida, eles os
encheram de males.

27
17 Do mesmo modo, foram
feridos de cegueira, como
aqueles homens,
às portas do justo, quando,
envolvidos por uma profunda
escuridão,
procuravam, cada um de seu
lado, o caminho para suas
casas.
18 Assim, os elementos
mudavam suas propriedades
entre si, como na
harpa os sons mudam de
ritmo, conservando a mesma
tonalidade. É o
que se pode verificar
perfeitamente quando se
consideram esses
acontecimentos.
19 Os seres terrestres
tornavam-se aquáticos, os
que nadam passavam
à terra,
20 o fogo era mais violento
debaixo da chuva, e a água
esquecia a
propriedade que tem de
extingui-lo.
21 Além disso, as chamas não
ofendiam as carnes dos
frágeis animais
que as atravessavam, e não
liqüefaziam esse alimento
celeste,
semelhante ao gelo e
inteiramente capaz de se
derreter.
22 É que em tudo, Senhor,
engrandecestes e glorificastes
vosso povo, e
não vos dedignastes de
assisti-lo em todo o tempo e
em todo o lugar.

...

Capítulo 1
1 Arfaxad, rei dos medos, submetera ao seu império um grande número
de nações. Ele edificou uma fortaleza de pedras polidas, à qual deu o
nome de Ecbátana.
2 Cercou-a de muralhas de setenta côvados de altura e trinta de
largura, e pôs-lhe torres de cem côvados de altura.
3 Estas eram de forma quadrada, e seus lados estendiam-se por um
espaço de vinte pés. As portas tinham uma altura proporcionada à das
torres.
4 Ele gloriava-se do poder invencível do seu exército e da imponência de
seus carros.
5 Ora, no décimo segundo ano de seu reinado, Nabucodonosor, que
reinava sobre os assírios em Nínive, a grande cidade, fez guerra a
Arfaxad, e venceu-o
6 na grande planície chamada Ragau. Aliaram-se-lhe todos os
habitantes das regiões vizinhas do Tigre, do Eufrates e do Jadason, na
planície de Erioc, rei dos eliceus.
7 Então engrandeceu-se o reino de Nabucodonosor e seu coração
encheu-se de orgulho.
Mandou emissários a todos os habitantes da
Cilícia, de Damasco, do Líbano,
8 aos povos do Carmelo e de Cedar, aos galileus, na grande planície de
Esdrelon,
9 aos habitantes de Samaria e aos povos de além do Jordão até
Jerusalém, a toda a terra de Gessém e até aos confins da Etiópia.
10 A todos esses povos enviou Nabucodonosor emissários,
11 mas todos protestaram unanimemente e os despediram de mãos
vazias, chegando até a expulsá-los com desprezo.
12 À vista disso, encheu-se de cólera o rei Nabucodonosor contra todos
esses povos, e jurou pelo seu trono e pelo seu reino que havia de tomar
vingança de todos eles.
Capítulo 2
1 No décimo terceiro ano do rei Nabucodonosor, no vigésimo segundo
dia do primeiro mês, foi tomada na casa de Nabucodonosor, rei dos
assírios, a decisão de que ele se vingaria.
2 Convocou todos os anciãos, todos os seus chefes e guerreiros, e teve
com eles um conselho secreto, no qual
3 revelou-lhes o seu desígnio de submeter toda a terra ao seu império.
4 Tendo a sua proposta agradado à assembléia, o rei Nabucodonosor
ordenou a Holofernes, marechal do seu exército,

escravidão.
5 dizendo: Vai contra todos os reinos do ocidente, principalmente contra
aqueles que desprezaram a minha ordem.
6 Ferirás a todos sem consideração alguma e me sujeitarás todas as
fortalezas.
7 Holofernes convocou os generais e oficiais do exército assírio e contou
os efetivos da expedição, conforme a ordem do rei: havia cento e vinte
mil soldados de infantaria e doze mil frecheiros a cavalo.
8 Mandou adiante do seu exército uma multidão de camelos com
provisões abundantes para as tropas, e inumeráveis rebanhos de bois e
de cordeiros.
9 Ordenou que em toda a Síria se preparasse trigo para quando ele
passasse.
10 Levou também grande quantidade de ouro e de prata do tesouro
real.
11 Pôs-se a caminho com todo o exército, com os carros, os cavaleiros e
os frecheiros, que se espalharam pela terra como gafanhotos.
12 Atravessou as fronteiras da Assíria e chegou às grandes montanhas
de Ange, que ficam ao norte da Cilícia. Penetrou em todos os seus fortes
e apoderou-se de todos os seus bens.
13 Tomou de assalto a célebre cidade de Melitene, e saqueou todos os
filhos de Társis e os filhos de Ismael, que habitavam defronte do
deserto, ao sul da terra de Celon.
14 Passando o Eufrates pela segunda vez, penetrou na Mesopotâmia e
arrasou todas as fortalezas do país, desde a torrente de Caboras até o
mar.
15 Em seguida, apossou-se de todas as regiões (que marginam o
Eufrates), desde a Cilícia até a terra de Jafet, que se estende para o sul.
16 Levou consigo todos os madianitas, saqueou todas as suas riquezas e
passou ao fio da espada todos os que lhe opunham resistência.
17 Depois desceu às planícies de Damasco no tempo da colheita,
queimou todas as colheitas e cortou todas as árvores e as vinhas.
18 Tornou-se, assim, objeto de terror para todos os habitantes da terra.
Capítulo 3
1 Então os reis e os príncipes de todas as cidades e de todas as
províncias, da Síria, da Mesopotâmia, da Síria de Sobal, da Líbia e da
Cilícia, enviaram seus delegados a Holofernes para lhe dizerem:
2 Cessa a tua indignação contra nós; é melhor que vivamos servindo o
grande rei Nabucodonosor, e submetendo-nos a ti, do que morrermos,

depois de havermos sofrido, além da nossa perda, os males da
3 Eis aí todas as nossas cidades, todas as nossas possessões, todas as

4
coração.
nossas montanhas e colinas, nossos campos, nosso gado, nossos
rebanhos de cordeiros e de cabras, nossos cavalos e nossos camelos,
todos os nossos bens e nossas famílias.
4 Tudo o que nos pertence depende de ora em diante de ti.
5 Somos teus escravos, nós e nossos filhos.
6 Vem a nós como um senhor pacífico e emprega os nossos serviços
como te parecer melhor.
7 Holofernes desceu então das montanhas com suas poderosas forças
de cavalaria e apoderou-se de todas as cidades e de todos os habitantes
do país.
8 Levou de todas as cidades, para suas tropas auxiliares, homens
valentes e escolhidos para a guerra.
9 Era tão grande o terror daquelas províncias, que os principais e os
magistrados de todas as cidades saíam com o povo ao seu encontro,
10 e o acolhiam com coroas e archotes, dançando ao som dos tamborins
e das flautas.
11 Mas não conseguiram apesar disso abrandar a ferocidade daquele
12 Ele destruiu as suas cidades, e cortou os seus troncos sagrados.
13 Pois Nabucodonosor havia-lhe ordenado que exterminasse todos os
deuses da terra, para que só ele fosse chamado deus por todas as
nações que lhe conquistasse o poder de Holofernes.
14 Ele, atravessando a Síria de Sobal, toda a Apaméia e toda a
Mesopotâmia, chegou aos idumeus, na terra de Gabaa.
15 Depois de haver conquistado suas cidades, fez ali uma parada de
trinta dias, durante os quais juntou todas as forças de seu exército.
Capítulo 4
1 Ouvindo isso, os israelitas de Judá ficaram muito alarmados com a
aproximação (de Holofernes).
2 O medo e o terror apoderaram-se deles, temendo que ele fizesse a
Jerusalém e ao templo do Senhor o mesmo que ele fizera às outras
cidades e aos seus templos.
3 Mandaram mensageiros por toda a Samaria e seus arredores até
Jericó, e ocuparam todos os cumes dos montes.
4 Cercaram de muros todas as suas cidades e armazenaram trigo para
poderem sustentar o combate.
5 De seu lado, o sumo sacerdote Eliacim escreveu a todos os que
habitavam defronte de Esdrelon, que está fronteira à grande planície
vizinha de Dotain, e a todos os das terras pelas quais havia passagens,
6 pedindo-lhes que ocupassem as vertentes montanhosas que davam
acesso a Jerusalém, e que pusessem guarnições nos desfiladeiros por

5
onde se pudesse passar.
7 Os israelitas executaram todas as ordens de Eliacim, sacerdote do
Senhor.
8 Todo o povo orou fervorosamente ao Senhor; humilharam suas almas
com jejuns e orações, eles e suas mulheres.
9 Os sacerdotes vestiram-se de cilício, as crianças prostraram-se diante
do templo do Senhor, e cobriu-se o altar do Senhor com um cilício.
10 Unidos de coração e de alma, clamaram ao Senhor que não
entregasse seus filhos à rapina do vencedor, suas mulheres à
devassidão, suas cidades ao extermínio, seu templo à profanação, e não
permitisse que eles próprios se tornassem o opróbrio das nações pagãs.
11 Eliacim, sumo sacerdote do Senhor, percorreu então todo o país de
Israel e falou ao povo
12 nestes termos: Estai certos de que o Senhor vos ouvirá, se
perseverardes jejuando e orando em sua presença.
13 Lembrai-vos de Moisés, servo do Senhor: Amalec, que confiava em
sua força, em seu poder, em seu exército, em seus escudos, em seus
carros e cavaleiros, foi derrotado por ele, não com a força das armas,
mas com o poder da santa oração.
14 Isso mesmo acontecerá a todos os inimigos de Israel, se
perseverardes na obra que começastes.
15 Com tais exortações, os israelitas puseram-se a orar diante do
Senhor;
16 mesmo aqueles que ofereciam holocaustos ao Senhor, faziam-no
revestidos de sacos e com a cabeça coberta de cinzas.
17 E todos rogavam a Deus, de todo o seu coração, que visitasse o seu
povo de Israel.
Capítulo 5
1 Holofernes, marechal do exército assírio, foi avisado de que os
israelitas se dispunham à resistência e que haviam bloqueado as
passagens dos montes.
2 Explodiu então a sua cólera, e, cheio de furor, convocou os príncipes
de Moab e os generais dos amonitas e disse-lhes:
3 Dizei-me quem é esse povo que ocupa as montanhas; quais as suas
cidades, a sua força, o seu número; qual o poder e o efetivo de seu
exército, quem é o seu chefe,

4 e por que motivo foi ele o único dentre todos os povos do oriente que
nos desprezou, recusando-se a sair ao nosso encontro para receber-nos
pacificamente.
5 Aquior, chefe dos amonitas, respondeu-lhe: Meu senhor, se te dignas
ouvir-me, dir-te-ei a verdade acerca desse povo que habita nos montes,

6
e nenhuma mentira sairá de minha boca.
6 Esse povo é da raça dos caldeus;
7 habitaram primeiramente na Mesopotâmia, porque recusavam seguir
os deuses de seus pais que estavam na Caldéia.
8 Abandonaram os ritos de seus ancestrais que honravam múltiplas
divindades,
9 e passaram a adorar o Deus único do céu, o qual lhes ordenou que
saíssem daquele país e fossem estabelecer-se na terra de Canaã. Depois
disso sobreveio a toda a terra uma grande fome, e desceram ao Egito
onde, durante quatrocentos anos, multiplicaram-se de tal forma que se
tornaram uma multidão inumerável.
10 Oprimidos pelo rei do Egito, e obrigados a trabalhar na fabricação de
tijolos e de argamassa para a construção de suas cidades, clamaram ao
seu Senhor, e este feriu toda a terra do Egito com vários flagelos.
11 A praga cessou, quando os egípcios os expulsaram de sua terra; mas
quiseram retomá-los para sujeitá-los de novo à escravidão.
12 Eles fugiram. O Deus do céu abriu-lhes o mar de tal modo que as
águas tornaram-se de cada lado sólidas como um muro, e eles
atravessaram a pé enxuto pelo fundo do mar.
13 Entretanto, vindo em sua perseguição o inumerável exército dos
egípcios, foi de tal maneira envolvido pelas águas que não escapou um
sequer que pudesse contar à posteridade o acontecimento.
14 Ao sair do mar Vermelho, ocuparam os desertos do monte Sinai,
onde nunca homem algum pôde habitar, nem um ser humano se fixar.
15 Ali, tornaram-se-lhes doces e potáveis as fontes amargas, e por
espaço de quarenta anos receberam um alimento vindo do céu.
16 Por toda parte onde entraram sem arco e sem flecha, sem escudos e
sem espada, Deus combateu por eles e venceu.
17 Ninguém jamais pôde insultar esse povo, a não ser quando ele se
afastou do culto do Senhor, seu Deus.
18 Mas sempre que, ao lado de seu Deus, eles adoravam um outro, logo
eram entregues à pilhagem, à espada e à vergonha.
19 E todas as vezes que se arrependiam de ter abandonado o culto do
seu Deus, o Deus do céu dava-lhes força para resistir.
20 Finalmente, derrotaram os reis cananeus, jebuseus, fereseus, hiteus,
heveus, amorreus e todos os valentes de Hesebon, e tomaram posse de
suas terras e de suas cidades.
21 Enquanto não pecavam na presença de seu Deus, eram bem
sucedidos, porque o seu Deus odeia a iniqüidade.
22 Há alguns anos, com efeito, tendo-se afastado da via em que Deus
lhes ordenara caminhar, foram derrotados nos combates contra várias
nações, e muitos dentre eles levados para o cativeiro.
23 Mas converteram-se de novo ao Senhor, seu Deus, e depois dessa
dispersão acham-se reunidos desde há pouco: retomaram a posse de
7
contigo.
suas montanhas e de Jerusalém onde está seu santuário.
24 Agora, pois, meu senhor, informa-te se esse povo cometeu alguma
iniqüidade na presença de seu Deus, e então subamos e o ataquemos,
porque o seu Deus os entregará nas tuas mãos, e ficarão sujeitos ao teu
poder.
25 Mas se esse povo não está manchado de nenhuma ofensa para com
o seu Deus, não o poderemos enfrentar, porque o seu Deus o defenderá
e seremos o opróbrio de toda a terra.
26 Calando-se Aquior, todos os grandes de Holofernes se indignaram e
queriam matá-lo.
27 E diziam entre si: Quem é esse homem que pretende que os
israelitas possam resistir ao rei Nabucodonosor e ao seu exército, sendo
eles homens sem armas, sem força e ignorantes da estratégia?
28 Para mostrarmos a Aquior que ele nos engana, vamos às montanhas,
e, quando tivermos capturado seus príncipes, passá-lo-emos com eles
ao fio da espada.
29 É preciso que toda a nação saiba que Nabucodonosor é o deus da
terra, e que não há outro fora dele.
Capítulo 6
1 A estas palavras, Holofernes encolerizou-se e disse a Aquior:
2 Já que nos predisseste que a nação de Israel será defendida por seu
Deus, vou mostrar-te que não há outro deus fora de Nabucodonosor:
3 quando os tivermos ferido a todos como a um só homem, perecerás tu
também com eles pela espada dos assírios, e todo o Israel desaparecerá

4 Assim aprenderás que Nabucodonosor é o Senhor de toda a terra. A espada de meus soldados entrar-te-á pelos flancos e cairás transpassado no meio dos feridos de Israel; não respirarás mais, senão para ser exterminado com eles.
5 Se crês na verdade de tua profecia, não desanimes; muda a palidez de tua face, se pensas que minhas palavras não se podem realizar.
6 E para que saibas que terás a mesma sorte que eles, serás desde já associado a esse povo, a fim de sofreres com eles os golpes de minha vingança, quando minha espada infligir-lhes o castigo que merecem.
7 Então Holofernes ordenou aos seus homens que prendessem Aquior e o levassem a Betúlia para entregá-lo nas mãos dos israelitas.
8 Os escravos de Holofernes tomaram-no e se foram através da planície. Ao se aproximarem dos montes, porém, saíram contra eles os atiradores de funda,
9 e eles desviaram-se para os lados da montanha, onde ataram Aquior a uma árvore pelas mãos e pés. Abandonaram-no ali amarrado, e

8
voltaram para o seu senhor.
10 Ora, os israelitas que desciam de Betúlia encontraram-no e, soltando-o, levaram-no para a cidade. Puseram-no no meio do povo e perguntaram-lhe o motivo por que os assírios o deixaram amarrado.
11 (Naquele tempo, Betúlia era governada por Ozias, filho de Mica, da tribo de Simeão, e por Carmi, também chamado Gotoniel).
12 E, estando no meio dos anciãos e em presença de todo o povo, Aquior contou tudo o que tinha respondido quando Holofernes o interrogara, e como a gente de Holofernes quis matá-lo por ter ele falado assim;
13 e como Holofernes, encolerizado, ordenara que ele fosse por esse motivo entregue aos israelitas, a fim de que, após a vitória sobre eles, ele fizesse perecer também Aquior com diversos suplícios, porque ele dissera que o Deus do céu era o defensor de Israel.
14 Após essa narração de Aquior, todo o povo se prostrou com o rosto por terra em adoração diante do Senhor, e todos, unidos de coração, oraram ao Senhor com gemidos e prantos:
15 Senhor, disseram eles, Deus do céu e da terra, vede o seu orgulho e olhai para a nossa humilhação. Lançai os vossos olhos sobre os vossos fiéis; mostrai que não abandonais aqueles que confiam em vós, mas que humilhais os que presumem de si mesmos e se gloriam do seu poder.
16 Acabada a lamentação, e terminada a prece do povo, que durou um dia todo, encorajaram Aquior, dizendo:
17 O Deus de nossos pais, cujo poder proclamaste, conceder-te-á a recompensa de veres tu a ruína deles.
18 Quando o Senhor nosso Deus tiver livrado os seus servos, que ele esteja também contigo no meio de nós, a fim de que vivas, tu e os teus, conosco, como for do teu agrado.
19 Então Ozias, despedida a assembléia, recebeu Aquior em sua casa e ofereceu-lhe uma grande ceia.
20 E foram convidados a ela todos os anciãos, (pois já) tinha terminado o jejum, e comeram juntos alegremente.
21 Depois foi convocado todo o povo e oraram durante toda a noite no lugar onde estavam reunidos, pedindo socorro ao Deus de Israel.

Capítulo 7

1 No dia seguinte, Holofernes ordenou às suas tropas que tomassem de assalto Betúlia.
2 Havia cento e vinte mil soldados de infantaria e vinte e dois mil cavaleiros, além dos homens de armas que tinha aprisionado e dos jovens que havia levado das províncias e das cidades.
3 Prepararam-se todos para combater contra os israelitas e partiram

9
escarpadas.
pela encosta da montanha até o cume que olha para Dotain, desde o lugar chamado Belma até Quelmon, que está fronteiro a Esdrelon.
4 Quando os israelitas viram aquela multidão, prostraram-se por terra e cobriram de cinzas as suas cabeças, orando em comum ao Deus de Israel para que fizesse misericórdia ao seu povo.
5 Tomando então as suas armas de guerra, postaram-se nos lugares em que caminhos estreitos conduziam às passagens entre os montes, e ali montaram guarda noite e dia.
6 Entretanto, ao fazer uma ronda pelos arredores, Holofernes descobriu ao sul da cidade a fonte que a abastecia por meio de um aqueduto, e mandou cortá-lo.
7 Havia, entretanto, não longe dos muros, algumas fontes aonde iam furtivamente os sitiados buscar água, mais para aliviar um pouco a sede que para beber.
8 Então os amonitas e os moabitas foram dizer a Holofernes: Os israelitas não confiam nem nas lanças nem nas flechas, mas são

defendidos pelas montanhas e sua verdadeira força são as colinas
9 Para que possas vencê-los sem combate, põe guardas às fontes, para
não buscarem água ali, e os matareis sem golpes de espada. Ou, pelo
menos, esgotados pela sede, entregarão a cidade, a qual, por estar
situada nas montanhas, julgavam inexpugnável.
10 Esta sugestão agradou a Holofernes e aos seus oficiais, e ele mandou
que cada fonte fosse vigiada por um contingente de cem homens.
11 Passados vinte dias de guarda, secaram-se as fontes e os poços de
Betúlia, e os habitantes que recebiam quotidianamente a sua medida de
água não a tiveram mais nem sequer para um dia.
12 Então, reuniram-se todos os homens, mulheres, jovens e crianças ao
redor de Ozias, e disseram-lhe a uma voz:
13 Deus seja juiz entre nós e ti, pois, recusando negociar a paz com os
assírios, atraíste a desgraça sobre nós; e por isso entregou-nos Deus
nas suas mãos.
14 Também por isso não há quem nos socorra, estando nós aos seus
olhos esgotados pela sede.
15 Agora, pois, reúne todos os que estão na cidade e entreguemo-nos
espontaneamente aos homens de Holofernes.
16 É melhor que bendigamos a Deus no cativeiro, vivos, do que morrer
vergonhosamente diante de todos os homens, vendo morrer sob os
nossos olhos nossas mulheres e nossos filhos.
17 O céu e a terra nos são testemunhas, assim como o Deus de nossos
pais que toma vingança de nossos pecados: entrega sem demora a
cidade ao exército de Holofernes, para que o fio da espada abrevie o
nosso fim, retardado pelo ardor da sede!
18 Tendo eles assim falado, levantou-se um grande pranto e gritos

10
lancinantes na assembléia, e a sua voz elevou-se para Deus durante
várias horas:
19 Pecamos, diziam eles, nós e nossos pais, cometemos a injustiça e a
iniqüidade.
20 Vós, que sois bom, tende piedade de nós, ou então que vossos
castigos tomem vingança de nossas iniqüidades; mas não entregueis os
que vos invocam a um povo que vos não conhece,
21 para que se não diga entre os pagãos: Onde está o seu Deus?
22 Fatigados enfim de gritar e de chorar, eles se calaram.
23 Ozias levantou-se então banhado em lágrimas: Coragem, meus
irmãos! - disse ele.- Esperemos (ainda) cinco dias a misericórdia do
Senhor.
24 Talvez se aplaque a sua cólera e dê glória ao seu nome.
25 Entretanto, se depois de cinco dias não nos chegar socorro algum,
faremos o que propusestes.
Capítulo 8
1 Ora, tudo isso chegou aos ouvidos de Judite, viúva, filha de Merari,
filho de Idox, filho de José, filho de Ozias, filho de Elai, filho de Jamnor,
filho de Gedeão, filho de Rafaim, filho de Aquitob, filho de Melquias, filho
de Enã, filho de Natanias, filho de Salatiel, filho de Simeão, filho de
Rubem.
2 Seu marido chamava-se Manassés, e morrera no tempo da colheita da
cevada,
3 ferido de insolação quando fiscalizava os ceifadores que ligavam os
feixes no campo; ele morrera em Betúlia, sua cidade, e fora enterrado
com seus pais.
4 Judite ficara viúva havia três anos e meio.
5 Ela tinha feito no andar superior de sua casa um quarto reservado
para si, no qual se conservava retirada com suas criadas.
6 Trazia um cilício sobre os rins e jejuava todos os dias, exceto nos
sábados, nas luas novas e nas festas do povo israelita.
7 Era extremamente bela, e seu marido tinha-lhe deixado grandes
riquezas, numerosos criados e domínios cheios de rebanhos de bois e de
ovelhas.
8 Era muito estimada por todos porque tinha grande temor a Deus; não
havia ninguém que falasse mal a seu respeito.
9 Sabendo, pois, que Ozias tinha prometido entregar a cidade dentro de
cinco dias, mandou alguém chamar os anciãos Cabri e Carmi,
10 e estes vieram ter com ela. Ela disse-lhes: Como é possível que
Ozias tenha consentido em entregar a cidade aos assírios dentro de
cinco dias, se não nos chegar socorro?

11
Deus.
11 Quem sois vós para provocar o Senhor?
12 Não é esse o meio de atrair a sua misericórdia, mas antes o de
excitar a sua cólera e acender o seu furor
13 Vós impusestes ao Senhor um prazo para exercer a sua misericórdia
e fixastes-lhe um dia ao vosso arbítrio!
14 Mas o Senhor é paciente; façamos, pois, penitência por isso e
peçamos-lhe perdão com lágrimas nos olhos,
15 pois Deus não ameaça como os homens e não se deixa arrastar
como eles à violência da cólera.

16 Humilhemo-nos diante dele e prestemos-lhe nosso culto com espírito de humildade.
17 Roguemos ao Senhor com lágrimas que nos conceda a sua misericórdia como lhe aprouver, para que, assim como se perturbou o nosso coração com o orgulho de nossos inimigos, do mesmo modo encontremos glória em nossa humilhação.
18 Nós não imitamos os pecados de nossos pais, abandonando Deus para adorar divindades estranhas.
19 Por esse crime foram entregues à espada, à pilhagem e ao desprezo de seus inimigos; nós, porém, não admitimos outro Deus fora dele.
20 Esperamos com humildade a sua consolação e ele vingará o nosso sangue dos males que nos causam nossos inimigos. Ele humilhará toda nação que se levantar contra nós; o Senhor nosso Deus cobri-las-á de vergonha.
21 Agora, meus Irmãos, já que sois os anciãos do povo de Deus, e que sua vida depende de vós, reanimai os seus corações com vossas palavras, para que eles se lembrem de que nossos pais foram tentados a fim de que se verificasse se eles serviam verdadeiramente ao seu
22 Que eles se lembrem de como nosso pai Abraão foi provado e de como passou por múltiplas tribulações para se tornar o amigo de Deus.
23 Assim Isaac, assim Jacó, assim Moisés, e todos os que agradaram a Deus permaneceram fiéis apesar das muitas tribulações.
24 Aqueles, porém, que não aceitaram essas provações no temor ao Senhor e se impacientaram, murmurando contra ele,
25 foram feridos pelo Exterminador e pereceram pelas serpentes.
26 Por isso não nos irritemos por causa do que sofremos.
27 Consideremos que esses tormentos são menos graves que nossos pecados, e que esses flagelos com que o Senhor nos castiga, como escravos, foram-nos mandados para a nossa emenda, e não para a nossa perdição.
28 Ozias e os anciãos responderam-lhe: Tudo o que disseste é verdade; nada há repreensível nas tuas palavras.
29 Roga, pois, a Deus por nós, porque és uma mulher santa e piedosa.
30 Judite respondeu-lhes: Se reconheceis que o que eu vos disse vem

12

de Deus,
31 examinai se vem igualmente dele o que eu resolvi fazer, e orai para que Deus me ajude a realizar o meu desígnio.
32 Ficai esta noite à porta, e eu sairei com minha criada. Orai então para que, como vós o dissestes, o Senhor olhe para o seu povo de Israel dentro de cinco dias.
33 Mas não quero que procureis saber o que eu vou fazer; enquanto eu mesma não voltar para vos avisar, não se faça outra coisa que rogar por mim ao Senhor nosso Deus.
34 Ozias, o príncipe de Judá, respondeu-lhe: Vai em paz, e que o Senhor te ajude a tomar a vingança de nossos inimigos. E retiraram-se.

Capítulo 9

1 Tendo eles partido, Judite entrou em seu oratório, pôs o seu cilício, cobriu a cabeça com cinzas e, prostrando-se diante do Senhor, orou dizendo:
2 Senhor, Deus de meu pai Simeão, que lhe destes a espada para se vingar dos estrangeiros que, arrastados pela paixão, violaram uma virgem, descobrindo-lhe vergonhosamente a nudez;
3 que entregastes suas mulheres à rapina, suas filhas ao cativeiro, e todos os seus despojos em partilha aos vossos servos que ardiam de zelo ao vosso serviço, vinde, eu vos peço, ó Senhor meu Deus, e socorrei esta viúva.
4 Vós dispusestes os acontecimentos do passado, determinastes que uns sucedessem a outros, e nada aconteceu sem que vós o quisésseis.
5 Todos os vossos caminhos são previamente escolhidos, e os vossos juízos são marcados por vossa providência.
6 Olhai agora para o acampamento dos assírios, como vos dignastes outrora olhar para o dos egípcios, quando corriam armados atrás dos vossos servos, fiando-se nos seus carros, nos. seus cavaleiros e na multidão dos seus combatentes.
7 Bastou um vosso olhar sobre o seu acampamento para paralisá-los nas trevas.
8 O abismo reteve os seus pés, e as águas submergiram-nos.
9 Senhor, que o mesmo aconteça a estes que confiam no seu número, nos seus carros, nos seus dardos, nos seus escudos, nas suas flechas, e que são orgulhosos de suas lanças.
10 Eles ignoram que vós sóis o nosso Deus, vós que desde todo o tempo sabeis deter as guerras, e que vosso nome é o Senhor.
11 Levantai o vosso braço como nos tempos antigos e quebrai o seu. poder com a vossa força; caia diante de vossa cólera o poder daqueles que prometeram a si próprios violar o vosso santuário, profanar o

13
abater.
tabernáculo de vosso nome e derrubar com um golpe de espada os
cornos de vosso altar.
12 Fazei, Senhor, que o orgulho desse homem seja cortado com sua
própria espada;
13 seja ele preso no laço de seus olhos fixos em mim; e feri-o com as
doces palavras de meus lábios.
14 Dai firmeza ao meu coração para o desprezar, e coragem para o
15 Isso será para o vosso nome uma glória digna de memória, tendo-o
derrubado a mão de uma mulher.
16 Não é na multidão, Senhor, que está o vosso poder, nem vos
comprazeis na força dos cavalos; os soberbos nunca vos agradaram,
mas sempre vos foram aceitas as preces dos mansos e humildes.
17 Deus do céu, criador das águas e senhor de toda a criação, ouvi uma
pobre suplicante que só confia em vossa misericórdia.
18 Lembrai-vos, Senhor, de vossa promessa; inspirai as palavras de
minha boca e dai firmeza à resolução de meu coração, para que a vossa
casa vos permaneça (para sempre) consagrada e que todos os povos
reconheçam que só vós sois Deus e que não há outro fora de vós.
Capítulo 10
1 Quando acabou de orar ao Senhor, levantou-se do lugar onde estava
prostrada diante do Senhor.
2 Chamou a sua criada, desceu à sua casa, tirou o cilício e despiu suas
vestes de viúva.
3 Lavou-se, ungiu-se de mirra preciosa, arranjou o cabelo e pôs um
diadema. Vestiu-se como para uma festa, calçou as sandálias, pôs os
braceletes, o colar, os brincos, os anéis e todos os seus enfeites.
4 O Senhor aumentou-lhe a beleza, porque tudo aquilo procedia, não de
uma paixão má, mas de sua virtude; por isso o Senhor deu-lhe uma tal
formosura, que apareceu aos olhos de todos com um encanto
incomparável.
5 Fez que sua criada levasse um odre de vinho, uma garrafa de óleo,
grãos torrados, figos secos, pão e queijo, e partiu.
6 Chegando à porta da cidade, encontraram Ozias e os anciãos que as esperavam.
7 Vendo-a, ficaram cheios de admiração diante de sua beleza.
8 Sem lhe perguntar coisa alguma deixaram-na passar e disseram-lhe:
Que o Deus de nossos pais te dê a sua graça e fortifique a resolução de
teu coração, para que sejas a glória de Jerusalém e o teu nome figure
no número dos santos e dos justos.
9 Os que ali estavam disseram a uma só voz: Assim seja! Assim seja!

14
10 E Judite passou a porta com sua criada, orando ao Senhor.
11 Ao raiar do dia, quando ela descia pela montanha, eis que a
encontrou uma patrulha dos assírios e a deteve: De onde vens?,
perguntaram-lhe, e aonde vais?
12 Ela respondeu: Sou uma israelita; fugi do meio deles porque vi que
eles vos hão de ser entregues como presa, e porque vos desprezaram
não querendo render-se espontaneamente a vós para encontrar graça
diante de vossos olhos.
13 Por isso pensei comigo mesma: Irei apresentar-me ao príncipe
Holofernes para revelar-lhe seus segredos e indicar-lhe um caminho por
onde poderá tomar, sem perder um homem sequer do seu exército.
14 Ouvindo estas palavras, os homens olhavam-na de frente com os
olhos deslumbrados de admiração pela sua grande beleza.
15 E disseram-lhe: Salvaste a tua vida, porque resolveste descer para o
nosso senhor. Podes estar certa de seres bem tratada quando lhe fores
apresentada, e tu lhe hás de ganhar o coração.
16 Levaram-na à tenda de Holofernes, declarando quem era.
17 Mal havia ela entrado, Holofernes ficou cativo de seus olhos.
18 Seus oficiais disseram-lhe: Quem poderia desprezar os hebreus que
têm tão belas mulheres? Não são elas uma razão suficiente de lhes
fazermos guerra?
19 Judite viu Holofernes sentado sob um baldaquino de púrpura,
bordado de ouro, com esmeraldas e pedras preciosas:
20 Ela levantou os olhos para o seu rosto e inclinou-se profundamente
diante dele até o solo. Os servos de Holofernes levantaram-na por
ordem do seu senhor.
Capítulo 11
1 Então Holofernes disse-lhe: Tranqüiliza-te! Não temas em teu coração,
pois nunca fiz mal algum a quem estivesse pronto a servir o rei
Nabucodonosor.
2 Se teu povo não me tivesse desprezado, eu não teria levantado a
minha lança contra ele.
3 Mas dize-me, agora, por que os deixaste e vieste para o meio de nós?
4 Judite respondeu-lhe: Ouve as palavras de tua serva, porque se

seguires as palavras que te vou dizer, o Senhor chegará aos seus fins por ti.
5 Juro-o por Nabucodonosor, rei da terra, e por seu poder que está nas tuas mãos para castigo daqueles que se desviam, porque não somente contribuis para que os homens o sirvam, mas até os animais do campo lhe obedecem.
6 A sabedoria de teu espírito é, com efeito, célebre em todas as nações,

15
todo o mundo sabe que és o único bom e poderoso em seu reino, e tua administração é louvada em todas as províncias.
7 O que disse Aquior não é um segredo e ninguém ignora o que ordenaste que lhe fosse feito.
8 Porque é manifesto que nosso Deus está de tal forma ofendido pelos pecados do povo, que lhe mandou dizer por meio de seus profetas, que o entregaria por causa de seus pecados.
9 E como os israelitas sabem que ofenderam o seu Deus, tu te tornaste um objeto de terror.
10 Além disso, a fome aperta-os e pela falta de água estão já como mortos.
11 Chegam até a matar os seus animais para beberem o seu sangue.
12 E mesmo as primícias consagradas ao Senhor, seu Deus, que o Senhor lhes proibiu tocar - trigo, vinho e azeite - eles pensam empregálas, e querem assim comer aquilo que não lhes é permitido nem tocar com as mãos. Procedendo assim, é certo que serão entregues à ruína.
13 E eu, tua serva, que sei de tudo isto, fugi do meio deles, e o Senhor mandou-me a ti para dizer-te estas coisas.
14 Porque tua serva teme a Deus, mesmo junto de ti, e ela sairá do acampamento para orar a Deus.
15 Ele me dirá quando vai puni-los pelos seus pecados, e eu to virei dizer. Levar-te-ei então até o coração de Jerusalém, e encontrarás todo o povo de Israel como um rebanho de ovelhas sem pastor, e não haverá sequer um cão para ladrar contra ti.
16 Isto me foi dito pela providência divina;
17 e como Deus está irritado contra eles, fui enviada para to anunciar.
18 Holofernes e seus servos alegraram-se com este discurso, e admiraram a sabedoria de Judite, dizendo uns aos outros:
19 Não há sobre a terra mulher semelhante a esta no valor, na beleza e na sabedoria de suas palavras.
20 Holofernes disse-lhe: Deus fez muito bem em te mandar antes do povo, a fim de que possas entregá-lo nas nossas mãos.
21 Teu plano é bom: se teu Deus fizer isto por mim, ele será também o meu Deus, e tu serás grande na casa de Nabucodonosor, e o teu nome será célebre em toda a terra.

Capítulo 12

1 Mandou então que a introduzissem onde estavam os seus tesouros, ordenando-lhe que ficasse ali, e regulou o que se lhe devia dar de sua mesa.
2 Judite respondeu-lhe: Não posso agora comer do que me mandaste servir, para não cometer infração (contra a Lei); comerei do que trouxe

16
comigo.
vida.
3 Holofernes disse-lhe: E quando acabarem as provisões que trouxeste contigo, que poderemos fazer por ti?
4 Por tua vida; meu senhor, replicou Judite, juro que tua serva não gastará todas estas coisas, sem que Deus realize pela minha mão o que resolvi fazer. Os escravos de Holofernes introduziram-na então na tenda que ele tinha designado.
5 Aí entrando, Judite pediu que lhe fosse permitido sair à noite e antes do amanhecer, para fazer suas devoções e orar ao Senhor.
6 Holofernes ordenou aos seus escravos que a deixassem sair e entrar como quisesse, durante três dias, para adorar o seu Deus.
7 Cada noite ela saía ao vale de Betúlia e fazia as suas abluções numa fonte.
8 Ao voltar, rogava ao Senhor Deus de Israel que lhe dirigisse os passos para a libertação do seu povo.
9 Entrava em seguida na sua tenda, e ali permanecia pura até que tomava a sua refeição pela tarde.
10 No quarto dia, Holofernes deu um banquete aos seus oficiais. E disse a Vagao, seu eunuco: Vê se persuades a essa judia que consinta espontaneamente em tornar-se minha concubina.
11 (Entre os assírios era coisa vergonhosa que uma mulher zombasse de um homem, retirando-se sem se ter dado a ele.)
12 Vagao foi ter com Judite e disse-lhe: Não tema a boa jovem entrar à presença de meu senhor; ser-lhe-ia uma honra comer em sua companhia e beber vinho alegremente.
13 Quem sou eu, respondeu ela, para opor-me ao meu senhor?
14 Farei tudo o que parecer bom e melhor aos seus olhos; o que mais lhe agradar, isso será também para mim o melhor durante toda a minha

15 Ela levantou-se e, trajada com requinte, apresentou-se diante dele.
16 O coração de Holofernes agitou-se, porque ardia de paixão por ela.
17 Come e bebe alegremente, disse-lhe ele, pois encontraste graça aos
meus olhos.
18 Ao que respondeu Judite: Eu beberei, senhor, porque nunca em
minha vida me senti tão engrandecida como hoje.
19 Mas ela tomou e comeu do que a sua serva lhe tinha preparado, e
bebeu com ele.
20 Holofernes alegrou-se grandemente por tê-la junto dele, e bebeu
vinho como nunca tinha bebido.
Capítulo 13
1 Anoiteceu. Os oficiais apressaram-se em voltar aos seus aposentos.

17
graças a vós.
Vagao fechou as portas do quarto e foi-se.
2 Estavam todos embriagados pelo vinho.
3 Judite ficou só no seu quarto,
4 enquanto Holofernes repousava em seu leito, bêbedo a cair.
5 Judite havia dito à sua serva que ficasse fora, diante do quarto,
vigiando.
6 De pé ao lado do leito, movendo em silêncio os lábios, ela orou com
lágrimas a Deus, dizendo:
7 Senhor, Deus de Israel, dai-me força. Olhai agora o que vão fazer
minhas mãos, a fim de que, segundo a vossa promessa, levanteis a
vossa cidade de Jerusalém, e eu realize o que acreditei ser possível
8 Dizendo isto, aproximou-se da coluna que estava à cabeceira do leito
e tomou a espada que ali estava pendurada;
9 desembainhou-a e, tomando os cabelos de Holofernes, disse: Senhor, dai-me força neste momento!
10 Feriu-o duas vezes na nuca e decepou-lhe a cabeça. Desprendeu em
seguida o cortinado das colunas, e rolou por terra o corpo mutilado.
11 Feito isto, saiu e deu à sua serva a cabeça de Holofernes para que a
metesse no saco.
12 Depois saíram ambas, como de costume, como se fossem para a
oração. Atravessaram o acampamento, contornaram o vale e chegaram
às portas da cidade.
13 De longe, Judite gritou aos guardas dos muros: Abri as portas,
porque Deus está conosco; ele manifestou o seu poder em favor de
Israel.
14 Ouvindo estas palavras, os homens chamaram os anciãos da cidade,
15 e toda a população correu para ela, desde o menor até o maior,
porque não esperavam mais que ela voltasse.
16 Juntaram-se todos ao redor dela com tochas acesas. Judite, subindo
a um lugar mais alto, pediu que se fizesse silêncio. Todos se calaram.
17 Louvai ao Senhor nosso Deus, disse-lhes ela, que não abandonou os
que puseram nele a sua esperança,
18 e que cumpriu pelas mãos de sua serva a sua promessa de
misericórdia à casa de Israel; esta noite ele matou por minha mão o
inimigo de seu povo.
19 Retirando então do saco a cabeça de Holofernes, mostrou-lha
dizendo: Eis a cabeça de Holofernes, marechal do exército assírio, e eis
o cortinado do baldaquino onde se achava deitado, ébrio a cair, quando
o Senhor, nosso Deus, o feriu pela mão de uma mulher.
20 Mas juro-vos, pelo mesmo Senhor, que o seu anjo me protegeu,
tanto ao partir, como ao demorar-me lá, e como ao voltar, e o Senhor
não permitiu que sua serva fosse manchada: ele reconduziu-me a vós
livre de toda a mancha de pecado, cheia de alegria por sua vitória, pela

18
Deus.
minha salvação e pela vossa libertação.
21 Dai-lhe glória todos vós, porque é bom, porque a sua misericórdia é
eterna!
22 Então todos, adorando o Senhor, disseram a Judite: O Senhor te
abençoou com o seu poder, porque ele por ti aniquilou os nossos
inimigos.
23 Ozias, príncipe do povo de Israel, acrescentou: Minha filha, tu és
bendita do Senhor Deus altíssimo, mais que todas as mulheres da terra.
24 Bendito seja o Senhor, criador do céu e da terra, que te guiou para
cortar a cabeça de nosso maior inimigo!
25 Ele deu neste dia tanta glória ao teu nome, que nunca o teu louvor
cessará de ser celebrado pelos homens, que se lembrarão eternamente
do poder do Senhor. Ante os sofrimentos e a angústia de teu povo, não
poupaste a tua vida, mas salvaste-nos da ruína, em presença de nosso
26 E todo o povo respondeu: Assim seja! Assim seja!
27 Mandaram então vir Aquior, e Judite disse-lhe: O Deus de Israel, de
quem testemunhaste que toma vingança dos seus inimigos, cortou esta
noite por minha mão a cabeça de todos os infiéis.
28 Para provar-te que assim é, eis aqui a cabeça de Holofernes que, na
insolência de seu orgulho, desprezava o Deus de Israel e te ameaçava

de morte, dizendo: Quando o povo de Israel for vencido, mandarei
passar-te ao fio da espada.
29 Vendo a cabeça de Holofernes, Aquior foi tomado de pavor e caiu
com o rosto por terra, sem sentidos.
30 Quando recobrou os sentidos e voltou a si, jogou-se aos pés de
Judite em sinal de reverência e disse: Sê bendita de teu Deus em todas
as tendas de Jacó, porque o Deus de Israel será glorificado por causa de
ti entre todas as nações que ouvirem o teu nome.
Capítulo 14
1 Então Judite disse a todo o povo: Ouvi-me, irmãos, pendurai esta
cabeça no alto de nossas muralhas.
2 Quando o sol se levantar, tome cada um as suas armas e saí com
ímpeto, não para descerdes simplesmente (até o vale), mas como para
atacá-los.
3 Será necessário que as sentinelas corram a acordar o seu general para
o combate.
4 Quando os seus chefes tiverem corrido à tenda de Holofernes e o
encontrarem decapitado, jazendo no seu próprio sangue, serão tomados
de pavor.
5 E quando os virdes fugir, persegui-os destemidamente, porque o

19
atrevem a nos provocar ao combate.
Senhor os esmagará sob os vossos pés.
6 Então Aquior, vendo o poder que manifestara o Deus de Israel,
abandonou o culto pagão, creu em Deus, circuncidou-se e foi
incorporado ao povo de Israel, assim como toda a sua descendência até
o dia de hoje.
7 Logo que raiou o dia, penduraram nas muralhas a cabeça de
Holofernes, cada um tomou as suas armas e saíram fazendo um grande
alarido e soltando gritos agudos.
8 Vendo isto, correram as sentinelas à tenda de Holofernes.
9 Os que estavam na tenda vieram (ver) e fizeram grande barulho à
porta do quarto para o despertar, e aumentavam cada vez mais o
tumulto para que Holofernes acordasse com o ruído, sem que houvesse
necessidade (de entrar) para o acordar.
10 Porque ninguém ousava bater na porta nem entrar no quarto do
marechal dos assírios.
11 Mas chegando os generais com os tribunos e com todos os oficiais do
exército do rei dos assírios, ordenaram aos camareiros:
12 Entrai e despertai-o, porque os ratos saíram de seus buracos e se
13 Então Vagao, entrando no quarto, parou diante da cortina e bateu
com as mãos, porque supunha que ele dormia com Judite.
14 Aplicando, porém, os ouvidos e não percebendo movimento algum de
um homem que dorme, aproximou-se da cortina e a levantou. À vista do
cadáver de Holofernes decapitado, que jazia por terra num charco de
sangue, soltou um forte grito, rompeu em lágrimas e rasgou as suas
vestes.
15 Entrou então na tenda de Judite e não a encontrou. Correu para fora
e disse ao povo:
16 Uma judia pôs a confusão na casa do rei Nabucodonosor: Holofernes
jaz ali caído por terra, e a sua cabeça não está com o corpo!
17 Ouvindo estas palavras, todos os oficiais do exército assírio rasgaram
suas vestes, um terror e um espanto extremos os invadiram, e os seus
espíritos ficaram completamente desorientados, e um clamor indescritível levantou-se do acampamento.
Capítulo 15
1 Quando todo o exército soube que Holofernes tinha sido decapitado,
perderam a razão e o conselho. Agitados pelo espanto e pelo terror,
buscaram a salvação na fuga.
2 Sem trocar uma palavra sequer com o seu vizinho, com a cabeça
baixa, deixando tudo, fugiram pelas planícies e pelos montes,
procurando escapar aos hebreus, pois ouviam que vinham armados

20
dos assírios.
sobre eles.
3 Os israelitas, vendo-os fugir, perseguiram-nos. Desceram as encostas
atrás deles tocando a trombeta e soltando grandes gritos.
4 E como os assírios iam fugindo desordenadamente, os israelitas que
os perseguiam juntos, formados em batalhão, destroçavam todos os que
podiam atingir.
5 Ozias mandou mensageiros a todas as cidades e províncias de Israel.
6 Assim, cada localidade e cada cidade armou o melhor de sua
juventude e a enviou contra os assírios, e perseguiram-nos à ponta de
espada até a sua fronteira mais afastada.
7 Entretanto, os que tinham ficado em Betúlia, entraram no
acampamento dos assírios e levaram um enorme despojo deixado pelo
inimigo em sua fuga.
8 Enfim, aqueles que voltaram vitoriosos para Betúlia, trouxeram
consigo tudo o que pertencera aos assírios, um numeroso rebanho,
grande quantidade de material e de animais de carga; e assim todos,

desde o maior até o menor, se enriqueceram com seus despojos.
9 Veio então de Jerusalém a Betúlia o sumo sacerdote Joaquim com
todos os anciãos para ver Judite.
10 Quando ela lhes veio ao encontro, abençoaram-na todos a uma só
voz, dizendo: Tu és a glória de Jerusalém; Tu és a alegria de Israel, tu
és a honra de nosso povo.
11 Deste prova de alma viril e coração valente. Amaste a castidade, e
não quiseste, depois da morte do teu marido, conhecer outro homem;
então o Senhor te fortaleceu e por isso serás eternamente bendita.
12 Ao que todo o povo respondeu: Assim seja! Assim seja!
13 Trinta dias mal bastaram ao povo de Israel para recolher os despojos
14 Tudo o que se soube ter pertencido a Holofernes, o povo deu-o a
Judite: ouro, prata, vestes, pedras preciosas e outros objetos.
15 Todo o povo entregou-se a grandes festas, com as mulheres, com as
jovens e com os jovens, ao som de harpas e cítaras.
Capítulo 16
1 E Judite expressou-se nestes termos: Entoai um cântico ao meu Deus
com tamborins, cantai ao Senhor com címbalos. Entoai-lhe salmos e
louvores, exaltai e invocai o seu nome.
2 Porque é um Deus que extermina guerras - Senhor é o seu nome.
Acampou no meio do seu povo e me livrou da mão de todos os meus
inimigos.
3 Assur veio das montanhas, do norte, veio com imensa tropa de
guerreiros. Multidão de encher os vales, cavalaria de cobrir morros

inteiros!
4 Jurara incendiar a minha terra. Passar meus jovens ao fio da espada e
esmagar minhas criancinhas, levar embora meus filhos e minhas filhas,
ao cativeiro...
5 O Senhor onipotente os rechaçou, por mãos de uma mulher!
6 Seu caudilho foi derrotado, não por jovens; foi ferido, não por filhos
de Titãs; vencido, não por gigantes enormes: foi Judite, filha de Merari,
quem o paralisou com a formosura de seu rosto.
7 Despiu o seu vestido de viúva, para consolação dos que sofriam em
Israel. Ungiu o rosto com essência perfumada,
8 cingiu os cabelos com um diadema e vestiu um vestido de linho, para
o seduzir.
9 Suas sandálias arrebataram-lhe os olhos, sua beleza extasiou-lhe a
alma, e a espada lhe decepou a nuca.
10 Os persas tremeram de ver tamanha valentia, os medos se
acovardaram perante sua audácia.
11 Então, os humildes gritaram, e eles tremeram espavoridos, os fracos
(do meu povo) clamaram, e eles foram tomados de espanto; ao
estrépito das vozes, deitaram a fugir.
12 Filhos de jovens mães os transpassaram e, como a meninos
fugitivos, os feriram: ei-los derrotados na batalha de meu Senhor!
13 Cantarei a Deus um cântico novo: Sois grande, Senhor, sois glorioso,
de admirável poder, invencível.
14 Todas as criaturas vos rendam homenagem, porque com uma só
palavra fizestes todas as coisas; enviastes o vosso espírito, e foram
criadas, e nada pôde resistir à vossa voz.
15 Podem abalar-se montanhas e águas, rochedos derreter-se como
cera diante de vossa face: para aqueles que vos temem sereis sempre
propício.
16 Bem pouca coisa é o sacrifício de suave fragrância, é como nada a
gorda carne dos sacrifícios; quem teme ao Senhor, este é grande, para
sempre!
17 Ai das nações que se insurgirem contra o meu povo! No dia do juízo
as punirá o Senhor todo-poderoso: entregará as suas carnes aos vermes
e ao fogo, e hão de chorar eterna dor.
18 Depois desta vitória, todo o povo foi a Jerusalém para adorar o
Senhor. Purificaram-se e todos ofereceram os seus holocaustos,
cumprindo os seus votos e suas promessas.
19 Judite ofereceu todas as armas de Holofernes recebidas do povo, e o
cortinado que ela mesma tinha tirado do leito de Holofernes para que
servisse de anátema de esquecimento.
20 O povo alegrou-se grandemente diante do santuário, e o regozijo
desta vitória foi celebrado com Judite durante três meses.
21 Terminada a festa, cada um voltou para a sua casa, e Judite, que

tinha grande crédito em Betúlia, adquiriu ainda maior renome em todo o
país de Israel.
22 À coragem juntava a castidade, de tal sorte que nunca em toda a sua
vida conheceu outro homem, desde que morreu Manassés, seu marido.
23 Nos dias de festa aparecia em público com todos os seus adornos.
24 Ela viveu cento e cinco anos na casa de seu marido, e deu liberdade

à sua escrava. Morreu e foi
sepultada em Betúlia junto de
seu marido.
25 Todo o povo a chorou
durante sete dias.
26 Em todos os dias de sua
vida, e muitos anos depois de
sua morte,
não houve quem perturbasse
a paz de Israel.
27 O aniversário de sua
vitória foi posto pelos hebreus
no número dos
dias santos, e ainda hoje é
celebrado pelos judeus.

...

Capítulo 1

1 Tobit, da tribo e da cidade de Neftali (situada na Galiléia superior,
acima de Naasson, atrás do caminho do ocidente, tendo à esquerda a
cidade de Sefet),
2 foi levado para o cativeiro no tempo de Salmanasar, rei dos assírios.
Embora cativo, ele não abandonou o caminho da verdade.
3 Tudo aquilo, de que podia dispor, distribuía cada dia a seus irmãos de
raça, que partilhavam com ele sua sorte de cativo.
4 Embora fosse ele o mais jovem da tribo de Neftali, seu proceder nada
tinha de pueril.
5 Por isso, enquanto todos eles iam adorar os bezerros de ouro que o rei
de Israel, Jeroboão, tinha feito, só ele fugia da companhia de todos e
6 dirigia-se ao templo do Senhor em Jerusalém, onde adorava o Senhor
Deus de Israel, oferecendo fielmente as primícias e os dízimos de todos
os seus bens.
7 De três em três anos, dava aos prosélitos e aos estrangeiros todo o
seu dízimo.
8 Esta e outras práticas semelhantes da lei de Deus, tinha observado
desde a sua infância.
9 Quando se tornou adulto, desposou uma mulher de sua tribo,
chamada Ana, da qual teve um filho, a quem deu o nome de Tobias.
10 Ensinou-lhe desde a sua mais tenra idade a temer a Deus e a se
abster de todo o pecado.
11 Desse modo, quando chegou com sua mulher e seu filho, como
cativo, no meio de sua tribo, à cidade de Nínive,
12 embora todos os outros comessem dos alimentos dos pagãos,
guardou sua alma pura, e jamais contraiu mancha alguma com seus
alimentos.
13 E porque ele conservava com todo o seu coração a lembrança de
Deus, Deus tornou-o simpático ao rei Salmanasar,
14 que o autorizou a ir aonde quisesse, e a fazer o que quer que lhe
agradasse.
15 Ele ia, pois, visitar todos os deportados e dava-lhes conselhos
salutares.
16 Foi um dia a Ragés, cidade da Média, com dez talentos de prata que
o rei lhe tinha dado.
17 Encontrando entre a multidão dos seus compatriotas um homem de
sua tribo, chamado Gabael, o qual se achava em dificuldades, deu-lhe a
sobredita quantia de prata, mediante um recibo.
18 Passou o tempo; Salmanasar morreu e Senaquerib, seu filho,
sucedeu-lhe no trono. Ora, Senaquerib odiava os israelitas.
19 Tobit ia diariamente visitar toda a sua parentela, consolava-a e

3

distribuía dos seus bens a cada um, segundo as suas posses.
20 Alimentava os famintos, vestia os nus, e, com uma solicitude toda
particular, sepultava os defuntos e os que tinham sido mortos.
21 Quando o rei Senaquerib, fugindo da Judéia ao castigo com que Deus
o ferira por suas blasfêmias, mandou assassinar, na sua ira, um grande
número de israelitas, Tobit sepultou os seus cadáveres.
22 Denunciaram-no ao rei, que o mandou matar e confiscou todos os
seus bens.
23 Tobit, porém, despojado de tudo, fugiu com seu filho e sua mulher e,
como tinha muitos amigos, conseguiu permanecer oculto.
24 Ora, quarenta e cinco dias depois, o rei foi assassinado por seus
filhos,
25 e Tobit voltou para a sua casa; e foram-lhe restituídos todos os seus
bens.

Capítulo 2

1 Algum tempo depois, num dia de festa religiosa, foi preparado um
grande banquete na casa de Tobit.
2 Ele disse então ao seu filho: Vai buscar alguns homens piedosos de
nossa tribo, para comerem conosco.
3 Ele saiu, mas logo voltou, anunciando ao pai que um dos filhos de
Israel jazia degolado na praça. Tobit levantou-se imediatamente da
mesa, sem nada haver comido, e foi aonde estava o cadáver.
4 Tomou-o e levou-o clandestinamente para a sua casa, a fim de
sepultá-lo com cuidado depois do sol posto.
5 Tendo escondido o cadáver, começou a comer com pranto e tremor,
6 lembrando-se do oráculo que o Senhor tinha pronunciado pela boca do
profeta Amós: Vossas festas mudar-se-ão em luto e lamentações (Am
8,10).
7 Quando o sol se pôs, ele foi e o sepultou.
8 Seus vizinhos criticavam-no unanimemente. Já uma vez ordenaram
que te matassem, precisamente por isso, e mal escapaste dessa
sentença de morte, recomeças a enterrar os cadáveres!
9 Mas Tobit temia mais a Deus que ao rei, e continuava a levar para a
sua casa os corpos daqueles que eram assassinados, onde os escondia e
os inumava durante a noite.
10 Ora, aconteceu que um dia, cansado desse trabalho, voltou para a
sua casa e deitou-se junto à parede onde adormeceu.

11 Enquanto dormia, caiu-lhe de um ninho de andorinhas esterco
quente nos olhos, e ele tornou-se cego.
12 Deus permitiu que lhe acontecesse essa prova, para que a sua
paciência, como a do santo homem Jó, servisse de exemplo à

4
posteridade.
13 Como havia sempre temido a Deus, desde a sua infância, e guardado
seus mandamentos, ele não se afligiu (nem murmurou) contra Deus por
ter sido atingido pela cegueira.
14 Mas perseverou firme no temor de Deus, e continuou a dar-lhe
graças em todos os dias de sua vida.
15 Assim como o bem-aventurado Jó foi insultado por outros chefes,
assim seus parentes e amigos escarneciam de seu comportamento:
16 Onde está, diziam eles, essa esperança por cujo amor deste esmolas
e sepultaste os mortos?
17 Porém Tobit repreendia-os, dizendo: Não faleis assim;
18 somos filhos dos santos (patriarcas), e esperamos aquela vida que
Deus há de dar aos que não perdem jamais a sua confiança nele.
19 Ora, Ana, sua mulher, ia todos os dias tecer, e trazia o que ela
ganhava com o trabalho de suas mãos.
20 Foi assim que, tendo trazido para casa um cabrito que recebera
(como gratificação),
21 seu marido ouviu-o balir e disse: Vê que ele não tenha sido roubado;
restitui-o ao seu proprietário, porque não nos é permitido comer, e nem
mesmo tocar, o que foi roubado.
22 Ao que lhe respondeu sua mulher com indignação: Tua esperança é
manifestamente vã; agora tuas esmolas mostram bem o que valem!
Com estas e outras palavras semelhantes ela censurava-o duramente.
Capítulo 3
1 Tobit, então, suspirando em meio de suas lágrimas, pôs-se a orar:
2 Vós sois justo, Senhor! Vossos juízos são cheios de eqüidade, e vossa
conduta é toda misericórdia, verdade e justiça.
3 Lembrai-vos, pois, de mim, Senhor! Não me castigueis por meus
pecados e não guardeis a memória de minhas ofensas, nem das de
meus antepassados.
4 Se fomos entregues à pilhagem, ao cativeiro e à morte, e se nos
temos tornado objeto de mofa e de riso para os pagãos entre os quais
nos dispersastes, é porque não obedecemos às vossas leis.
5 Agora os vossos castigos são grandes, porque não procedemos
segundo os vossos preceitos e não temos sido leais para convosco.
6 Tratai-me, pois, ó Senhor, como vos aprouver; mas recebei a minha
alma em paz, porque me é melhor morrer que viver.
7 Aconteceu que, precisamente naquele dia, Sara, filha de Raguel, em
Ecbátana na Média, teve também de suportar os ultrajes de uma serva
de seu pai.
8 Ela tinha sido dada sucessivamente a sete maridos. Mas logo que eles

5
forma:
alegria.
se aproximavam dela, um demônio chamado Asmodeu os matava.
9 Tendo Sara repreendido a jovem criada por alguma falta, esta
respondeu-lhe: Não vejamos jamais filho nem filha nascidos de ti sobre
a terra! Foste tu que assassinaste os teus maridos.
10 Queres porventura matar-me, como mataste todos os sete? Ouvindo
isso, Sara subiu ao seu quarto e aí ficou três dias completos, sem comer
nem beber.
11 E, orando com fervor, ela suplicava a Deus, chorando, que a livrasse
dessa humilhação.
12 Ao terceiro dia, acabou sua oração, bendizendo o Senhor desta
13 Deus de nossos pais, que vosso nome seja bendito. Vós, que depois
de vos irardes, usais de misericórdia, e no meio da tribulação perdoais
os pecados aos que vos invocam.
14 Volto-me para vós, ó Senhor; para vós levanto os meus olhos.
15 Rogo-vos, Senhor, que me livreis dos laços deste opróbrio, ou então
que me tireis de sobre a terra!
16 Vós sabeis que eu nunca desejei homem algum, e que guardei minha
alma pura de todo o mau desejo.
17 Nunca freqüentei lugares de prazer nem tive comércio com pessoas
levianas.
18 E se consenti em casar-me, foi por vosso temor e não por paixão.
19 Foi, sem dúvida, porque eu não era digna deles; ou talvez não eram
eles dignos de mim; ou então me destinastes a outro homem.
20 Não está nas mãos do homem penetrar os vossos desígnios.
21 Mas todo aquele que vos honra tem a certeza de que sua vida, se for
provada, será coroada; que depois da tribulação haverá a libertação, e
que, se houver castigo, haverá também acesso à vossa misericórdia.
22 Porque vós não vos comprazeis em nossa perda: após a tempestade,

mandais a bonança; depois das lágrimas e dos gemidos, derramais a
23 Ó Deus de Israel, que o vosso nome seja eternamente bendito!
24 Estas duas orações foram ouvidas ao mesmo tempo, diante da glória
do Deus Altíssimo;
25 e um santo anjo do Senhor, Rafael, foi enviado para curar Tobit e
Sara, cujas preces tinham sido simultaneamente dirigidas ao Senhor.
Capítulo 4
1 Tobit, julgando que sua prece tinha sido atendida e que ia morrer,
chamou junto de si o seu filho
2 e disse-lhe: Ouve, meu filho, as palavras que te vou dizer, e faze que
elas sejam em teu coração um sólido fundamento.

6
3 Quando Deus tiver recebido a minha alma, darás sepultura ao meu
corpo. Honrarás tua mãe todos os dias de tua vida,
4 porque te deves lembrar de quantos perigos ela passou por tua causa
(quando te trazia em seu seio).
5 Quando ela, por sua vez, tiver cessado de viver, tu a enterrarás junto
de mim.
6 Quanto a ti, conserva sempre em teu coração o pensamento de Deus;
guarda-te de consentir jamais no pecado, e de negligenciar os preceitos
do Senhor, nosso Deus.
7 Dá esmola dos teus bens, e não te desvies de nenhum pobre, pois,
assim fazendo, Deus tampouco se desviará de ti.
8 Sê misericordioso segundo as tuas posses.
9 Se tiveres muito, dá abundantemente; se tiveres pouco, dá desse
pouco de bom coração.
10 Assim acumularás uma boa recompensa para o dia da necessidade:
11 porque a esmola livra do pecado e da morte, e preserva a alma de
cair nas trevas.
12 A esmola será para todos os que a praticam um motivo de grande
confiança diante do Deus Altíssimo.
13 Guarda-te, meu filho, de toda a fornicação: fora de tua mulher, não
te autorizes jamais um comércio criminoso.
14 Nunca permitas que o orgulho domine o teu espírito ou tuas
palavras, porque ele é a origem de todo o mal.
15 A todo o que fizer para ti um trabalho, paga o seu salário na mesma
hora: que a paga de teu operário não fique um instante em teu poder.
16 Guarda-te de jamais fazer a outrem o que não quererias que te fosse
feito.
17 Come o teu pão em companhia dos pobres e dos indigentes; cobre
com as tuas próprias vestes os que estiverem desprovidos delas.
18 Põe o teu pão e o teu vinho sobre a sepultura do justo; mas não o
comas, nem o bebas em companhia dos pecadores.
19 Busca sempre conselho junto ao sábio.
20 Bendize a Deus em todo o tempo, e pede-lhe que dirija os teus
passos, de modo que os teus planos estejam sempre de acordo com a
sua vontade.
21 Faço-te saber também, meu filho, que quando eras ainda pequenino,
emprestei a Gabael de Ragés, cidade da Média, uma soma de dez
talentos de prata, cujo recibo tenho guardado comigo.
22 Procura, pois, um meio de ir até lá para receber o sobredito peso de
prata, restituindo-lhe o recibo.
23 Procura viver sem cuidados, meu filho. Levamos, é certo, uma vida
pobre, mas se temermos a Deus, se evitarmos todo o pecado e
vivermos honestamente, grande será a nossa riqueza.

7
Capítulo 5
1 Então Tobias respondeu a seu pai: Tudo o que me ordenaste, eu o
farei, meu pai.
2 Mas estou realmente sem saber como ir buscar esse dinheiro. Gabael
não me conhece, e eu tampouco o conheço; que sinal lhe hei de dar?
Não conheço nem mesmo o caminho por onde ir a essa terra.
3 Seu pai disse-lhe: Tenho comigo o seu recibo; bastará que lho
mostres, para que ele te devolva imediatamente o dinheiro.
4 Vai procurar um homem de confiança que te possa acompanhar,
mediante uma retribuição. É preciso que recebas esse dinheiro enquanto
ainda estou vivo.
5 Apenas saíra, Tobias encontrou um jovem de belo aspecto, equipado
como para uma viagem.
6 Sem saber que se tratava de um anjo de Deus, ele o saudou e disselhe:
De onde és tu, ó bom jovem?
7 Ele respondeu: Sou israelita. Tobias perguntou-lhe: Conheces
porventura o caminho para a Média?
8 Oh, muito!, respondeu ele. Tenho percorrido freqüentemente esse
caminho. Hospedei-me em casa de Gabael, nosso compatriota que
habita em Ragés, na Média, cidade que está situada na montanha de
Ecbátana.
9 Tobias disse-lhe: Rogo-te que esperes por mim, enquanto vou
anunciar isto a meu pai.
10 Tendo Tobias entrado e contado o sucedido ao seu pai, este ficou
muito admirado e pediu que fizesse entrar o jovem.
11 Ele entrou e saudou a Tobit: A felicidade esteja contigo para sempre!

12 Ao que Tobit respondeu: Que felicidade posso eu ter ainda? Estou
nas trevas, sem poder ver a luz do céu.
13 O jovem replicou-lhe: Tem ânimo, porque é fácil a Deus curar-te!
14 Tobit disse-lhe: É verdade que poderás conduzir meu filho à casa de
Gabael, em Ragés, na Média? Quando voltares, eu te retribuirei por isso.
15 Então o anjo disse-lhe: Eu o levarei até lá e to reconduzirei.
16 Tobit então perguntou-lhe: Rogo-te que me digas de que família e de
que tribo és tu?
17 O anjo respondeu: Que é que procuras: a raça do servo, ou o próprio
servo para acompanhar teu filho?
18 Mas, para tranqüilizar-te: eu sou Azarias, filho do grande Ananias.
19 És de família distinta, respondeu Tobit. Rogo-te que não me queiras
mal por ter querido conhecer tua origem.
20 O anjo então disse: Conduzirei o teu filho são e salvo, e to trarei de
novo são e salvo.
21 Tobit respondeu: Boa viagem! Que Deus esteja em vosso caminho, e

8
nosso filho.
que o seu anjo vos acompanhe.
22 Fizeram em seguida suas bagagens, Tobias despediu-se de seu pai e
de sua mãe e os dois viajantes partiram.
23 Depois que partiram, sua mãe pôs-se a chorar: Tiraste-nos, disse
ela, o bordão de nossa velhice, e o apartaste de nós.
24 Prouvera a Deus que nunca tivesse havido esse dinheiro pelo qual o enviaste.
25 O pouco que temos nos bastava; a nossa riqueza era a vista de
26 Tobit respondeu-lhe: Não chores; nosso filho chegará são e salvo, e
voltará também são e salvo para a nossa companhia; tu o verás com os
teus olhos.
27 Estou certo de que um bom anjo de Deus o acompanhará e disporá solicitamente tudo o que lhe diz respeito, de modo que ele tenha a
alegria de voltar para nós.
28 Ouvindo isso, sua mãe cessou de chorar e calou-se.
Capítulo 6
1 Tobias partiu, pois, seguido de seu cão, e deteve-se na primeira
parada à beira do rio Tigre.
2 Descendo ao rio para lavar os pés, eis que um enorme peixe se lançou
sobre ele para devorá-lo.
3 Aterrorizado, Tobias gritou, dizendo: Senhor, ele lança-se sobre mim.
4 O anjo disse-lhe: Pega-o pelas guelras e puxa-o para ti. Tobias assim
o fez. Arrastou o peixe para a terra, o qual se pôs a saltar aos seus pés.
5 O anjo então disse-lhe: Abre-o, e guarda o coração, o fel e o fígado,
que servirão para remédios muito eficazes. Ele assim o fez.
6 A seguir ele assou uma parte da carne do peixe, que levaram consigo
pelo caminho. Salgaram o resto, para que lhes bastasse até chegarem a
Ragés, na Média.
7 Entretanto, Tobias interrogou o anjo: Azarias, meu irmão, peço-te que
me digas qual é a virtude curativa dessas partes do peixe que me
mandaste guardar.
8 O anjo respondeu-lhe: Se puseres um pedaço do coração sobre
brasas, a sua fumaça expulsará toda espécie de mau espírito, tanto do
homem como da mulher, e impedirá que ele volte de novo a eles.
9 Quanto ao fel, pode-se fazer com ele um ungüento para os olhos que
têm uma belida, porque ele tem a propriedade de curar.
10 Em seguida Tobias disse-lhe: Onde queres que pousemos?
11 Há aqui, respondeu o anjo, um homem de tua tribo e de tua família,
chamado Raguel, que tem uma filha chamada Sara; além dela não tem
mais filha.

9
12 Todos os seus bens te devem pertencer: mas é preciso que a recebas
por mulher.
13 Pede-a, pois, ao seu pai, e ele ta dará por mulher.
14 Tobias replicou: Ouvi dizer que ela já teve sete maridos, e que todos
morreram. Diz-se mesmo que foi um demônio que os matou,
15 por isso eu temo que o mesmo venha a me acontecer, a mim que
sou filho único, e desse modo faça descer lamentavelmente a velhice de
meus pais à habitação dos mortos.
16 O anjo respondeu-lhe: Ouve-me, e eu te mostrarei sobre quem o
demônio tem poder:
17 são os que se casam, banindo Deus de seu coração e de seu
pensamento, e se entregam à sua paixão como o cavalo e o burro, que
não têm entendimento: sobre estes o demônio tem poder.
18 Tu, porém, quando te casares e entrares na câmara nupcial, viverás
com ela em castidade durante três dias, e não vos ocupareis de outra
coisa senão de orar juntos.
19 Na primeira noite, queimarás o fígado do peixe, e será posto em fuga
o demônio.
20 Na segunda noite, serás admitido na sociedade dos santos
patriarcas.
21 Na terceira noite, receberás a bênção que vos dará filhos cheios de saúde.
22 Passada esta terceira noite, aproximar-te-ás da jovem no temor ao

Senhor, mais com o desejo de ter filhos que o ímpeto da paixão.
Obterás assim para os teus filhos a bênção prometida à raça de Abraão.
Capítulo 7
1 Chegaram, pois à casa de Raguel, que os recebeu cordialmente.
2 Vendo Tobias, Raguel disse a Edna, sua mulher: Como este jovem é
parecido com meu primo.
3 Dito isto, perguntou De onde viestes, ó jovens? Eles responderam:
Somos da tribo de Neftali, dos deportados de Nínive.
4 Raguel prosseguiu: Conheceis porventura o meu primo Tobit?
Certamente, responderam.
5 E como Raguel começasse a elogiar Tobit, o anjo disse-lhe: Esse Tobit
de que falas é o pai deste jovem
6 Raguel lançou-se então ao pescoço de Tobias, beijou-o com lágrimas,
e disse:
7 Abençoado sejas, meu filho, porque és filho de um homem de bem!
8 Edna, sua mulher, e Sara, sua filha, tinham também os olhos cheios
de lágrimas.
9 Depois que conversaram, Raguel mandou matar um carneiro para

10
la.
preparar um jantar. E quando lhes rogava que tomassem lugar à mesa,
10 Tobias disse-lhe: Não comerei nem beberei aqui hoje, antes que me
tenhas prometido conceder o que te vou pedir: dá-me Sara, tua filha,
(por mulher).
11 Estas palavras encheram Raguel de espanto, pensando no que tinha
acontecido aos sete maridos que se tinham aproximado dela, e começou
a temer que tal desgraça se repetisse mais uma vez. E como ele
hesitasse em dar uma resposta a Tobias,
12 o anjo disse-lhe: Não temas dar-lhe tua filha, porque é deste piedoso
servo de Deus que ela deve ser mulher. Por isso nenhum outro pôde tê13
Então Raguel disse: Não tenho mais dúvidas de que Deus admitiu em
sua presença minhas lágrimas.
14 Estou persuadido de que ele vos fez vir à minha casa unicamente
para que minha filha desposasse um seu parente, segundo a lei de
Moisés. Não temas: eu ta hei de dar.
15 E, tomando a mão direita de sua filha, pô-la na de Tobias, dizendo:
Que o Deus de Abraão, o Deus de lsaac, o Deus de Jacó esteja
convosco; que ele vos una e derrame sobre vós a sua bênção.
16 Tomou em seguida o papel, e redigiram o ato do matrimônio.
17 E celebraram alegremente uma festa, agradecendo a Deus.
18 Raguel chamou então sua mulher e mandou-lhe que preparasse
outro aposento.
19 Ela introduziu ali Sara, sua filha, e esta se pôs a chorar.
20 Mas ela disse-lhe: O Senhor do céu te encha de alegria pelos males
que tens sofrido.
Capítulo 8
1 Depois do jantar, introduziram o jovem no aposento de Sara.
2 E Tobias, fiel às indicações do anjo, tirou do seu alforje uma parte do
fígado e o pôs sobre brasas acesas.
3 Nesse momento, o anjo Rafael tomou o demônio e prendeu-o no
deserto do Alto Egito.
4 Então Tobias encorajou a jovem com estas palavras: Levanta-te, Sara,
e roguemos a Deus, hoje, amanhã e depois de amanhã. Estaremos
unidos a Deus durante essas três noites. Depois da terceira noite
consumaremos nossa união;
5 porque somos filhos dos santos (patriarcas), e não nos devemos casar
como os pagãos que não conhecem a Deus.
6 Levantaram-se, pois, ambos, e oraram juntos fervorosamente para
que lhes fosse conservada a vida.
7 Tobias disse: Senhor Deus de nossos pais, bendigam-vos os céus, a

11
terra, o mar, as fontes e os rios, com todas as criaturas que neles
existem.
8 Vós fizestes Adão do limo da terra, e destes-lhe Eva por companheira.
9 Ora, vós sabeis, ó Senhor, que não é para satisfazer a minha paixão
que recebo a minha prima como esposa, mas unicamente com o desejo
de suscitar uma posteridade, pela qual o vosso nome seja eternamente
bendito.
10 E Sara acrescentou: Tende piedade de nós, Senhor; tende piedade
de nós, e fazei que cheguemos juntos a uma ditosa velhice!
11 Ora, ao cantar do galo, Raguel chamou os seus criados e foram
juntos cavar uma sepultura.
12 Quem sabe, dizia ele, se não aconteceu a esse o mesmo que aos
outros sete homens que se aproximaram dela?
13 Cavada a fossa, voltou para junto de sua mulher e disse:
14 Manda uma de tuas escravas ver se ele morreu, a fim de que eu
possa enterrá-lo antes de clarear o dia.
15 Ela o fez. E a serva, tendo entrado no aposento, encontrou-os bem
vivos, dormindo juntos.
16 Ela voltou e deu essa boa nova; e Raguel com sua mulher louvaram
o Senhor, dizendo:

17 Nós vos bendizemos, Senhor Deus de Israel, porque não se realizou o que temíamos.
18 Usastes conosco de vossa misericórdia, expulsando para longe de nós o inimigo que nos perseguia,
19 e tivestes piedade de dois filhos únicos. Fazei, ó Senhor, que eles vos bendigam sempre mais, e vos ofereçam um sacrifício de louvor pela sua conservação, a fim de que todas as nações pagãs conheçam que vós sois o único Deus de toda a terra.
20 Raguel ordenou imediatamente aos seus criados que enchessem de novo, antes que clareasse o dia, a cova que haviam feito.
21 Disse à sua mulher que aprontasse um banquete e preparasse todos os víveres necessários aos viajantes.
22 Mandou também matar duas vacas gordas e quatro carneiros, destinados a um festim para todos os seus vizinhos e amigos.
23 E instou com Tobias que ficasse com ele duas semanas.
24 Presenteou Tobias com a metade de seus bens, e redigiu um documento estipulando que a outra metade se tornaria também, depois de sua morte, propriedade de Tobias.

Capítulo 9

1 Tobias chamou então a si o anjo, que ele julgava ser um homem, e disse-lhe: Azarias, meu irmão, peço-te que me ouças.

12 e a quarta gerações!
2 Ainda que eu me fizesse teu escravo, não seria isso uma retribuição digna por teus cuidados.
3 Não obstante, vou pedir-te ainda que tomes contigo cavalos e servos e vás à casa de Gabael, em Ragés, na Média. Devolve-lhe o seu recibo e recebe o dinheiro. Convida-o também para o meu casamento.
4 Bem sabes que meu pai conta os dias; se eu tardar um dia mais, ele sofrerá com isso.
5 Vês, por outro lado, como Raguel insistiu em que eu me demorasse aqui, e não lho posso recusar.
6 Rafael tomou então quatro servos de Raguel, e dois camelos, e partiu para Ragés, na Média. Encontrando Gabael, entregou-lhe o recibo e recebeu dele todo o dinheiro.
7 Contou-lhe toda a aventura de Tobias e fê-lo vir consigo às núpcias.
8 Tobias estava à mesa, quando Gabael entrou na casa de Raguel. Lançaram-se nos braços um do outro, e Gabael louvava a Deus com lágrimas (de alegria).
9 Que o Deus de Israel te abençoe, disse ele, porque és filho de um homem de bem, justo, piedoso e esmoler.
10 Abençoe também a tua mulher e os vossos pais;
11 possais ver os vossos filhos e os filhos de vossos filhos, até a terceira
12 Bendita seja a vossa raça pelo Deus de Israel que reina em toda a eternidade! Amém, responderam eles. E todos se puseram à mesa. E foi no temor do Senhor que celebraram o festim das núpcias.

Capítulo 10

1 O casamento de Tobias tinha retardado a sua volta. Seu pai, muito inquieto, dizia: Por que será que meu filho tarda tanto? Por que se demora lá?
2 Teria Gabael porventura falecido, de sorte que não haveria ninguém para restituir o dinheiro?
3 Ele entristeceu-se extremamente com isso, assim como Ana, sua mulher, e ambos se puseram a chorar, porque seu filho não voltava no tempo previsto.
4 Sua mãe, principalmente, derramava lágrimas inesgotáveis, e dizia: Ai, ai, meu filho! Por que te mandamos lá? Tu que eras a luz de nossos olhos, o bordão de nossa velhice, a consolação de nossa vida e a esperança de nossa raça!
5 Nós, que em ti só tínhamos tudo, não te devíamos ter deixado ir para longe de nós.
6 Tobit dizia-lhe: Cala-te, não te aflijas! Nosso filho está passando bem; aquele homem com quem nós o mandamos é um homem de confiança.

13
7 Mas ela continuava inconsolável: todos os dias ela saía para fora, olhava para todos os lados, e corria por todos os caminhos, por onde poderia voltar o filho, a fim de vê-lo ao longe, se fosse possível.
8 Entretanto, Raguel dizia ao seu genro: Fica aqui, mandarei notícias a Tobit, teu pai, a respeito de tua saúde.
9 Mas Tobias disse-lhe: Sei que meu pai e minha mãe contam os dias e que se acham em grande tormento.
10 Raguel insistiu ainda, apresentando muitas razões, mas Tobias não quis ouvi-lo. Então entregou-lhe Sara com a metade de seus bens em servos, servas, rebanhos, camelos, vacas, e em grande soma de dinheiro. Despediu-o cheio de saúde e alegria,
11 dizendo-lhe: Que o santo anjo do Senhor vos acompanhe pelo caminho, e vos conduza sãos e salvos. Faço votos de que encontreis tudo em ordem em casa de vossos pais, e que eu possa ver os vossos filhos antes de morrer!
12 Os pais beijaram sua filha e deixaram-na partir,

13 recomendando-lhe que honrasse seus sogros, amasse o seu marido,
educasse bem a sua família e governasse a sua casa, conservando-se
ela mesma irrepreensível.
Capítulo 11
1 De regresso, chegaram no décimo primeiro dia de viagem a Caserim,
que está a meio caminho na direção de Nínive.
2 O anjo disse então: Tobias, meu irmão, tu sabes em que estado
deixaste o teu pai.
3 Se for do teu agrado, poderíamos tomar a dianteira, deixando a tua
mulher, os servos e os rebanhos seguirem devagar pelo caminho.
4 Tendo Tobias concordado com esse parecer, Rafael disse-lhe: Leva
contigo o fel do peixe, porque vais precisar dele. Tomou, pois, Tobias o
fel e partiram.
5 Entretanto, Ana ia todos os dias assentar-se perto do caminho, no
cimo de uma colina, de onde podia ver ao longe.
6 Ela espreitava ali a volta de seu filho, quando o viu de longe que
voltava e o reconheceu. Correu ao seu marido e disse-lhe: Eis que aí
vem o teu filho!
7 Ora, Rafael tinha dito a Tobias: Logo que entrares em tua casa,
adorarás o Senhor teu Deus e dar-lhe-ás graças. Irás em seguida beijar
teu pai,
8 e pôr-lhe-ás imediatamente nos olhos o fel do peixe que tens contigo.
Sabe que seus olhos se abrirão instantaneamente e que teu pai verá a
luz do céu. E, vendo-te, ficará cheio de alegria.
9 O cão, que os tinha acompanhado durante a viagem, correu então

começaram a chorar de alegria.
convosco.
adiante como um mensageiro, e mostrava o seu contentamento fazendo
festas e abanando a cauda.
10 O pai cego levantou-se e pôs-se a correr, tropeçando. Dando então a
mão a um criado, foi ao encontro de seu filho.
11 Abraçou-o e beijou-o, fazendo o mesmo sua mulher, e ambos
12 Só se assentaram depois de terem adorado e agradecido a Deus.
13 Tobias tomou então o fel do peixe e pô-lo nos olhos de seu pai.
14 Depois de ter esperado cerca de meia hora, começou a sair-lhe dos
olhos uma belida branca como a membrana de um ovo.
15 Tobias tomou-a e a arrancou dos olhos de seu pai, o qual recobrou
instantaneamente a vista.
16 E louvaram a Deus, ele, sua mulher e todos os que o conheciam.
17 Bendigo-vos, Senhor Deus de Israel, dizia ele, porque depois de me
terdes provado, me salvastes: eis que vejo o meu filho Tobias!
18 Sete dias depois, chegou também Sara, mulher de seu filho, com
todos os seus servos, em boa saúde, com os rebanhos, os camelos, o
grande dote da esposa, e mais o dinheiro recebido de Gabael.
19 Tobias contou a seus pais todos os benefícios que Deus lhe tinha
feito por intermédio de seu guia.
20 Chegaram também Aquior e Nabat, primos de Tobit, felizes de
poderem congratular-se com ele pelos benefícios que Deus lhe tinha
prodigalizado.
21 Durante sete dias houve festa e grande regozijo.
Capítulo 12
1 Então Tobit chamou seu filho e disse-lhe: Que havemos nós de dar a
esse santo homem que te acompanhou?
2 Meu pai, respondeu ele, que gratificação lhe havemos de dar? Que
presente poderá igualar os seus benefícios?
3 Ele levou-me e trouxe-me em boa saúde; foi receber o dinheiro de
Gabael; fez-me ter uma mulher e afugentou dela o demônio; encheu de
alegria os seus pais; livrou-me de ser devorado pelo peixe, e fez-te
rever a luz do céu; enfim, ele cumulou-nos de toda a sorte de
benefícios. Que presente poderia igualar a tudo isso?
4 Rogo-te, meu pai, que lhe peças se digne aceitar a metade de tudo o
que trouxemos.
5 Chamaram-no, pois, o pai e o filho, e, tomando-o à parte, rogaramlhe
que aceitasse a metade de tudo o que tinham trazido.
6 Então ele falou-lhes discretamente: Bendizei o Deus do céu, e dai-lhe
glória diante de todo o ser vivente, porque ele usou de misericórdia para

7 Se é bom conservar escondido o segredo do rei, é coisa louvável
revelar e publicar as obras de Deus.
8 Boa coisa é a oração acompanhada de jejum, e a esmola é preferível
aos tesouros de ouro escondidos,
9 porque a esmola livra da morte: ela apaga os pecados e faz encontrar
a misericórdia e a vida eterna;
10 aqueles, porém, que praticam a injustiça e o pecado são os seus
próprios inimigos.
11 Vou descobrir-vos a verdade, sem nada vos ocultar.
12 Quando tu oravas com lágrimas e enterravas os mortos, quando
deixavas a tua refeição e ias ocultar os mortos em tua casa durante o

dia, para sepultá-los quando viesse a noite, eu apresentava as tuas
orações ao Senhor.
13 Mas porque eras agradável ao Senhor, foi preciso que a tentação te
provasse.
14 Agora o Senhor enviou-me para curar-te e livrar do demônio Sara,
mulher de teu filho.
15 Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que assistimos na presença do
Senhor.
16 Ao ouvir estas palavras, eles ficaram fora de si, e, tremendo,
prostraram-se com o rosto por terra.
17 Mas o anjo disse-lhes: A paz seja convosco: não temais.
18 Quando eu estava convosco, eu o estava por vontade de Deus:
rendei-lhe graças, pois, com cânticos de louvor.
19 Parecia-vos que eu comia e bebia convosco, mas o meu alimento é
um manjar invisível, e minha bebida não pode ser vista pelos homens.
20 É chegado o tempo de voltar para aquele que me enviou: vós,
porém, bendizei a Deus e publicai todas as suas maravilhas.
21 Acabando de dizer estas palavras, desapareceu diante deles, e eles
não viram mais nada.
22 Durante três horas permaneceram prostrados por terra, bendizendo
a Deus. Depois levantaram-se e publicaram todas essas maravilhas.
Capítulo 13
1 Tobit tomou, então, a palavra e, num transporte de alegria, escreveu
esta prece: Sois grande, Senhor, na eternidade, vosso reino estende-se
a todos os séculos.
2 Porque vós provais e, em seguida, salvais. Conduzis a profundos
abismos e deles tirais; e não há quem possa escapar à vossa mão.
3 Celebrai o Senhor, filhos de Israel. Louvai-o em presença das nações.
4 Porque, se ele vos dispersou entre povos que o não conhecem, foi
para que publiqueis as suas maravilhas e lhes façais reconhecer que não

16
há outro Deus onipotente senão ele.
5 Castigou-nos por causa das nossas iniqüidades, mas nos salvará por
sua misericórdia.
6 Considerai, agora, o que fez por nós, e bendizei-o com temor e
tremor; por vosso comportamento, glorificai o rei dos séculos.
7 Quanto a mim, louvá-lo-ei na terra do meu cativeiro, porque
manifestou sua majestade sobre um povo criminoso.
8 Convertei-vos, pecadores, e praticai a justiça diante de Deus, na
confiança que vos fará misericórdia.
9 Nele me alegrarei de todo o coração.
10 Dai graças ao Senhor, vós todos, seus eleitos; celebrai dias de
alegria e rendei-lhe louvores.
11 Jerusalém, cidade santa! Deus te castigou por teu mau procedimento.
12 Confessa a Deus como convém e louva o rei dos séculos, para que
ele reedifique o teu santuário.
Reúna em ti os que foram deportados, e
possas alegrar-te sem fim!
13 Hás de refulgir qual esplêndida luz, e todos os povos da terra te
venerarão.
14 Nações de longe virão a ti, com presentes, adorar o Senhor em teus
muros, e considerarão o teu solo como um santuário.
15 Porque em teu recinto invocarão o grande nome.
16 Maldito seja quem te desprezar; desonrado, quem te caluniar;
bendito seja quem te reconstruir!
17 Alegrar-te-ás nos teus filhos, porque serão todos abençoados, e se
reunirão junto do Senhor.
18 Ditosos todos os que te amam: na tua paz encontrarão sua alegria.
19 Ó minha alma, bendize ao Senhor, porque o Senhor, nosso Deus,
livrou Jerusalém de todas as suas tribulações.
20 Feliz serei, se ficar um homem de minha raça para ver o esplendor
de Jerusalém:
21 suas portas serão reconstruídas com safiras e esmeraldas, seus
muros serão inteiramente de pedras preciosas,
22 Suas praças serão pavimentadas de mosaicos e rubis, e em suas
ruas cantarão: Aleluia!
23 Bendito seja Deus que te restituiu tal esplendor! Que ele reine sobre
ti eternamente!
Capítulo 14
1 Tal foi o cântico de Tobit. Depois que recobrou a vista, viveu (ainda)
Tobit quarenta e dois anos, e viu os filhos de seus netos.
2 (Morreu) com a idade de cento e dois anos, e foi sepultado com muita

17
voltarão para ela.
honra em Nínive.
3 Aos cinqüenta e seis anos tornou-se cego, e recobrou a vista aos
sessenta.
4 Todo o resto de sua vida se passou na alegria; e a paz de que gozou
foi em proporção aos seus progressos no temor a Deus.
5 Quando veio a hora de sua morte, chamou à sua presença o seu filho
Tobias, com os sete filhos deste e disse-lhes:
6 Está próxima a ruína de Nínive, porque a palavra de Deus não falha;
os nossos irmãos, que foram dispersos para longe da pátria de Israel,
7 Todo o seu país deserto será repovoado, e a casa de Deus, que ali foi

queimada, será reconstruída. Todos os homens que temem a Deus
voltarão novamente para ela
8 e as nações pagãs abandonarão os seus ídolos e virão habitar em Jerusalém,
9 e todos os reis da terra se alegrarão de apresentar suas homenagens
ao rei de Israel.
10 Ouvi, pois, o vosso pai, meus filhos. Servi fielmente o Senhor e
procurai fazer o que lhe é agradável.
11 Recomendai aos vossos filhos que pratiquem a justiça, sejam
caridosos e esmoleres, que se lembrem de Deus e o bendigam em todo
o tempo, fielmente, e com todas as suas forças.
12 E agora, meus filhos, ouvi-me: não fiqueis aqui; mas, no dia em que
tiverdes enterrado vossa mãe junto de mim no mesmo túmulo, pondevos
logo a caminho para deixar estes lugares;
13 porque eu vejo que a iniqüidade desta cidade será a causa de sua
queda.
14 Depois da morte de sua mãe, Tobias partiu de Nínive com sua
mulher, seus filhos e seus netos, e voltou para a casa de seus sogros.
15 Encontrou-os em perfeita saúde, numa ditosa velhice. Teve para com
eles todas as atenções, e fechou-lhes os olhos. Tomou posse de toda a
herança da casa de Raguel, e viu os filhos de seus filhos até a quinta
geração.
16 Morreu com alegria, tendo vivido noventa e nove anos no temor ao
Senhor, e seus filhos sepultaram-no.
17 Toda a sua parentela e toda a sua descendência perseveraram numa
vida íntegra e santo procedimento, de modo que foram amados tanto
por Deus como pelos homens e por todos os seus compatriotas.

...

2
alegria.
Capítulo 1
1 Toda a sabedoria vem do Senhor Deus, ela sempre esteve com ele.
Ela existe antes de todos os séculos.
2 Quem pode contar os grãos de areia do mar, as gotas de chuva, os
dias do tempo? Quem pode medir a altura do céu, a extensão da terra,
a profundidade do abismo?
3 Quem pode penetrar a sabedoria divina, anterior a tudo?
4 A sabedoria foi criada antes de todas as coisas, a inteligência prudente
existe antes dos séculos!
5 O verbo de Deus nos céus é fonte de sabedoria, seus caminhos são os
mandamentos eternos.
6 A quem foi revelada a raiz da sabedoria? Quem pode discernir os seus
artifícios?
7 A quem foi mostrada e revelada a ciência da sabedoria? Quem pode
compreender a multiplicidade de seus caminhos?
8 Somente o Altíssimo, criador onipotente, rei poderoso e infinitamente
temível, Deus dominador, sentado no seu trono;
9 foi ele quem a criou no Espírito Santo, quem a viu, numerada e
medida;
10 ele a espargiu em todas as suas obras, sobre toda a carne, à medida
que a repartiu, e deu-a àqueles que a amavam.
11 O temor do Senhor é uma glória, um motivo de glória, uma fonte de
alegria, uma coroa de regozijo.
12 O temor do Senhor alegra o coração. Ele nos dá alegria, regozijo e
longa vida.
13 Quem teme o Senhor sentir-se-á bem no instante derradeiro, no dia
da morte será abençoado.
14 O amor de Deus é uma sabedoria digna de ser honrada.
15 Aqueles a quem ela se mostra, amam-na logo que a vêem, logo que
reconhecem os prodígios que realiza.
16 O temor do Senhor é o início da sabedoria. Ela foi criada com os
homens fiéis no seio de sua mãe, ela caminha com as mulheres de
escol, vemo-la na companhia dos justos e dos fiéis.
17 O temor ao Senhor é a religião da ciência.
18 Essa religião guarda e santifica o coração; ela lhe traz satisfação e
19 Aquele que teme ao Senhor achar-se-á confortado, no dia da morte
será abençoado.
20 O temor ao Senhor é a plenitude da sabedoria, a plenitude de seus
frutos, (para aquele que a possui)
21 ela enche toda a sua casa com os bens que produz, e seus celeiros
com seus tesouros.

3
agradável
22 O temor do Senhor é a coroa da sabedoria: dá uma plenitude de paz
e de frutos de salvação.
23 Ele a viu e numerou-a; ora, um e outra são um dom de Deus.
24 A sabedoria distribui a ciência e a prudente inteligência; eleva à
glória aqueles que a possuem.
25 O temor do Senhor é a raiz da sabedoria, seus ramos são de longa
duração.
26 A inteligência e a religião da ciência se acham nos tesouros da
sabedoria, mas a sabedoria é abominada pelos pecadores.
27 O temor ao Senhor expulsa o pecado,
28 pois aquele que não tem esse temor não poderá tornar-se justo. A
violência de sua paixão causará sua ruína.
29 O homem paciente esperará até um determinado tempo, após o qual
a alegria lhe será restituída.
30 O homem de bom senso guarda suas palavras; muitos falarão, em
voz alta, de sua prudência.
31 O sentido da instrução está encerrado nos celeiros da sabedoria.
32 Mas o culto de Deus é abominado pelo pecador.
33 Meu filho, tu que desejas ardentemente a sabedoria, sê justo e Deus
ta concederá.
34 Pois o temor do Senhor é sabedoria e instrução, e o que lhe é
35 é fidelidade e doçura; ele encherá os celeiros daqueles (que as
possuem).
36 Não sejas rebelde ao temor do Senhor, não vás a ele com um
coração fingido.
37 Não sejas hipócrita diante dos homens, e que teus lábios não sejam
motivo de queda.
38 Vela sobre eles para que não caias, e não atraias sobre tua alma a
desonra;
39 e para que Deus, revelando teus segredos, não te destrua no meio
da assembléia,
40 por te teres aproximado do Senhor sorrateiramente, com o coração
cheio de astúcia e engano.
Capítulo 2
1 Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, permanece firme na
justiça e no temor, e prepara a tua alma para a provação;
2 humilha teu coração, espera com paciência, dá ouvidos e acolhe as
palavras de sabedoria; não te perturbes no tempo da infelicidade,
3 sofre as demoras de Deus; dedica-te a Deus, espera com paciência, a
fim de que no derradeiro momento tua vida se enriqueça.

4

4 Aceita tudo o que te acontecer. Na dor, permanece firme; na
humilhação, tem paciência.
5 Pois é pelo fogo que se experimentam o ouro e a prata, e os homens
agradáveis a Deus, pelo cadinho da humilhação.
6 Põe tua confiança em Deus e ele te salvará; orienta bem o teu
caminho e espera nele. Conserva o temor dele até na velhice.
7 Vós, que temeis o Senhor, esperai em sua misericórdia, não vos
afasteis dele, para que não caiais;
8 vós, que temeis o Senhor, tende confiança nele, a fim de que não se
desvaneça vossa recompensa.
9 Vós, que temeis o Senhor, esperai nele; sua misericórdia vos será
fonte de alegria.
10 Vós, que temeis o Senhor, amai-o, e vossos corações se encherão de
luz.
11 Considerai, meus filhos, as gerações humanas: sabei que nenhum
daqueles que confiavam no Senhor foi confundido.
12 Pois quem foi abandonado após ter perseverado em seus mandamentos? Quem é
aquele cuja oração foi desprezada?
13 Pois Deus é cheio de bondade e de misericórdia, ele perdoa os
pecados no dia da aflição. Ele é o protetor de todos os que verdadeiramente o procuram.
14 Ai do coração fingido, dos lábios perversos, das mãos malfazejas, do
pecador que leva na terra uma vida de duplicidade;
15 ai dos corações tímidos que não confiam em Deus, e que Deus, por
essa razão, não protege;
16 ai daqueles que perderam a paciência, que saíram do caminho reto,
e se transviaram nos maus caminhos.
17 Que farão eles quando o Senhor começar o exame?
18 Aqueles que temem ao Senhor não são incrédulos à sua palavra, e os
que o amam permanecem em sua vereda.
19 Aqueles que temem ao Senhor procuram agradar-lhe, aqueles que o
amam satisfazem-se na sua lei.
20 Aqueles que temem ao Senhor preparam o coração, santificam suas
almas na presença dele.
21 Aqueles que temem ao Senhor guardam os seus mandamentos, têm
paciência até que ele lance os olhos sobre eles,
22 dizendo: Se não fizermos penitência, cairemos nas mãos do Senhor,
e não nas mãos dos homens,
23 pois a misericórdia dele está na medida de sua grandeza.

Capítulo 3

1 Os filhos da sabedoria formam a assembléia dos justos, e o novo que

da oração.
mãe a arrasa até os alicerces.
vida.
compõem é, todo ele,
obediência e amor.
2 Ouvi, meus filhos, os conselhos de vosso pai, segui-os de tal modo
que sejais salvos.
3 Pois Deus quis honrar os pais pelos filhos, e cuidadosamente
fortaleceu a autoridade da mãe sobre eles.
4 Aquele que ama a Deus o roga pelos seus pecados, acautela-se para
não cometê-los no porvir. Ele é ouvido em sua prece cotidiana.
5 Quem honra sua mãe é semelhante àquele que acumula um tesouro.
6 Quem honra seu pai achará alegria em seus filhos, será ouvido no dia
7 Quem honra seu pai gozará de vida longa; quem lhe obedece dará
consolo à sua mãe.
8 Quem teme ao Senhor honra pai e mãe. Servirá aqueles que lhe
deram a vida como a seus senhores.
9 Honra teu pai por teus atos, tuas palavras, tua paciência,
10 a fim de que ele te dê sua bênção, e que esta permaneça em ti até o
teu último dia.
11 A bênção paterna fortalece a casa de seus filhos, a maldição de uma
12 Não te glories do que desonra teu pai, pois a vergonha dele não
poderia ser glória para ti,
13 pois um homem adquire glória com a honra de seu pai, e um pai sem
honra é a vergonha do filho.
14 Meu filho, ajuda a velhice de teu pai, não o desgostes durante a sua
15 Se seu espírito desfalecer, sê indulgente, não o desprezes porque te
sentes forte, pois tua caridade para com teu pai não será esquecida,
16 e, por teres suportado os defeitos de tua mãe, ser-te-á dada uma
recompensa;
17 tua casa tornar-se-á próspera na justiça. Lembrar-se-ão de ti no dia
da aflição, e teus pecados dissolver-se-ão como o gelo ao sol forte.
18 Como é infame aquele que abandona seu pai, como é amaldiçoado
por Deus aquele que irrita sua mãe!
19 Meu filho, faze o que fazes com doçura, e mais do que a estima dos
homens, ganharás o afeto deles.
20 Quanto mais fores elevado, mais te humilharás em tudo, e perante
Deus acharás misericórdia;
21 porque só a Deus pertence a onipotência, e é pelos humildes que ele
é (verdadeiramente) honrado.
22 Não procures o que é elevado demais para ti; não procures penetrar
o que está acima de ti. Mas pensa sempre no que Deus te ordenou. Não
tenhas a curiosidade de conhecer um número elevado demais de suas
obras,

23 pois não é preciso que vejas com teus olhos os seus segredos.

6
24 Acautela-te de uma busca exagerada de coisas inúteis, e de uma
curiosidade excessiva nas numerosas obras de Deus,
25 pois a ti foram reveladas muitas coisas, que ultrapassam o alcance
do espírito humano.
26 Muitos foram enganados pelas próprias opiniões. Seu sentido os
reteve na vaidade.
27 O coração empedernido acabará por ser infeliz. Quem ama o perigo
nele perecerá.
28 O coração de caminhos tortuosos não triunfará, e a alma corrompida
neles achará ocasião de queda.
29 O coração perverso ficará acabrunhado de tristeza, e o pecador
ajuntará pecado sobre pecado.
30 Não há nenhuma cura para a assembléia dos soberbos, pois, sem
que o saibam, o caule do pecado se enraíza neles.
31 O coração do sábio se manifesta pela sua sabedoria; o bom ouvido
ouve a sabedoria com ardente avidez.
32 O coração sábio e inteligente abstém-se do pecado. Ele triunfará nas
obras de justiça.
33 A água apaga o fogo ardente, a esmola enfrenta o pecado.
34 Deus olha para aquele que pratica a misericórdia; dele se lembrará
no porvir, no dia de sua infelicidade este achará apoio.
Capítulo 4
1 Meu filho, não negues esmola ao pobre, nem dele desvies os olhos.
2 Não desprezes o que tem fome, não irrites o pobre em sua indigência.
3 Não aflijas o coração do infeliz, não recuses tua esmola àquele que
está na miséria;
4 não rejeites o pedido do aflito, não desvies o rosto do pobre.
5 Não desvies os olhos do indigente, para que ele não se zangue. Aos
que pedem não deis motivo de vos amaldiçoarem pelas costas,
6 pois será atendida a imprecação daquele que te amaldiçoa na
amargura de sua alma. Aquele que o criou o atenderá.
7 Torna-te afável na assembléia dos pobres, humilha tua alma diante de
um ancião; curva a cabeça diante de um poderoso.
8 Dá ouvidos ao pobre de boa vontade. Paga a tua dívida, dá-lhe com
doçura uma resposta apaziguadora.
9 Liberta da casa do orgulhoso aquele que sofre injustiça. Quando
fizeres um julgamento, não o faças com azedume.
10 Sê misericordioso com os órfãos como um pai; e sê como um marido
para a mãe deles.
11 E serás como um filho obediente do Altíssimo, que, mais do que uma
mãe, terá compaixão de ti.

7
alegria,
12 A sabedoria inspira a vida aos seus filhos, ela toma sob a sua
proteção aqueles que a procuram; ela os precede no caminho da justiça.
13 Aquele que a ama, ama a vida; aqueles que velam para encontrá-la
sentirão sua doçura.
14 Aqueles que a possuem terão a vida como herança, e Deus
abençoará todo o lugar onde ele entrar.
15 Aqueles que a servem serão obedientes ao Santo; aqueles que a
amam serão amados por Deus.
16 Aquele que a ouve julgará as nações; aquele que é atento em
contemplá-la permanecerá seguro.
17 Quem nela põe sua confiança tê-la-á como herança e sua
posteridade a possuirá,
18 pois na provação ela anda com ele, e escolhe-o em primeiro lugar.
19 Ela traz-lhe o temor, o pavor e a aprovação. Ela o atormenta com
sua penosa disciplina, até que, tendo-o experimentado nos seus
pensamentos, ela possa confiar nele.
20 Então ela o porá firme, voltará a ele em linha reta. Ela o cumula de
21 desvenda-lhe seus segredos e enriquece-o com tesouros de ciência,
de inteligência e de justiça.
22 Porém, se ele se transviar, ela o abandonará, e o entregará às mãos
do seu inimigo.
23 Meu filho, aproveita-te do tempo, evita o mal;
24 para o bem de tua alma, não te envergonhes de dizer a verdade,
25 pois há uma vergonha que conduz ao pecado, e uma vergonha que
atrai glória d graça.
26 Em teu próprio prejuízo não te mostres parcial, não mintas em
prejuízo de tua alma.
27 Não tenhas complacência com as fragilidade do próximo,
28 não retenhas uma palavra que pode ser salutar, não escondas tua
sabedoria pela tua vaidade.
29 Pois a sabedoria faz-se distinguir pela língua; o bom senso, o saber e
a doutrina, pela palavra do sábio; e a firmeza, pelos atos de justiça.
30 Não contradigas de nenhum modo a verdade, envergonha-te da
mentira cometida por ignorância.
31 Não te envergonhes de confessar os teus pecados; não te tornes
escravo de nenhum homem que te leve a pecar.
32 Não resistas face a face ao homem poderoso, não te oponhas ao
curso do rio.

33 Combate pela justiça a fim de salvares tua vida; até a morte,
combate pela justiça, e Deus combaterá por ti contra teus inimigos.
34 Não sejas precipitado em palavras, e (ao mesmo tempo) covarde e
negligente em tuas ações.
35 Não sejas como um leão em tua casa, prejudicando os teus

8
domésticos e tiranizando os que te são submissos.
36 Que tua mão não seja aberta para receber, e fechada para dar.
Capítulo 5
1 Não contes com riquezas injustas. Não digas: Tenho o suficiente para
viver, pois no dia do castigo e da escuridão, isso de nada te servirá.
2 Quando te sentires forte, não te entregues às cobiças de teu coração.
3 Não digas: Como sou forte! ou: Quem me obrigará a prestar contas
dos meus atos?,
4 pois Deus tomará sua vingança. Não digas: Pequei, e o que me
aconteceu de mal?, pois o Senhor é lento para castigar (os crimes).
5 A propósito de um pecado perdoado, não estejas sem temor, e não
acrescentes pecado sobre pecado.
6 Não digas: A misericórdia do Senhor é grande, ele terá piedade da
multidão dos meus pecados,
7 pois piedade e cólera são nele igualmente rápidas, e o seu furor visa
aos pecadores.
8 Não demores em te converteres ao Senhor, não adies de dia em dia,
9 pois sua cólera virá de repente, e ele te perderá no dia do castigo.
10 Não te inquietes à procura de riquezas injustas, de nada te servirão
no dia do castigo e da escuridão.
11 Não joeires a todos os ventos, não andes por qualquer caminho, pois
é assim que se revela o pecador de linguagem dúbia.
12 Firma-te no caminho do Senhor, na sinceridade de teus sentimentos
e teus conhecimentos, nunca te afastes de uma linguagem pacífica e
eqüitativa.
13 Escuta com doçura o que te dizem a fim de compreenderes, darás
então uma resposta sábia e apropriada.
14 Se tiveres inteligência, responde a outrem, senão, põe a mão sobre a
tua boca, para que não sejas surpreendido a dizer uma palavra
indiscreta, e venhas a te envergonhar dela.
15 A honra e a consideração acompanham a linguagem do sábio, mas a
língua do imprudente é a sua própria ruína.
16 Não passes por delator, não caias com embaraço nas armadilhas de
tua língua,
17 pois ao ladrão estão reservados a confusão e o arrependimento, à
língua dúbia, uma censura severa; ao delator, ódio, inimizade e infâmia.
18 Faze justiça tanto para o pequeno como para o grande.
Capítulo 6

9
aflição.
frutos.
1 De amigo não te tornes inimigo de teu próximo, pois o malvado terá
por sorte a vergonha e a ignomínia, como todo pecador invejoso e de
língua fingida.
2 Não te eleves como um touro nos pensamentos de teu coração, para
não suceder que a tua loucura quebre a tua força,
3 devore as tuas folhas, apodreça os teus frutos e te deixe como uma
árvore seca no deserto.
4 Pois uma alma perversa é a perda de quem a possui; torná-lo-á
motivo de zombaria para seus inimigos, e conduzi-lo-á à sorte dos
ímpios.
5 Uma boa palavra multiplica os amigos e apazigua os inimigos; a
linguagem elegante do homem virtuoso é uma opulência.
6 Dá-te bem com muitos, mas escolhe para conselheiro um entre mil.
7 Se adquirires um amigo, adquire-o na provação, não confies nele tão
depressa.
8 Pois há amigos em certas horas que deixarão de o ser no dia da
9 Há amigo que se torna inimigo, e há amigo que desvendará ódios,
querelas e disputas;
10 há amigo que só o é para a mesa, e que deixará de o ser no dia da
desgraça.
11 Se teu amigo for constante, ele te será como um igual, e agirá
livremente com os de tua casa.
12 Se se rebaixa em tua presença e se retrai diante de ti, terás aí, na
união dos corações, uma excelente amizade.
13 Separa-te daqueles que são teus inimigos, e fica de sobreaviso
diante de teus amigos.
14 Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu
um tesouro.
15 Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem
ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé.
16 Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao
Senhor, achará esse amigo.
17 Quem teme ao Senhor terá também uma excelente amizade, pois
seu amigo lhe será semelhante.
18 Meu filho, aceita a instrução desde teus jovens anos; ganharás uma
sabedoria que durará até à velhice.

19 Vai ao encontro dela, como aquele que lavra e semeia, espera
pacientemente seus excelentes frutos,
20 terás alguma pena em cultivá-la, mas, em breve, comerás os seus
21 Quanto a sabedoria é amarga para os ignorantes! O insensato não
permanecerá junto a ela.
22 Ela lhes será como uma pesada pedra de provação, eles não tardarão

10
advertência.
curam.
a desfazer-se dela.
23 Pois a sabedoria que instrui justifica o seu nome, não se manifesta a
muitos; mas, naqueles que a conhecem, persevera, até (tê-los levado) à
presença de Deus.
24 Escuta, meu filho, recebe um sábio conselho, não rejeites minha
25 Mete os teus pés nos seus grilhões, e teu pescoço em suas correntes.
26 Abaixa teu ombro para carregá-la, não sejas impaciente em suportar
seus liames.
27 Vem a ela com todo o teu coração. Guarda seus caminhos com todas
as tuas forças.
28 Segue-lhe os passos e ela se dará a conhecer; quando a tiveres
abraçado, não a deixes.
29 Pois acharás finalmente nela o teu repouso. E ela transformar-se-á
para ti em um motivo de alegria.
30 Seus grilhões ser-te-ão uma proteção, um firme apoio; suas
correntes te serão um adorno glorioso;
31 pois nela há uma beleza que dá vida, e seus liames são ligaduras que
32 Como ele te revestirás como de uma vestimenta de glória, e a porás
sobre ti como uma coroa de júbilo.
33 Meu filho, se me ouvires com atenção, serás instruído; se
submeteres o teu espírito, tornar-te-ás sábio.
34 Se me deres ouvido, receberás a doutrina. Se gostares de ouvir,
adquirirás a sabedoria.
35 Permanece na companhia dos doutos anciãos, une-te de coração à
sua sabedoria, a fim de que possas ouvir o que dizem de Deus, e não te
escapem suas louváveis máximas.
36 Se vires um homem sensato, madruga para ir ter com ele, desgaste
o teu pé o limiar de sua porta.
37 Concentra teu pensamento nos preceitos de Deus, sê assíduo à
meditação de seus mandamentos. Ele próprio te dará um coração, e
ser-te-á concedida a sabedoria que desejas.
Capítulo 7
1 Não pratiques o mal, e o mal não te iludirá.
2 Afasta-te da injustiça, e a injustiça se afastará de ti.
3 Meu filho, não semeies o mal nos sulcos da injustiça, e dele não
recolherás o sétuplo.
4 Não peças ao Senhor o encargo de guiar outrem, nem ao rei um lugar
de destaque.
5 Não te justifiques perante Deus, pois ele conhece o fundo dos

11
casa.
corações; não pretendas parecer sábio diante do rei.
6 Não procures tornar-te juiz, se não fores bastante forte para destruir a
iniqüidade, para que não aconteça que temas perante um homem
poderoso, e te exponhas a pecar contra a eqüidade.
7 Não ofendas a população inteira de uma cidade, não te lances em
meio da multidão.
8 Não acrescentes um segundo pecado ao primeiro, pois mesmo por
causa de um só não ficarás impune.
9 Não te deixes levar ao desânimo.
10 Não descuides de orar nem de dar esmola.
11 Não digas: Deus há de considerar a quantidade de meus dons;
quando os oferecer ao Deus Altíssimo, ele os há de aceitar.
12 Não zombes de um homem que está na aflição, pois há alguém que
humilha e exalta: Deus que tudo vê.
13 Não inventes mentira contra teu irmão, não inventes nenhuma
mentira contra teu amigo.
14 Cuida-te para não dizeres mentira alguma, pois o costume de mentir
é coisa má.
15 Na companhia dos anciãos, não sejas falador, não multipliques as
palavras em tua oração.
16 Não abomines as tarefas penosas, nem o labor da terra, que foi
criado pelo Altíssimo.
17 Não te coloques no número das pessoas corrompidas,
18 lembra-te de que a cólera não tarda.
19 Humilha profundamente o teu espírito, pois o fogo e o verme são o
castigo da carne do ímpio.
20 Não pratiques o mal contra um amigo que demora em te pagar, não
desprezes por causa do ouro um irmão bem-amado.
21 Não te afastes da mulher sensata e virtuosa que te foi concedida no
temor do Senhor; pois a graça de sua modéstia vale mais do que o
ouro.
22 Não maltrates um escravo que trabalha pontualmente, nem o
operário que te é devotado.
23 Que o escravo sensato te seja tão caro quanto a tua própria vida!
Não o prives da liberdade, nem o abandones na indigência.
24 Tens rebanhos? Cuida deles; se te forem úteis, guarda-os em tua
25 Tens filhos? Educa-os, e curva-os à obediência desde a infância.

26 Tens filhas? Vela pela integridade de seus corpos, não lhes mostres um rosto por demais jovial.
27 Casa tua filha, e terás feito um grande negócio; dá-a a um homem sensato.
28 Se tiveres mulher conforme teu coração, não a repudies, e não confies na que é odiosa.

12
29 Honra teu pai de todo o coração, não esqueças os gemidos de tua mãe;
30 lembra-te de que sem eles não terias nascido, e faze por eles o que fizeram por ti.
31 Teme a Deus com toda a tua alma, tem um profundo respeito pelos seus sacerdotes.
32 Ama com todas as tuas forças aquele que te criou; não abandones os seus ministros.
33 Honra a Deus com toda a tua alma, respeita os sacerdotes; (nos sacrifícios) oferece-lhes as espáduas.
34 Dá-lhes, como te foi prescrito, a parte da primícias e das vítimas expiatórias; purifica-te de tuas omissões com pequenas (oferendas);
35 oferece ao Senhor os dons das espáduas, os sacrifícios de santificação e as primícias das coisas santas.
36 Estende a mão para o pobre, a fim de que sejam perfeitos teu sacrifício e tua oferenda.
37 Dá de boa vontade a todos os vivos, não recuses esse benefício a um morto.
38 Não deixes de consolar os que choram, aproxima-te dos que estão aflitos.
39 Não tenhas preguiça de visitar um doente, pois é assim que te firmarás na caridade.
40 Em tudo o que fizeres, lembra-te de teu fim, e jamais pecarás.
Capítulo 8
1 Não disputes com um homem poderoso, para que não caias em suas mãos.
2 Não tenhas desavença com um rico, para não acontecer que ele te mova um processo;
3 pois o ouro e a prata perderam a muitos, e o poder deles chega até a transviar o coração de um rei.
4 Não tenhas desavença com um grande falador, e não amontoes lenha em sua fogueira.
5 Não convivas com um homem mal-educado, para não acontecer que ele fale mal de teus antepassados.
6 Não desprezes um homem que renuncia ao pecado, não lhe dirijas censuras; lembra-te de que todos merecemos o castigo.
7 Não desprezes um ancião, pois alguns dentre nós também envelheceremos.
8 Não te alegres com a morte de teu inimigo, pois sabes que todos morreremos, e não queremos que com isso se regozijem.
9 Não desprezes o que contarem os velhos sábios, mas entretém-te com

13
suas palavras,
10 pois é com eles que aprenderás a sabedoria, os ensinamentos da inteligência, e a arte de servir irrepreensivelmente os poderosos.
11 Não desprezes os ensinamentos dos anciãos, pois eles os aprenderam com seus pais.
12 Estudarás com eles o conhecimento e a arte de responder com oportunidade.
13 Não acendas os tições dos pecadores, repreendendo-os, para não acontecer que te queimes nas chamas dos seus pecados.
14 Não resistas perante um insolente, para que ele não arme ciladas às tuas palavras.
15 Não emprestes dinheiro a alguém mais poderoso do que tu, pois, se lhe emprestares, considera-o perdido.
16 Não prestes fiança a outrem além de tuas posses, pois se o fizeres, considera-te na obrigação de pagá-la.
17 Não julgues (o procedimento) de um juiz, pois ele julga conforme a eqüidade.
18 Não enveredes por um caminho com um audacioso, para não acontecer que ele faça recair sobre ti seus delitos; pois ele só age segundo o seu capricho, e por causa de sua loucura perecerás com ele.
19 Não tenhas desavença com um homem irascível; não vás para o deserto com um audacioso, porque para ele nada vale o sangue, e ele te destruirá quando te achares sem socorro.
20 Não deliberes com loucos, pois só amam o que lhes agrada.
21 Nada resolvas perante um estranho, pois não sabes o que ele pode imaginar.
22 Não abras teu coração a qualquer homem, para não acontecer que recebas uma falsa amizade, e, além disso, ultrajes.
Capítulo 9
1 Não tenhas ciúme da mulher que repousa no teu seio, para que ela não empregue contra ti a malícia que lhe houveres ensinado.
2 Não entregues tua alma ao domínio de tua mulher, para que ela não usurpe tua autoridade e fiques humilhado.
3 Não lances os olhos para uma mulher leviana, para que não caias em suas ciladas.
4 Não freqüentes assiduamente uma dançarina, e não lhe dês atenção, para que não pereças por causa de seus encantos.

5 Não detenhas o olhar sobre uma jovem, para que a sua beleza não
venha a causar tua ruína.
6 Nunca te entregues às prostitutas, para que não te percas com os teus
haveres.

14
Deus.
7 Não lances os olhos daqui e dali pelas ruas da cidade, não vagueies
pelos caminhos.
8 Desvia os olhos da mulher elegante, não fites com insistência uma
beleza desconhecida.
9 Muitos pereceram por causa da beleza feminina, e por causa dela
inflama-se o fogo do desejo.
10 Toda mulher que se entrega à devassidão é como o esterco que se
pisa na estrada.
11 Muitos, por haveres admirado uma beleza desconhecida, foram
condenados, pois a conversa dela queima como fogo.
12 Nunca te sentes ao lado de uma estrangeira, não te ponhas à mesa
com ela;
13 não a provoques a beber vinho, para não acontecer que teu coração
por ela se apaixone, e que pelo preço de teu sangue caias na perdição.
14 Não abandones um velho amigo, pois o novo não o valerá.
15 Vinho novo, amigo novo; é quando envelhece que o beberás com
gosto.
16 Não invejes a glória nem as riquezas do pecador, pois não sabes qual
será a sua ruína.
17 Não sintas prazer com a violência dos injustos; sabe que o ímpio
desagrada a Deus até na habitação dos mortos.
18 Afasta-te do homem que tem o poder de matar, e assim não saberás
o que é temer a morte.
19 Mas, se dele de aproximares, cuida em não cometer nenhuma falta,
para não acontecer que ele tire a tua vida.
20 Sabe que a morte está próxima, porque andas em meio de
armadilhas, e no meio das armas de inimigos escolerizados.
21 Tanto quanto possível, desconfia de quem de ti se aproxima, e
aconselha-te com os sábios e os prudentes.
22 Que os teus convivas sejam virtuosos. Põe tua glória no temor de
23 Que o pensamento de Deus ocupe o teu espírito, e os preceitos do
Altíssimo sejam a tua conversa.
24 É pela obra de suas mãos que o artista conquista a estima; e um
príncipe do povo, pela sabedoria de seus discursos; e os anciãos, pela
prudência de suas palavras.
25 Um grande falador é coisa terrível na cidade; o homem de conversas
imprudentes torna-se odioso.
Capítulo 10
1 Um governador sábio julga o seu povo; o governo de um homem
sensato será estável.

15
2 Tal o juiz do povo, tais os seus ministros; tal o governador da cidade,
tais os seus habitantes.
3 Um rei privado de juízo perde o seu povo, as cidades povoam-se pelo
bom senso dos que governam.
4 O domínio sobre um país está na mão de Deus. Ele lhe suscitará no
tempo oportuno um governador útil.
5 A prosperidade do homem está na mão de Deus; é ele que põe na
fronte do escriba um sinal de honra.
6 Não te recordes de nenhuma injustiça causada pelo próximo, nada
faças por um procedimento injusto.
7 O orgulho é abominável a Deus e aos homens; e toda a iniqüidade das
nações provoca horror.
8 Um reino passa de um povo a outro, por causa das injustiças, dos
ultrajes e de fraudes diversas.
9 Nada há mais criminoso do que a avareza; de que se orgulha o que é
terra e cinza?
10 Nada há mais iníqüo do que o amor ao dinheiro; aquele que o ama
chega até a vender a sua alma. Vivo ainda, despojou-se de suas
próprias entranhas.
11 A duração de todo o poder é breve; uma doença prolongada cansa o
médico.
12 O médico atalha um breve mal-estar; assim, um que hoje é rei
amanhã morrerá.
13 Quando o homem está morto, tem por herança serpentes, bichos e
vermes.
14 O início do orgulho num homem é renegar a Deus,
15 pois seu coração se afasta daquele que o criou, porque o princípio de
todo pecado é o orgulho; aquele que nele se compraz será coberto de
maldições, e acabará sendo por elas derrubado.
16 Eis porque o Senhor desonrou a assembléia dos maus, e os destruiu
para sempre.
17 Deus derrubou os tronos dos chefes orgulhosos e em lugar deles fez
sentar homens pacíficos.
18 Deus fez secar as raízes das nações arrogantes, e implantou os
humildes entre as mesmas nações.
19 O Senhor destruiu as terras das nações, e as arruinou até os
alicerces.
20 Destruiu muitas delas e exterminou-as, apagou a sua lembrança de
sobre a terra.
21 Deus apaga a memória dos orgulhosos, enquanto faz perdurar a dos
humildes de coração.
22 O orgulho não foi criado para os homens, nem a cólera para o sexo

feminino.
23 A raça do homem que teme a Deus será honrada; será desonrado

16
aquele que desprezar os preceitos do Senhor.
24 Entre os seus irmãos, a homenagem é feita para aquele que os
governa; aqueles que temem a Deus serão honrados na presença do
Senhor.
25 Rico, nobre ou pobre, sua glória é o temor do Senhor.
26 Não desprezes o homem justo, ainda que pobre; não enalteças um
pecador, ainda que rico,
27 O grande, o justo e o poderoso recebem homenagens, mas ninguém é maior do que aquele que teme a Deus.
28 Homens livres serão os súditos de um escravo sensato. Repreendido,
o homem prudente e bem educado não murmura, e o ignorante não
será honrado.
29 Não te orgulhes do trabalho que fazes, não sejas indolente no tempo
da adversidade.
30 Mais vale o trabalho e abundância, do que o jactancioso que não tem pão.
31 Meu filho, conserva tua alma na doçura, e dá-lhe a honra que
merece.
32 Aquele que peca contra si mesmo, que o justificará? Quem devolverá
a honra a quem desonrou sua vida?
33 Um pobre é honrado pelo seu conhecimento e temor a Deus; há
quem o é por causa de suas riquezas.
34 Mas quanta glória teria se fosse rico aquele que é honrado, mesmo
sendo pobre! Mas o que se gloria de sua riqueza, acautele-se para não
se tornar pobre.
Capítulo 11
1 A sabedoria do humilde levantará a sua cabeça e o fará sentar-se no
meio dos grandes.
2 Não avalies um homem pela sua aparência, não desprezes um homem
pelo seu aspecto.
3 Pequena é a abelha entre os seres alados: o que produz, entretanto, é
o que há de mais doce.
4 Não te glories nunca de tuas vestes, não te engrandeças no dia em
que fores homenageado, pois só as obras do Altíssimo são admiráveis,
dignas de glória, misteriosas e invisíveis.
5 Muitos príncipes ocuparam o trono, e alguém, em quem se não
pensava, usou o diadema.
6 Muitos poderosos foram grandemente oprimidos, e homens ilustres
foram entregues às mãos de outrem.
7 Não censures ninguém antes de estares bem informado; e quando te
tiveres informado, repreende com eqüidade;

17
8 nada respondas antes de ter ouvido, não interrompas ninguém no
meio do seu discurso.
9 Não indagues das coisas que não te dizem respeito; não te assentes
com os maus para julgar.
10 Meu filho, não empreendas coisas em demasia, porque, se adquirires
riquezas, não ficarás isento de culpa; se empreenderes muitos negócios,
não poderás abrangê-los; se te antecipares, não te sairás bem deles.
11 Há ímpio que trabalha, se apressa e se queixa, porém só se torna
menos rico.
12 Há homem esgotado e em grande necessidade de alívio, pobre de
energia e rico em necessidades,
13 que o olhar de Deus considera com benevolência, e tira do desalento
para lhe dar ânimo; muitos, ao verem isso, ficam surpreendidos e dão
glória a Deus.
14 Bens e males, vida e morte, pobreza e riqueza vêm de Deus.
15 Em Deus se encontram a sabedoria, o conhecimento e a ciência da
lei; nele residem a caridade e as boas obras.
16 O erro e as trevas foram criados com os pecadores; aqueles que se
comprazem no mal, envelhecerão no mal.
17 O dom de Deus permanece nos justos, e seu aproveitamento
assegura um triunfo eterno.
18 Há homem que enriquece, vivendo com economia, e a única
recompensa que dela usufrui é a
19 de poder dizer: Achei o repouso, vou agora desfrutar meus haveres
sozinho.
20 E ele não considera que o tempo passa, que vem a morte, e que, ao
morrer, tudo deixará para os outros.
21 Permanece firme em tua aliança com Deus; que isto seja sempre o
assunto de tuas conversas. E envelhece praticando os mandamentos.
22 Não prestes atenção ao que fazem os pecadores; põe tua confiança
em Deus, e limita-te ao que fazes.
23 É, com efeito, coisa fácil aos olhos de Deus enriquecer repentinamente o pobre.
24 A bênção divina não se faz esperar para recompensar o justo. Em
pouco tempo ele o faz crescer e dar fruto.
25 Não digas: De que preciso eu? Que tenho a esperar doravante?
26 Não digas tampouco: Eu me basto a mim mesmo; que mal posso
temer para o futuro?
27 No dia feliz não percas a recordação dos males, nem a recordação do
bem no dia infeliz.
28 Pois no dia da morte é fácil para Deus dar a cada um conforme o seu comportamento.

29 A dor de um instante faz esquecer os maiores prazeres; com a morte do homem, todos os seus atos serão desvendados.

18
própria casa.
30 Não louves a homem algum antes de sua morte, pois é em seus filhos que se reconhece um homem.
31 Não tragas um homem qualquer à tua casa, pois numerosas são as armadilhas do que engana.
32 Assim como sai um hálito fétido de um estômago estragado, assim como a perdiz atrai para a armadilha, e o cabrito para os laços, assim é o coração dos soberbos, e daquele que está à espreita para ver a ruína do próximo.
33 Transformando o bem em mal, ele arma ciladas, e põe nódoas nas coisas mais puras.
34 Uma centelha basta para acender uma grande fogueira; um só rebanho é causa de múltiplos morticínios, e o pecador procura traiçoeiramente derramar sangue.
35 Acautela-te contra o corruptor que trama a iniqüidade, para não acontecer que ele faça de ti um eterno objeto de mofa.
36 Dás entrada em tua casa ao estrangeiro? Ele aí suscitará uma discórdia que te derrubará, e te tornará inimigo das pessoas de tua
Capítulo 12
1 Se fizeres bem, sabe a quem o fazes, e receberás gratidão pelos teus benefícios.
2 Faze o bem para o justo, e disso terás grande recompensa, senão dele, pelo menos do Senhor,
3 pois não há bem para quem persevera no mal e não dá esmolas; porque o Altíssimo tem horror dos pecadores, e usa de misericórdia com os que se arrependem.
4 Dá ao homem bom, não ampares o pecador, pois Deus dará ao mau e ao pecador o que merecem; ele os guarda para o dia em que os castigará.
5 Dá àquele que é bom, e não auxilies o pecador.
6 Faze o bem ao homem humilde, e nada dês ao ímpio; impede que se lhe dê pão, para não suceder que ele se torne mais poderoso do que tu.
7 Pois acharás um duplo mal em todo o bem que lhe fizeres, porque o próprio Altíssimo abomina os pecadores, e exerce vingança sobre os ímpios.
8 O amigo não se conhece durante a prosperidade, e o inimigo não se pode esconder na adversidade.
9 Quando um homem é feliz, seus inimigos estão tristes; é na desgraça que se reconhece um amigo.
10 Não confies nunca em teu inimigo, pois a malícia dele é como a ferrugem que sempre volta no bronze.

19
tu.
11 Ainda mesmo que se humilhe e ande todo submisso, sê vigilante e previne-te contra ele,
12 Não o estabeleças junto de ti, nem ele se assente à tua direita, para não suceder que ele queira tomar o teu lugar e ocupar o teu assento; e que, reconhecendo enfim a veracidade das minhas palavras, te sintas ferido pelos meus avisos.
13 Quem terá pena de um encantador mordido por uma cobra, e de todos os que se aproximam das feras? Assim acontece com aquele que priva com o malvado, e que se acha envolvido nos pecados dele.
14 Ficará uma hora contigo, mas se vieres a fraquejar, não mais poderá conter-se.
15 O inimigo tem a doçura nos lábios, enquanto no coração arma laços para te lançar na cova.
16 O inimigo tem lágrimas nos olhos, mas, se tiver oportunidade, será insaciável de teu sangue.
17 Se a desgraça te ferir, hás de achá-lo em primeiro lugar;
18 ele tem lágrimas nos olhos, mas, fingindo socorrer-te, dar-te-á uma rasteira.
19 Abanará a cabeça e baterá palmas, e, mudando de semblante, não cessará de cochichar.
Capítulo 13
1 Quem toca no pez ficará manchado; e quem trata com o orgulhoso, tornar-se-á orgulhoso.
2 Quem se liga com um mais poderoso do que ele, põe (sob os ombros) uma pesada carga. Não te tornes amigo de um mais poderoso do que
3 Que ligação pode haver entre um pote de barro e um pote de ferro? Quando houver choque, (o pote de barro) será quebrado.
4 O rico comete uma injustiça e em seguida se põe a gritar; o pobre, ofendido, guarda silêncio.
5 Enquanto lhe servires, ele te empregará; quando nada mais tiveres, ele te abandonará.
6 Se tens haveres, ele se banqueteará contigo, te esgotará e não cuidará de tua sorte.
7 Se lhe fores útil, ele te dominará; com um sorriso ele te dará esperanças, com belas palavras te dirá: De que necessitas?
8 Confundir-te-á com seus banquetes, até que te tenha exaurido duas ou três vezes; e, por fim, zombará de ti; depois, vendo-te, abandornar-te-á, e abanará a cabeça, escarnecendo de ti.
9 Humilha-te perante Deus e espera que sua mão (execute).
10 Tem cuidado em não te deixares seduzir, para que não caias numa

20
rebaixamento te arraste à loucura.
pasto aos ricos.
loucura aviltante.
11 Não te rebaixes em tua sabedoria, para não suceder que esse
12 Se um poderoso te chamar, retira-te, e ele será ainda mais levado a insistir.
13 Não sejas importuno, para não acontecer que ele se canse de ti; não
te afastes muito dele, para não suceder que ele te esqueça.
14 Não tenhas a audácia de falar de igual para igual com ele, e não
confies em suas longas conversas. Pois fazendo-te falar muito, ele te experimentará, e com um sorriso te interrogará sobre os teus segredos.
15 Seu coração impiedoso relembrará todas as tuas palavras, e não te
poupará nem aos maus tratos nem às cadeias.
16 Cuida de ti e presta bem atenção aos teus ouvidos, pois caminhas à
beira de um abismo.
17 Mas, ouvido tudo isso, encara-o como um sonho, e serás vigilante;
18 ama a Deus durante toda a tua vida, e invoca-o para tua salvação.
19 Todo ser vivo ama o seu semelhante, assim todo homem ama o seu
próximo.
20 Toda carne se une a outra carne de sua espécie, e todo homem se
associa ao seu semelhante.
21 O logo jamais terá amizade com o cordeiro: assim é entre o pecador
e o justo.
22 Que relação pode haver entre um santo homem e um cão? Que
ligação pode ter um rico com um pobre?
23 O onagro é a presa do leão no deserto: assim os pobres servem de
24 E como a humanidade é abominada pelo orgulhoso, do mesmo modo
o pobre causa horror ao rico.
25 Um rico abalado é apoiado pelos seus amigos. O pobre que tropeça é
ainda empurrado pelos seus companheiros.
26 Quando um rico é enganado, numerosos são aqueles que o vêm
ajudá-lo; se diz tolices, o apóiam.
27 Quando um pobre é enganado, ainda merece censura, e, se falar
com sabedoria, não o levam em consideração.
28 Se fala o rico, todos se calam, e glorificam suas palavras até às
nuvens;
29 se fala um pobre, dizem: Que é este homem? E se ele tropeçar,
fazem-no cair.
30 A riqueza é boa para quem não tem a consciência pesada, péssima é
a pobreza do mau que se lastima.
31 O coração do homem modifica seu rosto, seja em bem, seja em mal.
32 O sinal de um coração feliz é um rosto alegre, tu o acharás
dificilmente e com esforço.

21
Capítulo 14
1 Feliz o homem que não pecou pelas suas palavras, e que não é
atormentado pelo remorso do pecado.
2 Feliz aquele cuja alma não está triste e que não está privado de
esperança!
3 Para o homem avarento e cúpido a riqueza é inútil; para que serve o
ouro ao homem invejoso?
4 Quem acumula injustamente, com prejuízo da vida, acumula para
outros, e outro há de vir que esbanjará esses bens na devassidão.
5 Para quem será bom aquele que é mau para si mesmo? Não terá
nenhuma satisfação em seus bens.
6 Nada é pior do que aquele que é avaro consigo mesmo: eis aí o
verdadeiro salário de sua maldade.
7 Se ele fizer algum bem, é inconscientemente, a seu pesar, e acaba
desvendando a sua maldade.
8 O olhar do invejoso é mau; ele desvia o rosto e despreza sua alma.
9 O olhar do avarento é insaciável a respeito da iniqüidade, só ficará
satisfeito quando tiver ressecado e consumido a sua alma.
10 O olhar maldoso só leva ao mal; não será saciado com pão, mas será
pobre e triste em sua própria mesa.
11 Meu filho, se algo tiveres, faze com isso algum bem a ti mesmo, e
apresenta a Deus oferendas dignas.
12 Lembra-te de que a morte não tarda, e de que o pacto da moradia
dos mortos te foi revelado, pois é lei deste mundo que é preciso morrer,
13 Antes de morrer, faze bem ao teu amigo, e dá esmola ao pobre
conforme tuas posses.
14 Não te prives de um dia feliz, e não deixes escapar nenhuma parcela
do precioso dom.
15 Não será a outrem que deixarás o fruto de teus esforços e de teus
trabalhos, para ser repartido por sorte?
16 Dá e recebe, e justifica a tua alma.
17 Pratica a justiça, antes de tua morte, pois na moradia dos mortos
não há de se achar alimento.
18 Toda carne fenece como a erva, e como a folha que cresce numa
árvore vigorosa.
19 Umas nascem, outras caem. Assim, nesta raça de carne e sangue,
uma geração morre, outra nasce.
20 Tudo o que é corruptível acabará por ser destruído, e o artesão
morrerá com o seu trabalho.
21 Toda obra excelente será aprovada e o seu autor nela achará

orgulho.
22 Feliz o homem que persevera na sabedoria, que se exercita na

22
prática da justiça, e que, em seu coração, pensa no olhar de Deus que
tudo vê;
23 que repassa no seu coração os seus caminhos, que penetra no
conhecimento de seus segredos, que caminha atrás dela seguindo-lhe
as pegadas, e que permanece em suas vias;
24 que olha pelas suas janelas, que escuta à sua porta,
25 que se detém junto à sua casa e que, enterrando uma estaca dentro
de suas muralhas, edifica sua cabana junto a ela. Nessa cabana, seus
haveres repousam tranqüilamente para sempre;
26 sob esse abrigo ele estabelece os seus filhos, e ele mesmo residirá
debaixo dos seus ramos.
27 Em sua sombra ele encontra abrigo contra o calor, e repousará na
sua glória.
Capítulo 15
1 Aquele que teme a Deus praticará o bem. Aquele que exerce a justiça
possuirá a sabedoria.
2 Ela virá ao seu encontro como mãe cumulada de honrarias, e o
receberá como uma esposa virgem;
3 alimentá-lo-á com o pão da vida e da inteligência, e o saciará com a
água salutar da sabedoria. Ela se fortalecerá nele e o tornará inabalável,
4 ela o sustentará para que não seja confundido, e o exaltará entre os
seus próximos.
5 Abrir-lhe-á a boca no meio da assembléia, enchê-lo-á do espírito de
sabedoria e de inteligência, e o revestirá com um manto glorioso.
6 Acumulará sobre ele um tesouro de alegria e de júbilo, e lhe dará por
herança um nome eterno.
7 Os homens insensatos não a alcançarão, mas os homens de bom
senso irão ao encontro dela; os insensatos não a verão, porque ela está
longe do orgulho e da fraude.
8 Os mentirosos dela não se recordarão, mas os homens sinceros achar-
se-ão com ela, e prosperarão até a visita de Deus.
9 O louvor não é belo na boca do pecador,
10 porque a sabedoria vem de Deus; o louvor a Deus acompanha a
sabedoria, enche a boca fiel, e lhe é inspirada pelo Dominador.
11 Não digas: É por causa de Deus que ela me falta. Pois cabe a ti não
fazer o que ele abomina.
12 Não digas: Foi ele que me transviou, pois que Deus não necessita
dos pecadores.
13 O Senhor detesta todo o erro e toda a abominação; aqueles que o
temem não amam essas coisas.
14 No princípio Deus criou o homem, e o entregou ao seu próprio juízo;

23
trabalhos;
15 deu-lhe ainda os mandamentos e os preceitos.
16 Se quiseres guardar os mandamentos, e praticar sempre fielmente o
que é agradável (a Deus), eles te guardarão.
17 Ele pôs diante de ti a água e o fogo: estende a mão para aquilo que
desejares.
18 A vida e a morte, o bem e o mal estão diante do homem; o que ele
escolher, isso lhe será dado,
19 porque é grande a sabedoria de Deus. Forte e poderoso, ele vê sem
cessar todos os homens.
20 Os olhos do Senhor estão sobre os que o temem, e ele conhece todo
o comportamento dos homens.
21 Ele não deu ordem a ninguém para fazer o mal, e a ninguém deu
licença para pecar;
22 pois não deseja uma multidão de filhos infiéis e inúteis.
Capítulo 16
1 Não te regozijes de ter muitos filhos se são maus, nem ponhas neles a
tua alegria, se não tiverem o temor de Deus.
2 Não confies na sua vida, nem voltes os teus olhares para os seus
3 pois um único filho temente a Deus vale mais do que mil filhos ímpios.
4 Há mais vantagens em morrer sem filhos, que em deixar após si filhos
ímpios.
5 Um único homem sensato fará povoar a pátria, enquanto que um país
de maus tornar-se-á deserto.
6 Vi com meus olhos inúmeros exemplos, e meus ouvidos ouviram
alguns ainda mais graves.
7 O fogo acender-se-á na assembléia do maus, e a cólera se inflamará
sobre um povo incrédulo.
8 Os gigantes não imploraram o perdão de seus pecados, e foram
destruídos, apesar de terem confiados na própria força.
9 Deus não poupou a terra onde residia Lot, mas abominou os seus
habitantes por causa de sua insolência.
10 Não teve pena deles, exterminou a nação inteira, que se engrandecia
com o orgulho, apesar de seus pecados.
11 Assim aconteceu com os seiscentos mil homens vivos que se haviam
reunido na dureza de coração; ainda que um único se tivesse mostrado
obstinado, seria para admirar que não tivesse sido castigado,
12 pois misericórdia e ira estão sempre em Deus, grandemente
misericordioso, porém capaz de cólera.

13 Os seus castigos igualam sua misericórdia; ele julga o homem
conforme as suas obras.

24
14 O pecador não escapará em suas rapinas, e não será postergada a
espera daquele que exerce a misericórdia;
15 toda a misericórdia colocará cada um em seu lugar, conforme o
mérito de suas obras e a sabedoria de seu comportamento.
16 Não digas: Furtar-me-ei aos olhos de Deus; quem se lembrará de
mim no alto do céu?
17 Não serei reconhecido no meio da multidão; quem sou eu no meio de
uma tal multidão de criaturas?
18 Eis que o céu e o céu dos céus, o abismo, a terra inteira e tudo o que
encerram se abalarão quando ele aparecer.
19 As montanhas, as colinas e os alicerces da terra tremerão de pavor
quando Deus os olhar.
20 No meio de tudo isso, o coração do homem é insensato; Deus,
porém, conhece todos os corações.
21 Quem é aquele que compreende os caminhos (de Deus), e a
tempestade que escapa aos olhos do homem?
22 Com efeito a maior parte de suas obras está oculta; quem anunciará,
quem poderá suportar os efeitos de sua justiça? Pois as sentenças
(divinas) estão longe do pensamento de muitos, e o exame geral só se
realizará no último dia.
23 O homem de coração mesquinho só pensa em vaidades; o
imprudente e extraviado só se ocupa de loucuras.
24 Meu filho, ouve-me, adquire uma instrução sadia, torna o teu
coração atento às minhas palavras.
25 Dar-te-ei um ensino muito exato, vou tentar explicar-te o que é a
sabedoria; torna o teu coração atento às minhas palavras, pois vou
descrever-te com exatidão as maravilhas que Deus, desde o início, fez
brilhar nas suas obras, e vou expor, com toda a veracidade, o
conhecimento de Deus.
26 Por decreto de Deus suas obras existem desde o começo; desde a
criação distinguiu-as em partes. Colocou as principais em suas épocas,
27 adornou-as para sempre; elas não sentiram necessidade nem fadiga,
e nunca interromperam o seu trabalho.
28 Nunca nenhuma delas embaraçou a vizinha.
29 Não sejas incrédulo à palavra do Senhor.
30 Depois disto, olhou Deus para a terra, e encheu-a de benefícios.
31 É o que revela sobre a terra a alma de todo ser vivo, e é ao seu seio
que todos eles voltam.
Capítulo 17
1 Deus criou o homem da terra, formou-o segundo a sua própria
imagem;

25
pássaros.
suas obras,
2 e o fez de novo voltar à terra. Revestiu-o de força segundo a sua
natureza;
3 determinou-lhe uma época e um número de dias. Deu-lhe domínio
sobre tudo o que está na terra.
4 Fê-lo temido por todos os seres vivos, fê-lo senhor dos animais e dos
5 De sua própria substância, deu-lhe uma companheira semelhante a
ele, com inteligência, língua, olhos, ouvidos, e juízo para pensar;
cumulou-os de saber e inteligência.
6 Criou neles a ciência do espírito, encheu-lhes o coração de sabedoria,
e mostrou-lhes o bem e o mal.
7 Pôs o seu olhar nos seus corações para mostrar-lhes a majestade de
8 a fim de que celebrassem a santidade do seu nome, e o glorificassem
por suas maravilhas, apregoando a magnificência de suas obras.
9 Deu-lhes, além disso, a instrução, deu-lhes a posse da lei da vida;
10 concluiu com eles um pacto eterno, e revelou-lhes a justiça de seus
preceitos.
11 Viram com os próprios olhos as maravilhas da sua glória, seus
ouvidos ouviram a majestade de sua voz: Guardai-vos, disse-lhes ele,
de toda a iniqüidade.
12 Impôs a cada um (deveres) para com o próximo.
13 O proceder deles lhe está sempre diante dos olhos, nada lhe escapa.
14 Pôs um príncipe à testa de cada povo;
15 Israel, porém, foi visivelmente o quinhão do próprio Deus.
16 Todas as suas obras lhe são claras como o sol, e seus olhos
observam sem cessar o seu proceder.
17 As leis de Deus não são eclipsadas pela iniqüidade deles, e todos os
pecados que cometem estão diante do Senhor.
18 A esmola do homem é para ele como um selo, e ele conserva a
beneficência do homem como a pupila dos olhos.
19 Depois se levantará para dar a cada um o que lhe é devido, e fá-los-
á voltar às profundezas da terra.
20 Aos penitentes, porém, abre o caminho da justiça: conforta os
desfalecidos, e conserva-lhes a verdade como destino.
21 Converte-te ao Senhor, abandona os teus pecados.

22 Ora diante dele e diminui as ocasiões de pecado.
23 Volta para o Senhor, afasta-te de tua injustiça, e detesta o que causa horror a Deus.
24 Conhece a justiça e os juízos de Deus; permanece firme no estado em que ele te colocou, e na oração constante ao Altíssimo.
25 Anda na companhia do povo santo, com os que vivem e proclamam a glória de Deus.
26 Não te detenhas no erro dos ímpios, louva a Deus antes da morte;

26
27 após a morte nada mais há, o louvor terminou. Glorifica a Deus enquanto viveres; glorifica-o enquanto tiveres vida e saúde; louva a Deus e glorifica-o em suas misericórdias.
28 Quão grande é a misericórdia do Senhor, e o perdão que concede àqueles que para ele se voltam!
29 Pois não se pode encontrar tudo nos homens, porque os homens não são imortais, e se comprazem na vaidade e na malícia.
30 O que há de mais luminoso do que o sol? E, entretanto, ele tem eclipses. O que há de mais criminoso do que os pensamentos da carne e do sangue? Ora, isso será castigado.
31 O sol contempla a multidão dos astros do céu, enquanto que todos os homens são apenas terra e cinza.

Capítulo 18

1 O Eterno tudo criou sem exceção, só o Senhor será considerado justo. Ele é o rei invencível que permanece para sempre.
2 Quem será capaz de relatar as suas obras?
3 Quem poderá compreender as suas maravilhas?
4 Quem poderá descrever todo o poder de sua grandeza? Quem empreenderá a explicação de sua misericórdia?
5 Nada há a subtrair, nada a acrescentar às maravilhas de Deus; elas são incompreensíveis.
6 Quando o homem tiver acabado, então estará no começo; e quando cessar a pesquisa, ficará perplexo.
7 Que é o homem, e para que serve? Que mal ou que bem pode ele fazer?
8 A duração da vida humana é quando muito cem anos. No dia da eternidade esses breves anos serão contados como uma gota de água do mar, como um grão de areia.
9 É por isso que o Senhor é paciente com os homens, e espalha sobre eles a sua misericórdia.
10 Ele vê quanto é má a presunção do seu coração, e reconhece que o fim deles é lamentável;
11 é por isso que ele os trata com toda a doçura, e mostra-lhes o caminho da justiça.
12 A compaixão de um homem concerne ao seu próximo, mas a misericórdia divina estende-se sobre todo ser vivo.
13 Cheio de compaixão, (Deus) ensina os homens, e os repreende como um pastor o faz com o seu rebanho.
14 Compadece-se daquele que recebe os ensinamentos de sua misericórdia, e do que se apressa a cumprir os seus preceitos.
15 Meu filho, não mistures a repreensão com o benefício, não

27
vida. acrescentes nunca palavras duras e más às tuas dádivas.
16 Porventura o orvalho não refresca o calor ardente? Assim, uma palavra doce vale mais do que um presente.
17 A doçura das palavras não prevalece sobre a própria dádiva? Mas uma e outra coisa se encontram no homem justo.
18 O insensato censura com aspereza; a dádiva de um indiscreto resseca os olhos.
19 Antes de julgar, procura ser justo; antes de falar, aprende.
20 Usa o remédio antes de ficares doente. Interroga-te a ti mesmo antes do juízo, e acharás misericórdia diante de Deus.
21 Antes da doença, humilha-te, e no tempo da enfermidade mostra o teu proceder.
22 Nada te impeça de orar sempre, e não te envergonhes de progredir na justiça até a morte; pois a recompensa de Deus é eterna.
23 Antes da oração, prepara a tua alma, e não sejas como um homem que tenta a Deus.
24 Lembra-te da ira do último dia, e do tempo em que Deus castigará, desviando o rosto.
25 Lembra-te da pobreza quando estiveres na abundância e das necessidades da indigência no dia da riqueza.
26 Entre a manhã e a tarde muda o tempo, e tudo isto acontece num instante aos olhos de Deus.
27 Um homem sábio está sempre alerta; nos dias de tentação, se resguarda do pecado.
28 Todo homem sagaz reconhece a sabedoria, e presta homenagem àquele que a encontrou.
29 Os homens de linguagem sensata procedem também com sabedoria, compreendem a verdade e a justiça, e espalham uma multidão de sentenças e máximas.
30 Não te deixes levar por tuas más inclinações, e refreia os teus apetites.
31 Se satisfizeres a cobiça de tua alma, ela fará de ti a alegria dos teus inimigos.

32 Não te comprazas no meio das multidões, mesmo da menores,
porque nelas somos constantemente comprometidos.
33 Não te empobreças, pedindo empréstimos para aparentar, quando
nada tens na algibeira; isso equivaleria a atentar contra a tua própria
Capítulo 19
1 O operário dado ao vinho não se enriquecerá, e aquele que se
descuida das pequenas coisas, cairá pouco a pouco.

28
2 O vinho e as mulheres fazem sucumbir até mesmos os sábios, e
tornam culpados os homens sensatos.
3 Aquele que se une às prostitutas é um homem de nenhuma valia;
tornar-se-á pasto da podridão e dos vermes; ficará sendo um grande
exemplo, e sua alma será suprimida do número dos vivos.
4 Aquele que é crédulo demais tem um coração leviano; sofrerá prejuízo
e será tido como pecador contra si mesmo.
5 Quem se regozija com a iniqüidade será desonrado; quem detesta a
correção abreviará a sua vida; quem odeia a tagarelice, destrói sua
malícia.
6 Quem peca contra si próprio, arrepender-se-á de tê-lo feito; quem põe
sua alegria na malícia, será apontado como infame.
7 Não repitas uma palavra dura e maldosa, e não serás prejudicado.
8 Não confies teu pensamento nem ao amigo nem ao inimigo. Se tiveres
cometido uma falta, não a reveles,
9 pois ele te ouvirá, te observará, e, fingindo desculpar o teu pecado, te
odiará. E estará sempre presente (para te prejudicar).
10 Ouviste uma palavra contra o teu próximo? Abafa-a dentro de ti; fica
seguro de que ela não te fará morrer.
11 Por causa de uma palavra (irrefletida) o tolo estorce-se de dores,
como uma mulher que geme para dar à luz.
12 Como uma flecha cravada na gordura da coxa, assim é uma palavra
no coração do insensato.
13 Repreende o teu amigo, porque talvez não tenha compreendido, e
diga: Nada fiz. Ou se o fez, para que não torne a fazê-lo.
14 Repreende o teu próximo, porque talvez não tenha dito (aquilo) de
que é acusado. Ou, se o disse, para que não o torne a dizer.
15 Repreende o teu próximo, porque muitas vezes se diz o que não é
verdade,
16 e não acredites em tudo o que dizem. Homem há que peca pela
língua, mas sem fazer com intenção.
17 Pois quem não peca pela língua? Repreende o teu próximo antes de
ameaçá-lo e dá ensejo ao temor do Altíssimo;
18 pois toda a sabedoria consiste no temor de Deus; nela está o temor
de Deus. E em toda a sabedoria reside o cumprimento da lei.
19 O hábito de praticar o mal não é sabedoria; o modo de agir dos
pecadores não é prudência.
20 Há uma malícia hábil que é execrável, e há uma estupidez que é
apenas falta de sabedoria.
21 Mais vale o homem que tem pouca sabedoria, e a quem falta o
senso, mas que tem o temor (de Deus), do que o homem que possui
uma grande inteligência, e que transgride a lei do Altíssimo.
22 Há uma habilidade que não falha o alvo, mas que é iníqua.
23 Há quem fale com segurança e só diz a verdade, e há quem se

29
humilhe maliciosamente, cujo coração está cheio de embuste.
24 Há quem se rebaixe com excesso em profunda humilhação, e quem
abaixe a cabeça, fingindo não ver o que está oculto.
25 Se a fraqueza o impede de cometer o mal, não deixará de pecar,
logo que houver ocasião.
26 Pelo semblante se reconhece um homem; pelo seu aspecto se
reconhece um sábio.
27 As vestes do corpo, o riso dos dentes, e o modo de andar de um
homem fazem-no revelar-se.
28 Há uma falsa correção na cólera de um insolente; há um modo de
julgar que muitas vezes não é justo; e aquele que se cala dá prova de
prudência.
Capítulo 20
1 Oh! quanto melhor é admoestar que irritar-se, e não impedir de falar
aquele que quer confessar a sua falta!
2 Como o eunuco que anseia por violentar uma donzela,
3 assim é o que, por violência, faz um julgamento iníquo.
4 Como é bom que o corrigido manifeste o seu arrependimento! Pois
assim se evita um pecado voluntário.
5 Há quem se cale e é considerado sábio, e quem se torne odioso pela
intemperança no falar.
6 Há quem se cale por não saber falar, e há quem se cale porque
reconhece quando é tempo (de falar).
7 O sábio permanece calado até o momento (oportuno), mas o leviano e
imprudente não espera a ocasião.
8 Aquele que se expande em palavras, prejudica-se a si mesmo; quem

se permite todo o
desregramento torna-se
odioso.
9 Para o homem desprovido
de instrução há proveito na
infelicidade,
mas há certas descobertas
que lhe acarretam a ruína.
10 Há dom que não é útil. e
há dom que é duplamente
recompensado.
11 Há quem ache a sua perda
na própria glória, e há quem
levantará a
cabeça após uma humilhação.
12 Há quem compre muito
por um preço módico, mas
que (de fato) o
paga pelo sétuplo do seu
valor.
13 O sábio torna-se amável
por suas palavras, enquanto
que os
encantos do insensato
desaparecem.
14 O donativo do insensato
não te trará proveito, pois ele
te fixa com
sete olhos.
15 Ele dá pouco e censura
muitas vezes; quando abre a
sua boca é
como uma fogueira.
16 Há quem empresta hoje e
amanhã o reclama. Tal
homem é odioso.

30
acatado,
os abandonará.
17 O insensato não tem
amigos, e pelo bem que faz
não será bem
18 porque os que comem o
seu pão têm línguas falsas;
quantas e
quantas vezes não zombarão
dele?
19 Pois não agiu com bom
senso, distribuindo o que
devia guardar e o
que não devia guardar.
20 A queda de uma língua
mentirosa é como uma queda
na laje; assim
a ruína dos maus virá de
repente.
21 Um homem desagradável
é como uma história ruim,
que se acha
continuamente na boca das
pessoas mal-educadas.
22 Será mal recebida a
máxima que sair da boca do
insensato, pois que
ele a diz fora de tempo.
23 Há quem se abstenha de
pecar por falta de meios, mas
ressente o
aguilhão do pecado até em
seu repouso.
24 Há quem perca a sua alma
por causa do respeito
humano; perde-a,
cedendo a uma pessoa
imprudente; perde-se por
atender
demasiadamente a uma
pessoa.
25 Há quem, por falsa
vergonha, faça uma promessa
a um amigo, e
dele se faça gratuitamente
um inimigo.
26 A mentira é no homem
uma vergonhosa mancha: não
deixa os lábios
das pessoas mal-educadas.
27 Mais vale um ladrão do
que um mentiroso contumaz,
mas ambos
terão a ruína como partilha.
28 O comportamento dos
mentirosos é aviltante, sua
vergonha jamais
29 O sábio atrai a si a estima
por suas palavras; o homem
prudente
agradará aos poderosos.
30 Quem cultiva sua terra
colherá montes de frutos;
quem cultiva a
justiça será ele próprio
elevado; quem agrada aos
poderosos fugirá da
iniqüidade.
31 Os presentes e as dádivas
cegam os olhos dos juízes.
São em sua
boca como um freio que os
torna mudos e os impede de
castigar.
32 Sabedoria escondida é
tesouro invisível. Para que
serve uma e outro?
33 Mais vale aquele que
dissimula sua insipiência, do
que aquele que
esconde sua sabedoria.
Capítulo 21
1 Filho, pecaste? Não o faças
mais. Mas ora pelas tuas
faltas passadas,
para que te sejam perdoadas.
2 Foge do pecado com se foge
de uma serpente; porque, se
dela te
aproximares, ela te morderá.
3 Os seus dentes são dentes
de leão, que matam as almas
dos homens.

31
4 Todo pecado é como uma
espada de dois gumes: a
chaga que ele
produz é incurável.
5 O ultraje e a violência
destroem as riquezas. A mais
rica mansão se
arruína pelo orgulho; assim
será desenraizada a riqueza
do orgulhoso.
6 A oração do pobre eleva-se
de sua boca até os ouvidos
(de Deus), (e
Deus) se apressará em lhe
fazer justiça.
7 Aquele que odeia a correção
segue os passos do pecador,
aquele que
teme a Deus volta ao seu
próprio coração.
8 De longe é conhecido o
poderoso de linguagem
insolente, mas o
homem sábio sabe como se
descartar dele.
9 Quem constrói a sua casa
às custas de outrem, é como
aquele que
amontoa pedras para
(construir) no inverno.
10 A reunião dos pecadores é
como um amontoado de
estopas: seu fim
será a fogueira.
11 O caminho dos pecadores
é calçado de pedras unidas,
mas ele
conduz à região dos mortos,
às trevas e aos suplícios.
12 Aquele que guarda a
justiça penetrará o espírito
dela.
13 A sabedoria e o bom senso
são a consumação do temor a
Deus.
14 Jamais tornar-se-á hábil
aquele que não é sábio no
bem,
15 pois há uma sabedoria que
produz muito mal. E o bom
senso não
está onde está a amargura.
16 A ciência do sábio espalha-
se como a água que
transborda, e o
conselho que ele dá
permanece como fonte de
vida.
17 O coração do insensato é
como um cântaro lascado,
nada retém da
sabedoria.
18 Qualquer palavra sábia
que ouça o homem sensato,
ele a louvará e

dela se aproveitará. Que a ouça um voluptuoso, e ela lhe desagradará, e
ele a arremessará para trás de si.
19 A conversa do insensato é como um fardo para carregar, mas o
encanto se acha nos lábios do homem sensato.
20 A conversação do homem prudente é procurada na sociedade; todos
relembrarão suas palavras em seus corações.
21 A sabedoria é para o insensato como uma casa arruinada; a ciência
do insensato é feita de palavras incoerentes.
22 A instrução é para o insensato como peias nos pés e como algemas
nas mãos.
23 O insensato eleva a voz quando ri, mas o homem sábio sorri
discretamente.
24 Para o homem prudente a ciência é um ornato de ouro, uma pulseira
que traz no braço direito.
25 O insensato põe facilmente os pés na casa do vizinho, mas aquele
que tem educação hesita em visitar um poderoso.
26 O insensato olha dentro de uma casa pela janela; o homem bem
educado permanece fora.

32
coração.
27 É sinal de loucura escutar a uma porta; o homem prudente indignase
com tal grosseria.
28 Os lábios dos imprudentes só proferem tolices, mas as palavras do
sábio têm peso na balança.
29 O coração dos insensatos está na boca, a boca dos sábios está no
30 Quando o ímpio amaldiçoa o adversário, amaldiçoa-se a si mesmo.
31 O delator macula-se a si próprio, e é odiado por todos; o que mora
com ele será odioso, mas o homem sensato que se cala será honrado.
Capítulo 22

1 Ao preguiçoso é atirado esterco, só se fala dele com desprezo.
2 O preguiçoso é apedrejado com excremento, quem o tocar sacudirá a
mão.
3 O filho mal educado é a vergonha de seu pai, a filha semelhante não
gozará de nenhuma consideração.
4 Um jovem prudente é uma herança para o marido, mas a filha
desavergonhada causa mágoa ao seu pai.
5 A mulher atrevida cobre de vergonha o pai e o marido; e é igual aos
celerados: ambos a desprezam.
6 Uma palavra inoportuna é música em dia de luto; a sabedoria, porém,
emprega com oportunidade o chicote e a instrução.
7 Instruir um insensato é tornar a ajustar um vaso quebrado;
8 falar a quem não ouve é como despertar alguém de um sono
profundo.
9 Falar da sabedoria com um insensato é conversar com alguém que
está adormecendo; no fim da conversa ele dirá: Que é?
10 Chora sobre um morto, porque ele perdeu a luz; chora sobre um
tolo, porque é falho de juízo.
11 Chora menos sobre um morto, porque ele achou o repouso;
12 a vida criminosa do mau, porém, é pior do que a morte.
13 O luto por um morto dura sete dias, mas por um insensato e um
ímpio, dura toda a sua vida.
14 Não fales muito com um estulto; não convivas com o insensato.
15 Acautela-te contra ele, para não seres incomodado; e não te
mancharás com o contágio de seu pecado.
16 Afasta-te dele: encontrarás repouso, e a sua loucura não te causará
mágoa.

17 O que há de mais pesado que o chumbo? E que outro nome dar-lhe a
não ser o de insensato?
18 É mais fácil carregar areia, sal ou uma barra de ferro, do que
suportar o imprudente, o tolo e o ímpio.

33
19 Um encaixamento de madeira adaptado aos alicerces de um edifício
não se desconjunta. Assim é o coração firmado por uma decisão bem
amadurecida.
20 O desígnio de um homem sensato, em qualquer tempo que seja, não
será alterado pelo temor.
21 Como a estacada posta em lugar elevado e a parede sem argamassa
não podem resistir à violência do vento,
22 assim um coração tímido, de pensamentos tolos, não pode resistir ao
choque do temor.
23 O coração medroso do insensato jamais tem temor em seus
pensamentos; assim também o que não se apóia nos preceitos divinos.
24 Quem machuca um olho, dele faz sair lágrimas; quem magoa um
coração, nele excita a sensibilidade.
25 Quem lança uma pedra aos pássaros, fá-los fugir; assim, quem
insulta um amigo, rompe a amizade.
26 Ainda que tenhas arrancado a espada contra o teu amigo, não
desesperes; porque o regresso é possível.
27 Ainda que tenhas dito contra ele palavras desagradáveis, não temas,
porque a reconciliação é possível, salvo se se tratar de injúrias,
afrontas, insolências, revelação de um segredo ou golpes à traição; em
todos esses casos fugirá de ti o teu amigo.
28 Permanece fiel ao teu amigo em sua pobreza, a fim de te alegrares

com ele na sua prosperidade.
29 Permanece-lhe fiel no tempo da aflição, a fim de teres parte com ele em sua herança.
30 O vapor e a fumaça elevam-se na fornalha antes do fogo; assim o homicídio e o derramamento de sangue são precedidos de injúrias,
ultrajes e ameaças.
31 Não me envergonharei de saudar um amigo, nem me esconderei da
sua presença; e se me acontecer algum mal por isso, eu o suportarei,
32 mas quem o souber, dele desconfiará.
33 Quem porá uma guarda à minha boca, e um selo inviolável nos meus
lábios, para que eu não caia por sua causa, e para que minha língua não
me perca?
Capítulo 23
1 Senhor, meu pai e soberano de minha vida, não me abandoneis ao
conselho de meus lábios, e não permitais que eles me façam sucumbir.
2 Quem fará sentir o chicote em meus pensamentos, e em meu coração
a doutrina da sabedoria, para eu não ser poupado nos pecados por
ignorância, a fim de que esses erros não apareçam?
3 Para que não aumentem as minhas omissões, e não se multipliquem

disso.
as minhas ignorâncias, e eu não caia diante de meus adversários, e não
escarneça de mim o meu inimigo?
4 Senhor, meu pai e Deus de minha vida, não me abandoneis às suas
sugestões;
5 não me deis olhos altivos e preservai-me da cobiça!
6 Afastai de mim a intemperança! Que a paixão da volúpia não se
apodere de mim e não me entregueis a uma alma sem pejo e sem
pudor!
7 Ouvi, filhos, o conhecimento que eu vos dou: aquele que o guardar
não perecerá pelos lábios, nem cairá em ações criminosas.
8 O pecador é apanhado pela sua leviandade; o orgulhoso e o
maledicente nela encontrarão motivos de queda.
9 Que tua boca não se acostume ao juramento, porque isso leva a
muitos pecados.
10 Que o nome de Deus não esteja sempre na tua boca, e que não
mistures nas tuas conversas o nome dos santos, porque nisso não
estarias isento de culpa.
11 Pois, assim como um escravo submetido continuamente à tortura,
dela trará as cicatrizes, assim, todo homem que jura pelo nome de
Deus, não poderá totalmente escapar ao pecado.
12 O homem que jura com freqüência será cheio de iniqüidade, e o
flagelo não deixará a sua casa;
13 se não cumprir o juramento, sua culpa recairá sobre ele; e, se
dissimular, pecará duplamente.
14 Se jurar em vão, isso não o justificará: sua casa será cheia de
castigos.
15 Há uma outra palavra que merece a morte, e não deve ser
encontrada na herança de Jacó!
16 Tudo isto está longe dos homens piedosos, que não se comprazem
em tais crimes.
17 Não acostumes tua boca a uma linguagem grosseira, pois aí sempre
haverá pecado.
18 Lembra-te de teu pai e de tua mãe, quando te achares no meio dos
poderosos,
19 para não acontecer que Deus se esqueça de ti na presença deles, e
que, tornando-te insensato pela tua excessiva familiaridade, tenhas de
suportar um insulto, e desejes não ter nascido, e amaldiçoes o dia do
teu nascimento.
20 O homem acostumado a dizer palavras injuriosas jamais se corrigirá
21 Duas espécies de pessoas multiplicam os pecados, e a terceira atrai
sobre si a cólera e a perdição.
22 A alma que queima como um fogo ardente não se apagará antes de
ter devorado alguma coisa.

até à morte.
23 O homem que abusa de seu próprio corpo, não terá sossego
enquanto não acender uma fogueira.
24 Para o fornicador todo o alimento é doce; não se cansará de pecar
25 O homem que profana seu leito prejudica-se a si mesmo, e diz:
Quem me vê?
26 As trevas me rodeiam, as paredes me escondem; ninguém me olha;
a quem temerei? O Altíssimo não se recordará de meus pecados.
27 E ele não compreende que o olhar de Deus tudo vê, que um
semelhante temor humano exclui dele o temor a Deus, e que os olhos
dos homens o temem.
28 Ele não sabe que os olhos do Senhor são muito mais luminosos que o
sol, que examinam por todos os lados o procedimento dos homens, as
profundezas do abismo, e investigam o coração humano até em seus
mais íntimos esconderijos.
29 Pois, o Senhor Deus conhecia todas as coisas antes de tê-las criado,
e as vê todas, depois que as completou.
30 Este tal será castigado nas praças públicas da cidade; será posto em

fuga como o potro da égua, e será apanhado onde menos o esperar.
31 Será vexado diante de todos, porque não compreendeu o que é o temor a Deus.
32 Assim também perecerá toda mulher que deixar seu marido, e lhe
der como herdeiro um filho adulterino,
33 porque primeiramente ela foi desobediente à lei do Altíssimo, em
segundo lugar pecou contra o seu marido, cometendo assim um
adultério, dando-se a si filhos de outro homem.
34 Essa mulher será trazida perante a assembléia, e seus filhos serão
vigiados.
35 Seus filhos não pegarão raízes; seus ramos não darão frutos.
36 Ela deixará uma memória maldita, e sua desonra jamais se apagará.
37 E todos aqueles que lhe sobreviverem reconhecerão que nada é
melhor do que o temor a Deus, e nada mais suave que guardar os seus
preceitos.
38 É uma grande glória seguir o Senhor, pois é ele quem dá vida longa.
Capítulo 24
1 A sabedoria faz o seu próprio elogio, honra-se em Deus, gloria-se no
meio do seu povo.
2 Ela abre a boca na assembléia do Altíssimo, gloria-se diante dos
exércitos do Senhor,
3 é exaltada no meio do seu povo, e admirada na assembléia santa.
4 Entre a multidão dos eleitos, recebe louvores, e bênçãos entre os

abençoados de Deus.
5 Ela diz: Saí da boca do Altíssimo; nasci antes de toda criatura.
6 Eu fiz levantar no céu uma luz indefectível, e cobri toda a terra como
que de uma nuvem.
7 Habitei nos lugares mais altos: meu trono está numa coluna de
nuvens.
8 Sozinha percorri a abóbada celeste, e penetrei nas profundezas dos
abismos. Andei sobre as ondas do mar,
9 e percorri toda a terra. Imperei sobre todos os povos
10 e sobre todas as nações.
11 Tive sob os meus pés, com meu poder, os corações de todos os
homens, grandes e pequenos. Entre todas as coisas procurei um lugar
de repouso, e habitarei na moradia do Senhor.
12 Então a voz do Criador do universo deu-me suas ordens, e aquele
que me criou repousou sob minha tenda.
13 E disse-me: Habita em Jacó, possui tua herança em Israel, estende
tuas raízes entre os eleitos.
14 Desde o início, antes de todos os séculos, ele me criou, e não
deixarei de existir até o fim dos séculos; e exerci as minhas funções
diante dele na casa santa.
15 Assim fui firmada em Sião; repousei na cidade santa, e em
Jerusalém está a sede do meu poder.
16 Lancei raízes no meio de um povo glorioso, cuja herança está na
partilha de meu Deus; e fixei minha morada na assembléia dos santos.
17 Elevei-me como o cedro do Líbano, como o cipreste do monte Sião;
18 cresci como a palmeira de Cades, como as roseiras de Jericó.
19 Elevei-me como uma formosa oliveira nos campos, como um plátano
no caminho à beira das águas.
20 Exalo um perfume de canela e de bálsamo odorífero, um perfume
como de mirra escolhida;
21 como o estoraque, o gálbano, o ônix e a mirra, como a gota de
incenso que cai por si própria, perfumei minha morada. Meu perfume é
como o de um bálsamo sem mistura.
22 Estendi meus galhos como um terebinto, meus ramos são de honra e
de graça.
23 Cresci como a vinha de frutos de agradável odor, e minhas flores são
frutos de glória e abundância.
24 Sou a mãe do puro amor, do temor (de Deus), da ciência e da santa
esperança,
25 em mim se acha toda a graça do caminho e da verdade, em mim
toda a esperança da vida e da virtude.
26 Vinde a mim todos os que me desejais com ardor, e enchei-vos de
meus frutos;
27 pois meu espírito é mais doce do que o mel, e minha posse mais

terão ainda sede.
suave que o favo de mel.
28 A memória de meu nome durará por toda a série dos séculos.
29 Aqueles que me comem terão ainda fome, e aqueles que me bebem
30 Aquele que me ouve não será humilhado, e os que agem por mim
não pecarão.
31 Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna.
32 Tudo isso é o livro da vida, a aliança do Altíssimo, e o conhecimento
da verdade.
33 Moisés deu-nos a lei com os preceitos da justiça, a herança da casa
de Jacó e as promessas feitas a Israel.
34 (Deus) prometeu a seu servo Davi que faria sair dele um rei muito
poderoso, o qual se sentaria eternamente num trono de glória.
35 (A lei) faz transbordar a sabedoria como o Fison, e como o Tigre na
época dos frutos novos;

36 ela espalha a inteligência como o Eufrates, e uma inundação como a
do Jordão no tempo da colheita.
37 É ela quem derrama a ciência como o Nilo, soltando as águas como o
Geon no tempo da vindima.
38 Foi ele quem primeiro a conheceu perfeitamente, essa sabedoria
impenetrável às almas fracas.
39 O seu pensamento é mais vasto do que o mar, e seu conselho, mais
profundo do que o grande abismo.
40 Eu, a sabedoria, fiz correr os rios.
41 Sou como o curso da água imensa de um rio, como o canal de uma
ribeira, e como um aqueduto saindo do paraíso.
42 Eu disse: Regarei as plantas do meu jardim, darei de beber aos
frutos de meu prado;
43 e eis que meu curso de água tornou-se abundante, e meu rio tornouse
um mar.
44 Pois a luz da ciência que eu derramo sobre todos é como a luz da
manhã, e de longe eu a torno conhecida.
45 Penetrarei em todas as profundezas da terra, visitarei todos aqueles
que dormem, e alumiarei todos os que confiam no Senhor.
46 Continuarei a espalhar a minha doutrina como uma profecia, e deixá-
la-ei aos que buscam a sabedoria, e não abandonarei seus descendentes
até o século santo.
47 Considerai que não trabalhei só para mim, mas para todos aqueles
que buscam a verdade.
Capítulo 25
1 Meu espírito se compraz em três coisas que têm a aprovação de Deus

38
aconselhar!
amargamente.
e dos homens:

2 a união entre os irmãos, o amor entre os parentes, e um marido que
vive bem com sua mulher.
3 Mas há três espécies de gente que minha alma detesta, e cuja vida
me é insuportável:
4 um pobre orgulhoso, um rico mentiroso e um ancião louco e
insensato.
5 Como acharás na velhice aquilo que não tiveres acumulado na
juventude?
6 Quão belo é para a velhice o saber julgar, e para os anciãos o saber
7 Quão bela é a sabedoria nas pessoas de idade avançada, e a
inteligência com a prudência nas pessoas honradas!
8 A experiência consumada é a coroa dos anciãos; o temor de Deus é a
sua glória.
9 Nove coisas se apresentam ao meu espírito, as quais considero felizes,
e uma décima que anunciarei aos homens:
10 um homem que encontra a sua alegria em seus filhos; um homem
que vive o bastante para ver a ruína de seus inimigos;
11 aquele - feliz dele! - que vive com uma mulher sensata, e que não
pecou pela língua, nem teve de servir a pessoas indignas dele.
12 Feliz aquele que encontrou um amigo verdadeiro, e que fala da
justiça a um ouvido atento.
13 Como é grande aquele que encontrou sabedoria e ciência! Mas nada
é tão grande como aquele que teme ao Senhor:
14 o temor a Deus coloca-o acima de tudo.
15 Feliz o homem que recebeu o dom do temor a Deus.
16 O temor a Deus é o começo de seu amor, e a ele é preciso
acrescentar um princípio de fé.
17 A tristeza do coração é uma chaga universal, e a maldade feminina é

uma malícia consumada.
18 Toda chaga, não, porém, a chaga do coração;
19 toda malícia, não, porém, a malícia da mulher;
20 toda vingança, não, porém, a que nos causam nossos adversários;
21 toda vingança, não, porém, a de nossos inimigos.
22 Não há veneno pior que o das serpentes;
23 não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e
um dragão, que morar com uma mulher maldosa.
24 A malícia de uma mulher transtorna-lhe as feições, obscurece-lhe o
olhar como o de um urso, e dá-lhe uma tez com a aparência de saco.
25 Entre seus parentes, queixa-se o seu marido, e, ouvindo-os, suspira
26 Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a
sorte dos pecadores caia sobre ela!

39
27 Como uma ladeira arenosa aos pés de um ancião, assim é a mulher
tagarela para um marido pacato.
28 Não contemples a beleza de uma mulher, não cobices uma mulher
pela sua beleza.
29 Grandes são a cólera de uma mulher, sua audácia, sua desordem.
30 Se a mulher tiver o mando, ela se erguerá contra o marido.
31 Coração abatido, semblante triste e chaga de coração: eis (o que faz)
uma mulher maldosa.
32 Mãos lânguidas, joelhos que se dobram: eis (o que faz) uma mulher
que não traz felicidade ao seu marido.
33 Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos.
34 Não dês à tua água a mais ligeira abertura, nem à mulher maldosa a
liberdade de sair a público.

35 Se ela não andar sob a direção de tuas mãos, ela te cobrirá de
vergonha na presença de teus inimigos.
36 Separa-te do seu corpo, a fim de que não abuse sempre de ti.
Capítulo 26
1 Feliz o homem que tem uma boa mulher, pois, se duplicará o número
de seus anos.
2 A mulher forte faz a alegria de seu marido, e derramará paz nos anos
de sua vida.
3 É um bom quinhão uma mulher bondosa; no quinhão daqueles que
temem a Deus, ela será dada a um homem pelas suas boas ações.
4 Rico ou pobre, (o seu marido) tem o coração satisfeito, e seu rosto
reflete alegria em todo o tempo.
5 Meu coração teme três coisas, e uma quarta faz empalidecer de pavor
o meu semblante:
6 a denúncia de uma cidade, o motim de um povo,
7 a calúnia, coisas estas mais temíveis que a morte;
8 mas uma mulher ciumenta é uma dor de coração e um luto.
9 A língua de uma mulher ciumenta é um chicote que atinge todos os
homens.
10 Uma mulher maldosa é como jugo de bois desajustado; quem a
possui é como aquele que pega um escorpião.
11 A mulher que se dá à bebida é motivo de grande cólera; sua ofensa e
sua infâmia não ficarão ocultas.
12 O mau procedimento de uma mulher revela-se na imprudência de
seu olhar e no pestanejar das pálpebras.
13 Vigia cuidadosamente a jovem que não se retrai dos homens, para
que não se perca, achando ocasião.

40

14 Desconfia de toda ousadia de seus olhos, e não te admires se ela te
desprezar.
15 Como um viajante sedento abre a boca diante da fonte e bebe toda a
água que encontra, assim senta-se ela em qualquer cama até
desfalecer, e qualquer flecha abre sua aljava.
16 A graça de uma mulher cuidadosa rejubila seu marido,
17 e seu bom comportamento revigora os ossos.
18 É um dom de Deus uma mulher sensata e silenciosa, e nada se
compara a uma mulher bem-educada.
19 A mulher santa e honesta é uma graça inestimável;
20 não há peso para pesar o valor de uma alma casta.
21 Assim como o sol que se levanta nas alturas de Deus, assim é a
beleza de uma mulher honrada, ornamento de sua casa.
22 Como a lâmpada que brilha no candelabro sagrado, assim é a beleza
do rosto na idade madura.
23 Como colunas de ouro sobre alicerces de prata, são as pernas
formosas sobre calcanhares firmes.
24 Como fundamentos eternos sobre pedra firme, assim são os
preceitos divinos no coração de uma mulher santa.
25 Duas coisas entristecem o meu coração, e uma terceira me irrita:
26 um homem de guerra que perece na indigência, um homem sábio
que é desprezado,
27 e aquele que passa da justiça ao pecado; a este último, Deus reserva
a espada.
28 Duas coisas me parecem difíceis e perigosas: dificilmente evitará
erros o que negocia, e o taberneiro não escapará ao pecado da língua.
Capítulo 27

1 A pobreza fez cair vários deles no pecado. Quem procura enriquecer,
afasta os olhos (de Deus).
2 Como se enterra um pau entre as junturas das pedras, assim penetra
o pecado entre a venda e a compra.
3 O pecado será esmagado com o pecador.
4 Se não te aferrares firmemente no temor ao Senhor, tua casa em
breve será destruída.
5 Quando se sacode a joeira, só ficam refugos; assim a perplexidade
permanece no pensamento do homem.
6 A fornalha experimenta as jarras do oleiro; a prova do infortúnio, os
homens justos.
7 O cuidado aplicado a uma árvore mostra-se no fruto; assim a palavra
manifesta o que vai no coração do homem.
8 Não louves um homem antes que ele tenha falado, pois é assim que

41

apanhado.
se experimentam os humanos.
9 Se procurares a justiça, hás de consegui-la, e dela te revestirás como
de um manto de festa. Habitarás com ela, ela te protegerá para sempre;
e, no dia do juízo, nela encontrarás apoio.
10 As aves chegam-se aos seus semelhantes; assim a verdade volta
àqueles que a põem em prática.
11 O leão está sempre à espreita de uma presa; assim o pecado, para
aqueles que praticam a iniqüidade.
12 O homem santo permanece na sabedoria, estável como o sol; mas o insensato é inconstante como a lua.
13 Na companhia dos tolos, guarda tuas palavras para outra ocasião. Sê
de preferência assíduo junto às pessoas ponderadas.

14 A conversação dos pecadores é odiosa; eles se alegram nas delícias do pecado.
15 Uma linguagem cheia de blasfêmias é horripilante, e sua grosseria fará com que não queiramos ouvi-la.
16 Uma disputa entre orgulhosos faz correr sangue; suas injúrias fazem sofrer os ouvidos.
17 Quem revela o segredo de um amigo perde a sua confiança, e não mais achará amigos que lhe convenham.
18 Ama o teu próximo e sê fiel na amizade com ele;
19 se desvendares seus segredos, em vão correrás atrás dele,
20 pois, como um homem que mata seu amigo, assim é o que destrói a amizade do próximo;
21 como um homem que solta o pássaro que tem na mão, assim abandonaste o teu próximo, e não mais o encontrarás.
22 Não o persigas, já está longe; escapou-se como uma gazela da armadilha. Porque a sua alma foi ferida,
23 e não mais poderás curar (sua ferida). Depois de uma injúria pode haver reconciliação;
24 desvendar, porém, os segredos de um amigo é um desespero para a alma desventurada.
25 Aquele que tem um olhar lisonjeiro trama negros propósitos, e ninguém pode afastá-lo de si.
26 Em tua presença só terá doçura nos lábios, admirará tudo o que disseres; mas em breve mudará sua linguagem e armará laços às tuas palavras.
27 Abomino muitas coisas, porém nada tanto quanto ele; o Senhor também o detesta.
28 Quem lança uma pedra no ar, a vê recair sobre sua cabeça; a ofensa feita por traição atingirá também o traidor.
29 Quem cava uma fossa cairá nela; quem põe uma pedra no caminho do próximo nela tropeçará; quem arma uma cilada a outrem nela será

cura!
30 O desígnio criminoso volta-se contra o seu autor, que não saberá de onde lhe vem o mal.
31 A zombaria e a ofensa são próprias dos orgulhosos; a vingança os espreita como um leão.
32 Aqueles que escarnecem do pecado dos justos serão apanhados no laço, e a dor os consumirá ainda vivos.
33 Cólera e furor são ambos execráveis; o homem pecador os alimenta em si mesmo.

Capítulo 28

1 Aquele que quer vingar sofrerá a vingança do Senhor, que guardará cuidadosamente os seus pecados.
2 Perdoa ao teu próximo o mal que te fez, e teus pecados serão perdoados quando o pedires.
3 Um homem guarda rancor contra outro homem, e pede a Deus a sua
4 Não tem misericórdia para com o seu semelhante, e roga o perdão dos seus pecados!
5 Ele, que é apenas carne, guarda rancor, e pede a Deus que lhe seja propício! Quem, então, lhe conseguirá o perdão de seus pecados?
6 Lembra-te do teu fim, e põe termo às tuas inimizades,
7 pois a decadência e a morte são uma ameaça (para aqueles que transgridem) os mandamentos.
8 Lembra-te do temor a Deus, e não fiques irado contra o próximo.
9 Lembra-te da aliança com o Altíssimo, e passa por cima do erro que o teu próximo cometeu inadvertidamente.
10 Evita a desavença e diminuirás os pecados.
11 O homem irascível provoca as querelas; o pecador espalha a inquietação entre seus amigos, e semeia a inimizade no meio de pessoas que vivem em paz.
12 O fogo queima na proporção da lenha que há na floresta; a ira do homem inflama-se na medida de seu poder, e desenvolve-se em proporção de sua riqueza.
13 Uma querela precipitada acende o fogo; a presteza na disputa derrama sangue; e a língua que presta (falso) testemunho causa a morte.
14 Sopra sobre uma centelha e ela se abrasará; cospe sobre ela e ela se apagará: ambos saem de tua boca.
15 Maldito o delator e o homem que diz branco e preto, pois semeiam a discórdia entre muita gente que vive em paz.
16 A língua de um terceiro abalou muitos deles, e os afugentou de uma nação a outra.

ossos.
17 Ela destruiu as cidades fortes dos ricos, e arrasou as casas dos poderosos.
18 Desbaratou os exércitos dos povos, e dispersou nações valentes.
19 A língua de um terceiro fez repudiar mulheres de escol, e privou-as do fruto de seu labor.
20 Aquele que o ouve não terá paz, não terá amigo em quem tenha confiança.
21 A chicotada produz um ferimento, porém uma língua má quebra os
22 Muitos homens morreram pelo fio da espada, mas não tantos quanto os que pereceram por sua própria língua.
23 Feliz aquele que está ao abrigo da língua perversa, que não passou

pela cólera dela, que não atraiu sobre si o seu jugo, e que não foi atado
pelas suas correntes,
24 pois o jugo dela é um jugo de ferro, e suas correntes, correntes de
bronze.
25 A morte que ela dá é morte desastrada, e a moradia dos mortos élhe preferível.
26 Ela durará, mas não sempre; ela dominará o proceder dos injustos, e
os justos não serão devorados pelas suas chamas.
27 Aqueles que abandonam Deus lhe serão entregues: ela os consumirá
sem se apagar; lançar-se-á sobre eles como um leão; e os estraçalhará
como um leopardo.
28 Protege teus ouvidos com uma sebe de espinhos; não dês ouvidos à
língua maldosa, e põe em tua boca uma porta com ferrolhos.
29 Derrete teu ouro e tua prata; faze uma balança para (pesar) as tuas
palavras, e para a tua boca, um freio bem ajustado.
30 Tem cuidado para não pecar pela língua, para não caíres na presença
dos inimigos que te espreitam, e para que não venha o teu pecado a ser incurável e mortal.

Capítulo 29

1 Aquele que tem compaixão empresta com juros ao seu próximo;
aquele que tem a mão generosa guarda os mandamentos.
2 Empresta a teu próximo quando ele estiver necessitado, e de teu lado, paga-lhe o que lhe deves, no tempo marcado.
3 Cumpre tua palavra e procede lealmente com ele, e acharás em toda
ocasião o que te é necessário.
4 Muitos consideraram como um achado o que pediam emprestado, e
causaram desgosto àqueles que os ajudaram.
5 Até que se tenha recebido, beija-se a mão de quem empresta; com
voz humilde fazem-se promessas;

tornaram peregrinos em terra estrangeira.
6 mas, chegando o tempo de restituir, pedem-se prazos; só se têm
palavras pesarosas e queixas; e toma-se como pretexto (a dificuldade)
da época.
7 Se o que pede emprestado pode restituir, nega-se a princípio. Restitui
em seguida só a metade da quantia, e a considera como um lucro.
8 Se não tem meios para pagar, priva o que emprestou do seu dinheiro,
e dele se faz gratuitamente um inimigo.
9 Ele o paga com ofensas e maldições, e paga com o mal o bem que
recebeu.
10 Muitos não emprestam, não por maldade, mas por medo de serem
injustamente iludidos.
11 Todavia, sê indulgente para com o miserável, e não o faças
esmorecer depois da esmola.
12 Por causa do mandamento, socorre o pobre; e não o deixes ir com as
mãos vazias na sua indigência.
13 Perde o teu dinheiro em favor de teu irmão e de teu amigo; não o
escondas debaixo de uma pedra para ficar perdido.
14 Gasta o teu tesouro segundo o preceito do Altíssimo, e isso te
aproveitará mais do que o ouro.
15 Encerra a esmola no coração do pobre, e ela rogará por ti a fim de te
preservar de todo o mal.
16, 17, 18 Para combater o teu inimigo, ela será uma arma mais
poderosa do que o escudo e a lança de um homem valente.
19 O homem de bem responsabiliza-se pelo próximo; o homem sem
pejo abandona-o a si próprio.
20 Não esqueças o benefício daquele que se responsabiliza por ti, pois
ele arriscou a vida para te amparar.
21 O pecador e o impudico fogem de seu fiador;
22 o pecador atribui a si mesmo o benefício de quem por ele se
responsabiliza, e com coração ingrato abandona o seu libertador.
23 Um homem se responsabiliza pelo seu próximo, e este, perdendo a vergonha, o abandonará.
24 Um mau penhor perdeu muitas pessoas que prosperavam, e as
agitou como as ondas do mar;
25 por uma reviravolta das coisas, ele exilou muitos poderosos, que se
26 O pecador que transgride o mandamento do Senhor, comprometer-
se-á a responder inoportunamente por outro; e aquele que tentar
muitos empreendimentos não escapará do processo.
27 Ajuda o próximo conforme as tuas posses, e acautela-te para que
não caias tu também.
28 O principal para a vida do homem é a água, o pão, o vestuário e uma
casa para ocultar a sua nudez.
29 Mais vale o que um pobre come sob um vigamento, do que um

causará desgosto.
alma.
magnífico banquete em casa alheia para quem não tem domicílio.
30 Contenta-te com o pouco ou muito que tiveres e evitarás a censura
de seres um estranho.
31 É uma vida miserável a daquele que vai de casa em casa; em toda
parte onde se hospedar, não estará confiante, e não ousará abrir a
boca.
32 Recebe-se com hospitalidade, dá-se de comer e de beber a ingratos;

e, depois disso, ouvem-se palavras desagradáveis:
33 Vamos, intruso, prepara a mesa, e o que tens, dá-o de comer aos
outros;
34 retira-te, por causa da homenagem que devo prestar aos meus
amigos. Preciso de minha casa para nela receber meu irmão.
35 Eis coisas penosas para um homem sensato: ouvir censuras pela
hospitalidade e pelo empréstimo que se fez.
Capítulo 30
1 Aquele que ama seu filho, castiga-o com freqüência, para que se
alegre com isso mais tarde, e não tenha de bater à porta dos vizinhos.
2 Aquele que dá ensinamentos a seu filho será louvado por causa dele, e
nele mesmo se gloriará entre seus amigos.
3 Aquele que educa o filho torna o seu inimigo invejoso, e entre seus
amigos será honrado por causa dele.
4 O pai morre, e é como se não morresse, pois deixa depois de si um
seu semelhante.
5 Durante sua vida viu seu filho e nele se alegrou; quando morrer, não
ficará aflito; não terá de que se envergonhar perante seus adversários,
6 pois deixou em sua casa um defensor contra os inimigos, alguém que
manifestará gratidão aos seus amigos.
7 Aquele que estraga seus filhos com mimos terá que lhes pensar as
feridas; a cada palavra suas entranhas se comoverão.
8 Um cavalo indômito torna-se intratável; a criança entregue a si
mesma torna-se temerária.
9 Adula o teu filho e ele te causará medo; brinca com ele e ele te
10 Não te ponhas a rir com ele, para que não venhas a sofrer com isso,
e não acabes rangendo os dentes.
11 Não lhe dês toda a liberdade na juventude, não feches os olhos às
suas extravagâncias:
12 obriga-o a curvar a cabeça enquanto jovem, castiga-o com varas
enquanto ainda é menino, para que não suceda endurecer-se e não
queira mais acreditar em ti, e venha a ser um sofrimento para a tua

13 Educa o teu filho, esforça-te (por instruí-lo), para que te não desonre
com sua vida vergonhosa.
14 Mais vale um pobre sadio e vigoroso, que um rico enfraquecido e
atacado de doenças.
15 A saúde da alma na santidade e na justiça vale mais que o ouro e a
prata. Um corpo robusto vale mais que imensas riquezas.
16 Não há maior riqueza que a saúde do corpo; não há prazer que se
iguale à alegria do coração.
17 Mais vale a morte que uma vida na aflição; e o repouso eterno que
um definhamento sem fim.
18 Bens escondidos em uma boca fechada são como preparativos de um
festim colocados sobre um túmulo.
19 De que serve ao ídolo a oferenda que lhe fazem? Não pode nem
comê-la nem lhe respirar o aroma.
20 Assim é aquele que o Senhor repele, e que carrega o castigo de seu
pecado;
21 seus olhos vislumbram (o alimento) e ele suspira, assim como
suspira o eunuco ao abraçar uma virgem.
22 Não entregues tua alma à tristeza, não atormentes a ti mesmo em
teus pensamentos.
23 A alegria do coração é a vida do homem, e um inesgotável tesouro
de santidade. A alegria do homem torna mais longa a sua vida.
24 Tem compaixão de tua alma, torna-te agradável a Deus, e sê firme;
concentra teu coração na santidade, e afasta a tristeza para longe de ti,
25 pois a tristeza matou a muitos, e não há nela utilidade alguma.
26 A inveja e a ira abreviam os dias, e a inquietação acarreta a velhice
antes do tempo.
27 Um coração bondoso e nobre banqueteia-se continuamente, pois
seus banquetes são preparados com solicitude.
Capítulo 31
1 As vigílias para enriquecer ressecam a carne, as preocupações que
elas trazem tiram o sono.
2 A inquietação pelo porvir perturba o sentido. Uma doença grave torna
a alma moderada.
3 O rico trabalha para juntar riquezas; quando se entrega ao repouso,
goza o fruto de seus haveres.
4 O pobre trabalha por não possuir com que viver, e, ao término da
vida, tudo lhe falta.
5 Aquele que ama o ouro não estará isento de pecado; aquele que
busca a corrupção será por ela cumulado.
6 O ouro abateu a muitos, e seus encantos os perderam.

7 O ouro é um obstáculo para aqueles que se lhe oferecem em
sacrifício; infelizes daqueles que o buscam com ardor: ele fará perecer
todos os insensatos.
8 Bem-aventurado o rico que foi achado sem mácula, que não correu
atrás do ouro, que não colocou sua esperança no dinheiro e nos
tesouros!
9 Quem é esse homem para que o felicitemos? Ele fez prodígios durante
sua vida.
10 Àquele que foi tentado pelo ouro e foi encontrado perfeito, está

reservada uma glória eterna:
ele podia transgredir a lei e não a violou;
ele podia fazer o mal e não o fez.
11 Por isso seus bens serão fortalecidos no Senhor, e toda a assembléia
dos santos louvará suas esmolas.
12 Se estiveres sentado a uma mesa bem abastecida, não comeces
abrindo a boca.
13 Não digas: Que abundância de iguarias há sobre ela!
14 Lembra-te de que um olhar maldoso é coisa funesta.
15 Que coisa há pior que o olho? É por isso que há de se desfazer em
lágrimas.
16 Quando ele olhar, não sejas o primeiro a estender a mão, para que
não cores, envergonhado pela tua cobiça.
17 Não comas demasiadamente num banquete.
18 Julga os desejos de teu próximo segundo os teus.
19 Serve-te como um homem sóbrio do que te é apresentado, para que
não te tornes odioso, comendo muito.
20 Acaba de comer em primeiro lugar, por decoro, e evita todo excesso,
para que não desgostes a ninguém.
21 Se tiveres tomado assento em meio de uma sociedade numerosa,
não sejas o primeiro a estender a mão para o prato, nem sejas o
primeiro a pedir de beber.
22 Não é um pouco de vinho suficiente para um homem bem-educado?
Assim não terás sono pesado, e não sentirás dor.
23 A insônia, o mal-estar e as cólicas são o tributo do intemperante.
24 Para um homem sóbrio, um sono salutar; ele dorme até de manhã e
sente-se bem.
25 Se tiveres sido obrigado a comer demais, levanta-te e vomita; isso te
aliviará, e não te exporás à doença.
26 Ouve-me, meu filho, não me desprezes: reconhecerás no fim a
veracidade de minhas palavras.
27 Em todas as tuas ações, sê diligente, e nenhuma doença te
acometerá.
28 Muitos lábios abençoarão aquele que dá refeições com liberalidade; o
testemunho prestado à honestidade dele é verídico.
29 Toda a cidade resmunga contra aquele que dá de comer com

mesquinhez e o testemunho prestado à avareza dele é exato.
30 Não incites a beber aquele que ama o vinho, pois o vinho perdeu a
muitos.
31 O fogo põe à prova a dureza do ferro: assim o vinho, bebido em
excesso, revela o coração dos orgulhosos.
32 O vinho bebido sobriamente é como uma vida para os homens. Se o
beberes moderadamente, serás sóbrio.
33 Que é a vida do homem a quem falta o vinho?
34 Que coisa tira a vida? A morte.
35 No princípio o vinho foi criado para a alegria não para a embriaguez.
36 O vinho, bebido moderadamente, é a alegria da alma e do coração.
37 A sobriedade no beber é a saúde da alma e do corpo.
38 O excesso na bebida causa irritação, cólera e numerosas catástrofes.
39 O vinho, bebido em demasia, é a aflição da alma.
40 A embriaguez inspira a ousadia e faz pecar o insensato; abafa as
forças e causa feridas.
41 Não repreendas o próximo durante uma refeição regada a vinho; não
o trates com desprezo enquanto ele se entrega à alegria.
42 Não lhe faças censuras, não o atormentes,
reclamando o que te é devido.

Capítulo 32

1 Fizeram-te rei (do festim)? Não te envaideças com isso. Sê no meio
dos outros como qualquer um deles.
2 Ocupa-te com eles e em seguida senta-te. Não tomes lugar à mesa,
senão após cumpridos os teus deveres,
3 assim te regozijarás por causa deles. Receberás a coroa como um
gracioso adorno, e ganharás a consideração dos convivas.
4 Tu, mais idoso, fala, pois convém
5 que sejas o primeiro a falar, com séria competência. Mas não
perturbes a música,
6 nem te alongues em discursos, onde não há quem os ouça. Não te
engrandeças sem propósito por causa de tua sabedoria.
7 Como uma pedra de rubi engastada no ouro, assim é a música no
meio de uma refeição regada a vinho.
8 Como um sinete de esmeraldas engastadas em ouro, assim é um
grupo de músicos no meio de uma alegre e moderada libação.
9 Ouve em silêncio, e tua modéstia provocará a benevolência.
10 Jovem, fala muito pouco de teus assuntos privados.
11 Se fores duas vezes interrogado, que tua resposta seja concisa.
12 Em muitas coisas, porta-te como se as ignorasses; ouve em silêncio
e pergunta.

13 No meio dos poderosos, não tomes muitas liberdades; não fales
muito onde houver anciãos:
14 vê-se o relâmpago antes de se ouvir o estalido, a graça precede o
rubor da modéstia. Pelo teu recato serás benquisto.

15 Uma vez chegada a hora de se levantar, não te demores; sê o primeiro a correr para casa, onde te regozijarás com os divertimentos.
16 Faze o que te aprouver, porém sem pecado e sem orgulho.
17 E em tudo isso glorifica o Senhor que te criou, e que te cumula de todos os seus bens.
18 Aquele que teme o Senhor aceitará sua doutrina, aqueles que vigiam para procurá-lo serão por ele abençoados.
19 Aquele que busca a lei, por ela será cumulado. Aquele, porém, que procede com falsidade, nela achará ocasião de pecado.
20 Aqueles que temem o Senhor terão um juízo reto, e farão brilhar como uma tocha a sua justiça.
21 O pecador foge da censura, e encontra precedentes segundo o seu desejo.
22 O homem prudente não perde ocasião alguma para instruir-se, e o estranho ou o orgulhoso não tem nenhum temor;
23 mesmo quando age sozinho e sem conselheiro, ele será castigado pelos seus próprios desígnios.
24 Meu filho, nada faças sem conselho, e não te arrependerás depois de teres agido.
25 Não te embrenhes num caminho de perdição e não tropeçarás nas pedras. Não te metas num caminho escabroso, para não pores diante de ti uma pedra de tropeço.
26 Previne-te contra teus filhos, sê prudente em presença de teus familiares.
27 Em tudo o que fizeres, age com segurança, pois isso é guardar os mandamentos.
28 Aquele que crê em Deus atende ao que ele manda. Aquele que põe sua confiança nele, não será atingido.

Capítulo 33

1 Aquele que teme o Senhor não será surpreendido por nenhuma desgraça. Mas Deus o protegerá na provação, e o livrará de todo o mal.
2 O sábio não odeia nem os mandamentos nem os preceitos. Ele não se despedaçará como uma nave na tempestade.
3 O homem sensato crê na lei de Deus, e a lei lhe é fiel.
4 Aquele que esclarece uma pergunta, prepara a resposta; depois de assim ter orado, ele será atendido. Ele concentra as suas idéias e depois responde.

50

5 O coração do insensato é como as rodas de um carro, e o seu pensamento é semelhante a um eixo que gira.
6 O amigo zombador é como o garanhão, que relincha debaixo de qualquer um que o monta.
7 Por que um dia prevalece sobre outro dia, uma luz sobre outra luz, um ano sobre outro ano, (provindo todos) do mesmo sol?
8 Foi a ciência do Senhor que os diferenciou, quando criou o sol que atende às suas leis;
9 ele distinguiu os tempos e os dias de festa, nos quais os homens celebram pontualmente as solenidades.
10 Entre eles há alguns que Deus elevou e consagrou; a outros pôs no número dos dias comuns. Foi assim que Deus tirou todos os homens do solo e da terra de que foi formado Adão.
11 Em sua grande sabedoria, o Senhor os distinguiu, e diversificou os seus caminhos.
12 Entre eles, alguns foram abençoados e exaltados, outros foram santificados, e ele os tomou para si. Entre eles, alguns foram amaldiçoados e humilhados, os quais ele expulsou de seu lugar de exílio.
13 Como o barro está nas mãos do oleiro, que o molda e o dispõe,
14 dando-lhe todas as formas que deseja, assim é o homem na mão de quem o criou, e que lhe retribuirá segundo o seu juízo.
15 Diante do mal está o bem; diante da morte, a vida, assim também diante do justo está o pecador. Considera assim todas as obras do Altíssimo; estão sempre duas a duas, opostas uma à outra.
16 E eu fui o último que despertei, e fiz como o que junta os grãos depois da vindima.
17 Eu também esperei na bênção de Deus, e enchi a tina como o vindimador.
18 Olhai que não trabalhei só para mim, mas para todos os que buscam a doutrina.
19 Ouvi-me, ó poderosos e todos os povos! E vós, chefes da assembléia, escutai-me!
20 Ao teu filho, à tua mulher, ao teu irmão, ao teu amigo, não concedas autoridade sobre ti durante tua vida. Não dês teus bens a outrem, para não te arrependeres e teres de tornar a pedi-los.
21 Enquanto viveres e respirares, que ninguém te faça mudar a esse respeito,
22 porque é melhor que os teus filhos te peçam, do que estares tu olhando para as mãos de teus filhos.
23 Em tudo o que fizeres conserva a tua autoridade;
24 não manches o teu bom nome. (Somente) no fim de tua vida, no momento da morte, distribuirás a tua herança.
25 Para o jumento o feno, a vara e a carga. Para o escravo o pão, o

51

castigo e o trabalho.
26 O escravo só trabalha quando corrigido, e só aspira ao repouso;
afrouxa-lhe a mão, e ele buscará a liberdade.
27 O jugo e a correia fazem dobrar o mais rígido pescoço; o trabalho
contínuo torna o escravo dócil.
28 Para o escravo malévolo a tortura e as peias; manda-o para o
trabalho para que ele não fique ocioso,
29 pois a ociosidade ensina muita malícia.
30 Ocupa-o no trabalho, pois é o que lhe convém. Se ele não obedecer,
submete-o com grilhões, mas não cometas excessos, seja com quem
for, e não faças coisa alguma importante sem ter refletido.
31 Se tiveres um escravo fiel, que ele te seja tão estimado como tu
mesmo. Trata-o como irmão, porque foi pelo preço de teu sangue que o
obtiveste.
32 Se o maltratares injustamente, ele fugirá;
33 se ele for embora, não saberás a quem perguntar, nem onde deverás
procurá-lo.
Capítulo 34
1 O insensato (vive) de esperanças quiméricas; os imprudentes edificam
sobre os sonhos.
2 Como aquele que procura agarrar uma sombra ou perseguir o vento,
assim é o que se prende a visões enganadoras.
3 Isto segundo aquilo, eis o que se vê nos sonhos: é como a imagem de
um homem diante dele próprio.
4 Que coisa pura poderá vir do impuro? Que verdade pode vir da
mentira?
5 A adivinhação do erro, os augúrios mentirosos e os sonhos dos maus,
tudo isso não passa de vaidade.
6 O teu coração, como o de uma mulher que está de parto, sofrerá
imaginações. A menos que o Altíssimo te envie uma visão, não detenhas
nelas teu pensamento,
7 pois os sonhos fizeram errar muita gente, que pecou porque neles
punham sua esperança;
8 a palavra da lei se cumpre integralmente, e a sabedoria tornar-se-á
evidente na boca do homem fiel.
9 Que sabe aquele que não foi experimentado? O homem de grande
experiência tem inúmeras idéias; aquele que muito aprendeu fala com
sabedoria.
10 Aquele que não tem experiência pouca coisa sabe, mas o que passou
por muitas dificuldades desenvolve a prudência.
11 Que sabe aquele que não foi tentado? O que foi enganado abundará

em sagacidade.
12 Vi muitas coisas em minhas viagens, muitos costumes diferentes.
13 Algumas vezes encontrei-me em perigo de morte, mas fui libertado
pela graça de Deus.
14 O espírito daqueles que temem a Deus será procurado, será
abençoado quando Deus olhar para eles.
15 Com efeito, sua esperança está posta naquele que os salva, e os
olhos de Deus estão voltados para aqueles que o amam.
16 Aquele que teme ao Senhor não tremerá; de nada terá medo, pois o
próprio Senhor é sua esperança.
17 Feliz a alma do que teme ao Senhor.
18 Para quem olha ela, e quem é a sua força?
19 Os olhos do Senhor estão voltados para aqueles que o temem; ele é
um poderoso protetor, um sólido apoio, um abrigo contra o calor, uma
tela contra o ardor do meio-dia,
20 um sustentáculo contra os choques, um amparo contra a queda. Ele
eleva a alma, ilumina os olhos; dá saúde, vida e bênção.
21 A oferenda daquele que sacrifica um bem, mal adquirido, é
maculada. E os insultos dos injustos não são aceitos por Deus.
22 O Senhor (só se dá) àqueles que o aguardam no caminho da verdade
e da justiça.
23 O Altíssimo não aprova as dádivas dos injustos, nem olha para as
ofertas dos maus; a multidão dos seus sacrifícios não lhes conseguirá o
perdão de seus pecados.
24 Aquele que oferece um sacrifício arrancado do dinheiro dos pobres, é
como o que degola o filho aos olhos do pai.
25 O pão dos indigentes é a vida dos pobres; aquele que lho tira é um
homicida.
26 Quem tira de um homem o pão de seu trabalho, é como o assassino
do seu próximo.
27 O que derrama o sangue e o que usa de fraude no pagamento de um
operário são irmãos:
28 um constrói, o outro destrói. O que lhes resta senão a fadiga?
29 Um ora, o outro maldiz; de qual ouvirá Deus a voz?
30 Se aquele que se lava após ter tocado num morto, torna a tocá-lo,
de que lhe serve ter-se lavado?
31 Assim se porta o homem que jejua por causa de seus pecados, e
torna a cometê-los: de que lhe serve ter-se humilhado? Quem ouvirá a
sua prece?
Capítulo 35
1 Aquele que observa a lei faz numerosas oferendas.

mais.
ouve a oração do ofendido.

2 É um sacrifício salutar guardar os preceitos, e apartar-se de todo pecado.
3 Afastar-se da injustiça é oferecer um sacrifício de propiciação, que consegue o perdão dos pecados.
4 Aquele que oferece a flor da farinha dá graças, e o que usa de misericórdia oferece um sacrifício.
5 Abster-se do mal é coisa agradável ao Senhor; o fugir da injustiça alcança o perdão dos pecados.
6 Não te apresentarás diante do Senhor com as mãos vazias,
7 pois todos (esses ritos) se fazem para obedecer aos preceitos divinos.
8 A oblação do justo enriquece o altar; é um suave odor na presença do Senhor.
9 O sacrifício do justo é aceito (por Deus). O Senhor não se esquecerá dele.
10 Dá glória a Deus de bom coração e nada suprimas das primícias (do produto) de tuas mãos.
11 Faze todas as tuas oferendas com um rosto alegre, consagra os dízimos com alegria.
12 Dá ao Altíssimo conforme te foi dado por ele, dá de bom coração de acordo com o que tuas mãos ganharam,
13 pois o Senhor retribui a dádiva, e recompensar-te-á tudo sete vezes
14 Não lhe ofereças dádivas perversas, pois ele não as aceitará.
15 Nada esperes de um sacrifício injusto, porque o Senhor é teu juiz, e ele não faz distinção de pessoas.
16 O Senhor não faz acepção de pessoa em detrimento do pobre, e
17 Não despreza a oração do órfão, nem os gemidos da viúva.
18 As lágrimas da viúva não correm pela sua face, e seu grito não atinge aquele que as faz derramar?
19 Pois da sua face sobem até o céu; o Senhor que a ouve, não se compraz em vê-la chorar.
20 Aquele que adora a Deus na alegria será bem recebido, e sua oração se elevará até as nuvens.
21 A oração do humilde penetra as nuvens; ele não se consolará, enquanto ela não chegar (a Deus), e não se afastará, enquanto o Altíssimo não puser nela os olhos.
22 O Senhor não concederá prazo: ele julgará os justos e fará justiça. O fortíssimo não terá paciência com (os opressores), mas esmagar-lhes-á os rins.
23 Vingar-se-á das nações, até suprimir a multidão dos soberbos, e quebrar os cetros dos iníquos;
24 até que ele dê aos homens segundo as suas obras, segundo a conduta de Adão, e segundo a sua presunção;

vossa glória.
25 até que faça justiça ao seu povo, e dê alegria aos justos por um efeito de sua misericórdia.
26 A misericórdia divina no tempo da tribulação é bela; é como a nuvem que esparge a chuva na época da seca.

Capítulo 36

1 Tende piedade de nós, ó Deus de todas as coisas, olhai para nós, e fazei-nos ver a luz de vossa misericórdia!
2 Espargi o vosso terror sobre as nações que não vos procuram, para que saibam que não há outro Deus senão vós, e publiquem as vossas maravilhas!
3 Estendei vossa mão contra os povos estranhos, para que vejam o vosso poder.
4 Como diante dos seus olhos mostrastes vossa santidade em nós, assim também, à nossa vista, sereis glorificado neles,
5 para que reconheçam, como também nós reconhecemos, que não há outro Deus fora de vós, Senhor!
6 Renovai vossos prodígios, fazei milagres inéditos,
7 glorificai vossa mão e vosso braço direito,
8 excitai vosso furor e espargi vossa cólera;
9 desbaratai o inimigo e aniquilai o adversário.
10 Apressai o tempo e lembrai-vos do fim, para que sejam apregoadas vossas maravilhas.
11 Devore o ardor da chama aquele que escapar, e sejam arruinados aqueles que maltratam o vosso povo.
12 Esmagai a cabeça dos chefes dos inimigos que dizem: Só nós existimos!
13 Reuni todas as tribos de Jacó, para que saibam que não há outro Deus senão vós, e publiquem vossas maravilhas! Tomai-as como herança, assim como eram no começo.
14 Tende piedade de vosso povo, que é chamado pelo vosso nome, e de Israel, que tratastes como vosso filho primogênito.
15 Tende piedade da cidade que santificastes, de Jerusalém, cidade do vosso repouso.
16 Enchei Sião com vossas palavras inefáveis, e o vosso povo com a
17 Dai testemunho em favor daqueles que são vossas criaturas desde a origem. Tornai verdadeiros os oráculos que proferiam os antigos profetas em vosso nome.
18 Recompensai aqueles que vos esperam pacientemente, a fim de que vossos profetas sejam achados fiéis. Ouvi as orações de vossos servos.
19 Segundo as bênçãos dadas a vosso povo por Aarão, conduzi-nos pelo

caminho da justiça, para que todos os habitantes da terra saibam que
vós sois o Deus que contempla os séculos.
20 O estômago recebe toda espécie de alimentos, mas entre os
alimentos um é melhor do que o outro.
21 O paladar discerne o gosto da caça; o coração sensato discerne as
palavras enganadoras.
22 Um coração perverso é causa de tristeza, mas o homem experiente
resistir-lhe-á.
23 A mulher pode esposar toda espécie de homens, mas entre as jovens
uma é melhor do que a outra.
24 A beleza da mulher alegra o rosto do esposo: ela se torna mais
amável que tudo o que o homem pode desejar.
25 Se a sua língua cura os males, tem também doçura e bondade; o seu
esposo não é como os demais homens.
26 Aquele que possui uma mulher virtuosa tem com que tornar-se rico;
é uma ajuda que lhe é semelhante, e uma coluna de apoio.
27 Onde não há cerca, os bens estão expostos ao roubo; onde não há
mulher, o homem suspira de necessidade.
28 Quem confia naquele que não tem morada, e naquele que passa a
noite onde quer que a noite o surpreenda? Ou que vagueia de cidade em
cidade como um ladrão sempre prestes a fugir?
Capítulo 37
1 Todo amigo diz: Eu também contraí amizade. Há porém um amigo que
só o é de nome. Não é uma dor que dura até a morte
2 ver um amigo e um companheiro mudarem-se em inimigos?
3 Ó presunção criminosa, onde tiveste origem, para cobrir a terra com
tua malícia e tua perfídia?
4 O amigo distrai-se com seu amigo nas suas alegrias; no dia da
tribulação, tornar-se-á seu adversário.
5 O amigo compartilha da desventura do seu amigo no interesse de seu
ventre; ao ver o inimigo, tomará do escudo.
6 Não te esqueças de teu amigo nos teus pensamentos; no meio da
riqueza, não percas a sua lembrança.
7 Não te aconselhes com aquele que te arma um laço. Esconde tuas
intenções àqueles que te têm inveja.
8 Todo conselheiro dá sua opinião, mas há conselheiros que só têm em
vista o próprio interesse.
9 Estejas prevenido quando tratar-se de um conselheiro; informa-te
primeiro quais são os seus interesses, pois ele pensa em si mesmo
antes de tudo.
10 Teme que ele plante uma estaca no solo e te diga:

56
acontecerá.
ti.
louvarão.
11 Estás no bom caminho, enquanto se põe defronte para ver o que te
12 Vai consultar um homem sem religião sobre as coisas santas; um
injusto sobre a justiça; uma mulher sobre sua rival; um tímido sobre a
guerra; um mercador sobre o negócio; um comprador sobre uma coisa
para vender; um invejoso sobre a gratidão;
13 um ímpio sobre a piedade; um homem desonrado sobre a honestidade; um lavrador sobre o seu trabalho;
14 um operário, contratado por um ano, sobre o término de seu
contrato; um criado preguiçoso sobre uma grande tarefa! Não confies
neles e em nenhum de seus conselhos.
15 Sê, porém, assíduo junto a um santo homem, quando conheceres
um que seja fiel ao temor de Deus,
16 cuja alma se irmana à tua, e que compartilhará da tua dor quando
titubeares nas trevas.
17 Fortalece em ti um coração prudente, pois nada tem mais valor para
18 A alma de um santo homem descobre às vezes melhor a verdade que
sete sentinelas postas em observação numa colina.
19 Mas em todas as coisas ora ao Altíssimo, para que ele dirija teus
passos na verdade.
20 Que uma palavra de verdade preceda todos os teus atos, e um
conselho firme preceda toda a tua diligência.
21 Uma palavra má transtorna o coração; dela vêm quatro coisas: o
bem e o mal, a vida e a morte; sobre estas quem domina de contínuo é
a língua. Há homem hábil que ensina a muita gente, mas que é inútil
para si mesmo.
22 Outro é esclarecido e instrui a muitos, e é agradável a si próprio.
23 Aquele que afeta sabedoria nas palavras é odioso; ficará desprovido
de tudo.
24 Não recebeu o favor do Senhor, pois é desprovido de toda a
sabedoria.
25 Há um sábio que é sábio para si mesmo, e os frutos de sua sabedoria
são verdadeiramente louváveis.
26 O sábio ensina o seu povo, e os frutos de sua sabedoria são
duradouros.
27 O homem sábio será cumulado de bênçãos. Aqueles que o virem o
28 A vida do homem conta poucos dias, mas os dias de Israel são
inúmeros.
29 O sábio herdará a honra no meio do povo, e o seu nome viverá

eternamente.
30 Meu filho, experimenta tua alma durante tua vida; se o poder lhe for
nefasto, não lho dês,

57
à cólica.
criou.
não terminará,
31 pois nem tudo é vantajoso para todos, e todos não se comprazem
nas mesmas coisas.
32 Nunca sejas guloso em banquete algum; não te lances sobre tudo o
que se serve,
33 pois o excesso no alimento é causa de doença, e a intemperança leva
34 Muitos morreram por causa de sua intemperança, o homem sóbrio,
porém, prolonga sua vida.
Capítulo 38
1 Honra o médico por causa da necessidade, pois foi o Altíssimo quem o
2 (Toda a medicina provém de Deus), e ele recebe presentes do rei:
3 a ciência do médico o eleva em honra; ele é admirado na presença
dos grandes.
4 O Senhor fez a terra produzir os medicamentos: o homem sensato
não os despreza.
5 Uma espécie de madeira não adoçou o amargor da água? Essa virtude
chegou ao conhecimento dos homens.
6 O Altíssimo deu-lhes a ciência da medicina para ser honrado em suas
maravilhas;
7 e dela se serve para acalmar as dores e curá-las; o farmacêutico faz
misturas agradáveis, compõe ungüentos úteis à saúde, e seu trabalho
8 até que a paz divina se estenda sobre a face da terra.
9 Meu filho, se estiveres doente não te descuides de ti, mas ora ao
Senhor, que te curará.
10 Afasta-te do pecado, reergue as mãos e purifica teu coração de todo
o pecado.
11 Oferece um incenso suave e uma lembrança de flor de farinha; faze
a oblação de uma vítima gorda.
12 Em seguida dá lugar ao médico, pois ele foi criado por Deus; que ele
não te deixe, pois sua arte te é necessária.
13 Virá um tempo em que cairás nas mãos deles.
14 E eles mesmos rogarão ao Senhor que mande por meio deles o alívio
e a saúde (ao doente) segundo a finalidade de sua vida.
15 Aquele que peca na presença daquele que o fez, cairá nas mãos do
médico.
16 Meu filho, derrama lágrimas sobre um morto, e chora como um
homem que sofreu cruelmente. Sepulta o seu corpo segundo o costume,
e não descuides de sua sepultura.
17 Chora-o amargamente durante um dia, por causa da opinião pública,

58
e depois consola-te de tua tristeza;
18 toma luto segundo o merecimento da pessoa, um dia ou dois, para
evitar as más palavras.
19 Pois a tristeza apressa a morte, tira o vigor, e o desgosto do coração
faz inclinar a cabeça.
20 A tristeza permanece quando (o corpo) é levado; e a vida do pobre é
o espelho de seu coração.
21 Não entregues teu coração à tristeza, mas afasta-a e lembra-te do
teu fim.
22 Não te esqueças dele, porque não há retorno; de nada lhe servirás e
só causarás dano a ti mesmo.
23 Lembra-te da sentença que me foi dada: a tua será igual; ontem
para mim, hoje para ti.
24 Na paz em que o morto entrou, deixa repousar a sua memória, e
conforta-o no momento em que exalar o último suspiro.
25 A sabedoria do escriba lhe vem no tempo do lazer. Aquele que pouco
se agita adquirirá sabedoria.
26 Que sabedoria poderia ter o homem que conduz a charrua, que faz
ponto de honra aguilhoar os bois, que participa de seu labor, e só sabe
falar das crias dos touros?
27 Ele põe todo o seu coração em traçar sulcos, e o seu cuidado é
engordar novilhas.
28 Igualmente acontece com todo carpinteiro, todo arquiteto, que passa
no trabalho os dias e as noites. Assim sucede àquele que grava as
marcas dos sinetes, variando as figuras por um trabalho assíduo; que
aplica todo o seu coração na imitação da pintura, e põe todo o cuidado
no acabamento de seu trabalho.
29 Assim acontece com o ferreiro sentado perto da bigorna, examinando
o ferro que vai moldar; o vapor do fogo queima as suas carnes, e ele
resiste ao ardor da fornalha.
30 O barulho do martelo lhe fere o ouvido de golpes repetidos; seus
olhos estão fixos no modelo do objeto.
31 Ele aplica o seu coração em aperfeiçoar a sua obra, e põe um
cuidado vigilante em torná-la bela e perfeita.
32 O mesmo sucede com o oleiro que, entregue à sua tarefa, gira a roda
com os pés, sempre cuidadoso pela sua obra; e todo o seu trabalho
(visa a produzir) uma quantidade (determinada).
33 Com o seu braço dá forma ao barro, torna-o maleável com os pés,
34 aplica o seu coração em aperfeiçoar o verniz, e limpa o forno com
muita diligência.
35 Todos esses artistas esperam (tudo) de suas mãos; cada um deles é
sábio em sua profissão.

36 Sem eles nenhuma cidade seria construída,
37 nem habitada, nem freqüentada; mas eles mesmos não terão parte

59
o Senhor em sua oração.
na assembléia,
38 não se sentarão nas cadeiras dos juízes, não entenderão as
disposições judiciárias, não apregoarão nem a instrução nem o direito,
nem serão encontrados a estudar as máximas.
39 Entretanto, sustentam as coisas deste mundo. Sua oração se refere
aos trabalhos de sua arte; a eles aplicam sua alma, e estudam juntos a
lei do Altíssimo.
Capítulo 39
1 O sábio procura cuidadosamente a sabedoria de todos os antigos, e
aplica-se ao estudo dos profetas.
2 Guarda no coração as narrativas dos homens célebres, e penetra ao
mesmo tempo nos mistérios das máximas.
3 Penetra nos segredos dos provérbios, e vive com o sentido oculto das
parábolas.
4 Exerce o seu cargo no meio dos poderosos, e comparece perante
aqueles que governam.
5 Viaja pela terra de povos estrangeiros, para reconhecer o que há do
bem e do mal entre os homens.
6 Desde o alvorecer aplica o coração à vigília para se unir ao Senhor que
o criou, e ora na presença do Altíssimo.
7 Abre sua boca para orar, e pede perdão de seus pecados,
8 pois se for da vontade do Senhor que é grande, ele o cumulará do
espírito de inteligência.
9 Então ele espargirá como uma chuva palavras de sabedoria, e louvará
10 O Senhor orientará seus conselhos e seus ensinamentos, e ele
meditará nos mistérios (divinos).
11 Ensinará ele próprio o conhecimento de sua doutrina. Porá sua glória
na lei da aliança do Senhor.
12 Muitos homens louvarão sua sabedoria: jamais cairá ela no
esquecimento.
13 A sua memória não desaparecerá; seu nome será repetido de
geração em geração.
14 As nações proclamarão sua sabedoria, a assembléia apregoará seu
louvor.
15 Enquanto viver, terá maior nome que mil outros, e, quando
repousar, será feliz.
16 Refletirei ainda para contá-lo, pois estou cheio de um entusiasmo
17 que diz: Ouvi-me, rebentos divinos, desabrochai como uma roseira
plantada à beira das águas;
18 como o Líbano, espargi suave aroma,

60
19 dai flores como o lírio, exalai perfume e estendei graciosa folhagem.
Cantai cânticos e bendizei o Senhor nas suas obras.
20 Dai ao seu nome magníficos elogios, glorificai-o com a voz de vossos
lábios, com os cânticos de vossos lábios e a música das harpas. Direis
assim à guisa de louvor:
21 Todas as obras do Senhor são excelentes;
22 à sua voz conteve-se a água amontoada, a uma palavra de sua boca
as águas ajuntaram-se como em reservatórios.
23 À sua ordem, fez-se calmaria, e a salvação que ele dá não será
mesquinha.
24 São-lhe apresentadas as ações de todos os viventes, nada é oculto
aos seus olhos.
25 Seu olhar abrange de um século a outro: nada é maravilhoso para
ele.
26 Não se deve dizer: O que é isso, o que é aquilo? Pois todas as coisas
serão examinadas a seu tempo.
27 A bênção dele é como um rio que transborda;
28 como o dilúvio inundou a terra inteira, assim a sua cólera será a
sorte dos povos que não o procuram.
29 Assim como ele transformou as águas em aridez e ressecou a terra,
e o seu comportamento é determinado pelo deles, assim, em sua ira,
seu comportamento é motivo de queda para os pecadores.
30 Assim como os bens, desde o princípio, foram criados para os bons,
assim os bens e os males o foram para os maus.
31 As coisas mais necessárias à vida do homem são: a água, o fogo, o
ferro, o sal, o leite, o pão da flor de farinha, o mel, a uva, o azeite e o
vestuário:
32 todas essas coisas são bens para os fiéis, mas tornam-se males para
os ímpios e os pecadores.
33 Há espíritos que foram criados para a vingança: aumentaram seus
tormentos pelo seu furor.
34 No tempo do extermínio manifestarão sua força, e apaziguarão a
fúria daquele que os criou.
35 Fogo, granizo, fome e morte, tudo isso foi criado para a vingança,
36 como também os dentes dos animais, os escorpiões, as serpentes, e
a espada vingadora destinada ao extermínio dos ímpios.
37 Todas essas coisas se regozijam com as ordens do Senhor, e
mantêm-se prontas sobre a terra para servir oportunamente, e,
chegando o tempo, não omitirão uma só de suas palavras.
38 Por isso, desde o princípio estou firme em minhas idéias; refleti e as
escrevi.

39 Todas as obras do Senhor são boas; ele põe cada coisa em prática
quando chega o tempo.
40 Não há razão para dizer: Isto é pior do que aquilo, porque todas as

61
coisas serão achadas boas a seu tempo.
41 E agora, de todo o coração e com a boca, cantai e bendizei o nome
do Senhor!
Capítulo 40
1 Uma grande inquietação foi imposta a todos os homens, e um pesado
jugo acabrunha os filhos de Adão, desde o dia em que saem do seio
materno, até o dia em que são sepultados no seio da mãe comum:
2 seus pensamentos, os temores de seu coração, a apreensão do que
esperam, e o dia em que tudo acaba,
3 desde o que se senta num trono magnífico, até o que se deita sobre a
terra e a cinza;
4 desde o que veste púrpura e ostenta coroa, até aquele que só se
cobre de pano. Furor, ciúme, inquietação, agitação, temor da morte,
cólera persistente e querelas.
5 E na hora de repousar no leito, o sono da noite perturba-lhe as idéias.
6 Ele repousa um pouco, tão pouco que é como se não repousasse; e no
mesmo sono, como uma sentinela durante o dia,
7 é perturbado pelas visões de seu espírito, como um homem que foge
do combate. No momento em que (se julga) em lugar seguro, ele se
levanta e admira-se do seu vão temor.
8 Assim acontece a toda criatura, desde os homens até os animais. Mas
para os pecadores é sete vezes mais.
9 Além do mais, a morte, o sangue, as querelas, a espada, as
opressões, a fome, a ruína e os flagelos
10 foram todos criados para os maus, e foi por causa deles que veio o
dilúvio.
11 Tudo o que vem da terra voltará à terra, como todas as águas
regressam ao mar.
12 Todo presente e todo bem mal adquirido perecerão; a boa fé, porém,
subsistirá eternamente.
13 As riquezas dos injustos secarão como uma torrente; elas
assemelham-se a uma trovoada que estala na chuva.
14 O homem se regozija quando abre a mão, mas no fim os
prevaricadores serão aniquilados.
15 A posteridade dos ímpios não multiplicará os ramos; as raízes
impuras agitam-se no alto de um rochedo.
16 A vegetação que cresce à beira das águas, ao longo de um rio, será
arrancada antes de todas as ervas dos campos.
17 A beneficência é como um paraíso abençoado, e a misericórdia
permanecerá eternamente.
18 Doce é a vida do operário que se basta a si próprio; vivendo assim,

62
encontrarás um tesouro.
19 Os filhos e a fundação de uma cidade dão firmeza a um nome, mas é
mais estimada que um e outro uma mulher sem mácula.
20 O vinho e a música alegram o coração: sobre um e outro, porém,
prevalece o amor da sabedoria.
21 A flauta e a harpa emitem um som harmonioso; a língua suave,
porém, supera uma e outra.
22 A graça e a beleza são atraentes para o olhar; mais do que uma e
outra é a vegetação dos campos.
23 Um amigo ajuda a seu amigo no momento oportuno. Mais do que um
e outro, uma mulher ajuda seu marido.
24 Os irmãos são um socorro no tempo da tribulação. Mais do que eles,
porém, a misericórdia liberta.
25 O ouro e a prata são bases sólidas. Um bom conselho, porém, supera
um e outra.
26 As riquezas e as energias elevam o coração; o temor do Senhor,
porém, sobrepuja umas e outras.
27 Nada falta àquele que tem o temor ao Senhor; e com ele não há
necessidade de outro auxílio.
28 O temor ao Senhor é-lhe como um paraíso abençoado; ele está
revestido de uma glória que supera toda glória.
29 Meu filho, não leves nunca uma vida de mendigo, pois mais vale
morrer que mendigar.
30 Quando um homem olha para a mesa de outro, sua vida não é
realmente vida, na obsessão do alimento, porque se nutre dos víveres
de outrem;
31 mas o homem moderado e educado se acautela contra isso.
32 Na boca do insensato, a coisa mendigada é doce; mas nas suas
entranhas arderá um fogo.
Capítulo 41
1 Ó morte, como tua lembrança é amarga para o homem que vive em
paz no meio de seus bens,
2 para o homem tranqüilo e afortunado em tudo, e que ainda se
encontra em condição de saborear o alimento!
3 Ó morte, tua sentença é suave para o indigente, cujas forças se
esgotam,
4 para quem está no declínio da idade, carregado de cuidados, para
quem não tem mais confiança e perde a paciência.

5 Não temas a sentença da morte; lembra-te dos que te precederam, e
de todos os que virão depois de ti: é a sentença pronunciada pelo
Senhor sobre todo ser vivo.

63
vida.
6 Que te sobrevirá por vontade do Altíssimo? Dez anos, cem anos, mil anos...
7 Na habitação dos mortos não se tomam em consideração os anos de
8 Os filhos dos pecadores tornam-se objeto de abominação, assim como os que freqüentam as casas dos ímpios.
9 A herança dos filhos dos pecadores perecerá. O opróbrio prende-se à sua posteridade.
10 Os filhos de um homem ímpio queixam-se de seu pai porque é por
sua culpa que estão envergonhados.
11 Desgraçados de vós, homens ímpios, que abandonastes a lei do Senhor, o Altíssimo!
12 Se nasceis, é na maldição, e quando morrerdes, tereis a maldição
como herança.
13 Tudo o que vem da terra voltará à terra. Assim os ímpios passam da maldição à ruína.
14 Os homens se entristecem com (a perda) de seu corpo; porém, até o
nome dos ímpios será aniquilado.
15 Cuida em procurar para ti uma boa reputação, pois esse bem ser-te-
á mais estável que mil tesouros grandes e preciosos.
16 A vida honesta só tem um número de dias; a boa fama, porém,
permanece para sempre.
17 Meus filhos, guardai em paz meu ensinamento: pois uma sabedoria
oculta e um tesouro invisível, para que servem essas duas coisas?
18 Mais vale um homem que dissimula a sua ignorância, que um
homem que oculta a sua sabedoria.
19 Tende, pois, vergonha do que vou dizer,
20 porque não é bom ter vergonha de tudo, e nem todas as coisas
agradam, na verdade, a todos.
21 Envergonhai-vos da fornicação, diante de vosso pai e de vossa mãe;
e da mentira, diante do que governa e do poderoso;
22 de um delito, diante do príncipe e do juiz; da iniqüidade, diante da assembléia e do povo;
23 da injustiça, diante de teu companheiro e de teu amigo;
24 de cometeres um roubo no lugar onde moras, por causa da verdade
de Deus e de sua aliança.
Envergonha-te de pôr os cotovelos sobre a
mesa, de usar de fraude no dar e no receber,
25 de não responder àqueles que te saúdam, de lançar os olhos para
uma prostituta,
26 de desviar os olhos de teu próximo, de tirar o que a ele pertence,
sem devolver-lho.
27 Não olhes para a mulher de outrem; não tenhas intimidades com tua
criada, e não te ponhas junto do seu leito.
28 Envergonha-te diante de teus amigos de dizer palavras ofensivas;

64
não censures o que deste.
Capítulo 42
1 Não repitas o que ouviste. Não reveles um segredo. Assim estarás
verdadeiramente isento de confusão, e acharás graça diante de todos os
homens. Não te envergonhes de tudo o que vou dizer, e não faças
acepção de pessoas até o ponto de pecar.
2 Não te envergonhes da lei e da aliança do Altíssimo, de uma sentença
que justifique o ímpio,
3 de um negócio entre teus amigos e estranhos, da doação de uma
herança em favor de teus amigos.
4 Não te envergonhes de usar uma balança fiel e de peso certo, de
adquirir pouco ou muito,
5 de não fazer diferença na venda e com os mercadores, de corrigir
freqüentemente os teus filhos, de golpear até sangrar as costas de um
escravo ruim.
6 Sobre uma mulher má, é bom pôr-se o selo.
7 Onde há muitas mãos, emprega a chave. Conta e pesa tudo o que
entregas; assenta o que dás e o que recebes.
8 Não te envergonhes de corrigir o insensato e o tolo; não te
envergonhes dos anciãos julgados pelos jovens. Assim te mostrarás
verdadeiramente instruído, e serás aprovado por todos.
9 Uma filha é uma preocupação secreta para seu pai; o cuidado dela
tira-lhe o sono. Ele teme que passe a flor de sua idade sem se casar, ou
que, casada, torne-se odiosa para o marido;
10 receia que seja seduzida na sua virgindade, e que se torne grávida
na casa paterna. Teme que, casada, ela viole a fidelidade, ou que, em
todo caso, seja estéril.
11 Exerce severa vigilância sobre uma filha libertina, para que ela te
não exponha aos insultos dos teus inimigos, e te torne o assunto de
troça da cidade, o objeto de mofa pública, e te desonre aos olhos de
toda a população.
12 Não detenhas o olhar sobre a beleza de ninguém, não te demores no
meio de mulheres,
13 pois assim como a traça sai das roupas, assim a malícia do homem
vem da mulher.
14 Um homem mau vale mais que uma mulher que (vos) faz bem, mas
que se torna causa de vergonha e de confusão.

15 Relembrarei agora as obras do Senhor, proclamarei o que vi. Pelas palavras do Senhor foram produzidas as suas obras.
16 O sol contempla todas as coisas que ilumina; a obra do Senhor está cheia de sua glória.

65
curso.
do futuro.
17 Porventura não fez o Senhor com que seus santos proclamassem todas as suas maravilhas, maravilhas que ele, o Senhor todo-poderoso, consolidou, a fim de que subsistam para a sua glória?
18 Ele sonda o abismo e o coração humano, e penetra os seus pensamentos mais sutis,
19 pois o Senhor conhece tudo o que se pode saber. Ele vê os sinais dos tempos futuros, anuncia o passado e o porvir, descobre os vestígios das coisas ocultas.
20 Nenhum pensamento lhe escapa, nenhum fato se esconde a seus olhos.
21 Ele enalteceu as maravilhas de sua sabedoria, ele é antes de todos os séculos e será eternamente.
22 Nada se pode acrescentar ao que ele é, nem nada lhe tirar; não necessita do conselho de ninguém.
23 Como são agradáveis as suas obras! E todavia delas não podemos ver mais que uma centelha.
24 Essas obras vivem e subsistem para sempre, e em tudo o que é preciso, todas lhe obedecem.
25 Todas as coisas existem duas a duas, uma oposta à outra; ele nada fez que seja defeituoso.
26 Ele fortaleceu o que cada um tem de bom. Quem se saciará de ver a glória do Senhor?
Capítulo 43
1 O firmamento nas alturas é a sua beleza, o aspecto do céu é uma visão de glória.
2 O sol, aparecendo na aurora, anuncia o dia. A obra do Altíssimo é um instrumento admirável.
3 Ao meio-dia queima a terra: quem resiste ao seu ardor? Ele conserva uma fornalha de fogo por efeito de seu calor.
4 O sol queima três vezes mais as montanhas, despedindo raios de fogo, cujo resplendor deslumbra os olhos.
5 Grande é o Senhor que o criou; por sua ordem, ele apressa o seu
6 A lua é, em todas as suas fases regulares, a marca do tempo e o sinal
7 É a lua que determina os dias de festa; sua luz diminui a partir da lua cheia.
8 É ela que dá nome ao mês; sua claridade cresce de modo admirável, até ficar cheia.
9 É um sinal para os exércitos do céu que lança no firmamento um glorioso esplendor.

66
pássaros.
abatem sobre a terra;
ao vê-la cair.
uma couraça.
10 O brilho das estrelas faz a beleza do céu; o Senhor ilumina o mundo nas alturas.
11 À palavra do Santo estão prontas para o julgamento: são indefectivelmente vigilantes.
12 Observa o arco-íris e bendiz aquele que o fez: é muito belo no seu resplendor.
13 Faz a volta do céu num círculo de glória: são as mãos do Altíssimo que o estendem.
14 O Senhor com uma ordem faz cair subitamente a neve, acelera a marcha dos raios de seu juízo.
15 Por essa causa se abrem as suas reservas, e voam as nuvens como
16 Por sua grandeza condensa as nuvens, e as pedras de granizo caem em estilhaços.
17 As montanhas são abaladas quando ele aparece; por sua vontade sopra o vento do sul.
18 O estrondo do trovão fere a terra, assim como a tempestade do aquilão e o turbilhão dos ventos.
19 Espalha a neve como pássaros que pousam, como gafanhotos que se
20 o olhar encanta-se com o brilho de sua alvura, o coração fica atônito
21 Deus espalha a geada sobre a terra como sal; quando as águas se congelam tornam-se como pontas de cardo.
22 Quando sopra o vento frio do aquilão, a água gela como cristal, que repousa sobre toda a massa líquida, e veste as águas como se fosse
23 (A geada) devora os montes, queima os desertos, resseca como o fogo tudo o que é verde.
24 O remédio para isso é o rápido aparecimento de um aguaceiro. O orvalho após o frio atenua (o rigor do gelo).
25 A palavra de Deus faz calar o vento; só com o seu pensar apazigua o abismo, no meio do qual o Senhor plantou as ilhas.
26 Os que navegam sobre o mar contam os seus perigos; ouvindo-os, ficaremos arrebatados de admiração.
27 Ali se encontram grandes obras e maravilhas, animais de toda espécie e criaturas monstruosas.
28 Por ele, tudo tende regularmente para a sua finalidade, tudo foi disposto conforme a sua palavra.
29 Diremos muitas coisas, porém faltarão palavras. Mas o resumo de nosso discurso é este: Ele está em tudo.
30 Que podemos nós fazer para glorificá-lo? Pois o Todo-poderoso está acima de todas as suas obras.

31 O Senhor é terrível e soberanamente grande. Seu poder é

67
maravilhoso.
32 Glorificai o Senhor quanto puderdes, que ele ficará sempre acima,
porque é admirável a sua grandeza.
33 Bendizei o Senhor, exaltai-o com todas as vossas forças, pois ele
está acima de todo louvor.
34 Enaltecendo-o, reuni todas as vossas forças; não desanimeis; jamais
chegareis (ao fim).
35 Quem poderá contar o que dele viu? Quem é capaz de louvá-lo,
como ele é, desde os primórdios?
36 Muitos segredos são maiores que tudo isso; só vemos um pequeno
número de suas obras.
37 O Senhor fez todas as coisas: ele dá sabedoria àqueles que vivem
com piedade.
Capítulo 44
1 Façamos o elogio dos homens ilustres, que são nossos antepassados,
em sua linhagem.
2 O Senhor deu-lhes uma glória abundante, desde o princípio do mundo,
por um efeito de sua magnificência.
3 Eles foram soberanos em seus estados, foram homens de grande
virtude, dotados de prudência. As predições que anunciaram
adquiriram-lhes a dignidade de profetas:
4 eles governaram os povos do seu tempo e, com a firmeza de sua
sabedoria, deram instruções muito santas ao povo.
5 Com sua habilidade cultivaram a arte das melodias, publicaram os
cânticos das escrituras.
6 Homens ricos de virtude, que tinham gosto pela beleza, e viviam em
paz em suas casas.
7 Todos eles adquiriram fama junto de seus contemporâneos, e foram a
glória de seu tempo.
8 Aqueles que deles nasceram deixaram um nome que publica seus
louvores.
9 Outros há, dos quais não se tem lembrança; pereceram como se
nunca tivessem existido.
Nasceram, eles e seus filhos, como se não
tivessem nascido.
10 Os primeiros, porém, foram homens de
misericórdia; nunca foram esquecidas as obras de sua caridade.
11 Na sua posteridade permanecem os seus bens.
12 Os filhos de seus filhos são uma santa linhagem, e seus descendentes mantêm-se fiéis às alianças.
13 Por causa deles seus filhos permanecem para sempre, e sua
posteridade, assim como sua glória, não terá fim.

68
abençoada.
14 Seus corpos foram sepultados em paz, seu nome vive de século em
século.
15 Proclamem os povos sua sabedoria, e cante a assembléia os seus
louvores!
16 Henoc agradou a Deus e foi transportado ao paraíso, para excitar as
nações à penitência.
17 Noé foi julgado justo e perfeito, e no tempo da ira tornou-se o elo de
reconciliação.
18 Por isso foram deixados alguns na terra, quando veio o dilúvio.
19 Ele foi o depositário das alianças feitas com o mundo, a fim de que
ninguém doravante fosse destruído por dilúvio.
20 Abraão é o pai ilustre de uma infinidade de povos. Ninguém lhe foi
igual em glória: guardou a lei do Altíssimo, e fez aliança com ele.
21 O Senhor marcou essa aliança em sua carne; na provação, mostrouse
fiel.
22 Por isso jurou Deus que o havia de glorificar na sua raça, e prometeu
que ele cresceria como o pó da terra.
23 Prometeu-lhe que exaltaria sua raça como as estrelas, e que seu
quinhão de herança se estenderia de um mar a outro: desde o rio até as extremidades da terra.
24 Ele fez o mesmo com Isaac, por causa de seu pai, Abraão.
25 O Senhor deu-lhe a bênção de todas as nações, e confirmou sua
aliança sobre a cabeça de Jacó.
26 Distinguiu-o com suas bênçãos, deu-lhe a herança, e repartiu-a entre
as doze tribos.
27 Conservou-lhe homens cheios de misericórdia, que encontraram
graça aos olhos de toda carne.
Capítulo 45
1 Moisés foi amado por Deus e pelos homens: sua memória é
2 O Senhor deu-lhe uma glória semelhante à dos santos; tornou-se
poderoso e temido por seus inimigos.
3 Glorificou-o na presença dos reis, prescreveu-lhe suas ordens diante
do seu povo, e mostrou-lhe a sua glória.
4 Santificou-o pela sua fé e mansidão, escolheu-o entre todos os
homens.
5 Pois (Deus) atendeu-o, ouviu sua voz e o introduziu na nuvem.
6 Deu-lhe seus preceitos perante (seu povo) e a lei da vida e da ciência,
para ensinar a Jacó sua aliança e a Israel seus decretos.
7 Exaltou seu irmão Aarão, semelhante a ele, da tribo de Levi.
8 Fez com ele uma aliança eterna, deu-lhe o sacerdócio do seu povo, e

69
cumulou-o de felicidade e de glória.

9 Adornou-o com um cinto de honra, revestiu-o de um manto de glória,
coroou-o com todo esse aparato majestoso.
10 Deu-lhe a longa túnica, a túnica inferior e o efod, cujas bordas eram
ornadas de numerosas campainhas,
11 que deviam retinir, quando ele andasse, e se ouvisse o seu som no
templo, para advertir os filhos de seu povo.
12 Deu-lhe uma túnica santa, tecida de ouro, de pedras preciosas e de
púrpura, obra de um homem sábio, dotado de juízo e de verdade.
13 Era uma obra de artista, de fio de escarlate, com doze pedras
preciosas engastadas no ouro, gravadas pelo trabalho do lapidador, em
memória das doze tribos de Israel.
14 Sobre sua tiara colocou uma coroa de ouro, onde estava gravado o
cunho da santidade, da glória e da honra; era uma obra majestosa,
adorno que encantava os olhos.
15 Nunca antes dele houve coisa tão magnífica, desde o princípio do
mundo.
16 Nenhum estranho dele se revestiu, mas somente os seus filhos, e os
filhos de seus filhos no decorrer dos tempos.
17 Os sacrifícios foram diariamente consumidos pelo fogo.
18 Moisés o investiu e o ungiu com o óleo santo.
19 Deus fez com ele e com sua raça uma aliança eterna, que durará
tanto quanto os dias do céu, para exercer o sacerdócio, para cantar os
louvores do Senhor, e abençoar solenemente o seu povo em seu nome.
20 Escolheu-o entre todos os viventes para oferecer a Deus o sacrifício,
o incenso e o perfume da lembrança, e para fazer a expiação em favor
do seu povo.
21 Deu-lhe autoridade sobre seus preceitos, e sobre as disposições dos
seus julgamentos, para ensinar a Jacó seus mandamentos, e explicar
sua lei a Israel.
22 Estrangeiros conspiraram contra ele; por inveja, homens o cercaram
no deserto, que eram do partido de Datã e Abiron, e da facção furiosa
de Coré.
23 Viu isso o Senhor, e não lhe agradou, e foram destruídos pela
impetuosidade de sua cólera.
24 Fez prodígios contra eles, e a chama de seu fogo os devorou.
25 Aumentou ainda mais a glória de Aarão: deu-lhe uma herança,
destinou-lhe as primícias dos frutos da terra.
26 Antes de tudo, preparou-lhes alimento em abundância, pois devem
comer os sacrifícios do Senhor, os quais deu a ele e à sua posteridade.
27 Mas ele não tem herança na terra das nações, não tem porção entre
seu povo, pois (o Senhor) mesmo é o quinhão de sua herança.
28 Finéias, filho de Eleazar, é o terceiro em glória. Ele imitou (Moisés)
no temor do Senhor.

70
29 Permaneceu firme no meio da idolatria do povo; por sua bondade e o
zelo de sua alma, apaziguou a ira de Deus contra Israel.
30 É por isso que Deus fez com ele uma aliança de paz, e deu-lhe o
principado das coisas santas e do seu povo, a fim de que a ele e a seus
descendentes pertencesse para sempre a dignidade sacerdotal.
31 Fez também Deus aliança com o rei Davi, filho de Jessé, da tribo de
Judá; tornou-o herdeiro do reino, ele e sua raça, para derramar a
sabedoria no nosso coração, e julgar o seu povo com justiça, a fim de
que não se perdessem os seus bens: tornou eterna a sua glória no seio
de sua raça.

Capítulo 46
1 Josué, filho de Nun, foi um valente na guerra. Sucedeu Moisés entre
os profetas; foi ilustre, tão ilustre como o nome que trazia,
2 muito ilustre salvador dos eleitos de Deus, para derrubar os inimigos
que se levantavam, e para conquistar a herança de Israel.
3 Que glória não alcançou ele em levantar as suas mãos, e em brandir a
espada contra as cidades!
4 Quem pôde enfrentá-lo? Pois o Senhor mesmo lhe trazia os seus
inimigos.
5 Não deteve ele o sol, em sua cólera? Não se tornou um só dia tão
longo como dois?
6 Ele invocou o Altíssimo todo-poderoso, atacando os inimigos de todos
os lados: o Deus grande e santo o atendeu com uma chuva de pedras
de grande força.
7 Investiu impetuosamente contra as hostes inimigas, e despedaçou-as
na descida do vale,
8 para que as nações conhecessem o poder de Deus, e soubessem que
não é fácil combater contra Deus, ele seguiu sempre o Todo-poderoso.
9 No tempo em que Moisés ainda vivia, praticou um ato de piedade com
Caleb, filho de Jefoné, permanecendo firme contra o inimigo, impedindo
o povo de pecar, e abafando a murmuração excitada pela malícia.
10 Dentre um número de seiscentos mil homens de pé, esses dois foram
escolhidos e poupados da morte, para levar o povo à sua herança, nessa
terra onde mana leite e mel.

11 O Senhor deu força a Caleb; até a velhice permaneceu ele vigoroso, para subir a um lugar elevado na terra (prometida), que a sua descendência recebeu como herança,
12 para que todos os israelitas reconhecessem que é bom obedecer ao Deus santo.
13 Em seguida, vieram os juízes, cada um (designado) pelo seu nome, aqueles cujos corações não se perverteram, e que não se afastaram do

71
acusasse.
Senhor.
14 Que a sua memória seja abençoada, e seus ossos floresçam em seus sepulcros!
15 Que seu nome permaneça eternamente, e passe aos seus filhos com a glória desses santos homens!
16 Amado pelo Senhor seu Deus, Samuel, o profeta do Senhor, instituiu um novo governo, e ungiu príncipes entre o seu povo.
17 Julgou a assembléia segundo a lei do Senhor. E o Deus de Jacó o visitou. Por sua fidelidade ele se mostrou verdadeiramente profeta,
18 e foi fiel em suas palavras, porque viu o Deus da luz.
19 Invocou o Deus todo-poderoso, ofereceu-lhe um cordeiro sem mácula, quando os seus inimigos o perseguiam por todos os lados.
20 O Senhor trovejou do céu, fazendo ouvir sua voz com grande estrondo.
21 Destroçou os príncipes de Tiro, e todos os chefes dos filisteus.
22 Antes de terminar a sua vida neste mundo, tomou como testemunha o Senhor e seu Cristo, de que não tinha recebido dinheiro de pessoa alguma, nem mesmo uma sandália, e não achou ninguém que o
23 Depois disso, adormeceu e apareceu ao rei, e lhe mostrou seu fim (próximo); levantou a sua voz do seio da terra para profetizar a destruição da impiedade do povo.

Capítulo 47

1 Depois disto (levantou-se Natã, profeta) no tempo de Davi.
2 Assim como a gordura (da vitamina) se separa da carne, assim foi Davi separado do meio dos israelitas.
3 Ele brincou com os leões como se fossem cordeiros, e tratou os ursos como cordeirinhos.
4 Não foi ele quem, em sua mocidade, matou o gigante, e tirou a vergonha do seu povo?
5 Levantando a mão, com uma pedra de sua funda abateu a insolência de Golias,
6 pois ele invocou o Senhor todo-poderoso, o qual deu à sua destra força para derrubar o temível guerreiro, e para levantar o poder do seu povo.
7 Assim, foi ele festejado por causa (da morte) de dez mil homens.
Louvaram-no nas bênçãos do Senhor, e ofereceram-lhe uma coroa de glória,
8 porque ele esmagou os inimigos de todos os lados, exterminou u os filisteus, seus adversários, (como se vê) ainda hoje, e abateu o seu poder para sempre.

72
raça.
9 Fez de todas as suas obras uma homenagem ao Santo e ao Altíssimo com palavras de louvor.
10 Louvor ao Senhor com todo o coração. Amou a Deus que o criou, e lhe deu poder contra seus inimigos.
11 Estabeleceu cantores diante do altar, e compôs suaves melodias para os seus cânticos.
12 Deu esplendor às festividades, e brilho aos dias solenes, até o fim da vida, para que fosse louvado o santo nome do Senhor, e fosse glorificada desde o amanhecer a santidade de Deus.
13 O Senhor purificou-o de seus pecados, engrandeceu o seu poder para sempre, e firmou-lhe, por sua aliança, a realeza e um trono de glória em Israel.
14 Depois dele, apareceu seu filho, cheio de sabedoria; por causa dele o Senhor derrubou todo o poder dos inimigos.
15 Salomão reinou em dias de paz. Deus submeteu a ele todos os seus inimigos,
16 a fim de que ele construísse uma casa ao nome do Senhor, e lhe preparasse um santuário eterno. Quão bem foste instruído na tua juventude! Foste cheio de sabedoria como um rio. Tua alma cobriu toda a terra.
17 Encerraste enigmas em sentenças, teu nome foi glorificado até nas ilhas longínquas, e foste amado na tua paz.
18 Por teus cânticos, provérbios, parábolas e interpretações, foste admirado por toda a terra.
19 Em nome do Senhor Deus, que é chamado o Deus de Israel,
20 ajuntaste montes de ouro como se fosse bronze, amontoaste prata como se faz com o chumbo.
21 Entregaste teus flancos às mulheres, saciaste teu corpo,
22 maculaste tua glória, profanaste tua raça, atraindo assim a cólera sobre teus filhos, e o castigo sobre tua loucura,
23 causando com isso um cisma no reino, e fazendo sair de Efraim uma dominação rebelde.
24 Mas Deus não esqueceu a sua misericórdia, não destruiu nem

aniquilou as suas obras; não arrancou pela raiz a posteridade de seu
eleito, não exterminou a raça daquele que ama o Senhor.
25 Ao contrário, deixou um resto a Jacó, e a Davi um rebento de sua
26 E Salomão teve um fim semelhante ao de seus pais.
27 Deixou depois de si um filho que foi a loucura da nação,
28 um homem desprovido de juízo, chamado Roboão, que transviou o
povo por seu conselho.
29 E Jeroboão, filho de Nabat, que fez Israel pecar, e abriu para Efraim
o caminho da iniqüidade.
Houve entre eles uma profusão de pecados,
30 que os expulsaram para longe de sua terra.

73
31 Procuraram todos os meios de fazer o mal, até que veio a vingança,
que pôs um termo às suas iniqüidades.
Capítulo 48
1 Suas palavras queimavam como uma tocha ardente.
Elias, o profeta,
levantou-se em breve como um fogo.
2 Ele fez vir a fome sobre o povo (de Israel): foram reduzidos a um
punhado por tê-lo irritado com sua inveja, pois não podiam suportar os
preceitos do Senhor.
3 Com a palavra do Senhor ele fechou o céu, e dele fez cair fogo por
três vezes.
4 Quão glorioso te tornaste, Elias, por teus prodígios!
Quem pode
gloriar-se de ser como tu?
5 Tu que fizeste sair um morto do seio da morte, e o arrancaste da
região dos mortos pela palavra do Senhor;
6 tu que lançaste os reis na ruína, que desfizeste sem dificuldade o seu
poder, que fizeste cair de seu leito homens gloriosos.
7 Tu que ouviste no Sinai o julgamento do Senhor, e no monte Horeb os
decretos de sua vingança.
8 Tu que sagraste reis para a penitência, e estabeleceste profetas para
te sucederem.
9 Tu que foste arrebatado num tubilhão de fogo, num carro puxado por
cavalos ardentes.
10 Tu que foste escolhido pelos decretos dos tempos para amenizar a
cólera do Senhor, reconciliar os corações dos pais com os filhos, e
restabelecer as tribos de Jacó.
11 Bem-aventurados os que te conheceram, e foram honrados com a
tua amizade!
12 Pois, quanto a nós, só vivemos durante esta vida, e depois da morte,
nem mesmo nosso nome nos sobreviverá.
13 Elias foi então arrebatado em um turbilhão, mas seu espírito
permaneceu em Eliseu. Nunca em sua vida teve Eliseu medo de um
príncipe; ninguém o dominou pelo poder.
14 Nada houve que o pudesse vencer: seu corpo, mesmo depois da
morte, fez profecias.
15 Durante a vaida fez prodígios, depois da morte fez milagres.
16 E, apesar de tudo isto, o povo não fez penitência, não se afastou dos
seus pecados, até que foi expulso de sua terra, e espalhado por todo o
mundo.
17 Só ficou um resto do povo, um príncipe da casa de Davi.
18 Alguns deles fizeram o que é do agrado de Deus; os outros, porém,
multiplicaram os seus pecados.

74
desbaratou.
nação estrangeira.
19 Ezequias fortificou a sua cidade, trazendo água até o centro; abriu
com ferro um rochedo, e construiu um poço para as águas.
20 Durante o seu reinado veio Senaquerib, que enviou Rabsaces, o qual
levantou a sua mão contra eles; ele estendeu a sua mão contra Sião,
ensoberbecendo-se com seu poder.
21 Foi então que os seus corações e as suas mãos desfaleceram:
sentiram dores como a parturiente.
22 Invocaram o Senhor misericordioso, levantando para o céu as suas
mãos estendidas. E o Santo, o Senhor Deus, ouviu logo a sua voz:
23 não se recordou dos seus pecados, não os entregou aos seus
inimigos, mas purificou-os pela mão de Isaías, seu santo profeta.
24 Derrubou o acampamento dos assírios, e o anjo do Senhor os
25 Pois Ezequias fez o que era agradável a Deus: caminhou corajosamente pelas pegadas de Davi, seu pai, assim como lhe havia
recomendado Isaías, o grande profeta, fiel aos olhos do Senhor.
26 Um dia o sol retrocedeu, e (o profeta) prolongou a vida do rei.
27 Por uma poderosa inspiração ele viu o fim dos tempos, e consolou
aqueles que choravam em Sião;
28 ele anunciou o futuro até o fim dos tempos, assim como as coisas
ocultas antes que se cumprissem.
Capítulo 49
1 A memória de Josias é como uma composição de aromas, preparada
pelo perfumista.
2 Em toda boca, sua lembrança é doce como o mel, como uma melodia
num festim regado de vinho.
3 Foi divinamente destinado a levar o povo à penitência, e robusteceu a
piedade numa época de pecado.
4 Voltou o coração para o Senhor e fez desaparecer as abominações da

impiedade.
5 Exceto Davi, Ezequias e Josias, todos pecaram:
6 os reis de Judá abandonaram a lei do Altíssimo, e desprezaram o temor a Deus;
7 por isso tiveram de entregar a outros o seu reino, e a sua glória a uma
8 (Os inimigos) queimaram a cidade eleita, a cidade santa, transformaram suas ruas num deserto, conforme o que predissera Jeremias,
9 pois eles maltrataram aquele que havia sido consagrado profeta desde o ventre de sua mãe, para derrubar, para destruir, para arruinar, mas depois reedificar e renovar.

75
10 Foi Ezequiel quem teve essa visão gloriosa, que o Senhor lhe mostrou num carro de querubins.
11 Pois ele anunciou com uma chuva a sorte dos inimigos, assim como os bens reservados àquele que seguiam o caminho reto.
12 Quanto aos doze profetas, refloresçam os seus ossos em seus túmulos, pois fortaleceram Jacó, e redimiram-se (da servidão) por uma fé corajosa.
13 Como engrandecer a glória de Zorobabel? Foi ele como um anel na mão direita.
14 Do mesmo modo Josué, filho de Josedec; eles que, em seus dias, reconstruíram a casa (de Deus), e tornaram a levantar o templo santo do Senhor, destinado a uma glória eterna.
15 Neemias viverá por longo tempo na recordação; ele reergueu nossas muralhas arruinadas, restabeleceu nossas portas e nossos trincos, e reedificou nossas casas.
16 Ninguém nasceu no mundo comparável a Henoc, pois ele também foi arrebatado desta terra;
17 nem comparável a José, nascido para ser o príncipe de seus irmãos e o sustentáculo de sua raça, o governador de seus irmãos, e o esteio de seu povo.
18 Seus ossos foram conservados com cuidado; depois de sua morte fizeram profecia.
19 Set e Sem foram glorificados entre os homens, porém, acima de qualquer ser vivo da criação, acha-se Adão.
Capítulo 50
1 Simão, filho de Onias, sumo sacerdote, foi quem, durante a sua vida, sustentou a casa do Senhor; e durante os seus dias, fortificou o templo.
2 Por ele foi fundado o alto edifício do templo, o edifício duplo e as altas muralhas.
3 Em seus dias a água jorrou dos reservatórios que se encheram extraordinariamente, como o mar (de bronze),
4 ele cuidou do seu povo, libertou-o da perdição.
5 Foi bastante poderoso para aumentar a cidade, conquistou glória em suas relações com a nação, e alargou a entrada do templo e do átrio.
6 Como a estrela-d'alva brilha no meio das nuvens, como brilha a lua nos dias de lua cheia,
7 como brilha o sol radioso, assim resplandeceu ele no templo de Deus.
8 (Ele era) como o arco-íris fulgurando nas nuvens luminosas, como a flor da roseira em dia de primavera, como os lírios à beira de uma corrente de água, e como o incenso que exala seu perfume nos dias de verão;

76
fogo;
Deus.
9 como um fogo que lança centelhas, como o incenso que se queima no
10 como um vaso de ouro maciço, adornado de pedrarias;
11 como uma oliveira cujos rebentos crescem, e como um cipreste que se ergue para o alto. Assim aparecia ele quando se cobria com o manto de aparato, e revestia os ornatos de sua dignidade.
12 Subindo ao altar santo, honrava os santos ornamentos.
13 Conservando-se de pé junto do altar, recebia as partes (das vítimas) da mão dos sacerdotes, e os seus irmãos o rodeavam como uma coroa, como uma plantação de cedros no monte Líbano.
14 Como as folhas de uma palmeira, todos os filhos de Aarão mantinham-se em volta dele em sua magnificência.
15 A oblação do Senhor era apresentada pelas suas mãos diante do povo de Israel. Quando terminava o sacrifício no altar, a fim de enaltecer a oblação do rei Altíssimo,
16 ele estendia a mão para a libação, e espargia o sangue da videira;
17 derramava ao pé do altar um perfume divino para o príncipe Altíssimo.
18 Então os filhos de Aarão manifestavam-se com exclamações, e tocavam trombetas de metal batido; faziam ouvir grandes clamores para se fazerem lembrados diante de Deus.
19 E todo o povo se comprimia em multidão, e caía com a face por terra, para adorar o Senhor seu Deus, e dirigir preces ao Deus todopoderoso, o Altíssimo.
20 Os cantores elevavam a voz, e do vasto edifício subia uma suave melodia.
21 O povo orava ao Senhor, o Altíssimo, até que terminasse o culto do Senhor, e que as cerimônias tivessem fim,

22 Então, descendo do altar, o sumo sacerdote elevava as mãos sobre
todo o povo israelita, para render glória a Deus em alta voz, e para
glorificá-lo em seu nome.
23 E (o povo) repetia sua oração, querendo demonstrar o poder de
24 E agora, orai ao Deus de todas as coisas, que fez grandes coisas pela
terra toda, que multiplicou nossos dias desde o seio materno, e usou de
misericórdia para conosco.
25 Que ele nos conceda a alegria do coração, e que a paz esteja com
Israel agora e para sempre;
26 para que Israel creia que a misericórdia de Deus está conosco, e que
nos liberte quando chegar o dia.
27 Há dois povos que minha alma abomina, e o terceiro, que aborreço,
nem sequer é um povo:
28 aqueles que vivem no monte Seir, os filisteus, e o povo insensato
que habita em Siquém.

77
29 Jesus, filho de Sirac de Jerusalém, escreveu neste livro uma doutrina
de sabedoria e ciência, e derramou nele a sabedoria de seu coração.
30 Feliz aquele que se entregar a essas boas palavras; aquele que as
guardar no coração será sempre sábio;
31 pois, se ele as cumprir, será capaz de todas as coisas, porque a luz
de Deus guiará os eus passos.
Capítulo 51
1 Glorificar-vos-ei, ó Senhor e Rei, louvar-vos-ei, ó Deus, meu salvador.
2 Glorificarei o vosso nome, porque fostes meu auxílio e meu protetor.
3 Livrastes meu corpo da perdição, das ciladas da língua injusta, e dos
lábios dos forjadores de mentira. Fostes meu apoio contra aqueles que
me acusavam.
4 Libertastes-me conforme a extensão da misericórdia de vosso nome,
dos rugidos dos animais ferozes, prestes a me devorar;
5 da mão daqueles que atacavam a minha vida, do assalto das
tribulações que me aturdiam,
6 e da violência das chamas que me rodeavam. Em meio ao fogo não
me queimei.
7 Libertastes-me das profundas entranhas da morada dos mortos, da
língua maculada, das palavras mentirosas, do rei iníquo e da língua
injusta.
8 Minha alma louvará ao Senhor até a morte,
9 porque a minha vida estava prestes a cair nas profundezas da região
dos mortos.
10 Eles me rodearam de todos os lados, e ninguém lá estava para
ajudar-me. Esperava algum auxílio dos homens e nada veio.
11 Lembrei-me, Senhor, da vossa misericórdia, e de vossas obras que
datam do princípio do mundo,
12 pois libertais, Senhor, aqueles que esperam em vós, e os salvais das
mãos das nações.
13 Exaltastes a minha habitação sobre a terra, e eu vos roguei quando a
morte se aproximou de mim;
14 invoquei o Senhor, pai do meu Senhor, para que me não
abandonasse no dia de minha aflição, sem socorro, durante o reinado
dos soberbos.
15 Louvarei sem cessar o vosso nome; glorificá-lo-ei em meus louvores,
porque foi ouvida a minha prece,
16 porque me livrastes da perdição, e salvastes-me do perigo num
tempo de iniqüidade.
17 Eis por que eu vos glorificarei e cantarei vossos louvores e bendirei o
nome do Senhor.
78
serei abandonado.
18 Quando eu era ainda jovem, antes de ter viajado, busquei
abertamente a sabedoria na oração:
19 pedi-a a Deus no templo, e buscá-la-ei até o fim de minha vida. Ela
floresceu como uma videira precoce
20 e meu coração alegrou-se nela. Meus pés andaram por caminho reto:
desde a minha juventude tenho procurado encontrá-la.
21 Apliquei um pouco o meu ouvido e logo a recolhi.
22 Encontrei em mim mesmo muita sabedoria, e nela fiz grande
progresso.
23 Tributarei glória àquele que ma deu,
24 pois resolvi pô-la em prática; fui zeloso no bem e não serei
confundido.
25 Lutou minha alma para atingi-la, robusteci-me, pondo-a em prática.
26 Levantei minhas mãos para o alto, e deplorei o erro do meu espírito.
27 Conduzi minha alma para ela, e encontrei-a, ao procurar conhecê-la.
28 Desde o início, graças a ela, possuí o meu coração; eis por que não
29 Minhas entranhas comoveram-se em procurá-la, e assim adquiri um
bem precioso.
30 O Senhor deu-me como recompensa uma língua, e dela me servirei
para louvá-lo.
31 Aproximai-vos de mim, ignorantes, reuni-vos na casa do ensino.
32 Por que tardais? Que direis a isto? Vossas almas estão violentamente
perturbadas pela sede.
33 Abri a boca e falei: Buscai a sabedoria sem dinheiro!
34 Dobrai a cabeça sob o jugo, receba vossa alma a instrução, porque
perto se pode encontrá-la.
35 Vede com os vossos olhos o pouco que trabalhei, e como adquiri
grande paz.

36 Recebei a instrução como
uma grande soma de prata, e
possuireis
nela grande quantidade de
ouro.
37 Que vossa alma se
regozije na misericórdia (de
Deus)! E não sereis
humilhados quando o
louvardes.
38 Cumpri vossa tarefa antes
que o tempo (passe) e, no
devido tempo,
ele vos dará a recompensa.

...

ACRÉSCIMO EM DANIEL

A HISTÓRIA DE SUZANA

1. Havia um homem chamado Joaquim, que habitava em Babilônia.
2. Tinha desposado uma mulher chamada Suzana, filha de Helcias, de grande beleza, e piedosa,
3. porque havia sido educada segundo a lei de Moisés por pais honestos.
4. Joaquim era sumamente rico. Junto à sua casa havia um pomar. Os judeus reuniam-se freqüentemente em casa dele, porque gozava de uma particular consideração entre seus compatriotas.
5. Haviam sido nomeados juízes, naquele ano, dois anciãos do povo, aos quais se aplicava bem a palavra do Senhor: A iniqüidade surgiu, em Babilônia, de anciãos juízes que passavam por dirigentes do povo.
6. Esses dois personagens freqüentavam a casa de Joaquim, aonde vinham consultá-los todos aqueles que tinham litígio.
7. Lá pelo meio-dia, quando toda essa gente tinha ido embora, Suzana vinha passear no jardim de seu marido.
8. Os dois anciãos viam-na portanto todos os dias durante seu passeio, tanto que se apaixonaram por ela e,
9. perdendo a justa noção das coisas, desviaram os olhos para não ver mais o céu e não ter mais presente no espírito a verdadeira regra de comportamento.
10. Ambos foram atingidos pelo amor a Suzana, mas sem se confiarem mutuamente sua emoção.
11. Tinham vergonha de declarar um ao outro o desejo que sentiam de possuí-la.
12. Todos os dias, inquietos, procuravam avistá-la.
13. Uma vez disseram um ao outro: Vamos para casa; está na hora do almoço. Saíram cada um para seu lado.
14. Mas, havendo ambos retrocedido, encontraram-se novamente no mesmo lugar. Perguntando um ao outro qual o motivo de sua volta, confessaram-se sua concupiscência. Combinaram então um encontro onde a pudessem surpreender sozinha.
15. Enquanto calculavam qual seria o momento propício, eis que Suzana chegou como de costume, com duas empregadas, e tomou a resolução de banhar-se, pois fazia calor.
16. Lá não havia ninguém, salvo os dois anciãos escondidos, que a espreitavam.
17. Trazei-me, disse ela às duas empregadas, óleo e ungüentos, e fechai as portas do jardim, para eu me banhar.
18. O que elas fizeram por sua ordem. As portas do jardim estando fechadas, saíram pela porta do fundo para ir buscar os objetos pedidos, ignorando que os anciãos lá se achavam escondidos.
19. Apenas saíram, os dois homens precipitaram-se em direção de Suzana.
20. As portas do jardim estão fechadas, disseram-lhe, ninguém nos vê. Ardemos de amor por ti. Aceita, e entrega-te a nós.
21. Se recusares, iremos denunciar-te: diremos que havia um jovem contigo, e que foi por isso que fizeste sair tuas servas.
22. Suzana exclamou tristemente: Que angústias me envolvem por todos os lados! Consentir? Eu seria condenada à morte! Recusar? Nem assim eu escaparia de vossas mãos!
23. Não! Prefiro cair, sem culpa alguma, em vossas mãos, do que pecar contra o Senhor.
24. Suzana soltou grandes gritos, e os dois anciãos gritavam também contra ela.
25. E um deles, correndo às portas do jardim, abriu-as.
26. Com essa balbúrdia, os criados precipitaram-se pela porta do fundo para ver o que havia acontecido.
27. Os anciãos se puseram a falar, e os criados enrubesceram, pois jamais nada de semelhante fora dito de Suzana.
28. No dia seguinte, os dois anciãos, cheios de criminosas intenções contra a vida de Suzana, vieram à reunião que se realizava em casa de Joaquim, marido dela.
29. Disseram, diante da assembléia: Mandem buscar Suzana, filha de Helcias, a mulher de Joaquim! Foram-na buscar,
30. e ela chegou com seus pais, seus filhos e os membros de sua família.
31. Era delicada e bela de rosto.
32. Aqueles homens perversos exigiam que ela retirasse seu véu - pois estava velada -, a fim de poderem (pelo menos) fartar-se de sua beleza.
33. Os seus choravam, assim como seus amigos.
34. Os dois anciãos levantaram-se à vista de todos, e pousaram a mão sobre sua cabeça,
35. enquanto ela, debulhada em lágrimas, mas com o coração cheio de confiança no Senhor, olhava para o céu.
36. Os anciãos disseram então: Quando passeávamos pelo jardim, ela entrou com duas servas; depois fechou a porta e mandou embora suas acompanhantes.
37. Então, um jovem que se achava escondido ali, aproximou-se e pecou com ela.
38. Nós nos encontrávamos num recanto do jardim. Diante de tal desvergonhamento, corremos para eles e os surpreendemos em flagrante delito.
39. Não pudemos agarrar o homem, porque era mais forte do que nós, e fugiu pela porta aberta.
40. Ela, nós a apanhamos; mas quando a interrogamos para saber quem era o jovem, recusou-se a responder. Somos testemunhas do fato.
41. Confiando nesses homens, que eram anciãos e juízes do povo, condenaram Suzana à morte.
42. Então ela exclamou bem alto: Deus eterno, vós que

penetrais os segredos, que conheceis os acontecimentos antes que aconteçam,
43. sabeis que isso é um falso testemunho que levantaram contra mim. Vou morrer, sem nada ter feito do que maldosamente inventaram de mim.
44. Deus ouviu sua oração.
45. Como a levassem para a morte, o Senhor suscitou o espírito íntegro de um adolescente chamado Daniel,
46. que proclamou com vigor: Sou inocente da morte dessa mulher!
47. Todo mundo virou-se para ele: O que significa isso?, perguntaram-lhe.
48. Então, no meio de um círculo que se formava, disse: Israelitas, estais loucos! Eis que condenais uma israelita sem interrogatório, sem conhecer a verdade!
49. Recomeçai o julgamento, porque é um falso testemunho a declaração desses dois homens contra ela.
50. O povo apressou-se em voltar. Os anciãos disseram a Daniel: Vem sentar conosco e esclarece-nos, pois Deus te deu o privilégio da velhice!
51. Separai-os um do outro, exclamou Daniel, e eu os julgarei. Foram separados.
52. Então Daniel chamou o primeiro e disse-lhe: Velho perverso! Eis que agora aparecem os pecados que cometeste outrora em julgamentos injustos,
53. condenando os inocentes e absolvendo os culpados; no entanto, é Deus quem diz: não farás morrer o inocente e o íntegro.
54. Vamos! Se realmente a viste, dize-nos debaixo de qual árvore os viste juntos. - Debaixo de um lentisco, respondeu.
55. Ótimo!, continuou Daniel, eis a mentira, que pagarás com tua cabeça. Eis aqui o anjo do Senhor que, segundo a sentença divina, vai dividir teu corpo pelo meio.
56. Afastaram o homem. Daniel mandou vir o outro e disse-lhe: Filho de Canaã! Tu não és judeu: foi a beleza que te seduziu, e a concupiscência que te perverteu.
57. Foi assim que sempre fizeste com as filhas de Israel, as quais, por medo, entravam em relação convosco. Mas eis uma filha de Judá que não consentiu no vosso crime.
58. Vamos, dize-me sob qual árvore os surpreendeste em intimidade. Sob um carvalho.
59. Ótimo!, respondeu Daniel, tu também proferiste uma mentira que vai te custar a vida. Eis aqui o anjo do Senhor, que empunha a espada, prestes a serrar-te pelo meio para te fazer perecer.
60. Logo a assembléia se pôs a clamar ruidosamente e a bendizer a Deus por salvar aqueles que nele põem sua esperança.
61. Toda a multidão revoltou-se então contra os dois anciãos os quais, por suas próprias declarações, Daniel provou terem dado falso testemunho.
62. De acordo com a lei de Moisés, aplicaram o tratamento que tinham querido infligir ao seu próximo: foram mortos. Assim, naquele dia, foi poupada uma vida inocente.
63. Helcias e sua mulher louvaram a Deus por sua filha Suzana, com Joaquim, seu marido, e todos os seus parentes, pois nada de desonesto havia sido encontrado em seu proceder.
64. E Daniel gozou, desde então, de uma alta consideração entre seus concidadãos.
65. Tendo-se reunido o rei Astíages a seus antepassados, Ciro, o persa, subiu ao trono.

BEL E O DRAGÃO

1. Daniel era conviva do rei e o mais honrado de todos os seus íntimos.
2. Ora, os babilônios tinham um ídolo chamado Bel, cuja despesa diária era de doze artabes de farinha, quarenta carneiros e seis medidas de vinho.
3. O rei prestava culto ao ídolo e diariamente ia adorá-lo. Daniel, porém, adorava seu Deus. O rei disse-lhe (um dia): Por que não adoras Bel?
4. Porque, respondeu Daniel, não venero ídolo feito pela mão do homem, mas sim o Deus vivo que criou o céu e a terra e que exerce seu poder sobre todo homem.
5. Assim sendo, continou o rei, Bel não te parece ser um deus vivo! Não vês o que ele come e o que ele bebe todos os dias?
6. Daniel pôs-se a rir: Desengana-te, ó rei, disse ele, este deus é de barro por dentro e de bronze por fora, e ele nunca comeu coisa alguma.
7. Irritado, o rei mandou vir seus sacerdotes e lhes disse: Se não me disserdes quem come essas oferendas, morrereis.
8. Mas se me provardes que é Bel quem as absorve, será Daniel quem morrerá, pois terá blasfemado contra ele. Daniel respondeu ao rei: Que se faça segundo tu o dizes!
9. Os sacerdotes de Bel eram setenta em número, sem contar suas mulheres e filhos. O rei foi com Daniel ao templo de Bel.
10. Os sacerdotes disseram: Nós saímos. Manda trazer, ó rei, os alimentos e o vinho misturado; depois fecha a porta e lacra-a com teu sinete.
11. Se amanhã cedo, quando vieres ao templo, verificares que tudo não foi comido por Bel, nós morreremos; do contrário será Daniel quem nos terá caluniado.
12. Tinham completa confiança, porque debaixo da mesa haviam feito uma abertura secreta, pela qual penetravam habitualmente para consumir as oferendas.
13. Mas, após a saída deles, quando o rei acabava de depor as oferendas diante de Bel, Daniel ordenou aos criados trazerem cinza, a qual espalhou pelo templo todo na presença do rei. A seguir saíram, fecharam a porta e, depois de tê-la lacrado com o sinete real, retiraram-se.

14. Durante a noite, os sacerdotes introduziram-se como de costume (no templo) com suas mulheres e filhos, comeram e beberam tudo.
15. Ao amanhecer, o rei veio com Daniel.
16. Os selos, disse, estão intactos, Daniel Intactos, ó rei.
17. Logo que a porta foi aberta, o rei olhou para a mesa e exclamou: Tu és grande, ó Bel! Tu não nos enganaste.
18. Mas Daniel pôs-se a rir e impediu o rei de entrar mais adiante. Olha o chão, disse-lhe. De quem são estes passos?
19. Vejo de fato, respondeu o rei, passos de homens, de mulheres e de crianças. E uma cólera violenta apoderou-se dele.
20. Então mandou prender os sacerdotes com suas mulheres e filhos, os quais lhe mostraram as entradas secretas por onde se introduziam para vir consumir o que havia na mesa.
21. O rei mandou matá-los e pôs Bel à disposição de Daniel que o destruiu, assim como seu templo.
22. Lá havia também um grande dragão, que os babilônios veneravam.
23. O rei disse a Daniel: Pretenderás também dizer que aquele é de bronze? Vive, come, bebe. Tu não podes negar que seja um deus vivo.
24. Adora-o então. Eu adoro, replicou Daniel, unicamente o Senhor meu Deus, porque ele é um Deus vivo.
25. Ó rei, dá-me licença para fazê-lo, e, sem espada nem bastão, matarei o dragão. Eu ta concedo, disse o rei.
26. Então Daniel tomou breu, gordura e pêlos, cozinhou tudo junto, e com isso fez umas bolas e meteu-as na boca do dragão, que estourou e morreu. Daniel exclamou: Eis aí o que adoráveis!
27. Quando os babilônios souberam, ficaram sumamente indignados, e amotinaram-se contra o rei aos gritos de O rei tornou-se judeu! Destruiu Bel; e (agora) fez perecer o dragão e matar os sacerdotes.
28. Vieram à presença do rei e disseram-lhe: Entrega-nos Daniel; do contrário, nós te mataremos, bem como toda a tua família.
29. Diante da violência com que o ameaçavam, o rei viu-se forçado a entregar-lhes Daniel,
30. que eles jogaram à cova dos leões, onde permaneceu seis dias.
31. Na cova havia sete leões, aos quais davam cotidianamente dois corpos (humanos) e dois carneiros. Porém, daquela vez, nada lhes foi distribuído, a fim de que devorassem Daniel.
32. Ora, o profeta Habacuc vivia naquele tempo na Judéia. Acabava de cozinhar um caldo e picava pão dentro dele numa panela, para levá-lo aos ceifadores no campo.
33. Mas um anjo do Senhor disse-lhe: Leva esta refeição à Babilônia, a Daniel, que se encontra na cova dos leões.
34. Senhor, disse Habacuc, nunca vi Babilônia, e não conheço essa cova.
35. Então o anjo, segurando-o pelo alto da cabeça, transportou-o pelos cabelos, num fôlego, até Babilônia, em cima da cova.
36. Daniel, Daniel (chamou), toma a refeição que Deus te envia.
37. E Daniel respondeu: Ó Deus, vós pensastes em mim! Vós não abandonastes os que vos amam!
38. Depois disso pôs-se a comer, enquanto o anjo do Senhor transportava de volta Habacuc a seu domicílio.
39. Ao sétimo dia veio o rei chorar Daniel. Ao acercar-se da cova, porém, olhou para dentro e aí avistou Daniel sentado.
40. E bem alto exclamou: Vós sois grande, Senhor, Deus de Daniel. Não existe outro Deus além de vós!
41. Mandou retirá-lo da cova dos leões e lá jogou todos aqueles que haviam tentado eliminá-lo, os quais foram imediatamente devorados, sob seus olhos.
42. Então disse o rei: Que todos os habitantes da terra reverenciem o Deus de Daniel, porque é um salvador que opera sinais e prodígios em toda a terra, e salvou Daniel da cova dos leões.

...

LIVROS APÓCRIFOS OU NÃO CANÔNICOS

1. A palavra Apócrifo , do grego apokrypha, escondido, nome usado pelos escritores eclesiásticos para determinar, 1) Assuntos secretos, ou misteriosos; 2) de origem ignorada, falsa ou espúria; 3) documentos não canônicos.

2. Os livros apócrifos do A.T. Estes não faziam parte do Cânon hebraico, mas todos eram mais ou menos aceitos pelos judeus de Alexandria que liam o grego, e pelos de outros lugares; e alguns são citados no Talmude. Esses livros, a exceção de 2 Esdras, Eclesiástico, Judite, Tobias, e 1 dos Macabeus, foram primeiramente escritos em grego, mas o seu conteúdo varia em diferentes coleções.

Eis os livros apócrifos pela sua ordem usual:

I (ou III) de Esdras: é simplesmente a forma grega de Ezra, e o livro narra o declínio e a queda do reino de Judá desde o reinado de Josias até à destruição de Jerusalém; o cativeiro de Babilônia, a volta dos exilado, e a parte que Esdras tomou na reorganização da política judaica. Em certos respeitos, amplia a narração bíblica, porém estas adições são de autoridade duvidosa. O historiador Josefo é o continuador de Esdras. Ignora-se o tempo em que foi escrito e quem foi o meu autor.

II (ou IV) de Esdras: Este livro tem estilo inteiramente diferente de 1º de Esdras. Não é propriamente uma história, mas sim um tratado religioso, muito no estilo dos profetas hebreus. O assunto central, compreendido nos caps. 3-14, tem como objetivo registrar as sete revelações de Esdras em Babilônia, algumas das quais tomaram a forma de visões: a mulher que chorava, 9.38, até 10.56; a águia e o leão, 11.1 até 12.39; o homem que se ergueu do mar, 13.1-56. O autor destes capítulos é desconhecido, mas evidentemente era judeu pelo afeto que mostra a seu povo. (A palavra Jesus, que se encontra no cap. 7.28, não está nas versões orientais.) A visão da águia, que é expressamente baseada na profecia de Daniel (2º Esdras 12.11), parece referir ao Império Romano, e a data de 88 A.D. até 117 A.D. é geralmente aceita. Data posterior ao ano 200 contraria as citações do v. 35 cap. 5 em grego por Clemente de Alexandria com o Prefácio: "As-sim diz o profeta Esdras." Os primeiros dois e os últimos dois capítulos de 2º Esdras, 1 e 2, 15 e 16 são aumentos; não se encontram nas versões orientais, nem na maior parte dos manuscritos latinos. Pertencem a uma data posterior à tradução dos Setenta que já estava em circulação, porquanto os profetas menores já aparecem na ordem em que foram postos na versão grega, 2º Esdras, 1.39, 40. Os dois primeiros capítulos contêm abundantes reminiscências do Novo Testamento e justificam a rejeição de Israel e sua substituição pelos Gentios, 2º Esdras, 1.24,25,35-40; 2.10,11,34), e, portanto, foram escritos por um cristão, e, sem dúvida, por um judeu cristão.

Tobias: Este livro contém a narração da vida de certo Tobias de Neftali, homem piedoso, que tinha um filho de igual nome, O pai havia perdido a vista. O filho, tendo de ir a Rages na Média, para cobrar uma dívida, foi levado por um anjo a Ecbatana, onde fez um casamento romântico com uma viúva que, tendo-se casado sete ve-zes, ainda se conservava virgem. Os sete maridos haviam sido mortos por Asmodeu, o mau espírito nos dias de seu casamento. Tobias, porém, foi animado pelo anjo a tornar-se o oitavo marido da virgem-viúva, escapando à morte, com a queima de fígado de peixe, cuja fumaça afugentou o mau espírito. Voltando, curou a cegueira de seu pai esfregando-lhe os escurecidos olhos com o fel do peixe que já se tinha mostrado tão prodigioso. O livro de Tobias é manifestamente um conto moral e não uma história real. A data mais provável de sua publicação é 350 ou 250 a 200 A.C.

Judite: E a narrativa, com pretensões a história, do modo por que uma viúva judia, de temperamento masculino, se recomendou às boas graças de Holofernes, comandante-chefe do exército assírio, que sitiava Betúlia. Aproveitando-se de sua intimidade na tenda de Holofernes, tomou da espada e cortou-lhe a cabeça enquanto ele dormia. A narrativa está cheia de incorreções, de anacronismos e de absurdos geográficos. É mesmo para se duvidar que exista alguma cousa de verdade; talvez que o seu autor se tenha inspirado nas histórias de Jael e de Sisera, Jz 4.17-22. A primeira referência a este livro, encontra-se em uma epístola de Clemente de Roma, no fim do primeiro século. Porém o livro de Judite data de 175 a 100 A. C., isto é, 400 ou 600 anos depois dos fatos que pretende narrar. Dizer que naquele tempo Nabucodonosor reinava em Nínive em vez de Babilônia não parecia ser grande erro, se não fosse cometido por um contemporâneo do grande rei.

Ester: Acréscimo de capítulos que não se acham nem no hebreu, nem no caldaíco. O livro canônico de Ester termina com o décimo capítulo. A produção apócrifa acrescenta dez versículos a este capitulo e mais seis capítulos, 11-16. Na tradução dos Setenta, esta matéria suplementar é distribuída em sete porções pelo texto e não interrompe a história. Amplifica partes da narrativa da Escritura, sem fornecer novo fato de valor, e em alguns lugares contradiz a história como se contém no texto hebreu. A opinião geral é que o livro foi obra de um judeu egípcio que a escreveu no tempo de Ptolomeu. Filometer, 181-145 A.C.

Sabedoria de Salomão: Este livro é um tratado de Ética recomendando a sabedoria e a retidão, e condenando a Iniqüidade e a idolatria. As passagens salientam o pecado e a loucura da adoração das imagens, lembram as passagens que sobre o mesmo assunto se encontram nos Salmos e em Isaías (compare: Sabedoria 13.11-

19, com Salmos 95; 135.15-18 e Isaias 40.19-25; 44.9-20). É digno de nota que o autor deste livro, referindo-se a incidentes históricos para ilustrar a sua doutrina, limita-se aos fatos recordados no Pentateuco. Ele escreve em nome de Salomão; diz que foi escolhido por Deus para rei do seu povo, e foi por ele dirigido a construir um templo e um altar, sendo o templo feito conforme o modelo do tabernáculo. Era homem genial e piedoso, caracterizando-se pela sua crença na imortalidade. Viveu entre 150 e 50 ou 120 e 80, A.C. Nunca foi formalmente citado, nem mesmo a ele se referem os escritores do Novo Testamento, porém, tanto a linguagem, como as correntes de pensamento do seu livro , encontram paralelos no Novo Testamento (Sab. 5.18-20; Ef 6.14-17; Sab. 7.26, com Hb 1.2-6 e Sab. 14.13-31 com Rm 1.19-32).

Eclesiástico: também denominado Sabedoria de Jesus, filho de Siraque. É obra comparativamente grande, contendo 51 capítulos. No capítulo primeiro, 1-21, louva-se grandemente o sumo sacerdote Simão, filho de Onias, provavelmente o mesmo Simão que viveu entre 370 - 300, A.C. O livro deveria ter sido escrito entre 290 ou 280 A.C., em língua hebraica. O seu autor, Jesus, filho de Siraque de Jerusalém, Ec 1.27, era avô, ou, tomando a palavra em sentido mais lato, antecessor remoto do tradutor. A tradução foi feita no Egito no ano 38, quando Evergeto era rei. Há dois reis com este nome, Ptolonmeu III, entre 247 a 222 A.C., e Ptolomeu Fiscom, 169 a 165 e 146 a 117 A.C. O grande assunto da obra e a sabedoria. É valioso tratado de Ética. Há lugares que fazem lembrar os livros de Provérbios, Eclesiastes e porções do livro de Jó, das escrituras canônicas, e do livro apócrifo, Sabedoria de Salomão. Nas citações deste livro, usa-se a abreviatura Eclus, para não confundir com Ec abreviatura de Eclesiastes.

Baruque: Baruque era amigo do Jeremias. Os primeiros cinco capítulos do seu livro pertencem à sua autoria, enquanto que o sexto é intitulado "Epístola de Jeremias." Depois da introdução, descrevendo a origem da obra, Baruque 1.1,14, abre-se o livro com três divisões, a saber:
1) Confissão dos pecado. de Israel e orações, pedindo perdão a Deus, Baruque 1.15, até 3.8. Esta parte revela ter sido escrita em hebraico, como bem o indica a introdução, cap. 1:14. Foi escrita 300 anos A.C.
2) Exortação a Israel para voltar à fonte da Sabedoria, 3.9 até 4.4.
3) Animação e promessa de livramento, 4.5 até 5.9. Estas duas seções parece que foram escritas em grego, pela sua semelhança com a linguagem dos Setenta. Há dúvidas, quanto à semelhança entre o cap. 5 e o Salmo de Salomão, 9. Esta semelhança dá a entender que o cap. 5 foi baseado no salmo, e portanto, escrito depois do ano 70, A.D., ou então, que ambos os escritos são moldados pela versão dos Setenta. A epístola de Jeremias exorta ou judeus no exílio a evitarem a idolatria de Babilônia. Foi escrita 100 anos A.C.

Adição à História de Daniel:
O cântico dos três mancebos (jovens): Esta produção foi destinada a ser Intercalada no livro canônico de Daniel, entre caps. 3.23,24. É desconhecido o seu autor e ignorada a data de sua composição. Compare os versículo, 35-68 com o Salmo 148.
A história de Suzana: É também um acréscimo ao livro de Daniel, em que o seu autor mostra como o profeta, habilmente descobriu uma falsa acusação contra Suzana, mulher piedosa e casta. Ignora-se a data em que foi escrita e o nome de seu autor.
Bel e o dragão: Outra história introduzida no livro canônico de Daniel. O profeta mostra o modo por que os sacerdotes de Bel e suas famílias comiam as viandas oferecidas ao ídolo; e mata o dragão. Por este motivo, o profeta é lançado pela segunda vez na caverna dos leões. Ignora-se a data em que foi escrita e o nome do autor.

Oração de Manassés, rei de Judá quando esteve cativo em Babilônia. Compare, 2º Cr 33.12,13. Autor desconhecido. Data provável, 100 anos A. C.

Primeiro Livro dos Macabeus: E um tratado histórico de grande valor, em que se relatam 05 acontecimentos políticos e os atos de heroísmo da família levítica dos Macabeus durante a guerra da Independência judaica, dois séculos A.C. O autor é desconhecido, mas evidentemente é judeu da Palestina. Há duas opiniões quanto à data em que foi escrito; uma dá 120 a 106 A.C., outra, com melhores fundamentos, entre 105 e 64 A.C. Foi traduzido do hebraico para o grego.

Segundo Livro dos Macabeus: É inquestionavelmente um epítome da grande obra de Jasom de Cirene; trata principalmente da história Judaica desde o reinado de Seleuco IV, até à morte de Nicanor, 175 e 161 A.C. É obra menos importante que o primeiro livro. O assunto é tratado com bastante fantasia em prejuízo de seu crédito, todavia, contém grande soma de verdade. O livro foi escrito depois do ano 125 A.C. e antes a tomada de Jerusalém, no ano 70 A.D.

Terceiro Livro dos Macabeus: Refere-se a acontecimentos anteriores à guerra da independência. O ponto central do livro e pretensão de Ptolomeu Filopater IV, que em 217 A.C. tentou penetrar nos Santo dos Santos, e a subseqüente perseguição contra os judeus de Alexandria. Foi escrito pouco antes, ou pouco depois da era cristã, data de 39, ou 40 A.D.

Quarto Livro dos Macabeus: É um tratado de moral advogando o império da vontade sobre as paixões e ilustrando a doutrina com exemplos tirados da história dos macabeus. Foi escrito depois do 2º Macabeus e antes da destruição de Jerusalém.

É, talvez, do 1º século d.C. Ainda que os livros apócrifos estejam compreendidos na versão dos Setenta, nenhuma citação certa se faz deles no Novo Testamento. É verdade que os Pais muitas vezes os citaram isoladamente, como se fossem Escritura Sagrada, mas, na argumentação, eles distinguiam os apócrifos dos livros canônicos. S. Jerônimo, em particular, no fim do 4º século, fez entre estes livros uma claríssima distinção. Para defender-se de ter limitado a sua tradução latina aos livros do Cânon hebraico, ele disse: "Qualquer livro além destes deve ser contado entre os apócrifos. Sto. Agostinho, porém (354-430 à.C.), que não sabia hebraico, juntava os apócrifos com os canônicos como para os diferençar dos livros heréticos. Infelizmente, prevaleceram as idéias deste escritor, e ficaram os livros apócrifos na edição oficial (a Vulgata) da Igreja de Roma. O Concilio de Trento, 1546, aceitou "todos os livros... com igual sentimento e reverência", e anatematizou os que não os consideravam de igual modo. A Igreja Anglicana, pelo tempo da Reforma, nos seus trinta e nove artigos (1563 e 1571), seguiu precisamente a maneira de ver de S. Jerônimo, não julgando os apócrifos como livros das Santas Escrituras, mas aconselhando a sua leitura "para exemplo de vida e instrução de costumes".

3. Livros Pseudo-epígrafos. Nenhum artigo sobre os livros apócrifos pode omitir estes inteiramente, porque de ano para ano está sendo mais compreendida a sua importância. Chamam-se Pseudo-epígrafos, porque se apresentam como escritos pelos santos do Antigo Testamento. Eles são amplamente apocalípticos; e representam esperanças e expectativas que não produziram boa influência no primitivo Cristianismo. Entre eles podem mencionar-se:

Livro de Enoque (etiópico), que é citado em Judas 14. Atribuem-se várias datas, pelos últi-mos dois séculos antes da era cristã.

Os Segredos de Enoque (eslavo), livro escrito por um judeu helenista, ortodoxo, na primeira metade do primeiro século d.C.

O Livro dos Jubileus (dos israelitas), ou o Pequeno Gênesis, tratando de particularidades do Gênesis duma forma imaginária e legendária, escrito por um fariseu entre os anos de 135 e 105 a.C.

Os Testamentos dos Doze Patriarcas: é este livro um alto modelo de ensino moral. Pensa-se que o original hebraico foi composto nos anos 109 a 107 a.C., e a tradução grega, em que a obra chegou até nós, foi feita antes de 50 d.C.

Os Oráculos Sibilinos, Livros III-V, descrições poéticas das condições passadas e futuras dos judeus; a parte mais antiga é colocada cerca do ano 140 a.C., sendo a porção mais moderna do ano 80 da nossa era, pouco mais ou menos.

Os Salmos de Salomão, entre 70 e 40 a.C.

As Odes de Salomão, cerca do ano 100 da nossa era, são, provavelmente, escritos cristãos.

O Apocalipse Siríaco de Baruque (2º Baruque), 60 a 100 a.C.

O Apocalipse grego de Baruque (3º Baruque), do 2º século, a.C.

A Assunção de Moisés, 7 a 30 d.C.

A Ascensão de Isaias, do primeiro ou do segundo século d.C.

4. Os Livros Apócrifos do N.T. Sob este nome são algumas vezes reunidos vários escritos cristãos de primitiva data, que pretendem dar novas informações acerca de Jesus Cristo e Seus Apóstolos, ou novas instruções sobre a natureza do Cristianismo em nome dos primeiros cristãos. Entre os Evangelhos Apócrifos podem mencionar-se:

O Evangelho segundo os Hebreus (há fragmentos do segundo século);

O Evangelho segundo S. Tiaqo, tratando do nascimento de Maria e de Jesus (segundo século);

Os Atos de Pilatos.(Segundo século).

Os Atos de Paulo e Tecla (segundo século).

Os Atos de Pedro (terceiro século).

Epístola de Barnabé (fim do primeiro século).

Apocalipses, o de Pedro (segundo século).

Ainda que casualmente algum livro não canônico se ache apenso a manuscritos do N.T., esse fato é, contudo, tão raro que podemos dizer que, na realidade, nunca se tratou seriamente de incluir qualquer deles no Cânon.

Fonte: Dicionário Bíblico Universal

...

LISTA GERAL DE LIVROS APÓCRIFOS

Antigo Testamento

Apocalipse de Adão
Apocalipse de Baruc - Apocalipse de Moisés - Apocalipse de Sidrac - As Três Estelas de Seth - Ascensão de Isaías - Assunção de Moisés - Caverna dos Tesouros - Epístola de Aristéas - Livro dos Jubileus - Martírio de Isaías - Oráculos Sibilinos - Prece de Manassés - Primeiro Livro de Adão e Eva - Primeiro Livro de Enoque - Primeiro Livro de Esdras - Quarto Livro dos Macabeus - Revelação de Esdras - Salmo 151 - Salmos de

Salomão (ou Odes de Salomão) - Segundo Livro de Adão e Eva - Segundo Livro de Enoque (ou Livro dos Segredos de Enoque) - Segundo Livro de Esdras (ou Quarto Livro de Esdras) - Segundo Tratado do Grande Seth - Terceiro Livro dos Macabeus - Testamento de Abraão - Testamento dos Doze Patriarcas - Vida de Adão e Eva...

Novo Testamento

A Hipostase dos Arcontes - (Ágrafos Extra-Evangelhos) - (Ágrafos de Origens Diversas) - Apocalipse da Virgem - Apocalipse de João o Teólogo - Apocalipse de Paulo
Apocalipse de Pedro
Apocalipse de Tomé - Atos de André - Atos de André e Mateus - Atos de Barnabé - Atos de Filipe - Atos de João - Atos de João o Teólogo - Atos de Paulo - Atos de Paulo e Tecla - Atos de Pedro - Atos de Pedro e André - Atos de Pedro e Paulo - Atos de Pedro e os Doze Apóstolos - Atos de Tadeu - Atos de Tomé - Consumação de Tomé - Correspondência entre Paulo e Sêneca - Declaração de José de Arimatéia - Descida de Cristo ao Inferno - Discurso de Domingo - Ditos de Jesus ao rei Abgaro - Ensinamentos de Silvano - Ensinamentos do Apóstolo [T]adeu - Ensinamentos dos Apóstolos
Epístola aos Laodicenses
Epístola de Herodes a Pôncio Pilatos - Epístola de Jesus ao rei Abgaro (2 versões) - Epístola de Pedro a Filipe - Epístola de Pôncio Pilatos a Herodes - Epístola de Pôncio Pilatos ao Imperador - Epístola de Tibério a Pôncio Pilatos - Epístola do rei Abgaro a Jesus - Epístola dos Apóstolos - Eugnostos, o Bem-Aventurado - Evangelho Apócrifo de João - Evangelho Apócrifo de Tiago - Evangelho Árabe de Infância - Evangelho Armênio de Infância (fragmentos) - Evangelho da Verdade - Evangelho de Bartolomeu -* [[[Nag Hammadi|Evangelho de Filipe]]
Evangelho de Marcião - Evangelho de Maria Madalena (ou Evangelho de Maria de Betânia) - Evangelho de Matias (ou Tradições de Matias) - Evangelho de Nicodemos (ou Atos de Pilatos) - Evangelho de Pedro -
Evangelho de Tome o Gêmso (Dídimo)
Evangelho do Pseudo-Mateus - Evangelho do Pseudo-Tomé - Evangelho dos Ebionitas (ou Evangelho dos Doze Apóstolos) - Evangelho dos Egípcios - Evangelho dos Hebreus - Evangelho Secreto de Marcos - Exegese sobre a Alma - Exposições Valentinianas - (Fragmentos Evangélicos Conservados em Papiros) - (Fragmentos Evangélicos de Textos Coptas) - História de José o Carpinteiro - Infância do Salvador - Julgamento de Pôncio Pilatos - Livro de João o Teólogo sobre a Assunção da Virgem Maria - Martírio de André - Martírio de Bartolomeu - Martírio de Mateus - Morte de Pôncio Pilatos - Natividade de Maria - O Pensamento de Norea - O Testemunho da Verdade - O Trovão, Mente Perfeita - Passagem da Bem-Aventurada Virgem Maria -
"Pistris Sophia" (fragmentos)
Prece de Ação de Graças - Prece do Apóstolo Paulo - Primeiro Apocalipse de Tiago - Proto-Evangelho de Tiago - Retrato de Jesus - Retrato do Salvador - Revelação de Estevão - Revelação de Paulo - Revelação de Pedro - Sabedoria de Jesus Cristo - Segundo Apocalipse de Tiago - Sentença de Pôncio Pilatos contra Jesus - Sobre a Origem do Mundo - Testemunho sobre o Oitavo e o Nono - Tratado sobre a Ressurreição - Vingança do Salvador - Visão de Paulo

Escritos de Qumran

A Nova Jerusalém (5Q15)
A Sedutora (4Q184)
Antologia Messiânica (4Q175)
Bênção de Jacó (4QPBl)
Bênçãos (1QSb)
Cânticos do Sábio (4Q510-4Q511)
Cânticos para o Holocausto do Sábado (4Q400-4Q407/11Q5-11Q6)
Comentários sobre a Lei (4Q159/4Q513-4Q514)
Comentários sobre Habacuc (1QpHab)
Comentários sobre Isaías (4Q161-4Q164)
Comentários sobre Miquéias (1Q14)
Comentários sobre Naum (4Q169)
Comentários sobre Oséias (4Q166-4Q167)
Comentários sobre Salmos (4Q171/4Q173)
Consolações (4Q176)
Eras da Criação (4Q180)
Escritos do Pseudo-Daniel (4QpsDan/4Q246)
Exortação para Busca da Sabedoria (4Q185)
Gênese Apócrifo (1QapGen)
Hinos de Ação de Graças (1QH)
Horóscopos (4Q186/4QMessAr)
Lamentações (4Q179/4Q501)
Maldições de Satanás e seus Partidários (4Q286-4Q287/4Q280-4Q282)
Melquisedec, o Príncipe Celeste (11QMelq)
O Triunfo da Retidão (1Q27)
Oração Litúrgica (1Q34/1Q34bis)
Orações Diárias (4Q503)
Orações para as Festividades (4Q507-4Q509)
Os Iníqüos e os Santos (4Q181)
Os Últimos Dias (4Q174)
Palavras das Luzes Celestes (4Q504)
Palavras de Moisés (1Q22)
Pergaminho de Cobre (3Q15)
Pergaminho do Templo (11QT)
Prece de Nabonidus (4QprNab)
Preceito da Guerra (1QM/4QM)
Preceito de Damasco (CD)
Preceito do Messianismo (1QSa)
Regra da Comunidade (1QS)
Rito de Purificação (4Q512)
Salmos Apócrifos (11QPsa)
Samuel Apócrifo (4Q160)
Testamento de Amran (4QAm)

Outros Escritos

História do Sábio Ahicar
Livro do Pseudo-Filon
...

O PROFETA ENOQUE

"E quando Enoque viu isso, ficou com a alma amargurada e chorou por seus irmãos; e disse aos céus: Recusar-me-ei a ser consolado; mas o Senhor disse a Enoque: Anima-te e alegra-te; e olha." (Gênesis)

Existem muitos livros que foram banidos do corpus bíblico por serem considerados apócrifos (incultos ou não inspirados por Deus). Em sua considerável maioria eram justamente os mais reveladores, trazendo importantes informações sobree uma série de acontecimentos ligados aos contatos das divindades com o homem.

O Livro do Profeta Enoque (citado em Judas 14), patriarca bíblico antediluviano (ou seja, que viveu antes da destruição e afundamento da Atlântida), é, sem dúvida, um dos mais reveladores. Seu livro mostra, entre outras coisas, que 200 "anjos" desceram à Terra e tiveram filhos e filhas com as mulheres terrestres.Como estamos vendo, não é de hoje que seres poderosos, na Bíblia chamados de Nefilim, se relacionam intimamente com nossa humanidade. Esses anjos ensinaram muitas coisas para os terrestres, como astronomia, noções de meteorologia e, de maneira surpreendente, até mesmo a prática do aborto.

Esotericamente, Enoque cita o período final da Atlântida, antes de seu afundamento devido à sua extrema corrupção. Os grandes Iniciados atlantes começaram a se degenerar (anjos unindo-se a mulheres) e isso não foi bem-visto pela Justiça Divina. De acordo com o Mestre Samael Aun Weor, o profeta Enoque foi na verdade uma das encarnações do poderoso Anjo Metraton, tão citado na Angelologia. Posteriormente, no período áureo do Egito Antigo, esse profeta encarnou-se e se chamou Tehuti, mais conhecido entre nós como Hermes Trismegisto. E entre os fenícios, foi Cadmos, o criador da escrita. Acompanhemos a seguir os dizeres de Samael sobre o Patriarca Enoque.

O PATRIARCA ENOQUE

O símbolo do tempo, ao qual o anel de bronze faz também enfática referência, conduz ciclicamente o Arhat gnóstico até aquela antiga época patriarcal, denominada também Idade de Bronze ou Dvapara Yuga que, indubitavelmente, precedeu esta nossa atual Idade de Ferro ou Kali Yuga...

Os melhores tratadistas do ocultismo afirmaram sempre que entre estas duas idades aconteceu a Segunda Catástrofe Transapalniana, que modificou totalmente a fisionomia geológica do planeta Terra.

O sétimo, entre os dez sublimes patriarcas antediluvianos, é, fora de qualquer suposição, totalmente diferente dos seis que, no curso dos séculos, o precederam (Adão, Set, Enos, Cainã, Maladel, Jared), assim como dos três que o sucederam (Matusalém, Lameque, Noé).

Entretanto, é claro que o que mais nos assombra em tudo isto é o sagrado nome de Enoque que, traduzido, significa: iniciado, dedicado, consagrado, mestre.

O Gênese hebraico assevera, de forma muito solene, que Enoque não morreu fisicamente, em realidade, senão que "caminhou com Deus e desapareceu, porque o levou Deus".

Antiqüíssimas tradições esotéricas que se perdem na noite dos séculos dizem claramente que, estando Enoque sobre cume majestoso do Monte Mória, teve um Shamadi clarividente em que sua Consciência Objetiva Iluminada foi arrebatada e levada aos nove céus citados por Dante em sua Divina Comédia, e no último dos quais – no de Netuno – encontrou o patriarca a Palavra Perdida (seu próprio Verbo, sua Mônada particular, individual).

Posteriormente, quis esse grande Hierofante expressar essa visão numa lembrança permanente e imperecedora...

Assim dispôs, categoricamente e com grande sabedoria, que se fizesse, debaixo desse mesmo lugar bendito, um templo secreto e subterrâneo, compreendendo nove abóbadas, sucessivamente dispostas uma debaixo da outra, nas vivas entranhas do monte...

Seu filho Matusalém foi certamente o arquiteto encarregado material de tão extraordinário "sancta"...

Não se menciona o conteúdo e destino específico, definido, de cada uma destas abóbadas, ou grutas mágicas, em comunicação uma com a outra, mediante uma escada espiralóide...

A última destas cavernas é, não obstante, a que absorve toda a importância oculta. De maneira que as anteriores tão só constituem a via secreta indispensável, mediante a qual se chega a esta, no mais profundo da montanha...

É, esta última, o local, ou "sanctum", mais íntimo, em que o patriarca Enoque depositou seu mais tesouro esotérico...

O Velocino de Ouro dos antigos, o tesouro inefável e imperecedor que buscamos, não se encontra nunca, pois, na superfície, senão que temos de escavar, cavar, buscar nas estranhas da terra, até encontrá-lo...

Descendo valorosamente às estranhas ou infernos do Monte da Revelação, encontra o iniciado o místico tesouro – sua Mônada divina – que para ele se conserva através dos incontáveis

séculos que nos precederam no curso da história...

No capítulo II do Apocalipse de São João, ainda podemos ler o seguinte: "Ao que vencer de comer do maná oculto e lhe darei uma pedra branca, e, na pedra, um novo nome escrito, o qual não conhece senão aquele que o recebe."

Alguns estudiosos têm certeza de que esse livro foi escrito originalmente em hebraico, outros julgam que a língua original foi o aramaico e outros tantos acreditam que algumas partes foram escritas em hebraico e outras em aramaico. A primeira parte do Enoque etíope (caps. 1-36) tem uma importância imensa, pois remonta provavelmente em 300 a.C. e aos primeiros livros da Bíblia. Uma das fontes antigas usadas pelos últimos revisores do Gênesis era semelhante à fonte utilizada mais integralmente em Enoque I.

Trechos do Livro de Enoque

"III - E, agora, ouvi-me, meus filhos, que eu descerrarei os vossos olhos para que possais escolher aquilo que Ele ama e desprezar tudo aquilo que odeia, para poderdes caminhar perfeitamente em todos os Seus caminhos e não errardes seguindo impulsos culposos ou deitando olhares de fornicação. Porque muitos foram os que se desviaram e homens fortes e valorosos aí escorregaram, tanto outrora como hoje. Caminhando com a rebelião nos corações, caíram os próprios guardas dos céus, a tal chegados porque não observavam os mandamentos de Deus, tendo caído também os seus filhos, cuja estatura atingia também a altura dos cedros e cujos corpos se assemelhavam a montanhas. Todo o ser vivo que se encontrava em terra firme, caiu, sim, e morreu, e foram como se não tivessem sido, porque procediam conforme a sua vontade e não observavam os mandamentos do seu Criador, de maneira que a cólera de Deus se inflamou contra eles.

IV - assim se perderam os filhos de Noé e as suas tribos e assim foram aniquilados. "Ainda nos textos de Qumram, do século II a.C., vamos encontrar outro documento antigo, o pergaminho de Lameque, contando uma história semelhante. Como o rolo só se conservou em fragmentos, faltam agora no texto frases e sentenças inteiras. O que restou, entretanto, é suficiente singular para ser relatado. Diz ele, que certo dia Lameque, pai de Noé, voltando para casa de uma viagem de mais de nove meses, foi surpreendido pela presença de um menino pequenino que, por seu aspecto físico externo em absoluto não se enquadraria na família. Lameque levantou pesadas acusações contra sua mulher Bat-Enosh e afirmou que aquela criança não se originara dele. Bat-Enosh se defendeu, jurando por tudo que lhe era sagrado que o sêmem só poderia ser dele, do pai Lameque, pois na ausência do marido ela não teve o menor contato com nenhum soldado, nem de um estranho nem de um dos "filhos do céu". E ela implorou:

"Ó meu senhor... juro... esse sêmem proveio de ti, de ti proveio a concepção, de ti a plantação do fruto que não é de um forasteiro, nem de um guarda, tampouco de um filho do céu..."

Não obstante, Lameque não acreditou nas juras de sua mulher e, desassossegado até o fundo de sua alma, partiu para pedir conselho a seu pai Matusalém, a quem relatou o caso familiar que tanto o deprimia. Matusalém ouviu, meditou e como não chegou a tirar conclusão alguma, por sua vez, pôs-se a caminho para consultar o sábio Enoque. Aquele assunto de família estava causando tal alvoroço que o velho enfrentou os incômodos de uma longa viagem a fim de por a limpo a origem do garoto. Enoque ouviu o relato de Matusalém, contando como, de um céu cem nuvens, de repente caiu um menino, de aspecto físico externo menos parecido com o dos mortais comuns, e mais semelhante a um filho de pai celeste, cujos olhos, cabelos, pele, em nada se enquadrava na família.

O sábio Enoque escutou o relato e mandou o velho Matusalém de volta, com a notícia alarmante de que um grande juízo punitivo sobreviria, atingindo a Terra e a humanidade; toda a "carne" seria aniquilada, por ser suja e perversa. No entanto, falou Enoque, ele, Matusalém, deveria ordenar ao seu filho Lameque que ficasse com o menino e lhe desse o nome de Noé, pois o pequeno Noé teria sido escolhido para ser o progenitor daqueles que sobreviveriam ao grande juízo universal. Matusalém viajou de volta, informou seu filho sobre tudo o que estaria para vir e Lameque finalmente aceitou a criança como sua.

A Biblioteca de Enoque

O "Livro de Enoque" (nome que significa Inicie, ou Iniciador), é um texto apócrifo escrito por volta de 200 a.C. (Os livros apócrifos judaicos circulavam entre os judeus durante os séculos imediatamente anteriores e posteriores ao início da era cristã. Os mais importantes de todos estes eram os Livros de Enoque).

Na verdade, o Livro de Enoque era uma coletânea de diversas obras literárias, que apareciam todas sob o nome de Enoque, mas que teriam sido escritas por diferentes autores. Tudo indica que o livro era bastante conhecido até o século 18, mas não sabemos quantos deles existem. O Livro das Similitudes (ou segredos) de Enoque menciona um total de 360 livros. Uma verdadeira biblioteca cuja existência dificilmente poderá algum dia ser comprovada. Sabemos que com certeza existem três: O Enoque I ou Enoque Etíope; o Enoque Eslavo ou Livro dos Segredos de Enoque e o Enoque Hebreu. Há uma vaga referência a um

Enoque IV, feita numa epístola a Barnabás, datada do século II da nossa Era. [Talvez se queira considerar também o pergaminho de Lameque como uma seqüência das histórias contadas pelo patriarca Enoque]. Infelizmente, esses textos ficaram perdidos durante séculos, só sendo redescobertos em épocas recentes, a maior parte em fragmentos.

Alguns fragmentos do Livro de Enoque, já conhecido, mas escrito em aramaico, foram descobertos nas célebres grutas de Qumran, no Mar Morto (veja um pequeno fragmento desse Manuscrito no topo desta matéria). Por isso há quem especule a existência de uma versão original mais antiga, escrita em hebraico. Uma outra versão conhecida como Os Segredos de Enoque ou II Enoque, foi descoberta na Rússia, em um texto eslavo, e traduzida para o inglês no século XIX; Esta foi provavelmente escrita no Egito no princípio da era cristã e fala da viagem de Enoque através das diferentes coortes do Paraíso.

Uma de suas versões foi encontrada na Abissínia. Havia sido escrita no idioma etíope, por isso ficou conhecido como Enoque Etíope ou I Enoque. O Enoque Etíope é conhecido de forma completa na Europa desde 1773, quando o explorador inglês James Bruce trouxe três cópias, que foram rapidamente difundidas; mas a primeira publicação de excertos do texto etíope de Enoque, o qual, é o único integral remanescente, só ocorreu em 1800. A primeira tradução completa foi publicada por Richard Laurence em Oxford no ano de 1821, gerando novos debates em torno da velha questão: Se os "filhos de Deus" que tiveram relações sexual com mulheres eram de fato anjos. O estudo filológico mostrou que estes originais foram escritos por volta do ano 400 da nossa Era e em grego. A queda dos anjos é contada no texto da seguinte forma:

VI - 1. Quando outrora aumentou o número dos filhos dos homens, nasceram-lhes filhas bonitas e amoráveis. Os Anjos, filhos do céu, ao verem-nas, desejaram-nas e disseram entre si: "Vamos tomar mulheres dentre as filhas dos homens e gerar filhos!" 2. Disse-lhes então o seu chefe Semjaza: "Eu receio não queiras realizar isso, deixando-me no dever de pagar sozinho o castigo de um grande pecado". Eles responderam-lhe em coro: "Nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum mas não abrir mão do plano, e sim executa-lo". 3. Então eles juraram conjuntamente, obrigando-se a maldições que a todos atingiram. Eram ao todo duzentos os que, nos dias de Jared, haviam descido sobre o cume do monte Hermon. Chamaram-no Hermon porque sobre ele juraram e se comprometeram a maldições comuns.

4. Assim se chamavam os seus chefes: Semjaza, o superior de todoseles, Arakiba, Rameel, Kokabiel, Tamiel, Ramiel, Danel, Ezekeel, Narakijal, Azael, Armaros, Batarel, Ananel, Sakeil, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael e Sariel. Eram esses os chefes de cada grupo de dez.

VII - 1. Todos os demais que estavam com eles tomaram mulheres, e cada um escolheu uma para si. Então começaram a freqüentá-las e a profanar-se com elas. E eles ensinavam-lhes bruxarias, exorcismos e feitiços, e familiarizavam-nas com ervas e raizes. 2. Entrementes elas engravidaram e deram à luz a gigantes de 3.000 côvados de altura. Estes consumiram todas as provisões de alimentos dos demais homens. E quando as pessoas nada mais tinham para dar-lhes os gigantes voltaram-se contra elas e começaram a devorá-las. 3. Também começaram a atacar os pássaros, os animais selvagens, os repteis e os peixes, rasgando com os dentes as suas carnes e bebendo o seu sangue. Então a terra chamou contra os monstros.

VIII - 1. Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas. 2. E assim grassava uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semjaza ensinava os esconjuros e as poções de feitiços, Armaros a dissipação dos esconjuros, Barakijal a astrologia, Kokabel a ciência das constelações, Ezekeel a observação das nuvens, Arakiel os sinais da terra, Samsiel os sinais do sol e Sariel as fases da lua. 3. Quando os homens se sentiram prestes a serem aniquilados levantaram um grande clamor, e seus gritos chegaram ao céu.

IX - 1. Então Michael, Uriel, Raphael e Gabriel olharam do alto do céu e viram a quantidade de sangue derramado sobre a terra e todas as desgraças que sobrevieram (...) 2. Então eles falaram ao Senhor dos Mundos: "(...) 4. Tu vês o que foi perpetrado por Azazel, como ele ensinou sobre a terra toda espécie de transgressões, revelando os segredos eternos do céu, forçando os homens ao seu conhecimento; assim procedeu Semjaza, a quem conferiste o comando sobre os seus subalternos. 5. "Eles procuraram as filhas dos homens sobre a terra, deitaram-se com elas e tornaram-se impuros; familiarizaram-nas com toda sorte de pecados. As mulheres pariram gigantes e, em conseqüência, toda a terra encheu-se de sangue e de calamidades." 6. "Agora clamam as almas dos que morreram, e o seu lamento chega às portas do céu. Os seus clamores se levantam ao alto, e em face de toda a impiedade que se espalhou sobre a terra não podem cessar os seus queixumes."

7. "E Tu sabes de tudo, antes mesmo que aconteça. Tu vês tudo isso e consentes. Não nos dizes o

LIVROS APÓCRIFOS MENCIONADOS NA BÍBLIA, MAS PERDIDOS

Teriam os livros bíblicos, chamados Apócrifos, informações secretas e fantásticas capazes de modificar nossa visão dos Ensinamentos de Cristo para a humanidade? Se não, então por que foram extirpados abruptamente da Bíblia? Reconhecemos que sem uma Chave, nenhum livro sagrado pode nos dar as informações necessárias para a auto-realização espiritual, mas seu conhecimento esclareceria inúmeros pontos doutrinários da Sabedoria Crística.

Leia em seguida uma lista completa dos livros "perdidos" da Bíblia.

(No Velho Testamento)

1. Livro do Convênio (Êxodos 24:4, 7)

2. Livro das Guerras (Números 21:14)

3. Livro de Jasar (Josué 10:13) (2 Samuel 1:18)

4. Livro dos Estatutos (1 Samuel 10:25)

5. Livro dos Atos de Salomão (1 Reis 11:41)

6. Livro de Natã (1 Crônicas 29:29) (2 Crônicas 9:29)

7. Livro de Gade (Mesmo do número 6)

8. Profecias de Aías (2 Crônicas 9:29; 2:15; 13:22)

9. Visões de Ido (Mesmo do número 8)

10. Livro de Semaías (2 Crônicas 12:15)

11. Livro de Jeú (2 Crônicas 20:34)

12. Atos de Uzias, Escrito por Isaías (2 Crônicas 26:22)

13. Livros dos Videntes (2 Crônicas 33:19)

14. Profecias de Enoque Jude 14

15. Comentários de Mateus de Nazaré (Mateus 2:23)

Escritos perdidos do Novo Testamento (ou seja, somente mencionados, mas infelizmente totalmente perdidos)

16. Epístola Perdida de Paulo (1 Coríntios 5:9)

17. Segunda epístola perdida de Paulo (Efésios 3:3-4)

18. Terceira epistola perdida de Paulo (Colossenses 4:16)

19. Epístola perdida de Judas

Os livros da Bíblia em Apócrifos (Escritos do Velho Testamento)

20. Tobit

21. Judite

22. Adição do livro de Ester

23. Sabedoria de Salomão

24. Eclesiásticos, ou a Sabedoria de Jesus

25. Baruque

26. A carta de Jeremias

27. Oração de Azarias

28. Canção dos três Judeus *(Estes são os livros perdidos de Daniel.)

29. Susana

30. Sino e o Dragão

31. 1 Macabeus

32. 2 Macabeus

33. 3 Macabeus

34. 4 Macabeus

35. 1 Esdras

36. 2 Esdras

37. Oração de Manassés

38. Salmo 151

Escrito do Novo Testamento que tem sido eliminado, mas mencionado

39. Livro de Maria

(Os seguintes textos perdidos são mencionados em História Eclesiástica, de 337 d.C., pelo bispo Eusébio de Cesaréia, o qual os suprimiu por considerá-los "heresias".

40. Atos de Paulo

41. Atos de André

42. Atos de João

43. O Protevangelho

44. Infância I

45. Infância II

46. Cristo e Abgarus

47. Nicodemos

48. O Credo dos Apóstolos

49. Laodiceans

50. Paulo e Sêneca

51. Paulo and Theca

52. Revelação de Pedro

53. Epístola de Barnabas

54. O Evangelho Perdido de Acordo com Pedro

55. Evangelho de Thomas

56. Evangelho de Matias

57. Clemente I

58. Clemente II

59. Efésios (II)

60. Magnésios

61. Tralians

62. Romanos (II)

63. Filadelfians

64. Smaraneas

65. Policarp

66. Filipenses (II)

66. Evangelho referido somente pela letra Q

(Algumas destas podem ser referência nos escritos por Marcion, 150 d.C., e Muratoria, 170 d.C.)

67. Sheppard de Hermas

68. Hermas I (Visões)

69. Hermas II (Mandamentos)

70. Hermas III

71. Cartas de Herodes e Pilatos (Ref. Para o julgamento de Cristo)

(Os seguintes são uma lista de Escritos Apócrifos que não mais existem; no entanto, eles são mencionados e referidos em outros, mais recentes, no século 4 d.C.)

72. O Evangelho de André

73. Outos livros abaixo de André

74. Evangelho de Afiles

75. O Evangelho de Acordo com os Doze Apóstolos

76. O Evangelho de Barnabé

77. Os Escritos de Bartolomeu, o Apóstolo

78. O Evangelho de Bartolomeu

79. O Evangelho de Basilides

80. O Evangelho de Cernithus

81. A Revelação de Cernithus

82. Uma Epístola de Jesus Cristo para Pedro e Paulo

83. Vários outros livros abaixo do nome de Cristo

84. Uma Epístola de Cristo (produzido por Manichees)

85. Um Hino, ensinado por Cristo para seus Discípulos

86. O Evangelho de Acordo com os Egípcios

87. Os Atos dos Apóstolos

88. O Evangelho de Ebonites

89. O Evangelho de Encratites

90. O Evangelho de Eva

91. O Evangelho de Acordo com Hebreus (ou Hebreus II)

92. O Livro de Helkesaites

93. O Falso Evangelho de Hesychius

94. O Livro de Tiago

95. Os Atos de João

96. Evangelho de Jude

97. Evangelho de Acordo com Judas Iscariot

98. Atos do Apóstolo Leucius

99. Atos do Apóstolo Lentitus

100. Atos do Apóstolo Leontius

101. Atos dos Apóstolos Leuthon

102. Os falsos Evangelhos, publicado por Lucianus

103. Atos dos Apóstolos (usado por Manichees)

104. O Evangelho de acordo com ou de Marcion

105. Livros abaixo de Mateus:

- O Evangelho de Matias

- As Tradições de Matias

- O Livro de Matias

- O Evangelho de Merinthus

106. Evangelho de Acordo com os Nazarenos

107. Os Atos de Pedro e Thecla

108. As Pregações de Pedro e Paulo

109. As Revelações de Paulo

110. O Evangelho da Perfeição

111. Atos Adicionais de Pedro

112. A Doutrina de Pedro

113. O Evangelho de Pedro (não confunda com o Evangelho de acordo com Pedro)

114. O Julgamento de Pedro

115. As Pregações de Pedro

116. As Revelações de Pedro

117. Os Atos de Philip

118. O Evangelho de Philip

119. O Evangelho de Scythianus

120. Os Atos dos Apóstolos, por Seleucus

121. A Revelação de Stephen

122. O Evangelho de Titan

123. O Evangelho de Tadeu

124. Os Atos e o Evangelho de Thomas

125. O Evangelho da Verdade

126. Contra a Heresia

Números 66 (abaixo) e 72 a 126 somente existem nas referências, eles nunca foram encontrados, mas estão sendo ou foram conhecidos. Conhecidos porque muitos cristãos antigos referiam-se a eles em suas cartas (não oficiais, como as Epístolas) e outros tantos escritos religiosos. Alguns eruditos debatem a legalidade destes escritos.

Modernas descobertas de textos considerados totalmente perdidos

Escrituras Bíblicas

127. Livro de Moisés

128. Livro de Abraão (127 e 128, foram encontrados nas tumbas egípcias em 1830.

129. Profecia de José do Egito 2 Néfi 3

130. Profecia de Zenoque 1 Néfi 19

131. Profecia de Neum (Mesmo #130)

132. Profecia de Zenos (Mesmo #130)

...



FIM

...